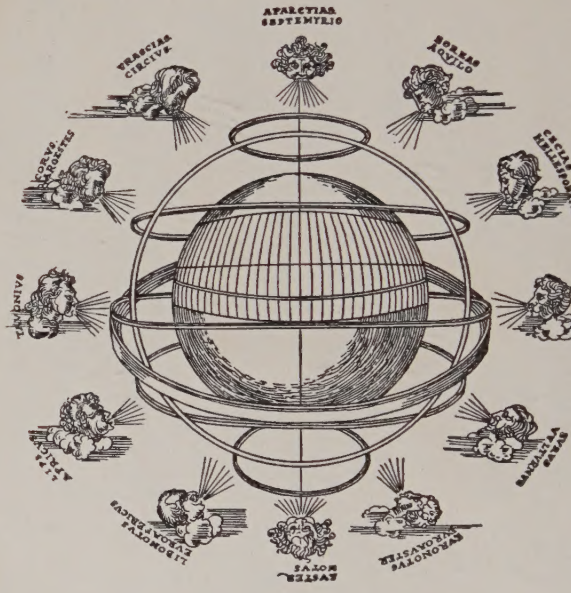

Arthur Lee Askins

THEOPHILO BRAGA

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA DO SECULO XV A XVIII

NOTAS E PARADIGMAS COMPARATIVOS

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA

LISBOA
J. A. RODRIGUES & C.ª — EDITORES
186 — Rua Aurea — 188
1909

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

III

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

I — *Historia da Poesia popular portugueza* (3.ª edição)..... 2 vol.
1.º As Origens.. De XVI-480 p. 1902. 800 réis
2.º Cyclos épicos. De VI-570 p. 1905. 800 réis

Tiragem especial

D'esta 3.ª edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho. cada vol..... 3$000 réis,

II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.ª edição) (No prelo.)

III — *Romanceiro geral portuguez* (2.ª edição..... 3 vol.
1.º Romances heroicos, Novellescos e de Aventuras. De VIII-940 p., 1906. 1$000 réis
2.º Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. 1907. De 558 p. 800 réis.
3.º Romances com fórma litteraria, do seculo XV a XVIII. Notas e paradigmas comparativos. 1909. De 634 p. 1$000 réis.

Obra completa, 3 vol..... 2$500 réis.

Tiragem especial

D'esta 2.ª edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho, cada vol..... 3$000 réis.

IV — *Theatro popular portuguez*: Reisadas — Lapinhas — Mouriscadas — Jogos figurados.... 1 vol.

V — *Adagiario portuguez*..... 1 »

VI — *Contos tradicionaes do Povo portuguez* (2.ª edição)..... 2 »

THEOPHILO BRAGA

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA DO SECULO XV A XVIII

NOTAS E PARADIGMAS COMPARATIVOS

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA

LISBOA
J. A. RODRIGUES & C.ª — EDITORES
186 — Rua Aurea — 188
1909

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

V

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA
DO SECULO XV AO XVIII

§ 1 — Romances, Trovas e Canções narrativas

ALVARO DE BRITO

Trovas á morte do principe D. Affonso, filho de D. João 2.º

Morto he o bem d'Espanha,
nosso principe rreal;
chora, chora, Portugual,
choremos perda tamanha!
E carpindo lamentemos
dous, em huum triste responso,
rrey & prinçepe choremos,
dom Affonso! dom Affonso!
Ho que morte tam estranha,
ho que nojo, ho que mal!
chore, chore Portuguall,
choremos perda tamanha!
Ho que queeda tam sanhosa
pera chorar & carpir,
ho que queeda tam danosa
que nos fez todos cayr!
Ho quanta nobre companha
sente tristeza mortall!

chore, chore Portugall,
choremos perda tamanha!
Choremos, que tal cayda
por nossos grandes pecados
nos leyxa desemparados,
mata toda nossa vyda.
Que pesar nos acompanha,
que nunca foi visto tall;
he perdido Portugal,
choremos perda tamanha!
Choremos huum jnocente,
huma santa creatura,
que por nossa desventura
morreo tam supitamente.
Ho que mall, que nojo, sanha,
que desemparo mortall
nota todo Portugal,
choremos perda tamanha!
Morreo nossa defensam,
& morreu nossa liança,
morreu nossa esperança
de nom vyr a ssogeyçam.
Asy nos desacompanha
nosso senhor natural;
o senhor çelestrial
o rreçeba em sa companha!

Cancioneiro Geral, de 1516, t. I, p. 221.
(Edição de Stuttgart)

GARCIA DE RESENDE

Trovas á maneira de Romance feitas á morte de Dona Inez de Castro

Eu era moça menina,
per nome dona Ynes
de Crasto, & de tal doutrina
& vertudes, qu'era dina
de meu mal ser ho rrevés.
Uiuia, sem me lembrar
que paixam podia dar,
nem dal-a ninguem a mym,
foy m'o Prinçepe olhar
por seu nojo & minha fym.
Começou-m'a desejar,
trabalhou por me seruir,
fortuna foy ordenar,
dous corações conformar
a uma vontade vyr.
Conheçeo-me conheçi-o,
quys-me bem & eu a ele,
perdeo-me, tambem perdi-o,
nunca tee morte foy frio
o bem que triste puz n'ele.
Dey-lhe minha liberdade,
nam senty perda de fama,
puz n'ele minha verdade,
quys fazer sua vontade,
sendo muy fremosa dama.
Por m'estas obras paguar
nunca já mais quys casar,
polo qual aconselhado
foy el rrey, qu'era forçado
polo seu de me matar.
Estava muito acatada,
Como princesa seruida,

em meus paços muy honrrada,
de tudo muy abastada,
de meu senhor muy querida.
Estando muy de vaguar,
bem fóra de tal cuidar,
em Coymbra d'aseseguo,
pelos campos de Mondeguo
caualeyros vy somar.
Como cousas que am de ser
loguo dam no coraçam,
começey entristeçer
& commiguo soo dizer:
estes omẽes d'onde yram?
E tanto que preguntey,
soube logo que era el rrey;
quando o vy tam apressado,
meu coração trespassado,
foy, que nunca mays faley.
E quando vy que decia,
sahy ha porta da sala,
deuinhando o que queria,
com gram choro & cortesya
lhe fiz huma triste fala.
Meus filhos puz derredor
de mym com gram omildade,
muy cortada de temor,
lhe disse: — Avey, senhor,
d'esta triste piadade.
Nam possa mais a paixam
que o que deueys fazer.
metey n'ysso bem a mam:
que'é de fraco coraçam
sem porque matar molher.
Quanto mais a mym, que dam
culpa, nam sendo rrezam,
por ser mãy dos ynocentes

qu'ante vós estam presentes,
os quaes vossos netos sam.
E tem tam pouca ydade,
que se não forem criados
de mym, soo com saudade
& sua gram orfyndade
morreram desemparados.
Olhe bem quanta crueza
faraa nisto voss'alteza,
& tambem, senhor, olhay,
pois do prinçepe sois pay,
nam lhe deis tanta tristeza.
Lembre-uos o grand'amor
que me vosso filho tem,
e que sentira a gram dor
morrer-lhe tal seruidor,
por lhe querer grande bem.
Que s' algum erro fizera,
fora bem que padeçera,
& qu' estes filhos ficaram
orfaãos tristes, & buscaram
quem d'eles paixam ouuera.
Mas poys eu nunca errey
& sempre mereçy mais,
deueys, poderoso rrey,
nam quebrantar vossa ley,
que, se moyro, quebrantays.
Usay mays de piadade
que de rrigor, nem vontade:
avey doo, senhor, de mym,
nam me deys tam triste fim,
pois que nunca fiz maldade.
El rrey, vendo como estaua,
ouue de mym compaixam
& vyo-o, que nam oulhaua,
qu'eu a ele nam erraua,

nem fizera traiçam.
E vendo, quam de verdade
tive amor & lealdade
hoo princepe, cuja sam,
pode mais a piadade
que ha determinaçam.
Que se m'ele defendera,
c'a seu filho nam amasse
& lh'eu nam obedeçera,
entam com rrezam podera
dar-m'a morte qne ordenasse.
Mas vendo que nenhum'ora,
desque naçy atégora,
nunca n'isso me falou,
quando sse d'isto lembrou,
foy-se pola porta fóra.
Com sseu rrosto lagrimoso,
c'o proposito mudado.
muyto triste, muy cuidoso,
como rrey muy piadoso,
muy cristam & esforçado.
Hum d'aqueles que trazia
comssiguo na companhya,
caualeyro desalmado,
de tras d'ele, muy yrado,
estas palauras dezia:
«Senhor, vossa piadade
he dina de rreprender,
pois que sem neçessidade
mudaram vossa vontade
lagrimas d'uma molher.
E quereys que abarreguado
com filhos, como casado,
estê, senhor, vosso filho;
de vós mais me maravilho
que d'ele, qu'è namorado.

Se a loguo nam matais,
nam sereis nunca temido,
nem faram o que mandays,
poys tam çedo vos mudays
do conselho qu'era avido.
Olhay, quam justa querela
tendes, pois por amor d'ela
vosso filho quer estar
sem casar, & nos quer dar
muyta guerra com Castella.
Com sua morte escusareis
muytas mortes, muytos danos,
vós, senhor, descanssareis,
& a vós & a nós dareis
paz para duzentos anos.
O prinçepe casaraa.
filhos de bençam teraa,
seraa fóra de pecado;
que aguora sè anojado,
a menham lh'esqueeçeraa.»
E ouuyndo seu dizer,
el rrey ficou muy toruado.
por se em tais estremos ver,
& que avya de fazer
ou hum ou outro, forçado.
Desejaua dar-me vida.
por lhe nam ter merecida
a morte, nem nenhum mal:
sentya pena mortal
por ter feyto tal partida.
E vendo que se lhe daua
a ele tod'esta culpa,
& que tanto o apertaua,
disse a aquele que bradaua:
—mynha tençâo me desculpa.
Se o vós quereis fazer,

fazey-o sem m'o dizer;
qu'eu n'isso nam mando nada,
nem vejo a essa coytada
porque deva de morrer.—
Dous cavalleyros yrosos,
que tais palauras lh'ouvyram,
muy crus & nam piadosos,
perversos, desamorosos,
contra mym rrijo se vyram.
Com as espadas na mam
m'atravessam o coraçam,
a confissam me tolheram:
este he o gualardam,
que meus amores me deram.

Cancioneiro Geral, t. III, p. 617.

Exclamação:

Qual será o coraçam
tam cru e sem piedade,
que lhe nam cause paixam
huma tam gram crueldade
e morte tam sem rresam!
Triste de mym ynocente!
que por ter muyto fervente
lealdade, fee, amor
ho princepe, meu senhor,
me mataram cruamente!

A minha desaventura
nam contente d'acabar-me,
por me dar mayor tristura,
me foy pôr em tanta altura
para d'alto derribar-me.
Que se me matara alguem
antes de ter tanto bem,

em taes chammas nam ardera,
pay, filhos nam conhecera,
nem me chorara ninguem. [1]

Este formoso jardim,
estas rosas tanto bellas,
estas formosas donzellas,
tudo se fez para mim.
Nunca me desamparaste,
meu amor firme e leal;
em vida me acompanhaste,
e na morte me deixaste
Rainha de Portugal.

Não me perdi por alarve,
mas por gentil cavalleiro,
galante principe herdeiro
d'este reyno e do Algarve.
Oh, amor, que mal andaste
em minha morte real,
não sinto que me mataste,
mas a magoa que deixaste
no Principe de Portugal.

Fala o Principe:

Senhora, quem vos matou
seja de forte ventura,
pois tanta dor e tristura
a vós e a mi causou!

[1] Estas estrophes vem no *Cancioneiro* de Resende com a rubrica: *Fala Dona Ynes* No Ms. de A. L. Caminha são o principio de uma nova composição.

E pois nam vim mais asinha
tolher vossa triste fim,
recebo-vos, vida minha,
por senhora e per Rainha
d'estes reynos e de mim.

Estas feridas mortaes
que pelo meu se causaram,
nam uma vida, e nam mais,
mas duas vidas mataram,
A vossa acaba já,
pelo que nam foi culpada,
e a minha que fica qua,
com saudade seraa
para sempre desgraçada.

Oh crueldade tam forte,
e injustiça tamanha!
viu-se nunca em Hespanha
tam cruel e crua morte?
Contar-se-ha por maravilha
minha alma tam verdadeira:
pois morreis d'esta maneira,
eu serei a torturilha
que lhe morre a companhelra.

Hi, senhora, descansada,
pois que vos eu fico qua,
que vossa morte será,
se eu viver, vem vingada.
.....
Por esso quero viver,
que se por isso não fôra,
melhor me fôra, senhora,
comvosco logo morrer,

Amor, porque entendes
que aquelles que tu matas,
quantas mais mortes lhes catas
tanto mais firmes os prendes:
Prendeste dois corações
em um nó tam firme e fôrte,
que com esta triste sorte
ficam nossas affeições
muito mais vivas na morte.

E pois onde tu te accendes,
tuas chammas tarde matas,
olha bem, que os que prendes,
se os soltas mais os atas. [1]
Sangue do meu coração,
ferido coração meu,
a quem assim por o chão,
vos esparge sem razão,
eu lhe tirarei o seu.

GIL VICENTE

Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz para Saboya, cantado no Auto das Côrtes de Jupiter, *que se representou nos Paços da Ribeira em 1519.*

Niña era la Ifanta,
Dona Beatriz se decia,
Nieta del buen Rey Hernando,
El mejor Rey de Caſtilla,
Hija del Rey Dom Manoel
Y Reyna Dona Maria,

[1] *Inéditos* publicados por Caminha, I, 197; o resto da estrophe em fragmento no *Essai statistique*, de Balbi, t. II. App. Geographs., p VII.

Reis de tanta bondad
Que tales dos no habia.
Niña la casó su padre,
Muy hermosa á maravilla,
Con el Duque de Saboya,
Que bien le pertenecia.
Señor de muchos señores,
Mas que Rey es su valia.
Ya se parte la Ifanta,
La Ifanta se partia
De la muy leal ciudad
Que Lisbona se decia;
La riqueza que llevaba
Vale toda a Alejandria.
Sus naves muy alterosas,
Sin cuento la artilleria;
Va por el mar de Levante,
Tal que temblaba Turquia.
Con ella va el Arzobispo
Señor de la Clerezia;
Van Condes y Caballeros,
De muy notable osadia;
Lleva damas muy hermosas,
Hijas dálgo y de valia.
Dios los lleve á salvamiento
Como su madre querria.

Obras, t. II, p. 416. Ed. de Hamburgo.

Romance burlesco, parodiando o celebre Romance de Yo me estaba allá en Coimbra, *cantado na* Farça dos Almocreves, *que se representou em Coimbra em 1526*

Yo me estaba en Coimbra,
Cidade bem assentada;
Pelos campos do Mondego
Não vi palha nem cevada,

Quando aquillo vi, mesquinho,
Entendi que era cilada
Contra os cavallos da côrte
E minha mula pellada,
Logo tive a máo sinal
Tanta milham apanhada,
E a pezò de dinheiro,
O' mula desemparada,
Vi vir ao longo do rio
Hũa batalha ordenada,
Não de gente, mas de mus,
Com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha,
E as couves em Biscaia.
Sam capellão d'hum fidalgo
Sem renda, e nem nada;
Quer ter muitos apparatos,
E a casa anda esfaimada;
Toma ratinhos por pagens,
Anda já a cousa damnada.
Quero-lhe pedir licença,
Pague-me minha soldada

Obr., t. III, p. 392.

Cantiga dos Romeiros em folia no Auto do Templo d'Apollo, *representado em 1526 na partida da Infanta D. Isabel, filha de D. Manoel, que casou com Carlos V.*

Pardeus, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.
Muito bem andou Castella
E todos os Castelhanos,
Pois tem Rainha tão bella,
Senhora de los Romanos.

Pardeus, bem andou Castella
Com toda sua Hespanha,
Pois tem Rainha tão bella,
Imperatriz d'Allemanha.
Muito bem andou Castella,
Navarra e Aragão,
Pois tem Rainha tão bella,
E Duqueza de Milão.
Pardeus, bem andou Castella
E Sicilia tambem,
Pois tem Rainha tão bella,
Conquista de Jerusalem.
Muito bem andou Castella,
E Navarra não lhe pesa,
Pois tem Rainha tão bella,
E de Frandes he Duqueza.
Pardeus bem andou Caatella,
Napoles e sua franteira,
Pois tem Rainha tão bella,
França sua prisioneira.

Obr., t. II, p 392.

Romance ao nascimento do Infante Dom Felipe, com que termina a Tragi-comedia da Romagem de Aggravados, *representada em Evora em 1533.*

Por Maio era, por Maio,
Ocho dias por andar:
El Ifante Don Felipe
Nacio en Evora ciudad.
Viva el Ifante, El Rey, y la Reyna,
Como las aguas del mar.
No nació en noche escura,
Ni tampoco por lunar,

Naciô quando el sol decrina
Sus rayos sobre la mar.
En un dia de domingo,
Domingo para notar,
Cuando las aves cantaban
Cada una su cantar,
Cuando los árboles verdes
Sus fructos quieren pintar,
Alumbró Diós á la Reina
Com su fructo natural,
Viva el Ifante, el Rey y la Reyna
Como las aguas del mar.

Romance á morte de El Rei Dom Manuel

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por El Rei Dom Manuel,
Que se finou n'esse dia.
Choram Duques, Mestres, Condes,
Cada um quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas
Muito tristes em porfia:
Os Iffantes davam gritos,
A Iffanta se carpia;
Seus olhos maravilhosos
Fonte d'agua parecia.
Bem merecem ser escriptas
As lastimas que fazia:

«Paço tão desamparado
Derribado merecia,
Pois a sua fortaleza
Se tornou em terra fria.

Oh minha senhora madre,
Rainha Dona Maria,
Quem a vós levou primeiro
Mui grande bem vos queria,
Pois que vos livrou da pena
Que passamos n'este dia.»
E outras magoas, que de tristes
Contar não mais ousaria.
O princepe dava suspiros,
Que a alma se lhe sahia;
Suas lagrimas prudentes,
Como a gram senhor cumpria:
De dia sempre velava,
De noite nunca dormia.
A Rainha estrangeira
Já chorar o não podia:
Com rouca voz dolorosa
Estas palavras dizia!

—Oh Reina desemparada!
Qué haré sin compañia,
Pues que en esta triste vida
Sola una vida tenia!
Y pues me la llevó la muerte,
Para què quiero la mia?
Oh sin ventura casada
Tres años no mas habia,
Quien tan presto fue viuda
Triste para que nascia:
Niña sola en tierra agena,
Huérfana sin alegria! —

Se uma vez acordava
Outras sete esmorecia;
Assi pedia a Deus morte
Como quem pede alegria,

Dizendo : «Llevenme luego,
«Que esta tierra ya no es mia :
«Por la mar por donde fuere
«Algun peligro venia,
«Que me matasse á mi sola
«Salvando la compañia.»

O bom Rei em seu acôrdo
D'este mundo se partia :
Sua morte conhecendo
Com muita sabedoria,
Per palavras piedosas
Os sacramentos pedia ;
Fallando sempre com todos,
Deu sua alma a quem devia;
Morto levam o gram Rei
Senhores de gram valia,
Dizendo uns aos outros :
—Oh que triste romaria !
Que grande amigo perdemos
E que doce companhia ! —
Já passada a meia noite,
Tres horas antes do dia,
Mettido em um ataúde
O qu'inda ha pouco regía,
O gram senhor do Oriente
Dos seus Paços se partia.
Seiscentas tochas accezas,
Escuras a quem as via ;
Triste pranto até Belem
Nem passo não se esquecia.
Em terra fica enterrado,
Porque assi mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundanal senhoria.
Disse que os vãos thezouros

A' morte não pertencia.
Desque ficou enterrado
Cada um se despedia,
Dizendo estes versos tristes
A' gloriosa Maria. Etc.

Obr., t. III, p. 348.

Romance á acclamação de D. João 3.º

Dezanove de Dezembro,
Perto era do Natal,
Na cidade de Lisboa,
Mui nobre e sempre leal,
Foi levantado por Rei
Dos reinos de Portugal
O Princepe Dom João,
Princepe angelical.
Sahiu n'uma faca branca,
Parecia de cristal,
Guarnecida de maneira
Que se não viu sua igual.
Opa leva roçagante,
Tudo fio d'ouro tal,
Forrada de ricas martas,
Bem parecia real;
Pelote de prata fina,
Prata mui oriental,
Barrado de pedraria,
Vinha-lhe mui natural.
De perlas não fazem conta
Porque è baixo metal;
Só um collar que levava
Toda Alexandria val;
Na cabeça leva preto

Por seu padre natural;
Sahiu com lagrimas tristes
Como filho mui leal.
O seu rosto tão formoso
Que parece divinal,
Seus olhos resplandeciam
Como estrellas egual:
Os cabellos da cabeça
D'ouro eram que não d'al;
Sua boca graciosa
Com ár mui angelical,
Um semblante soberano,
Um olhar imperial.
Não foi tal contentamento
No povo todo em geral,
Como vêr na Rua Nova
Ir o seu Rei natural
Com tanta graça e lindeza,
Que não parece humanal.
Os forasteiros diziam:
Mui ditoso é Portugal.
O Iffante Dom Luis
Leva o Estoque real;
O Iffante Dom Fernando,
Outro seu irmão carnal,
Ao estribo direito
A pé, não lhe estava mal,
Porque em tal solemnidade
Tudo lhe vem natural:
Todolos Grandes a pé,
Quantos ha em Portugal.
O Conde Priol levava
A bandeira principal,
Chegou assi a San Domingos,
Onde estava o Cardial:
Benzeu o mui alto Rei

De benção pontifical,
E deu logo juramento;
Jurou n'um livro Missal
De fazer cumprir as leis
Como lei imperial;
Comfirmou os privilegios
D'esta Cidade real.
Os povos muito contentes
De Rei tão especial,
De pequeno sempre grande,
Magnifico e liberal,
Que é virtude julgada
Dos Principes principal.
Isto tudo assi acabado,
Disseram: — Arraial! Arraial!
Alli tocam as trombetas,
Atãbales outro tal:
Todos lhe beijam a mão,
Os senhores em geral.

Obr., t. III, p. 355.

Cantiga do Natal, com que remata o Auto Pastoril, *representado em Evora a D. João 3.º em 1523.*

—Quem he a desposada?
«A Virgem sagrada.
—Quem é a que paria?
«A Virgem Maria.
Em Bethlem, cidade
Muito pequenina,
Vi hũa desposada
E Virgem parida.
—Quem he a desposada?
«A Virgem sagrada.

—Quem he a que paria ?
«A Virgem Maria.
Hũa pobre casa
Toda reluzia,
Os anjos cantavam,
O mundo dizia :
Quem he o desposada ?
A Virgem sagrada.
Quem he a que paria ?
A Virgem Maria.

Obr., t. I, p. 147.

Vilancete de Abel no Auto da Historia de Deus, *representado em Almeirim em* 1527.

Adorae, montanhas,
O Deus das alturas,
Tambem as verduras ;
Adorae desertos
E serras floridas,
O Deus dos secretos,
O Senhor das vidas:
Ribeiras crescidas,
Louvae nas alturas
Deus das criaturas.
Louvae, arvoredos
De fructo presado;
Digam os penedos
Deus seja louvado,
E louve meu gado
N'estas verduras
O Deus das alturas.

Obr., t. I, p. 317.

Barca da Gloria

Remando vão remadores,
Barca de grande alegria;
O Patrão que a guiava
Filho de Deus se dizia,
Anjos eram os remeiros,
Que remavam á perfia;
Estandarte de esperança,
Oh que bem que parecia!
O mastro de fortaleza
Como cristal reluzia:
A vela com Fé cozida
Todo o mundo esclarecia!
A ribeira mui serena,
Que nenhum vento bolia.

Obr., I, p. 246.

Os Cativos do Peccado

Voces daban prisioneros
Luengo tiempo están llorando,
En la triste carcel oscura
Padeciendo y suspirando,
Con palabras dolorosas
Sus prisiones quebrantando.

—Que es de tí, Virgen y Madre,
Que á tí estamos esperando?
Despierta al Señor del mundo,
No estemos mas penando.

Oyendo sus voces tristes,
La Virgen estaba orando,

Quando vino la embajada
Por el Angel, saludando:

«Ave! rosa, gracia plena»
(Su preñez anunciando;)
Suelta los encarcelados
Que por tí están suspirando;
Por la muerte de tu hijo
A su Padre están rogando
Cresca el Niño glorioso,
Que la Cruz está esperando;
Su muerte será cuchillo
Tu ánima traspassando,
Sufre su muerte, Señora,
Nuestra vida deseando.

Obr., t. I, 233.

Fragmento da parodia do Romance da Bella mal maridada

Le bella mal maruvada
De linde que a mi ve,
Vejo-ta triste nojada,
Dize tu razão puruqué.
A mi cuida que doromia
Quando me foram cassá;
Se acordaro a mi jazia
Esse nunca a mi lembrá.
Le bella mal maruvada
Não sei quem cassa a mi,
Mia marido não vale nada,
Mi sabe razão puruque.

Obr., t. II, p. 333.

Cançoneta dialogada

—D'onde vindes, filha,
Branca e colorida?

«De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
N'um rosal florido.
—Florido, enha filha,
Branca e colorida.
«De lá venho, madre,
De ribas de um alto,
Achei meus amores
N'um rosal granado.
—Granado, enha filha,
Branca e colorida.

Obr., t. III, p. 270.

Cantiga cantada em Chacota de pastores na tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella, *representanda em Coimbra em 1527.*

«Não me firaes, madre,
Que eu direi a verdade.
Madre, hum escudeiro
Da nossa Rainha,
Fallou-me d'amores;
Vereis que dizia,
Eu direi a verdade.
Fallou-me d'amores,
Vereis que dizia:
—Quem te me tivesse
Desnuda em camisa!
Eu direi a verdade.

Obr., t. II, p. 445.

Cantiga conservada no Auto da Lusitania, *representado em 1532.*

Vanse mis amores, madre,
Luengas terras van morar,

Yo no los puedo olvidar.
Quien me los hará tornar!
Yo soñara, madre, un sueño
Que me dió nel corazon,
Que se iban mis amores
A' las islas de la mar.
Yo no los puedo olvidar.
Quien me los hará tornar!
Yo soñora, madre, un sueño
Que me dió nel corazon,
Que se iban mis amores
A' las tierras de Aragon :
Allá se van á morar.
Yo no los puedo olvidar,
Quien me los hará tornar!

Obr., t. III, p. 299.

Cantiga conservada na Comedia de Rubena.

Halcon que se atreve
Con garza guerrera,
Peligros espera.
Halcon que se vuela
Con garza á profia,
Cazar la queria
Y no la recela :
Mas quien no se vela
De garza guerrera,
Peligros espera.
La caza de amor
Es de altaneria ;
Trabajos de dia,
De noche dolor :
Halcon cazador
Con garza tan fiera
Peligros espera.

Obr., t. II, p. 49.

BERNARDIM RIBEIRO

Cantar á maneira de Saláo, que vem no capitulo XXI da Menina e Môça

Pençando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando,
Enchem-se-me os olhos d'agoa,
N'ella vos estou lavando.
Nascestes, filha, entre magoa,
Pera bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes,
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.
Nada em dôr, em dôr criada,
Não sei onde isto hade ir ter,
Vêjo-vos, filha, formosa
Con olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro;
Mal haja a desventura
Que poz mais n'isto que o èrro.
Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, magoa a nós;
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.
Não houve em fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mór dôr,
Que de si se hade queixar.
Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem niguem;
Não foreis vós, se eu não fôra,
Não sei se fiz mal, se bem.

Mas não pode ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes
Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assi;
Deus vos dê melhor ventura
Do que tiveste té aqui.
A Dita, e a Formosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia
Sendo d'antes muito amigas.
Muitos hão que é fantasia;
Eu que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é azo de damnos.
Nem nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

Romance de Avalor, que vem no Capitulo xi da segunda parte das Saudades.

Pola ribeira de um rio,
Que leva as agoas ao mar,
Vae o triste de Avalor.
Não sabe se hade tornar.
As agoas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar,
E só vae, sem companhia,
Que os seus fôra elle leixar,
Cá quem não leva descanso,
Descansa em só caminhar.

Descontra d'onde ia a barca
Se ia o sol a baxar.
Indo-se abaxando o sol,
Escurecia-se o ár:
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam rêmo,
E ao som do remar
Cameçaram os remeiros
Do barco este cantar:

—Que frias eram as aguas;
Quem as haverá de passar?—
Dos outros barcos respondem:
«Quem as haverá de passar?
Senão quem a vontade pôz
Onde a não póde tirar,

Tra'la barca levam olhos,
Quanto o dia dá logar.
Não durou muito; que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o sol posto contr'elle,
Soltou rédeas ao cavallo
Da beira do rio andar.
A noite era calada,
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos rêmos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas magoas
Seria arèas contar,
Quanto mais se alongando
Se ia alongando o soár.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi egualar;
Assim como ia a cavallo

Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro,
Ouvia longe fallar:
—Onde magoas levam alma
Vão tambem corpo levar.—
Mas indo assi, por acerto,
Foi c'um barco n'agua dar,
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou, assim como ia, dentro,
E foi a amarra cortar,
A corrente e a maré
Acertaram-no a ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se podem achar;
Suspeitou-se que era morto,
Mas não é para affirmar;
Que o embarcou ventura
Para só isso guardar,
Mas são as magoas do mar
Do que se podem curar.

Romance que vem na Egloga V, ao qual se chamou Cuidado e Desejo.

Ao longo de uma ribeira,
Que vae polo pé da serra,
Onde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr;
Já era tarde do dia.
E a agua d'ella corria
Por antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quèdo
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,
Quando começam as aves,
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saudoso
Das aguas cantavam ellas.
Todalas minhas queréllas
Se me pozeram diante;
Ali morrer quizera ante
Que vèr por onde passei;
Mas eu que digo? passei!
Antes inda heide passar,
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.
As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento,
Que assim eram minhas magoas,
D'onde sempre correm aguas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têm abertos caminhos,
Pelo meio do meu rosto,
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
D'onde eu certa crença tomo,
Que pera me deixar veiu.
Mas tendo-me assim alheio,
De mim o que ali cuidava,
Da banda d'onde a agua estava,
Vi um homem todo can,
Que lhe dava pelo cham
A barba e o cabello.
Ficando eu pasmado d'ello,
Olhando elle para mim,

Falou-me, e disse-me assim:

«Tambem vae esta agua ao Tejo.»

N'isto olhei, vi meu Desejo
Estar detraz triste e só,
Todo cuberto de dó,
Chorando, sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Não bocca posta uma mão,
Como que a grande paixão
Sua falla lhe tolhia;
E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assi a falar:

«Eu mesmo sou teu Cuidado,
Que n'outra terra criado,
N'esta primeiro nasci.
E ess'outro que está aqui
E' o teu Desejo triste,
Que má hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Traspassando a magoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao chôro;
Ali claramente o fôro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem só qu'elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram,
Nem o tive; nem m'o deram:
Nem o esperei sómente.
De só vèr fui tão contente,
Que pera mais esperar

Nunca me deram lugar,
E n'aquisto, triste estando,
Com os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'álem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
Acèrca de Monte-Mór.
Com meus males derredor.
Da banda do meio dia,
Ali minha phantasia.
D'antre uns medrosos penedos,
Onde aves que fazem mèdos
De noite os dias vão ter,
Me saíu a receber
Com uma mulher polo braço,
Que, ao parecer, de cansaço
Não podia ter-se em si;
Dizendo:

—Vès, triste, aqui
A triste Lembrança tua.—

Minha vista então na sua
Puz; d'ella todo me enchi:
A primeira cousa que vi,
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem!
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrimas carregados,
Logo em vendo-os, pareciam
Que de lagrimas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram, gram tempo, paces
Antre mim e meus cuidados.
Louros cabellos ondados

Que um negro manto cobria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me vêr,
Como furtados, tirou,
Depois em cheio me olhou,
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando,
Disse assim mui só sentida:

—Pois que mór dôr, ha na vida,
Pera que houve ahi morrer?—

Calou-se sem mais dizer,
E de mi gemidos dando.
Fui-me pera ella chorando
Pera a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,
E fez-se noite escura,
E disse mal á ventura,
E á vida, que não morri...
E muito longe d'ali,
Ouvi de um alto outeiro
Chamar: *Bernardim Ribeiro!*
E dizer: —Olha onde estás.—
Olhei de ante é de trás
E vi tudo escuridão;
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que os perdi
Nunca vi tão grande bem,
Porém inda mal, porem!

Obras, p. 351. Ed. de 1852

CHRISTOVAM FALCÃO

Cantiga com suas Voltas

Não posso dormir as noites,
Amor, não as posso dormir.

Desque meus olhos olharam
Em vós seu mal e seu bem,
Se algum tempo repousaram
Já nenhum repouso tem.
Dias vão e dias vem,
Sem vos vêr, nem vos ouvir,
Como as poderei dormir?

Meu pensamento, occupado
Na causa do teu pensar,
Acorda sempre o cuidado
Pera nunca descuidar,
As noites de repousar
Dias são ao meu sentir,
Noites do meu não dormir.

Todo o bem que é já passado
E passado em mal presente,
O sentido desvelado,
O coração descontente.
O juizo que isto sente
Como se deve sentir,
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vêjo
C'os olhos do coração,
Não me deito sem desejo,
Nem me ergo sem paixão:
Os dias sem vos vêr vão,
As noites sem vos ouvir,
Eu não n'as posso dormir.

SÁ DE MIRANDA

Cantiga

N'aquella alta serra
Me ir quero morar,
Quem me quizer bem,
Quem bem me quizer,
Lá me irá buscar.

Voltas

—N'estes povoados
Tudo sam requestas,
Deixay-me os cuidados
Que eu vos deixo as festas.
D'aquellas florestas
Verey longe o mar,
Por-me-hey a cuidar.

«Sombras e aguas frias,
Quando o sol mais arde;
Despois sobre a tarde
Por cá bradarias.
Vês, que pressa os dias
Levam sem cansar,
Nunca hamde tornar.

—Não julgue ninguem
Nunca outrem por si,
Mais de um bem que eu vi
A vida nam tem.
Nam deixa este bem,
Onde se elle achar
Mais que desejar,

«Deixa as vaidades,
Que da mão á bocca
O sabor se troca,
Trocam-se as vontades.

Essas vãs saudades
Armadas no ár,
Que podem durar?

N'aquella espessura
Me hei d'ir esconder,
Venha o que vier,
Achar-me-há segura,
Se tal bem não dura,
Ao seu trespassar
Tudo hade acabar.

Obr., Ediç. de 1595.

JORGE DE MONTE-MOR

Canção tirada da Novella pastoril intitulada Diana.

Os tempos se mudarão,
A vida se acabará;
Mas a fé sempre estará
Onde meus olhos estão.
Os dias e os momentos,
As horas com suas mudanças,
Amigas são das esperanças,
E amigas de pensamentos.
Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé não me deixará
Por honra do coração.
E' causa de muitos danos
Duvidosa confiança;
Que a vida sem esperança
Já não teme desenganos.
Os tempos se vêm e vão,
A vida se acabará,

Mas a fé não quererá
Fazer-me esta sem razão.

Outra Cançoneta

Suspiros, minha lembrança
Não quer, porque vos não vades,
Que o mal que fazem saudades
Se cure com esperanças.
A esperança me val
Por causa, em que se tem,
Nem prommette tanto bem
Quando a saudade faz mal.
Mas, amor, desconfiança,
Me deram tal qualidade,
Que nam me mata a saudade,
Nem me dá vida à esperança.
Errarão, se se queixarem
Os olhos, com que eu olhei,
Porque não me queixarei
Em quanto os seus me lembrarem?
Nem poderá haver mudança
Jámais em minha vontade,
Ou me mata a saudade,
Ou me deixa a esperança.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS

Romance da batalha que El-Rei Arthur teve com Mordereth, seu filho.

Gram Bretanha desleal,
Ao melhor rei que tiveste
D'agora, té o fim do mundo
Chora quanto bem perdeste:

Jaz no campo, entregue á morte
Que falsa, ingrata lhe deste,
A flor da cavalleria
Com que te ensoberveceste.
A pena tem já da culpa
Que lhe assi favoreceste,
Oh traidor de Mordereth,
Porque um tal rei vendeste?
Oh Bretanha desleal,
Que grande traição fizeste,
A vinte quatro da Távola
Que por Ginebra escolheste.
A' Demanda do Grial
Triste remate pozeste;
Morto jaz de mil feridas,
E tu, soberba, lh'as deste,
Dom Galvão tão animoso
Por quem mil glorias tiveste;
E matar Dom Galeazo,
Ingrata, como podeste?
Que em obras de fortaleza,
Não sei se outro egual houveste!
Pôde matar-te Bretanha
Que tu tanto engrandeeeste!
Esforçado Flordemares,
Que em forças mares venceste,
A morte, que em defenderes
Tal rei, d'ella padeceste.
Oh animado Troyano,
Nunca lh'o tu mereceste,
Mal lhe parecias, mal
O que d'ella recebeste.
Palamedes, oh pagão,
Que nas armas floreceste,
Dom Tristão de Leonís,
Que por amores morrestes

Em não morreres aqui
Ditosa sorte tiveste,
Tu, Laçarote do Lago,
Que as glorias de amor houveste;
De damas servido, amado
Da dona a quem mais quizeste,
Com dano dos traydores
A' morte a que te rendeste.
Ficarás sem sepultura
Co'a pena que mereceste,
Tu traidor Morderet,
Pois tal traição commeteste.
Aqui se acabou a gloria
Quanta, Bretanha, tiveste:
Em pago da qual a Arthur
Nem a sepultura deste.
Cá na Ilha de Avalon,
Merlin, vergel lhe fizeste,
Em que vive, e só salval-o
De affrontta e morte podeste.
Como amigo que as más manhas
De Bretanha conheceste;
Mas n'algum tempo inda Arthur,
Bom Rei que desmereceste,
Bretanha, virá a vingar-se
Da traição que lhe fizeste.

Memorial das Proesas da Segunda Tavola Redonda, cap. III.

Romance ao modo hespanhol, com gentil arte e desposição, sobre a Guerra de Troya.

N'aquella montanha Ydéa
Que Afrodísia frequentava,
Páris, aquelle pastor
A quem Enone amava,

Com ella de campanhia
As féras bravas caçava,
As aves de mil maneiras
Armando laços tomava.
Entre murteiras, nos braços
Da Nympha a sesta passava,
D'onde ter-lhe eterno amor
Muitas vezes lhe jurava;
E de tel-a por senhora
Comsigo se vangloriava
Aquelle que por ser justo
De hera os touros coroava,
Embaixada de Tronante
Mercurio lhe apresentava:
Pera julgar antre as Deusas
Que a Discordia baralhava,
E de cada uma d'ellas
Promessas lhe apresentava,
Riqueza uma, outra victoria,
Venus formosura dava:
O justo pastor se incrina
Ao que os olhos contentava,
E quer ver núas as Deusas,
Que nada vêr lhe estorvava.
Oh desenho temerario,
Que tal perigo intentava,
Com rasão e com desejo,
Por Cytherêa julgava.
E a Deusa satisfeita
Da palavra penhorava:
Enlevado na esperança
Ênone já despresava.
Lagrimas por seu amor
Em satisfação lhe dava:
O seu descanso amoroso
Por trabalhos o trocava.

Venus cumpre sua promessa,
Fortuna Ênone vingava,
Com a fermosa greciana
A toda a Troya abrazava.
E não lhe valeu Cassandra,
Que furiosa o gritava,
Que estes são os galardões
Que amor vingativo dava.

Memorial das Proesas, cap. VIII.

Romance da morte de Achilles, e desgraça de Policena.

Diante os muros de Troya
Mui ufano passeava
Achilles, o mui soberbo
Que em seu peito a abrasava.
A fermosa Policena
Antre as ameyas estava;
E tal era a fermosura
Com que d'ellas se estremava,
Que ao romper por entre as nuvens
A Aurora semelhava.
O cruel inimigo os olhos
A real luz alevantava.
De seus raios traspassado
Dentro do peito se achava,
Com a dor que na alma sente
A fallar-lhe se chegava;
Mas a troyana princeza
Que em extremo o desamava,
Recolheu-se com gemidos
Que a deuses apresentava,
Pedindo-lhes a vingança
Que ella a tomar não bastava.

O cavalleiro indomavel
Tam prezo e triste ficava,
Que com suspiros ao céo
Sua dor manifestava:
Já d'antes a tinha visto
Quando ella Hector presenteava,
Des então do seu amor
Sua alma preza enxergava.
De como pudesse havel-a
Muitas contas só lançava.
Como agora, amor repouso
Nem soffrimento lhe dava,
Soccorreu-se á esperança
Que a vida lhe sustentava;
A Hecuba sua madre
Tal mensagem ali mandava:
Que se quer vêr Troya livre
Policena assegurava
Que elle a fará descercar
Se por senhora lhe dava.
Hecuba, que mais que a vida
Vingar Hector desejava,
Com Páris logo da morte
De Achilles cruel tratava.
Respondeu-lhe que se vissem
No templo em que Apollo estava.
Recebera Policena,
Se a fé ante elle lhe dava;
E de imigo será filho,
Se lhe Troya descercava.
O triste amador que a via,
Nem cem vidas estimava,
A respeito do desejo
Que Policena causava.
Sem temor e sem receio,
Sem cuidar que aventurava,

Entregando-se á ventura
E Amor que o guiava,
Sem cautella e em seu conselho
No templo de Apollo entrava.
De giolhos posto ante elle
Muitas graças a amor dava.
Páris, que com arco armado
Escondido o esperava,
Fezendo votos a Apollo
Se lhe a seta endereçava,
Em o vendo de giolhos
Muy prestes n'elle encarava;
Pola pranta do seu pé
A vida lhe atravessava.
Cae o triste namorado
De quem tanto o desamava;
N'esta vingança de Hector
Toda a Troya se alegrava.

Memorias, p. 128.

Romance da morte de Policena para vingar os manes de Achilles.

No templo de Apollo, Achilles
Desprovido, namorado
Jaz morto n'alma do pé
De uma seta trespassado,
E não lhe valeu no mar
Por Thetis ser encantado,
Aquelle que dos Troyanos
Era temor e cuidado.
Dos Gregos o defensor
Pouca cinza já tornado,
A pequena Urna não enche
Aquelle grande esforçado.

Contem de sobre suas armas
Todo capitão notado,
A Thelamão e a Ulysses
Todos o logar tem dado.
Não nas leva o cavalleiro
E levou-as o avisado,
A Troya é toda abrasada,
O Illião derrubado.
Querem-se partir os Gregos,
Não fica Achilles vingado.
Da terra sáe a sua sombra.
E com o seu vulto ayrado,
Como quando a Agamenão
Tentou matar denodado:

«Quereis-vos partir, (dizia)
Grego exercito malvado?
E fique eu na sepultura
Sem vingança deshonrado.

Pede Policena a alma
De Achilles d'ella engeitado.
Agora Pirho soberbo
Filho, do pae o traslado,
Dos braços da triste mãy
Que por todos tem chorado,
Traz Policena ao sepulchro,
Virgem de animo estremado:
E vendo Pirho, o cruel,
Contr'ella determinado
Com rosto seguro, honesto,
Fermoso, mas descorado,
Diz:
«Derrama o generoso
Sangue real apurado:
Farte-se a grega crueza,

Cumpra-se meu triste fado;
Seja meu pescôço ou peito
D'essa espada trespassado.
Livre naceu Policena,
Servir outrem não lhe é dado.
Não será com minha morte
Algum idolo applacado,
O coração só quizera
Da minha mãe esforçado.
O gosto da morte minha
Esta dor m'o tem tirado:
Deve chorar só sua vida
E invejar meu estado.
A filha do rei Priamo
Sobre os reis afortunado,
Vos roga que á triste mãe
Seja seu corpo entregado;
Não seja como o de Hector
Por outro inda resgatado,
Contentae-vos que com lagrimas
A coitada o tem comprado.»

Isto disse, e de um só golpe
Do cruel Pirho indomado,
O pescôço cristalino
Do corpo lhe foi apartado;
De recolher, em caindo,
As fraldas, teve cuidado
Por conservar o decoro
Nas Virgens sempre estimado.

Memorial, cap. XXXV.

Romance da Historia de Roma.

De ti, casto Scipião,
Sofonisba ouvi queixar,

Que foste imigo de amor
Por querer d'ella triumphar.
Na forte cidade Cirta
Masenisa fôra entrar,
E por teu mandado Sifax
Seu marido foi matar.
Com furia e odio imigo
Nos seus paços fôra dar,
Mas nà mór força da furia
Amor o pôde amansar:
Dos encontros dos seus olhos
O seu coração domar.
De escrava feita senhora
De quem vinha cativar,
De eterno amor dada fé,
As almas foram trocar:
Lagrimas e fermosura
Tudo puderam acabar.
Sabido per Scipião
Que amor não pôde abrasar,
Com coração deshumano,
Com razões não de acceitar,
A Mesenisa escrevia
Que lh'a mandasse entregar,
Porque era imiga de Roma,
Da geração de Amilcar.
Em grande affronta se vê
Masenisa e gram pesar,
O coração não lhe leva
A' Sofonisba faltar.
Cuidou um mui duro meio
Pera haver de a libertar!
Uma cópa de peçonha
Lhe mandou appresentar,
Em logar da liberdade
Que lhe não podia dar.

Safonisba muy contente
A bebeu sem recear,
Sentindo sómente a dôr,
Que se não pode escusar,
Por amor de Masenisa
Que vive pera a passar.
Dizendo: «Por vós, amor,
Me quero sacrficar,
Não será d'outro cativa
Quem toda se vos quiz dar.»
Mal haja a fortuna imiga
Que tal amor foi cortar.

Memorial, etc. cap. XIII.

Romance da vespera da Batalha da Pharsalia

De Roma sahe Pompeo,
E toda Roma o seguia,
Com temor de Julio Cesar
Que de França já partia.
O Robicão tem passado.
Contra Roma traz a via.
Apesar do bom Metelo,
Do thesouro se provia,
Apoz Pompeo se vae,
E Pompeo que o sabia,
Em Brandusio se faz forte,
E d'ali per mar fugia;
Desamparando a Italia
Defendel-a pertendia,
De romanos e outra gente
Grande exercito fazia;
A Cesar dera batalha,
Se o seguira vencia,

Por arredal-o do mar
Fugir-lhe Cesar fingia:
Ser arte de capitão
Pompeo bem o entendia,
A Cesar, contra o que entende,
E a seu pesar, seguia.
Já nos campos de Pharsalia
Um contra o outro se via,
Vendo-se chegado á summa
Pompeo do que temia.
Oh que grande senhorio
O conjugal amor cria!
Que só Cornelia é a causa
Que reprime o que cumpria;
E'-lhe forçado apartal-a,
Dilata-o de dia em dia,
No seu leito sem repouso
Chorando, cá não dormia.
Cornelia tem a seu lado
Que animal-o commetia,
De lagrimas suas faces
Humidas ali sentia.
Dissimula, cá não ousa
Tomal-o em tal agonia,
Parecendo-lhe que o magno
Pompeo assi se batia.
Elle que a sente e entende,
Taes palavras lhe dizia:

«Mulher, a que eu mais que a propria
Vida, ditosa queria,
Não esta que me aborrece
Mas quando ledo vivia,
E' vindo o tempo que eu triste
Dilatado, e já não podia,
Cá Cesar está no campo

E a batalha offerecia;
Cumpre dar logar á guerra
Mandar-te a Lesbos queria;
O al tenho a mi negado,
Não cures de mais porfia,
Este nosso apartamento
Por muito pouco seria.
Do teu verdadeiro amor
Confiança não teria,
Se vêres esta batalha
O coração t'o soffria.
Corro-me de estar comtigo
Quando a guerra assi fervia;
Mais seguro é que de longe
Ouças o que succedia,
Se me a fortuna fôr falsa
E se me Cesar vencia!
A melhor parte de mim
Segurar, sequer, queria.
Quero ter onde me ir possa
Segurar minha agonia.

Cortada de mortal dôr
Cornelia, que isto ouvia,
Esforçando-se com dôr
A triste assi respondia:

—Dos deuses e da fortuna
Já me queixar não podia.
Pois per morte não me aparta
Da conjugal companhia;
Ser como vil engeitada
De ti, d'isto me sentia.
Cuidares que algum logar
Sem ti me seguraria!
E queres, se fôres morto,

Que viva ainda algum dia?
Já me ensinas a soffrer
Dôr que nem cuidar soffria:
A mulher do gram Pompeo
Esconder não se podia.
D'onde se desbaratado
Fôres, isto só pedia:
Salva-te em toda outra parte
E de Lesbos te desvia.

Partindo-se d'elle agora
Um do outro não se espedia.
A Lesbos se vae Cornelia,
Pompeyo logo a seguia.
Vencido vae de seu sôgro,
Tal Cornelia o recebia:

«Esta é a minha fortuna,
Que me inda segue» dizia.

Memorial das Proezas, etc. cap. 45.

Romance cantado a trez vozes, que se refere á morte do Principe Dom Affonso, filho de El-rei Dom João II e seu unico successor.

Principes e Emperadores,
Que o mundo a sabor mandaes,
E tam pouco vos lembraes
Da róta da vida eterna!
A soberba que governa
Vossos peitos deshumanos,
Derruba os grandes tyrannos
Da mais alta monarchia:
Quem da fortuna se fia
Não lhe sabe a condição!

Soberba lançou Adão
No Paraiso deleitoso,
Ficando victorioso
Do mundo o enganador.
Aquelle edificador
De Babel, que em competencia
Da eterna summa potencia
Presumiu d'ella isentar-se,
Cahiu por alevantar-se.
Apoz elle os successores,
Assyrios emperadores
Que a fortuna sublimou,
Em breve os desapossou,
Sardanapalo o sentiu.
Dos Médos tambem se viu
Astiages, que cuidava
Que a seus fados atalhava
Com mandar matar o neto,
Cyro animoso e discreto
Que o despossou de seu estado,
E foi o Imperio passado
Aos Persas, onde o perdeu
Dario, que desconheceu
Vossa humana condição.
E aquelle filho de Adão
Que negou a natureza,
Cuja soberba altiveza
Teve em pouco e desprezou
O mundo que conquistou,
Sua cubiça atermada
Foy com morte antecipada,
Seu Imperio dividido.
Cesar, não menos temido,
Em confirmação d'este êrro
Foi morto dos seus a ferro,
E todos quantos subiram

Tyrannamante, caíram:
Caíu Thebas, caíu Troya,
Roma, que levou a boya
A toda potencia humana,
Quando foi mais soberana
Por si mesma se abateu
Que o mundo não concedeu
Haver estado seguro:
Portanto, quem quer ter muro
Inexpunhavel, e um forte
Que não entre humana sorte,
Em Deus ponha a confiança,
O fundamento, a esperança,
Com verdade e com amor:
D'onde tu, Rey Sagramor,
No que ora vires, verás
Exempro que tomarás
E te fique por aviso,
Que todo o mundo é riso,
Sem ter Deus por padroeyro,
Guia e norte verdadeiro.
E verás um poderoso
Rey prudente justiçoso
Liberal, manso, benino,
Que em Deus tem posto seu tino,
Christianissimo, cremente,
Nos desgostos paciente,
Sesudo em prosperidade.
Soffreu na adversidade,
De David claro traslado,
Que sendo de Deus tocado
Per vezes, em seu louvor
Converte sempre sua dor;
A paciencia lhe sobeja,
D'onde fortuna, de inveja,
Quando mais contente o viu

E descuidado o sentiu,
De si mesma á traição
Poz-lhe o Reyno em condição
De fazer termo mortal,
E acabar-se Portugal:
O bom Rey, que assi o temia,
A seu Deus se convertia.
E com seu povo gemendo
Confiança n'elle tendo,
De um pheuix que vivo ardeu
Logo outro phenix nasceu
Por Deus a Portugal dado,
Pera ser mais exalçado
Que Israel per Salamão:
Taes pronosticos nos dão
Os aspeitos celestiaes,
E seus principios reaes.
Como foram trabalhosos
Assi hão de ser famosos
Os meios e fins da vida,
Que longa lhe é concedida;
Cá o que se dá sopesado
Dos céos sempre foi estremado,
Tam beninas as estrellas
Lhe serão, que suas velas
No mundo sejam espanto,
E elle, outro Affonso santo
Que o Reyno renovará,
E os termos augmentará
Muyto melhor do que eu canto.

Memorial das Proezas, cap. 46.

Romance á morte do Princepe D. João

Soberbo está Portugal
Em sua gloria enlevado,
Vê-se de um rei sabedor
Mimoso e bem governado.
O mundo todo anda em guerras
Injustas mui baralhado:
Elle só estava em remanso
Seguro e mui descansado,
Plantando antre os infieis,
Pendões do Crucificado,
Por capitães animosos
Que os levam per seu mandado
E com Deus de taes obras
Folga ver-se penhorado,
C'os olhos em Portugal
Está sempre occupado.
E como filho mimoso
De quem não perde o cuydado,
Porque nam se ensoberbeça
Em se vêr tão prosperado,
Na força das suas glorias
No tempo mais festejado,
D'antre os olhos lhe tirava
O seu Princepe estremado.
Vendo no pae paciencia
Pera ser mais apurado,
Dá graças ao Creador
Inda que desconsolado.
A menina que seu amor
Em flor assi viu cortado,
Vencida com soffrimento
A dor do amor encortado,
No peito se abrasa em magoa,
O rosto mostra esforçado;

O coração lhe dizia
O mal de que era assombrado,
Entende, soffre e gemia,
Padece e maldiz seu fado.
A si mesmo se esforçava
E fazel-o era forçado,
Por dar esforço e consolo
A um pae desconsolado,
E pe a poupar o fructo
Do seu amor desejado.
Oh animosa princeza
Quanto vos fica obrigado
Um reino, que destruido
Por vós ficou restaurado!
Esforça-te, Portugal,
Pois já te vès melhorado
De um Rey que antre os Reys
Estremo será chamado.

Memorial, etc., cap. XLVII.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Reclina la muerta fronte
Jesus, sobre su costado,
Para ver con tal postura
Si quier muerto abrirse el lado.
Que en vida deseara tanto,
Por quedar aportillado,
Para que por tal ruina
De su cuerpo traspassado
Entre libre a lo divino
El espirito afficionado.
Y en esto el odio fiero,
Ja muerto lo á remattado:
Con la lança trespassando

A Dios hombre el diestro lado.
De sangue la gran corriente
Dos llamas no à apagado
En Jesus la afficion,
Ni la del odio dañado.
Jesus muere por la vida:
El por se la aver quitado.
De amor y intencion de la muerte
Nuestra vida el resultado.

Obras, fl. 220 v.

LUIZ DE CAMÕES

Mote

Descalça vae para a fonte
Leonor pela verdura;
Vae formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Saínho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vae formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tão linda que o mundo espanta:
Chove n'ella graça tanta
Que dá graça á formusura;
Vae formosa e não segura.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA

Na fonte está Lianor,
Lavando a talha e chorando,
As amigas perguntando:
—Vistes lá o meu amor?

Mil signaes n'ella se vêm
De sua tristeza e cuidado;
Chorar, perguntar: — Se vem?
E olhar desassocegado.
Leva-lhe os olhos o amor,
Que lhe foi a alma levando,
Ella, por elles chorando,
Pergunta por seu amor.

Detem-se a lavar a talha
Por desculpar sua tardança,
E não quer que a d'elle valha
Para perder a lembrança.
Chora e diz com grande dôr,
Sem sentir que está fallando:
—Vae-se-me a vida acabando
Porque não vem meu amor.

Inda que lhe a agua faltara,
Da fonte nada lhe dera,
Que a dos olhos lhe bastara
Para quanto falecera.
Sobeja-lhe em tudo dor,
Vae-lhe todo bem faltando,
E diz já desconfiando:
—Cedo morrerá Lianor.

Poesias, p. 297. Ed. Priesb^{s}ch.

Romance subjectivo

Des que me parti de vêr-vos,
Tenho quanto mal mereço,
Pois me aventurei, senhora,
A quanto sem vós padeço.
Co' que passo, e co' que sinto
A mim mesmo desconheço;
Sómente em tristezas vivo,
Nenhum prazer já conheço;
Com cuidados sempre acordo,
Com cuidados adormeço,
Sonho cousas espantosas,
Nunca quieto amanheço.
Com mil medos passo o dia,
Com mil medos anoiteço,
Acho-me sempre entre tristes,
Nunca entre alegres pareço.
Tudo o que me faz mais triste
E' ante mim de mór preço;
As magoas que mais me seguem
Contra mim as favoreço.
O que soia alegrar-me
De todo agora avorreço;
Vou-me ao longo de uma praia
Por que ali mais me entristeço.
Co'as aguas que m'apartam
Dos olhos a que obedeço,
Em sofrer danos sem fim
A que elles deram começo,
Se quer alguem consolar-me
Logo lhe desappareço;
Quanto a saudade mais segue
A mim me desfavoreço,
E o peito que lhe entrego
Toda a vida lhe offereço,

Por vêr se com sua força
De minhas forças faleço.
Mas a sorte não me quer,
De novo em meus danos cresço:
E porque os sinto por vós
Nunca lhe desobedeço.
Ergo a vós os pensamentos,
Mas logo d'elle me deço
Que entre tantas maravilhas
De todo logo esvaêço.
Co' que em mim sinto e em vós vejo
Cuido de mim que endoudeço,
Mas inda este bem me falta,
Inda mal que o desmereço,

Poesias, fl. 331. Ed. Priesbsch.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Cantiga

Descalsa vae para a fonte
Leanor pela verdura,
Vae formosa e não segura.

VOLTAS

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha suqueixada:
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura.
Vae formosa e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita de sua toalha,

Com uma sustenta a talha,
Ergue com outro a fraldilha:
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixam escura:
Vae formosa e não segura,

As flores, por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça.
Qualquer pègada que faça
Faz florescer a verdura;
Vae formosa e não segura.

Não na vèr o sol lhe val,
Por não ter novo inimigo;
Mas ella corre perigo,
Se na fonte se vê tal.
Descuidada d'este mal
Se vae vèr na fonte pura,
Vae formosa e não segura.

Obras compl., Egl. x; p 651.

Cantiga

Antes que o sol se levante,
Vae Violante a vèr o gado;
Mas não vê sol levantado
Quem vê primeiro a Violante.

VOLTAS

He tanta a graça que tem
Com uma touca mal envolta,
Manga da camisa solta,
Faixa pregada ao desdem;

Que se o sol a vir diante,
Quando vae munir o gado,
Ficará como enleado
Ante os olhos de Violante.

Descalsa ás vezes se atreve
Ir em mangas de camisa;
Se entre as ervas neve pisa
Não se julga qual é neve;
Duvída o que está diante,
Quande a vê munir o gado,
Se é tudo leite amassado,
Se tudo as mãos de Violante.

Se scaso o braço levanta,
Porque a beatilha encolhe,
De qualquer parte que a olhe
Leva a alma na garganta.
E inda que o sol se alevante
A dar graça e luz ao prado,
Já Violante lh'a tem dado,
Que o sol tomou de Violante.

Idem, p. 563.

Romance do Desenganado

Sobre as aguas vagarosas
Que o Tejo já traz cansadas
De abrandar duros penedos,
E de romper serras altas:
Perto d'onde o mar oceano
Lhe offerece livre entrada,
Dando ás crystallinas ondas
Livres e douradas praias:

Leva o prescador Sereno
Com rôtas redes a barca,
Tam perseguido dos ventos
Quanto de amar sustentada;
E por que o leva forçado
Sua virtude contraria,
Desterrado do seu Lena.
E de sua amada patria,
Já o vento o favorece
E o mar lhe mostra bonança,
Porque para a desventura
A ventura nunca falta.
E ao som que os duros rèmos
Fazem dividindo as aguas,
Derramando-as de seus olhos,
Vae dizendo estas palavras:

«Fermosas aguas do Tejo,
Do mundo tão celebradas,
Morada de tantas nymphas,
E inveja de outras tantas;
Este corpo que amparaes,
Que persegue a sorte ingrata,
Dae-lhe vós a sepultura,
Que é corpo que vae sem alma.
Mil annos vivi sem tel-a,
Por poder de uma esperança,
Enganada da ventura,
Que tam facilmente engana.
Causa foi da minha morte
Lisèa, e melhor se acclara
Que, pois tanto amei Lisèa,
Eu fui de meu mal a causa.
O espirito com que vivo
E' de um tormento que mata,
Que os males aonde ha firmeza.

Nem com a vida se acabam.
Junto então do rio Lis
Meu rebanho apacentava,
Fiz-me pescador do Lena,
Provei a sorte em mudanças.
Só no mal achei firmeza,
Sei do bem quam cedo passa,
E sei que a quem muda a vida
Se muda mas não se acaba.
Sei que vive um corpo morto
Por milagre de esperanças,
E que o mal ainda sustenta
Quando as esperanças faltam.
Se em vós móra piedade
'Nessas humidas entranhas,
Dae fim a meus tristes dias,
E a vosso nome esta fama:
=Contra o poder da ventura
Empregada em um sujeito,
De um fogo de amor perfeito
Aguas foram sepultura.=

Romances, 2.ª parte, p. 722.

DOM FRANCISCO DE PORTUGAL

Romance pastoril

Deixou de ir Leonor á fonte,
Por vêr damas estrangeiras,
Não para vir invejosa,
Mas para matar de inveja.
Mais que a vêr foi a ser vista,
Que como novas estrellas,
Não ha olhos que os seus levem,
Alma que a sua não seja.
De vinte e quatro alfinetes,

Como dizem, foi a festa.
Que muito que pique a muitos
Quem tanto alfinete leva?
Saia de palmilla azul,
Que tudo são palmas n'ella,
Que é bem que vista do céo
O mór milagre da terra.
Gibão de cannequim fino,
Que desconfiado confessa:
Aqui jaz em neve um fogo
Que o meu branco em branco deixa.
Beatilha, melhor que ouro
Encobre um par de madeixas,
Alcaide de liberdades
Que só soltando condemna.
Fita verde que entre raios
Com perigos lisongeia;
Inda que negue esperança
Quando só mortes promette.
O desprezo dos cathurnos
De umas sapatas mermelhas,
Purpura de unido aljôfar,
Nacar de animadas perolas,
Tantas perfeições airosas
Em naturaes estranhezas,
Tanto computo artificio
No descuido de ser bella;
Aquelles olhos rasgados,
Em que amor faz por mór guerra,
Cada sobrancélha um arco,
Cada pestana uma setta.
Aquelle engraçado riso,
Que por crystaes de Veneza,
Com gloria brinda as vontades,
Sède mortal que deleita.
Em casa de um mercador

Na rua nova á janella,
Sem si Leonor estava
Formosa ouvindo estas queixas:

—Quebrou Leonor
O pote na fonte,
E deitou-lhe os testinhos tão longe?

Sem seu bem mais suspirado
D'onde estava d'este modo
A si o descuido todo,
E a seu mal todo o cuidado,
O peito tinha abrazado
Tendo nos olhos a fonte,

—E deitou-lhe os testinhos,
Mana, tão longe.

Diria, quem a assim visse,
Que eram pedras que atirava,
Porque tanto quanto amava
Tanto tinha de doudice.
E para que mais sentisse
Seu sentido está na fonte,

—E deitou-lhe os testinhos,
Mana, tão longe.

BALTHASAR DIAS

Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma

No tempo do Imperador,
Que Lodonio se dizia,
Que a gram cidade de Roma
E seu Imperio regia,

Casado com a Imperatriz
Que Porcina nome havia,
Por suas muitas virtudes,
Formosura e valia,
Como princeza que era
Filha do grão rei de Hungria;
Tinha este Imperador,
Comsigo em compahia
Um irmão por nome Albano,
Que elle muito queria,
Em rasão de parentesco
O melhor que ser podia.
Este nobre Imperador
Bem dois annos estaria
Com sua amada mulher,
Sem haver filho nem filha.
Certamente mui contente,
Pois Deus assim o queria,
E d'isso era servido,
Por muitos bens que fazia:
As viuvas amparava,
E os pobres soccorria.
As orfãs todas casava,
Quantas na cidade havia.
As obras de misericordia
Com grã vontade cumpria,
Por amor de Jesus Christo,
E da sagrada Maria.
Tinha este Imperador
Promettido em romaria,
Visitar a Terra santa,
Que Jerusalem se dizia;
E vêr os santos logares,
Todos os que n'ella havia,
Nos quaes havia de estar
Um anno que assim cumpria.

Antes de sua partida
Quiz fazer o que devia:
Deixou por governadores
A sua nobre Porcina,
E tambem a seu irmão,
Que o povo assim o pedia.
Como isto foi acceitado,
O povo ajuntar fazia:
Manifestou-lhe a partida.
Que escusar-se não podia,
Dizendo — que obedecessem,
Sem curar de mais porfia,
A sua amada mulher,
Que em seu logar ficaria,
E tambem a seu irmão,
Pois tinha tanta valia.
Todo o povo está contente
Do que o Imperador queria;
E acabando de comer,
A horas do meio dia,
Entrou em o aposento
Onde a Imperatriz dormia,
Viu-a estar muito chorosa,
Apartada de alegria,
Como quem adivinhava
O mal, que ella não sabia.
Com o rosto dissimulado,
Encobrindo o que sentia,
Disse-lhe d'esta maneira,
Com pena que padecia:

—Minha amada companheira,
Minha doce companhia,
Lume de meus claros olhos,
Espelho em que eu me via;
Porque estaes assim chorosa

Com tão sobeja agonia?
Porque de vêr-vos assim,
A alma se me saía?
Mas se vós quereis, senhora,
Deixarei a romaria,
Mandarei outrem por mim,
Pois não se escusa esta via.

Respondendo a Imperatriz,
D'èsta maneira dizia:

«Não olheis vós, meu senhor,
A fraqueza, que em mim havia,
Porque eu como mulher
Nunca deixar-vos queria;
Nem estar de vós apartada
Só um momento de um dia.
Mas o que vós promettestes
Outrem cumprir não podia,
Que seria grão peccado,
Que Deus muito estranharia.
Portanto, Nosso Senhor
Seja sempre em vossa guia,
Que eu vos encommendarei
A elle e a santa Maria.

Despediu-se o Imperador
Sem cuidar de mais porfia,
Abraçando a Imperatriz
Que mil lagrimas vertia,
Pois no coração lhe deu
Que mui tarde o veria.
E depois d'elle partido
Para a sua romaria,
Esta tão nobre senhora
Quiz fazer o que devia
No governo do Imperio,

Com Albano em companhia,
Que seu marido Lodonio
Nenhuma mingua fazia.
Como este Albano era
Cheio de toda a falsia,
Amava a Imperatriz
Já de muito tempo havia;
Morria por seus amores
Que todo se desfazía,
Pela sua honestidade
D'ella não a requeria;
Que como agora tivesse
Tempo para o que queria,
Determina entrar com ella,
Pois que fazel-o podia,
Que, como governador,
Ella não estranharia.
Em estas coisas pensando
Está até o outro dia,
A's horas que a Imperatriz
De sua cama se erguia,
Estava quasi despida,
Porque a ninguem temia:
Como viu entrar o cunhado
Toda se estremecia.
Porque sua honestidade
Tal cousa não requeria:
Como dentro entrou com ella
Mui contente em demasia,
Foi-lhe a beijar as mãos,
O que d'antes não fazia.
A Imperatriz tão casta,
Assombrada em demasia,
Cobriu-se com um roupão
De ouro e de pedraria;
Com rosto mui vergonhoso

Encobrindo o que sentia,
Levantou-se logo em pé,
Descalça na pedra fria,
Assombrada e mui turbada
Espera o que lhe dizia.
Disse-lhe o traidor cunhado,
Sem olhar o que devia :

—«Perdoae-me, alta Princeza,
Minha grande ousadia,
Que d'onde ha fôrça de amor
Não póde haver cortezia.
Muitos dias ha, senhora,
Claro espelho e luz do dia,
Que desejo descobrir-vos
O que encobrir não podia ;
Que por vosso grande amor
Triste estou sem alegria,
Se vós me não daes remedio,
Sem nenhum eu ficaria.
Por tanto se vós quereis,
Grão prazer receberia
De vos casardes commigo,
Sem cuidar de mais porfia,
Levantemo-nos c'o Imperio,
Pois que fazer-se podia,
Sendo nós Governadores
Ninguem nol-o tolheria.
Se vós, senhora, temeis
Pelo que o povo diria,
Eu irei matar meu irmão
Estando na romaria.
Far-lhe-hei dar tal peçônha,
Que morra antes de um dia.

Foi-lhe a Imperatriz á mão

Do mais que dizer queria,
E abrazada toda em mágoa,
D'esta sorte respondia:

«Por certo, falso cunhado,
Vós tendes grande ousadia,
Vosso grande atrevimento
Grão castigo merecia:
Em que viva me queimassem,
Nunca tal consentiria,
Porque a fé e lealdade
Que a meu marido devia,
Em que me déssem mil mortes
Eu nunca a quebrantaria!
Tirae-vos diante de mim,
Traidor cheio de falsia.

Vendo-a elle tão irada,
A grande pressa saía
Da camara, onde estava
Que assim se despedia.
Temendo que aos seus brados
Muita gente acudiria;
Determina entrar de noite
Na camara onde dormia,
E que com tapar-lhe a bocca,
Seu desejo cumpriria.
Descobrindo isto a um pagem
Que fiel lhe parecia,
Porque o acompanhasse
Na traição que commettia,
Pareceu-lhe a este pagem,
Que mui culpado seria,
Se ali se deshonrasse
Pessôa de tal valia;
Determinou de dizer-lhe,

Antes que chegasse o dia,
Porque não viesse a effeito
O que elle fazer queria,
Como a Imperatriz o soube,
Com grã pressa em demasia,
O mandou logo prender
Na casa d'onde dormia:
Mandou-o pôr em uma torre,
Que dentro do paço havia.

Depois que o Imperador
Acabou sua romaria,
Cumprindo sua promessa
Como a tal senhor cumpria,
Determinou de tornar-se
Com muita grande alegria;
Porque esperava de vêr
A quem tanto lhe queria.
Mandou diante um correio
Em que a saber lhe fazia,
Como seria com ella
Antes do oitavo dia;
Com a qual a Imperatriz
Foi alegre em demazia:
Fel-o a saber á cidade,
Porque assim fazer devia,
Para fazer grandes festas
A quem tanto merecia.
Foi-se direita á prizão
Onde o cunhado jazia,
Disse-lhe:

«Senhor cunhado,
Não tenhaes tal fantazia,
Porque já vem vosso irmão,
Tomemos grande alegria;

Eu vos perdôo o passado,
Pois que ninguem o sabia;
Recebei o Imperador
Com toda a cavallaria,
E levareis um vestido
De ouro e argentaria,
Que está feito para vós,
Que é de muita valia.

Tirou-o da prizão fóra,
Foi com elle em companhia,
Porque ninguem conhecesse
O mal que feito havia.
Cuidava o falso cunhado
Em como se vingaria
De quem lhe fez tal pesar,
Pois já tel-a não podia.
Foi-se receber o irmão
Pela pósta ao outro dia,
Vestido todo de dó
Que o cavallo lhe cobria.
Chegando onde elle estava,
Vestido assim como ia,
Fez-lhs grande acatamento,
Fingindo mais que sohia.
Quando viu o Imperador
Certo não o conhecia,
Mas depois de o conhecer,
Mui turbado lhe dizia:

—Dizei-me, por Deos, irmão,
Por que assim dó trazia,
Como está a Imperatriz,
Minha fiel companhia?
Dizei-me se é viva ou morta?
Tirae-me d'esta agonia,

Que meu triste coração
Grão sobresalto sentia.

Respondeu o falso irmão,
Com mui grande ousadia:

—«Eu vos direi a verdade
Pela fé que vos devia,
E por que sois meu irmão,
A quem mentir não podia.
Depois que d'aqui partistes
Para ir á romaria
Deixastes a Imperatriz,
E eu com ella em companhia,
Para governar o Imperio
De Roma e sua senhoria.
Prouvera a Deos fôra eu
Sepultado em terra fria,
Antes de ficar com ella,
Pois tal traição commettia.
Estando, senhor, dormindo
Fóra de tão grã falsia,
Entrou de noite commigo
Na camara onde dormia,
E chegando á minha cama
D'esta sorte me dizia:

«Que por mim perdida andava
Já de muito tempo havia;
Que casasse eu com ella,
Sem cuidar de mais porfia:
E que logo Imperador
N'essas horas me faria,
E quando vós viesses,
Que ella vos mataria
Com muito forte peçônha,

Que não vivesses um dia.»
E porque não consenti,
Disse que eu a accometia,
E fez-me logo prender,
O que ella merecia.
Até agora prezo estive
Com muito grande agonia.
Esta é, senhor, a verdade,
Que de mim saber querias.

Quando o nobre Imparador
Tam maldita nova ouvia,
D'aquella que tanto amava
Mais que a vida, em que vivia,
Caíu do cavallo em terra,
Uma hora se amortecia;
Fizeram-n'o tornar em si,
Com lhe deitar agua fria;
Cobriu-se logo de dó
Com o que o irmão trazia;
Todo o amor que lhe tivera,
Em odio se convertia.
Sem mais fallar com ninguem,
Que a tristeza lh'o tolhia,
Determinou dar lhe a morte,
Que ella tam mal merecia.
De noite secretamente,
O mais quieto que podia,
Entrou dentro da cidade,
A' meia noite seria;
Mandou tres homens dos seus
Sem outra mais companhia,
Que matassem a Imperatriz
Antes que viesse o dia,
N'uma floresta cerrada
Por onde gente não ia,

E vestida a enterrassem,
Porque assim fazer cumpria;
E se isto não fizessem,
A vida lhes custaria.
Mandou-lh'a logo entregar
C'o vestido que trazia,
Para receber aquelle
Que tão mal a recebia.
Vendo-se ella assim levar,
Suspeitando o que seria,
Como discreta, que era,
Cheia de sabedoria,
Levantou o rosto ao céo,
D'esta maneira dizia:

«Encomendo a Deus minh'alma
E á Virgem santa Maria,
Porque me creou do nada,
Por sua bondade pia.
Lembrae-vos, Senhor, de mim,
Pois sem culpa padecia,
Não olheis os meus peccados,
Nem o mal, qûe merecia;
Mas vossa misericordia,
Que todo o mundo cobria.
Eu perdôo a meu cunhado
Todo o mal que fazia,
E tambem a meu marido,
Porque enganado vivia.»

Os homens que a levavam
Onde padecer havia,
Viram sua formusura
Co' a lua, que então saía,
Disseram uns aos outros:

=Mal empregada seria
A morte a esta senhora,
Pois que tem tanta valia;
Gozemos primeiro d'ella
Que a coma a terra fria.

N'isto se determinaram,
Sem cuidar de mais porfia.
Respondeu a Imperatriz,
(Bem vereis o que diria:)

«Fazei o que vos mandaram,
Não cureis de fantazia;
Deixae a minha limpeza
Para quem a merecia,
Que se tocasses em mim,
A vida vos custaria,»

Não cuidaram os algozes
No que a senhora dizia,
Antes remetteram a ella
Com muito grande ousadia.
A innocente cordeira,
Vendo que a gente a despia,
Começou a dar taes gritos,
Que o floresta retinia;
E como ainda era noite
Em grande parte se ouvia.
Acertou de ouvil-a um Conde
Que muita gente trazia,
Que vinha de Jerusalem,
Onde muita gente ía.
Quiz Deos que aquella noite
Por ali fizesse via,
Para livrar a Princeza
Da pena que padecia.

Como taes gritos ouviu
Do cavallo se descia,
E com muita grande pressa
Na floresta se mettia;
Seguiram-no os seus criados,
Cada um como podia.
Ao som dos tristes gritos
A gente toda o seguia;
Foram dar n'aquella parte,
Onde a coitada gemia,
Que com mui grande fraqueza
A força lhe falecia,
E se um pouco mais tarda
Sua honra se perdia.
O Conde mui piedoso,
Que Clitaneo se dizia,
Vendo tão grande maldade,
Com grã pressa em demazia,
Disse: — Matae, meus criados,
Quem tal traição commettia. —
Todos foram logo mortos
Antes d'uma ave-maria;
E a Imperatriz ficou livre,
Porque mal não merecia.
Deu-lhe a Imperatriz as graças
Do bem que feito lhe havia;
Quando isto aconteceu,
Já era mui claro dia.
E o Conde tão assombrado,
Que quasi emmudecia
De vêr sua formosura
Mais que todas quantas via,
Logo suspeitou que era
Senhora de grã valia,
Assim por seu parecer,
Como pelo que vestia.

Disse-lhe d'esta maneira
Com mui grande cortezia:

« Não me negueis vós, senhora,
Isto que agora diria,
Porque não queria errar
Contra vossa senhoria:
Vós sois de alta linhagem,
Isto eu o juraria;
Se vós me dizeis quem sois,
Grã prazer receberia;
Quem vos trouxe a este logar
Com tão falsa companhia?
Dizei-me toda a verdade
Sem cuidar de mais profia.

Respondeu a Imperatriz,
Porque encobrir se queria:

«Eu sou mal afortunada,
Que não sei porque nascia,
Por um falso testemnnho
Perdi minha grã valia;
Não vos posso mais dizer,
Porque escusado seria:
Senão, quero vos rogar
Por Deus e santa Maria,
Me quereis levar comvosco,
O que eu não merecia;
Servir-vos-hei como escrava,
Sempre de noite e dia.

Foi o Conde mui contente
De fazer o que dizia;
Deu-lhe uma cavalgadura
De muitas que ali trazia.

Chegaram á pousada
Com muito grande alegria.
Onde foi bem recebido
De sua mulher Sophia;
Contou-lhe o que passou
Em a sua romaria;
Tambem lhe apresentou
A senhora que trazia;
Contou-lhe como a achara,
Que nada não lhe mentia.
Beijou-lhe a Princeza as mãos,
Inda que ella não queria,
Tomou-lhe mui grande amor
A Condessa em demazia,
Que não comia sem ella,
Com ella folgava e ria;
Mais que sua irmã carnal
Era o que lhe queria,
Até o menino de têta,
Que pouco maior seria,
Lh'o deu á Imperatriz,
E sempre com ella dormia.
Tinha o Conde um irmão,
Que Nathão por nome havia,
O qual por esta senhora
Graves penas padecia:
Não tinha nenhum prazer
O dia que a não via.
Determinou descobrir-lhe
Como por ella morria;
E um dia tendo logar,
Quando a Condessa dormia,
Disse-lhe d'esta maneira
Com grande dor que sentia:

—Mui resplandecente aurora,

Claro sol do meio dia,
Que fez o Eterno Pintor
Que todas as cousas cria.
Minha alma por vós padece,
Minha vida se perdia,
Por isso me deu o amor
Esta tão grande ousadia,
Que ousasse a descobrir
O que o coração sentia.
O que vós tendes roubado
É liberdade e alegria;
Essas cristalinas mãos
De aljofrar e pedraria
Me deixae beijar, senhora,
Pois que tem tanta valia.
Não consintaes que padeça,
Quem a vida só queria,
Para vos poder servir,
Como ella merecia.

Querendo-lhe a mão tomar,
A Imperatriz se desvia,
Em ira toda abrazada,
Resposta lhe não dizia:

«Se não olhara, senhor,
O mal que n'isto faria,
Eu manifestara ás gentes
Vossa louca ousadia:
Tirae-vos diante de mim,
Não cureis de mais porfia,
Eu dil-o-hei á Condessa,
Minha senhora Sophia,
E tambem ao senhor Conde,
Que de mim tanto se fia,

Sem curar de mais palavras,

Na camara se recolhia,
Queixando-se da fortuna,
Porque tanto a perseguia.
Ficou tão triste Nathão,
Quanto dizer não podia,
Por tão áspera resposta
Como d'ella ouvido havia.
Todo o amor que lhe tivera,
Em tedio se convertia;
Determina de vingar-se
Por qualquer maneira ou via.
Como a noite foi cerrada,
Que já ceado se havia,
O Conde e a Condessa
E toda a mais companhia,
Cada um em seu aposento
A dormir se recolhia,
E tambem a Imperatriz
Á cama d'onde dormia;
Levava comsigo o menino,
Como d'antes o fazia.
Deixou a candêia acceza,
Como de costume havia.
Assim como se deitou
Logo se adormecia,
Com o menino nos braços,
Porque muito lhe queria,
Estava o falso espreitando
Como a cordeira dormia,
Cançada de muitos choros,
Que de continuo fazia,
Lembrando-lhe seu marido,
E o bem que d'elle perdia;
E que sendo Imperatriz
De tanto estado e valia,
Agora como escrava

De uma vassalla se via,
E que de um seu irmão
Tanta affronta recebia.
Como viu este malvado,
Que o somno a embebia,
Tirou a porta do couce,
Com um engenho que trazia,
E foi-se direito á cama,
Onde o sobrinho dormia,
Degollou-o c'um cutéllo
Mui agudo em demazia.
Depois que o teve morto,
Que com pé nem mão bolia,
Deixou o cutéllo nas mãos
Da innocente que dormia,
E saiu cerrando a porta,
Melhor que elle podia.
Era o sangue de tal sorte
Que do menino corria,
Que o corpo da Imperatriz,
Olhos e mãos lhe enchia;
Como o tinha nos braços,
Toda de sangue a cobria;
Entrando-lhe pela bocca,
Acordar logo a fazia.
Vendo na mão o cutéllo,
E o menino que jazia,
Começou com grandes gritos
A publicar o mal que via,
Dizendo:
«Acudi depressa,
Minha senhora Sophia.
Que mataram vosso filho
Minha doce companhia.

Ás vozes que ella dava,

A Condessa se erguia,
Que ainda estava na cama,
Porque era antes do dia,
E seu marido com ella
Mui triste em demazia.
Vendo o filho como estava,
Em terra logo caía,
Estava tal como morta,
Que com pé nem mão bolia,
A coitada da Imperatriz
A alma se lhe saía,
Não podia suspeitar
Quem tanto mal lhe fazia;
E ainda que suspeitasse,
Pouco lhe aproveitaria.
E n'isto chegou o irmão,
Que de prazer não cabia,
Porque tanto se vingara
De quem tanto a offendia.
Disse o irmão a Clitaneo,
Chorando, demais seria:

—Quem matou o meu sobrinho,
Grande castigo merecia.
Mandae-m'a vós queimar logo,
Sem curar de mais porfia;
Porque ali tem o cutélo
Com que fez tão grã falsia.

Estas palavras dizendo,
A Codessa em si volvia,
Levantando-se em pé
Com o grande pesar que havia,
Viu estar a Imperatriz,
Que finada parecia,
Seu rosto maravilhoso

Feito côr de pedra fria;
Seus olhos fontes de lagrimas
Com o chorar que fazia;
Tinha o coração cerrado,
Fallar a ninguem podia.
Ainda que perguntavam,
A ninguem não respondia.
Estava como pasmada
Com estas cousas que via.
A Condessa piedosa,
Com o bem que lhe queria,
Não podia esta senhora
Crêr que tal ella faria;
Mas o malvado cunhado
A todos os induzia.
Que lhe dessem logo a morte
Que ella tão bem merecia;
E se matar a mandava,
Que elle mesmo a mataria,
Por matar a seu sobrinho,
Que tanto bem lhe queria.
Chorando singularmente,
Mostrando que se doía;
E para mais a commover
O cutélo lhe trazia,
Todo coberto de sangue
Do innocente que morria.
A pomba sem fel chorava
A tudo quanto ali via,
Não querendo desculpar-se
Porque crida não seria,
E não por temor da morte,
Que d'ella não se temia;
Mas antes continuamente
A Deus sempre a pedia,
Que quem vive sempre triste

A morte lhe é alegria.
E mais ella, que estava
Com tão sobeja agonia:
Acordou fazer-se muda,
Pois fallar-lhe não valia.
A quanto lhe perguntavam
Vendo que não respondia,
Cuidando então a Condessa,
Que culpada não seria,
E que matara seu filho
Alguem que mal lhe queria;
E que ella ora com pesar
De tal sorte emmudecia,
E dizendo a seu marido
Isto que cuidado havia,
Parecia-lhe bem ao Conde
O que a Condessa dizia,
Por não dar tão cruel morte
A quem tão bem a servia.
Foi determinado então,
Desterral-a sem porfia,
E n'uma Ilha lançal-a,
Que dentro do mar jazia,
Quarenta leguas de terra,
Onde gente não havia;
E que ali de fome e sède
Sua culpa pagaria,
E comida de animaes,
D'isto não escaparia.
Como a noite foi chegada
A's horas que anoitecia,
Manda que seja levada
Por dois homens de valia,
Com ella duas mulheres,
Para ir em companhia,
Para que fosse guardada

Sua honra, como devia.
Em um navio veleiro
A Imperatriz se mettia,
Com lagrimas dos seus olhos
Da terra se despedia.
Chegaram á dita Ilha
A' noite do outro dia,
A Princeza deixam em terra
Com grã chôro em demazia.
Tornaram-se com o navio,
Porque assim fazer cumpria.
Quando a nobre Imperatriz
Em tal logar só se via,
N'uma Ilha tão deserta,
Onde ninguem não vivia,
Senão bravos animaes,
De que ella manjar seria,
Chorando lagrimas tristes,
D'esta maneira dizia:

«Oh meu nobre Imperador,
Meu bem e minha alegria,
Que pouca é vossa lembrança
De quem tanto vos queria!
Que pouco tempo durou
Vossa doce companhia?
Sempre cuidei de vos vèr
Algum tempo e algum dia;
Agora por meus peccados
Jámais nunca vos veria.
Deus perdôe a vosso irmão,
E a Virgem santa Maria.
Que eu lhe perdôo aqui
Todo o mal, que me fazia.
Oh senhor, e só meu pae,
Princepe e rei de Hungria,

Que triste vida será
A vossa sem alegria,
Em ouvindo tão má fama,
Que em Roma de mim corria?
Mais sinto vosso pesar,
Que minha grande agonia;
Pois morrerei uma vez,
Vós morrereis cada dia.
A vossa deshonra sinto,
Que a morte não a temia,
Porque mais hade temer,
Quem tão sem culpa morria.

Estas palavras dizendo,
Mui grande ruido ouvia,
Tão terrivel e espantoso,
Que soffrer-se não podia;
Ouvindo isto a senhora,
A força lhe falecia;
Como era delicada
Em terra logo caía.
Estes eram animaes
De muitos que ali havia,
Que tanto que a sentiram,
Com grã pressa em demazia
Correram para a comerem,
Cada um qual mais podia.
Antes que a ella chegassem
Um resplandor apparecia.
Estiveram todos quèdos,
Nenhum ali se movia.
Com temor de uma Senhora,
De quem o Inferno tremia;
Pois vinha com magestade
A Virgem santa Maria,
Para guardar a limpeza

De quem a ella recorria.
Chegando com grande amor,
Onde a Imperatriz jazia,
Disse-lhe d'esta maneira
Com suave melodia:

«Minha Porcina, não temas,
Que nenhum mal te viria;
Eu sou a Madre de Deus;
A quem serves cada dia,
Que te venho soccorrer
Em tão extrema agonia;
Não temas nenhum perigo,
Princeza nobre e mui pia,
Porque Deus será comtigo
Sempre de noite e de dia,
Por muitos bens que fizzeste,
De que elle se servia.
D'esta herva colherás,
Que n'este logar nascia,
Sem levar outra mistura
Mais que sómente agua fria,
Na qual cozida será
Quanto te parecia:
E um unguento farás
De grande prêço e valia,
Com o qual darás saude
A quem a mister havia,
Em nome do Redemptor.
Rei de toda a monarchia.

E estas palavras dizendo
A Virgem ao céo subia,
Os animaes que ali estavam
Nenhum mais apparecia.
A Imperatriz ficou

Mui alegre em demazia,
E dando a Deus as graças,
E á sagrada Maria,
Colheu d'aquella herva tanta,
Quanta mister lhe fazia.
Acabando de colher,
Um navio á vela via,
Capeando-lhe com a mão,
A gente á terra saía,
Mui espantados em vêl-a
Perguntaram que queria?
Ou quem a trouxe ali,
Onde ninguem não vivia?
Respondendo a Imperatriz,
D'esta maneira dizia:

«Que vindo com seu marido
Para Roma sua via,
A grã tormenta do mar
Ali lançado os havie,
E a Náo foi dar á costa
Com a gente que trazia,
E que ella escapara
Sem outra mais companhia:
Quero-vos rogar, irmãos,
Por Deus, e por cortezia,
Me leveis á terra firme,
Que bem vol-o pagaria.

Todos foram mui contentes,
Sem curar de mais porfia,
Como foi posta em terra
Com mui grande alegria,
Foi-se direita ao Castello,
Que de Alberto se dizia,
Pelo nome do Senhor,

Que sempre n'elle vivia,
O qual tinha sua mulher,
A quem elle muito queria,
Doente de sangue fluxo,
Que grã pena padecia.
Não lhe davam cura os Mestres,
Que grande pezar sentia;
A Imperatriz piedosa,
Licença ao marido pedia,
Para curar a mulher,
Que tanto mister havia;
E assim logo entrou dentro
Adonde a mulher jazia,
Untou-lhe todo o seu corpo
Com unguento que trazia,
Pela vontade de Deus
A saude receebia.
Levantou-se logo em pé,
O que d'antes não fazia,
Muito rija e muito inteira,
E com grande melhoria,
Clamando por seu marido,
O qual logo lhe acudia:
Disse-lhe como era sã,
Do gram mal que padecia,
Abraçando a Imperatriz,
Tão leda, que não cabia,
Tomou-lhe tão grande amor
Como a razão o pedia.
Muita gente a vinha vêr,
Espantada do que via;
Que fosse sã tão depressa
Quem tanto mal padecia.
Olhava a Imperatriz
A quem tal bem lhe fazia.
Mui espantados de a vêr

Tão formosa em demasia
Sarar tal enfermidade
Com sua sabedoria.
Elles a isto assistindo,
Um cego apparecia,
E chegando ao Castello,
Que já dito vos havia,
Quiz elle pedir esmola
Assim como antes sohia.
Vendo a Imperatriz,
Movida com a obra pia,
Curou-o em nome do Padre,
Que todas as cousas cria;
Do Filho e do Espirito Santo,
Que d'entre ambos procedia;
A Santissima Trindade
Saude lhe concedia.
Como o cego se viu são,
Com grã prazer se sentia,
Poz-se ante ella de joelhos,
Dando vozes de alegria.
Levantou-o a Imperatriz,
Que tal cousa não queria :

«Irmão, dae graças a Deus,
(Mui humilde lhe vizia),
Que só vos deu a saude
Com a sua sabedoria,
E a infinita bondade,
Que terra e mar enchia.

A fama d'estes milagres,
Pela terra se estendia ;
A Clitaneo os contaram,
E a sua mulher Sophia,
Os quaes foram mui alegres

Pelo que agora diria.
Nathão, aquelle malvado,
Que arriba se dizia,
Que matou a seu sobrinho,
Do que não se arrependia,
Que offendendo tanto aquella
Que nenhum mal merecia,
Depois de ser desterrada
Antes de passar um dia,
Veiu a fazer-se gafo,
Que nenhum remedio havia,
Senão pagar com a morte
No inferno o que devia,
Era tal suá doença,
Que tudo aborrecia,
E ninguem chegava a elle
Tão fortemente fedia.
Acordou pois Clitaneo
(Porque muito lhe doía)
De logo o levar comsigo,
Adonde Alberto vivia,
Pois que era seu parente,
Grande amigo em demasia,
Disse tambem a mulher,
Que com elle ir queria.
Metteram-no em umas andas
Aonde só ir podia.
Partiram todos de casa
Quando a luz apparecia,
Chegaram ao dito Castello
A' meia noite seria,
No qual o parente Alberto
Mui alegre os recebia.
Ao tempo que ali chegaram,
A Imperaratriz dormia,
E não a poderam vêr,

Até que foi bem de dia;
Como foi pela manhã.
A recebel-o saía,
Com aquelle acatamento
Que a humildade devia;
Todos logo a receberam
Com mui grande cortezia,
E quiz nosso Senhor Deus
Que ninguem a conhecia,
O Conde e a Condessa,
Nem a sua companhia.
Todos eram espantados
Do primor que n'ella havia,
Contou Clitaneo então.
A causa que os trazia,
Pela doença do irmão,
Que tal tormento sentia.
Dizendo: — Pois Deus lhe dera
Tal graça e tal valia,
Que lh'o quizesse curar
Como aos outros fazia,
Que se por paga o houvesse,
Quanto quizesse daria.

Respondeu a Imperatriz,
Mui contente do que via,
Para se manifestar
Como sem culpa vivia;
Que fosse onde elle estava,
Porque ella vêr o queria,
Foram com ella as senhoras
Por lhes fazer companhia,
Tambem todos os senhores,
Para vêr o que fazia.
Chegando onde elle estava
Tão fortemente fedia,

Que não podia soffrel-o
Toda a gente que ali ía,
A Imperatriz piedosa,
Com a humildade que havia,
Chegando á sua cama,
D'esta sorte lhe dizia:

«Meu irmão, salve-o Deus,
Que todas as cousas cria;
E vos salve vossa alma,
E ao corpo dê melhoria.
Vós, irmão, quereis ser são?
(Disse-lhe elle que queria.)
Haveis-vos de confessar
Sem cuidar de mais porfia,
Diante d'estes senhores,
Porque assim fazer cumpria:
E se vos não confessaes,
Saude vos não daria
Christo nossso eterno Deus,
Porque d'isto se servia,
Que digaes publicamente
O que a consciencia sentia.

Confessou-se logo á hora
De tudo quanto sabia,
Mas o que mais revelava,
Calava, que não dizia.
Disse-lhe a Imperatriz,
Como quem o entendia:

«Se tudo não confessaes,
Eu curar-vos não podia,
Porque um grave peccado
Que a Deus muito offendia,
Convem que satisfaçaes

A honra que se perdia
D'aquella, que vós sabeis
Quão innocente vivia.

Como isto ouviu Nathão,
Mui fortemente gemia,
Dava tão grandes suspiros
Que a alma se lhe saía,
Como quem do que fizera
Muito se arrependia.
Disse-lhe então o irmão,
Vendo que tanto temia:

—Como, tão grande peccado
Tendes vós na fantazia,
Que o não quereis confessar,
Pois que tanto vos cumpria,
Por haverdes a saude
De quem dar-vol-a podia?

Respondeu logo Nathão:

—«Senhor, não tenho ousadia,
Se vós não me perdoaes,
E vossa mulher Sophia.

Disse elle, era contente,
E ella, que lhe aprazia.
Ouvindo isto Nathão,
Pois tal fazer não podia,
Chorando lagrimas tristes
Com mui grave agonia,
Contou logo todo o caso,
De sua grande falsia:
Como matara o sobrinho
Na camara onde dormia.
Porque ella não quizera,

Fazer o que elle pedia;
E de como a commettera,
E o que ella respondia;
Contou tudo sem deixar
Nada, que assim lhe cumpria.

Como isto ouviu a Condessa,
Em terra se amortecia,
E seu marido Clitaneo
O mesmo tambem fazia.
Depois que tornou em si
A Condessa assim dizia:

—«Oh malvado! quem cuidara
Tua grande hypocrisia,
Porque te déra o castigo,
Que tal traição merecia!
A amiga maior perdi,
Que ninguem nunca perdia,
Minha fiel companheira,
Que a mim tanto me queria.
Não me pesa de meu filho,
Em que a carne o requeria,
Porque como pequenino
Mui pouca mingua fazia;
Mas vós minha senhora,
Que eu matei com ousadia,
Tenho tão grande pesar,
Que a alma se me saía:
Eu não posso perdoar
Aquillo que não sabia;
E se eu lhe dei perdão.
Em muito me arrependia,
Nem meu senhor e marido
Perdoar-lhe tal devia;

Porque, sendo seu irmão,
Lhe fez tão grande falsia.

A prudente Imperatriz
Muitos cousas lhe dizia,
Porém nada aproveitava,
Que tanto a aborrecia.
Até que esta senhora
A todos se descobria,
Dizendo que ella era
Por quem tanto se doía.
Ouvindo isto a Condessa,
Pelo que em ella via
No resplendor do seu rosto,
E na falla a conhecia,
Porque Deus lhe abriu os olhos
De sua sabedoria:
Foi-se c'os braços abertos,
Que parecia sandia,
Aos seus da Imperatriz,
Que outra vez se esmorcia.
Porque tambem isso faz
A mui sobeja alegria.
E seu marido Clitaneo
De contente não cabia,
Perdoára a seu irmão,
Porque ella lh'o pedia;
E logo quiz dar saude
A quem lh'a não merecia,
Untando-lhe todo o corpo,
E as chagas que n'elle havia,
E tambem a sua bocca
D'onde máo cheiro saía.
Em nome de Jesus Christo.
Saude lhe concedia,
Mais são, e mais esforçado

Do que antes ser podia.
Como isto viu Nathão,
Mui contente em demazia,
Foi-se a fazer penitencia.
Onde mais não parecia.
Toda a gente que ali estava,
Tanta honra lhe fazia;
Como se todos souberam
Sua grande senhoria.
Nunca d'ella se apartava
A sua amiga Sophia,
Tambem a mulher de Alberto,
Que em extremo lhe queria.
Vinham de todas as partes
Ali enfermos cada dia,
Aos quaes ella curava,
Sem nenhuma fantazia,
E a todos dava saude,
Porque Deus o permittia.

Como a fama era ligeira,
Por todo o mundo corria.
Disse-se ao Imperador
Que em Roma residia,
O qual foi mui contente,
Quando taes cousas ouvia,
Porque tinha sou irmão,
De que acima dito havia,
Doente em cama, mui gafo,
Que já viver não podia,
Mui peor do que Nathão,
Porque em taes casos fedia;
Sua carne tão malvada
De bichos já se comia;
Ninguem o podia vêr,
Porque logo adoecia

Que tanto era o fedor
Que de seu corpo saía.
Como lhe certificassem
Ser de mui grande valia,
Um Duque manda por ella.
De quem muito se confia,
Dizendo, que lh'a trouxesse
Antes do terceiro dia,
Porque não viesse a morte
A quem tanto lhe doía.
Vendo o Duque seu mandado,
A grã pressa se partia,
Chegando ao dito Castello,
Clitaneo o conhecia:
Logo o foi a receber
Com mui grande cortezia,
Fazendo-lhe aquella honra,
Que tal senhor merecia.
Como tão pouca detença
O Duque fazer cumpria,
Perguntou pela senhora
Que tantas cousas fazia.
Como lhe fosse mostrada,
Grande espanto recebia,
De vêr na sua formusura
Mais que todas quanto via.
Lembrando-lhe a havia visto,
Mas aonde lhe esquecia,
Muito fóra de cuidar,
Que a Imperatriz seria.
A mui nobre Imperatriz,
Que mui bem o conhecia,
Seu rosto maravilhoso
D'elle sempre escondia,
De que causa se assombram
Porque a todos se encobria,

O Duque, sem mais deter-se,
Sua vinda lhe dizia,
Contando-lhe como Albano
Cruel pena padecia ;
E que o Imperador
Lhe rogava e lhe pedia,
Que logo o fosse curar,
Pois tanto mistér o havia,
E que se o désse são,
Que elle lhe promettia,
Fazel a tão grã senhora,
Como ella bem veria,
Foi a Imperatriz contente,
Sem cuidar de mais porfia,
Determinou ir com ella
A sua amada Sophia ;
Tambem a mulher de Albano
Disse que não ficaria,
Assim que ambos os maridos
Lhe fizeram companhia,
Porque tambem desejavam
De ir a Roma em romaria.
Partiram com tanta pressa,
Que chegando ao outro dia
A' grã cidade de Roma,
Quando o sol claro saía,
Era tanta pelas ruas
A gente que a seguia,
Que quando chegaram ao paço
Caber n'elle não podia.
O Imperador Lodonio
Tão alegre a recebia,
Que todos se assombravam
De sua grande alegria.
Foi ella beijar-lhe a mão,
Mas elle o não consentia;

Ia c'o rosto coberto,
Que pouco lhe aparecia.
Como ella se viu diante
De quem mais que a si queria,
Não podia ter-se em pé,
Do grão prazer, que sentia.
O Imperador fez honra
A todos quantos trazia,
Maiormente a Clitaneo,
Por sua grande valia;
Sentou-os todos á mesa,
Com todos juntos comia.
Em quanto durou o comer,
Os seus olhos não desvia
De sua amada mulher,
Que elle reconhecia;
Mas o coração lhe dava
Sobresaltos de alegria.
A prudente Imperatriz
O mesmo tambem fazia.
Acabando de comer
A seu marido dizia:

—Clarissimo Imperador,
Rei de toda a monarchia,
A quem devem sujeição
Todos os que a terra cria;
Eu, como serva menor
De quantos no mundo havia,
Conhecendo o grão pesar
Que tendes em demasia,
Pela doença do irmão,
Que tanto mal padecia,
Venho aqui para o curar
Como quem em Deos confia,
Como elle lhe dará saude

Por sua clemencia pia;
Portanto eu quero vêl-o
Se o Senhor m'o concedia.

O benigno Imperador
Muito lh'o agradecia;
Foram postos muitos cheiros
Na cama d'onde dormia,
Porque de outra maneira
Ninguem lá entrar queria.
Foram todos junctamente,
Que ningnem ficar queria,
A' camara onde estava
Quem tanto mal padecia.
Tinha tão grandes tromentos
Que a alma se lhe saía.
A humilde Imperatriz,
Por fazer o que devia,
A rogos do seu irmão,
A quem tanto amor havia,
Chegando-se á sua cama,
Salvando-o como sohia,
A fazer que o curava,
Como quem seu mal sentia:
Albano lhe torna graças,
Muito alegre em demasia,
Disse-lhe a Imperatriz
Com mui grande cortezia:

«Convém de se confessar
Logo vossa senhoria,
Diante do Imperador,
Esta nobre companhia,
De todos os seus peccados,
Que contra Deus commettia,

Se um só ficar por dizer,
Saral-o não me atrevia,

Respondeu logo Albano,
Como quem já se temia:
Que elle os seus peccados
Ao Sacerdote os dizia,
E que de outra maneira
Confessar-se não podia.

«Será logo por demais,
(A Imperatriz dizia.)
Minha vinda a este logar,
Pois nada aproveitaria.
O Imperador agastado,
A seu irmão respondia:

—Quem agora vos curasse,
Tam grã milagre fazia,
Como resurgir um morto,
Que já come a terra fria;
E pois por tal vos contamos,
Porque vos falta ousadia
De dizer vossos peccados
Ante esta tal companhia?
Dizei-nos, por Deus, irmão,
Não cuideis de mais porfia,
Se vós não confessaes,
Grã pesar receberia.

Disse-lhe então Albano:
Que pois isto elle queria,
Que logo lhe perdoasse
Um grã mal, que feito havia;
O qual era de tal sorte
Que perdão não merecia,

E se lhe não perdoava
Que se não confessaria.
Respondeu-lhe o Imperador:
Que mil lhe perdoaria,
E pois era seu irmão,
Porque d'elle se temia?
Respondeu então Albano,
Com grã pezar, que sentia:

=Bem sei que sereis lembrado
D'aquelle tam triste dia,
Quando d'aqui vos partistes
Para ir á romaria?
Por Governador deixastes,
Como a razão pedia,
A mim e á Imperatriz,
Que eu matei com grã falsia

Contou-lhe todo o successo,
Porque nada lhe mentia
Ouvindo o Imperador
Bem vereis o que diria:

—Piedoso Jesus Christo,
Eterna sabedoria,
Tam altos são teus mysterios
Que ningnem os entendia:
Quem cuidara que um irmão
Tão grã traição me faria?
Eu fui mui pouco discreto,
Pois fiz o que não devia,
Sem primeiro me informar
De quem o caso sabia.
Oh minha amada mulher,
Claro sol, e luz do dia,
Minha saborosa lembrança,

Espelho em que me via!
Como partistes queixosa
De uma tão penosa via
De mim mais, que do cunhado,
Porque eu o merecia
Em vos matar tão sem culpa,
Sem olhar o que fazia.
Porque devera olhar
O que por razão seria,
Que quem tem fiel amor,
Nunca mudar se podia.
Pelejem os elementos,
E abra-se a terra fria,
Para que consumma em si
Quem tanto a Deus offendia?
Escureça o sol e a lua
Que todo a mundo alumia,
Porque ajudem a meu pranto,
Como a razão o pedia.

Estas palavras dizendo,
Com a dôr amortecia,
Era por morto julgado
Da gente que assim o via.
Vem logo todos os Mestres,
Cada um como podia,
Os quaes sabendo a verdade.
Com muita grande agonia,
Tantas cousas lhe fizeram
Com sua sabedoria,
Até que em si o tornaram,
Como de antes sohia.
Não quiz mais a Imperatriz
Encobrir o que sentia,
Descobriu seu lindo rosto,
E a seu marido dizia;

«Oh meu bem, tam desejado,
Minha doce companhia,
Eu sou a que com razão
Devo de ter alegria;
Pois Deus me deixou ver-vos
Como sempre lhe pedia:
Se agora viesse a morte
Mui leda a receberia;
Eu sou a vossa mulher
Filha do grão Rei de Hungria,
Que vós mandastes matar,
Pelo que não merecia:
Quiz-me guardar Jesus Christo
E a Virgem santa Maria,
Por guardar fidelidade
A quem tanto me queria,

Poz-se ante elle de joelhos
Ainda que o não merecia,
Por força lhe beija as mãos,
Mas elle o não consentia:
Antes quando a conheceu
Tão grã prazer recebia,
Que abraçando-a docemente
Todo o sentido perdia.
Não ha ninguem que escreva
O que cada um dizia,
Nem papel onde caber
O que escrever se podia.
Em extremo se assombraram
Clitaneo e mais Sophia,
Vendo a Imperatriz
De tão grande Senhoria,
Aquella que em sua casa,
Como escrava os servia;
Que mandaram desterrar

Por culpa que não havia,
Temendo-se que agora
Algum grã mal lhes viria
As mãos postas, de joelhos,
Mui tristes em demasia,
Chorando pedem perdão,
Que logo lh'o concedia,
Fazendo-os levantar
Com mui grande cortezia;
A ambos os dois abraçou,
Chorando com alegria,
Contando ao Imperador
O muito que lhes devia.
Que se por elles não fôra,
Sua honra se perdia;
E do granede agasalhado
Que cada um lhe fazia,
E que a vida e a honra
A elles ambos devia.

O Imperador mui ledo,
Quando estas cousas ouvia,
A Deus dava muitas graças
E á Virgem santa Maria,
Promettendo a Clitaneo
Que elle lh'o pagaria,
Com fazel-o grão Senhor
De todos quantos havia.
Tomou a Imperatriz,
A sua amada Sophia.
Por sua camareira mór
Pelo bem que lhe queria,
Tudo quanto ella mandava
No imperio se fazia;
Determinou o Imperador
Por fazer o que devia

Queimar o seu irmão vivo
Doente como jazia,
Dizendo: — Que mais merece
Quem tal traição commettia? —
A Imperatriz piedosa
De joelhos lhe pedia,
Lhe quizesse dar a vida,
Ainda que, não merecia,
Dizendo que bem bastava
A pena que padecia.
Outorgou o Imperador,
Porque mui chorosa a via,
Porque a sua nobreza,
A muito mais se estendia.
Levantou-se d'onde estava
A que n'elle se veria,
E se foi deitar á cama
Em que morrendo vivia.
E untando-o com ungento
A saude recebia:
Ficou muito forte e disposto,
O qual d'antes não fazia;
Conheceu o Imperador
Sua virtude e valia,
Que era ainda muito mais
Do que elle cuidar podia.
Seu irmão, por nome Albano,
Que muito se arrependia,
Fez mui grande penitencia,
Porque bem se arrependia.
O Imperador Lodonio,
Mandou fazer cada dia
Muitas grandes procissões
A Deos e santa Maria,
Dando-lhe infinitas graças
Pelos bens que lhe fazia.

Fizeram por toda a Roma
Muitas festas de alegria,
Os pobres se alegravam,
E toda a gente dizia:
Viva a nossa Imperatriz,
Que tanto bem nos fazia!
Iam-na todos a vêr,
Como vem á romaria,
A todos benignamente
A Senhora recebia,
Fazendo-lhes mais esmolas,
Do que ella d'antes fazia.
O Imperador Lodonio
Tambem com vontade pia,
Fazia uns grandes bens.
A todos que bem fazia;
Foram bem aventurados,
Segundo a historia dizia.

(*Fl. volante* de 1860)

Dr. GASPAR FRUCTUOSO

Romance que se fez d'algumas magoas e perdas que causou o tremor de Villa Franca do Campo—em 1522.

Em Villa Franca do Campo
Que de nobre procedia,
Na ilha de S. Miguel,
A quantas villas havia,
Era de mil e quinhentos
E vinte e dois, que corria,
Vinte e dois dias de outubro,
Quarto de lua seria:
Era uma quarta-feira
Quarta-feira triste dia,

E em a noite mais serena
Que o céo fazer podia,
Inda que corre Levante
Nada d'elle se sentia;
Não corre bafo de vento,
Nem folha d'arvore bolia,
Estrellado estava o céo,
Nuvem não o escorecia,
Ante-manhã duas horas
Inda não amanhecia,
Começou tremer a terra,
Mais que outras vezes tremia,
E a dar fortes balanços
Parecendo marezia:
Não treme de baixo a cima,
Mas para os lados tremia;
Nem abre bocca nenhuma
O espirito que isso fazia;
Sacudiu sómente a terra
Dos lados em que feria.
Sacode a terra dos hombros,
Com o pezo que sentia
O gram gigante Almoural
Que deitado ali jazia.
Movem-se todas as cousas
Quanto seu corpo movia;
Estrondo que faz a terra
Roncos são do que dormia,
Que de ser velho cansado
Ronca quando adormecia.
Correu a terra de um monte
Que d'alta serra pendia.
E com impeto furioso
Sobre a villa se estendia,
Ali começa a dar gritos
A gente que se affligia,

D'elles chamaram por Deus,
D'elles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum d'elles parecia,
Que correu d'aquella terra
Que sobre a villa jazia,
Essa gente que escapara
Como pasmada morria;
Outra que viva ficava,
Vivendo assi não vivia.
Aqui chega Frei Affonso.
E com a tocha que trazia
Da ordem de San Domingos
De Toledo reluzia,
Esse padre glorioso
Que da gloria parecia.
Para consolar o povo
Assim fallava e dizia:

—Confessae-vos, irmãos meus,
Em quanto vos dura o dia,
Resae todos o rosario
Da Virgem santa Maria;
Edificae-lhe uma casa,
Indo a ella em romaria,
Tomae-a por valedora,
Que ella por vós rogaria
Tende n'ella confiança,
Que certo vos valeria.

Não acaba de fallar
Quando a casa se fazia,
Uns acarretam pedra,
Outros madeira á porfia
Trabalham môços e velhos,
Pessôas de gram valia,

Até as nobres mulheres
Serviam sem fantazia;
Trazem têlha dos telhados
Que no arrabalde havia,
Como formigas ligeiras,
Andam a quem mais faria;
Tanto que em poucos dias
A Ermida já servia,
Já celebram missa n'ella,
Já lá vão em romaria.
O Capitão Ruy Gonçalves
Que da Camara se dizia,
Como soube em sua quinta
D'esta terra que corria,
Manda sellar seu cavallo,
A' espora-fita corria,
Por soccorrer o seu povo
Que estava n'esta agonia.
E chegando a Villa Franca
Do Campo, campo só via,
Campo em que estivera Troya
Que soberda ser soia,
De mui populosas casas
Nem uma só apparecia,
Seus paços postos por terra,
Terra que n'elles cobria,
Com seu filho e duas filhas
A que elle muito queria,
Tambem um filho bastardo
Que não tinha bastardia,
A uma sua irmã
Chamada dona Melicia.
Dissimulada sua dor,
Ainda que muito a sentia,
Seus olhos se arrazam d'agua
Por mais que elle se encobria,

Com coração esforçado
De senhor de gram valia,
Esforça todo seu povo
Que de pasmo falecia.
Manda logo cavar gente
Onde antes estar soía
O Santissimo Sacramento,
Cuidando que se acharia,
Vendo quando Deus nos ama,
Quam grande bem nos queria,
Que querendo dar castigo
Sobre si o tomaria,
Em todos nossos trabalhos
Companhia nos faria;
Dos açoutes que nos dava
Tambem participaria,
Sendo uma vez sepultado,
Outra se sepultaria;
Por estranhar nossas culpas
A si mesmo enterraria;
Mas tão mal cheiravam ellas
Que Deus d'ali se desvia,
Pois que cavando a gram pressa
Ali já não apparecia.
A arca acham no Altar
Mas sem elle, estava vasia:
Não sabem se foi ao céo,
Se na terra ficaria
N'algum sacrario mettido,
Para o qual se mudaria.
Alguns signaes viram d'isto
A gente que ali acudia,
Vendo d'aquelle logar
Uma nuvem que subia,
Ouvindo muitos cantares
De suave melodia,

Suspeitando ser dos anjos,
Alguma gram companhia
Que da terra para os céos
A Deos acompanharia;
Ou por mãos angelicaes
N'outra Villa se poria:
Mas quando não foi achado,
Um grande grito se erguia,
D'aquella grande campanha,
Que misericordia pedia;
Vendo uma tal maravilha
Com gritos ninguem se ouvia
D'aquelle povo tão triste
Quem então não gritaria?
Batendo todos nos peitos,
Quem peitos não quebraria?
Em tempo de tanta angustia
Pois d'elles seu Deus fugia.
Para lhe pedir remedio
N'aquella triste agonia,
Já não sentem perder nada
Só não vêr Deus se sentia.
Este castigo mais choram,
Este só mais lhe doía,
Vendo apartar-se Deus d'elles
Quem não esmoreceria?
Depois cavam em outras partes
Por vêr se alguem vivia,
Acham mortos pelas ruas,
Que a terra afogado havia,
Outros acham em seus leitos
Sem temor do que viria,
Cuidando dormir de noite
Mas tambem dormem de dia,
Somno de uma noute só
Para sempre duraria.

Alguns vivos se acharam
Pouco numero seria,
Mas quem quer que os vira vivos
Por mortos os julgaria:
Tinham todos côr da terra
Que toda a Villa cobria:
Mas não cobre uma criança
Que só tres annos havia,
A qual achara folgando
Sobre a taboa em que jazia.
Nove dias são passados
Depois de morta a alegria.
Quando com gram diligencia
A gente cavando ia.
Causa de grande tremor
Quem contar o ousaria,
Indo o povo em procissão
Que com chôro se fazia.
Ouvida foi uma voz,
D'outro mundo parecia,
Mui fraco vem o tom d'ella
Porque do centro saía.
Muitos ouvem o som confuso,
Mas ninguem o entendia;
Ali vem o Capitão
Que a tudo sempre acudia:
Manda cavar a gram pressa
Aonde aquelle tom se ouvia,
Entendendo que era gente,
Que soterrada gemia.
Depois de muito cavar
Uma trave se descobria,
Com a ponta para o chão
Que encostada assi jazia;
Fazem logo uma abertura
Em um vão que ali havia,

Vão era que fôra logea
Onde sobrado caia.
Sáem por ella trez vivos,
Mortos cada um parecia,
Com as mãos alevantadas
Como cada um saía,
Joelhos postos no chão
A seu Deus graça rendia,
Pelo livrar de tal morte,
Que, vivendo, ali soffria;
Onde estavam mais confusos
Não sabendo o que seria,
Se era toda a gente morta
Ou se o mundo se fundia:
Não sabem quando amanhece
Se o gallo lh'o não dizia,
Que cantava a horas certas,
Que sempre cantar soía;
Mantinham-se de biscouto
Que para viagem havia,
Que quériam navegar
Para onde a sol saía;
Onde tinham sua terra
Mas a terra lh'o impedia,
Que correndo aquella noute
Ali todos os prendia;
Bebem agua, que do lodo
Gota a gota lhe caía,
E tambem de uma fundagem
Que vinagre se fazia:
Assaz de morte passava
Quem escuro ali vivia,
Contava isto chorando,
Com chôro o povo os ouvia,
Tantas lagrimas choravam
Que a terra se humedecia,

Já não choram seus parentes
Mortos, que terra cobria;
Muito mais choravam os vivos
Que mais morre o que vivia,
Não choram amigos mortos
Nada d'isto lhes doía;
Pois sabem que tarde ou cedo
Qualquer dos vivos morreria,
Choram não saber a morte
Em que estado os tomaria;
E mais choram em si mesmos
Pelo quê ainda se temia,
Choram seus proprios peccados
De que o castigo nascia;
Que quem planta culpas graves
Graves castigos colhia.
Era tudo ali um grito
Que ao cêo empyreo subia:
Pedem misericordia á Deus
Cada um assim dizia:
«Senhor Deus, misericordia,
Que eu, meu Deos, não merecia.

Tambem tiraram um morto
Que entre elles jazia,
Que faleceu ás escuras
Entre a viva companhia,
A quem dava gram trabalho
Pelo muito que fedia,
O qual depois de enterrado
Como a outros se fazia:
Vão todos em procissão
A uma Ermida que havia,
Da Virgem Santa Catharina
Que de parochia servia;
Dão todas graças a Deus

Como cada um podia,
Pelos livrar da prisão
Da terra que os cobria:
Cinco mil foram os mortos
Que em toda a Ilha haveria,
Por que affirmam os antigos
Tantos morreram em tal dia:
Outros contam n'esta conta
Os que a peste feria,
Logo nos annos seguintes
Em que entre os vivos ardia:
O que parece mais certo,
Que então tantos não havia,
Alguns morreram nos logares
Debaixo da casaria,
Que com o tremor de terra
Em todas partes caía:
Morreram religiosos,
Morreu muita cleregia;
Morre muita gente nobre,
Que em toda a Ilha vivia,
Qualquer rico e poderoso
Sem as riquezas partia;
Que por ventura ficava
A quem não lhe agradecia
Cuidando gosal-a muito
No melhor se despedia;
Não a logrou muitos annos
Nem jámais as lograria,
Se fez algum bem com ella
Isto só lhe valeria.
Morreram altos e baixos
Sem lhe valer fidalguia,
Morreram grandes, pequenos,
Todos a morte offendia:
Mas mais morrem em Villa Franca

Onde mais povo havia,
Quasi todos ali morrem
Senão algum que fugia;
Mas são poucos os que fogem
Porque cada um dormia,
Poucos são os que escaparam
Debaixo da terra fria:
E alguns no arrabalde
Além da agua que corria;
Outros escapam nas quintas,
Porque Deus assim queria.
Cuidando ser acabado
O mal que mais não seria,
As nove horas são passadas
Depois que já o sol saía.
E eis torna a tremer a terra
Mais que d'antes parecia,
Corre na ponta da Garça
E na Maia o mesmo dia;
Terra que matou a muitos
D'este numero e quantia,
Contando môços pequenos
De que contar não sabia;
Lembra-me de dôres grandes,
Das pequenas me esquecia,
Onde houve magoas sem conto
Quem contar as poderia!

ANONYMO

Satira da Perda da Nacionalidade portugueza (1580)

Arre! arre, para traz,
asno do Luso cuitado! [1]

Variantes da edição de 1868.

[1] Asno *de* luso...

olha que a ser despenhadõ
caminhas por d'onde vás. [1]

Se de uma parte arrochadas
de arreeiros te encaminham,
os que a soccorrer-te vinham
querem fazel-o a panquadas. [2]

Zurra sobre mal tamanho,
asno, pois quiz teu pequado,
que pera tão triste estado
viesses a dono extranho.

Chora sobre o mal presente
os bens que passados sam;
já fostes asno de Balam,
oje es burro de Vicente.

Vende-te o cura da egreja, [3]
grande trabalho te vejo!
a moleiro d'Alemtejo
não quiz vender-te d'inveja. [4]

Tambem comprar-te queria, [5]
e assaz te fôra melhor,
o nosso honrado Prior,
tudo foi valhaquaria.

Emquanto Antão, o das botas,
por seu te tinha em poder,

1 Caminhas por *onde*...
2 Querem faxel-o a *pedradas*.
3 *Deixou-te* o cura da igreja.
4 Não quiz *deixar-te* de enveja.
5 Tambem *levar-te* queria

não sohias tu trazer
tanta carga sobre as costas. [1]

Sempre á gineta vestido,
ferrado de prata e ouro,
Tejo, Guadiana e Douro
te davam pasto escolhido.

Do Ganges, Nilo e Indo
as claras aguas bebias,
com que envejado te vias
dos moradores do Pindo.

Quando o inverno mesquinho
en tão mao caminharia
pelo lodo se metia
por te dar o bom caminho.

Mas agora o que te guia [2]
esse Gil das calsas brancas,
poz-te catorze nas ancas
e manda c'um açoute a viã. [3]

Fez barata a compra injusta,
por isso te desestima,
porque emfim tudo se estima
segundo o prèço que custa. [4]

---

1 Quando o Antão das botas largas
por teu se tinha em poder,
não sohias tu trazer
sobre as costas tantas cargas.

2 Mas agora que te guia
este Gil...

3 *E co'a espora manda* a via.

4 Porque *tudo emfim* se estima
conforme ao p reço que custa.

Sem dar logar que respirem, [1]
gritam e não se envergonham,
todos que cargas te pônham, [2]
nenhuns que carga te tirem.

N'esta confusão amarga,
os arreeiros que podem
todos a tanger-te accodem,
mas nenhum á sobrecarga.

E ao retorteiro te trazem
com albarda e sem cabresto,
sómente metem o resto [3]
nas affrontas que te fazem,

Sempre em tuas mataduras,
tuas tristes carnes rotas
alveitares idiotas
experimentam novas curas.

De sorte, asno, te vêjo,
hei tal lastima de ti
pelo estado em que te vi,
que de vêr-te tenho pêjo.

Entregue a rapazes loucos
que te guiam por abrolhos,
tantos a tapar-te os olhos,
a destapar-t'os tão poucos!

Pelo dono que te deram
verás tuas perdições,

1 Sem logar a que respirem
2 Todos que *a carga* te ponham,
3 *Só metem todos seu* resto

filho de quatro nações
que nunqua bem se avieram.

Já com teu senhor passado
sobre ti em pleito andou;
agora que te comprou
has de pagar o fiado.

Aos que foram n'esta venda
Já hoje o tempo lhe ensina
quem sem tempo determina [1]
ante tempo se arrependa.

Mas por divertir-te a dor
do mal que em ti considero,
outros males chorar quero:
zurra tu por teu senhor.

E vós, Tagides, que ouvis
o som de males tão tristes,
chorae do bem que já vistes [2]
as lembranças que sentis.

Chorae do passado abril
as seccas flores que vêdes,
em as desertas paredes
effeitos de sorte vil. [3]

E tu, patrio Tejo ameno,

---

1 Quem *seu* tempo determina
2 Chorai dos *bons* que já vistes.
3 Chorai o passado bem
Pelo mal que entre vós arde;
Mas ai! que chorais já tarde,
Oh filhas de Jerusalem.

revolve tuas claras aguas,
que é justo que em tantas maguas
não corras claro e sereno.

Bem vès que o cham que regaste
fertilisado comtigo,
affrontado como emigo [1]
mil vezes o experimentaste.

E os pastores do teu prado
andam, perdida a esperança,
já de mudança em mudança,
já de cuidado em cuidado, [2]

O pão no campo frescais
fructo de suor alheio
comem sem nenhum receio
corvos, gralhas e pardaes. [3]

Estam de gritar já mudos
e sem animo os espritos,
Que pouco aproveitam gritos
d'onde os ouvidos são surdos. [4]

Já entre nós vivem só
os Maquabeos e prophetas, [5]

---

1 *Affrontal-o* como imigo.
2 (*N. B.* Esta estrophe acha-se cinco estrophes abaixo.)
3 Brada-lhes Mingo, o do saio,
Cisfranco, o do saio, brada
Não dão por seus brados nada,
Nem poupam pão para maio.
4 Mudos de gritar estam
Desanimados espritos,
De vêr que não valem gritos
Se os ouvidos surdos são.
5 *D'Acab os falsos* prophetas

já não derribam trombetas
os muros de J-riquó;

Que o som do metal covarde
abate a todos os mais, [1]
e sam suas forças taes
que n'elle o fogo não arde. [2]

N'este estado e perdiçam
podes crêr que podem já
mais que a lança de Joáb
os cabellos de Abselam.

No grão Pinheiro das falhas
se sentam já por demais [3]
por baixo as ave reais,
por cima côrvos e gralhas.

Os rafeiros que o rebanho
guardavam de nossos gados,
todos andam tresmontados, [4]
metidos no mato extranho.

Porque os que mil vezes d'elle
a preza e lobo trouxeram,
da carne nada lhe deram,
deixam-lhe os ossos sem pelle. [5]

Mas já dos lobos guerreiros [6]
fica sendo mal singelo;

1 *Abateu* todos os mais
2 Na edição de 1868 entra aqui a estrophe: Os Pastores, etc.
3 Já se assentam deseguaes.
4 *Andam todos* transmontados
5 *Deixaram-lhe* os ossos sem pelle
6 Mas *ai* dos lobos guerreiros.

porque cobras de capêllo
bebem sangue de cordeiros.

Já não ha cachôrros velhos,
os d'aquella antiga raça,
e assy se vamos á caça [1]
os cães fogem dos coelhos.

Os galgos que entam corriam
as lebres em terra extranha,
oh que vergonha tamanha!
já das lebres se desviam.

Já fementidos e imbeles [2]
andam como desmudados,
e de sorte desmandados
que as lebres correm traz d'elles.

Buscavam então grão Pastor,
o pastor pera seu gado;
agora busca o creado
pelo gado a seu senhor.

A branca lã que uma vez
tusquiada tira a ronha, [3]
agora como peçonha
quada mez lhe tiram dez.

Que o que virtude entam
por mézinha exercitava,

1 *Já quando imos* á caça
2 *Affeminados*, imbelles
Andam como *desmaiados*
E de sorte *os vêem torbados*
3 Tosquiada *tinha* ronha

oje da cobiça escrava
fiqua servo d'ambiçam. [1]

Mizericordia e cobiça
assentaram tal concordia,
que a falsa misericordia
tem desterrada a justiça.

O que tudo o mundo dana [2]
tem posto em trono cruel,
contra a voz de Daniel
os juizes de Suzana.

E assentara n'esta feira [3]
cousa que mais desatina,
muitas guitarras sem prima
mas nenhuma sem terceira.

Porque publiqua o escrito [4]
verdades que o tempo sonha,
quem d'ouvil-as se envergonha
o desterram para o Egypto.

Chumbados exteriores
firmam só capacidades;
publicas severidades
tem por verdadas maiores. [5]

Porque reprovo não medro
com minhas verdades mudas,

---

1 Fica *cabo* da ambiçam.
2 *Quem* tudo *ao* mundo dana
3 *Já se tangem* n'esta feira
4 Porque publica *o esprito*
Cousa que mais *desanima*
5 Tem por *virtudes* maiores

vêr que dam a bolsa a Judas
do thesouro de San Pedro.

Todo o remedio é incerto
em tão differentes pragas,
pois dão por remedio ás chagas [1]
Aman, de chagas coberto. [2]

Mas já que o tempo passou
figura d'este presente,
no qual o vaso do Oriente [3]
a voz do santo escuitou;

Mudo sentimento só
opprima o coração triste [4]
de vêr que Isaú insiste
em perseguir a Jacob.

MOTE

Dona velha relha,
saí d'essa quèlha;
não sobes escada
que não digas upa!
sujaste na roupa,
fedes-me ao mijado,
é pôdre o calçado,
porque sondes velha;
saí d'essa quelha,
dona velha relha.

1 Pois dam por *medico* as chagas
2 *Na a mão* de chagas coberto.
3 No qual o *vasto* Oriente
4 *Primor e* coração triste
Pois vejo que Esaú insiste

Já tivestes dentes,
agora gingivas,
covas de formigas,
olhos de vidraça,
nariz de cabaça,
porque sondes velha:
saí d'essa quelha.

Já fostes colchão,
agora almadraque;
môça, gentil dama,
lindo estouraque,
deu-vos por combate
que saiaes da quelha,
dona velha relha.

Já tendes recado
d'aquelle estudante,
que era, sem peccado,
sugeito bargante;
deu-vos por combate
que saiaes da quelha,
dona velha relha.

Aos Governadores do Reino

Trás um mal outros maiores
vêm sobre ti, Portugal;
hontem coberto de cal,
agora de semsabores.

Tantos annos de Marquez
que te quiz tirar a pelle;
e por te livrarem d'elle
te fazem jogo de tres.

Um, sombrio e resoluto,
outro, nunca experimentado,
outro, que só tem cuidado
de acquirir, é astuto.

Todos tres de mão commum
darão comtigo através;
se dois e um fazem tres,
estes tres não fazem um.

Um, nos conselhos moderno,
outro, altivo e temeroso,
outro, astuto e cobiçoso,
como farão bom governo?

D'este erro e d'este damno
a culpa não tem Castella;
mas a culpa é de quem n'ella
a suborna com engano.

Ministros mal informados
por respeito e affeições,
com erradas eleições
deixam tantos aggregados.

Deus accuda a este enleio,
em que os nescios não rezavam,
pois tantos ternos ficavam
differentes do que vejo.

Aos Governadores de Portugal

MOTE

Fugir, que quer o céo cahir.

GLOSA

Que venha um pastor melado
per tão illicitos meios,
reger vassallos alheios
das ovelhas descuidado,
e que nos seja forçado
crêr no Messias por vir,
fugir, que quer o céo cair.

E que outro, impertinente,
buscando traças e vias,
dê passagem a cortesias
que admire toda a gente,
e que venha de repente
governar sem nos servir,
fugir, fugir...

E que venha outro engelhado,
já por não servir disposto,
governar-nos em agosto,
sem estar assezoado,
estando prophetisado,
que monstros hade parir,
fugir, fugir...

Jogando o jogo de tres,
havendo os dois a massada,
é cousa averiguada
que até ao extremo o fez;
guardar de talho e revés;
porque nos hade ferir,
fugir, fugir...

Que não sei de que me espanto
Vendo tanto desatino;

que quando o rei é menino
está todo o reino em pranto;
choremos por entretanto,
já que não podemos rir,
fugir, que quer o céo caír,

Folia

Com que os Portuguezes, que se achavam na Côrte, vão beijar a mão a S. Magestade e dar lhe as graças pola Mercê que faz ao Reino, e se reformar o Conselho.

MOTE

Vossa magestade
viva muitos annos,
pela liberdade
dos seus lusitanos.

Livre já de enganos
em dourada edade,
vossa magestade
viva muitos annos:
com pouca sciencia,
sem experiencia
governavam tudo,
nem ao ponto crudo
preveniam damnos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Governavam guerra,
que elles nunca viram,
porque não saíram
por mar nem por terra;
nem este êrro encerra

a causa dos damnos:
vossa magestade
viva muitos annos.

Na India deixaram
entrar Hollandezes,
que os bons portuguezes
com sangue ganharam:
Ormuz entregaram
aos persianos;
vossa magestade
viva muitos annos.

E em taes desvarios
as armadas mandam,
que perguntam se andam
de noite os navios;
d'aqui vem os brios
aos lutheranos;
vossa magestade
viva muitos annos,

Poderosa armada,
gran casa real
tinha Portugal,
hoje não tem nada!
a renda é sobrada,
váe-se polos canos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Todos tem commendas,
todos tem thesouro,
estão cheios d'ouro
com grossas fazendas;
elles tantas rendas,

nós com tantos damnos!
vossa magestade
viva muitos annos.

Pera seus creados
querem os officios,
e os beneficios
para apaniguados;
aos pobres soldados
alvarás de enganos!
vossa magestade
viva muitos annos.

Tudo quanto viam
tudo cubiçavam,
pensões que vagavam
em si as proviam;
para isto fingiam
traças e enganos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Mandam ás armadas,
que em Ferrol estão
se estão ancoradas,
que logo se vão,
a perder-se então
os nobres Passanos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Ao Duque de villa Hermosa, Presidente

Um é Presidente,
homem de encher mão,
nunca diz que não

e a toda a gente,
então é que mente,
fazendo afanos;
vossa majestade
viva muitos annos.

Motta

Outro gram sagaz,
tão sorrateirão;
que, se ri primeiro,
então nada faz.
é lobo voraz,
com muitos enganos;
vossa magestade
viva muitos annos.

D. João de Bragança

Bispo, não vae lá,
nem fará lá mingua;
este, não tem lingua
nem boa nem má;
mui bem creará
bracos e alanos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Desculpa-se o intento
de alguns èrros seus,
que lhe não deu Deus
mais entendimento,
olhos soberanos;

vossa magestade
viva muitos annos.

Canc. geral., Ediç. Barata, pag. 227 a 234.

Contra o Conselho da Regencia

Ao arcebispo D. Miguel de Castro

Inda que clamores
São tempos perdidos,
Pois crescem as dores,
Crescem os gemidos;

Ouve-me primeiro,
Parvo sem sabor,
Mais para cordeiro
Que para pastor.

Não governa o gado
Só cajado torto;
Piloto arcado
Perde a náo no porto.

Quem nada desata
Como póde atar?
Quem não se precata,
Hão-n'o de enganar.

Está o mór perigo
Na mais linda estrada,
O fingido amigo
Trama mór cilada.

Por bem ninguem cuide
Que á malicia escapa:

Que faz da virtude
Sua melhor capa.

Mais cresce a ortiga
Se boa sombra cobre;
Fazem muito liga
Tambem d'ouro e cobre.

Foge do Terreiro,
Vae para o teu gado:
Todo o companheiro
Te traz enganado.

Ao conde de Portalegre

Ninguem se defende
Com gente inimiga;
Amor não se vende,
Nem se elle obriga.

Corações grangea,
Se queres firmeza;
Cantando, a serèa
Vence a natureza.

Ao cabo não venhas
Com dasesperados,
Não temem resenhas
Os determinados.

Não fies verdade
De quem t'a vendeu,
Quem deu liberdade
A vergonha deu.

Por desconfiança
Se perde o fiel,
Pela confiança
Se ganha o rebel.

Podes-te fiar
Dos que tens na terra,
Que o assegurar
Não está na guerra.

Olha o que perdeu
Esta pobre gente;
Rei que conheceu
Pae de innocente.

Poe n'esta balança
Este amor passado;
Ajuda o que cança,
Levanta o pezado.

Faze capitaens
Dos que tens captivos,
Que inda acharás vivos
Muitos Scipiaens..

Toma meu conselho
Com tempo, senhor,
Que de longe o espelho
Dá mais resplendor.

Menos dóe a chaga
Que se viu primeiro;
O remedio estraga
Se vem derradeiro.

Ao conde de Santa Cruz

Parvo do conselho,
E' gram parvoice,
Seja parvo em velho
Quem na meninice.

Segue teu conselheiro,
Não cáias no chão,
Não dês no atoleiro,
Asno de Balaão.

Só o de Balaão
Lêmos que fallou:
Deu sua razão,
Mas asno ficou.

Por dentro reluz
Todo em pedraria;
Deu, e trouxe a cruz
D'uma romaria.

Vá-se bugiar
Todo o entendimento,
Que onde ha que dar
Tudo o mais é vento.

—3—

Ao conde de Sabugal

Benze-te de ti
Como mór imigo;
Tem perto o perigo
Quem o está de si.

Quem cuida que sabe
Mais que todos, tudo,
Nem porque se gabe
Fica menos rudo.

Quem não confessar
Que a si é suspeito,
Não póde julgar
Os outros direito.

Ninguem te comdemna
Por peior que seja,
Faz sobeja a pena
Affeição sobeja.

A todos desama
Quem só ama a si;
Quem tem sècca a rama,
Secco tem o fructo hi.

Guerra e bolsa aberta
Conquistam cidades,
Amor não concerta
Com auctoridades.

Não promettas muito
Com damno alheio,
Que é peçonha o fructo
Que vem por tal meio.

Vae pela estrada,
Deixa encrusilhadas;
Não tomes pousada
Com almas damnadas.

Não faço thesouro
O rico do pobre:
Que val mais o ouro
Que tem menos cobre.

Não sejas amigo
Pera fazer mal;
Não fies do imigo
Quando foi mortal.

Nunca bom concerto
Se fez com diabo:
Dá por bem incerto
Mal certo no cabo.

É de peitos vis
Ter odio e rancor;
Não é de juiz
Ser accusador.

Seja teu imigo
Por outrem julgado,
Nunca no castigo
Sejas apressado.

O que nunca abranda
Tem certo estalar:
Muito menos anda
Quem quer muito andar.

Melhor sobe ao monte
Quem mais o rodea;
Bebe em tua fonte,
Correr deixa a alhèa.

O reino diviso
Não póde durar,
Nem odio deciso
Com riso soldar.

A braços não venhas
Com teus deseguaes,
Não te desavenhas
Com quem póde mais.

Quem mais val mais póde,
Guarda desvalido:
Que até o que lhe acode
Se vê perseguido.

A Miguel de Moura

Quem mais de si cuida
Tem menos razão;
Fortuna tão muda
A má geração.

Nunca de francêlho
Se fez gavião,
Nem mão do artelho,
Nem rei de villão.

Contra natureza
Sobe o que é pezado;
Não diz bem alteza
Com villão chumbado.

Quem pôe toda a honra
Em tirar a alhêa,
Muito mais deshonra
Para si grangea.

Quem ha que se espante
Do que a sorte faz!
Quantos põe diante,
Feitos para traz.

Veste-te do teu,
Deixa o trajo alheio;
Quem feio nasceu
Com tudo é mais feio.

Se a gente te estima
Em mais do que és,
Não vejas de cima
Aos que abaixo vês.

Quem por sorte medra,
Vá manso no carro;
Não se faça pedra
Quem sabe que é barro.

Grandes monstros vemos
N'esta nossa edade,
Mas tudo deixemos
Para a *Puridade* (1).

(1) A. Pimentel, *A Muza das Revoluções*, p. 73 a

D. THOMAZ DE NORONHA

A um Cavalleiro de Ceuta ridiculo, que chamavam D. Urrasco, saindo a campo:

Uma sexta feira á tarde,
Vespera de Santo Amaro,
A jogar canas saíu
Vestido á gineta Urrasco;
Vae em rocim, que mal vae
Por ir de fome tão magro,
Que sem confissão passára
Buracos de San Thiago.
Por esporas leva dois prégos,
Com que picava o cavallo,
A quem rodas de navalhas
Não fariam dar um passo;
Calçados uns borguezins,
Que por qualquer parte calçam,
E postoque ia calçado
Jurava que ia descalço;
Por marlota um gabão
Que algum tempo fôra pardo,
Com mais buracos que pontos,
Mais remendos que buracos;
A tiracollo um ourello,
D'onde pendia o terçado
Que qual setta com veneno
Vae de ferrugem hervado.
Por elmo leva um barril
Que foi de figos pasados,
E um rabo de raposa
Leva posto de penacho.
Ao passar de uma esquina
O esperam dois embuçados,
Que invejosos de seu bem

Lhe querem armar um dardo.
Urrasco, que sente a cilada,
Mette as pernas ao cavallo,
E saiu com tanta força
Que ficou no mesmo estado.

(*Poes. ined.*, p. 71.)

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Romance picaresco, intitulado Debuxo de Pena.

Que em portuguez a retrate
Me rogou Dona Breitís;
Porque tem nôjo das côres
Dos poetas de Madril.
Eil-a vae, escutae, vêde,
Pois logo vereis se ouvís;
Que se não vae para vêr,
Vae, ao menos, para ouvir.
O *cabello* é pino de ouro
Tanto mais que o Potosy,
Que ao pino do meio dia
Faz cada dia o sol crís.
Apodara-lhe eu a *testa*
A um pedaço de marfil;
Mas ella diz d'esse apódo
Que m'o deixa para mim.
Os *olhos* são dois soldados
Da fronteira ou do Brasil;
A quem amor por valentes
Deu o habito de Aviz,
Trez *meninas* tem travêssas
Com as duas que lhe vi,
Pois brincando elle com ellas
São trez meninas, emfim.

Porque são arcos de flores.
Me jurou Maria Gil,
Lhe comprára para a dansa
As sobrancèlhas sutís.
Pestanas tem, não queimadas
Por lhe não servir assi.
Para uns olhos tão dormidos
As pestanas são dormir,
Ambas as *faces* parecem
De obra de agulha gentil,
Bainha de ambas as faces
Em lenço feito em Cochim.
Não fallemos no do meio
Ramalhete de jasmins,
Que segundo é lindo, e cheira
É ramalhete ou *nariz*.
O carão limpo e luzente
Uma peça é de sitim,
Não picado, que picado
É só quem tal carão vir.
O *rostro* livro é de caixa
Cujas partidas gentis
Não viu o Infante Dom Pedro
Emquanto andou por ahi.
As *orelhas* fogem ás dores
Porque as não querem sentir,
Orelhas de mercador
Vendendo mais dor assim.
A *boca* d'esta fidalga,
Se não vem como se diz
A pedir de boca, é boca
Que nunca vem a pedir.
Que pouco direi dos *dentes*,
Bem que muito dizer quiz;
Mas cada *dente* tem dente
Contra a musa mais subtil.

Se tomal-a pelo *beiço*
Quer o cravo e o rubi,
Ella pelo beiço toma
Mil cravos e mil rubis.
Sem falta a môça não come
Outro pão, que de ambar gris,
Segundo vem perfumados
Seus nãos quanto mais seus sins.
Na *garganta* me deu susto
Quando fui e quando vim;
Porque co'alma na garganta
Sempre a verá quem a vir.
O *talho* de muito inteiro
É feito tão sobre si,
Que tal me depare Deus
No meu feito o meu juiz.
Conforme que prende e mata
Com *olhar* e com *sorrir*,
A senhora traz no gesto,
Um algoz e um beleguim.
Se trez foram como duas
Que são duas flores de liz,
Lhe tomára as *mãos* por armas
De França o mesmo Delphim:
Ouvi que lhe pediu Venus
Para pôr nos seus jardins
Os *pés*, que postos em terra
Prendem quaes pés de jasmins.
Quando pisa, o cravo cheiro,
D'onde já disse Merlim,
Que *pés* que assim pisam cravo
São *pés* mãos de almofariz.
Senhora Breitís, agora
Comvosco vos conferí;
Que se este retrato é pouco
Far-vos-hei d'estes cem mil;

Porque só pinto o que vèjo,
Não lanço adiante o gis,
Senão, dae-me mais que vêr
Que eu vos darei mais que rir.
Quando empunhando o rifão
Faça crêr como eu o crí,
Que a Breitís sempre é das môças
Qual das aves a perdiz.

Obras metricas, t. II, p. 219. Edição de 1665

M. QUINTANA DE VASCONCELLOS

Romance de Clarideu ao som da harpa da Torre

Todas as vezes que canto
Por aliviar minha pena,
Segue o pensamento a voz
Té chegar á causa d'ella.
Lá entre mil alegrias,
Que a memoria representa,
Tão triste me considero,
Que me converto em tristeza.
Ser alivio de um mal grande
Qualquer gosto, ninguem creia,
Que augmente ao contrario ás forças
Uma debil resistencia.
Rouba o tempo ao mesmo tempo,
A musica o animo alegra,
E é tão querida de amor,
Que amando o mais rudo adestra.
Tema do seu doce effeito
Prodigiosas experiencias,
Nas aves de que é seguida,
Nos animaes se deleita,

Eu só me afflijo cantando,
E todo o bem me atormenta,
Que perder vida e memoria
São os remedios da auzencia.
Tem por mór mal o da morte
Nossa fragil natureza;
Mas, maior mal ha na vida
Se ha memorias, o soffrel-a,
Aqui só n'esta prizão,
E em meu cuidado mais preza,
Estam tão longe de mim,
Que nada sei de mim mesma.
Lagrimas me tem comsigo
Quando a suspirar-me leva,
Do que fui tenho saudade,
E de ser quem sou me pesa.
Viver co'a dôr que padeço
Deve ser ventura alheia,
Inda que dão desventuras
Forças da nossa fraqueza.
Mas quem desespera ausente
Do bem que amando deseja,
Já não tem dor que sentir,
E embalde outra morte espera,

Novella da *Paciencia Constante.*

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

Romance da briga de um Cego e um Corcovado

De um Cego e um Corcovadado
Hoje o desafio escrevo;
N'um vou á cega lagarta,
N'outro vou com grande pezo.

N'uma palestra se acharam
Os dois a um mesmo tempo,
Um carregado de espaldas,
Outro de colera cego.
Vinha o Corcovado armado
De bacias de barbeiro,
Uma trazia nas costas,
Outra trazia no peito.
Com vir nas conchas metido
Parece vinha com medo,
Pois nas conchas com alongo
Um cágado estava feito.
No Cego vêjo a rasão,
No Corcovado a não vêjo,
Porque é um homem que nunca
Teve avêsso nem direito.
Esgrimiu o Cego um páo
E andou com elle tão déstro,
Que em dois angulos obtusos
As pancadas deu correndo.
Descarregou de pancadas
No Corcovado um chuveiro,
Porque os chuveiros nos montes
Dão as pancadas mais cedo,
Dar o Cego a bateria
No Corcovado era certo,
Porque duas eminencias
Tinha por onde batel-o.
Sem haver pé de pessoa
Que a briga estivesse vendo,
Foi o Cego dar com um páo
Em dois vultos não pequenos,
Tropeçou o cego n'elles,
Que é o tropeçar de cegos;
E deu de cego pancadas
Em dois mui grandes torpèços.

Pôr no Corcovado páo
Não foi n'este Cego o erro;
Que em casa que tem corcóvas
Pôr-lhe pontões é acerto.
Dando na Casa dos Bicos
Eram golpes tão horrendos,
Que lá no Cunhal das Bolas
Soando estavam seus eccos.
Sempre um cego ha mister guia,
Mas eu n'este Cego vêjo
Que não ha mister guiado,
Pois tanger sabe um camêllo.
Como os cegos tangem bem,
Este tangeu tão avêsso,
Que nas costas de um laúde
Deu bordoadas aos centos.
N'um mesmo tempo brigou,
E acclamou o vencimento,
Pois sempre na briga esteve
Os atabales tangendo.
O Cego teve a victoria
Mas o Corcovado, é certo,
Que nos despojos levou
Os dous alforges bem cheios,

ANONYMO

Romances e Cantigas da canonisação de San Francisco Xavier

Pérola muy bella
Nos traz o Oriente;
Mais resplandecente
Qu'hua nova Estrella,
Quanto tem valia
Muito áquem lhe fica;

Pérola tam rica
No mar não se cria.
Orvalho dos céos
Gerou tal belleza,
Contra a natureza
Junt'os Pyreneos.
Vêdes quam ditosas
São nossas montanhas,
Pois tem nas entranhas
Pedras preciosas.
Não sei se notaes
Grandeza tão rara,
Pedras de Navarra
Vencem orientaes.

Outra Cantiga, que falla com o Piloto da Náo, que é o Sancto

Piloto da Náo ligeira,
Que corre por terra e mar!
A maré é de rosas,
O porto seguro,
As velas mandae tomar.
No meio do coração
Vos darèmos gasalhado,
Que por bem aventurado
Se terá com tal patrão.
Tendes vára de condão
Pera todos cativar.
A maré é de rosas,
O porto seguro, etc.

Enchestes o Oriente
De luz e de piedade;
Visitae esta cidade
Qu'é senhora d'essa gente,
E vereis quão diligente,
Se mostr'em vos festejar.

A marè é de rosas,
O porto seguro, etc,

De drogas celestiaes
Vindes muito carregado,
Vède que sois obrigado
Repartir c'os naturaes:
Amor quero, e nada mais
Por ser pedra de bazar.
A maré é de rosas,
O porto seguro
As velas mandei tomar.

*

Oh Náo que pera a viagem,
Marinheiros não temais,
Pois tal Piloto levaes.
Poderá com segurança
Quem tal Piloto levar,
Ou pollo mar com bonança
Ou por terra navegar.
Espertae a confiança
Que dos céos vereis o caes,
Pois tal Piloto levaes.
Desferi todas as velas;
E botae de foz em fóra,
Pera que possam enchel-as
Ventos galernos emb'ora.
Alegres todos a ellas,
Tempestades não temaes,
Pois tal Piloto levaes,
Assás covarde será
Quem receiar a viagem,
Pois Xavier governará
Que é Piloto de vantagem.
Elle franquèa a passagem,

Iça! iça, mais e mais:
Pois tal Piloto levaes.

Xavier ao leme,
Anjos a cantar,
Larguemos a vela
Pera navegar.

É sabio o Patrão
Que assi manda a via,
Vêm ao Galeão
Todos á porfia.
Ledos e contentes
Pera embarcar,
E tudo está lestes
Pera se navegar.
Galeão fermoso
E bem artelhado,
Em tudo lustroso,
Em partes dourado.
Quem póde temer,
Ou arreceiar?
Já se faz á vela
Pera navegar.
Pois não teme guerra
Na terra ou no mar;
Por mar e por terra
Pode caminhar.
Váe esta Náo bella
Ao Céo demandar,
Larga, larga a vela
Pera bolinar.
Dourado pharol,
Dourada bandeira,
Francisco é o sol,
Norte de carreira.

E' Náo de alto bôrdo,
Não pode remar,
Tende logo accôrdo
Pera velejar.
Xavier ao leme
Anjos a cantar,
Larguemos a vela,
Pera navegar [1].

Cantiga de Abel

Doloroso gado
De tanto primor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.
Lembrae-vos, cordeiros,
Da minha tristura,
Ovelhas, carneiros,
Que pastaes verdura.
Abel sem ventura
De vós apartado,
Meu gado amado,
De mim com amor,
Dôa-te o fado
Do triste pastor.
Doei-vos de quem
De vós se doía;
Lembrae-vos tambem
Minha companhia,
De quem ser sohia.

1 *Ralaçam das Festas* que a religiam da Companhia de Jesus fez em a Cidade de Lisboa, na beatificação do Beato S. Francisco Xavier, segundo Padroeiro da mesma Companhia, e Primeiro apostolo dos reinos de Japão, em Dezembro de 1620, recolhidas pelo Padre Diogo Marques Salgueiro, etc. Lisboa, por João Rodrigues, 1621.

Sou outro tornado,
Fecaes só deixado.
Sem ter guardador;
Doei-vos do fado
Do triste pastor.

Auto do Dia de Juiso; — Folha volante de 1639.

FRANCISCO LOPES

Romance de Santo Antonio e a Princeza

Estava el-rei de Leão
Casado com uma princeza
De portugueza nação,
Devota, por portugueza,
De Antonio, santo varão
Tinha morta esta rainha
Uma filha já mulher;
A qual não pode soffrer
Que enterrem, como convinha,
Pelo muito que lhe quer.
El-rei e toda a mais côrte
Para a sepultura se ajunta,
Mas era o amor tão forte,
Que, tendo a filha defunta,
Não crê a rainha a morte.
Tres dias chegou a estar
A mãe em continuo pranto,
E a filha sem sepultar,
Com grande fé no seu Santo,
Que lh'a hade ressuscitar.
Erguendo o rosto choroso
Ao céo com fe verdadeira
Ao seu Santo glorioso,
Tão santo e tão poderoso,
Orava d'esta maneira:

«Já que sois universal
Nos milagres que fazeis
Por todo o mundo em geral,
O remedio não negueis
A esta vossa natural.
E se é justo que sintaes
Esta ausencia tão esquiva,
Porque a vida lhe negaes,
Dae-me minha filha viva,
Pois tantas ressuscitaes.

Inda a rainha não tinha
Dita a suá oração santa,
Quando Deus ouve a rainha,
E Antonio põe a mésinha,
Com que a môça se levanta.
Porém a infanta amada,
Que tornou cá a esta vida
Lá da angelica morada,
Anojada e offendida
Contra a mãe responde irada:

—Perdôe-vos Deus, senhora,
Que me tirastes dos céos,
Aonde eù estava agora,
Porque santo Antonio fôra
O que isto pedia a Deus.
E Deus como o ama tanto,
Porque tanto a Deus amou,
Por applacar vosso pranto,
D'entre as virgens me tirou
Do côro celeste e santo;
Porém a bondade immensa
Que tudo move e governa,
Quinze dias só dispensa

Que esteja em vossa presença,
E que torne á vida eterna.

Como o divino recado
Deu a ditosa menina
Do que Deus tinha ordenado,
Sendo este tempo acabado
Subiu á patria divina.

Santo Antonio, Milagre XXXVI.—Vide *Rom. Ger.* n.º 44. Legitima assimilação popular, de 1620.

FREI RODRIGO DE DEUS

Hymnos dos Passos da Paixão
(1618)

I

A fortaleza divina
Grandemente aqui tremeu,
A alegria dos Anjos
Muito aqui se entristeceu.

Aos discipulos mandou
Que o esperassem aqui,
E vigiassem com elle,
Emquanto foi orar ali.

Louvado sejaes, Senhor,
Por o temor que tomastes,
Pois a vós entristecestes
E a nós nos alegrastes.

II

Representa-se o logar
Onde o Senhor orou,

E por nós se angustiou
Para nós todos salvar.

Foi mui grande o tormento
Que apertou seu coração,
Vendo o pouco sentimento
Da humana geração.

Porque vendo que bastava
Para mil mundos remir,
De sangue uma gota suada,
Que fariam tantas mil?

Vendo pois que a mais da gente
Se havia de condemnar,
Sangue o fazia suar
O seu amor mui ardente.

Gloria seja ao Padre,
Gloria ó Filho juntamente,
Gloria ao Espirito Santo,
Que é d'ambos procedente.

III

Vendo o Senhor vir a Judas
Guiando aquella má gente,
Lhe sahiu ao encontro
Muito animosamente.

Perguntou-lhes: — Quem buscaes?
«A Jesu, (elles respondem.)
Respondeu-lhes: — Eu sou esse. —
Arremetem e o prendem.

Sejaes, meu Senhor, louvado,,
Pois movido de amor

Quereis ser aqui atado
Por soltar o peccador.

IV

Aqui em este logar
Respondendo humildemente,
A' pergunta de Annás
O feriram cruelmente.

Com bofetada no rosto
Feriram o Salvador;
Soffreu com muito gosto
Por mim grande peccador.

Sejaes, meu Senhor, louvado,
Pois movido do amor
Soffreis ser assi tratado
Por salvar o peccador.

V

A Caiphás apresentado,
Por Deus vivo o conjura,
Que diga se é seu filho;
Respondeu-lhe com brandura:

—Eu sou o Filho de Deus
Que vós outros perseguis;
Vèr-me-heis descer dos céos
Para ser vosso juiz.

«Quem tal blasphemia diz,
E responde d'esta sorte,
Condemnado seja á morte
Pois se faz nosso juiz.

Por tão divina resposta,
Como se elle blasphemara,
Arremeteram com elle
E lhe cuspiram na cara.

Muitas penas padeceu
N'esta noite tão escura,
Para nós clara e pura,
Para elles negro véo,

Louvado sejaes, meu Deus,
Pois por nós soffreis tal guerra,
Que sendo juiz dos Céos
Fostes julgado na terra.

VI

Primeira vez apresentam
A Pilatos o Senhor,
Falsamente o accusam,
Chamando-lhe enganador.

A Herodes o envia,
Ouvindo ser galileo;
Para d'elle ser julgado
Como um vassallo seu.

Sejaes, meu Senhor, louvado,
Pois movido de amor
Soffreis ser assi tratado
Por salvar o peccador.

VII

Aqui foi apresentado
A Herodes Christo Deus,
Falsamente accusado
Dos incredulos Judeus.

Desejava de o vèr
Por o que d'elle ouvia,
Não lhe quiz elle dizer
O que elle saber queria.

Herodes o despresou,
Pois resposta não lhe deu;
A Pilatos o tornou
Vestido como sandeu.

Sejaes, meu Senhor, louvado,
Pois movido de amor,
Sois assi tão deshonrado
Por honrar o peccador.

VIII

E tornado a Pilatos
O manssisimo cordeiro,
Que, sendo Deus verdadeiro,
O despiram de seus fatos.

Aqui á columna atado
Por amor dos peccadores,
Padece Jesu mil dores
Cruelmente açoutado.

Despois d'em sangue banhado
E cruelmente ferido,
E, de purpura vestido,
E de espinhos coroado,

Em o seu rosto formoso
Estão dando bofefadas,
E mui grandes pescoçadas
No delicado pescôço.

N'esta horrenda figura
Lança Pilatos mão d'elle,
Em voz alta diz a todos:
«Ecce homo! vós o vede.

Gloria seja a vós, Senhor,
Porquanto tendes soffrido,
Por livrar o peccador
Do inferno merecido,

IX

Depois de tantos tormentos
Por nossa causa soffridos,
Põem aqui pezada Cruz
Sobre seus hombros feridos.

Com grande amor a abraça
E vae andando com ella,
Ao logar da justiça
Para ser pregado n'ella.

Sejaes, meu senhor, louvado,
Pois movido de amor,
Soffreis ser atormentado
Por livrar o peccador.

X

Com o grão pezo da Cruz
Quiz ser Deus enfraquecido;
E com ella aqui cahido
Jaz em terra o bom Jesus.

Procuram-no levantar
Péla corda lhe tirando,
E em se alevantando
Parece que quer expirar.

Gloria seja ao Padre,
Gloria ao Filho juntamente,
Gloria ao Espirito Santo,
Que é d'ambos procedente.

XI

Vindo aqui atormentado
O Senhor em taes tormentos
O seu rosto afeiado
Com escarros mui nojentos.

Com a Cruz ás suas costas,
E com pezo tão penoso,
As suas faces formosas
São tornadas de um leproso.

Em tão horrenda figura,
Encontra a Virgem Madre
Ao Filho de Deus Padre,
Em a rua da Amargura.

Com tal vista de um e d'outro,
Fica a alma traspassada
Da espada mui aguda
No templo prophetisada.

Gloria seja a vos, Sonhor,
Que encontrando vossa Madre,
Fostes ferido de dor
Por nos dardes liberdade.

XII

Vendo aqui os Judeus
Que Christo desfalecia,

Com aquella Cruz pezada
Com a qual já não podia;

Fazem com o Cireneu
Que lh'a ajude a levar.
Grande desejo é o seu
De o vêr n'ella penar.

Gloria seja a voz, Senhor,
Por quanto tendes soffrido,
Por livrar o peccador
Do inferno merecido

XIII

Aqui, nosso Redemptor
Chega ensanguentado,
Tal vem o rosto sagrado
Que em o vendo faz horror.

Commovida a mulher pia
Quando o vê assi passar,
Lhe deu um panno mui limpo
Para n'elle se limpar.

E se alimpando deixou
No panno sua figura,
A qual até hoje dura
Impressa como ficou.

Gloria seja ao Padre,
Gloria ao Filho juntamente,
Gloria ao Espirito Santo
Que é d'ambos procedente.

XIV

Em Hierusalem havia
Uma porta deshonrosa,

Que sómente se abria
A gente facinorosa.

Judiciaria se chama
Esta porta tão infame,
Por ella só se levava
Por algum crime mui grande.

Por tal julgam nosso Deus,
Por ella o fazem saír,
E vendo-o aqui cahir,
Zombam d'elle os Judeus.

Gloria seja a vós, Senhor,
Pelas deshonras soffridas,
Perdoae nossos peecados
E livrae-nos de cahidas.

XV

Aqui em este logar
Vão as mulheres chorando;
Diz-lhes o Senhor virando:
—Por mim não queiraes chorar.

Filhas de Hierusalem,
Sobre vós mesmas chorae,
E com dor suspiros dae,
Por vossos filhos tambem.

Porque são tantos os males
Que sobre vós hão de vir,
Que direi: Montes e vales,
Sobre nós vinde cahir.

Que pois no madeiro verde
Taes golpes se estão dando,

De seus ficaes julgando
O que será feito n'elle.

Gloria seja ao Padre,
Gloria ao Filho egualmente,
Gloria ao Espirito Santo
Que é d'ambos procedente.

XVI

Chegando a este logar
Do qual sobem ao monte,
Da fortaleza á fonte
Já não pode mais andar.

Desfalecido de todo
Cáe em terra lastimado,
E com muita crueldade
É com couces levantado.

Sejaes, meu Senhor, louvado
Pois sois movido de amor,
Soffreis assi ser tratado
Por salvar o peccador.

XVII

Antes de crucificarem
O cordeiro innocente,
Com gram furia o desnúa
Aquella malvada gente.

O vestido vem pegado
A carne toda ferida,
De repente lhe é tirado
E quasi tambem a vida.

O que veste os céos de luz
D'estrellas claras ornando,

Despem soldados matando,
Antes de pregar na cruz.

Quem veste os campos de flores,
Os jardins de frescas rosas,
Nu da Cruz está pendendo
Por vestir os peccadores.

Aqui sobre os seus vestidos
D'aquelles algozes fortes,
Foram lançadas as sortes
E entre si repartidos.

E por tanto, Redemptor,
Humilmente te pedimos,
Que pois despido te vimos
Nos vistas do teu amor.

XVIII

N'este monte onde estamos
Expirou o Salvador,
Morrendo por nosso amor,
O que mui mal lhe pagamos.

Este logar consagrado
Foi c'o sangue de Jesus,
Que encravado nú na Cruz,
Foi em elle derramado.

Nobre Deus tam desejoso
De todo o mundo salvar,
Por seu resgate quiz dar
O seu sangue precioso.

Pendurado em o lenho
Grande sêde padecia,

E com grande agonia
Disse : — Grande sède tenho.

Estando assim atormentado
Da cabeça até aos pés,
Vendo tudo acabado
Disse :—*Consummatum est.*

Inclinando a cabeça
Para onde estava a Madre,
Deu o espirito ao Padre
Com mui grande fortaleza,

Gloria ao Padre que mandou,
Ao Filho que obedeceu,
Ao Espirito que incitou
A tudo o que padeceu.

Tratado da Paixão, 1618. Cap. II : Dos Hymnos em Romance, p. 35 a 60.

Trovas de Dom Duardos

(Seculo XVIII)

Foy Dom Duardos
com grão corage
de amôr selvage,
comendo pão.
Pois se comesse
n'esta caterva
cevada ou herva
tinha razão.
Foy Dom Duardos
como era besta
em tal tolice,
quiz hortalice,
fez-se hortelão.

Quer a sua Dama
huma de nabos,
outra de rabos
dar-lhe uma mão.
Como era besta
homem do diabo,
se queres tel-a
chega-te a ella
c'um beliscão.
Que esta meiguice
a toda a môça
lá lhe faz móssa
No coração.
Homem do diabo,
não sejas tolo,
toma um conselho
de pèrro velho,
da-lhe um tostão.
Que com dinheiro
inda a mais guapa,
nunca se escapa,
vem logo á mão.
Não sejas tolo,
já que és fidalgo,
mostra com gala
que não te eguala
O Tamerlão.
Mas o basbaque
asno da gèma,
piza o diadema,
faz-se villão.
Já que és fidalgo,
Sê Dom Duardos;
disserem todos
por varios modos
que é toleirão.

Eu direy sempre
que esta façanha
posta em campanha
foy grande acção.

Papeis varios, fl. 65. Collecção da Academia.

THOMAZ PINTO BRANDAO

Despedida d'um Marujo em estylo e giria d'alfamista

Nas praias que o Tejo banha,
D'onde a maré lança o cisco,
Se despediu um marujo
De huma Cloris de cachimbo.

Ella de mãos nas ilhargas,
Elle de chapéo cahido,
A qualquer lhe acode o chôro
E ambos provocão a riso.

Vendo ella que elle se parte,
(Que bem merece partido.)
Já como quem se despede,
Lhe falla por este estylo:

«He *possivli* que te apartes
D'este coração *afrito?*
Mal haja quem faz *incesios*
Por nenhum homem *marinho!*

Desne que sei que *t'alzentas*
Choram *meis* olhos *infindo*
Com mais *prúveças* correntes,
Que o chafariz do *Rechio*.

Se *desne cando t'amê*
Tal *avera* conhecido,

Esta *vinorica* alegre
Ninguem *m'avera* ter visto.

Cantas razaens se me vem
De *sahuidade* as não digo,
Que as minhas *safocaçoens*
Nas minhas queixas *fravico*.

O' *Manel*, vais para bordo?
Coitado do *provisinho!*
Criaram-te para *Crelgo*,
E vens a ser *pelingrino*.

Deus te leve a *Fernambuco*,
Que eu cá ficarey pedindo
Que *infindas facilidades*
Te conceda o Céo *prospicio*.

E que venhas para o anno
Tão *apoquentado* e rico,
C'o *Rey de Divina marca*
Não possa *ugalhar* comtigo.

Bem pódes dar *Creto a canto*
N'esta *incagião pruvico*,
Não cuides que são *lijunjas*
Os *socates* que te digo.

Vae, que eu cá *martelizada*
De *tromentos incessivios*,
Chorarei tuas *mimorias*
Sem o mais *inimo* alivio.

Sendo esta cara huma *umage*,
Creio que hasde achar-me em vindo
Huma *estatula* da morte,
Hum *escaraleto* vivo.

Tu lá lograrás mil *glorias*
E com razão o *considro*,
Que na materia de *estremes*
Sempre *luvarei* os *vitros.*»

Aqui chegava da môça
O queixume repetido,
Quando elle por esta fraze
Lhe responde eguaes delirios:

—Já que quiz minha *disgracia*
Que d'esses *luzios* divinos
Eu mesmo vá dando ás *trancas*,
Sem que fique aqui *morrido.*

Mal haja quem não *fijer*
Na náo algum desatino;
Mas que me leve o *diacho*
Por esses mares de *Christo.*

Que vou tão *disispirado*,
Que a não ter d'outrem motivo
Inda que eu fora *mey* pae
Brigara eu mesmo comigo.

Vou-me eu, bem sei porquê;
Senão: porém eu t'o digo:
Porque metto a mão no *golpe*
E não *saco* nenhum *gimbo.*

Se eu *criára o grão*, a *roda*,
A *cheta*, quando é preciso
Comprar no estanque o *fumelio*,
Pagar na *baiúca* o *pio*:

Se eu *tovera* para o *vulto*
A *rede*, se o *gabio* fino,

Para a *bolla*, para as *gambias*
A meia, e o *caldo* polido:

Se eu *tovera* cada vez
Que *quijera*, tudo isto,
Má ochas que eu de *Lisbeo*
Abalara c'os *cachimdos*.

E *má ochas* que eu deixára
Augéto tão *pelingrino*,
Por quem vivo *marabundio*,
Por quem ando *enfinicido*.

§ II — *Romances anonymos contrafazendo o gosto popular.*

Decima da Obra do Firmamento

(Versão do Rio de Janeiro)

Quando o Senhor formou
A Obra do firmamento,
Obra de tanto talento
E juizo;
Formou tambem um Paraíso,
De arvores e flores composto,
Tudo de summo gosto
E perfeição.
E para guarda fez Adão,
E de sua cósta a mulher;
E Deus depois lhe arrefere
Assim:
—Fica-te n'este jardim,
De delicias guarnecido,
E olha que és o marido
De Eva.—
Adão todo se enleva
Por se vêr acompanhado;
Logo foi aconselhado
Pelo Senhor:

—Tudo fica a teu dispôr,
Tudo te hade ter respeito;
Porém, guarda o preceito,
E escuta:
Comerás de toda a fructa,
Sem que haja prejuiso;
Mas agora é bem preciso
Que te explique,
Para que em tua memoria fique,
E goses com *previnencia:*
Só da Arvore da sciencia
Do bem e mal.
Olha que é culpa mortal
Se te tal acontecer...
Olha que hasde morrer
Na verdade.—
A Serpente com maldade
Eva foi logo atentar;
E ella facil foi pegar
No pômo;
E do qual partiu um gômo
E ao seu marido offereceu;
E Adão da fructa comeu
Tambem.
Ambos egual culpa têm,
Eva e o seu consorte;
Ficaram sujeitos á morte
Chorando.
Apparece o Senhor bradando:
—Adão! onde estás metido?
«Senhor, estou escondido
Com vergonha.
—Oh! que terrivel, medonha,
Foi tua culpa commettida!
Acabou-se a boa vida
Que tivestes.

«Senhor, a mulher que me déstes
Cá me veiu enganar...
—Vem cá, oh Eva, explicar
De repente.
—«Senhor, a maldita serpente
De certo me enganou!»—
E o Senhor por ella bradou
Devéras:
—Oh maldita entre as féras!
Eu te deito a maldição...
Andarás tu pelo chão
De rastos,
Comendo hervas e pastos,
E a terra para alimento;
Ella será teu sustento,
Malvada!
Tu, Adão, com tua enxada
A terra cultivarás;
E tu, Eva, parirás
Com dôr.
Nada fica a teu favor,
Já que a vontade fizeste:
Assim perdeste o celeste
Agasalho.
Tu, Adão, com teu trabalho
Ganharás para comer,
E Eva te hade obedecer,
A rasão direita.
Aqui ficarás sujeita;
Tu, Adão, a dominarás,
E te multiplicarás
Com ella.—
Perderam, pois, a capella
Que o Senhor lhe houve guardado,
Tudo causa do peccado
Horrendo.

Alli ficaram vivendo
E o seu peccado chorando,
Ambos supplicando
Perdão.
Aqui abateram então.
Logo Eva concebeu,
Foi quando o Senhor lhe deu
Caím.
Este foi um filho ruim,
Muito tyranno e cruel;
Ao depois lhe deu Abel,
Pastor.
Este foi um resplendor
De voto e de castidade;
Porém Caim com falsidade
O matou.
E o Senhor p'ra elle olhou,
Depois que elle fez o mal,
Pondo-lhe logo um signal
De preto.
Portanto, ficou sujeito
A eterna escuridão,
Negro como um tição
De lume.
Acabou-se-lhe o ciume
Qu tinha com seu irmão;
E augmentou-se a geração
Dos peccadores.
E já isto, meus senhores,
Tem durado de tal sorte
Que só finda quando o Morte
Vem!
Ella não respeita a ninguem,
Leva a todos por parelho,
Nós temos bem o espelho
Á vista,

Não ha pessoa que resista
Nem o mesmo Padre santo,
Que ella leva a quanto
Tópa.
Todos que estão na Europa,
As mesmas pessoas reaes,
Os bispos e cardeaes
Vae levando.
E tambem de quando em quando
Reis, principes e monarchas,
Até mesmo os patriarches
Levou.
Pois um Deus que nos creou
Quiz pela morte passar,
Como havemos de escapar
Á espada?
Ella é certa e pouco esp'rada,
Da morte tudo se esquece;
Mas por fim tudo padece
Este lance.
Todos passamos o transe
Da morte com afflições,
Que os mais santos corações
Padeceram.
Aquelles perfeitos morreram:
Em viso de santidade,
Um Lamé, um na verdade
Que é:
O pae do grande Noé,
Um Abrahão glorioso,
Seu filho prodigioso
Isaac;
Os habitantes de Israc,
Paes e irmãos de Ludim,
Aquelle Labal Caim
Trabalhador;

Um Nabucodonosor,
Mais aquelle santo Job.
Um admiravel Jacob
De Israel;
Adão; seu filho Ijabel,
O grande Melchisedeque,
E aquelle bom Ab-Melcque
Rei!
E eu isto tudo direi,
Certifico e assim é:
Lá tambem morreu José
No Egypto.
Tudo isto está escripto,
E nada póde faltar:
Tambem morreu Putifar
Sacerdote.
Morreu aquelle justo Loth,
E tudo que era egyptano,
Morreu o rei soberano
Pharaó.
E não foram esses só:
Tambem morreu Batuel,
Agar, mais Ismael,
Seu filho.
De nada eu me maravilho:
Tambem morrou Izacar,
E o seu filho Soar
Tambem;
Filhos, irmãos de Rubem,
Os moradores de Babel,
E os fundadores de Betel
Passaram.
Nenhuns do transe escaparam
Da vil morte com destreza...
Ella vem com subtileza
E mata.

Segundo a Escriptura relata,
De certo que a ninguem perdôa:
Leva o sceptro e leva a corôa,
E tudo mais.
Não respeita cabedaes,
Tudo leva por egual,
Tambem leva o general
E o brigadeiro.
E morre quem tem dinheiro,
P'r'a morte não ha penhor;
Tambem morre o governador
Na praça.
Morre tudo quanto passa
Esta vida com rigores:
Morrem padres, confessores,
Que estão
Lá em sua religião,
Orando a San Miguel;
Tambem morre o coronel
Do regimento;
Morrem alferes, sargento,
O soldado e o capitão;
Morrem aquelles que estão
Na enxovia.
Morre todo a fidalguia;
Morre o pobre e o abonado,
E o ser muito endinheirado
Não faz;
Morre o velho e o rapaz;
Morre tudo sem remissão;
Tambem morre o guardião
No convento:
Morrem no acampamento
Tambores e mais soldados;
Morre nos mares salgados
Marinheiro;

Tambem morre o escudeiro,
O medico e o *surgião;*
Tambem morre o escrivão
E o juiz.
Segundo a Escriptura diz,
Só dois foram escapados,
Elias e Enoc chamados
De certo.
Têm morrido no deserto
Aquelles santos levitas,
E o povo do israelitas
Falece.
A morte ninguem conhece:
Morreu o sabio Salomão
E o valoroso Sansão
Gigante;
Morre o leigo e o estudante,
Tambem morre o embaixador;
Morre aquelle lavrador
Que anda
De uma para outra banda
A sua vida girando,
De modo que vá ganhando
P'ra passar,
Sem a morte lhe lembrar;
E ella já batendo á porta,
Que de repente lhe bota
A mão.
Muitos leva sem confissão,
Pois isto me faz tremer,
Vendo podermos morrer
Sem sacramento.
Nem signaes de arrependimento,
Sendo a morte de repente...
Pois valei-me, omnipotente
Deus.

Tudo são peccados meus
De que eu tenho de dar conta
A Deus, e sempre com prompta
Vontade.
Pois Deus é de piedade;
Aquelle doce Jesus,
Está c'os braços na cruz
Pregados!
Tudo por nossos peccados
Padeceu morte e paixão;
E nós com ingratidão
O tratamos!
Assim é que lhe pagamos
Todo o bem que elle nos faz;
Mas, lá no *Val de Josaphaz*
Verèmos
As contas que cada um demos,
Lá no dia universal,
Quando o Senhor der a final
Sentença.
Os bons com gloria immensa,
E os máos sentenciados,
Para serem abrazados
No inferno!
Eu peço ao Padre Eterno...
Valha-me todo o christão
N'esse dia de afflicção
E amarguras.
Abriram-se as sepulturas
C'os corpos resuscitados,
Sendo de novo formados
Como d'antes!
E as boas obras brilhantes
Na presença do Salvador;
E os máos serão com rigor
Tratados.

Ali darão, Senhor, brados,
Bradando só por Elias,
Segundo às prophecias
Resam.
Ali verèmos como pezam
Boas obras que fizemos,
E os peccados que commettemos
N'esta vida.
Mas oh! que terrivel lida!
Oh, que cegueira fatal!
Sendo este mundo um val
De enganos!
Vive um homem tantos annos
N'esta vida engolfado,
Muitas vezes só obrigado
Se confessa.
Não se lhe dá que se esqueça
D'aquella santa doutrina,
Que a egreja sempre ensina
Aos fieis.
São os homens tão crueis...
Só se enlevam em modiças...
Só oùvem algumas missas
Por comprazer.
Ás vezes vão lá p'ra vèr
Moças da sua affeição,
Se levam trajo ou não
A seu gosto.
Se levam lenço bem posto,
Boa meia e bom sapato,
Se tem capote e mais fato
Á moda.
E outros metem-se na roda,
Que estão de quando em quando,
E vão sempre murmurando
Dos mais.

Vão os filhos com os paes
Beber vinho a uma adega,
Se o dinheiro lhes não chega
Pedem fiados.
'Stando os paes embebedados
Dizem, a cambalear,
Aos filhos: — Vamos jogar
Ao vento.
Oh, que máo *educamento!*
Oh, que triste creação!
Eis porque os filhos são
Malcreados.
Mas se estes são casados,
Têm filhos p'ra governar,
Têm-lhes por certo a faltar
Co'o sustento.
Tudo serve de tormento
A's mulheres, se são honradas,
Muitas vezes já cansadas
De bradar.
Apparece para o jantar,
Sabe Deus quando Deus quer,
Uma côdea p'r'a mulher,
Se lh'a dão.
Os maridos, sem discripção,
As levam aos encontrões,
Quando não lhes dão bofetões
Pela cara.
Amigo do jogo, repara,
Mette a mão n'este painel,
E recolhe-te ao quartel
Da saude.
E pede a Deus que te mude
Essa terrivel cegueira,
Que é saude p'r'a algibeira
Do cobre.

Tudo que a mão descobre,
E esse vicio infernal,
Fazem perder o signal
Do céo.
Isto vae de déu em déu,
E assim domingos passamos,
De modo que sempre buscamos
Divertimentos.
Vae-se tempo e sentimentos
Nos dias santificados,
Que Deus deixou destinados
P'r'o descanço.
P'ra adorar o cordeiro manso
Na sua santa egreja;
Mas a ira de Deus peleja,
Com rasão,
Contra a pouca devoção
Que tem á casa sagrada;
Tanto monta como nada
Resar.
Não pôde a Deus agradar
Esta pouca *desciencia:*
Devemos com reverencia
Adoral-o.
Devemos todos abraçal-o
E a seu santos mandamentos,
P'ra livrar-nos dos tormentos
Que passou.
P'lo sangue que derramou
Pela rua da Amargura,
Tudo para a creatura
Remir.
Devemos todos pedir
Á virgem Nossa Senhora,
Seja a nossa protectora
Em morrendo;

Emquanto fôrmos vivendo
N'este mundo desgraçado,
Tenha sempre o seu cuidado
Em nós.
Pois ouvi, Senhor, a voz
D'este vosso filho ingrato,
Cuja ingratidão relato
Agora!
Valei-me n'aquella hora
Da morte que hade chegar,
Valei-me em quanto viver,
Valei-me depois de morrer,
E esta vida findar.

Romance da Moira Encantada

(Versão do Algarve)

Meia noite alem resôa
Cerca das ribas do mar,
Meia noite já é dada,
E o povo ainda a folgar.
Em meio de tal folguedo
Todos quédam sem fallar,
Olhos v ltam ao castello
Para vêr, para avistar
A linda Moira encantada,
Que era triste a suspirar.

—Quem se atreve! ai quem se atreve
Ir ao castello a trepar,
Para vencer lo encanto
Que tanto sabe encantar?

Ninguem ha que a tal se atreva,
Não ha que em moiras fiar;

Quem lá fosse a taes deshoras
Para só desencantar,
Grande risco assim corrêra
De não mais de lá voltar.

— Ai que linda formosura,
Quem a pudera salvar!
O alvor dos seus vestidos
Tem mais brilho que o luar!
Doces, tão doces suspiros,
Onde ouvil-os suspirar?

Assim um bom cavalleiro
Se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito;
Em desejos seu olhar.
Trés horas eram passadas
N'este continuo anciar;
Cavalleiro d'armas brancas
Nunca soube arreceiar,
Invoca a linda moirinha,
Mas não ouve o seu fallar.
Nada importa a Dom Ramiro
Mais que a moira conquistar.
Vae subir por muro acima,
Sente os pés a resvalar!
Ai que era passada a hora
De a poder desencantar.
Já la vinha a estrella d'alva
Com seus brilhos a raiar.
No mais alto do castello
Já mal se via alvejar
A fina e branca roupagem
Da linda filha de Agar.
Ao romper do claro dia,
Para bem mais se pasmar,

Sahiu do castello uma nuvem,
Era apenas a pairar;
Jurava o povo, jurava
E teimava em affirmar,
Que dentro d'aquella nuvem
Vira a donzellinha entrar.
Dom Ramiro de enraivado
De não poder-lhe chegar,
D'alli partiu contra os mouros,
Grande briga vae armar,
Por fim ganha um bom castello,
Mas sem moura para amar.

A Pastora

(Versão de Tavira — ALGARVE)

—Que fazeis aqui, senhora,
Tão gentil e delicada,
Com chapelinho á malteza,
Sáia de lan recortada?
Quem pelos endros da serra
Anda assim tão bem trajada
Ou é princeza dos bosques.
Ou donzella enamorada!
Dizei, dizei, donzellinha,
Onde é vossa albergada;
Embora longe ella seja,
Lá mesmo sereis levada.
Se pae e mãe inda tendes,
Elles me darão pousada,
Que já minh'alma não póde
Andar de vós apartada!
Cativaram-me esses olhos
E as vossas faces ro adas,

Renderam-me os vossos cantos
Quando los eu escutava,
Junto ás margens da ribeira
Em que vos vira assentada.
«Deixae-me, senhor, deixae-me
Andar só por esta estrada,
Que a pastora que aqui vêdes
Anda alegre e bem cuidada;
Não é princeza dos bosques,
Nem donzella enamorada,
Vive feliz sem amores,
Com amores não tem nada.
Saí, saí d'estas selvas,
Que aqui não achaes pousada...
—Não me aparto, não, donzella,
Antes que venha a alvorada;
Já que vos vi tão louçana,
Haveis de ser adorada.
«Não me enganam vossos olhos,
Nem vossas doces palavras;
Amor assim não se cria
N'uma hora tão mingoada.
Ai, não vos quedeis, senhor,
Vos rogo, por vossa alma!

A donzella assim pedia,
E a pedir bem que chorava!
Rendida já tão rendida
Estava a triste, coitada!
Cavalleiro que isto ouvia,
Não mais que suspiros dava,
Até que mais não podendo
Em seus braços a estreitava.

Romanceiro do Algarve, p. 143.

O Paladim cativo

(Versão do Algarve)

Sendo em terra de Moirama
Surprehendido um paladim,
Como escravo foi levado
Ao nobre Miramolim.
Tinha o rei moiro uma filha
Mais alva que um jasmim,
Lindos eram os seus olhos,
O seu corpo mui gentil.
Certo dia olha Celima
Para as torres de Safim;
Viu estar o pobre escravo
Pensativo andando ali.
O que n'alma ella sentíra,
Bem o quizéra encobrir!
Chorava a triste, chorava,
Que se não podia ouvir.
Desde então seus passatempos
Não a pódem distraír,
Que lá estão seus amores
Que tanto a fazem sentir!
Sobre as torres do castello
Passa os dias té ao fim,
Para vêr o pobre escravo
Trabalhando no jardim.
A princeza mais não póde
Sua paixão comprimir;
Quanto amor sente em seu peito
Ao christão vae descobrir;
Porèm elle não responde,
A' princeza nada diz,
Recorda só os amores
Que tinha no seu paiz.

Dado ao seu constante enôjo,
De Celima nada quiz;
De rijo bronze é seu peito,
Que não se deixa ferir!
Vendo que amor o não vence,
Ella então lhe falla assim:

—Todo meu oiro e riquezas
O serão tambem de ti,
Para resgatar teu corpo
Que me cativou a mim:
Dize-me, christão, não queres?
Ái, dize-me, não ou sim.
«Eu não quero o vosso oiro,
Nem quanto ha por ahi,
Que do meu paiz, senhora,
Hade elle chegar aqui.
—Se não queres o meu oiro
Nem quanto vês por aqui,
Então serei tua escrava
Para em tudo te servir.
Dize-me, christão, não queres?
Ái, dize-me, não ou sim.
«Para escrava eu vos não quero;
Que Deus vos dê melhor fim
Senhora, minha senhora,
Como erraes, e erraes por mim!
—Se o meu Deus tu não quizeres,
Nem meu pae Miramolim,
Eu amarei o teu Deus,
Teu pae o será de mim:
Dize-me, christão, não queres?
Ai, dize-me, não ou sim.
«Não quero os vossos amores
Nem as riquezas d'aqui,
Que mais amor é riquezas

Tenho eu no meu paiz.
Mal haja a hora, mal haja
Em que eu para aqui vim!
Perco um' alma para Deus,
Um coração para mim...
Ficade-vos pois embora,
Que para vós não nascí.

Quando ella ouviu taes palavras.
Jurou vingar-se por si;
Ao cabo de sete dias
Morto era o paladim;
Se foi traição da princeza;
Inda se não sabe ali.

Romanceiro do Algarve, p. 98.

A Pastora

(Versão do Algarve)

—Que fazeis aqui, senhora,
Tão gentil e delicada,
Com chapelinho á malteza,
Saia de lan recortada?
Quem pelos endros da serra
Anda assim tão bem trajada,
Ou é princeza dos bosques,
Ou donzella enamorada!
Dizei, dizei, donzellinha,
Onde é a vossa albergada,
Embora longe ella seja
Lá mesmo sereis levada;
Se pae e mãe inda tendes,
Elles me darão pousada,
Que já minha alma não póde
Andar de vos apartada!

Cativaram-me esses olhos
E as vossas faces rosadas.
Renderam-me os vossos cantos
Quando los eu escutava,
Junto ás margens da ribeira
Em que vos virá ãssentada
«Deixae-me, senher, deixae-me
Andar só por esta estrada,
Que a pastora que aqui vêdes
Anda alegre e bem cuidada;
Não é princeza dos bosques,
Nem donzella enamorada,
Vive feliz sem amores,
Com amores não tem nada.
Sahi, sahi d'estas selvas
Que aqui não achaes pousada...
—Não me aparto, não, donzella,
Antes que venha a alvorada,
Já que vos vi tão louçana
Haveis de ser adorada.
«Não me enganem vossos olhos,
Nem vossas doces palavras;
Amor assim não se cria
N'uma hora tão minguada.
Ai, não vos quedeis, senhor,
Vos rogo por vossa alma.

A donzella assim pedia,
E a pedir bem que chorava!
Rendida, já tão rendida
Estava a triste, coitada.
Cavalleiro que isto ouvia,
Não mais que suspiros dava,
Até que mais não podendo
Em seus braços a estreitava.
Já não resiste a donzella,

Nem já pranto derramava;
Tudo é brandura... o receio
Todo em amor se tornava!
D'alli se parte o mancebo
Com pensar que inda voltava,
E do peito da donzella
Uma rosa lhe levara.
Indo pela estrada ávante
Mal que via a mesma estrada,
Que a noite vinha tão negra
Que a muito custo enxergava.
Lá em meio do caminho
Grande traição era armada:
Pèrro villão sáe-lhe á frente,
De lado a lado o varara!
Cáe por terra o cavalleiro,
E morto alli se quedára;
O villão que morto o víra,
Atráz logo se voltara,
Trazendo na mão a rosa
Que o cavalleiro levara.
Acabada a negra noite,
O novo dia alvorava:
A pastora com amores,
Em vez de dormir, sonhava.
Mal o sol era a romper
Já ella vinha toucada;
Desce á margem da ribeira,
E entre as flores assentada,
Lembram-lhe alli as venturas
Que pouco antes gosara,
E ao som d'agua que corria
Estas saudades cantava:

—Onde estarás, cavalleiro,
Alma de mim tão cuidada,

Que não vens matar saudades
Que me cá deixaste n'alma?

Onde estão esses teus olhos,
Onde está tua palavra,
Que juraste ser voltado
Logo ao raiar d'alvorada?

Ái pobre da minha vida,
Ái pobre de mim, coitada!
Mal começo a ter amores,
Eis-me triste e desgraçada! —

Junto de uma alfarrobeira
O pèrro villão estava;
Quantas magoas mais ouvia,
Bem mais elle se enraivava.
Amava elle a pastora,
E como ella o não amava,
Por vingar-se d'elle e d'ella
Esta nova assim lhe dava:

—Senhora, minha senhora,
Por que estaes tão magoada?
Se choraes só pela rosa
Que ha pouco vos foi roubada,
Eil-a aqui! no vosso peito
Seja de novo guardada.
Cavalleiro que a roubou,
Já com a vida a pagara;
Mal lhe tocou este ferro,
Logo em terra se quedara.

Ella ouvindo uma tal nova,
Quer fallar, porêm não falla,
Foge-lhe a luz d'ante os olhos,
Dá-se em terra desmaiada.
O villão que assim a víra

Jurou de não mais amal-a;
Como em signal de desprêso,
Eil-o que vae de abalada,
Deixando-lhe sobre o peito
A rosa, mas desfolhada...

Dizem que a triste donzella
Por morta logo ficara,
E que passado algum tempo
Mesmo alli a soterraram;
Que sobre a cova nascera
Uma roseira encarnada,
E que as rosas, que eram muitas,
Toda a serra perfumavam.

Romanceiro do Algarve, p. 143.

A Ausencia

(Versão do Algarve)

Triste era um cavalleiro,
Mais triste ser não podia;
Quèdo estava ao pé do mar
Assentado em pedra fria;
Com lagrimas e suspiros
Amargamente dizia:

—D'estas praias arenosas
Vi fugir minha alegria,
Quando as fontes do meu pranto
Vos perderam tão asinha!
Que força pôde apartar-me
De vêr-vos, senhora minha?
Como eu hoje vivo ausente
De quem tanto me queria!

Ausente de mim estaes,
Não da minha fantasia;
Com os olhos de minh'alma.
Vos comtemplo noite e dia;
Com estes que me não vêdes
Chóro eu a flor da vida,
Que no mar da desventura
Vae sem rumo, já perdida!
Ai, ausencia! triste ausencia,
Meu pesar, minha agonia,
Porque o meu amor me escondes,
Que o não vêjo onde soía?
Mal haja tão negra ausencia,
E mais esta pena minha,
Que me faz camanha magoa,
Camanha merencoria,
Que tão longe me detém
De quem tanto vêr queria!
Dizem que ausencia é menor
Quando amor não tem valia,
Mas este amor de minh'alma
Me cresce de dia em dia,
E com elle meus cuidados,
E um pesar que não havia.
Hoje tenho só tristeza
Onde só tinha alegria;
Descanço já não conheço;
Descançar não saberia;
Esperança se a tivéra,
Eu ainda viveria.
Tudo se me acaba agora,
Menos vida tão mofina.
Que mais perderei, senhora,
A não ser esta existencia,
Que longe de vós não é,
Não é, não póde ser vida?

Dizem que o bom cavalleiro
Na viola assim tangia,
E que ao longe humana voz
A tudo lhe respondia,
Olhava o triste coitado,
Suspirava, e nada via,
A não ser o rijo mar
Que contra a terra se abria.

Romanceiro do Algarve, p. 150.

A Captiva

(Versão do Algarve)

— Eu na terra fui gerada,
Nas ondas do mar nascida,
Do meu triste nascimento
Minha mãe foi falecida.
A mim para me criarem
A Italia me levariam;
A ama que me criou,
Oh, que bem que me queria!
Commigo estava ella sempre,
De ao pé de mim não saía;
Chamava á luz dos meus olhos
A luz do seu claro dia.
De tudo ella me ensinava,
Que de tudo bem sabia;
A educar me mandara
Nas escolas de harmonia.
Ao cabo de sete annos
Era a triste falecida.
Coitada de mim, coitada,
Que para sempre a perdia,
Que tão môça em terra alheia,
Tão sósinha que me via!

Eu por minha devoção
A' cova resar-lhe-ía;
Alli lhe prantava flores,
De suspiros a cobria;
As lagrimas dos meus olhos,
Olhos que eram o seu dia,
Sem que detel-as pudesse,
Aquella terra bebia!
A filha do senador,
Que amisade me fingia,
A um escravo promettera
Sua carta de alforria,
Se me elle degolara
Quando eu a resar ía.
A sombra do cemiterio
O negro me apparecia;
Olhava-me elle de longe,
Que ao perto não se atrevia;
Um dia quiz degolar-me,
Mas eu d'elle me fugia;
Junto ao rei de Babylonia,
Que uma estatua alli havia,
Por uns moiros que espreitavam
Muito bem fui soccorrida;
O que me então cativara
Mais que todos me queria,
De amor elle me fallava,
Mas eu não lhe respondia.
O negro alli mataram,
Morto alli se quedaria;
Cativa então me levaram
Mais ao pranto que eu vertia.
Captivaram me esses moiros
Para lhes ganhar a vida,
Cuidando que eu a ganhasse
Como mulher já perdida.

Instrumentos eu quizera,
Que assim bem a ganharia.
Commigo elles caminhavam,
Commigo elles percorriam,
Tangendo minha viola,
Tristes cantos repetia;
Minha ama me lembrava,
Só por ella eu cantaria!
N'uma linda caravella
Sobre o mar meu pae corria;
Em toda Italia o mesquinho
A procurar-me andaria,
Sabendo o meu cativeiro
N'outros mares descorria;
Dia e noite navegava
Nas costas de Berberia.
Lá da sua caravella
O nome só eu sabia;
A minha ama, coitada,
Quantas vezes m'o dizia!
A caravella chegava
Ás areias de Tarifa:
Alli me levam os moiros
A pensar que ganhariam.

—Abre-me a porta, meu pae,
Que hoje acaba a tua lida,
Abre tambem os teus braços,
Que aqui tens a tua filha!
«Ha sete annos que andava
Sem saber de ti, mi vida;
Aqui tens estes meus braços,
Filha de mim tão querida!

Os moirinhos que tal ouvem,
Eil-os que vão de fugida.

Romanceiro do Algarve, p. 60.

A Serrana

(Versão do Algarve)

Ao campo se vae Jacintha,
Manhanita de San'João,
Com seu borzeguim de seda,
E sáia côr de limão.
Para a vêr se erguêra o sol,
As aves cantando vão;
Jacintha, a flor das campinas,
Sobre as flores corre a mão;
Uma capella tecêra
Das capellas-de-San'João,
Da cheirosa madre-silva,
Da verde murta em botão.
Não ha vêr melhor beldade,
Não ha vêr outro condão;
Mais formosa que Jacintha
Outras formosas não são!
Em bailes começa o dia,
Todos correm á funcção;
A villã deixa a cabana,
A fidalga o seu balcão;
De amores todas se tocam
Nos requebros que se dão,
Porèm nenhuma aldeana
Inventa melhor canção:
Ao som da sua guitarra,
Que ternos amores vão!
Aquelles sons maviosos
Todos diziam paixão!
Ninguem sabe se Jacintha,
A folgar por San'João,
Da guitarra as cordas fere
Ou se as do seu coração!

Os festeiros que a rodeiam
Por ella morrendo estão,
Todos lhe deitam cantigas,
Ella a todos dá demão;
Para os bem desenganar
Canta os versos que aqui vão:

—Tenho o meu amor ausente
Nos campos de Marzagão;
Aqui só tenho saudades
Onde eu tinha o coração;
Outros amores não quero,
Que os meus amores virão!

Cantava a linda serrana
Estas fallas, e maia não;
Uma voz lhe respondèra
Com fingida discrição:

«Os teus amores não voltam,
Cativos elles estão;
Lá nos campos da Moirama
Os moiros los matarão.

Treme Jacintha escutando
Este funesto pregão,
Sua mão era gelada,
Sente apertal-a outra mão;
Vae erguer seus lindos olhos
Eis que dá com Dom Beltrão,
Que vinha de matar moiros
Dos campos de Mazagão.
A alegria que elle teve
Nem seus labios o dirão!
Assim se acaba a Jacintha
Este dia de San João.

Romanceiro do Algarve, p. 121.

Os Calvos

(Versão do Algarve)

Mães, que tendes vossas filhas,
Assim Deus vos dê ventura!
Não lhes deis maridos calvos,
Se lhes quereis dar fortuna.
Ai pobre de mim, coitada,
Que me casei ás escuras
Com um capão de cabêça,
Desbarbado até á nuca!
Mães, casae as vossas filhas,
Mas não lhes deis amarguras;
Para com calvos casal-as,
Melhor é vêl-as defuntas.
Ponde em mim os vossos olhos,
Se entendeis minha tristura.
Sem ser turca me casaram
Com homem de meia lua!
Ha calvas de *mappa-mundi*,
Que só com linhas se cruzam,
Com zonas e parallelos,
Com cidades e com ruas.
Deus nos livre de taes calvas,
D'essas nefandas planûras,
Que nos fazem parecer
Mancêbas de padre-cura!
Ai, fugí, fugí, meninas,
D'esses depennados Judas,
Que nos dão cruz e calvario
Em vez de nos dar venturas.
Se o marido já vem calvo
E a bola nos traz madura,
Ai, como, minha menina,
Como fazer-lhe a tonsura.

Romanceiro do Algarve, p. 195.

Estoria do Boi bragado

(Versão da ilha da Madeira)

Era um rico senhor,
De mui nobre fidalguia;
Grandes honras, muitas terras,
No meio d'ellas vivia.
Se guerras se pregoavam,
De tudo mais se esquecia:
Mas se não andava em guerra,
Ai mulheres, ai vilania!
A todas elle lograva,
Com todas se devertia,
Que, no azar de seus jogos,
Como senhor, não perdia.
Uma quintã elle tinha,
Sua coutada baldia;
Dos creados que lá eram
A um mais que todos qu'ria,
Tão fiel, com ser malato,
Que nem zombando mentia.
Nos gados que este guardava
Um boi bragado havia,
Que fizera sete mortes,
Que, de bravo, nem dormia;
Lo melhor boi da manada,
Que seu amo não vendia
Nem por tanto do dinheiro
Que la herdade valia.
Pois teve má fim lo boi,
Como ninguem cuidaria.

Um villão de por 'lli perto,
Que abastado vivia,
Só por abastado ser,

Lo senhor lo accolhia,
Só p'ra chacotear d'elle,
Que p'ra mais lo não qu'ria:

—Villão ruim, nada vales,
(Lo fidalgo lhe dizia);
Esse malato do gado
Tem muito maior valia;
Tu mentes, por condição,
Elle nunca mentiria.
«Apósto que mentirá
Antes que passe outro dia.
—«Apósto minha quintã
Mail la coutada baldia,
Que meu malato fiel
A mim não me enganaria.
«Eu apósto quanto tenho;
Vamol-o vêr, senhoria.
—Apostado, apostado,
Vamol-lo vêr, villania.

Lo villão, todo sanhudo,
A sua casa corria;
Cuidando pollo caminho
Por que traças ganharia;
E, logo que lá chegou,
Tudo á mulher dizia:

—«Mulher minha, bem lo vês
Este caso apressado;
Vae-me ganhar esta apósta
De lanço afortunado.
Lo malato da quintã
Tem um boi a seu cuidado,
Lo melhor boi da manada,
Boi que é de côr bragado;

Que fizera sete mortes,
De bravo, sempre acordado;
Que seu amo não vendia
Por quanto dinheiro contado.
A' quintã vae-me n'esta hora
Dar conta do meu recado.
Por ti lo malato seja
A modo bem conversado
Que, morto lo boi, te dè
Los chavèlhos do bragado.
—«Descança, marido meu,
Darei conta do recado:
De conversa e chavèlhos
Isso fica a meu cuidado.

Suas rasões bem sabe ella
Por que falla assegurado;
Malato, quando la via,
Olhava embasbacado;
Ella de lo vèr gostava,
Por ser bem posto malato.
Foi lo marido com ella
'Té á quintã ser chegado;
Ella polla quintã dentro.
Elle p'ra casa voltado.
Lo malato, que la avista,
Fica de côr demudado;

=«Vós, senhora, por aqui,
Tão longe de povoado?
—«Venho-te pedir-te um favor,
Meu malato estimado.
=«Que poderei eu fazer
Que vos possa ser de grado?
—«Malatinho, eu te peço
Los chavèlhos do bragado.

=«Ái, amor, não póde ser!
É lo melhor boi do gado;
Lo mais qu'rido de meu amo,
E posto a meu cuidado.
—«Dize-lhe tu que morreu
De quebranto ou de olhado.
=«Eu a meu amo não minto,
Nem mato lo boi bragado,
Que nunca por mim 'tè'gora
Foi meu amo enganado.
—«Malato dos meus peccados,
Se queres ser meu amado,
Dá-me tu lo que eu te peço,
Lo que peças terás dado.
=«E se eu vos pedir, senhora,
Lo que quer um namorado?
—«Dá-me tu lo que te eu peço,
Que terás lo desejado.

Não passava uma hora,
Morto foi lo boi bragado;
Lo que depois succedeu
Não lo sei p'ra ser contado;
Não sei dizer lo que foi,
Nem que tempo foi passado;
Sei que ella levou comsigo
Los chavèlhos do bragado,
E, dando-los ao marido,
Deu conta do seu recado.

—«Marido de meus peccados,
Morto esta lo boi bragado;
P'ra tão bons chavèlhos teres
Foi trabalho porfiado.
«Mas trabalho, mulher minha,
Trabalho bem acabado.

—«Fiz diligencia, marido,
Dar conta do meu recado.
«Lo malato, que não mente,
Agora está apanhado;
La verdade não dirá,
E ganhei lo apostado.

Entrementes, na quintã,
Malato sem socegar,
Como peccador na culpa
Que não póde resgatar:

=«Tenho que ir onde meu amo,
A seus mandados tomar;
Mas que lhe vou eu dizer
Quando do boi me fallar?
Eu digo:—«*Lo boi morreu*
Do quebranto ou d'olhar.»

E, páo de conto na mão,
Prestes vae a caminhar;
Mas de pernas a tremer,
Passada não póde dar:

=«Esta mentira não presta;
Outra melhor hei de achar.

E, então, tomou do páo,
Foi-lo na terra fincar:

=«Faço conta qu'é meu amo,
Aqui, em pé, a fallar;
—*Como está meu boi bragado?*
(Meu amo vem perguntar).
Eu digo: =«*Não sei do boi.*
E nada mais vou contar.
Mas esta tambem não presta:;
Outra melhor hei de achar.

N'isto, duas voltas deu,
E tornou a começar:

—*Como está meu boi bragado?*
(Meu amo vem perguntar).
Eu digo: =*Lo boi morreu.*
E nada mais vou contar.
Mas esta tambem não presta;
Outra melhor hei de achar.

E mais duas voltas dando,
Elle torna a começar:

—*Como está meu boi bragado?*
(Meu amo vem perguntar).
Eu digo: =*Cuidae, meu amo,*
(Não será falso cuidar)
Que boa môça me veiu
Com seus encantos tentar;
Que, se do boi los chavélhos
Eu alli lhe fosse dar,
De tudo que eu lhe pedisse
Nada me havera negar.
E, meu amo, dizei cá,
Fôra-vos ella rogar,
Quantos chavélhos de boi
Lhe mandarieis vós dar?
Esta sim, boa resposta;
Sem á verdade faltar.

E, páo de conto na mão,
Malato a caminhar.
Quando lo bom do malato
Portão do amo entrava,
Já lo ruim do villão
Já de mais cedo lá estava,
E, todo elle alegria,

Escondido lo esperava;
Seu amo, sem mal cuidar,
Tambem por alli andava,
E, quando lo vê, pergunta:
Boi bragado como estava?

Lo malato respondeu,
Lo villão a escuitar:

=«Cuidae vós, senhor meu amo,
(E não é falso cuidar)
Que boa môça me veiu
Com seus encantos tentar;
Que, se do boi los chavêlhos
Eu alli lhe fosse dar,
De tudo que eu lhe pedisse
Nada me havéra negar.
E, meu amo, dizei cá,
Fôra-vos ella rogar,
Quantos chavêlhos de boi
Vós lhe mandarieis dar?
—Daria, mais que daria!
Não precisa perguntar.

Lo fidalgo respondendo,
Redobrava a gargalhar.
Mas lo máo villão ruim
Do malato praguejava;
A trôco dos bens perdidos,
Com dois chavêlhos ficava.

Romanceiro do Archipelago da Madeira, p. 273.

Lo Mestre de solfa

(Versão da Ilha da Madeira)

Um devoto mercador,
Surdo a mais não poder,
Uma só filha que tinha
A freira la quiz metter.
Mas outros contas fez ella
No regra do seu viver:
Com mestr' Affonso, solfista,
Casada veiu a ser.

—Ai filha! (seu pae lhe disse)
Já pouco posso viver;
Quero-te freira professa,
P'ra socegado morrer.
«Valha-vos Deus, senhor pae,
Que muito heis de viver,
E em vez de ser professa,
Casada eu quero ser.
—Tu quiseras-te casada!
Ou que estás 'hi a dizer?
Passarem meus bens a outrem!
Puzéra tudo a arder.

N'um instante ella pensou
Sua meada tecer:

«Lo qu'eu disse não foi isso,
Que não sou louca mulher.
Eu disse: Valha-vos Deus,
Que muito heis de viver;
E eu, em vez de professa,
Casada não quero ser.
No mosteiro de meus sonhos
Estar freira é meu prazer;
E, para entrar prendada,

Solfas quizera saber:
Mandae chamar mestre Affonso,
Com quem las hei de aprender;
Santas solfas que elle sabe
Tambem eu las hei de lèr.
—Seja como tu lo queres;
La paga ha de apar'cer;
No mosteiro de teus sonhos
Professar eu te hei de vèr.
Oh preto, vae-me n'um pulo
De mestre Affonso saber,
Se me ensinar minha filha,
Quanto ha de receber?
«Senhor pae, esse recado
Bem lo pode offender;
Em um convite cortez
Vós lhe deveis escrever.
—Tens tu rasão, rapariga;
Vou por lettra lhe dizer...
«Que venha, (accudiu ella)
Tempo não ha que perder,
—Dá-me papel e tinteiro
E lo mais que hei de mister:
Que venha já hoje aqui,
Tempo não ha que perder.

Lo preto foi e voltou
Vinha a rir sem se sustèr;
Segredo d'estes amores
Farto estava de saber.

—«Lo mestr' Affonso, senhor,
'Hi vem já, sem se detèr;
Se bem lo quer la menina,
Tambem elle bem lhe quer.
—Oh preto, que dizes tu?

—«Que mestre Affonso bem quer
Acudir onde lo chamam;
Que 'hi vem já sem se detêr.

Mestre Affonso veiu logo,
A voar, não a correr,
Que lo amor lhe deu azas,
Visto lo amor las ter.

—Mestre Affonso, vós sabeis
Orgão, por solfa, tanger;
Ensinae la minha filha,
Que freira la vou metter.
=Sim senhor, p'ra vos dar gosto,
Prompto vou obedecer;
Las lições poucas serão,
'Té nos irmos receber.
—Não ouvi. Lo que dizeis?
=Que vos vou obedecer;
Que bastam poucas lições,
Se las quizer receber.
—Isso quer la minha filha,
Oh, se quer e torna a querer!
Compeçae já d'esta hora,
Que eu pouco posso viver.

Mestre Affonso solfejando,
La menina a responder,
Par'ciam dois passarinhos
A' hora de amanhecer:

=Pouco teremos que esp'rar,
Se vosso pae vae morrer;
No mosteiro de Cupido,
Ambinhos vamos viver.
«Eu não quero mais esp'rar,

Nem meu pae hade morrer;
No mosteiro de Cupido
Ambinhos vamos viver.
—Não ouvi lo que cantaes?
=Cantamos lo bem morrer;
Praguejamos de Cupido,
Louvamos santo viver.
«Continúa, filha minha,
Não deixes tempo perder;
Que eu me vou ao padre Cura
Confessar, absolver.

Foi lo velho á confissão,
Mas, vindo a recolher
Achou la filha e lo mestre
Abraçados sem lazer:

—Oh, preto! vem cá depressa
La espada me trazer;
A's minhas mãos los traidores
Mortos ahi hão de ser.

Mas lo enganado do velho
Mais nada pode fazer;
Cahiu redondo no chão,
E p'ra nunca mais se erguer.
E outo dias passados
Quem lo qu'ria la foi vêr,
Um padre casar os dois,
Outros missas a dizer.

Romanceiro do Archipelago da Madeira, p. 287.

Mariquinhas

(Versão da Ilha da Madeira)

Mariquinhas vem da horta
Onde só milho havia;
Passando, viu um visinho
Que bom repôlho colhia:
«Oh, que bello repolhinho!»
Ella comsigo dizia,
Elle, que la viu olhar,
Off'receu que lo daria.
E Mariquinhas responde,
Sem lhe guardar cortezia:
Que lo fosse dar ao gado,
Que p'ra si não carecia.
Mas lo triste do visinho
Nem por isso se offendia;
Tamanho amor lhe tem,
Que tudo lhe soffreria:

—Ai (diz elle) ai, Mariquinhas,
Eu isso não vos mer'cia:
Se não lo sabeis, sabei
Que muito ha que eu vos qu'ria;
Não regeiteis minha offerta;
De graça não na fazia;
Em troca d'um repolhinho,
Por mulher vos pediria.
Respondei-me, sim ou não?

Calada, não respondia;
Mas acceitou lo repôlho,
E para casa corria.

«Ouvi cá, senhora mãe,
Quem tal caso cuidaria!

Que lo visinho da horta
P'ra casar me fallaria?
—«E tu, filha, que dixeste?
«Eu para casa fugia.
—«Pois eu vou dizer que sim;
Hoje fosse já lo dia.

Foi la mãe dizer que sim,
Que dava sua Maria;
Ajustam no casamento;
Ficaram certos no dia.
Voltando la mãe a casa,
Não cabe em si de alegria:

—«Maria, meu mealheiro
Todo lo despejaria;
Eu te vou comprar vestido,
Como ninguem compraria;
E camisa, meia, saia,
Como ninguem las teria;
Chanellas de cordovão,
Como ninguem calçaria;
Cordão, arrecadas d'oiro,
Do melhor, e mór valia.

Lo rapaz, á sua parte,
Nem formiga em roda viva!
Nem lo melrinho do campo
Seu ninho melhor fazia!
Comprou andaina de fato,
Como ninguem compraria;
Camisa, meia, barrêta,
Como ninguem los teria;
Bota chã de couro branco,
Como ninguem calçaria;
E rez morta, pão, e vinho,
Nem cantor lhe faltaria!

No dia do casamento,
Promptos estão a caminhar:
Vae diante lo cantor
Suas trovas a deitar;
Los tocadores de viola
De violas a tocar;
E sua mãe mail la noiva,
Assim lhe vae a fallar:

—«Vamo-nos, filha, depressa;
Lo padre está a esperar;
Coidado no vestidinho
Que pena lo é sujar.

E vae seu pae mail lo noivo,
Assim lhe vae a fallar:

—«Vamo-nos, filho, depressa,
Lo padre está a esp'rar;
Cuidando no fato novo,
Que pena lo é sujar.

E padrinhos e parentes
Assim se vão a fallar:

—«Vamo-nos, todos, depressa,
Lo padre está a esperar;
Vamos todos á egreja
Vêr estes noivos casar.

Lá 'stão noivos e padrinhos,
Lá 'sta lo padre no altar;
Los noivos se estão casando,
Sogro e sogra a chorar.

—«Repolhinho, repolhinho,
Quem lo houvera cuidar?

Por amor de um repolhinho,
Se foram estes casar.

Romance do Archipelago da Madeira, p. 297

Dom Beltrão

ou

O Cavalleiro sem odio e sem amor

—Satanaz, adiante, adiante,
Adiante, oh Satanaz!
Corre, vôa! o meu pensamento,
Oh Satanaz, deixa atraz.
Tu não ouves o bramido,
Ai de mim, da tempestade?
Tu não ouves, meu corcel,
Tão junto nos acossar?
Não sentes tu o turbilhão,
Ai de mim! que nunca pára?
Que leva o meu pensamento
Na furia desesperada?
Oh Satanaz, corre, vôa!
Corre, vôa! um só momento
Deixa atraz, oh Satanaz
O meu louco pensamento...
Corre! eu quero que as orelhas
Me ensurdeça o ár quebrado,
Eu quero de um turbilhão
De poeira ser cegado.
Corre! corre! adiante, adiante,
Pelos montes, pelos valles,
Por campinas florecidas
For estereis matagaes.
Corre! corre! na corrida
Tudo abate, calca e passa,

Passa sobre quanto encontres
De mais santo e de mais caro...
Como o raio na tempestade
Passa, oh fido Satanaz, (á fé de)
Que só o meu pensamento
Tu o deixes, deixes atraz.

Dom Beltrão, olhos de braza,
Cabellos dados ao ár,
Dá de rédeas e de espóras
Ao cavallo sem cessar...
Assim vôam, vôam, vôam
Por campina e matagal,
Passam, passam longe, como
Levados do temporal.
Os homens ao seu passar
Se afastavam assustados:

«Oh, mal hajas, cavalleiro,
Oh môço endemoninhado,
Que vaes indo tão soberbo
Sobre o teu soberbo diabo!
C'o desprêso sobre os beiços,
C'o desprêso nas olhadas,
Triste, tu nada respeitas,
Triste, tu não crês a nada!
A má ida vá comtigo,
Oh môço endemoninhado!

Mais adiante, Dom Beltrão
Surdo passava, passava;
C'o desprêso sobre os beiços,
O corisco nas olhadas.
No meio das maldições
Surdo passava, passava;
E das rédeas e espóras

Mais o cavallo incitava:
Seu Satanaz, como o vento
Longe voava, voava...
Sempre adiante, sempre adiante,
Vôam, vôam vôam, vão
Pelos montes, pelos valles
Passam como o furacão.
As mulheres ás janellas
Lhe gritavam cá átraz:

—«Quéda, quéda, cavalleiro!
Cavalleiro, d'onde vás?
Em essa louca corrida,
Dom Beltrão, quem te traz?
Pois qual soberba rainha
Longe te está a esperar?
Oh que tem de ser de fogo,
Dom Beltrão, o teu beijar;
Oh que tem de ser terrivel,
Dom Beltrão, o teu abraçar!
Quéda, quéda, cavalleiro,
Um momento a descansar;
Sube, sube nos meus braços,
Dom Beltrão, a repousar.

Mais adiante, o cavalleiro
Surdo passava, passava,
Co desprèso sobre os beiços,
O corisco nas olhadas.
Sobre o seu soberbo diabo
Surdo passava, passava;
E de rèdeas e de espóras
Mais o cavallo incitava.
Seu Satanaz, com o vento
Longe voava, voava...
Sempre adiante, sempre adiante,

Vôam, vôam vôam, vão,
Por planura e matagal
Passam como o furacão,...
Nem o detêm as injurias,
Nem das mulheres a flor,
Dom Beltrão, o cavalleiro
Sem odio e sem amor.
De abril reflorecido
Era o mais sereno dia,
Na terra, no mar, no céo
A primavera sorria:
O sol lhe catava honra,
E as flores cortezia,
E ao pé de um precipicio
Dom Beltrão morto jazia,
Seu punhal de ouro fino
No meio do peito tinha.
Ao sol vôlta Dom Beltrão
Tinha a fronte esclarecida,
E esvaídas eram d'ella
A tormenta e a alteria;
Sobre os beiços desmaiados
Uma doce paz sorria.
Dormia assim Dom Beltrão,
Dom Beltrão assim dormia,
E a vida que elle sonhava
Que gosada nunca tinha....

Assim seu punhal no peito,
Da sua vida sonha a flor
Dom Beltrão, o cavalleiro
Sem odio e sem amor. [1]

[1] Este romance foi-nos communicado de Genova pelo nosso consu Joaquim de Arau,o em um folheto .iu-8.º pequeno de 15 paginas publicado por Guiglielmo Viscardi, com o titulo *Una Romanza portoghese (Dom Beltrão)*. Ginevra, Tip. Remigio Schira, 1884. Tem

O Cruzador Cath'rineta

(Paródia politica)

Lá vem o cruzador *Cath'rineta,*
Que tem muito que contar,
E andou mais de tres quinze dias
Por sobre as aguas do mar!
Levava a bordo um general
E uma sopeira de rachar,
E muitos frasquinhos de tinta

---

um prologosinho, em italiano, datado de Napoles, 1883; n'elle diz o collector: «Che la mia romanza l'abbia trovata in um antico manoscrito della famosa biblioteca d'un non meno famoso mio amico, questo s'intende; etc.» Não querendo que o taxem de nimia credulidade, accrescenta: «non mi faccio alcuno scrupulo di esternare qualche dubbio sull' autenticità di essa—» Eis os fundamentos que apresenta G. Viscardi:

«La romanza, nello stile, nella lingua, nella verseggiatura—questa forse anco tropo elaborata per voler ottenere tutta la trascurateza popolare—nella sua forma, in somma, si presenta con grande pretenzione di autenticità; e sta bene. Il pensiero pero che informa la poesia è quello chi mi fornisce i su referiti dubbi».—E conclue vagamente: «a me piacerebe crederla piutosto opera di chi, pur seguendo la sua fantasia, abbia voluto provare fino a chi punto l'imitazione della fórma possa piegare ed adattare all' indole di un popolo un pensiero anco ad essa alieno.» Foi escripto o romance por Carducci, segundo vimos em uma referencia.

O thema tradicional d'este romance, em que D Beltrão é uma especie de Mazeppa, não se encontra nos Romanceiros portuguezes! não é isto bastante para pôr em duvida a sua genuinidade popular. Vê se que provém de uma copia litteraria, e que o copista retocou, e por vezes não entendeu os versos tradicionaes, e os deixou errados por falta de memoria. Mas ha indubitavelmente um fundo tradicional modificado, com uma fórma litteraria que se pretende fazer passar por popular, como julga o editor italiano. Deve pois ser incorporado do Romanceiro portuguez, perdoando-se-lhe um ou outro epitheto litterario do copista, sobre dictado de alguma familia de christãos novos, que de Portugal fugiram para a Italia nas perseguições da Inquisição, como vimos pelo processo de Diogo Rodrigues.

Para a gente se pintar!
Aos tantos de tal, zás! bumba!
Arre...bentou um temporal!
Foi o quer Deus com batatas!
Caiu toda a gente ao mar,
E como a sopeira era
A unica que andava a boiar,
Todos os homens afflictos
Foram-se a ella agarrar!
Deus Nosso Senhor velava,
Niguem chegou a espichar,
E o Cruzador continuou
Seu roteiro a roteirar.
Levava um grande andamento
De a gente se admirar:
Sete milhas e mais meio metro
Por semana se chegaram a contar!!!
Ao decimo millionesimo
Dia de tanto caminhar,
Disse o gajeiro das vergas:
«Começo terra a avistar!»
Mas afinal era apenas
O Alpoim que se andava a banhar!
Chegou a fome, e os coitados
Pozeram a sopeira de môlho
Para vèr se a podiam tragar...
Tiraram sortes á ventura
Quem a havia de trinchar,
E caiu a sorte ao general
Que já ia a desbotar!!
Ao centesimo primeiro
Dia de tal moirejar,
Já se ouviam as barrigas
Tim... tim... tim... horas a dar!
Então o general, chorando,
Offereceu a pèra para o jantar...

Foi dia de regabofe!
Comeram a pêra com cebollinhas,
E começaram todos a agoniar!!
Mas eis que o gajeiro grita:

—«*Já vêjo terras di Juca*
E árêas di Bota-Fogo!
E bondis e máracujá!
E na rua do Ovidô
Tres mininas á brincá!»

Porém a bordo ninguem
Se podia já levantar!
Estavam todos aos vomitos
E as tripas a vomitar!
Porque a pêra tinha tinta
E desatara a desbotar
Dentro da barriga dos pobres!
De maneira que elles todos
Estavam já a espernear
Envenenados, coitadinhos,
E de pernas para o ár!!
E assim é que acaba a historia
Do cruzador *Cath'rineta*
Que tem muito que contar,
E andou mais de tres quinze dias
Por sobre as aguas do mar!

A Fróta do Syndicato

(Parodia da Náo Catherineta)

E' como a náo Cathrinetas
Que tem muito que contar,
A fróta dos galeões,

Que a Lagos foi viajar...
Passaram horas amargas
Por sobre as aguas do mar...
Cansado o rebocador
Já não qu'ria rebocar,
Dizendo que tambem tinha
Direito de descançar...
O fragôr dos bons trombones
Começava a desmaiar,
Ai! que tormentos passaram!
Tormentos para chorar!
Maldito rebocador!!
Malditas ondas do mar!
Era preciso dar vivas
A El-Rei ao madrugar...
A fróta estava com somno,
Já não queria caminhar...
Voltaram-se para Deus,
Com pavôr, a clamorar:
—Senhor mandae-nos o vento
P'ra este nos empurrar:
Ha acções de beneficio,
Ainda, para Vos dar?!
Queriam Deus p'ro syndicato:
Deus mandou-os bugiar...

Que gritos tão lancinantes
Ha sobre as aguas do mar!!
Oh frota dos galeões,
Aonde irás tu parar!!
Impava o rebocador,
Sem forças, a tropeçar,
Prometteram-lhe tambem
Acções, p'ra depressa andar...
Mal haja o rebocador
Que os não quiz auxiliar!!

Ia a manhã larga e fresca,
Quando puderam chegar... [1]

A NÁO GOVERNANÇA

(Parodia da Náo Caterineta)

Lá vem a náo Governança
d'agua aberta, a bordejar!
Ouvide, pois, rotativos,
isto que vos vou contar.

Passava mais de tres annos
Que iam a desgovernar,
já tinham roido tudo,
só lhes sobrava o fumar.
Deitam *accordo* de môlho
para o poderem trincar;
mas *accordo* era tão pôdre
que não se poude tragar.
Deitaram sorte á ventura
qual se havia de papar;
logo foi cahir a sorte
no Responsavel Geral.

—Arriba, arriba, caixeiro
do banqueiro principal,

[1] *Do «Jornal da Noite»:*

«O *Heraldo*, de Tavira, publica uma parodia á *Náo Cathrineta*, dedicada aos syndicateiros da sardinha, que n'um galeão foram embusca do «yacht» D. Amelia, para pedirem a El-rei que fosse tornada effectiva a escandalosa portaria, que determinou o encurtamento da distancia entre as armações da sardinha.

E' devéras engraçada a parodia, que se intitula «A frota do syndicato», e pena temos de a falta de espaço nos permittir transcrever apenas parte dos versos.»

vê se arranjas um emprestimo,
que isto assim vae muito mal.
«Não vêjo nem um vintem
em terras de Portugal,
mas vêjo um conde que quer
ganhar a c'róa ducal.
—Arriba, arriba, caixeiro,
vêr o conde é bom signal,
olha bem se traz dinheiro
p'ra terras de Portugal.
«Vêjo que traz, n'uma sacca
cheia d'ouro, a rebentar,
muitos *contos* para estradas
para a gente passear.
—«Essa maquia é p'ra mim,
diz um *loirinho*, a chorar.
«N'outra sacca traz canhões
e bichas de rabear.»
(Exclama um homem de pèra
isso é para eu *manobrar*.
«Vejo que traz na algibeira
comboios a fumegar.
(Todos berram: temos *rede*
p'ra de graça viajar.
«Vejo mais que traz seringa
para os cambios regular.
(Seringa para Alijó
no carnaval seringar.)
«Vejo, por fim, muita libra
p'rá Suazilandia marchar.»
(Qual historia! essa coitadinha
é p'rá gente manducar.)

Diz então o Responsavel
ao caixeiro: —Vou-te dar
aquillo que desejares

e que tu possas tomar.
«Responsavel, eu só quero
que me dès o teu logar.»
—Renego de ti, demonio,
que me estavas a attentar!
Este logar é só meu,
emquanto o Outro mandar.

Tomou-o o Outro nos braços,
não n'o dixou affogar;
e assim ficaram na náo
Elle e Outro a governar...
Não estoirou o diabo,
mas a náo ha de estoirar...

Diario illustrado, n.º 10:869
(5-VII-1903)

§ III — *Romances da Historia de Portugal (tirados das Colecções hespanholas)*

1

Romance de como se ganó Coymbra

(Sepulveda)

Cercada tiene a Coymbra
Aquesse buen rey Fernando,
siete años durava el cerco
que jamás lo habia quitado:
por que la villa es muy fuerte
de muros bien torreado:
no hay vianda en el real
que todo lo habian gastado:
ya quieren alzar el cerco,
al rey monjes han llegado
de aquesse gran monasterio
que nombrado era Lormano,
que con trabajo crecido
habian mucho trigo alzado
ordio, mijo y aun legumbres
al rey todo se lo han dado:
rogáranle no alce el cerco
que darán vianda a basto.
El rey se lo agradeció
tomó lo que le fué dado:
partiólo por sus compañas
vianda les ha abundado:
quebrantaron muchos muros
los Moros se han acuytado:
dado se habian al rey
la villa y todo su algo:

solos fican con las vidas
que el rey se las ha otorgado.
En tanto que dura el cerco
un romero habia llegado
que venia de allá de Grecia
al Apostol Santiago.
Estiano havie por nombre,
obispo es intitulado:
estando haciendo oracion
ante el Apostol muy santo,
a Pianes oyó decir
que el Apostol yá nombrado
entraba en las grandes lides
armado y en un caballo,
a pelear con los Moros
en favor de los Cristianos;
el obispo que lo oyó
muy mucho le habia pesado.
No le digais caballero,
pescador es el llamado:
y con esta gran porfia
dormido habia quedado.
Santiago le apareció
con llaves en la su mano,
y con muy alegre rostro
dixo: —Tu haces escarnio
por llamarme caballero,
y tu en ello has dudado:
vengo ahora yó a mostrarme
porque no dudes en vano:
caballero soy de Cristo,
ayudador de Cristianos,
contra el poder de los Moros,
yó delles soy abogado.
Estando en estas razones
traido le fué un caballo,

blanco és y muy hermoso,
Santiago a cabalgado,
guarnecido de todas armas
frescas blancas relumbrando
a guisa de caballero
ayudar vá al rey Fernando,
que yazia sobre Coymbra
habia yá siete años:
y con estas llaves mismas,
dijo, que llevo en mis manos,
abriré yó a Coymbra
manaña el dia llegado:
dársela yó a ese rey
que la ha tenido cercado:
y en aquesa propia hora
al rey se habia entregado:
y la mezquita mayor
luego se habia consagrado;
nombre sancta Maria:
en ella se habia armado,
caballero don Rodrigo
de Vivar el afamado
el rey le ciñó la espada
paz en la boca le ha dado:
no le diere pescozada
como á otros le habia dado;
novecientos caballeros
don Rodrigo habia armado;
mucha honra le hizo el rey,
mucho lo habia loado
porque fuera muy valiente
en ganar lo que es contado
y en otros muchos lugares
que el buen rey ha conquistado.

Romances nuevamente sacados de hiotorias antiguas, fl. 120 Anvers, 1551.

Romance del Conde Alfonso Enrlquez

(Anonymo)

Cuando el Conde Alfonso Enriquez,
Primer rey de Portugal,
Hijo del conde Borbon,
De Borgoña natural,
Despues que en campo de Ourique
A muy duro pelear
Venció siete reyes moros
Y los trujo á su mandar,
Y despues que por sus hechos
Le vino Dios á premiar,
Dándole sus cinco llagas
Por armas y por señal;
Ya que ganó á Santaren
Con mucha guerra y afan,
Y puso á Lisboa cerco
Por la tierra y por la mar,
Salió de dentro el Rey de ella,
Llamado Venalmazar;
Pide al Conde franca entrada,
El cual se la mandó dar.

—Habrás de saber, le dice,
Que ha que tengo en herdad
A la ciudad de Lisboa
Treinta y siete años y mas;
Mi padre cuarenta y tres
En quieta y segura paz;
Mi abuelo la tuvo treinta
Con guerras y mucho afan.
Al fin la habemos gozado
En feliz seguridad,
Desde que el rey Don Rodrigo

La perdió con Portugal;
Y que aquesta noche estando
En mi casa á mi folgar,
Vi venir una doncella
Al parecer celestial,
La cual hoy me dijo
Ser su entera voluntad,
Que sin guerra te entregasse
Mi reino y esta ciudad,
Y que me torne cristiano
Para mi alma salvar,
Y tu que te apartas luego,
Buen Conde, de mas peccar.

El Conde quedó espantado
De lo que al moro oyó hablar;
Inclinadas las rodillas
Comenzó de razonar:

«Mil gracias le doy á Dios
Por la merced que me hace,
Y pues que de esto se sirve,
Cúmpla-se su voluntad.

En esto luego se entraron
Los dos dentrò la ciudad;
Do al moro hicieron cristiano
Y al Conde rey natural.

2

Romance de Don Egas Moniz

(Juan de la Cueva)

La villa de Guimaraes
Don Alonso habia cercado,

Oitavo rey de Castilla,
Conmovido y alterado
Contra Don Alonso Enriquez,
Su infante y su mayorazgo,
Que no obedeciendo al Rey
Contra su edicto y su mando,
Teniéndole en menosprecio,
No acudiendo á su llamado,
Ni á las cortes de Castilla,
Aunque era á ellas citado,
Como tenia obligacion,
Y debe cualquier vasallo,
Cual el era de Castilla
Con juramento obrigado,
Y no acudia á sus cosas,
Ni d'ellas tenia cuidado.
O fuese por querer suyo,
O por mal aconsejado,
Al fin estimada en poco
Ser de Castilla llamado.
D'esto el Rey ardiendo en ira
Contra el Infante indignado,
Le comenzó á combatir
Teniéndole ya cercado,
Dándole por todas partes
Fieros y duros assaltos,
Perseverando en su intento,
Prometiendo y protestando
Que ha de igualar por el suelo
Su muro reedificado,
De donde los portuguezes
Se defienden aunque en vano,
Porque la porfía del Rey
En un tiempo ya tan largo
Los tenia tan estrechos,
Tan sin fuerzas y gastados,

Faltos de mantenimientos
E de vituallas faltos,
Costreñidos de la suerte
Que estaban determinados
A rendirse, pues se vian
Sin remedio en tal estado,
Y entregar al Rey la villa
Por no recebir más daño.
Todo el pueblo en este acuerdo
La ocasion anda trazando,
Viendo que el Rey persevera
Que su intento lleve al cabo,
Sin desistir de su intento
Ni alzar del cerco la mano;
Y para que venga á efecto,
Un dia andaba mirando
El sitio, el lugar y assiento,
Por uno y por otro cabo,
Y por donde el dia siguiente
Pueda el pueblo ser entrado
Con mayor facilidad,
Pues casi estaba arruinado.
Los de dentro temerosos,
El presto fin aguardando,
Viendo que él solicitaba
Su total miseria y daño,
Un caballero animoso,
Que era Egas Nuñez llamado,
Viendo el peligroso aprieto
Del cerco en que estan cercados,
Temiendo ver que se entregue
El pueblo ya acobardado,
Que viendo al Rey junto al muro
Todos estaban temblando;
Mas él con ánimo fuerte
Y corazon levantado,

Determina de morir
O que su pueblo sea salvo:
Y assi con firme braveza
Armado subió á caballo
Y sale á do estaba el Rey.
Y ante el puesto, asi ha hablado:

—¿Qué razon hay que tu Alteza
Con ánimo tan airado
Asi quiera destruirnos,
Y en ello ponga el cuidado,
Siendo razon mais urgente
Que mires por tus vassallos,
Que no hacerles tal guerra,
En la cual no acobardados
Hallarás los corazones,
Que nada les pone espanto,
Ni les forzará á que hagan
Por fuerza tu real mandado,
Pues pueden sufrir el cerco
Y darte guerra diez años,
Sin que les falte comida,
Ni cosa para este caso?
Mas una razon los vence,
Y es esta quien me ha forzado
Que venga á pedir que quieras
Que esto acabe, el cerco alzando,
Pues la fé que en ti tenemos
Nos dá esfuerzo en el quebranto,
Que aceptarás nuestro ruego
Cual te ha sido suplicado.
A esto vengo como tio
Del Infante, y su vasallo,
Por el cual te doy la fé,
Como noble higo-dalgo,
Que en todo cuanto mandares

Seguirá tu real mandado;
Y acabe ya esta contienda
De cristianos á cristianos,
Y vamos contra los moros
Que nos hacen tanto daño,
Entrandose por Castilla,
Tu poder menospreciando;
Que en lo que toca á nosotros
Por la fe que ya te he dado,
Juro en nombre del Infante
Como deudo mas cercano,
Que él y todos te obedezcan
Como leales vasallos.—

Esto oido por el Rey,
Luego el cerco levantando,
Egas Nuñez dió la vuelta
Él libre, y su pueblo salvo.
Fuése el Rey, ordenó Cortes,
Todo aquesto ya pasado,
Citan al Infante á ellas
Por edicto señalado,
Responde que él no hade ir
A ellas, siendo forzado.
Oyendo Egas Nuñez esto,
Y habiéndole al Rey jurado
Que el Infante cumpliria
Lo que dél fuese mandado,
Visto que el enganó al Rey,
Y que él era el obligado
A cumplir el juramento
Que hizo como hijo dalgo,
Con su mujer y su hijo,
Dispuesto y aparejado
A lo que del sucediese,
Para el Rey siguió su paso

Vestido de peregrino.
Y de aquel modo llegado
A la presencia del Rey,
Le dice ante él humillado:

—Gran señor, yo me presento
Ante ti, en ti confiado
Que mirarás con clemencia
La culpa en que soy culpado.
Yo soy aquel caballero
Con quien hablaste en tu campo,
Cuando sobre Guimarães
Lo tenias asentado,
Fingiéndo-me que era tio
Del Infante, fuete dado
Seguro de mi palabra
Que vendria a tu llamado,
Esto sin mas facultad
De la que yo hube tomado,
Pues no es mi deudo el Infante,
Cual de mi te fué afirmado;
Mas es mi rey y señor
Y yó, como su vassallo
Viendo el peligro y aprieto
En que lo tenias cercado,
Quise por aquesta via
Ser remedio de su daño:
Y así pues yó me obligué,
Y por mi fueste engañado,
Yó, mis hijos y mujer
Paguemos este peccado.

Esto diciendo Egas Nuñez,
Cruzó en el pecho los brazos,
Y hincado de rodillas
Como estaba se ha quedado,

El Rey de oir la extrañeza
Aunque de ira incitado,
Se admiró, y mirando á Egas
Le dijo, asiéndole el brazo:

«Levanta, que tu lealtad
Te hace libre, y tu engaño
Alabo. pues me engañaste
Por hacer a tu rey salvo;
Y asi llevarás el premio
Digno de un hecho tan alto.

Mandóle dar muchos dones,
Aderezos e caballos
Para volver-se a su tierra,
Do vuelto, fué mui loado
De todos, y del Infante
Conforme al hecho estimado.

Coro Febeo de Romances historiales. Ed 1587.

3

Romance del rey don Alfonso quando libertó del tributo al reino de Portugal.

(Lorenzo Sepulveda)

En Sevilla estava Alfonso
Sábio por todos llamado,
El rey que ganára á Murcia
Antes que oviesse el reynado:
El infante don Dionis
A Sevilla habia llegado,
Hijo del rey don Alfonso
De Portugal el reynado,
Del rey Alfonso era nieto
El infante yá nombrado.

Gran plazer tomó su abuelo
Quando lo vido á su lado,
De edad era pequeño.
A quinze años no ha llegado,
Pidió por merced al rey
Caballero lo haga armado
Con otros sus caballeros
Que viénen á acompañarlo.
Concediérale el buen rey
Lo que le fué demandado,
Caballero era el infante
A su abuelo se ha humillado,

Díjole : — Rey, mi señor,
Pues que sois tan señalado
Entre los reyes del mundo
De rey liberal y franco,
Concédeme lo que os pido
Serás mucho loado,
Y es que quiteis de tributo
A Portugal mi reynado,
Y que no vengan sus reyes
A cortes siendo llamados,
No les pidais gentes de armas
Como hasta hoy se os han dado.

El rey respondió al infante:
Que él solo por sí en su cabo
No podia responder
Ni le dá lo demandado,
Hasta llamar los infantes
Y los grandes de su estado,
Que estavan allí con él
Que a cortes se habian juntado,
Y que si ellos lo han por bien
Él no se lo habia negado.

Otro dia al rey Alfonso
Sus grandes habian llegado,
Declaró delante todos
Lo que el nieto ha demandado.
Pidió que le den consejo
Si lo hará o será negado.
Todos calláran gran pieza,
Ninguno habia hablado,
El rey se enojó de todos
Por que no le han replicado.
Mas contra aquesse don Nuño
La saña más ha mostrado.
Don Nuño se puso en pié
Con el rostro demudado,

Dijo: «Al rey, mi señor
Mi hablar fuera escusado,
Estando aqui presentes
Los infantes vuestros hermanos,
Y don Estevan con ellos,
Y don Lope Diaz de Haro,
Que son más sábios que yó
Para tal consejo daros;
Pero quereis mi consejo
Daros lo he yó de buen grado,
Y es que hogades mucha honra
Mucho bien y mucho algo
Al infante don Dionis
Que será bien empleado,
Por el deudo que le habeis
A esto sois le obligado,
Y por que era caballero
Armado por vuestra mano,
Y si ayuda ha menester
Tenido sois a ayudarlo
Como a qualquier hijo vuestro

De los que teneis amado;
Mas quitar de la corona
De aqueste vuestro reynado
El tributo que los reyes
De Portugal han pagado
A este reyno de Castilla
Yo no os lo habrè consejado.»

Y en dizendo estas palabras
Salido se ha del palacio.
No le plugo al rey Alfonso
De lo que Nuño ha hablado,
El infante don Manuel
Y otros han deliberado:
Haga lo que don Dionis
Le pidió y á suplicado,
Pues el tributo era poco
Que no se lo aya negado.
El rey que lo ha en voluntad
Otorgólo de buen grado,
Sus cartas le dió de quito
Y a Portugal se ha tornado,
Muy pagado de su abuelo
Que su reyno ha libertado.

Romances sacados de historias, fl. 203.—Anvers, 1551.

4

Romances de D. Pedro I de Portugal y Doña Inez de Castro. — I

(De Gabriel Lobo Lasso de la Vega)

El valeroso Don Pedro,
Gran príncipe lusitano,
Hijo del Rey Don Alonso,
Sucesor en sus estados.

De una doncella en Galicia,
Dicha Doña Inez de Castro
Y Valladares, fué preso
De su hermosura forzado,
Cuya recta descendencia
Fué del tronco claro y alto
De los antiguos de Lemos
Que resplandecen hoy tanto,
Hija bastarda que fué
De Pedro Hernandez de Castro,
Un valiente caballero
Del Príncipe primo hermano.
Digo pues, que como fuese
Este Príncipe casado
Dió grandes muestras de estar
D'esta Doña Inez prendado,
A quien con solo la vista
Iba su mal declarando,
No gozando aún todas veces
D'esto, que a nadie es negado,
Que de amor cualquier afecto
Ofende a un intento casto.
Hizo muchas diligencias
De hablarla, y todas en vano,
Que la bella Doña Inez
Dá á su pretension de mano,
Viendo que el mejor suceso
Tiene de ser en su daño;
Mas como és víspera el bien
Del acaecimento malo,
Sucedió pues que murió
La Princeza en este estado.
Hallóse Don Pedro libre,
Ya su mal medio buscando,
Se casó con Doña Inez
En Berganza con recato:

En la cual tuvo tres hijos,
De que fué el Rey avisado,
A quien pesó por extremo;
Y de tres malos vasallos
Fué inducido con instancia
A hacer un hecho villano,
Que prosiguiendo adelante
Se dirá el suceso infausto.

Romancero y tragedias, etc.

5

Don Pedro I de Portugal y Doña Inez de Castro.—II

(De Gabriel Lobo Lasso de la Vega).

Contendo con Doña Inez
Está Don Pedro en Coimbra:
No en tanto el futuro cetro
Como el poseerla estima,
Y le paga Doña Inez
Con esta voluntad misma;
Y como en el buen estado
La constancia está abscondida,
Ofreciósele a Don Pedro
Una ausencia hacer precisa,
Cosa que el que bien amare
Sabrá bien cuanto lastima.
Sabiendo el Rey Don Alonso
De su hijo la partida,
Con los tres crueles vasallos
Que al mal, mal le persuadian,
Do está Doña Inez de Castro
Con gran secreto camina,
Confuso atemorisado
Porque los tres le decian
Que seria el casamiento

Del reino total ruina.
Y que el morir Doña Inez
Era lo que convenia.
Hirosele duro al Rey
Sua innocente culpa vista
De que los tres indignados,
Con suprema justicia
Que eran del reyno, tomaron
Sobre sí aquesta malicia.
Finalmente, Doña Inez
Rindió a sus dagas la vida,
Cuya lastimosa muerte
Por el Príncipe sabida.
Mueve guerra contra el padre,
El cual murió en pocos dias
De pesadumbre, y los tres
Se huyeron para Castilla.
Coronóse el Portuguez,
Segun su fuero en Coimbra,
Coronando juntamente
Por reina e mujer legitima,
Los huesos de Doña Ines,
Que desenterrar hacía.
Funestas bodas y exequias
Celebrando un mismo dia;
Y de los tres, dós cogiendo
Hizo d'ellos cruel justicia.

Romancero y tragedias, etc.

6

Don Pedro y Doña Inez de Castro. — III

(Anonymo.)

Don Pedro, á quien los crueles
Llaman sin razon Cruel

Desde Coimbra a Alcobaza
Cien mil hachas hizo arder.
Todas arden, más que todas
Arde el corazon del Rey,
Lo que vá de amor á luces
Y de cera al querer bien.
Sentóse á su lado y luego
Los fidalgos y la plee
Y el reino besó en cenizas
La mano que nieve fué.
Para obrar tan gran fineza
No le faltó a Amor ser rey,
Sin juntarse con las armas
Del monarca portuguez.
El sol desconoce el dia
Cuando por tierra la vé
En la noche de sus luces
Todo el firmamento en pié.
La muerte que solo es fénix,
Estas bodas supo hacer,
Donde en la vida y la muerte
Reinan marido y mujer.
Los clarines y clamores
Dan pésame y parabien,
Al vivo de su firmeza,
Y al cadaver, de su fé.
Lo que sobró del sepulcro
Cubre funesto docel;
Tálamo y tumulo cubren
A Don Pedro y Doña Inez.

Romances de varios y diferentes autores.

7

Doña Inez de Castro, Cuello de Garza, de Portugal.— IV

(Anonymo)

Á la Reina de los cielos
Que con excelencias tantas
Se coronó de laureles
Para llevarse la palma;
Á aquella que ave divina
Se remontó bella garza
Á lo más alto del cielo
Adonde está colocada,
Le suplico que me preste
Una pluma de sus álas
Para que escriba mi ingenio
La crueldad más inhumana,
Y la lástima que lloran
De bronce y marmol estatuas.
En ese lucido reino
De la gente lusitana
Nació un príncipe famoso,
A quien dió nombre la fama
De cruel, aunque para serlo
Le dieron bastante causa.
Por gusto del rey su padre
Con una infanta de España
Casó el Príncepe famoso
Con grandeza soberana,
Y á Portugal, con su reina,
Pasó por dama, una dama,
Cuya hermosura por grande
Se igualó con su desgracia.
Era Doña Ines de Castro,
Ya lo dicho, que esto basta.

Murió luego en Portugal
La princesa castellana;
Sintió Portugal su muerte
Tanto como le tocaba,
Y el Principe se portó
Con grandeza para honrarla,
Y sosegada la pena,
Que el tiempo todo lo acaba,
Salió para divertirse
Al jardin, como estilaba,
Donde dió vista á una fuente
De una fábrica tan rara,
Que era toda de alabastro,
Con una taza de plata,
Y allí poniendo sus ojos
Vió reclinada una dama,
Que en los frigidos cristales
Al espejo se miraba.
Llego el Príncipe á la fuente,
Porque el fuego busca al agua
Y mirando su hermosura,
Quedó su vista abrasada.
Y á su cariñoso estilo
Volvió Doña Ines la cara.
Quedóse el Príncipe helado,
Y Doña Ines quedó helada,
Bebiéndose los alientos
Por los ojos, hasta el alma.
El fuego venció á la nieve;
Y derritiendo la causa
Que aprisionaba su lengua,
Rendido el Príncipe habia.
Palabra le dió de esposo
Prometiendo coronarla
Por reina de Portugal;
Y la dama cortesana

Con justo agradecimiento
Su candido jasmim saca.
Diòle la mano de esposa,
Y en fé de mano y palabra
Se casaron en secreto
Con union muy voluntaria;
Y temiendo que su padre
Esta accion les estorbara,
Para que más se ocultase
Del real palacio la saca,
Aposentando su hechizo
En una quinta que estaba
Convecina del Mondego.
Y su padre, que ignoraba
Los lances que he referido,
Trató luego con Navarra,
Atribuyéndolo á dicha,
El casarle con su Infanta.
Concedióle el Rey navarro,
Y la infanta Doña Blanca,
Acompañada de grandes
De su corte y de su casa,
Pasó á Lisboa, causando
Mil penas eslabonadas.
Visitó el Príncipe al Rey,
El cual le ordena y le manda
Que pues ha de ser su esposo,
Visitase á Doña Blanca.
Obedecióle Don Pedro,
Y recibóle la Infanta
Con cariñosos cortejos,
Y el Príncipe asi le habla:

—Ilustrísima Señora,
Cierto me holgara en el alma
Excusar vuestro disgusto

Y el mio, por ser yó causa
De los presentes desaires
En que os miro estimulada;
Mas supuesto que es preciso
Vuestra pena declarada,
Rompa mi voz el silencio,
Pues ya no puedo occultarla.
Casé, Señora, en Castilla
Primera vez con la Infanta
Por el gusto de mi padre;
Pero pues no está ignorada
La dicha de estos principios,
Pasemos á la sustancia.
Cuando mi querida esposa
Pasó á Portugal, de España
Vino asistiéndola entónces
Una hellísima dama,
Una hermosura, un prodigio,
Perdóneme el alabarla
Vuestra Alteza en su presencia:
De su belleza informarla
Mi importa, porque disculpe
Temeridades osadas,
Cuando advertida conozca
De estos extremos la causa.
Es, en fin, por abreviar,
Doña Inez, Cuello de Garza,
Tan garza, que su hermosura
Y discrecion remontada,
Por ser un cielo, es el centro
De la gloria de mi alma.
Vióla mi vista, y perdida,
Pues me la robó su gracia;
Solicité su hermosura,
Y favoreció mis ancias
Tanto, que logré la dicha

De gozar premios por paga.
Ya Doña Inez es mi esposa
Que está conmigo casada,
Su esposo soy tan gustoso
Que á mi dicha no se iguala
La mayor dicha del mundo,
Porque es mi dicha tan alta:
Y así podrá vuestra Alteza
Volverse luego á Navarra,
Que solo Inez hade ser
En Portugal coronada.

Fuese el Príncipe, y quedó
En blanco la triste Blanca,
Dando á los ojos licencia
Para que tristes lloraran
La pena que padecia;
Y el noble rey de Navarra
Sintió con grandes extremos
El desaire de su hermana.
Mandó que al arma tocasen
Las trompetas y las cajas,
Y los fuertes capitanes
Se pusiesen en campaña
Con ejercitos valientes
Bien prevenidos de armas.
Hasta ver de Portugal
La corona derribada;
Que para recuperar
El agravio de su hermana
Solo pretende ponerla
Por alfombra de sus plantas.
Sonó el clarin belicoso,
Crujió el parche de las cajas,
Poblóse el campo de picas,
De mosquetes y alabardas,

Y com fieros estandartes,
Y banderas tremoladas,
Le puso sitio á Lisboa;
Y temiendo su arrogancia
El portuguez, pidió treguas
Y á sus consejeros llama:
Y puesto en el trono altivo
Su consejo les demanda.
Era el uno Egas Coello,
Y Alvar Gonzalez llamaban
Al segundo consejero.
Y el consejo que le daban
Fué que Doña Inez de Castro
Muriese, que era la causa
De las gueras, que su muerte
Era de mucha importancia.
El-rey replicó que no,
Que era tirania ingrata.
Replicaron los traidores
Que perderia su fama,
Y que junto con su vida
Su corona peligraba.
Y en fin tiranos, aleves,
Tantos riesgos alegaban,
Que bajó desde su trono
El Rey, dejando firmada
De Doña Inez la sentencia
De que muera degollada.
Al Príncipe aseguraron
En la prision de un alcázar,
Y partieron á Coimbra,
Donde Doña Ines estaba.
Aqui la mano me tiembla,
Aqui la pluma se pára,
Aqui el pulso titubea.
Y la lengua aprisionada

Entre penas y tormentos,
No pronuncia lo que habla,
Le leyeron la sentencia
A aquella condesa mansa,
A aquella que imitó á Abel
Entre el furor y la saña
De tan ingratos Caines;
Y vestida de mil ansias,
Rociaron sus auroras
Perlas, que en la filagrana
De sus hermosas mejillas
Se miraron esmaltadas;
Y sentada en una silla
Las manos atras atadas,
Llegó el tirano homicida,
Cubrió su cielo una banda,
Cortó el ingrato cuchillo
Su bellisima garganta.
Quedó aquella nieve, roja,
Aquella luna, eclipsada,
Aquel sol, todo nublado,
Aquella luz, apagada,
Aquella estrella sin rayos
Aquel lucero, sin alba,
Sin purpura, aquella rosa,
Aquel clavel, sin fragrancia,
Aquel jazmin, deshojado,
Y sin cuello aquella garza,
Abatidos ya sus vuelos,
Y remontada su fama.
Murió Doña Ines de Castro,
Dios le dé gloria á su alma,
Y entre hermozos paraninfos
S'eternice colocada;
Y el Principe mas amante
Cuando supo la desgracia,

Sus amorosos estremos
Digalos por mi la fama;
Y desmintiendo la noche
Con la luz de cien mil hachas,
Le hizo un entierro solemne
Desde Coimbra á Alcobaza,
Donde sobre su cabeza
Puso la corona sacra,
Y luego todos sus grandes
Besaron la mano blanca,
Hizo que todo su reino
Por su reina la jurara,
Y á los ingratos traidores
Por las traidoras espaldas
Arrancó los corazones,
Porque su culpa pagaran.
Emplazado murió el Rey
Para dar cuenta tan larga:
Quedó Doña Ines sin vida,
Y los traidores sin alma;
Y cuando supo el suceso
Levantó el sitio Navarra,
Y el Principe sin consuelo
Quedó llorando mil ansias.
Rendido pide el ingenio
Perdon de sus muchas faltas.

Pliego suelto.

8

Romance de Dona Isabel

— De cómo Dona Isabel quiso en vano ser reina de Castilla.—

(Anonymo)

Yo me estando en Tordesillas
Por mi placer y holgar,

Vinome al pensamiento,
Vinome a la voluntad
De ser reina de Castilla,
Infanta de Portugal.
Mandé hacer unas andas
De plata, que non de al,
Cubiertas con terciopelo,
Forradas en tafetan.
Pasé las aguas del Duero,
Paselas yo por mi mal
En los brazos a Don Pedro
Y por la mano a Don Juan,
Fuérame para Coimbra,
Coimbra de Portugal:
Coimbra desque lo supo
Las puertas mandó cerrar.
Yo triste, que aquesto vi,
Rescibiera gran pezar:
Fuérame a un monasterio
Qu'estaba en el arrabal,
Casa es de religion
Y de grande santidad;
Las monjas estan comiendo.
Yá que querian acabar,
Luego yo cuando lo supe
Envié con mi mandar
A decir á la Abadesa
Que no se tarde en bajar
Que espera Doña Isabel
Para con ella hablar.
La Abadesa que lo supo,
Muy poco tardó en bajar:
Tomárame de la mano,
A lo alto me fué a llevar,
Hízome poner la meza
Para haber de yantar.

Despues que hube yantado
Comenzóme a preguntar,
Como vine a la su casa
Como no entré en la ciudad?
Yó le respondi:—Señora,
Eso es largo de contar:
Otro dia hablaremos,
Cuando tengamos lugar.

Cancionero de Romances, fol. 176 v.

9

Romances de Dona Isabel de Liar

Como, porque el Rey tenia hijos de ella, la Reina la mando matar. —

(Anonymo)

Yó me estando en Giromena
Por mi placer y holgare,
Subiérame a un mirador
Por mas descanso tomare
Por los campos de Monvela
Caballeros vi asomare:
Ellos de guerra no vienen,
Ni menos vienen de paz.
Vienen en buenos caballos,
Lanzas y adargas traen:
Desque yó lo vi, mezquina,
Perémelos a mirare,
Conociera a uno d'ellos
En el cuerpo y cabalgare,
Don Rodrigo de Chavella
Que llaman del Marechale;
Primo hermano de la Reina,
Mi inimigo era mortale.
Desque yó, triste, le viera,

Luego vi malo señale
Tomé mis hijos conmigo
Y subime al homenaje;
Yó que ya iba a subir,
Ellos en mi casa estane:
Don Rodrigo és el primero,
Y los otros traz el vane.

—Salveos Diós, Doña Isabel.
«Caballeros bien vengades.
—Conoscedesnos, señora,
Pues asi vais a hablare?
«¡Yá os conozco, Don Rodrigo!
Yá os conozco por mi male!
¿A qu'era vuestra venida?
¿Quien vos ha enviado acae?
—Perdonemedes, señora,
Porque lo que os quiero hablare,
Sabed que la Reina, mi prima,
Aca enviado me hay,
Porque ella es muy mal casada,
Y esta culpa en vos estae,
Por el Rey tiene en vos hijos
Y en ella nunca los hay,
Siendo, como sois, su amiga,
Y ella mujer naturale:
Manda que murais, señora,
Paciencia querais prestar.—

Respondió Doña Isabel
Con muy grande honestidade:

«Siempre fuistes, Don Rodrigo,
Todo en mi contrariedade:
Si vos queredes, señor,
Ben sabedes la verdade,

Qu'el Rey me pedio mi amôr,
Yo no se lo quise dare,
Teniendo en mas a mi honra
Que no sus reinos mandare;
Cuando vió que no queria
Mis padres fuera a mandare,
Ellos tan poco quisieron
Por la su honra guardare.
Desque todo aquesto vido,
Por fuerza me fué a tomare;
Trújome a esta fortaleza,
Do estoy en este lugare;
Tres años he estado en ella
Fuera de mi voluntade.
Y si el Rey tiene en mi hijos
Plugo a Diós y a su bondade,
Y si no los ha en la Reina
E's asi su voluntade.
¿Por qué me habeis de dar muerte,
Pues no merezco mal?
Merced os pido, señores,
No me la querais negare:
Desterreisme d'estes reinos,
Qu'en ellos no estaré màs
Irme he yo para Castilla,
O a Aragon mas adelante,
Y si no bastare aquesto
A Francia me irè a morare,
—Perdonadenos, señora.
Que no se puede hacer mas,
Aqui está el Duque de Bavia
Y el Marquez de Villareale,
Y está el Obispo de Oporto
Que os viene a confesare.
Cabe vos está el verdugo
Que os habia de degollare,

Y aun aqueste pajecico
La cabeza ha de llevare.--

Respondió Doña Isabel,
Con muy grande honestidade:

«Bien paresce que soy sola,
No tengo quien me guardare,
Ni madre ni padre tengo,
Pues no me dejan hablare,
Y el Rey no está en este tierra,
Qu'ere ido allende el mare;
Mas de qu'el sea venido
La mi muerte vengarae.
—Acabedes yá, señora,
Acabedes de hablare.
Tomalda. señor Obispo,
Y metedla a confesare.—

Mientras en la confesion,
Todos tres hablando estane,
Si era bien hecho ó mal hecho
Esta dama degollare:
Los dos dicen que no muera;
Qu'en ella culpa no hay;
Don Rodrigo, qu'es muy cruel,
Dice que la ha de matare.
Sale de la confesion
Con sus tres hijos delante,
El uno dos años tiene,
Elle otro para ellos vae,
Y el otro, qu'era de teta,
Dándole sale a mamare,
Toda cubierta de negro,
Lástima es de la mirare:
«Adiós, adiós, hijos mios:
Hoy os quedareis sin madre:

De alta sangre caballeros,
Por ellos querais mirare,
Que al fin son hijos de rey,
Aunque son de baja madre

Tiéndenla en un repostero
Para habella degollare:
Asi murió esta Señora
Sin merecer ningun male.

Cancionero de Romances

10

Al mismo asunto. —II

(Anonymo)

En Ceuta estava el buen Rey,
Ese Rey de Portugal,
Cuando le dieron aviso
De tristeza y de pesar,
Diciéndole que habian muerto
A Doña Isabel de Liar;
Y que lo mandó la Reina
Por su mala voluntad.
Don Rodrigo fué el cruel,
El que llaman del Marchal.
Y ese Duque de Salinas,
Y el Marquez de Villareal,
Con el obispo de Oporto,
Que la fuera confesar.
Cuando aquesto supo el Rey,
No hace sinó llorar;
Juraba por su corona
Que le habia de vengar.
Mandó tocar sus trompetas,
El real mandara alzar,
Vistióse todo de luto

Luego se quizo embarcar
Con solo diez caballeros
Que no le quieren dejar.
No quiso aguardar la flota,
Por no se tanto tardar,
Y dentro de siete dias
A Sevilla fué a llegar
Y de alli a pocos dias
Es llegado a Portugal.
Fuese derecho a palacio,
Do solia reposar.
La reina cuando lo supo
Vinose a lo visitar;
Mas el Rey con mucha saña
D'esta suerte le fué á hablar:

—Mal vengades vos, la Reina,
Malo sea vuestro llegar.

En diciendo estas razones,
La mandó presto tomar,
Y en el mismo repostero
Do su amiga fué a finar,
Mandó degolar la Reina,
Don Rodrigo cuartear,
Y a ese Duque de Salinas,
Y el marquez de Villareal,
Y al buen Obispo de Oporto
Le mandó descabezar.
Hizo sacar a su amiga
Para con ella casar,
Y por heredar sus hijos:
A Don Pedro y a Dom Juan.
Y despues con mucha honra
La mando luego enterrar;
D'este modo vengó el Rey
A Dona Isabel de Liar.

Timoneda, *Rosa Española*.—It. *Rosa de Romances*.

11

Romances del Duque de Guimarans. — I

Dom Juan II de Portugal hace decapitar al Duque de Guimarans, y mata por su mano al joven Duque de Viseo, su primo y cuñado.

(Anonymo)

Los grandes de Portugal
Se muestran muy enojados,
Con gran queja de su rey
Muy gran odio le han tomado.
Y el Duque de Guimarans
Es el que más le ha mostrado,
El cual con sus tres hermanos
Se siente muy agraviado.
Por muy áspero le acusan
Y de no bien enseñado,
Porque mui mal los tratava
No haciendo d'ellos caso,
Siendo de su misma sangre,
Y sus deudos muy cercanos,
Fuera de lo que su padre
Siempre los habia tratado,
Y de la humana llaneza
Con que era communicado;
Agravando el mal presente,
Mirando en el bien pasado,
Y con este descontento
Estando muy indignados
Publicaban que era el Rey
Avariento en sumo grado,
Injusto, incapaz que el reino
Fuese por él gobernado;
Lo cual por el Rey sabido,
Mostrando-se muy airado,

Dicen que les levantó,
O que fué de ello informado,
Que el Duque y sus tres hermanos
Que se habian conjurado
De matar a su persona,
Y de tomarle su estado
Y darlo a su primo el Duque
De Viseo, su cuñado,
Y por esto los prendió
Tomándolos descuidados
Y procedió contra ellos;
Y el processo sentenciado,
Fué el Duque de Guimarans
En publico degollado:
Esotros sus tres hermanos
Fueron todos desterrados,
Y al Duque de Viseo
Perdonó por ser muchacho,
Y no dende a mucho tiempo
En que aquesto hubo pasado,
Publicó que aqueste Duque,
Su primo, queria matarlo,
Y con otros caballeros.
Que estaba yá conjurado,
Envió a llamar al Duque
El cual vino a su mandado
De un pequeño lugar suyo,
Donde estaba aposentado,
En la cámara del Rey
Entró el Duque descuidado.
Viéndole el Rey ante si,
Que le maten ha mandado;
Pero teniendo respeto
Nadie quiso ejecutallo
Por ser su primo del Rey,
Y ser tambien su cuñado

El Rey sacando un puñal,
Fué contra él muy airado
Diciendole: — ¡«Oh traidor! —
Y el Duque muy fatigado,
Viendose llamar traidor
Respondió muy denodado:

«Vos sois traidor y mentis
En eso que habeis hablado.»
Díjole el Rey: — Tu pensabas
Levantarte con mi Estado
Y matarme a mi primero;
Pues mal te se ha ordenado,
Que si mi brazo me ayuda,
No verás lo que has pensado.

Y abrazándose con él
Dos puñaladas le ha dado,
Y dejándole alli muerto
Entró dentro en su palacio,
Y preguntóle a la Reina:

—A quien quisiese matarme
Y alzarseme con mi Estado,
¿Que os parece que merece
En pago de su pecado? —
La Reina le respondió:
«El que tal caso ha pensado
Muy cruel muerte merece
Como traidor y malvado.»
Dijo El Rey: — Tened paciencia,
Que así he hecho a vuestro hermano.

Fuentes, *Libro de los Cuarenta cantos*, etc.

12

La Duqueza de Guimarans se queja al Rey por la muerte que hizo dar a su esposo. — II

(Anonymo)

—Quéjome de vos, el Rey,
Por haber crédito dado
Del buen Duque, mi marido,
Do que le fué levantado.
Mandastemelo prender
No siendo en nada culpado,
¡Mal lo hicistes, mi Señor!
¡Mal fuistes aconsejado!
Que nunca os hizo aleve
Para ser tan maltratado;
Antes os sirvió, ¡mezquino!
Poniendo por voz su Estado:
Siempre vino a vuestras cortes
Por cumplir vuestro mandado.
No lo hiciera así, señor,
Si en algo os hubiera errado,
Que gentes y armas tenia
Para dar-se a buen recaudo;
Mas vino como inocente
Que estaba de aquel pecado.
Vos no mirando justicia,
Habeismelo degollado.
No lloro tanto su muerte
Como vello deshonrado,
Con un pregon que decia
Lo por el nunca pensado.
Murió por culpas ajenas
Injustamente juzgado:
Él ganó por ello gloria,
Yó para siempre cuidado.

Agora vivo en prisiones
En que vos me habeis hechado,
Con una hija que tengo
Que otro bien no me ha quedado,
Que tres hijos que tenia
Habeismelos apartado:
El uno és muerto en Castilla,
El otro desheredado,
El otro tiene su ama,
No espero verle criado:
Por el cual pueden decir
Inocente, desdichado.
Y pido de vos enmienda,
Rey, señor, primo hermano.
A la justiça de Dios
De hecho tan mal mirado,
Por verme a mi con venganza
Y á él sin culpa, culpado.

Cancionero de Romances

13

Romance del Duque de Braganza, Don Jayme

(Anonymo)

Lunes se decia, lunes,
Tres horas antes del dia,
Cuando el Duque d Braganza
Con la Duqueza reñia.
El Duque con grande enojo
Estas palabras decia:

—Traidora me sois, Duqueza,
Traidora, falsa, maligna,
Porque pienso que traicion
Me haceis y alevosía.
«No te soy traidora, Duque,
Ni en mi linaje lo habia.

Echó la mano a la espada,
Viendo que así respondia:
La Duqueza con esfuerzo
Con las manos la tenia.

—Dejes la espada, Duqueza,
Las manos te cortaria.
«Por mas cortadas, el Duque
A mi nada se daria,
Si no, vedlo por la sangre
Que mi camisa teñia.
¡Socorred, mis caballeros,
Socorred por cortesia!

No hay ningun allí de aquellos
A quien el favor pedia,
Que eran todos portuguezes
Y ninguno la entendia.
Sino era un pajecico
Que a la mesa la servia:

=Deje la Duquesa el Duque,
Que nada te merecia.=

El Duque muy enojado
Detrás del paje corria
Y cortóle la cabeza
Aunque no lo merecia.
Vuelve el Duque a la Duqueza
Antes que viniese el dia.

«En tus manos estoy, Duque,
Has de mi a tu fantasia;
Que padre y hermanos tengo
Que te lo demandarian,
Y aunque estos están en España,
Allá mui bien se sabria.

—No me amenaceis, Duqueza,
Con ellos yo me avendria.
«Confessar me dejes, Duque,
Y mi alma ordenaria.
—Confesaos con Dios, Duqueza,
Con Dios y Santa Maria.
«Mirad, Duque, esos hijicos
Que entre vos y mi habia.
—No los lloreis mas, Duqueza,
Que yó me los criaria.—

Revolvió el Duque su espada,
A la Duquesa heria;
Dióle sobre su cabeza,
Y a sus pies muerta caia.
Cuando ya la vido muerta
Y la cabeza volvia,
Vido estar sus dos hijicos
En la cama do dormian,
Que reian y jugaban
Con sus juegos a porfia.
Cuando así jugar los vido,
Mui tristes llantos hacia;
Con lágrimas de sus ojos
Les hablaba y les decia:

—Hijos! cual quedais sin madre,
A la cual yo muerto habia?
Matéla sin marecerllo,
Con eñojo que tenia.

¿Donde irás, el triste Duque?
¿De tu vida, que seria?
¿Como tan grande pecado
Dios te lo perdonaria?

Cancionero llamado — *Flor de Enamorados.*

14

A' la muerte del Principe de Portugal

(Fray· Ambrosio de Montesino)

Hablando estaba la Reina,
En cosas bien de notar,
Con la infanta de Castilla,
Princesa de Portugal:
A grandes voces oyeron
Un caballero llorar,
La ropa hecha pedazos,
Sin dejar de se mesar,
Diciendo:
—Nuevas os traigo
Para mil vidas matar:
No son de reinos estraños,
De aqui son d'este lugar:
Desgreñad vuestros cabellos,
Collares ricos dejad,
Derrubad vuestras coronas
Y de jerga os enlutad;
Por pedraria y brocado
Vestid disforme sayal;
Despedios de vida alegre,
Con la muerte os remediad.—

Entreambas á dos dijeron
Con dolor muy cordial.
Con semblante de mortales,
Bien con voz para espirar:
«Acabadnos, caballero,
De hablar y de matar,
Decid: qué nuevas son estas
De tan triste lamentar?
Los grandes reys de España

Son varios, ó vales mal?
Que tienen cerco en Granada
Con triunfo imperial.
A qué causa dais los gritos
Que al cielo quieren llegar?
Hablad ya, que nos morimos
Sin podernos remediar.
—Sabed (dijo el caballero,
Muy rouco de voces dar)
Que fortuna os es crueldad,
Y el peligro de su rueda
Por vos hubo de pasar.
Yo lloro porque se muere
Vuestro Principe real,
Aquel solo que paristes,
Reina de dolor sin par,
Y el que mereció con vós,
Real Princesa, casar:
De los príncipes del mundo
Al mayor el más igual,
Esforzado, lindo, cuerdo,
Y el que más os pudo amar,
Que cayó de un mal caballo
Corriendo en un arenal,
Do yace casi defunto
Sin remedio de sanar.
Si lo quiéres ver morir,
Andad, señoras, andad,
Que ya ni vé, ni oye,
Ni menos puede hablar;
Suspira por vos, Princesa,
Por señas de lastimar,
Con la candela en la mano
No os ha podido olvidar.
Con él está el Rey su padre
Que quiere desesperar:

Dios os consuele, señoras,
Si es posible conhortar;
Qu'el remedio d'estes males
Es á la muerte llamar.

Cancionero de diversas obras.

15

Romance de la muerte del enamorado Don Bernaldino

(Anonymo)

Ya piensa don Bernaldino
Ir su amiga visitar,
Da voces á los sus pages
Que vestir le queiran dar;
Dábanle calzas de grana,
Borceguis de cordoban,
Un jubon rico broslado,
Que en la corte no hay su par;
Dábanle una rica gorra
Que no se podria apreciar,
Con una letra que dice:
=Mi gloria por bien amar.=
La riqueza de su manto
No os sabria yo contar,
Sayo de oro de mastillo,
Que nunca se vió su igual,
Una blanca hacanea
Mandó luego ataviar,
Con quince mosos de espuelas
Que le van acompañar,
Ocho pages van con él,
Los otros mandó tornar;
De morado y amarillo

Es su vestir y calzar.
Allegado han á las puertas
Do su amiga solia estar;
Hallan las puertas cerradas,
Empiezó de preguntar:

—¿Donde está doña Leonor,
La que aqui solia morar?

Respondió un maldito viejo,
Que el luego mandó matar:

«Su padre se la llevó
Lejas tierras a habitar.

El rasga sus vestiduras
Con enojo y gran pezar,
Y volvióse á los palacios
Donde solía repozar:
Puso una espada á sus pechos
Por sus dias acabar,
Un su amigo que lo supo
Veníalo á consolar,
Y en entrando por la puerta
Vídolo tendido estar,
Empieza á dar tales voces
Que al cielo quieren llegar;
Vienen todos sus vasallos;
Procurar de lo enterrar
En un rico monumento
Todo hecho de cristal,
En torno del cual se puso
Un letrero singular:

=Aqui esta don Bernaldino,
Que murió por bien amar.=

Cancionero de Romances.

16

Romances del Rey Don Sebastian — I

(Anonymo)

Una bella lusitana,
Dama illustre y de valia,
Haciendo sus ojos fuentes.
Con llanto estiende la vista
A la poderosa armada,
Que de Lisboa salia.
La vuelta el mar de Levante,
Por Sebastiano regida.
Y como vido que el norte
Sopla furioso y aprísa,
Dijo con un ¡ai! del alma,
Triste, turbada, afligida:
«Que no hay quien baste
Contra un gallardo rey, moro arrogante.»
Esta mirando por tierra
Ca mucha gente lucida,
Diferenciados en traje
Y en diferentes divisas
Porque aunque Cristo llevan
La cruz en medio tendida,
El galan y enamorado
Conforme a su intento pinta;
Pero la afligida dama,
Que vido una roja insignia
En una alta popa puesta,
Desde un balcon que partia
Dijo: «No hay quien baste
Contra un gallardo rey, moro arrogante.»
Mira las lucidas armas
Que lleva la fidalguia,

Y de telas de oro y plata
Custosas ropas vestidas;
Y las medallas compuestas
De muy rica pedraria,
Cadenas de oro pendientes
Tantas que la vista admiran;
Considerando de muchos
La dolorosa partida,
Y que ve entre los que parten
El bien de su alma y vida,
Dijo: — «No hay quien basta, etc.»
Tocan las trompas á leva,
Y las cajas re onantes
Con los pifaros parleros
Dicen que todos se embarquen,
Los marineros dan voces
Para que el ferro se alce,
Y los lijeros grumetes
Al viento velas esparcen,
Cuando la dama hermosa,
Procurando consolarse,
Dice: «Plega Diós, que vuelvas
Victorioso y muy pujante,
«Y habrá quien baste
Contra un gallardo rey, moro arrogante.»

Romancero generale.

17

El Rey Don Sebastian — II

(Anonymo)

De la sangrienta batalla
Que tuvo el rey Sebastiano
Con los africanos moros,
Rompido y desbaratado

Se ha escapado un español
De los que Felipe ha enviado
Al socorro y obediencia
Del bando del lusitano.
Despedazadas las armas,
Sin aliento y sin caballo,
En roja sangre teñido,
Por muchas partes llagado,
Arrimóse el español
A un arbol espeso y bajo,
De donde vido en su gente
Aquel mortifero estrago:
Y aunque lacio y macilento,
Dijo, que lo oyó un soldado:

—No me pesa de mi muerte,
Pues con una vida pago
La deuda que a Diós le debe
El catolico cristiano;
Mas ¿por qué ha de morir
Un rey mancebo y lozano,
Y con él todos los suyos
Por ser mal aconsejado?—
Estas razones diciendo,
Llegó el Rey alborotado,
Y dijo: «¿Como, español,
En tal priesa, tanto espacio?
—Inclito Rey. le responde,
Óyeme bien lo que hablo,
Y és que te guardes, señor,
Y retires todo el campo,
Y no des al enemigo
Tan abierta y larga mano,
Y que los tuyos perezcan,
Sin que se escape un cristiano.
Mira que una retirada,

Cuando és con acuerdo sano,
Vale más que un vencimiento,
Si el tal se alcanza con daño.

El Rey atento le ha oido
Y díjole: «Castellano,
Toma para ti el consejo
Que me dás, nó todo sano
Mas con pecho de cobarde,
Que no de diestro soldado.»

El capitan que se vió
Ser del Rey abandonado,
Cobró el aliento perdido
Y tomó presto un caballo,
Y con la espada desnuda
Parte al sarraceno campo,
Y díjole: — Excelso Rey,
Porque entiendas que mi brazo
No te ha de echar en afrenta,
Ten cuenta con lo que hago.—

Trez alcaides tiene muertos
En una hora de espacio,
Y mas de diez corredores
De los que andan en el campo.
El Rey, que atencion le tuvo
Aunque no estaba parado,
Dijo a los suyos: «Sin duda
El español es honrado;
Haced lo mismo, vosotros,
Los que os preciais de hidalgos.
Y ninguno vuelva atrás,
Mientras no vuelve mi brazo.»

Pero la Parca cruel
Que tiene el cuchillo alzado,
A Sebastiano dió muerte,
Y a su reino eterno llanto.

Romancero generale.

18

El Rey Don Sebastiano. — III

(Anonymo)

Discurriendo en la batalla
El Rey Sebastiano bravo,
Bañado en sangre enemiga
Toda la espada y el brazo,
Herida su real persona,
Pero no de herir cansado;
Que en tal valeroso pecho
No pudo caber cansacio.
A todas partes acude,
Do el peligro está más claro,
Poniendo en orden su gente
Y temor en el contrario,
Entre los alarbes fieros,
Haciendo en ellos estrago
Con la prisa y peso de armas
Sale cansado el caballo.
A remediar su peligro
Venir vió un valiente hidalgo;
Las armas traia sangrientas,
Por muchas partes pasado,
En un caballo lijero
Contra moros peleando,
Y sacando de flaqueza
La voz, dice suspirando:

—D'este caballo te sirve,
Inclito Rey Sebastiano,
Y salvarás en salvarte
Lo que queda de tu campo:
Mira el destrozo sangriento,
De tu pueblo lusitano,
Cuya lastimosa sangre
Hace lastimoso lago;
Sin orden tu infanteria,
Rompidos los de a caballo,
Senal de triste suceso
Favorable en el contrario.
Que te apartes d'esa furia
Te suplican tus vasallos
Llenos de sangre los pechos,
Puestas las vidas al caso:
Pon los ojos en tu fé,
Y recibe mi caballo;
Prefiérase el bien comun
A la vida de un hidalgo:
No abaldones mi deseo,
Huye las manos del daño.—
De cuyos ruegos movido,
Respondió el Rey acetando:

«A tal estrecho he venido,
Que tengo de ser forzado
A receber con tu muerte
La vida que yá desamo;
Pero poca es la ventaja
Que me llevaras, hidalgo,
Que aqui do quiere fortuna,
No está mal morir temprano.»
Decende, le dice el Rey;
Pero no puede el vasallo,
Que mil honrosas heridas

Le traian en tal estado;
Ayúdale a decender
El Rey con sus propries brazos,
Echándoselos al cuello,
Y subiendo en el caballo.

«Adiós, dice, caballero,
Que a buscar venganza parto
En los fieros enemigos
Y a morir con mis vasallos.

Romancero generale, fl. 73 v.

Romance sobre a entrada del Rey Felipe II en Lisboa en 1581

Corriendo la antigua era
Del Santo Verbo encarnado
Año de mil y quinientos
Ochenta y uno contado.
Nel penúltimo de Junio,
Dia santo y dedicado
Al Apóstolo primero
Pedro bienaventurado:
El invicto Don Filipe
Quiso honrar la gran ciudad,
La noble ciudad Lisboa
Que mucho le ha esperado,
Que em Almada está, su villa
A do yá havia aportado.
Y á dó estuvo algunos dias
Con su corte aposentado,
Y de alli con amor mira
El buen sitio y gran poblado
Desta inclita ciudad
Que baña el Tejo dorado,

Que alli su rico tributo
Viene á dar al mar de grado,
Mira ricos edificios,
Quel sol de dia ha mostrado,
Y de noche varias lumbres
En ventanas y terrados,
Mas el cathólico Rey
A partir determinado,
Despues del gran sacrificio
Al Señor ya celebrado:
Y despues de haver comido,
Al puerto haviendo baxado
Con el Cardenal Alberto
Su sobrino y su cuñado,
En la su real galera
Con los suyos se ha embarcado:
Duques, Marqueses y Condes,
Señores de Casa y estado,
De los Grandes de Castilla;
De su Reyno y potentado.
Con él vienen las galeras
Que en su guarda han quedado,
Del Marques de Santa Cruz,
Cavallero exprimentado.
Luego que su Magestad
En la galera huvo entrado,
Los truenos de artilleria
Horrisona salva han dado.
Neptuno con su tridente
Se le humilló de buen grado,
Los músicos instrúmentos
Tras esto luego han sonado.
Las focas y los Tritones,
Pueblo del reyno salado,
Con las Noreidas del Tajo
En choros se han ajuntado.

Las belicosas galeras,
Que en esquadron ordenado
A la Real, como senhora,
Patrona en medio han tomado.
Mil banderas y estandartes
Ya tenian arbolados
En astas los Lisbonenses
Con todo el pueblo ajuntado.
Y lindas embarcaciones,
Baxeles de vario estado,
Muestran llenos corazones
De un amor puro obligado.
Y con musicas y fiestas
A nuestro Rey han salvado.
Que con tan alegre muestra
Y deseo en bien fundado
Al puerto de la ciudad
Alegremente han llegado.
Los ilustres vereadores
Que tienen el consulado
De la muy noble ciudad
Y su govierno ordenado,
En el caez capaz y largo
De mil figuras ornado
Y de triumphales arcos
Tienen lustroso y gallardo.
Luego quanta artilleria
En la ciudad se ha hallado
Con devida horrenda salva
Al Señor han saludado
. . . . . .
La marina y el castillo
Todos luego han disparado.
Tiembla cielo, agua y tierra
Y todo el mundo ha temblado,
Viendo á nuestro Rey Monarcha

En la gran ciudad entrado,
Donde á todo el universo
Tiene y tendrá conquistado,
Con tanto aparato y pompa
Al Rey que ha desembarcado.
El consejo y vereadores
Aqui le han esperado
En palio muy preminente
De riquisimo brocado,
Y en el adornado caez
Con paso muy sosegado
Llegan al Rey sin las varas,
Haviendol' reverenciado,
Y lleva un ministro suyo,
Vereador de obras llamado,
Las llaves de la ciudad,
Que el vereador las ha dado
A Filipe de Aguilar
Cavallero muy esforçado,
Y él las dió luego al Rey
Que haviéndolas dél tomado,
Como en posesion y firma
De la ciudad que ha heredado;
Al nombrado vereador
Alegre las ha tomado,
Y él al vereador de obras,
Que allí tenia a su lado.
Tras esto Su Magestad
En un rozillo cavallo.
Las galeras y baxeles
De nuevo le han salvado;
Con honestos aderezos
Luego allí ha cavalgado.
Todos los mas apeados
Delante vá acompañado;
Le besan su real mano,

Que de buen talante ha dado,
Y en el palio a dó lo esperan
Con gran magestad entrado,
Que tienen los vereadores
Daqueste año y del pasado:
Con ropas ricas de negro,
Haviendo al Rey imitado
Que aun entonces viste luto,
Y de aquel año tomado,
Por su muger Ana Reina,
Que Dios le havia llevado.
El Cardenal entre tanto,
Que ya havia cavalgado,
De Prelados y Obispos
Y nobles acompañado:
Se va derecho al Palacio,
A dó el Rey ha esperado,
El qual por el cáez hermoso
Va en procesion ordenado,
Mirando lindas figuras
De relevo y entallado.
Con elegantes letreros
Que declaran su Reinado,
De felicisima mano,
Su gran ceptro dilatado
Por muy longas regiones,
Que su tributo han pagado.
Y al portal de la Ribera
En asiento entapizado,
En pie está Hector de Pina
Cavallero y buen letrado:
El qual com gesto y meneo
Elegante y acomodado,
Hablando a Su Magestad
Ha por la ciudad orado.
El Rey, que se lo agradece,

Y loa lo que ha hablado,
Siguen luego su camino
Todo ricamente ornado,
De hal'embras Persianas,
Paños de seda y brocado,
Y de pueblo innumerable
Por ver a su Rey juntado.
Y a la Iglesia mayor
Caminando ansi han llegado,
El Rey á las escaleras,
En llegando se ha apeado,
Y al entrar de la puerta
El Arzobispo prelado,
Con los canonigos todos
Revestido está parado.
Y el Santo Leño en las manos
A besar al Rey ha dado,
El qual entrando en la Iglesia
Delante el altar prostrado,
A Dios muy devotamente
Orando se ha encomendado,
Y entanto el devoto clero
Por él havian rezado;
Y acabando de rezar
La mano le han besado.
Él tornado de la Iglesia
Al Arzobispo ha mirado,
Del qual el Rey se partiendo
El bonete se ha quitado.
Buelven todos al camino,
Al palacio adereçado
Con mil fiestas y invenciones
De juegos acompañado;
Las calles y las ventanas
Y quanto del Rey es mirado
Todo es lleno de ormamento

De plata y oro entallado:
Y de triumphales arcos
Y colunas de alto grado
Y de misticas figuras
De esculpido y dibuxado.
Significaban del Rey
La gran Monarchia y estado
Y su corona invencible
Y el gran cetro sublimado.
El Rey todo lo mirando
De buena gracia y grado,
Con muy apacible gesto
A todos ha contentado.
Y asi al real palacio
Llegando se ha apeado;
Y quando el sol se ponia,
Ya se habia aposentado.
Buena sea su venida,
Para bien sea llegado,
Sea su corona y ceptro
Para siempre prosperado.
Y acrescentada su vida
Por bien de su pueblo amado
Y Dios dador de los bienes
Para siempre sea loado.

Romance da Armada que foi ás Ilhas Terceiras no anno de 1581,

Ya la clarissima estrella,
Que causa la noche y dia,
Cursando sus doze casas
En la sexta entrar queria.
Un dia antes del grande
Que! ó siempre Virgen Maria!

Tu divinal cuerpo y alma
N'el cielo se recibia,
Y de tu virginal parto,
Do nuestra salud nascia,
Años sobre tres quinientos,
Ochenta y uno corria:
Quando la española Armada,
Que el rey catholico envia,
Del buen puerto del Ferrol
Con su General partia,
Don Alonso de Bazan,
Que el cargo, el ser y valia
Del Marqués de Santa Cruz
Su hermano, bien seguia.
Naves siete vezes siete,
En aquesta Armada ivan,
Y algunas mas caravelas,
Que de servicio venian.
Ya todas con Almiranta
Y ciertas capitanias
El capitan General
En siete esquadras partia,
Orden a cada qual dando
Y instrucion justa y guia:
La capitana Real,
Que *San Pablo* se dezia,
Llena va de municiones
Y horrísona artilleria
Con trecientos mosqueteros
Y noble cavalleria,
Y veteranos soldados
De experiencia y gallardia,
A que Don Pedro Bazan
Hijo del Marqués venia,
Y Don Juan Maldonado
Con general veadoria,

Y tambien los capitanes
Varela y Miguel Garcia.
Y Don Diego Pareja,
Que a Don Lope obedecia,
Al *San Pablo*, *San Felipe*
Y *San Martin* le seguia;
Fortissimos galeones
Que en mar torres parecian.
Aqueste Gaspar de Sosa
.....
Con el qual de Don Francisco
Te Toledo el tercio iva
Con su Alferes Luis Velasco
Y escogida infanteria.
Y algunos entretenidos
Que de Lisboa partian,
Quales Don Jorge Trojano
Y Don Francisco Mexia.
Y Don Diego de Leiva
Morillon tambien venia,
Con otros nobles soldados,
Quantos nombrar no podria.
El galeon *San Martin*
Que ser General solia,
Con el tercio Lusitano
Que en Lisboa se hazia,
A su Maestre de campo
Gaspar de Sosa trahia,
De valor y buen consejo,
De buen animo y valia.
Tal, que esfuerço y experiencia
A la su edad precedia,
De Don Christoval de Sosa
Qual sobrino ser, decia.
Lleva valerosa gente
Y muy noble compañia,

Antonio Leite, alto en cuerpo
Y alto en cavalleria,
Que á su africano agüelo,
En nombre y ser parecia:
Lleva a Diego de Sosa,
Y a Luiz Alves d'Atouguia,
A Juan Roiz Pereira.
Y a dos hermanos Farias,
Vasco de Carvalho Sosa,
Simon d'Araujo, y aun ivan
Otros, que el Maestre de campo
Les dá mesa cada dia
Con su antigo alferez Sanchez,
Que va con su compañia.
Y á Gerónimo Soarez,
Capitan d'infanteria,
Y al capitan Luis Herrera
Valdevez, que en gallardia,
En honra, esfuerço, primor
Entre mil resplandecia.
Herrera, y dos mas tenia
Y tales hermanos quatro
.....as se hallarian.
Viene el Sargento mayor
Garcés, d'antigua valia
Con mas outros oficiales,....
Que con esto tercio envia.
Otras quatorze banderas
Por la flota repartia
N'el galeon *San Christoval*,
Que el *Portugues* se dezia.
Viene Francisco Pereira
Con su buena infanteria,
Y amigos aventureros
Que á ventaja se tenian.
El Christoval de Tojal,

De honra y experiencia antiga,
Y Pedro Alvares Vieira
Que en esto a nadie cedia.
El Texera esprimentado
Quél Escoso se dezia,
Y del tercio Lusitano
El Auditor tambien iva.
Que en tan honrosa jornada
Su vejez no le impedia,
Y su hijo Luis Falcon,
Que es d'aquesta compañia.
Alférez, que otras jornadas
Ya mui bien servido havia,
El Giraldo capitan
En *Santo Thomaz* trahia
Sus escogidos soldados
Que en Lisboa hecho havia;
Del capitan Valladares
La gente aqui tambien iva.
En otra nao Juan Travaços
Va con su infanteria,
Y en otras van Juan Francisco,
Juan Roiz de Faria,
Villalobos y el Caldera,
Y el Peralta aqui venian;
Y viene dela Olivera
Del Puerto, la compañia,
Con su Alféres y el d'Arca
La mya tambien trahia,
Y el Lobo y Marcos Hernandes
Con dignas capitanias.
Delante la Generala
La segunda esquadra guia
El claro Don Luis Cotinho
Que de Lisboa partia,
En diez navios ligeros

Con gente diestra escogida
Castellana y portuguesa
Qual España bien la cria.
Aqui Don Fernando d'Agreda,
Y Don Arias de la Silva,
Y Pedro Avalos de Ayala
Con silla real venian.
Don Francisco Carvajal,
Cada qual d'infanteria,
El capitan D. Gabriel
Que en Lisboa presidia,
Y el portugués Gaspar Limpo,
Y el Tavora de ancianía
Animoso capitan
Que en la mar envegecia.
Y Manuel Paez, con otros
Que en Felipotes trahia,
Yba Ochiola en la tercera
Esquadra, que es Biscaina.
En la quarta Sancho Pardo,
Y es el que la quinta guia,
El valiente Bretedona
Viscaino de valia.
Don Bertholomé en la sexta,
Y en *Santo Thomás* venia.
Marcos de Azanbucha trahe
La sétima de Sevilla.
Y el Garibá, con Pataxos
Por la flota discorria.
Al postrer dia d'Agosto
El sol ya llegado avia,
Quando la Isla Tercera
Al'Armada aparecia,
Claman todos: *Tierra! tierra!*
Con aplauso e alegria.
Ya se ven sus toscas peñas,

Ya campos, ya serrania,
Ya frescura, y aguas claras
Que aun mas desean, que vlan.
Porque los que solo en vista
Gozan frutos y aguas frias,
De Tántalo el ánsia y gana
Que imitavan, parecia,
O quando el Rey deve al
Que sirve en la mar braviá!
Sábelo el que ha probado
Saladas sensaborías.
El capitan General,
Que regalos no queria,
Corre entorno á la ribera,
Mas nadie en ella surgia.
Y entonces el General
Delante un pataxó envia,
Y a Don Luis ha encargado
(Que en la vanguardia venia)
Que al barlaviento se vaya,
Entre el Cuervo y Flores siga,
Siendo el principal intento
Hallar la armada enemiga.
Y al arlaviento á éste é.....
A gulaviento envia:
Luego toda la mas flota
Bien ordenada partia.
Yá las Islas del Fayal
Y San Jorge parecian,
Y la del Pico, que en altura
A las naves excedia.
Luego á la de los Açores,
Desde aqui hacen sus vias,
Onde tienen por avisos,
Que el enemigo estaria.
Pues el pataxo enviado.

Que á la Inglesa flota via,
Velas quatro vezes siete
Haver contado, decia.
Y tirando un gruesso tiro
Abatir todos hazia;
Los enemigos s'aprisan,
Amigos s'apercebian.
Claman luego *arma, arma,*
Al arma en gran vozeria
De cada baxel la gente
De mar, y d'infanteria.
Capitanes y Alfereses
Todos em orden ponian
Los soldados y sus armas
De la grave Artilleria,
Y el lugar cada qual toma,
Qu'alli mas le convenia:
Y el apóstata enemigo
En quanto esto se hazia,
De entre una Isla y la otra
Sobresaltado salia;
Éste era un Thomas Howard
Que por General venia,
Y al gran Richart Campoverde
Por Almirante trahia:
Los quales doblando el Cuervo
Nuestra Armada descubrian.
Y a ella con arrogancia
Sin conocela venian,
Pensando que eran navios
De Indias, y mercancia.
Mas la real Capitana
Luego contra ellos camina,
Y el arlaviento les toma
Por impedirles la huida.
Ya la esquadra sevillana

Qu'el Azambucha regia
Hallándose en la vanguardia
La enemiga perseguia.
Mas no haviendo aun envestido,
Sant Felipe alli envestia
A la Almirante Inglesa,
Dô Campoverde venia.
Donde un cruel cañonazo
Qu'el Inglés tirado havia
Mataba á George Troyano,
Que por su Rey bien moria.
Mas nueve soldados presto
N'el Inglez saltado havian,
Y el General combatido
En fuego y mosqueteria.
Del Galeou *Sant Felipe*
Por maña se deshazia;
Tras esto la náo *Ascension*
De la esquadra de Sevilla,
En la qual Antonio Anrique
Traia su infanteria,
A la enemiga Almiranta
Aferró con gran porfia.
Y alli luego el Bretendona
Con denuedo le envestia,
Y otros navios d'esquadras
De Biscaya y de Sevilla.
Con los mas, que al enemigo
Combaten, que resistia,
Ya nuestro maestre de campo
Lusitano que venia,
Al enemigo apretando,
Y la huida le impedia
Y a dos enemigas naves
Rendidas quasi oprimia,
Manda el General que buelva

A él, sobpena de vida,
Y se ajunte á su esquadra
Que es la de su compañia.
Con que el valeroso Sosa
La presa y occasion perdia,
Y al general, se volviendo,
Se ajunta y obedecia.
Mas D. Luis que de lexos
Vió tirar la artilleria,
Y la naumachia travarse,
A gran priesa, revolvia,
Hasta llegar dó la furia
Naval en el agua ardia,
Y dar alcance á dos naves
Enemigas conseguia.
Quando el mismo General
Por un pataxo le envia,
Que resuelva dar asalto
A naves que combatia.
Con el Richarte.....
Don Luis luego be.....
Y entendiendo qu'el.....
Aun havido huir queria:
Y que Don Antonio Leite
Aferrado le tenia,
Mandando tocar trompeta
Que á amigos dã osadia
Y quebranta al enemigo;
Por proa le acometia
Y las xarcias y la gente
Hiere, destroza y rompia.
En esto na noche oscura
Cerróse y luz no havia
Mas que de fuegos y truenos,
Formados de artilleria.
Y la inglesa Almiranta

Se defiende todavia
Cercada d'outros navios
Nuestros que alli acudian.
Esta siendo de mas cuenta
Baxel que en Londres havia,
Y asida de todas partes
Por huirse aun porfia.
Qual talvez el bravo toro,
Que n'el cosso se corria,
Lleno de sangre y corage,
Que miedo, y temor ponia;
Al qual algunos lebreles
Temerosos cometian,
Mordiscando sus orejas,
Molestándole á porfia.
El toro brama y bravea,
Aferrado aun se huia
Hasta que varonil moço
Le jarreta y abatia.
Tal al bravoso Richarte
Don Luis llegando hazia;
En toda la escura noche
Le rebate y deshacia.
Y viendo-se acometido
Entregarse no queria
Hasta cerca de mañana
Que su armada huia.
Y entonces ya mal herido,
Con su nave se rendia,
La qual quarenta e seis piezas
Gruesas de bronze trahia;
Que furiosas balas echan
De a noventa y aun mas libras;
Mas el triste Campo Verde
En bermejo se bolvia.
Que el cuello, rostro y cabello

De propria sangre teñia
Y con hasta cien soldados
Maniatado se trahia,
  Á la Real capitana,
Que muertos muchos havia,
Y el Richarte herido y preso
Murióse al segundo dia.
  La vencedora *Ascension*
En que el Anrrique venia
Y que en ella ha peleado
Con esfuerço y con valia,
  Horadada por mil partes,
En fin al hondo se iva,
Su capitan se salvando
Y alguna gente con vida.
  Y la nave de Don Luis
Que este mismo mal tenia,
Sin que pudiese valerse
Tambien despues se bundia.
  Y Don Luis con su gente
A otra nau se recogia,
La del Richarte ya estando
De todo punto rendida.
  La real pues capitana
Y *San Martin* que seguian
A la capitana Inglesa,
Y la mas flota enemiga;
  Viendo qu'en toda la noche
Alcanzarla no podian,
Buelve á la inglesa Almiranta
Destrozada y abatida,
  Que estava de cuerpos muertos
Llena, y de vivos vazia,
Y en ella vencida, entrando
Los vencedores se admiran
  De su talle e compostura,

De su brava artilleria,
De sus varias municiones
Cargada, y de mercancia,
Y entre otras presas y robos,
Plata fina y oro trahia,
Y nuestro Baçan prudente
De que todo bien provia
Ya va siguiendo a la rota
Del enemigo que huia.....
Sehun destrozado él iva.
Con otros siete Galeones
De la Reina que trahia,
Ya mas de cincuenta leguas
Nuestra armada la seguia.
Para dó la flota de Indias
Venir tambien se creía,
Y á dieziocho de Setiembre
Que ella tardar ya se via,
Cursando asi nuestra armada,
Eis la Indiana, que venia,
Que alborotado rebate
Entre los nuestros hazia,
Hasta que'un galeon nuestro
Primero la conocia,
Y acercándose, dan muestras
Y señales de alegria.
Onze los navios eran
Que delante asi venian
Y que'el mal tiempo apartara
De la otra compañia.
La qual juntos esperamos
Hasta los veinte y tres dias,
Cerca la Isla de Flores
Donde en fin aparecia.
A la nuestra se llegando
Con ella alegre se unia,

Entendiéndose al principio
Que para ofender venia.
Destrozado, roto y preso
Halla, lo que hacer queria:
Nos prósperos caminando
De la Tercera la via.
Un abrego muy furioso
Con impetuosa porfia
Se arroja en nuestra armada,
La destroza y dividia.
Y entenas, mástiles, velas
Gaveas, y xarcias rompia,
Y las fuertes ligaduras
De las naos enflaquecia.
Y con extraordinarios mares
Aprofundar la queria.
Que ora tocaba en el cielo,
Ora en el centro se hundia.
Y las combatidas naves
D'agua y de temor enchia,
Que una, por cima levanta,
Otra por baxo sumia.
Lo haze con triste muestra
Que lagunas parecian,
Los cansados marineros
Desvélanse noche y dia.
Dan velas y amainan velas,
No da el viento mejoria,
Y quedando en arbol seco,
La tormenta mas crecia,
Tan terrible y porfiada,
Que humana fuerza excedia,
En que á Dios piden socorro,
Y á sus Santos su valia.
Dos noches horrendas pasan
Y dos tristísimos dias;

Y de las amigas naves
Muy pocas aparecian.
Qu'el viento con negras alas
Derramado las havia,
Hasta que en parte el furor
La fuerza diminuia.
Ya la real capitana
Cerca se nos descubria,
Y allá junto á la Tercera
Haziendo hondo surgia.
Dô los fuertes de la playa
Ya salvado nos havian
Y a bordo á la capitana
En barcos gente venia,
Que d'otras naves nuestras
Nuevas no buenas trahia.
Porque algunas quebrantadas
El mar submersas tenia.
Mas aun no estabamos surtos,
Alli tres horas havia,
Quando otro viento terrible
Y repentino se erguia,
Tal que cortar las amarras,
Y áncoras perder hazia.
Y por las tremides olas
Arrojados nos trahia.
San Martin, en San Miguel
Isla, con otros surgia,
Mas la capitana nuestra
D'España la buelta iva.
Enviando en una esquadra
Algunas de Indias, á Sevilla,
Y aun con vientos contrarios
Nos yvamos á Galizia.
Ellos en fin nos hizieron
Ver la alta roca de Cintra

Y la barra de Lisboa,
Que bien no se conocia.
Mas entrar dentro del rio
El poco viento impedia,
Que tanto daño poco antes
Nos hizo su demasia.
Hasta que los mas baxeles
De nuestra armada surgian
En puerto del patrio Tajo,
Que á Lisboa ennobrecia.
Dó despues el General
Con los más llegado havia,
Nuestro Mestre de Campo,
Que en el *San Martin* venia.
Y a todos con su llegada
Causaba esfuerço, alegria,
Llegado haviendo el Coutinho,
Qu'el estandarte traia
Arrastrado por las velas,
Qu'al Ingles ganado havia,
Y un capitan de su esquadra,
Don Manuel Paes se dezia
Tomó la presa a un corsario
Que a Don Arias captivo havia,
Llevándole á Inglaterra;
Mas gente y nave perdia.
Y en el puerto de Lisboa
Con todo el tercio surgia,
Y quasi toda la armada,
Que Don Alonso regia.
Sea el Señor alabado,
Que es nuestra luz, vida y guia,
Su fé pura, y santa iglesia
Exaltada y siempre invicta;
Y al catholico Rey nuestro
Dé luenga y prospera vida.

NOTAS

AO

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

I

CYCLO ODYSSAICO OU ATLANTICO

Nos Cantos populares portuguezes e seus paradigmas da Poesia popular do Meio Dia da Europa, encontram-se themas tradicionaes, que são vestigios inconscientes das *grandes lendas maritimas relativas ao Occidente*, originadas pela impressão indelevel das primitivas navegações no Atlantico. Essas viagens, de que apparecem referencias preciosas nos poemas dos Argonautas orphicos, de Appollonio Rhodio, e na *Ora maritima* de Festus Avienus, têm sido estudadas para recompôr a geographia da região occidental da Europa, e para determinar essa raça navegadora. O seu reflexo nos Cantos populares, ainda corrente na tradição oral, tinha sido apenas entrevisto por Fauriel e J. J. Ampère. A marcha dos estudos homericos sobre as lendas maritimas da *Odyssêa* é que traz uma luz inteiramente nova para coordenar os residuos épicos, ainda persistentes, que foram agrupados cyclicamente na preciosa epopêa grega. Destacaram-se dos vinte e quatro cantos da *Odyssêa* os episodios essenciaes que formam o quadro dos *Errores de Ulysses*, do seu *Regresso a Ithaca*, do *Encontro com Eumeu*, do *Reconhecimento de Penelope*, do *Massacre dos Pretendentes*. Assim procede Kirchhoff decompondo a Odyssêa; e Croizet explica a formação cyclica do poema: «crescendo pouco a pouco por uma especie de evolução interior, levando o germen a produzir tudo o que n'elle se contém.» (*Hist. de la Litt. grecque*, t. I, 335.)

D'este processo deduz lucidamente o critico: «Nós podemos dizer, em summa, que todas as partes da Odyssêa, sem excepção foram compostas em vista de uma destinação actual, ainda que ellas não tenham sido *nem concebidas simultaneamente*, *nem*

executadas pelo mesmo poeta, sob um plano primitivo.» *(Ib.*, p. 331.) Houve indiscutivelmente remodelações do Cantos avulsos para os aggrupar cyclicamente; é este conjuncto odyssaico, que nos revela a importancia dos cantos avulsos populares em que predomina esse thema. Escreve Croizet, refutando Koeckly: «se realmente os cantos primitivos receberam remodelações, que os tenham assim desfigurado, nunca uma sciencia prudente poderá crêr possivel o reconstituil-os. A critica não póde proceder com alguma certeza senão *sobre conjunctos bem caracterisados;...*» *(Ib.*, p. 334.)

A nossa classificação dos Cantos populares portuguezes funda-se na comprehensão d'esses *conjunctos bem caracterisados*. Até aqui reconhecia-se que as noticias geographicas da *Odyssêa* quadravam ás regiões occidentaes da Europa e não ao Mediterraneo; e já Erasthotenes escrevia: «que para determinar o itinerario de Ulysses seria preciso achar o artifice que coseu o odre em que fecharam os ventos, que o arrebataram na tempestade.» Procuram-se Periplos phenicios e mesmo poemas litterarios como os de Appollonio Rhodio e Festus Avienus, e tudo leva ao reconhecimento, de que essas aventuras odyssaicas se passaram no Atlantico e nas costas occidentaes da Europa E as navegações contidas na *Odyssêa* são anteriores ás expedições tardias dos Jonios: «A parte mais antiga do Poema, aquella que narra as viagens de Ulysses, deve ter nascido *antes da grande expansão das navegações hellenicas fóra do Archipelago*, isto é, antes do movimento da colonisação do seculo VIII (a. C.). Ella suppõe um conhecimento muito vago da Africa ao occidente do Egypto, da Sicilia, da Italia meridional. Todos estes paizes são entrevistos pelo poeta através de lendas. Esta parte do poema não pode ser menos antiga do que a primeira metade do seculo VIII, sendo mais verosimil que remonte ao fim do IX seculo.» (Id., p. 425.) Esta data basta para determinar que essas navegações eram realisadas pelos Ligures, destruida a miragem phenicia dos eruditos, que apenas tem o valor de determinar o campo da acção no Atlantico. Precisada a origem ligurica, está explicado o facto apontado por Strabão, de existirem as lendas homericas ou odyssaicas na Hespanha e na Italia; os seus povoadores liguricos tinham as lendas oraes das suas proprias navegações aventureiras. E persistindo esses cantos oraes, tomando da Odyssêa o plano simples ou o *conjuncto mais bem caracterisado*, conseguimos fixar as fórmas dos Romances que foram elaborados pelos Rhapsodos hellenicos.

O que determinaria este trabalho pelo genio grego? Ampliar a lenda nacional do Regresso dos Acheanos com os

factos emocionantes dos *Errores* e do *Regresso de Ulysses* Se os effeitos foram bem apropriados em relação ás situações do heroe, o quadro geographico foi transplantado pelos rhapsodos com toda a inconsciencia do absurdo.

Consideremos esta parte negativa a que chegou a critica dos poemas homericos.

Theophile Cailleux, no seu livro *Origine celtique de la Civilisation de tous les peuples*, sustenta desde 1878, que as lendas da Odyssêa de Homero narram impressões de factos passados no Atlantico, e não no Mediterraneo : «Passaram trez mil annos que possuimos a *Odysséa*, e que com este guia na mão, erramos pela bacia do Mediterraneo, buscando infatigavelmente ilhas, praias, montanhas, povos, cavernas, portos que ahi não existem. Aonde o poeta nos descreve um golfo, vamos encontrar um cabo ; para chegar a um porto deveriamos singrar para a direita, e esse porto fica á esquerda; uma ilha é annunciada como separada da costa por um dia de viagem e não avistamos esta ilha da costa.

«Os gregos, que tinham estabelecimentos por todo o Mediterraneo desde a Hespanha ás fronteiras da Asia, que fallavam a lingua de Homero e o consideravam como o seu poeta, debalde ensaiaram, mesmo deturpando lhe o texto, adaptar as suas descripções aos paizes da sua visinhança.

«Os romanos, que lhes succederam n'este trabalho de investigação, chegaram a resultados mais assombrosos ; levados pela conquista *ás bordas do Atlantico*, foram surprehendidos de encontrarem ahi o que se precisava na Grecia ; Strabão cita em Hespanha uma cidade com o nome de *Odysséa*.

«Plutarcho e Solino, sem se deixarem desnortear pelas ficções dos gregos, asseguram que a ilha de Ogygia onde habitava Calypso era no Atlantico, cinco dias de navegação para além da ilha da Bretanha ; emfim quando se começou a conhecer bem as regiões occidentaes, obteve-se sobre os paizes homericos noções mais precisas.—O poeta Claudiano *(In Rufinum*, lib. I) diz : «Ha na extremidade da Gallia, sobre as bordas do Oceano, uma caverna aonde Ulysses evocou por libações de sangue as sombras dos mortos. Estes documentos augmentaram com tal persistencia, que, mesmo nos tempos antigos, chegou-se a affirmar que *Homero era um Atlante.*» (Suidas, *Lexic.* vb.º *Hesiodo.)*

Alludindo á hypothese phenicia, escreve Cailleux : «Nos tempos mais remotos, os Phenicios, dizia-se, conheciam pelo Occidente ilhas longinquas, onde iam commerciar; e effectivamente tem-se encontrado nos archipelagos d'este mar, vestigios de antigos povos e inscripções hebraicas (Madeira

e Açores). Em uma epoca ainda mais antiga, Homero fallando de Calypso, colloca-a em uma ilha no centro dos mares (*Odyss.* I, 50, 52.) a que chama Atlante. Ulysses deixa Troia, perde-se em regiões ignotas e regressa a Ithaca; Troia, estas regiões e Ithaca estão todas no Atlantico.

«Os detalhes dados pelo poeta são, em verdade, numerosos e variados; os deuses, os costumes, as artes, os nomes dos povos, os phenomenos da natureza n'elle são embellezados pelos encantos da poesia; mas n'estes elementos ha alguns que appresentem caracteres tão especificos, tão determinativos dos logares em que se passaram, que ficariam em contradição com todos os outros quaesquer logares a que se queiram applicar.

«As descripções homericas indicam-nos constantemente, por meio dos quatro ventos cardeaes, a direcção do navio indo de uma ilha para outra; no Mediterraneo, por exemplo, cuja bacia é estreita e entrecortada, não podemos obter estas condições complexas, mas na livre extensão do Oceano, os ventos conduzem sem difficuldade o navio para os pontos marcados; d'onde concluimos que foi no Oceano que tiveram logar os errores dos heroes de Homero. — Os seus poemas nos conduzem por toda a região druidica desde o golfo do Wash até á ilha de Gades, nos archipelagos do Atlantico e mesmo nas extremidades d'este mar.»

Cailleux esboçando apenas esta these capital, prometteu desenvolvel-a no seu livro *Pays atlantiques décrits par Homere*, em que provará, que são a Bretanha, a Gallia e a Iberia e todos os Archipelagos do Atlantico; e que a religião referida por este poema se perpetúa n'estes paizes e se encontra ainda nas nossas crenças.

Nós, hoje, damos uma nova comprovação a esta viagem occidental: reconstituimos a *Odysséa atlantica*, que os rhapsodos hellenisaram, agrupando cyclicamente os Cantos populares portuguezes e seus similares catalães, italianos, bretões e francezes, que encerram esse thema tradicional da navegação ligurica. Para se avaliar a verdade dos themas romanescos e do seu agrupamento, importa conhecer a opinião de Aristoteles sobre a *Odyssêa*: «Toda a *Odyssêa* pode ser exposta em poucas palavras. Um homem está ausente de sua casa ha já alguns annos; detido ao longe por Poseidon (Neptuno) elle vê se sósinho; além d'isso, a situação da sua familia dá causa a que os seus bens sejam dissipados por pretendentes, que meditam a morte de seu filho. Chega a final, escapo da tempestade; diversos reconhecimentos têm logar; elle ataca os seus inimigos, elle proprio liberta-se do perigo

e da-lhes a morte. Eis o essencial do poema; tudo o mais são episodios.» *(Poet.*, cap. XVIII.) Esta idéa de Aristoteles foi adoptada por Nitzsch: «Aristoteles observou muito bem, que a *Odyssêa* desde o seu começo, visa ao seu desenlace, que além d'isso conduz habilmente Ulysses a uma situação esboçada pelos primeiros livros, emfim, que tendo augmentado pouco a pouco a culpabilidade dos pretendentes, faz apparecer como um vingador, tudo isto por meio de uma combinação tão intelligente, que nada ha que se lhe compare.» Os criticos destacam da *Odysssêa* esses quadros essenciaes; Koechly aponta entre as rhapsodias primitivas um grupo de cinco rhapsodias do *Regresso de Ulysses:* Calypso, Nausica, Ulysses entre os Pheacces, Aventuras de Ulysses e seu Regresso; e um segundo grupo de outo rhapsodias: Chegada de Ulysses a Ithaca, Ulysses e Eumeu, Reconhecimento de Ulysses e Eumen, Ulysses em presença dos Pretendentes,—em presença de Penelope, Massacre dos Pretendentes, Combinações, segunda scena das mortes.

Kirchhoff, tambem divide o poema em quadros que se completam: Regresso de Ulysses, fim do Poema com a chegada a Ithaca, e Additamento, em que avulta a Telemachia. Para realisar estes desmembramentos bastava seguir as indicações do poema: «O que parece primitivo—*As viagens de Ulysses* e tudo o que elle soffreu longe do seu paiz — figura na invocação da summula da *Odyssea;* não falla na *lucta dos Pretendentes*, se não em uma allusão. Por aqui se vê como os themas avulsos da tradição se foram conglobando. (Croizet, ib. 275.)

Nos Cantos e Lendas populares portuguezas encontra-se todo este quadro odyssaico:

1.º A *Ilha encantada* (Ogygia); temos a lenda geographica das Ilhas empoadas; a Antilia transformada da ilha de Avalon.

2.º O *Cativo*, por encantamento junto de Calypso, que lhe dá a liberdade; reelaborado em outras epocas, pelo cativo christão na Moirama.

3.º A *Não Catherineta*, verdadeiramente os *Errores de Ulysses* (liv. v da Odyssêa.)

4.º *Nausica*, o quadro da Donzella na fonte.

5.º Novos errôres; o poder de seducção de *Circe;* acha-se nos Romances das Asturias, *Gayarda*, de Traz os Montes, e da Andalusia.

6.º Viagem ao paiz dos Mortos: ficou na lenda da Descida aos Infernos, Purgatorio de S. Patricio ou a *Visão de Tundal*, fontes da elaboração do Dante.

7.º O *Cativo* chega por milagre á sua terra, na versão de um Romance do Algarve da *Senhora dos Martyres*.

8.º O encontro com Eumeu; acha se no Romance de *Dom Marcos*, do Alemtejo.

9.º A *Bella Infanta* é o Reconhecimento de Penelope; que o povo relaciona chamando ao marido o dono da Náo Catherineta.

10.º A *Noiva roubada*, é o quadro da lucta com os Pretendentes.

E' verdadeiramente um conjuncto bem caracterisado; isto dissolve a miragem phenicia exclusivamente geographica.

Em uma sessão da Sociedade biblica em Inglaterra em 1873, em que o assyriologo George Smith appresentou os seus trabalhos sobre a tradição do Diluvio nos documentos achados nas excavações da Chaldêa, fallou o grande hellenista Gladstone, manifestando-se pela miragem phenicia: «E' claro para quem estuda sériamente os Cantos homericos, que a origem das instituições e da Civilisação descripta n'este Poema *remontam á influencia phenicia*.» E em 900, Bérard, na *Revue arch.*, II, 16) sustentava: «A *Odyssêa* parece-me como um Periplo phenicio (de Tyro ou Carthargo) *transformado em versos gregos e lendas poeticas*, segundo certas regras.» A esta miragem obedeceu o nosso sapiente archeologo Francisco Martins Sarmento, em um precioso livro *Os Argonautas*, (1887) e *Ora maritima* (1896). Estes Phenicios, a que se referem os tres escriptores mencionados, são os Ligures, cujas tradições aventureiras ou poeticas foram adaptadas pelos Gregos aos seus heroes acheanos, mas nunca uma idealisação de seccos Periplos geographicos dos Phenicios, que não souberam adaptar ás suas regiões mediterraneas. O valor da critica da geographia archaica por Martins Sarmento tem uma parte positiva fundamental: é a demonstração segura das Navegações feitas no Atlantico, implicitas das lendas dos Argonautas de Orpheo e de Appolonio Rhodio. E' essa parte que merece ser conhecida pelas suas consequencias da autochtonia da Civilisação occidental ou ligurica.

A miragem phenicia tambem foi complicada pela miragem celtica (como se vê em Th. Cailleux); nas lendas argonauticas de que se serviu Appolonio Rhodio para o seu Poema, os *Ligures* são substituidos pelos *Celtas*; Sarmento põe em evidencia a miragem: «ora os Celtas realisaram a sua conquista no seculo VII antes da nossa éra, e este nome de *Celta* só apparece no Periplo phenicio do seculo VI, e entre os gregos na obra do Hecateu de Mileto, posterior ao Periplo.» (*Os Argonautas*, p. 214.)

Mas o archeologo portuguez Martins Sarmento, considera as lendas maritimas dos Argonautas de origem phenicia, penetrando algumas na *Odyssêa* de Homero: «Escusado discutir se os Argonautas podiam ser gregos; os gregos em tempo nenhum fizeram expedições maritimas para o Mar do Norte. Se se pergunta quem elles deviam ser, a resposta é simples e forçada: foram os Phenicios; e não ha duvida alguma n'este caso em acceitar por historico o dado chronologico da lenda, quando remonta á expedição para além da guerra de Troya. Antes do tempo de Homero, os Phenicios, diz Strabão, apoderaram-se do melhor da Libya e da Iberia, e nós verêmos que foi muito provavelmente a idéa fixa de conhecer e explicar a mysteriosa ilha (Ea) das extremidades da terra e do mar, que os trouxe ao sudoéste da Hespanha. — O que é então a Argonautica? Para nós é a legenda das primeiras explorações maritimas dos Phenicios para o Atlantico, attribuidas pelos gregos a compatriotas seus, como succedeu com muitas outras em que elles puzeram a mão, e deturpada na parte geographica, sobretudo quando os semi-eruditos começaram a notar que o campo dos feitos dos seus primeiros marinheiros não podia deixar de ser uma região facilmente accessivel aos seus navios...» (*Os Argonautas* — Subsidios para a antiga historia do Occidente, p. XXXIII – IV.)

Martins Sarmento confronta as duas viagens da Argonautica orphica com as da Odyssea com toda a minuciosidade; transcreveremos apenas as suas considerações geraes: «A critica já descobriu que a Argonautica não foi extranha á composição da *Odyssea* (Kirchhoff) o que é exacto pelo que respeita aos Errores... Nos Errores encontramos as mesmas duas viagens, que na Argonautica, e como n'esta atadas por um laço arteficial — uma tempestade. Na *Odyssêa*, porém, com relação á Argonautica, a ordem das duas viagens está invertida; ...» (Op. cit, p. 45.) — «As fabulas homericas são pois simples allegorias em que se praticam factos muito reaes, e estes factos não podem ser outros se não os da Argonautica phenicia. O que são então os Errores de Ulysses? O mythographo conhecia o roteiro dos Argonautas e aproveitou-se d'elles com a maior sem-cerimonia; conhecia factos historicos, passados em cada uma das suas estações, mas revestiu-os de taes fórmas, que fez d'elles o que podia hoje chamar-se uma viagem maravilhosa; não podendo deixar de conhecer que os heroes d'aquellas aventuras eram os tripulantes da divina Argo, põe-nos em scena, não os Argonautas mas o regulo de Ithaca.

«Em vista de tudo isto o que podem ser os Errores de

Ulysses ? Para nós são uma parodia da Argonautica phenicia, dando á geographia e á historia d'aquella empreza uma feição inteiramente phantastica. Mas, descoberto o processo do mythographo, e cotejados os logares parallelos da *Odysséa* e os das Argonauticas gregas de caracter historico, umas e outras completam se e esclarecem-se de tal maneira, que os acontecimentos principaes da expedição não podem ficar mais nitidamente desenhados.» *(Op. cit*, p. 64.)

Deixando esta preoccupação phenicia, Martins Sarmento nota um facto que determina a navegação atlantica do heroe de Odyssêa: «E' do mesmo modo indubitavel que a ilha Ogygia, aonde vae parar Ulysses, e a Anaphe d'Appollonio, são uma e a mesma cousa.

«Quando identificamos esta com a Madeira, reservámo-nos para comprovar pelos Errores a justiça das nossas suppositções. As instrucções dadas por Calypso a Ulysses, para transpôr a distancia que o separava da sua patria, não podem ser mais significativas, cremos nós. Hade navegar, diz ella, de *modo que a Ursa* lhe fique sempre à mão esquerda *(Odyss.*, V, 271–7.) Advertindo que Ogygia é uma ilha isolada no Atlantico e a terra que o navegante vae demandar é Tartesso, como se infere terminantemente da propria Odyssêa, só n'uma ilha em situação egual á da Madeira são exactas aquellas instrucções ou melhor, o facto consummado que ellas implicam.— Digamos ainda que o mythographo chama a Ogygia *silvosa.*» (ib., p 71.)

A constellação da Ursa era conhecida por um povo occidental, como observa Roisel, citando esta passagem de Guyméner no seu Diccionario astronomico : «que os habitantes do Norte tem o mesmo nome para designar a grande Ursa que os povos do meio dia da Asia e do Egypto, quando estes differentes povos pareciam desconhecer-se uns aos outros, porque as sete estrellas d'esta constellação podiam tambem representar outro qualquer objecto, que não este animal.» *(Les Atlantes*, p. 127). Roisel fundamenta : «Nas epocas quaternarias, a *Ursa* ferira vivamente a imaginação dos Protoscythas, e os Atlantes gaulezes transportaram para muito longe um emblema que, entre estes povos, conservava sua antiga representação da força e de potencia.— Decerto este animal pertence propriamente á Europa, e a paleontologia não encontrou ainda vestigios na Africa, nem no meio dia da Asia.» (Ib, p. 127.)

Por este e outros factos de egual importancia se desfaz o preconceito phenicio, para determinar a acção maritima dos Ligures.

Estudando a civilisação bronzifera, escreve Roisel, na sua obra *Les Atlantes:* «Está reconhecido que um povo colonisador estendeu as suas conquistas sobre as duas margens do Oceano Atlantico e dominou sobre a Europa occidental.— Algumas d'estas colonias, depositarias fieis da Sciencia, prosperaram em diversas regiões, até aos tempos relativamente modernos das *primeiras invasões asiaticas* e que foram seguidas de um periodo de equilibração, durante o qual tudo parece ter sido perdido. A nossa historia data d'esta época de confusão» *(Op. cit*, p. 92.) D'esta ruina da Proto civilisação ligurica ficaram noticias importantes nos geographos e escriptores gregos, dando-nos o quadro d'esta raça sociologica unificada na sua situação geographica, os Scythas, os Ligures e os Ethiopes, os tres grupos ethnicos da Civilisação do bronze e cuja extensão se determina pela dispersão dos *tumuli*. A Europa, era chamada por Erasthotenes — uma *Peninsula ligurica*. Por qualquer ramo d'este grupo ethnico recebeu a Grecia as tradições maritimas atlanticas na época em que o genio hellenico elaborava as lendas dos regressos dos heroes acheanos; d'aqui as grandes relações sempre notadas entre a *Illiada* e a *Odysséa*, explicadas como sendo de um mesmo poeta. Escreve Roisel: «Numerosissimas lendas devem entrecruzar-se e confundir se; e a mythologia grega dá-nos d'isso uma synthese tão completa como incoherente. Apenas podemos colligir alguns vestigios d'essas reminiscencias desfiguradas sob a forma mythica — e ainda assim as tradições mais antigas.» (Ib., p. 93.)

A communicação das lendas maritimas á Grecia foi feita pelos Eginetas, cuja ilha estava aberta á influencia dos africanos (Libyos ou Ethiopes) dos asiaticos e europeus (Scythas e Ligures mediterraneos); eram simultaneamente agricultores e navegadores; de Egina sáe a raça dos Eacidas, heroes das Guerras de Troya, e as lendas argonauticas que vão syncretisar-se na *Odyesêa*, e é pela arte egineta que a Grecia liberta o seu genio occidental da influencia oriental. (Fortoul, *L'Art en Allemagne*, II, 147.) E não será este povo de Egina, tão parecido com o da Etruria, como observou Quatremère de Quincy, e que unifica pela Arte a Grecia com a Italia, como notara Quintiliano, um ramo da grande raça dos Ligures? O seu caracter engenhoso, as suas moedas, os seus totems como o *Touro*, e medalhas em metal de cunho magnifico levam á prova capitalissima.

Concluindo pela relação dos Cantos odyssaicos com os Romances populares do Occidente da Europa: «O que é primitivo é a primeira parte do Poema — as viagens de Ulysses e

tudo quanto elle soffreu longe da sua terra. (Croizet, op. cit. p. 275.) — «A falta de nexo, que se nota em certas ideias faz suppôr muitas remodelações e additamentos.» (Ib., p. 274.) Quaes seriam pois os typos *folkloricos* ou lendas trabalhadas ou deturpadas pelos rhapsodos? Deduz-se que estariam presentes para esse encadeamento cyclico: «Pode-se concluir d'isto que esta especie de preludio poetico foi composta em presença de *um grupo de cantos* que comprehendiam os successos notaveis da primeira parte em que a segunda existia no estado de legenda.» (*Ib*, p. 275.)

Resta explicar as fórmas da persistencia da tradição na corrente oral e popular através das edades, e de civilisações diversas:

Os themas tradicionaes transmittem-se oralmente sem fórma determinada, e são a *Legenda*, que se popularisa com o *Conto*; outros themas recebem fórma metrificada, dramatisada em pequenos quadros narrativos, *Rhapsodias*, *Cantilenas*, *Lais*, *Romances*, que pelo influxo harmonico do verso e da melodia mais insistentemente se couservam.

Os themas tradicionaes renovam o seu interesse *actualisando-os*, pelo espirito patriotico, assimilando-os, pelas analogias historicas com successos sociaes, pela constante tendencia para a *personalisação* e *localisação*. E' sempre o mesmo ramo com foliação renovada. Isto se dá com as Lendas argonauticas, através do genio hellenico nos Cantos odyssaicos, das lendas agiologicas da Edade média, do conflicto das Cruzadas, nos cativeiros da pirataria argelina, e até á lenda hollandeza do Navio phantasma.

A importancia dos Cantos populares está na reconstrucção d'estes Cyclos poeticos.

1. A Náo Catherineta — (*Romanceiro*, I, p. 1 a 32.) Pelos numerosos paradigmas d'este romance no meio dia da Europa, vê se que vigorosamente conservado e desenvolvido pelo genio maritimo do povo portuguez, pertence a este fundo poetico que revela a unidade ethnica occidental entrevista por Nigra e Wolf, ao apontarem a similaridade de um grande numero de themas épicos. Esse fundo anthropologico e ethnicamente hoje definido é propriamente a raça ligurica. Tanto nas versões portuguezas d'este romance, como nos da Bretanha franceza e da Catalunha apparece o caso da *anthropophagia*, com todo o seu tremendo horror: a nao anda perdida na volta do mar, e a sorte é que designa quem hade ser devorado pelos seus companheiros. Essa impressão perdurou na tradição europêa; na *Vida de Agricola*, Tacito descrevendo

a pirataria dos Usipienses, que devastavam a Bretanha, allude a esta crise da anthropophagia no mar: «Algumas vezes repellidos, foram reduzidos pela fome a comerem primeiramente os fracos de entre elles, depois aquelles *a quem cahia a sorte*. Depois de terem assim circumdado a Bretanha, perderam os seus navios por não os saberem governar, e foram tomados pelos piratas, cahindo successivamente nas mãos dos suevos e dos frisios.» (Cap. XXVIII). Os errôres do navegador ausente da sua terra, apparecem-nos em uma lenda agiologica contada por um monge do seculo x, de um certo devoto de Sainte-Foi, Raymond, senhor de *Busquet*, que tendo emprehendido uma peregrinação á terra santa, depois de um terrivel naufragio correu trabalhos e aventuras, até voltar a final ao seu lar. Fauriel fazendo a exposição d'este quadro, considera-o como um vestigio das lendas odyssaicas:

«A estes dados, uns christãos, contos historicos, é força ajuntar os antigos, propriamente *homericos*. O facto é estranho, mas fóra de toda a duvida. Os principaes incidentes da historia de Raymond de Busquet taes como acabo de referir, *são tomados da Odyssêa* E' á imitação de Ulysses que o cavalleiro tolosano é arrastado durante tres dias sobre as ondas, agarrado ás pranchas do seu navio naufragado, invocando Santa Fé, como o grego a Minerva.—São os piratas arabes, que para o submetterem ao seu serviço, quando descobriram a sua valentia para a guerra, lhe fazem beber o licor do esquecimento, que Circe dá a beber ao heroe grego para lhe tirar a lembrança de Penelope e da sua ilha. No seu regresso a casa, acha um rival na posse do seu castello... E' quanto basta, indubitavelmente, para notar que esta historia é tomada da *Odyssêa*, para intrigar e embaraçar o historiador litterario. D'onde conheceu o legendario o poema de Homero?... ou como suppôr uma copia (de uma traducção) nas montanhas de Rouergue ou nas campinas do Toulosain, no fim do seculo x ou principio do xi?» *(Hitt. de la Poésie provençale,* I, 446)

Jean Jacques Ampère relacionando o regresso do cavalleiro errante ligado ao romance da *Bella Infanta*, considera-o como sendo a rhapsodia do reconhecimento de Penelope. Observa este escriptor: «Se Mr. Fauriel viu com muita probabilidade nas aventuras de Sire Busquet, voltando das Cruzadas, uma transformação longinqua das aventuras de Ulysses regressando a Ithaca, se reconheceu n'ellas um como que ultimo vestigio das *narrativas que serviram de base á Odyssêa*, taes como se tinham perpetuado na Provença, desde a entrada dos Phoceanos até ao seculo xii, por que se não verá uma vaga remi-

niscencia do regresso de Ulysses na graciosa ballada grega intitulada o *Reconhecimento?*» (*Grèce, Rome et Dante*, pg. 68.) Estes dois notabilissimos eruditos consideravam ainda estas lendas como diffluindo da *Odyssêa* para o Occidente da Europa, não ousando suppôr a sua transmissão dos navegadores atlanticos para a Grecia. As grandes tradições da Edade média espalharam se na Grecia na quarta Cruzada, como o provam Edelestand du Méril, na introducção ao poema *Flore et Blanceflôr*, p. 106 a 117; e Chassang, na *Histoire du Roman*, p. 438. Os romances populares communs á Grecia moderna, Italia, França meridional e Hespanha, devem ser consideradas como pertencentes a este fundo tradicional de que o genio grego tirou os poemas homericos, e que continuaram a persistir na transmissão oral das nacionalidades meridionaes. A realidade historica das navegações atlanticas na edade de Bronze, pela raça ligurica, leva-nos a achar n'estes romances, *as narrativas que serviram de base á Odyssêa*, como enteviu Ampère.

A esta nova luz se comprehende o facto referido por Strabão sobre a vulgarisação das tradições trovanas e odyssaicas: «Não só na Italia se conservam passagens historicos, se não *tambem na Iberia existem mil vestigios de taes expedições, assim como da guerra de Troya.*» (*Geogr*, liv. III, cap. II, § 13.) Era esta a materia de esses *Poemas e Leis rythmicas*, que possuiam os Turdetanos, com mais de seis mil annos de antiguidade, de que deu noticia Asclepias de Mirleu, que vivera na Andalusia. Dos Regressos liguricos fizeram as rhaposados gregos os seus Nostos, tomando até o nome dos nossos barcos; Bérard, procurando sustentar a origem phenicia da Odyssêa, diz que a palavra «*Gaulos*, com o sentido de vaso é transcripção do semitico *g-ou-l*, que os hellenos sómente empregavam designando uma especie de barco» (*Journ. des Savans*, 1905, p. 248.) Basta para verificar a origem occidental, aproximar *Gaulos* das palavras *Galé*, *Galeão*, *Galera*, *Galeota*, *Goleta*, que subsistem em Portugal, com nomes liguricos.

Depois das Cruzadas seguiram-se as grandes navegações dos Portuguezes, e as narrativas das medonhas tempestades e naufragios; a lenda dos Errores maritimos acordava outra vez a imaginação popular, assimilando elementos da realidade:

Sete annos e um dia
Sem se poder navegar!
Já não tinham que beber,
Já não tinham que manjar:
Só ha solas de sapatos

E mais barro de alguidar!
Deitaram sola de môlho
Para domingo jantar;
Mas a sola era tão dura
Que a não podiam rilhar. (1)

A Marinheira

(TRAZ OS MONTES — *Maçôres)*

Gritos dava a marinheira,
Gritos, que se afundava;
O Diabo respondeu
D'um cabêço d'onde estava:

—Quanto deras, marinheira,
Quem das aguas te tirara?
«Dava-te um navio d'ouro,
E outro de prata lavrada!
—Não quero o teu navio d'ouro,
Nem o de prata lavrada;
Quero á hora da tua morte
Escriptura da tua alma.
«Oh! maldito sejas tu,
Mail'a tua palavra;
Minha alma é de Deus,
Mais da Virge sagrada,
Meu corpo é dos peixes,
Mais da agua salgada.

Revista lusitana, vol. VIII (n.º 30 do *Romanceiro de Traz os Montes)* p. 281.

O Marinheiro

(TRAZ OS MONTES — *Vimioso)*

Vozes dava o marinheiro,
Vozes, que se afogava.
Respondeu-lhe o máo Demonio,
Da outra banda da agua:

—Quanto déras, oh marinheiro,
Quem da agua te sacara?
«Dar-te-ia os meus navios
Carregados de ouro e prata.

(1) *Memorias biographicas de Garrett*, t. I., p. 63. Fragmento attribuido á versão do Porto, da criada Brizida, da infancia de Garrett.

—Eu não quero os teus navios,
Nem teu ouro, nem tua prata,
Eu só quero, em tu morrendo,
Que me deixes a tua alma.
«Eu te arrenego, máo Demonio,
E essa tua má palavra;
A minha alma é p'ra Deus,
P'ra Deus a tenho guardada!
O coração é p'ra Virgem
E o corpo para os peixes de agua.
E a cabeça para as formigas,
Que n'ella façam morada;
E as tripas são para os cegos
Para cordas das guitarras;
E as pernas para os côxos
Que d'ellas façam jornadas.

(Ib., n.º 96, p. 319.)

Nas antigas Relações de naufragios temos a nossa poesie maritima com toda a profundidade do sentimento; que importa que lhe não déssem fórma poetica? Sente-se uma alma em cada palavra do marinheiro, que faz a narração do que passou, com aquella resignação e serenidade de quem ha soffrido muito e tem uns alvores de esperança que o alentam' — o amor da patria, o culto das tradições gloriosas que procura conservar integerrimas. Com que uncção crente e piedosa nos desenha elle os maiores transes! Os horrores do desastre fazem-lhe reconhecer um poder immenso, que adora com uma vehemencia e ardor capazes de fazerem prodigios. Vêem a náo quasi a afundar-se: «Pelo que, como homens que esperavam antes de poucas horas dar contas a Nosso Senhor de nossas bem ou mal gastadas vidas, cada um começou a ter com sua consciencia, confessando-se summariamente a alguns clerigos, que ahi iam. A este tempo andavam com um retabulo e crucifixo nas mãos, consolando a nossa angustia com a lembrança d'aquella, que ali nos apresentavam. Isto acabado pediamos perdão uns aos outros despedindo-se cada um de seus parentes e amigos, com tanta lastima, como quem esperava serem aquellas as derradeiras palavras que teriam n'este mundo. N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarellidão e trespassamento de manifesta dor e sobejo receio, que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em quando algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança que ainda

n'aquelle derradeiro ponto não faltava dos orphãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes, que cá deixavam ; e acabando cada um de satisfazer ao humano com este pequeno mas devido cumprimento, todo o mais certo do tempo se gastava em pedir a Nosso Senhor remedio espiritual (que do corporal ninguem fazia conta).» (1) A lembrança viva representa a cada instante as passadas angustias. A côr da narração é a verdade. O genio aventureiro maritimo do povo portuguez está dentro d'aquellas paginas ; cada palavra é um sentimento surprehendido na sua ingenuidade. O marinheiro ama a sua náo e confessa-o irreflectidamente: «levando a phantasia occupada n'esta angustia, e os olhos arrasados de agua, não podia dar passo, que muitas vezes não tornasse a trás, para vêr a ossada d'aquella tão formosa e mal afortunada náo, porque postoque já n'ella não houvesse páo pegado, e tudo fosse desfeito n'aquellas rochas, todavia emquanto a viamos, nos parecia que tinhamos ali umas reliquias, e certa parte d'esta nossa desejada terra, de cujo abrigo e companhia, (por ser aquella a derradeira coisa que d'ella esperavámos) nos não podiamos apartar sem muito sentimento, etc.» (2)

Isto que o capitão da náo *S. Bento* sentia era o mesmo que se passava na alma dos velhos mareantes, que davam aos navios nomes domesticos, de paixão, com que esqueciam os que lhes tinham imposto no baptismo ; o galeão *S. João*, que naufragou na carreira da India em 1551, tinha por *alcunha* o *Biscainho;* (3) a náo *Aguia* chamava-se vulgarmente *Patifa.* (4)

Este nome da náo *Catherineta*, nome popular que Garrett julga um diminutivo de affeição dado por graça a algum navio favorito, parece ter a sua origem do galeão *Santa Catherina do Monte Synai*, que levou a infanta D. Beatriz para Saboya. As memorias do tempo descrevem-n'o como digno da affeição popular, capaz de deslumbrar a imaginação do vulgo e de fazer nascer uma paixão ao mostrar-se á vista penetrante do marinheiro, que sabe tão bem avaliar o bello das curvas, dos pontaes, e a mastreação elegante. O galeão *Santa Catherina* começou a ter a sua popularidade nos versos de Gil Vicente, na tragi-comedia das *Côrtes de Jupiter :*

(1) Relação do naufragio da náo *S. Bento*, pag. 55.

(2) Idem, pag. 73.

(3) Idem, pag. 109.

(4) Relação da viagem e successo das náos *Aguia* e *Garçe*, pag. 222.

Leva gente muito fina,
Poderosa artilheria,
E a náo *Santa Catherina*
Que vae por graça divina
Co'a a prôa n'Alexandria. (1)

Em uma memoria contemporanea se lê: «a infanta duqueza embarcou esse dia, que eram 5 de agosto, na náo *Santa Catherina do Monte Synai*, náo de 700 toneis, *muito formosa*, e de dentro todalas camaras da infante pintadas de oiro e forradas de bordados.» (2) Não é hypothese gratuita, ter a imaginação popular motivo sobre que idealisasse uma náo typica, como centro de acção para todos os seus romances maritimos. O genio do povo só exprime os sentimentos personalisando e localisando; d'aqui a multiplicidade das lendas, e ao mesmo tempo um fundo de verdade em todas ellas.

A lenda da *Náo Catherineta* não tem uma determinada origem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios. Garrett inclina-se a achal-a no naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1556, em que a fome e a ancia de se devorarem e a resistencia do capitão reflectem muito as côres sinistras da lenda. (3) Tambem na Relação, que por vezes temos citado, do naufragio da náo *S. Bento*, se encontram ameaços do horror da antropophagia: «E porque havia tantos dias que não fizeramos resgate, nem metteramos nas boccas cousa que nome tivesse, constrangeu a necessidade a muitos serem de parecer que comessemos este cafre; e segundo se já soava, não era esta a primeira vez que a desventura d'aquella jornada obrigara a alguns a gostarem carne humana; (4) mas o capitão não quiz

(1) *Obras* de Gil Vicente, t. II, pag. 414.

(2) Codic. da Bib. Real publicado no vol. III do *Panorama*, pag. 277.

(3) Tomo III do *Romanceiro*, pag. 87.

(4) Creio que esta passagem se refere á seguinte: «Estes cafres não deram novas como os quatro homens que mandaramos adiante com recado a Lourenço Marques, eram mortos ou mataram d'alli perto, porque elles constrangidos pela fome tomaram um cafre que toparam ao largo do mar, e metendo-se com elle em um mato, o espostejaram e assaram para fornecerem os alforges; mas como os visinhos d'este o achassem menos, e a terra seja de areia, vieram pelo trilho a dar com o negocio; e então levando os nossos á praia, e não se havendo por bem *o* que d'elles não tomasse vingança, fizeramnos coitados como crua carniceria.» — Idem, pag. 123.

consentir em tal, dizendo que se cobrassemos fama que ccmiamos gente, d'alli até ao cabo do mundo fugiriam de nós, e trabalhariam de nos perseguir com muito mais odio.» (1) O facto de deitarem muitas vezes sola de môlho, apertados pela fome, como conta ligeiramente a lenda popular, é frequente nas relações dos naufragios: «mas fizemos a ceia de umas alparcas que eu levava calçadas, a quem tambem a nossa não menor mingua fez que não menos gostosas as achassemos.» (2) O gageiro, que era o diabo que na lenda da *Não Catherineta* levantava o temporal, tem alguma reminiscencia, ou melhor, parece ser fundado no grumete que no naufragio do galeão *S. Bento* se benze e chama pelo nome de Jesus ao vêr erguerem-se uns enormes vagalhões a que elle não hade chamar senão diabos, que vêm em tropelia.

Em todas as narrações de naufragios ha mais ou menos uma sombra do quadro horrivel da *Nao Catherineta;* fômos apontando alguns factos, não para determinar origens, mas para reconhecer a generalidade da lenda.

Na poesia das Asturias encontra se um pequeno romance chamado o *Marinheiro;* tem o mesmo colorido, similhante ás versões de Maçores e Vimioso (Traz os-Montes):

El marinero

Mañanita de San Juan
Cayó un marinero al agua.
—Que me dás, marinerito,
Porque te saque del agua?
«Doyte todos mis navios
Cargados de oro y de plata.
—Yo no quiero tus navios
Ni tu oro, ni tu plata,
Quiero que quando tu mueras
A mi me entregues el alma.
«El alma entrego á Dios
Y el cuerpo á la mar salada.

Os naufragios frequentes dos galeões da India acharam uma fórma livre, espontanea, para revelar a extensão do sentimento nos cantos do genio popular. A *Nao Catherineta* é uma epopêa moderna e por isso incompleta, porque o tempo

(1) Idem, pag. 135.
(2) Id., pag. 119.

não deu logar a accumularem-se os episodios, nem dependerem mutuamente as *variantes*. A sua formação descobre-se na diversidade de versões que ella tem; a Estremadura, o Minho, o Algarve, Lisboa, Beira Baixa e Ribatejo, trabalham sobre a mesma lenda. Mais tarde a variante tornava-se episodio, prendia-se á unidade do poema. A imagem do diabo, que mostra as meninas debaixo do laranjal, é de origem puramente christã. O *gageiro* que sobe ao mando do capitão, sobre quem cahiu a sorte para ser devorado, e que promette o gráo de cavalleiro, sua filha, o seu navio, se lhe avistar terras de Portugal, é uma das mil personificações do diabo; elle produz a cerração que esconde a praia. O mar, segundo as crenças christãs vindas do paganismo, era a mansão do diabo; Typhon, o principio do mal, a quem o mar fôra consagrado, (1) transforma-se depois no diabo da mythologia christã. O espirito supersticioso, a ignorancia das leis naturaes ainda não vulgarisadas na Edade média, estão representadas no gageiro que suscita a tormenta. Era a crença da egreja; na vida de Guibert de Nogent, na *Summa* de S. Thomaz e no livro de Alberto Magno *De potencia Dæmonum* apparece este pensamento que vêmos determinado na poesia popular portugueza; na *Divina Comedia* e na *Jerusalem Libertada*, os ventos são tambem attribuidos ao diabo.

Garrett nas poucas linhas com que precede este monumento da nossa poesia popular maritima, admira-se de que um povo de argonautas não exercesse o seu genio creador no romance maritimo.

O seculo XVI foi a edade da critica; comtudo o povo é sempre infante, sempre creador e poeta; mas as imitações classicas infatuadas de sciencia absorveram as attenções a ponto de excluirem a poesia popular. O poema cyclo do mar tivemol-o nós; basta lêr as relações das viagens, dos naufragios, das fomes, das tormentas. Antes de se fixarem na fórma prosaica da *Historia tragico-maritima*, essas dores foram primeiro soffridas e communicadas. A *Nao Catherineta* não tem uma certa origem historica, como suppõe Garrett, é o germen de uma Odyssêa, aonde a multiplicidade das scenas de naufragio está reduzida á generalidade mais tetrica Entre os folhetos de cordel do seculo XVIII encontrámos a narração do naufragio da nao *Gloria*, feito em verso por um marinheiro.

Ao passo que esta admiravel reliquia da poesia da navegação portugueza se vae obliterando no continente, parece tornar-se mais vividoura na tradição oral das ilhas dos Açôres.

(1) Plutarcho. *De Is et Osir.* 356.

A não a que se refere a lenda é sem duvida a nao *Santa Catherina*, como se vê pela terceira variante da ilha de San Jorge. Quem abre as sublimes e inimitaveis paginas da *Historia tragico-maritima*, vê como os velhos mariantes costumavam mudar o nome official dos galeões por outro de affeição. O galeão *São João* era chamado o *Biscainho*, a nao *Aguia* era conhecida pelo nome da *Patifa*. E que nao seria a chamada *Barrileira, muito velha, da qual até ao presente não houve mais noticia, nem se soube onde se perdeu.* (1) Que tela soberba para a imaginação do povo crear á larga os seus romances! Quasi todas as nossas naos antigas tinham nomes de perdilecção: a nao *San Thiago*, que se perdeu na barra de Quilôa em 1506, tinha por apellido a *Gallega*; outra chamava-se *Frol de la mar*; a nao *San Jorge* era a *Taforêa*, o galeão *San Bartholomeu* era o *Bota-fogo*, a nao *Santa Catharina* era *Zambuco*. Os marinheiros afaziam-se no navio em que navegavam, soffriam com elle as tormentas e as desgraças; ás vezes, nas suas relações de naufragio, fallam como amantes e apaixonados. Os nomes das naos portuguezas só por si fazem lembrar essa poesia perdida das nossas expedições longinquas. Que tradições não acompanhariam na sua carreira a nao *Leonarda*, a *Ferrôa*, a *Frol da Rosa*, o *Gripho*, a *Urca*, a *Botica*, a *Framenga*, o *Drago* e o *Tigre*, nome apprendido na plaga africana (2) Garrett apresentou a hypothese de ser o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho* o facto historico a que se refere o romance; devia ter apresentado o parallelo da relação de Bento Teixeira Pinto que se achou n'esse transe, com as circumstancias similhantes do romance. Sem acceitar a hypothese do primeiro collecionador, fazemol-o nós para elucidar a formação poetica da nossa epopêa naval. O naufragio deu-se em 1565, quando Jorge Coelho vinha do Brasil. (3) Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro: « Faltava a agua e mantimento na Nao, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sêde; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nao

(1) *Historia tragico-maritima*, t. I, p. 43.

(2) Sobre este ponto é interessante vêr o *Livro de toda a Fazenda dos Reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes*, por Luiz de Figueiredo Falcão, no anno de 1607. Publicado por ordem do governo em 1859. Este livro é tambem de uma alta importancia para a *historia dos preços*.

(3) *Historia tragico-maritima*, t. II, p. 7 a 59.

mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre vêr ninguem contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nao, brigas e discordias com que se houveram de perder de todo: etc» (1) Na altura das Ilhas o galeão foi accommettido por um Corsario francez, que se appossara d'elle e da manobra. Em uma versão açoriana do romance ha uma allusão a este successo:

—Não quero as tuas filhas,
Que Deos t'as deixe gosar;
Que eu tenho mulher em França,
Filhinhos de sustentar;
Quero a Náo Catherineta
Para n'ella navegar.

Em outra versão se diz:

«Acima, gageiro, acima
A' quelle tópe real;
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal.

Teixeira Soares, collector d'estes romances fez-nos a seguinte pergunta: «Referir-se ha o romance a algum facto occorrido na marinha franceza?» A' vista da Relação do naufragio de Jorge Coelho torna-se evidente a allusão historica: «logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *dezessete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senhorearam da Nao, etc.» (2). Um piloto francez caiu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo*, que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: «os mares davam na Nao, que pareciam que a queriam abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciam que *andavam ali os demonios do inferno*» (3). A presença dos francezes na Nao, a exagerada e in-

(1) *Hist. trag. marit.* t. II, p. 14.
(2) Id., p. 17.
(3) Ib., p. 29.

suportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da meza de Thyestes: «N'este tempo, *por não haver mantimento*, e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles: etc.» (1) Porém em outro logar descreve a assombrosa tentação da antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capitão general:* «Aos vinte e sete d'este mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comerem os que morriam*, pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por vêr a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de rasão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas via que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava tão ruim conselheiro como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque em quanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizessem, *e comel o a elle primeiro.*» (2) As facas e espadas que o gageiro vê, como conta o romance, tambem vêm citadas na relação em prosa: «veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nao, postos em bandos e brigas... na Nao não havia mais que uns pedaços de *facas e paos para poder brigar.*» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cansados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: «Estando no mísero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sêde e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente*, a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da

(1) *Hist. trag. marit.*, t. II, p. 31.
(2) Ib., p. 47.

Pena, a qual casa vimos a horas do meio dia, *acabando-se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina*, que se fizera pela manhã...» (1) E' natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que mais lhe fallou á imaginação, como se vê por esta passagem: «o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé para que trouxesse a Nao pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita Nao defronte da egreja de S. Paulo, que ora é freguezia, *e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vêl-a, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças* e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que n'ella vinham de tantos perigos como passaram.» (2) Este periodo explica a propagação do romance da *Nao Catherineta*, e a sua ubiquidade em quasi todas as provincias. Porém as versões da ilha de San Jorge estão na sua pureza primitiva, taes como começariam a correr desde 1565.

Todas as cinco versões que apresentámos são profundamente bellas; cada uma tem situações differentes, que revelam a elaboração poetica da mente do povo. A I é a mais parecida com as versões do continente, tem mais uns toques mimosos no retrato das tres meninas, e no que o gageiro alcança no horisonte. Não tem *maravilhoso*, nem o diabo intervem com as suas tropelias; o nó da acção está em não poder o capitão general dar em premio a Nao, que é do rei.

A II versão tem mais outra situação; as facadas cáem de todos os lados sobre o Capitão, que se acha milagrosamente protegido; o gageiro é *chiquito* ou o diabo, o qual ouvindo pronunciar o nome de Deus, caiu logo ao mar. A situação das meninas que o capitão offerece para vestirem e calçarem o gageiro, que já se encontra no romance da *Bella Infanta*, lembram os versos do velho romance de *Lanzarote do Lago*:

Nunca fuera caballero
De damas tan bien servido...
Que duenas curaban dél,
Doncellas del su rocinio.

A III versão appresenta uma circumstancia que, aproximada do facto historico, explica a formação do romance: é a allusão a *partes de França*, mais sensivel ainda na versão V. De facto o naufragio que mais se aproxima do romance é o de Jorge

(1) *Hist. trag. marit.*, t. II, p. 51.
(2) Ib., p. 56.

Coelho de Albuquerque, o qual na altura das Ilhas foi agarrado por uns corsarios francezes. Na versão II a scena das sortes está horrivelmente bem descripta. As terras de Hespanha, que o gageiro diz estar vendo, concordam com estas linhas da Relação: «*e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Galliza..* » (1) O quadro do *Naufagio da Medusa* de Gericault faz comprehender esta situação estupenda. A IV versão é a que apresenta mais novidade; ainda conserva um nome proprio, que é a primeira cousa que se perde na tradição; o gageiro chama se Pedro, e acceita a offerta que o capitão lhe faz das suas filhas; porém, quando chega a terra já não esta pelo prometido e as filhas, que deram com o gageiro no quintal, desancam-no todas tres com muita pancada. Sobre este lance já o povo tinha margem pararhapsodia. E' assim que se fazem as grandes epopêas. A V versão faz lembrar o naufragio descripto por Byron no *Don Juan:*

Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar;
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar

Escreve-nos o nosso patricio e amigo Faustino da Fonseca : «A'cerca da *Náo Catherineta* e da *Bella Infanta*... diz-me minha avó, confirmando o que sempre ouvi dizer na Terceira a gente velha, que na casa onde se cantam esses romances, cáem todas as desgraças : é como se caísse um raio.» E' este terror derivado da antiga execração da egreja catholica contra os cantos dos jograes ; em um tratado de 791, contra os Espectaculos e Divertimentos publicos, diz se que a entrada dos histriões e mimos em uma casa abre a porta a uma multidão de espiritos immundos : «Nescit homo, qui histriones et mimos et saltatores *introducit in domum suam, quam magna eos immundarum sequitur turba spiritum.*» (Ap. Muratori, *Antiguidades italicas*, t. II, p. 832.) «Não posso dizer se os romances existem na tradição local ; pelo menos na gente com quem convivi eram inteiramente desconnecidos. Os que me cantarolaram, dando logar aos supersticiosos receios, avós e creadas antigas, conheci os no Midosi.

«Já o *Guerrilheiro*, e outras invenções sentimentaes, caíam pela semelhança na alçada dos mesmos terrores. A fórma como ouvi traduzir o receio dos castigos celestes sobre as

(1) Loc. cit., pag. 51.

pessoas que cantavam os romances era a mesma que se dizia pezar sobre as que passavam livros de propaganda protestante. Em ambos se nota a prohibição clerical.» (Carta de 19 de Outubro de 1902.— Faustino da Fonseca.)

Paradigmas do thema da *Nao Catherineta* na tradição popular meridional:

No *Romancerillo catalan*, publicado por Milá y Funtanals, sob o n.º 215, vem esta versão, digna de comparar-se com a lição brasileira :

El Grumete

Set bastiments partiren de Marsella,
Per aná á la ciutat d'Oran,
Set anys han anat en borrasca,
Els mantiments van faltant.
El patró de la galera
Pallas curtas 'nhi va tirant,
Tot tirant 'nhi las pallas curtas
La mas curta le 'n pertocá.

«Qui será 'l galardo mosso
Que la vida m'en salvará ?
Li'n daré una de mas fillas,
Y un bastiment sobredaurat.
—Yo seré lo gallardo mosso
Que la vida ll'voll salvará.
«Qui 'm vulga salvá la vida
Cubert'amunt ha de pujá.

Quant est al mixt de l'arbre mestre
El gallardo 's posa á plorá :

—Ya no veig sino sol y aygua
Y las ondas de la mar.
«Puja, puja, gallardo mosso,
Molt mes amunt has de pujá.

Quant es al cim del arbre mestre
El gallardo s' posa a cantá :

—Veig els Turons de Marsella,
Y las montanyas blanquejá,
Y també una capelleta
Tota vestideta de mar.

Si podem eixi d'aquesta
L' anirem á visitá,
Li fazem un sant retaule
Y un altá sobredaurat.
Quant los marinés hi passarian
L'ancian á visitá.

No *Gwerzian-breiz-izel*, t. II, p. 183, vem a canção *Les Matelots*, immensamente parecida com a nossa. Eil-a, segundo a versão de Du Puymaigre, na *Choix de vieux Chants portugais*, p. 174 :

«Escutae todos e ouvireis — um gwerz novamente composto — feito sobre um rancho de marujos — que se embarcaram sobre o mar profundo.— Vinte sete annos elles andaram — sobre o profundo mar embarcados — e no ultimo anno dos vinte e sete — a comida lhes faltára.— E ao faltar-lhes a comida — pensaram em comerem um d'entre elles... E quando botaram sortes *(tiré à la courte paille)* — foi no capitão que caiu a sorte.

= Deus, Senhor ! será possivel — que os meus marinheiros me comam ? — Gageiro ! meu pequeno gageiro — tu és diligente e esperto, — sobe áquelle mastro grande — para eu saber onde é que estamos.

Gageiro subiu cantando — e chorando é que descera ; — subiu ao tope do mastro — não avistou nenhuma terra.

= Sobe outra vez ao mastro grande — para saber onde é que estamos ; — será pela ultima vez.

Elle subiu outra vez chorando ; — mas depois cantando desceu :

— Parece-me que chegamos a terra ; — eu vi a Torre de Babylonia...»

Nos *Chants populaires de la Provence*, t. I, p. 127, colligiu Damase Arbau sob o titulo *Lou Moussi* o romance de um navio que andou sete annos no mar, partido de Marselha para Portugal ; termina com a situação do Gageiro :

Quand lou moussi n'es sur le poumo
Le moussi s'es mes a cantar.
—Ah ! da que cantes, vaillant moussi,
Veres tu quanque port de mar ?
«Vese Toulon, vese Marselha,
Nuestro Damo de la Cioutat.
Vese tres joninos dameiselos,
Que promenoun long de la mar...

Arbau indica duas outras versões d'este romance dos arre-

dores de Bordéos e de vale d'Oran, publicadas por Rathery no *Moniteur* de 15 de junho de 1853.— Na *Revue des Langues romanes,* nov. e dezembro de 1879, p. 284, publicou Smith, uma complainte da *Courte paille,* que Du Puymaigre considera parecida com o romance portuguez.— Pelay Briz, tambem nas *Cansons de la Terra*, t. IV, p. 32 e 33, colligiu romances que pertencem a este cyclo e que relembram este nosso canto:

Perdido lá no mar alto
Um pobre navio andava ;
Já sem bolacha, sem rumo,
A fóme a todos matava...

Eis o extracto apresentado por Du Puymaigre : «Perdido no alto mar — um pobre navio andava ; — já sem *bussola* e sem rêmos — a fome a todos matava.— Recorreu-se á negra sorte — para vêr qual d'entre elles—seria pelos outros morto — para ser n'esse dia comido.— Caiu a sorte maldita — sobre o melhor dos marujos.— Como o infeliz lamentava—resando á Virgem Maria ! — Mas de repente o gageiro — vendo terra pela prôa — gritou alegre do tope : — Terra ! terra de Lisboa.»

Du Puymaigre cita ainda um outro romance bretão, referido na *Intermediaire*, t. XII, vol. 180, no qual, ao capitão do navio em que ha fome, cáe a sorte, apparece a terra, vê uma torre em que reconhece a sua filha, e por fim o navio chega ao porto e o capitão é salvo.

Du Puymaigre remata os seus paradigmas, publicando uma canção franceza (p. 177) que se tornou satirica :

Il était un petit navire,
Qui n'avait jamais navigué ;
Quant il partit pour l'Amerique
Il portait vingt-cinq passagers.
Au bout de cinc à six semaines
Les vivres vinrent à manquer.
Il fallut donc tirer le sort,
Pour savoir qui sera mangé.
Le plus jeune met la main dans l'urne
C'est lui qu' le sort a designé.

—O sainte Vierge, o ma patrone,
C'est donc moi qui serai mangé !
Il court, il grimpe à la grand'hune
Il voit la terre, il est sauvé.

Si cette chanson vous embête,
Nons allons la recommencer.

Em Portugal tambem se deu este phenomeno de degenerescencia e espirito de parodia com *O Cruzador Catherineta*, *A Frota do Syndicato*, e *A Não Governança*. (Vid. *Romanceiro geral*, t. III, p. 225 a 231.)

Para evidenciar mais a origem atlantica dos cantos ou lendas odyssaicas, ahi temos o caso da fascinação de Circe sobre o navegador errante, que apparece nos romances populares portuguezes, andaluzes e asturianos. Escreve Martins Sarmento, no seu bello livro *Os Argonautas*: «Na lição de Apollonio, Circe habitava nas costas da Italia, no Circéo reconhecido pelos antigos; mas esta opinião obedece evidentemente ás influencias da celebre geographia homerica... a viagem dos Argonautas a Ea é uma viagem do Tartesso ao Mar do Norte. Ora segundo Orpheo, a Circe dos Argonautas habitava a poente da foz do Tartesso, portanto na *costa sudoéste da Hespanha*.» (p. 33). Fixado o dado geographico, Circe não é uma deusa, como Calypso, mas uma magica, que domina pelos seus philtros, como notou Croizet; é ella que persegue com ciumes o marinheiro Glauco. E' este caracter de ferocidade sensual, que apparece nos seguintes romances de Traz os Montes, aqui incorporados no Romanceiro geral portuguez, o nexo com a lenda antiga da Bretanha da formosa *Dahut*, que precipitava todos os seus amantes do alto de uma rocha sobranceira ao mar:

A Serrana e o Pastor

(Região norte de Bragança)

N'aquella serrinha alta,
N'aquella alta serra,
Móra uma serrana,
Formosa e ingrata era.
Seu cabello entrançado,
Por cima rica monteira;
Sua arma traz ao hombro
A' moda de caçadeira.
Quando quer tomar amores
Desce abaixo á ribeira.
Viu andar um pastorsinho
Com o gado n'uma lameira.

—Queres tu vir, oh pastorsinho,
Hoje commigo para a serra?
«O meu gado, serraninha,
A mim quem m'o guardera?

—O teu gado, pastorsinho,
Eu t'o arresponsera.

Lá no meio do caminho,
O pastor lhe procurera :

«Que é isto, serraninha,
Tanta cruz por esta terra ?...
—Todas ellas são de homens
Que eu por minhas mãos matera ;
A ti te farei o mesmo,
Se os meus gostos não fizeres.

Tanto brincaram de noite
Que ella se adormecera.
Emquanto ella dormia,
O pastor se foi d'ao pé d'ella.
Quando ella acordou
Já elle ia legua e meia.

—Volta cá, oh pastorsinho,
Que te fica cá uma ovelha.
«Ainda que fôra de ouro
Eu por ella não volvera.

Atirou-lhe uma granada,
Derrubou-lhe uma orêlha ;
Atirou-lhe mais outra,
No coração lh'a metera. (1)

A Serrana

(Vinhaes — Tras os Montes)

N'aquella serrinha alta,
N'aquella alta serrinha,
Anda lá uma serrana
Formosa e ganadeira.
Sua espingarda ao hombro
A' moda de caçadeira;
Quando lhe lembram amores
Baixa áquella ribeira.
Encontrou um pastorsinho
Que seu rebanho guardava :

(1) Publicado por Daniel Rodrigues, no *Instituto*, vol. 54, p. 396 (1907.)

—Queres tu, oh pastorsinho,
Vires commigo p'ra serra ?
«Como eu irei, senhora,
Se o meu gado se não perca ?
—O teu gado não se te perde,
Que eu te l'o arresponsera.

Deixara o seu rebanho,
Foi com ella para a serra;
Inda no meio do caminho
Com muita cruz se encontrara.

«Que é isto, oh serrana ?
Tanta cruz por esta terra !
—E' signal de homens mortos
Que eu por minhas mãos matava;
E a ti te farei o mesmo
Se na vontade me dera.

Toda a noite brincaram muito
Até sobre a madrugada;
E lá sobre a madrugada
Serrana se adormecera.
Quando foi a recordar,
O pastor não appareceu.
Bota pela serra abaixo,
Mas já por pouco o vira.
Tirou-lhe uma frondada
C'uma frondinha de seda;
Atira-lhe mais outra
Derruba-lhe uma orêlha.

O pastor tanto fugira
Que já ia legua e meia.

Romanceiro Transmontano (Rev. Lusit., vol. VIII, p. 75).

A Dama e o Cavalleiro

(Região do norte de Bragança)

Eu bem vi estar a Galharda,
Bem vi estar a Galhardinha,
Em sua janella de ouro,
Sua lanterna florida.
Viu andar um cavalleiro
Calhe abaixo, calhe arriba.

—Anda cá, oh cavalleiro,
Ande cá para riba;
Que eu te dera de cear,
Tambem te dera dormida.

Sentaram-se ambas á mesa,
Cavalleiro não comia.

—Come, come, cavalleiro;
Come, pela tua vida.
«Como comerei eu,
Se eu de sêde não podia.

Foi-lhe buscar de beber,
Do vinho que em casa havia.

—Bebe, bebe, oh cavalleiro,
Bebe, pela tua vida.
«Como beberei eu,
Se eu de somno não podia!

Foi-lhe fazer a cama
O' quarto onde ella dormia.

«Que é isto, oh Galharda?
Que é isto, oh Galhardinha?
—São cabeças de leitões,
Creados na minha montinha.
«Mentes tu, oh Galharda,
Mentes tu, Galhardina:
E' a cabeça de meu irmão,
Que era a cousa que eu mais queria.
Outra é a de meu pae,
Pelo rosto a conhecia.

Cavalleiro se deitou,
Elle de noite não dormia.
Lá pelo meio da noite
A Galharda vêl-o-hia.

«Que buscas tu, oh Galharda?
Que buscas, Galhardinha?
—Busco meu rosario de ouro,
P'ra resar minha crôínha.
«O rosario que tu buscas
Na minha mão o tenia.

Puchou pelo punhal de ouro,
No coração lh'o metia.

«Tu mataste a meu pae,
Eu a ti te mataria;
Mataste meu irmão
Que era a cousa que mais qu'ria.
.....

«Porteiro, abre-me a porta!
—«Cavalleiro, que queria?
Eu a porta não a abro
De noite, sem ser de dia.

Deitou-lhe o hombro á porta,
Logo a arrombaria;
Montou no seu cavallo
E d'alli se escaparia. (1)

Este nome de *Galharda*, da versão de Traz-os-Montes, acha se na versão das Asturias, a *Gyarda*. Na *Historia da Poesia popular portugueza*, vol. I, p. 277, fica estudada a lenda bretã da sensual *Dahut*, a originaria Circe odyssaica, memorada nos cantos populares occidentaes. Vidè a *Gayarda* das Asturias; *La Serrana* da Catalunha; *Serrana de la Vera*, da Extremadura, colligidas e estudadas na citada Historia (p. 278 a 287). Sobre a relação do poema da *Odyssêa* com os cantos populares tambem ahi está esboçado o problema. (ib p. 249 a 258.) Vide Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, n.os 51, 52 e 53; Munthe, *Folkpoesie fram asturian*, 1888.

2. Bella Infanta — *(Romanceiro*, t. I, p. 33 a 70). Segundo J. J. Ampère, no seu livro *Grèce, Rome et Dante*, (p. 68) pertence este romance ao Cyclo das lendas odyssaicas, de que existem ainda os Cantos populares meridionaes, que entraram nas rhapsodias agrupadas no poema de Homero. E' assombrosa a concordancia do genio do critico com a intuição popular: «as cantadeiras de Tras-os-Montes tratam a *Bella Infanta* como se fosse uma parte segunda da *Náo*.» (D. Carolina Michaëlis, *Rev. Lusit.*, 2.º anno, p. 237.) E observa: «a Esposa fiel de um Navegante, que no entender do povo, não podia deixar de ser o dono da Náo Catherineta.» (Ib., p. 236). Em Traz-os-Montes está este romance ligado á musica com estribilho coral entre cada verso: *Ora, valha-me Deus!*» Nos *Cantos populares da Grecia moderna* traz Fauriel uma can-

(1) *Instituto* de Coimbra, vol. 54, p. 379.

ção narrativa em dialecto cretense, sobre este thema odyssaico; intitula-se *O reconhecimento*. «=Abre-te, porta, porta da loira de olhos negros.— Quem és tu? Como te chamas? Qual é o nome que te pozeram? = Eu sou aquelle que te trazia maçãs no meu lenço, pêcegos e uvas doces; eu sou aquelle que beijava os teus labios vermelhos.— Para que eu te abra a porta, para que tu entres, dá-me algum signal da minha morada.= A' tua porta está uma macieira; no teu pateo está uma vinha; e essa vinha dá uvas brancas, e essas uvas um vinho de cheiro; e esse vinho quem d'elle bebe fica confortado e pede mais.— Tu enganas-me, filho da ralé; foi algum visinho que te disse isso; para que te abra a porta, para que tu entres dá-me alguns signaes da minha casa.= No meio do teu quarto está pendente uma lampada de ouro; ella te allumia quando te despes, quando te desabotôas.— Tu enganas-me, filho da ralé; algum visinho é que te disse isso; para que te abra a porta, para que tu entres, dize-me algum signal da minha pessôa.= Tu tens um signal sobre a face, um outro sobre o teu hombro; entre os teus dois peitos ha a estrella e a lua.— Corei, criadas, corei, ide abrir todas as portas.» *(Op. cit.*, p. 423). O Conde de Marcellus publicou varios paradigmas na sua collecção dos *Cantos populares da Grecia moderna*, p. 152, 162 e 163. Os regressos do Navegante ligurico ou do heroi troyano ao seu estado de Ithaca, vão-se transferindo de edade em edade para o Cruzada que foi á Terra Santa, e que andou perdido na volta como Sire Busquet, para o Cativo fugido de Argel, ou o emigrante que ao fim de annos volta do Brasil. Sempre o mesmo thema adaptando-se a outros meios historicos. No *Recueil de Romances Judeo-espagnoles chantés en Turquie*, por Abraham Daum, director do Semanario rabinico de Adrinopoles publicado em 1896, vem uma versão d'aquelle que entre nós é conhecido por *Bella Infanta;* «acho-o muito interessante em rasão do marido se chamar *Amadi*.— Vem no n.º 8 do semanario *La Illustracion Española y Americana*, de 29 de Fevereiro de 1904 e a pag. 123.» (Carta de Antonio Thomaz Pires, de 9 de Abril de 1905.) Eil-o o romance de

Arboleda

Arboleda, arboleda,
arboleda tan gentil;
en la rama de más arriba
hay una bolisa (1) d'Amadí;

(1) Palabra hebrêa corrompida, equivalente á señora.

peinándose sus cabellos
con un peine de marfil,
la raiz tiene de oro,
la cimenta de marfil.
Por alli pasó un caballero,
caballero tan gentil:

«—Que buscáis, la mi bolisa?
que buscáis vos por aqui?
«Busco yo á mi marido,
mi marido d'Amadí.
—Cuanto dabais, la mi bolisa,
que os le traigan aqui?
«Daba yo los tres mis campos
que me quedaron d'Amadí.
El uno araba trigo
y el otro zengefil, (1)
el mas chiquitico de ellos
trigo branco para Amadí.
—Mas qué dábais, la mi bolisa,
que os le traigon aqui?
«Daba yo mis tres molinos
que quedaron de Amadi.
El uno molia clavo
y el otro zengefil,
el mas chiquitico de ellos
harina blanca para Amadí.
—Mas qué dábais, la mi bolisa,
que os le traigan aqui?
«Daba yo las tres mis hijas
que me quedaron de Amadí,
la una para la mesa,
la otra para servir,
la más chiquitica de ellas
para holgar y para dormir.
—Dádos á nôs, la mi bolisa,
que os le traigan aqui.
«Mal año, tal caballero,
que tal me quiso decir.
—Que señal dais, la mi bolisa,
que os le traigan aqui?
. . . . . .
. . . . . .

(1) Arabe: jengibre.

—Nó maldigáis, la mi bolisa,
yo soy vuestro marido Amadí.
Echados vuestro trenzado,
me subiré yo por alli.

No Romanceiro de Traz-os Montes, n.º 34 (*Revista lusitana*, vol IX, p. 283) no Romance da *Bella Infanta* ha o syncretisar d'este trecho de *Dom Beltrão:*

—Esse homem lá o vi,
Esse homem lá estava
Com tres chagas abertas,
Cada uma era mortal;
Por uma cabia o sol,
Por outra o bello luar,
Por outra tambem cabia
Linda bola de bilhar.

Na versão de Ligares, intitula-se *D. Francisquinha*, lembra Penelope no tear:

Estando Dona Francisquinha
No seu balcão assentada,
Fiando e torcendo sêda,
Viu vir um cavalleiro
A'quella Serra da Estrélla.
Atreveu-se a précurar-le:

—Que vae de novo na guerra?
«Menina que tal precura
Alguma cousa trae n'ella.
—Trago lá o meu marido;
Ha sete annos que anda n'ella.

O thema prolonga-se na fórma dithyrambica. Na versão de Vinhaes (ib., n.º 62) o thema resume intensamente:

Um Cavalleiro

Estando eu á minha porta
Cosendo e lavrando sêda,
Vira vir um cavalleiro
Junto da Serra Morena.
Atrevi-me e preguntei-lhe:

—Cavalleiro! vem da guerra?
«Da guerra venho, senhora,
Vós a quem trazeis n'ella?

—Trazo lá o meu marido;
Sete annos ha que anda n'ella;
O cavallo era branco
E a sella verde-amarella;
O cavallo era branco
E á crina d'uma donzella.
«Esse soldado, senhora,
Morto ficara na guerra.
—Mal o haja o cavalleiro
Que taes novas me trouxera.
Vae para minha casa
Cerrar portas e janellas;
Eu me vou vestir de luto
E ás minhas filhas de terra;
Eu lhe vou fazer por alma
O que elle por mim fizera.
«Ande cá, minha senhora,
O seu marido este era!
—Se tu és lo meu marido
Para que me dás tanta guerra?
«Pois eu inda vim a buscar
A quem deixei n'esta terra;
Porque a honra das donzellas
Anda de terra em terra,
E como cópo de vidro,
D'onde bate logo quebra.

Em outra versão *A rica Armada*, de Vinhaes, n.º 63 (ib., p. 300) termina de outra fórma:

—Se tu eras meu marido,
Porque tanta guerra me davas,
Pois eu nunca me esqueci
De quem n'esta terra deixara.

Uma versão de Maçôres (n.º 83, ib. p. 312) é extensa, mas com todos os desenvolvimentos dithyrambicos. Intitula-se *Rosa branca*. Transcrevemos a versão n.º 94, tambem de Maçôres, pela modificação do quadro:

A bella Infanta

—Porque não cantas, Helena,
A' sombra d'essa nogueira?
«Morreu-me meu pae ha pouco,
Meu marido está na guerra.

—Quanto deras tu, Helena,
A quem t'o aqui trouxera ?
«Dava-te a minha vacada,
Que anda na Serra Morena.
—Quanto deras mais, Helena,
A quem t'o aqui trouxera ?
«Tres moendas que eu tenho,
Dava-te a escolher n'ellas ;
Uma moía cravos,
Outra cravos e canella.
Outra moía o pão alveiro
Para o rei de Castella.
—Quanto deras mais, Helena,
A quem t'o aqui trouxera ?
«De tres filhas que eu tenho,
Dava-te a escolher n'ellas.
—As tuas filhas, Helena,
Não nasceram para mim ;
Para mim nasceste tu.
Meu cravo, meu seraphim.
«Vá se d'ahi, oh magano,
Não esteja a mangar de mim ;
Mando chamar meus criados,
Que o matam já ahi.
—Meu anel de sete pedras
Em dois bocados o parti ;
Mostra me a tua metade,
Pois a minha vê-la aqui.
«Se tu eras o meu homem,
Para que mangavas de mim ?

Ha ainda com o titulo de *D. Francisquinha*, a versão de Carviçaes (n.º 99, ib., p. 321) extensa, nos seus elementos novos : pergunta ao Capitão : — Vistes por lá meu marido — Por essas guerras passadas ? — Allude a uma fortaleza :

—Por as senhas que me dás,
Esse mesmo lá o vi,
Encostado á muralha
Com vinte e cinco feridas ;...

Nos Cantos populares das Asturias colligiu Menendez Pidal duas versões d'este romance, com o titulo de *La Ausencia* : é o regresso do marido, mas sem a prova da fidelidade da esposa :

Estando un dia á la puerta
labrando paños de seda,

vi venir un caballero
allá por Sierra Morena.
Atrevi-me, y preguntéle
si venia de la guerra?

—De la guerra, si, mi señora;
de la guerra, si, doncella.
Tiene allá algun primo hermano
ó alguno que le dá pena?
«Yo tengo allá mi marido,
mas hermoso que una perla.
—Deme las señas, señora,
señora, deme las señas.
«Llevaba el caballo blanco
la silla dorada y negra;
dos criados que llevaba,
iban vestidos de seda;
iban vestidos de luto
de los piés á la cabeza.
—Vuestro marido, señora,
en la guerra muerto queda.
«Ay, pobre de mi, cuitada,
que estoy sola en tierra ajena!
Mis pobres hijos queridos
quién los mandará á la escuela;
y á mi hija Teresina
quien la casará en su tierra?
—Los sus hijos y los mios
juntos irán á la escuela,
y á sua hija Teresina
yo la casaré en mi tierra.

A otro dia de mañana,
madrugó á la missa primera;
iba vestida de luto
de los piés á la cabeza,
y al tomar agua bendita
co'l caballero se encuentra:
—Por quién trae luto, señora;
por quién trae luto, doncella?
«Traigolo por mi marido,
que se me murió en la guerra.
—Non llore por él, señora,
señora, non tenga pena,
non vista paños de luto,
que yo su marido era.

(*Coleccion de Romances viejos asturianos*, p. 153).

No *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 202, *La vuelta del marido*, é este mesmo thema, mas sem a insistencia da prova da fidelidade :

Estava la Blancaflor
Sota l'ombra de la menta,
Que brodava un camison
Per la filla de la reyna ;
El camison era d'or,
De seda li broda ella.
Quant la seda li falta,
Brodava de sus cabellos.
De sus cabellos al or
No hi havia differencia.
Gira'ls ulls envers la mar
Veu veni la usar lluenta,
Veu veni fustas y naus
Y galeras mes de trenta.
Veu veni un galion
Que 'el seu gran senyó li sembla.

«Galion, bon galion,
Deu te do en la mar bonanza,
Si est vist y conegut
El meu gran senyor en Fransa ?
—Yo l'hi vist y conegut
Y de sa part li comanda,
Diu qu'es cerqués aimado
Qu'ell aymada s'es cercada.
La filla del rey Francés
Per esposa li han dada.
«Ben haja qui presa l'ha,
Mal haja qui li ha dada.
Una dona com som jo
Per altra m'haji deixada !
Set anys el som esperat
Com à dona ben casada,
Y alttres set l'esperaré
Com à viudette enviuvada.
Si al cap de aquets set ne ve,
Per monja m' seré posada.
—No's fassi monja, senyora,
No's fassi pas monja encara :
No dormiria en llit di plumas
Ni en cambra encortinada :

Haura de dormi en llit de pots
Sense llansol ni flassada.
Al capsal li possaran
Una pedra mal picada;
No beura vi de sarmente
Sino d'un prunell molt aspre.

Alla vos lo sen marit
Li va daná una abrassada.

»Perdoni lo meu marit
Si he faltat en cap paraula.
—Perdoni la meva esposa
Del temps que à mi m'agradava:
«Perdoni lo me umarit
Si n'he'stada mal criada,
—Ben criada, Blancaflor,
De bon pare y bona mare.

Nos *Canti popolari del Piemonte*, N.º 28, vem *Il ritorno del Soldato*, sobre este mesmo thema, mais laconico, na sua nota; Nigra cita os paradigmas *Le soldat revenant de la guerre*, colligido por De Puymaigre *(Chants populaires du Pays Messin)* e *La femme du Marin*, colligida por Bujeaud *(Chants populaires de l'Ouest*, p. 89) e *Le jeune soldat (Chants populaires de l'Ain*, de Guillon, p. 229) Sobre o thema da volta do esposo, a situação dramatica funda-se nos máos tratos soffridos durante a sua ausencia, forçada pelo cunhado ou por sua mãe a ir guardar pórcos ou o gado; é *Germaine*, da collecção de De Puymaigre, p. 8, similar da forma catalã de *Don Guilherme (Observaciones sobre la Poesia popular*, de Milá y Fontanals, p. 119); Villemarqué *Barzaz Breiz*, t. I, p. 42, traz *A esposa do Cruzado;* Beaurepaire, nos *Etudes sur la Poesie populaire en Normandie*, traz uma versão d'este thema, colligido por Champfleury, nas *Chansons populaires des Provinces de France*, p. 135, com o titulo de *Germine*. Nos *Canti popolari monferrini*, colligidos por Ferraro, n.º 25, vem com o titulo *Il falso Pellegrino*, apontando os paradigmas de Pelay Briz, *Cansons de la Terra*, p. 87: *La vuelta del peregrino;* en Marcoaldi, *Canti popolari inediti Umbri, Liguri, Picene, Piemontese*, p. 151: *La prova d'amore;* em Wolf, *Volkslieder aus Venetien*, p. 19; *La moglie fedele*. Belza, *Il riconoscimento*.— Tarbé, *Romancero de Champagne*, t. II, p. 2 e 221.— Luzel, *Gwerzion breiz izel*, t. I, p. 197; Bernoni, *Canti popolari veneziani, La bella esposa; Il ritorno de la guerra;*

Il finto pelegrino. Na collecção *Westfaelische Volkslieder*, XIII, a ballada de *Liebesprobe;* e Percy, *Reliques*, lib. I, p. 261.— Duran, *Romancero general,* n.º 4, e n.º 318, fórma litteraria de Juan Ribera.

Nos Cantos populares das Asturias tambem este romance apparece degenerado em parodia com o titulo de *El Mambru :*

Este es el Mambru, señores,
que se cantará al revés.

«Ha visto usted á mi marido
en la guerra alguna vez ?
—Acaso lo hubiera visto ;
déme usted las señas de él.
«Mi marido es un buen mozo,
gentil hombre aragonés.
En la punta de la lanza
lleva um pañuelo morlés,
que lo bordé cuando niña,
cuando niña lo bordé.
Dos años há que lo espero
y lo esperaré hasta tres ;
si á los tres años no vuelve,
monjita me he de meter,
y á la menor de mis niñas
con migo la llevaré,
que me cosa y que me lave
y me guise de comer,
y me lleve de la mano
á casa del coronel.

(Pidal, *op. cit.*, p. 349).

No seu estudo sobre *Il moro Saraceno*, Nigra investiga o thema do reconhecimento pelo annel, commum ás versões portugueza, catalan e piemonteza, citando todos os logares colligidos por Child, annotando as balladas *Young Beichan* e *Hind Horn (The english and scotish popular Ballads*, I, 187; II, 450. Tambem apparece na lenda de *Miragaia*, do Livro Velho das Linhagens ; e em Boccacio, *Decameron*, X, 9.)

Sobre a extensão d'este thema da *Bella Infanta*, que transita espontaneamente para a *Noiva roubada*, concluimos por este pensamento de De Puymaigre na sua traducção dos *Vieux Chants portugais*, p. 324 : «Será preciso indubitavelmente remontar á *Odyssêa* para descobrir a origem de uma scena tantas vezes explorada.»

3. Nausicaa — (*Romanceiro*, t. I, p. 69 e 70.) — O quadro da filha do rei, que vae á fonte, lembra a filha de Alkinoos, o rei dos Pheaceos, na mais delicada rhapsodia da *Odysséa*. Este quadro idyllico é um enxerto na narrativa heroica; vê-se que encantou o poeta ou artista que agrupou as lendas maritimas atlanticas. Sobre elle escreve Croizet: «De todos os papeis secundarios de mulheres na *Odyssea*, nenhum ha que eguale em merito o da joven Nausicaa. Uma tal personagem não podia evidentemente figurar na legenda, que não se limita a scenas puramente episodicas; ella pertence inteiramente ao auctor do livro VI, actual. Foi elle que concebeu este typo tão gentil da donzella, e que soube com muita felicidade misturar n'ella, devido á admiravel delicadeza do seu genio, a agudeza de espirito, a bondade, a timidez mesmo com uma certa altivez de raça.— Um sonho lhe dera o presentimento do seu proximo casamento; ella quer estar prompta, e para isso trata de ir lavar ao rio as peças de panno que têm de servir para se fazerem as vestimentas da festa;...» (*Hist. de la Litterat. grèque*, I, p. 380.) Quando as outras donzellas fogem ao apparecer lhes Ulysses, Nausicaa deixa se ficar: «porque Athenêa lhe insuflara no coração a coragem firme, e impedia que o temor a fizesse fugir,» como descreve o rhapsodo (*Odyss.*, VI, 138-141). Athenêa é na versão portugueza a Virgem, que lhe vaticina o casamento venturoso. A lenda de Nausicaa, como a accomodou artisticamente o rhapsodo ao error de Ulysses apparece na sua perfeição na tradição da origem do estabelecimento de Marselha: a filha do rei Nann, a bella Gyptis ao avançar para a mesa do banquete aonde devia escolher o seu noivo, vê chegar um baixel, que trazia á prôa a figura de uma phoca, com um piloto nobre e mancebo; convidado a assistir ao festim Gyptis apresenta-lhe a taça cheia, signal da sua escôlha; o estrangeiro acceita-a, e o rei consente no casamento da filha, estabelecendo-se a nova colonia que em pouco tempo se tornou uma cidade mercantil. (Emile Chasles, *Hist. de la Litt. française — Origines*, p. 24.) Evidentemente o rhapsodo grego apropriou-se de uma lenda occidental, deturpando-a nos seus elementos de realidade. Do episodio de *Nausicaa* dizem os criticos: «Indubitavelmente, nada impede de acreditar, que o poeta, a pouco e pouco modificou e ampliou a sua obra O episodio de Nausicaa, por exemplo, bem pode ter sido ajuntado por elle ulteriormente;» (Croizet, *ib.*, p. 338.)

Na tradição popular da Galliza (Santiago — Vilancosto) encontra-se uma versão mais desenvolvida do que a de Traz-os-Montes, dando-nos o sentido maravilhoso da ida á fonte:

Muñanita de San Juan
Anda a auga enamorada,
E estando Nosa Señora
Collendo n'a *Flor da'auga*,
D'esta maneira decia,
D'esta maneira falaba :

—Cal será, cal, a doncella
Que veña hoj'á catála ?

A' filla d'o Rey ovindo-a,
Sin paje sal e sin dama ;
A toda prêsa camiña,
E dicell' ó tropezala :

«Señora, gárdevos Dios,
—Doncella, muy bem chegada.
«Filla d'o rey sou, Señora,
Veña tral a flor d'a auga.
—Para ser filla de rey
Ves ti mal acompañada.
«Veño sin saber mi padre,
Qu' a sabélo s'enfadara.
Jarriña trayo de vidro,
Vos m'a darédes de plata.
—Bên está ; mais, se che din
Quén che deu tao linda jarra,
Contesta qu'unha señora
Que sobre todos mandaba.
«E pois mandas sobre todos,
Mandá qu'en sêa casada.
—Casadiña, miña filla,
E mais ben afortunada ;
Casadiña con tres fillos
Todos de capa e d'espada.
Un será Rey de Sevilla,
Outro o será de Granada,
Outro será para o céo,
Para Deos, qu'asi ll'agrada.

Estando n'estes faláres
E caindo ela esmayada,
Nosa Señora envolveuna
N'os plégues d'a sua capa.
Pró chega Jesus e dille :

—«Mi madre, qu'é o que ahi garda?
—A filla do'Rey eu gardo
Que d'emayárseme acaba.

Noso Señor descubréuona
E ali tocando-a na cara,
A filla d'o Rey espérta
E esperta n'a sua cama.

(Biblioteca de las Tradiciones populares españolas, t. IV, p. 107.)

O romance funda-se na crença da *Flor d'agua,* a herva fadada, o lirio *(angó*, entre o Chaldeos, que na tradição occidental equivale ao lotus, do Oriente ; tem um sentido genesico. Na versão da *Moça da fonte,* decahida do seu sentido primitivo, a flor de agua é a flor do rosmaninho, que faz que a rapariga ande perdida de amores. Na *Revista lusitana,* vol. IX, vêm mais tres versões de Traz os Montes (Vinhaes, Baçal e Poiares) ; n.os 42, 76 e 84, com variantes e omissões.

4. Dom Marcos — *(Romanceiro,* t. I, p. 71 a 87.) Nas diversas versões d'este Romance apparecem as Rhapsodias da *Odysséa,* no livro XIV, quando Ulysses tendo acabado as suas viagens, se encontra em Ithaca, demora-se junto de Eumeu, por quem sabe do estado da sua casa, e prepara a sua vingança ou o Castigo dos Pretendentes : «Ulysses desembarca em Ithaca, procura primeiramente abrigo no campo ; chega a casa do seu velho creado, o porqueiro Eumeu, que lhe dá hospitalidade.— A intenção principal do poeta parece ter sido de nos fazer sentir de uma maneira dramatica quanto os mais fieis amigos de Ulysses desesperavam do seu regresso, mesmo no momento em que elle tinha já chegado á sua terra natal ; é alli que nota o effeito de todas as palavras de Eumeu tão dedicado ao seu amo, e tão desalentado. E ao mesmo tempo que põe em obra este dado tão emocionante em si, Ulysses tratado como um extranho no seu proprio dominio por um servo excellente, que o não conhece.— Dois personagens preenchem sós a scena, não ha acção, propriamente fallando, por que tudo se passa em narrativas. Além d'isso, o quadro da vida rustica, que resalta do fundo d'esta scena, presta-lhe um encanto muito particular.» (Croizet, *Hist. de la Litterat. grécque,* I, 301.) Nos romances populares portuguezes, este episodio liga-se immediatamente ao quadro da vingança sobre os Pretendentes, que entre si dis-

putavam o casamento com Penelope, a esposa fiel. E' esse o desenlace da Odyssêa: «No canto XII vem a narrativa do combate, que termina pela matança. Pode-se notar no conjuncto alguma diffusão, mas torna-se impossivel deixar de admirar a força de imaginação, que brilha em quasi tudo. A revelação de Ulysses no comêço é empolgante, e o modo como a lucta se trava, lança de repente na alma do leitor uma impressão profunda. O terror dos Pretendentes, o lampejo terrivel da colera do heroe, a supplica dos seus inimigos, a violencia soberba do seu desdem, são outros tantos lances dramaticos de uma incomparavel grandeza.— Quando os dois esposos se reconhecem um ao outro, quando Ulysses agora o senhor do seu palacio, e ahi encontra o terno affecto de sua mulher, achamos ahi esgotada a série das scenas verdadeiramente interessantes, que fornecera a legenda. Assim tambem os mais judiciosos criticos da antiguidade, Aristophanes de Byzancio e Aristarco consideravam o verso 296 do Canto XXIII como o signal do fim da *Odysséa.*» (Croizet, ib., p. 317 e 319.)

O que leva á demonstração de que os romances populares portuguezes são os vestigios da lenda odyssaica elaborada pelos rhapsodos gregos, e a vasta persistencia d'estes cantos nas Asturias, na Catalunha, na Italia, no Paiz Messin, e ainda na Grecia moderna; e ao mesmo tempo o syncratismo da tradição com os elementos historicos, ligados á grande figura de Carlos Magno. Escreve Saint-Marc Girardin, nas *Notices politiques et litteraires de l'Allemagne* (p. 122): «Tambem na *Deutsche Sagen*, emquanto Carlos Magno anda em uma expedição contra os pagãos, na Hungria, sua mulher sollicitada pelas instancias dos Barões, promette escolher um esposo. E' dentro em tres dias que ella deve declarar a sua escolha; um anjo avisa Carlos Magno d'estas más novas; como vir em tres dias da Hungria a Aix-la-Chapelle? O anjo indica-lhe um cavallo maravilhoso que andará esse caminho em tres dias. Chega a Aix, no meio das festas do novo casamento; vae assentar-se na cathedral de Aix-la-Chapelle, sobre a cadeira em que deviam ser installados os imperadores, é reconhecido, e Hildegarda volta com alegria para seu marido. O mesmo critico aponta uma variante d'esta lenda no romance italiano *Spagna historiata*, em que o Anjo e o cavallo são substituidos pelo diabo; e accrescenta: «Assim a mesma historia encontra-se tanto no Meio Dia como no Norte: a imaginação popular muda apenas de detalhes, segundo os logares, tomando por pagãos os seus inimigos mais proximos; na Allemanha os Hungaros, no meio dia da França os Sarracenos da

Hespanha.» (*Ib.*, p. 123.) Jacob Grimm colligiu esta lenda de uma chronica em verso (Cod. palat. 336, fl. 259-267) e incluiu nas suas Lendas allemãs (traducção franceza, *Les Veillées allemandes*, t. II, p. 124), esse quadro, que tem todos os elementos da situação final da Odyssêa, mas com o perdão dos Pretendentes.

Nos *Cantos populares da Grecia moderna*, publicados pelo Conde de Marcellus, vem uma lenda com o titulo *O Rapto*, em tudo semelhante ao romance portuguez da *Noiva roubada*:

«Emquanto estava assentado e comia a uma mesa de marmore, o meu cavallo nitriu e o meu sabre telintou. Disse então para mim: — Casam a minha bella; abendiçôam-a com outro; para outro corôam-a, desposam na, e dão lhe outro marido. Levanto-me e vou-me direito aos cavallos, que são ao todo setenta e cinco. Qual é dos meus setenta e cinco cavallos o que pode faiscar no Levante e dar commigo no Poente? Todos os cavallos que me ouvem gotejam sangue; todas as eguas que me escutam abortam. Mas um velho corcel com quarenta feridas acode: — Eu sou velho e feio, não me dou com as viagens; mas pelo amor da minha bella senhora emprehenderei a corrida, porque ella me trazia de comer no seu avental arregaçado, e dava de beber no covo da sua mão.

«Immediatamente sella o cavallo, de prompto o monta: = Cinge a cabeça com uma toalha de nove covados; não puches a rédea, nem craves as esporas, porque acaso me lembraria a minha mocidade, e eu seria como um pôtro e eu semearia os teus miolos em um campo de nove varas.

«De uma chicotada no cavallo adianta quarenta milhas; redobra e faz quarenta e cinco mais; e caminhando, roga a Deus: — Meu Deus, fazei com que encontre meu pae entrançando a sua vinha. Pediu como christão, como santo foi ouvido, e encontrou seu pae podando a vinha — Bem andaes, meu velho; mas de quem é essa vinha? = Para luto e desgraça é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella. Com outro a abendiçôam, para outro a corôam.— Oh, dize-me, dize-me, bom velho, ainda a encontrarei á mesa? = A' mesa a encontrarás se tiveres um bom cavallo; se tens apenas um rocim, encontral-a-has na benção.

«De uma chicotada no cavallo avança quarenta milhas; redobra e faz quarenta e cinco mais; e emquanto caminha vae resando a Deus: — Meu Deus, fazei com que eu encontre minha mãe regando o seu jardim. Como christão o pediu, como santo foi ouvido, e encontrou sua mãe regando o jar-

dim : — Bem andaes, minha velhinha ; de quem é este jardim ? = Para desgraça e luto é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella ; com outro a abendiçôam, corôam-na para outro. — Oh, dize-me, velhinha, encontral-a hei ainda á mesa ? = A' mesa a encontrarás, se tiveres um bom cavallo ; se só tiveres um rocim, encontral a has na benção.

«De uma chicotada no cavallo galgou quarenta milhas, redobra e faz mais quarenta e cinco. O cavallo começa a relinchar, e a donzella o reconhece : —«Minha filha, quem é que conversa comtigo ? Quem é que te falla ? — E' meu irmão mais velho, que me traz o meu dote.— «Se é teu irmão mais velho, sáe para lhe ires dar de beber. Se é o teu amante, saio-o eu e mato-o.— E' meu irmão mais velho, que me traz o dote. Ella pega em uma taça de ouro para lhe ir dar de beber. — Põe-te á minha direita, oh encantadora, e dá-me de beber pela esquerda. O cavallo ajoelhou e a donzella se achou em cima d'elle. Então desfillou como o vento. Os turcos pegam em seus mosquetes, mas já não alcançam nem o cavallo, nem a poeira d'elle. Aquelles que tinham bom ginete, viram a sua poeira, os que só tinham um rocim, nem sequer a avistaram.» *(Op. cit.*, p. 140.)

Será este canto popular uma persistencia da lenda odyssaica ? Parece-nos antes uma revivescencia por uma nova transmissão oral do Occidente. Sobre a passagem das tradições occidentaes para o Oriente, escreve Chassang, na sua *Histoire du Roman* (p. 438) : «A quarta Cruzada teve consequencias profundas : os conquistadores estabeleceram na Grecia e na Moréa suas leis e costumes e até a propria litteratura ; muitas das Novellas de Cavalleria foram traduzidas ou imitadas em grego moderno, e as mais illustres familias do imperio cuidavam que ficariam mais honradas tecendo uma genealogia imaginaria, inscrevendo entre os seus antepassados os paladins francezes, os Roland e os Olivier.» Pode tambem vêr se a exposição de Fauriel, nos *Cantos populares da Grecia* (Prefacio p. 15) e sobretudo a vasta e conscienciosa introducção de Edelestand Du Méril á edição do poema de *Flore et Blanceflor*, seguido por Chassang.

Esta situação em que o marido chega a encontrar sua esposa prestes a casar-se, ou a sua noiva já nas festas da bôda, é um thema commum á poesia popular occidental. Sobre a versão piemontesa do *Moro Saracino*, o Conde Nigra julga que essas versões foram transmittidas de um cantar do Languedoc e da Provença para a Catalunha e para a França da lingua d'Oil e d'ahi para a Italia septemtrional; *(Canti popo-*

lare del Piemonte, p. 220) mas esta theoria de um unico fóco de difluição é incomprehensivel, sendo a explicação verdadeira a de um vasto fundo anthropologico e ethnico, em que essas tradições persistem, com suas differenciações como succede com os dialectos. Aqui o *substratum* ethnico é fundamentadamente o ligurico. Nigra em um pacientissimo estudo sobre o *Moro Saracino*, conclue, que a origem d'este thema data da invasão sarracena no Mediterraneo, e comprova isso com os paradigmas do Romance de *Gayfeiros*. (Op. cit., p. 256.) Não penetrou a antiguidade proto-historica, que remonta á lenda odyssaica; assim como o thema se encabeçou na lenda de Carlos Magno, tambem recebeu nova adaptação em *Gayfeiros* (Vifarius, um dos ultimos duques da Aquitania, de 745.)

Além das outras versões da *Noiva extremenha*, (p. 71 a 87) incorporamos aqui mais quatro versões da tradição oral de Tras-os-Montes, um dos fócos de maior persistencia ethnica:

O Conde de Torres

(Traz os Montes — *Vinhaes*)

Lá vae o Conde de Torres,
Co's Mouros vae batalhar:
A Condessa era mui nova,
Não cessava de chorar.

—Se eu tardar por aqui sete annos,
Tornarás te a casar.

Sete e sete são quatorze,
Lembra-lhe de se casar.
Tambem lhe lembrou ó Conde
Para a sua terra voltar;
Chegou ó meio da serra
Encontrou uma vacada;
Chamou pelo pastor d'ella,
Respondeu-lhe o zagal:

—De quem é esta vacada
Que de golpe tem sinal?
«Ella era do Conde de Torres,
Deus me lo deixe voltar!
Agora é do Conde de Flores,
Deus m'o não deixe gosar!

—Que te fez el Conde (de Flores)
Que lhe rogas tanto mal?
«Soldadinha de sete annos
Não me la quer pagar.
—Guarda-te, oh pastorinho,
Que eu t'a heide de pagar.

A' entrada de uma villa,
A' saida de um logar,
Vira estar tres lavadeiras
N'um ribeiro a lavar:

—Deus as guarde, senhoras,
Deus las queira guardar!
=D'onde é o cavalleiro,
P'ra tão cortez nos fallar?
—Eu sou filho da do meio,
E das outras primo carnal.
=Se tu eras o meu filho
Uma signa me hasde dar!
—Que é das minhas bolas de ouro,
Com que aprendi a jogar?
=As tuas bolas, meu filho,
Guardadas te hão de estar.
—Que é do meu lindo cavallo
Onde eu ia a passear?
=O teu cavallo, meu filho,
Na estrebaria hade estar.
—Que é da minha esposa linda
Que se chama Guiomar?
=A tua esposa, meu filho,
Hoje se vae a casar!
—Adeus, adeus, minha mãe,
Que la a vou resgatar,
=Não vás lá oh, meu filho,
Que te poderão matar.
—Matar, a mim não me matam,
Que lhe heide saber fallar!

Chegou á porta de egreja,
Estava para casar.

—Onde está a minha esposa,
Que se chama Guiomar?
Aqui vem o seu marido,
E vem para a levar,

Pois tem a posse antiga
E ninguem m'a hade tirar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 67. *Rev. lusitana*, vol. IX, p. 302).

D. Fernando

(TRAZ OS MONTES—*Maçôres*)

—Que cavalleiro é este
Que a minha porta rondêa ?
«Sou das partes do mar,
Venho das terras da Beira.
Que é d'ellas as minhas guitarras
Com que eu sabia tocar ?
—Essas guitarras, cavalleiro,
Por esses quartos hão de estar.
Se tu fôras lo meu filho
Outros sinaes me havias dar.
«Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar :
Que é d'elle as minhas bengalas,
Com que eu saia a passear ?
—Essas bengalas, cavelleiro,
Por esses cantos hãode estar.
«Que é d'elle as minhas bolas de ouro
Com que eu sabia jogar ?
—Essas bolas, cavalleiro,
Por essas caixas hãode estar.
Se tu fôras lo meu filho
Outros sinaes me havias de dar.
«Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar.
Que é d'elles os meus cavallos ruços,
Que eu deixei a engordar ?
—Esses cavallos, cavalleiro,
Por esses córtes hãode estar !
Se tu fôras o meu filho,
Outros sinaes me havias de dar.
«Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar :
Que é d'ella, a minha esposa,
Minha esposa Guiomar ?
—Tua esposa, meu filho,
Fraca nova te vou dar,
Que hoje se correm os banhos,

A' manhã se vão casar.
«Bote-me a sua benção,
Que me quero lá chegar.
—Não chegarás, não, meu filho,
Que te hãode lá querer matar?
«Não me matarão, minha mãe,
Que eu heide lhe saber fallar.

—

«De quem é esta bezerrada
Que o numero traz misturado?
=Até aqui de Dom Fernando,
Agora do Duque real.
«Aguardae bem, oh meninos,
Que eu heide-vos saber pagar.
«Guarde os Deus, meus senhores,
E mail-o seu jantar.
—«Guarde-o Deus, oh senhor,
Já que o senhor nos quer guardar.

«Diga-me, oh minha esposa,
Minha esposa Guiomar,
Se queres os amores velhos
Ou se queres do Duque real?
—«Eu quero os amores velhos,
Não quero os do Duque real!
Tate,! tate! cavalleiro,
Não hajas de o matar,
Que eu quero os amores velhos,
E não quero os do Duque real!
«Se é por causa das prendas,
Inda as tenho para t'as dar;
E se é pelo jantar,
Meu pae t'o manda pagar.

(Romanceiro trasmontano, n.º 82. *Rev. lusitana*, vol. IX, p. 311.

Conde de Flores

(Traz os Montes — *Felgar)*

Lá se vae o Conde de Flores
Por capitão general;
Sua mulher deixa mui nova,
Do que leva gran pesar.

—Se eu por lá tardar sete annos,
Tratarás de te casar.

Tardara sete e outros sete,
E ella sempre a guardar.
Ao cabo dos quatorze annos
Tratou de se casar.
Tambem o Conde de Flores
Tratara de se marchar.
Lá no meio do caminho
Encontrara uma vacada,
Chamou pelo pastor,
Fallara-lhe o zagal.

—De quem é essa vacada,
Que na testa traz o sinal?
«Era do Conde de Flores,
Deus lh'o ha de perdoar;
Agora é de Don Francisco,
Deus la não deixe gosar!
—Que mal te fez esse homem,
Que lhe rogas tanto mal?
«A soldada de sete annos
Ainda não m'a veiu pagar!
—Guarda a vacada, pastor,
Guarda a vacada, zagal;
As soldadas d'esses annos
Eu t'as mandarei pagar.

A' porta de sua mãe
Lá se foi a passear.

=D'onde é esse senhor
De tão grave passear?
—Sou filho seu, minha mãe,
Vossemecê não m'o hade negar!
=Vossemecê para ser meu filho
Outra senha me hade dar.
—Sim, las darei minha mãe,
Sim, tenho para las dar.
Onde está a minha espada
Com que eu ia a batalhar?
=A sua espada, senhor,
Lá por dentro hade estar;
Vossemecê para ser meu filho,
Outra senha mé hade dar.
—Sim, las darei, minha mãe,
Sim, tenho para las dar:

Onde estão as minhas bolas
Com que eu ia a jogar ?
=As suas bolas, senhor,
Lá dentro hão de estar ;
Vossemecê para ser meu filho
Outras senhas me hade dar.
—Sim, las darei, minha mãe,
Sim, tenho para las dar :
Onde está o meu cavallo,
Com que me eu ia banhar ?
=O seu cavallo, senhor,
Na estrebaria hade estar ;
Vossemecê para ser meu filho
Outras senhas me ha de dar.
—Sim, las darei, minha mãe,
Sim tenho para las dar :
Onde está minha mulher,
Que aqui lhe havia de deixar ?
=A tua mulher, meu filho,
Tratara de se casar ;
Hoje se fazem as bôdas,
A'manhã se vão casar.
—Deixa lá, oh minha mãe,
Que eu a vou a resgatar.
=Não vás, não, meu filho,
Que elles te hão de matar.
—Não matam, não, minha mãe,
Que eu heide saber-lhes fallar
Sete annos andei por terra,
Sete annos andei por mar,
Olhe lá, oh minha mãe,
Se lhes saberei fallar !

—Guarde Deus estes senhores,
Que lhe aproveite o jantar !
Com essa senhora do meio
Com ella quero fallar.

Alevantou-se Dom Francisco
Com tenção de o matar.

—«Alto ! alto, Dom Francisco,
Alto ! não faças tal ;
Olha que os amores primeiros
São custosos de deixar.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 93. *Rev. Lusitana*, vol. IX, p. 317.)

Conde de Flores

(TRAZ-OS-MONTES — *Poiares)*

Declarou-se uma guerra
Entre França e Portugal;
Convidaram Conde Flores
P'ra Capitão General.

—Por quantos annos vaes, Conde,
Conde, por quantos vaes?
«Vou por sete, minha Condessa,
Vou por sete, nada mais;
Se aos outo não vier,
Condessa, podes casar.

Já os outo eram passados
E os nove iam a andar.
Uma manhã de Paschoa,
O pae a mandara chamar.

—Que me quereis, meu pae,
Meu pae, que me quereis dar?
=Nada te quero dar, filha,
Se te queres casar?
—Não, por certo, meu pae,
Não, por certo em verdade;
Que me deu na cabeça
Que é vivo o Conde Dom Blas?
Deite-me a sua benção,
Que o quero ir procurar,
=A minha benção te dou
Mais a soledade..... ?
Vae a tua mãe, que t'a deite
A vêr se vales mais.

Foi-se para sua casa,
Saltou a desnudar-se;
Vestiu-se de peregrina
E foi-se a peregrinar.
Sete annos andou por terra
E outros sete no mar,
A entrada de Barcelona
Se pozera a merendar.
Viu vir um rapazito
C'um cavallo a passear.

—Dize-me, oh rapazito,
Não me negues a verdade:
De quem são esses cavallos
Que os conheço por sinal?
—«Estes cavallos, senhora,
São do Conde Dom Blas,
Hoje se alegram as bôdas
E amanhã se vae casar.
—Pois dize-me aqui, oh rapazito,
Não me negues a verdade,
Onde mora esse senhor?
Onde mora, onde está?

Indo toda a rua adiante
Não lhe pudera fallar;
Sete voltas ao palacio
Sem achar por onde entrar.
Ao cabo de sete voltas
N'uma ventana o viu estar.

—Dae-me uma esmola, bom Conde,
Dae me por necessidade.
=Pois perdôa, peregrina,
Que não tenho que te dar.
—Algum dia, bom Conde,
Algumas tinhas que me dar!
=Pois d'onde é a peregrina,
De que terra ou que cidade?
—Sou de França, meu senhor,
Um pouquito mais acá.
=Dize me, oh peregrina,
Que se conta por ahi lá?
—Por ahi, lá nada se conta,
Senhor Conde Dom Blas,
Deixou sua mulher só,
Sua mulher o anda a buscar!

Mete a mão ao seu bôlço
Um real de ouro lhe dá;
Ella prometteu ao seu
Levantar o *beneirá*.

=Esse *beneirá* era meu
Me custou *una ciudád!*
—Como pode ser, senhor Conde,
Como pode ser verdade!

Deu m'o o meu marido
Quando nos fômos casar.
=Fique com Deus o palacio,
E a gente que n'elle está,
E Anninha fica *borrada*
De abracinhos e beijinhos
Não a posso remediar;
Se minha mulher fosse má
Não na vinha procurar.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 98. *Rev. lusit.*, vol IX, p. 320.)

Nos *Canti popolari del Piemonte*, n.º 42, com o titulo de *Moran d'Inghilterra*, vem este mesmo thema:

La fia del Sultan
l'è na fia bela;
tan bela cum'a l'e,
savio pa a chi dé la.
S'a l'án dáil a a Moran,
Moran de l'Inghilterra.
P'rim di ch'a à l l'a'spuzà
no fá che tan bazé la:
segund di ch'a 'l l'à spuzá
Moran la vol chité la;
teis di ch'a 'l l'à spuzà
Moran n'i'n va a la guerra.
La bella a j'â ben dot:

—Moran, quand e turnei-ve?
«Se turno pa'n set agn,
vui, bela, maridei-ve.

Bela spetá set agn,
Moran mai pi veguéira.
La bela munta a caval,
gira tuta Inghilterra.
'Tal prim ch'a s'é scuntrà,
l'é d'un marghé di vaché.

—Marghé del bel marghé,
d'chi sunh-ne custe vache?
—«'Ste vache sun d'Moran,
Moran de l'Inghilterra.
—Marghé del bel Marghé,
Moran à le la dona?

—«Ancor' sara quel giurn
ch' Moran na spuza veina ;
marcéisse'npo' pi fort,
riverei l'ura dle nosse

Bella spruna 'l caval
ruvá l'ura dle nosse.
Ant una sana d'or
a j'an smunû da béive.

—Mi béive, béive pa
fin ch'la sana sia unia :
'mi béive, beive pa
fin qh' si j'è n'auta dona ;
mi béive, béive pa
fin ch'sia mi padruna.

Moran l'ambrassa al col,
Moran de l'Inghilterra.

«Padruna si sempre stá,
si le paré-ve ancuira.

N'este quadro é a esposa que vae procurar o marido, e se dá a conhecer quando está para casar-se ; n'esta transformação apparece o cyclo da ballada anglo-escoceza de *Suzan Pye* ou de *Lord Beichan* (Gilberto *Becket*, a quem a filha do Soldan veiu procurar). O romance, *La Sposa porcaja*, é ainda a Esposa fiel, que o marido vem encontrar soffrendo máos tratos da sogra. *(Op. cit.*, n.º 55.) Vê-se que o cyclo originario se complica em differentes ramificações, que evolucionam em efflorescencia autonoma, em muitos paizes.

No *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 244 : *La boda interrumpida.*

De Puymaigre, nos *Chants populaires du Pays Messin*, p. 20, traz este thema na complainte *Le retour du mari*, e apontando diversos paradigmas, da Bretanha, de Champagne e da Normandia, reconhece que «apresentam semelhanças com esta situação, que na antiguidade forneceu a Homero um dos mais interessantes trechos da *Odyssêa*, o regresso de Ulysses, (Odyss., liv. XXIII).— E' um incidente, que se deve ter repetido mais de uma vez na Edade média, de que a poesia popular pôde tirar o germen da vida real.»

Nas *Lendas allemãs* (trad., II, 289) traz Jacob Grimm o resumo de um velho canto popular, em que se encontra o thema da *Náo Catherineta* continuado na *Noiva roubada* :

«Antigamente o duque Henrique, o nobre guelfo, quiz correr aventuras. Tendo se embarcado para atravessar os mares, uma violenta tempestade, que se ergueu de repente desarvora e arrebata o navio; o duque andou errante muitos dias e muitas noites á mercê das ondas, sem alcançar nenhuma terra. Faltou logo de comer á equipagem, e a fome fez-se duramente sentir. N'esta extremidade, resolveu-se que se lançassem os nomes em um chapéo, e que se tirassem á sorte, e que aquelle em quem cahisse fosse morto para alimentar com a sua carne o resto da marinhagem; ... eis, porém, que a sorte designou o nobre e digno patrão, e que a victima devia ser o duque.— ... elle levantou-se para partir, porque queria chegar n'essa noite mesmo a Brannschweig Dirigiu-se então para o castello...; no ár ressoavam instrumentos. Elle quiz lá entrar na residencia principesca; mas os creados o impediram.— Que significa esta m sica? exclamou Henrique. Ha no castello um dono extranho. = Não é nenhum extranho, responderam-lhe, porque é o desposado da nossa graciosa soberana, que hoje toma posse do paiz de Brannschweig.— Ah, bem! disse o duque; eu peço á noiva que me mande dar um copo de vinho, que estou quasi a desfalecer. Então um dos creados correu a dizer á princeza, que um hospede estrangeiro, seguido de um leão, lhe pedia um copo de vinho. A duqueza espantada, encheu o copo de vinho, e mandou-o ao peregrino.= Quem serás tu, disse-lhe o creado, para pedires de beber d'este vinho generoso, que só é de costume servil o á duqueza? O peregrino bebeu; pegou no seu annel de ouro e lançou-o no cópo, dizendo lhe que o fosse entregar á desposada. Quando ella viu o annel, em que estavam gravadas as armas e o nome do duque, empallideceu, levantou-se precipitadamente e correu as ameias para vêr o estrangeiro. Ella descobriu-o em baixo assentado com o seu leão; deu ordem para que o trouxessem á sala. e de lhe perguntarem como viera aquelle annel para o seu poder, e por que o deitou dentro do cópo.— De ninguem o recebi, respondeu elle; tomei-o eu proprio, ha já mais de sete annos; pul-o aonde era conveniente que o puzesse. Quando levaram esta resposta á duqueza, ella considerou o estrangeiro, e com alegria caiu ao chão ao reconhecer o esposo querido; appresenta lhe então a mão branca, dizendo-lhe que era bem vindo. Houve desde logo uma grande alegria em toda a sala; o duque Henrique assentou-se á mesa ao lado de sua esposa, e prometteram ao joven noivo a mão de uma formosa donzella de França.» N'esta tradição allemã, o que mais interessa é a relação estabelecida na canção popular entre os errôres do

duque Henrique e o regresso ao seu castello, quando a esposa se ia casar. São estas relações que a critica destaca para formar os *conjunctos bem caracterisados*, que aqui nos revelam os germens occidentaes das rhapsodias odyssaicas.

II

CYCLO SCANDINAVO GERMANICO

No *Cyclo odyssaico* ou *atlantico* ficou determinado o fundo tradicional e poetico da grande raça do Occidente, os Ligures, de estatura meã. Sobre este fundo assentou uma outra efflorescencia poetica dos povos do Norte da Europa corpulentos e loiros; ao conjuncto das suas tradições que se espalharam durante a Edade média pela acção cosmopolita dos Normandos, se dá o nome de *Cyclo scandinavo germanico*. Verdadeiramente estas duas camadas de um immenso *substratum* poetico correspondem ao quadro anthropologico da Europa nas suas linhas geraes. Segundo Zeus, a antiga ethnographia do Occidente representa-se em dois factores: os homens loiros do Norte (em que se acham os Belgas e os Celtas), e os homens do Sul, que são designados pelo nome de Ligures. Este schema tão nitido, que se torna evidente nas tradições meridionaes do Cyclo odyssaico, e nas tradições do Norte, no Cyclo de Sigurd, apparece dominando os grandes movimentos historicos dos Povos da Europa. Até ao seculo VI (a. C.) predomina a Civilisação iniciadora ou bronzifera dos Homens do Sul; sendo invadidos pelos Celtas *(Gualt*, os comados), armados de ferro, que apagaram essa cultura, que só passados seculos veiu a renascer sob a incorporação dos Romanos. No seculo V, da nossa éra, dá-se outra vez a invasão dos Homens do Norte, os Germanos, que derrubam o Imperio Romano, sendo outra vez incorporados na Civilisação romanica ou moderna pela formação de novas Nacionalidades. N'estes grandes movimentos de raças, syncretisaram-se tradições e revivesceram novas fontes de Poesia. A poesia scandinava dos *Eddas* foi reelaborada na epopêa dos *Niebelungens;* mas fóra dos textos fixados pela escripta ficaram vestigios tradicionaes, ás vezes incongruentes e contradictorios, pelo espirito popular, mas verdadeiros na sua proveniencia. Na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I, p. 103, 119, 233, fica tratado este problema historico ethnico.

1 **Vestigios de uma Saga** — *(Romanceiro*, t. I, p. 88 a 89.) No Archipelago dos Açôres, aonde se encontram os

cantos narrativos mais archaicos, colligiu o Dr. João Teixeira Soares este fragmento de Romance, cujo thema coincide em tudo com a lenda do heroe scandinavo Sigurd, celebrado nos *Poemas de Sigurd, vencedor de Fafnir*, e nos *Fragmentos dos Poemas de Sigurd e Brunhilde*, dos Eddas. No seculo IX já era vulgar na Scandinavia a tradição de Sigurd. Em 1030 era já antigo o Canto de Sigurd entoado no comêço das batalhas, para animar os guerreiros. (Edelestand Du Méril, *Hist. de la Poesie scandinave*, p 402.) Essas tradições foram espalhadas na Europa pelas incursões dos Scandinavos em França e pela Hespanha. (Ib. p 404.)

A Senhora a quem o cavalleiro pretende fallar é Brynhilde, que se acha defendida por invenciveis guardas e obstaculos, que não amedrontam Sigurth. Brunhilde tinha jurado desposar-se com um homem que não soubesse o que era medo. (*Ib.*, p. 398) : para Sigurth conseguir o seu desejo era preciso que vencesse enormes trabalhos. E' este o dado simples das tradições do Edda No poema dos *Niebelungens*, já elaborado cyclicamente, estes trabalhos são ampliados imaginosamente para exploração da curiosidade. Nos cantos populares que foram incorporados no Edda, é que se acham os traços primitivos dos Poemas scandinavos e da Epopêa germanica Por aqui se vê a importancia da ingenuidade primitiva d'esse fragmento de Aravia conservado na ilha de S Jorge, trazida por algum skaldo entre os aventureiros normandos que estancearam pela peninsula hispanica. Tambem nos Niebelungens foram incorporadas balladas populares ; (Ib., p 402) são os germens organicos ou anonymos sobre que trabalham os rhapsodistas.

Vejamos os elementos explicativos da aravia insulana : A Senhora com quem o cavalleiro desejava fallar é Brunhilde, de que diz o Primeiro Poema de Sigurd : «Em casa de Hejmer ha uma mulher bella ; os homens chamam-lhe Brunhild (Guerreiro com couraça). . o seu ár é austero.— Esta filha adoptiva de Hejmer, afastará todas as alegrias de Sigurd — Tu não poderás dormir, não poderás pensar em cousa alguma, tu farás pouco caso dos homens em quanto não vires esta virgem.» Quem fallava assim era o Sabio Griper, o mais sapiante dos homens, o velho que não dormia, que lhe vaticina : «Tu descobrirás a caverna de Fafnir e te apoderarás do seu thezouro.» Era este o monstro, o dragão ou a Leôa parida que a defendia, o thezouro ou a brilhante Walkyrie : «Tu é que matarás a brilhante Serpente faminta, que se refugia no ribeiro do Guita.» Será esta a circumstancia do *rio que bem corria?* Etzel, nos Niebelungens era o soberano das regiões

banhadas pelo Valgu, rio que em tartaro se chama Etzel e Athel (por Edrisi) e nos escriptores byzantinos *Atil*, donde o nome de *Atli* dado ao Principe do Volga.

A situação de Brunhilde é assim descripta no poema de Sigurd: «Ella dorme ainda na montanha... a filha do rei, coberta de brilhante cota de malha. A armadura foi quebrada; a noiva começa a fallar como se acordasse de um sonho.» Apparece a circumstancia dos *dois irmãos* que embaraçam esse amor de Sigurd. Ha aqui uma nova acção, que indica o poema na forma de vaticinio: «Depois de teres sido hospede de Gjuke, durante uma só noite, tu esquecerás a linda filha adoptiva de Hejmer.— Tu cahirás nas ciladas de Grimhilde.» —«Quando Sigurd vem á côrte do Gjurki, os dois filhos d'elle, *Gunnar* e *Hangen*, offerecem-lhe a joven Gudrun, sua irmã. Elle pergunta ao velho vidente: «Porque hei de eu faltar ás promessas feitas a essa mulher, que amo com toda a minha alma?» Responde-lhe: «Grimhild, pelas suas manhas, te offerecerá sua filha, a joven virgem de cabellos louros, e se apoderará de ti arteiramente.» — «Se estabelecer amisade com Gunnar e seus irmãos, se eu possuir Gudrun, ficarei bem servido de mulher, e a pecha de perjuro não me dará afflicções. —Grimhilde pode muito bem enganar-te e fazer-te ir pedir Brunhilde para Gunnar... — Eu, ir pedir para outrem aquella bella mulher que eu amo tanto?»

E' este o ponto decisivo do Poema: Sigurd vae pedir Brunhild para seu cunhado Gunnar: e tendo de praticar a cerimonia de dormir com ella trez noites separado pela sua espada, falta ao seu dever realisando elle o consorcio. D'aqui a paixão ardente de Brunhilde, o sentimento de Gudrun, e a vingança de Gunnar, instigada por seu irmão Guanar, e a morte de Sigurd. Esta acção dos cantos populares foi desenvolvida nos textos escriptos pelos Skaldos. Por este dado se comprehenderá o fragmento da Aravia açoriana, que deveria ser extensa, obliterando-se por isso nas narrativas oraes. Observa Mannhardt, que «existem bastantes analogias entre as aventuras de Peleo com certas situações da lenda germanica de Siegfried (*Sigurth*, na versão scandinava) e da lenda historica do Tristão, *provenientes das mais antigas camadas das tradições populares*, prestando-se a cantos desenvolvidos e incidentes dramaticos.» (Dechambre, *Mythol. de la Grèce antique*, p. 558). De facto a situação do punhal ou da espada metido no leito entre os dois acha-se no *Tristan*, e no romance popular do *Gerinaldo*. O ciume entre as duas mulheres Brunhild e Gudrun (*Chrimilde*, na versão germanica) apparece no romance de *Juliana e Jorge*. O typo da Virgem guerreira,

acha-se na *Donzella que vae á guerra*. *Rico Franco* é Gunnar apoderando se de Brunhilde, que lhe resiste e o vence; o romance de *Dom Aleixo*, é Sigurd sendo assassinado por Hangen. Por estes desenvolvimentos da tradição oral, se poderá reconstituir o conjuncto bem caracterisado de um fundo scandinavo primitivo.

2 e 3. O caso de Juliana e Jorge — Tristes Novas — (*Romanceiro*, vol. I, p. 89 a 94.) Na *Historia da Poesia popular portugueza* está estudado este romance em todos os seus importantes paradigmas, começando pela sua relação com a lenda de Sigurd (p. 233 a 246). No *Romanceiro popular de Traz os Montes*, n.º 85, (*Revista Lusitana*, vol. IX) vem uma variante, que aqui incorporamos:

O Cavalleiro

(Traz-os-Montes — *Vimioso)*

—Apeia-te, oh cavalleiro,
Que haveis de merendar!
«Tu que tens, oh Dona Eugenia,
Guardado para me dar?
—Tenho vinho de sete annos
Para te dar a provar
«Eu que sei, oh Dona Eugenia,
Será muito guardar...
Dá-me cá um copo d'elle,
Que te o quero provar.

Lá no meio da bebida
Começou-se a agoniar.

«Que me deste, oh Dona Eugenia,
Que me fez tanto mal?
—Dei-te sangue de uma cobra
Envolta c'um rosalgar,
Já que me enganaste a mim,
A outra não has de enganar!
Coitados dos meus meninos
Que ficam sem meu abrigo.
«Coitada de minha mulher,
Que fica sem seu marido!
—Spira, 'spira, oh cavalleiro,
Acaba de suspirar;
Que eu inda tenho dinheiro
P'ra a tua morte pagar.

Nos seus *Estudos sobre o Romanceiro peninsular* publicou D. Carolina Michaëlis uma interessante nota sobre a versão de *Dona Ausenia* (Revista lusit., 2.º anno, p. 216) : «Resto valiosissimo, ainda que de redacção relativamente moderna, de um Cyclo vetusto, a cujos representantes peninsulares, recolhidos n'este ultimo decennio Th. Braga já dedicou um estudo n'esta Revista (t. I, p. 100.) — Todos os romances em que uma cunhada ciumenta mata o noivo da irmã, seu proprio mas desleal amante, formam um conjuncto, que não é sómente commum á Peninsula, ou ao Meio Dia da Europa, mas comprehende quasi todo o continente europeu — nacionalidades arianas e turanianas.— O *motivo* commum aos differentes grupos é uma vingança de familia, suscitada por um crime *contra sexum* — um parenticidio por ciumes — effectuado por meio de comida ou bebida envenenada. A fórma commum é a de um dialogo dramatico que elucida com inexcedivel laconismo de traços, em estylo lapidar, sobre a situação, rematando com palavras, em que o moribundo, ora com ironia mordaz, ora com caridade sublime, enuncia em varias deixas as suas ultimas vontades. O veneno mortal é sempre de reptil ; — O accidente, que varía de nação para nação, e de poesia para poesia, é o gráo do parentesco entre os tres antagonistas da tragedia cruenta. Os Finnos e os Suecos introduzem um fratricida ; os Escocezes, um parricida ; os Italianos, um sponsicida ; os Trasmontanos de Siebenbürgen, um cognaticida em harmonia com os peninsulares. — Em Portugal aconteceu o que ahi costuma acontecer com todos os argumentos : o thema prendeu com outras tradições indigenas sobre motivos identicos, talvez de base historica ou semi-historica.» (Vid. *Tristes novas,* Rom., t. I, p. 94.) D. Carolina Michaëlis cita outras fontes para a critica comparativa : «á ballada escoceza *Edward*, publicada por Percy *(Reliques of ancient english Poetry)*, e traduzida para allemão por Herder e Platen, e o da serie italiana *Dona Lombarda.* Distingue se tambem a parallela sueca *Der Knab in Rosenhain* (germanisada por Mohnicke em *Volkslieder der Schweden.* Berlin, 1830) ; a forma allemã *Die Schlangenköchin* (Wundeshorn, 16.) E entre as representantes turanianas, a finnica, admiravelmente imitada pelo poeta inglez Swinburne no seu *The Bloody Son* (Poems and Ballads. Lond. 1885 ; o original publicou-se em Finnica Velynsmaaja, trad por Schott. A. C. L. V., IV, 134) e no da Transilvania, dos Széhler de Siebenbürgen, dadas a conhecer pelo bispo de Kolozsvar e por Hugs von Meltz.» *(Revista Lusit.*, 2.º anno, p. 216.)

4. Dom Martinho de Avisado — *(Romanceiro*, t. I, p. 95 a 148.) E' grande a vulgarisação d'este romance em todas as provincias de Portugal, na tradição popular europêa, apresentando tambem a fórma de novella, e personalisações historicas modernas a par das mais remotas origens. Liebretch estudou este cyclo da Donzella guerreira no *Heidel Iahrbuch* (anno de 1877) p. 874. Na poesia chineza encontra-se o romance de *Mu-Lân*, de um poeta da dynastia dos Liang (502-556) publicado pelo sinologo Stanislas Julien, nos *Avadanas*, t. II, 161. Traduzimol-o: «Tsi-tsi, ainda outra vez tsi-tsi; *(som que imita o da lançadeira e o suspiro de uma criança.)* Mu-lân está tecendo diante de uma porta. Não se ouve o rumor da lançadeira; sómente se ouvem os suspiros da rapariga.— Menina, em que pensas tu? Menina, em que estás a cuidar? A môça não pensa em nada; a môça não reflecte em nada.» Hontem eu vi o livro de recrutamento; o imperador levanta um exercito numeroso. O livro do arrolamento tem doze capitulos, e em cada capitulo eu vi o nome de meu pae! Oh meu pae, vós não tendes um filho homem! Oh Mu-Lân, tu não tens um irmão mais velho. Eu quero ir á feira para comprar um selim e um cavallo; eu quero desde logo ir servir por meu pae.

«Na feira do oriente ella compra um cavallo veloz, na feira do occidente compra uma sela e um tabardo, na feira do meio dia compra um chicote comprido.

«De manhã, disse adeus a seu pae e a sua mãe; á noite passa na borda do rio Amarello. Não ouve o pae e a mãe, que chamam sua filha; ella ouve sómente o rumor sereno das aguas do rio Amarello. A' noite ella chega á nascente da ribeira Negra. Não ouve mais o pae e a mãe, que chamam por sua filha; ella ouve sómente os selvagens cavalleiros de Yen-chan.— Eu percorri dez mil milhas combatendo; eu transpuz com a rapidez da ave montanhas e desfiladeiros. O vento do norte trazia-me ao ouvido os sons da campana nocturna; a lua espalhava sobre as minhas vestes de ferro uma fria e morosa claridade. O general morreu depois de cem combates. O bravo guerreiro regressou depois de dez annos de ausencia. Na sua volta foi vêr o imperador. O imperador está assentado no seu throno. Agora concede uma das doze dignidades; em seguida distribue cem mil onças de prata.— O imperador pergunta o que é que eu pretendo? — Mu-lân não pretende emprego nem dinheiro. Emprestae-lhe um d'esses camellos que andam mil milhas em um dia, para que elle leve um filho ao lar paterno. Assim que o pae e a mãe souberam do regresso da sua filha, sairam da cidade, indo ao seu en-

contro. Desde que as irmãs mais novas souberam da volta da primogenita, deixaram os seus quartos e paramentaram-se com os mais ricos atavios. Desde que o irmão mais moço soube do regresso da irmã foi amolar a faca para matar um carneiro.— Minha mãe, abri o pavilhão do oriente, e deixa-me descansar em um assento voltado para o oriente. Ella tirou-me os meus trajos de guerreiro, e vestiu-me as minhas antigas roupas. Minhas irmãs paradas diante da porta ajustam-me uma brilhante capella, e entrelaçam flores de oiro nos meus cabellos. Mu-lân sae do seu quarto e vae vêr os seus companheiros de armas; os seus camaradas ficaram cheios de espanto. Durante doze annos ella marchou nas suas fileiras, e elles não conheceram que Mu-lân era uma rapariga.

«Conhece se a lebre, que pincha correndo; conhece-se-lhe a companheira pelos olhos esgaseados; mas quando correm juntas a par, ninguem poderá distinguir-lhes o sexo»

Rambaud, na *Russie épique*, p 84, nas provas a que é submettida Vassilissa, aponta bastantes analogias com este thema. Na historia portugueza existe um facto anedoctico, que vivificaria o thema poetico: é a celebre Antonia Rodrigues, que militou e se distinguiu no Oriente, como soldado, de que falla o chronista Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal*, cap. 89, p. 346 (ed 1785) e que foi glorificada no *Theatro heroino* de Froes Perym, t. I, p. 54. Estas aventuras repetem-se em varios paizes. As aventuras militares de *Catalina Erauso* foram objecto de uma comedia famosa de Montalvan; no livro de A de Latour, *Valencia y Valladolid*, p. 213, vem um estudo de *Monja Alferes. Mathurina* é a aventura de uma bretã, que substitue o irmão nas campanhas de 1812, contada por Pitre Chevalier, no Musée des Familes, t. V, p. 139, 2.ª série. Menendez Pidal, nos *Viejos Romances asturianos*, traz um documento historico ácerca de D. Juanna de Arintero; e ainda no *Figaro*, de 20 de Outubro de 1879, vem narrada a aventura de Silvia Marcetto. Não admira que todas estas actualisações influam na persistencia do romance popular da *Donzella que vae á guerra*, e que o prestigio da virgem forte suscite as imitações isoladas.

As reminiscencias classicas levam a determinar na lenda de Achilles a situação em que o joven heroe se achava disfarçado entre as donzellas, d'onde o foram tirar para a guerra: «Sua mãe (Thetis) prevendo que elle morrerá em campanha, tratou de subtrahil-o ao seu destino. Occultou-o sob os trajos de mulher e appresentou-o assim disfarçado em casa de Lycomedes, rei de Sciros, que o admittiu no seu palacio e o

educou entre as suas proprias filhas.— Os gregos não tardaram a descobrir o esconderijo do joven heroe. Enviaram emissarios a Lycomedes, que, negando a presença de Achilles, consente que os mensageiros dêem uma busca ao palacio. As buscas deram resultado, graças a um ardil de Ulysses. No vestibulo do palacio estava uma lança e um escudo; elle fez resoar a trombeta, e fez barulho com as armas. A este ruido acudiu Achilles como para marchar contra o inimigo; rasgou as suas vestes femininas e pegou nas armas preparadas por Ulysses. Uma vez reconhecido, prometteu aos Gregos o seu concurso e partiu com elles.» (Dechambre, *Mythologie de la Grèce antique*, p. 562.)

No romance portuguez vem este estratagema de Ulysses:

—Convidae-o vós, meu filho,
Que vá comvosco feirar;
Elle então *se for mulher*
A's fitas se hade pegar.
«Oh que espadas finas estas
Para hombre guerrear!
Oh que fitas para damas,
Quem lhas pudera mandar.

Em carta do nosso folklorista alemtejano Antonio Thomaz Pires, aproximando esta situação do romance, diz-nos: «accudiu me á memoria na parte em que o capitão grego, vestido em trajos de mercador foi astuciosamente descobrir Achilles contrafeito em habitos mulheris, dissimulado entre as filhas de Lycomedes, tentando-o, por lhe appresentar, entre varios objectos alguns estôjos e lanças, aos quaes se apegou o incauto. Ha correlação, pois não ha?» As lendas de Peleo e seu filho, como têm notado os criticos, encontram-se nas tradições de Sigurd e de Roland.

D'este romance do *D. Martinho de Avisado*, falla o quinhentista Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Aulegraphia* (fl. 81) com o titulo de *O rapaz do Conde Daros* (acto III, se. 1), appresentando este fragmento:

Pregonadas son las guerras
Da Francia contra Aragone...
Como las haria triste
Viejo, cano e peccador?

Estes versos apparecem no romance *Don Martinos*, que se canta nas Asturias:

Estaba un dia un buen viejo
sentado en un campo al sol :

—*Pregonadas son las guerras*
de Francia con Aragon...
Como las haré yo, triste,
viejo, cano y pecador ?

De allí fué para su casa
echando una maldicion :

—Reventares tu, Maria,
Por medio del corazon :
que paristes siete hijas
y entre ellas ningun varon
La más chiquita de ellas,
salió con buena razon :

«No la maldigaes, mi padre,
no la maldigais, no ;
que yo iré á servir al Rey
en hábitos de varon.
Compraraisme vós, mi padre,
calcetas y buen jubon ;
dareisme las vuestras armas,
vuestro caballo troton.
—Conocerante en los ojos,
hija, que muy bellos son.
«Yo los bajaré á la tierra
cuando pase algun varon.
—Conocerante en los pechos
que assoman por el jubon.
«Esconderelos, mi padre,
al par de mi corazon.
—Conocerante en los pies
que muy menudiños son.
«Pondreime — las vuestras botas
bien rellenas de algodon..
Como me he de llamar, padre,
Como me he de llamar yo ?
—Don Martino, hija mia,
que asi me llamaba yo.

Y era en el palacio del Rey
y nadie la conoció,

sino el hijo del Rey
que della se enamoró.

—«Tal caballero, mi madre,
doncella me pareció.
=En qué la conoceis, hijo,
en qué la conoceis vós?
—«En poner él su sombrero,
y en abrochar el jubon,
y en ponerse las calcetas...
Mi Dios! como ella las pon!
=Brindareisla vos, mi hijo,
para en las tiendas mercar;
si el caballero era hembra,
corales querrá llevar.

El caballero es discreto,
y un puñal tomó en la man.

—«Los ojos de Don Martinos
roban el alma al mirar.
=Brindareisla vos, mi hijo,
al par de vos acostar;
si el caballero era hembra
tal convite no querrá.

El caballero es discreto,
y echose sin desnudar.

—«Los ojos de Don Martinos
roban el alma al mirar.
=Brindareisla vos, mi hijo,
á ir con vos á la mar;
si el caballero era hembra,
él se habrá de acobardar.

El caballero es discreto
luego empezára a llorar.

—«Tú, que tienes, Don Martino,
que te pones a llorar?
«Que se me ha muerto mi padre
y mi madre en eso vá:
si me dieran la licencia,
fuérala yó a visitar.

=Esa licencia, Martinos,
de tuya la tienes yá.
Ensilla un caballo branco,
y en él luego vé á montar.

Por unas vegas arriba
corre como un gavilán;
por otra vega abajo
corre sin le divisar.

«Adios, adios, el buen Rey,
y su palacito real;
que siete años te servi
doncella de Portugal,
y otros siete te sirviera,
si no fuese el desnudar.

Oyólo el hijo del Rey
da alta torre donde está;
reventó siete caballos
para poderla alcançar.
Allegando á sua caza
todos la van abrazar.
Pidió la rueca á su madre
á ver se sabia filar.

—«Deja la rueca, Martinos,
no te pongas a filar;
que si de la guerra vienes,
á la guerra has de tornar.
Ya están aquí tus amores,
los que te quieren llevar.

(Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, p. 100.)

Nas numerosas versões portuguezas, encontram-se estas mesmas situações, mas desenvolvidas com uma calorosa ampliação dithyrambica apontando todas as caracteristicas mais admiraveis da graça feminina. N'essas variantes definem-se as preferencias das mais encantadoras feições. Incorporamos aqui uma versão da Traz os Montes, que pelas comparações ajuda a recompór o typo mais antigo, de que muito se aproxima o asturiano.

Dom Martuchinho

(TRAZ OS MONTES — *Vinhaes)*

—Triste de mim que estou velho,
As guerras me acabarão!
Malo hajas tu, oh Helena,
E mail-a tua geração:
Sete filhas que tiveste
Sem sahir nenhum varão.

Respondeu-lhe a filha mais velha
Como mulher de rasão:

«Calemos, meu páe, calemos,
Não deite tal maldição;
Que eu irei servir o rei
Entre França e Aragão.
—Tendes los olhinhos pretos,
Filha, te conhecerão.
«Os olhinhos, oh meu pae,
Inclinam-se para o chão.
—(Tendes lo cabello grande,
Filha, vos conhecerão.
«Dê-me cá uma tezoura,
Verá-o cahir ao chão.) (1)
—Tens los peitinhos grandes,
Filha, te conhecerão.
«Fazem se as fardas mais largas
Que ellas me encobrirão.
(Dê-me cá uma casaca
Do mais fino camellão.) (2)
—Tendes o pé pequenino,
Filha, te conhecerão.
«Fazem-se as botas mais largas
Que ellas me encubrirão.

Sete annos andou em guerra,
Camarada de um capitão;
Ao cabo de sete annos
Desconfiou o Capitão.

(1) Variante de Maçores.
(2) Idem, Ib.

=Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãe do coração;
Os olhos de Martuchinho
De mulher são, que d'homem não.
(Os olhos de Dom Martinho,
Oh minha mãe, matar-me-hão:
O corpo de homem parece
Os olhos de mulher são.) (1)
—«Convida la, oh meu filho,
Para um dia ir jantar;
Põe-lhe bancos altos e baixos
P'ra vêr onde se vae sentar.

Preparou-se ao jantar
Convidou-a para se sentar;
E ella como discreto
O's altos se foi sentar.
O capitão não satisfeito
Continuou a desconfiar.

=Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãe do coração,
Os olhos do Martuchinho
De mulher são, que d'homem não.
—«Convida-la, oh meu filho,
P'ra ir passear á praça
A vêr las joias de lá;
Pois ella se mulher fôr
A's joias se hade inclinar.

Logo para o outro dia
Se foram a passear:
Mostrou-lhe joias e espadas,
Lindos ferros de engomar.
Andando e passeando,
Tratavam de passear:

=Oh, que lindas joias de ouro
P'ra damas se assear!
Aqui vão ter lindos ferros
Para damas engomar.
«Oh que lindas espadas fortes
Para com mouros brigar!

(1) Variante de Maçôres.

—«(Roga-a tu, oh meu filho,
Para ella ir á tenda;
Que se ella mulher fôr
Hade inclinar-se á renda.
=Oh que facas e pistolas
Para um homem batalhar!
«Oh que fitas para damas,
Quem lh'as pudera levar.) (1)

Recolhera-se para casa
Muito triste sem fallar.

=Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãe do coração,
Os olhos de Martinchinho,
De mulher são, que d'homem não.
—«Convida-la, oh meu filho,
Para ao rio ir nadar,
Pois se ella mulher fôr,
Logo se ha de acobardar.

Logo ó dia seguinte
Trataram de passear;
Chegaram para o rio,
Trataram de ir nadar.

«Entre lá, meu capitão,
Que tem n'o primeiro logar;
Eu como seu camarada
Tenho de o acompanhar.

O Capitão desfardou-se
E trata de ir a nadar;
O camarada ficou-se,
E queria-se desmaiar.
O capitão saiu do rio
Teve que a levantar;
Vieram-se para casa
E trataram de se deitar.

—«Convida-la, oh meu filho,
Para ambos ir dormir,
E tu não deixes tomar o somno
Sem vêr o que d'alli saír.

(1) Variante de Maçôres.

Deitaram-se par em par,
E não puderam dormir;
Logo á pela manhã
Tratar de se despedir.

«Adeus, oh meu capitão,
Eu já não o posso servir;
Vou-me para minha casa
A' guerra não posso resistir.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 65, *Rev. lusit.*, vol. IX, p 300. A versão de Maçôres, com o titulo de *Don Martinho* termina:

Sete annos andei na guerra
Servir o rei, meu senhor;
Agora querem que eu nade...
Toca o pôtro, Leonor.

Apontaremos alguns dos numerosos paradigmas da tradição europêa.

No *Romancerillo catalã*, de Milà y Fontanals, n.º 245: *Ninha guerrera.*

De Puymaigre (ap. *Romania*, t. III, p. 96) canto bearnez, analogo apenas na primeira parte.— Idem, *Vieux Auteurs castillans*, p. 462, 465.— Idem, *Chants populaires du Pays Messin: La Fille soldat*, p. 78; *La brave Claudine*, p. 76, n.º XXV:

La petite Claudine s'habille en garçon,
C'est pour aller en ville, pour s'engager dragon,
Le Capitaine la regarde.— Tu es joli garçon,
Même tu n'as point barbe, point de barbe au menton.
«Ah! si je n'ai point de barbe, point de barbe au menton,
Ah! si je n'ai point de barbe, j'ai un coeur de lion.

Le Capitaine l'engage, l'engage dans les Dragons.
La petite Claudine retrouve son mignon,
Son mignon que la laisse en triste abandon.
Elle lui chercha querelle et tua son mignon;
On la prend, en l'emene jusque à la prison;
Elle se declare fille pour avoir son pardon.

Aqui o thema modifica-se: a rapariga não vae á guerra em logar de seu velho pae tendo de obedecer ao preito feudal de servir o rei, mas em busca do seu namorado. Assim começa um outro cyclo de aventuras.

Boujaud, *Chants et Chansons populaires des Provinces de l'Ouest*, Poitou, Saintonge, Aunis et Augenais, t. II, p. 200 : *Je viens te dire adieu.*

Conde Nigra, *Canti popolari del Piemonte*, p. 286: *La Guerrera.* Nos seus interessantissimos estudos da poesia popular do Piemonte (*Revista Contemporanea* de Turin, novembro de 1858) publicou este romance piemontez, intitulado a *Guerreira,* que é como uma variante da versão portugueza:

«Porque choraes, meu pae, porque choraes ? Se tendes de ir á guerra, eu irei por vós; apromptae-me um cavallo que possa levar-me bem, e um bom pagem em quem me possa fiar. Tomae meus vestidos cinzentos, dae-me umas calças e um *gonel*, e com a minha pequena fita fazei-me um laço sobre o chapéo.» Quando chegou a Nice, eis que sobe aos bastiões : «Oh ! vêde-a ! que linda pequena vestida de rapaz !» O filho do rei estava á janella a miral-a : «Oh ! que pequena tão bella, se ella quizesse ser minha ! Oh minha mãe, minha mãe, ella é uma rapariga ! Oh que pequena tão bella : se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, leva-a a casa de um negociante; se fôr uma donzella, só ha de comprar luvas. — Olhae, meus soldados, olhae para estes guantes ! — Soldados que vão á guerra não têm frio nas mãos — Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella ! Oh que pequena tão linda : se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, leva-a a casa de um ourives; se fôr uma rapariga, ha de comprar um annel — Olhae, meus soldados, vêde que anneis tão bellos. — Soldados que vão á guerra só precisam de espadas e punhaes.—Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella. Oh que rapariga linda ! Se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem ella é, leva-a para dormir comtigo. «Ella apagou o candil e mandou para lá o seu creado. «Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella ! Que rapariga linda ! se ella quizesse ser minha ! — Se queres saber quem é, fal-a passar na agua, se fôr uma donzella, não se ha de querer descalçar. Ella despiu uma perna, quando chegou uma carta; a carta diz que lhe dêem a sua baixa. A pequena a meio caminho se poz a cantar : Donzella estive na guerra, donzella voltei de lá.»

No romance portuguez tambem se encontra esta prova do banho, e da carta que o pagem lhe traz, mas continúa, porque o capitão acompanha-a na volta á patria e vem a casar com ella. Na lição dos Açores, que traz Garrett, (t. III, pag. 65) termina egualmente o romance com um conceito engraçado:

Sette annos andei na guerra
E fiz de filho barão,
Ninguem me conheceu nunca,
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.

M. Nigra encontrou tambem na Servia vestigios d'este romance.

Tommaseo colligira nos seus *Canti greci, illirici,* etc., um canto slavo, cuja similhança com o canto piemontez e portuguez faz suppôr uma origem commum Tommaseo publicou tambem um canto grego moderno. Qual será essa origem commum? M. Nigra diz que «os cantos romanescos communs á poesia romanesca das raças latinas devem, sem se hesitar, ser considerados como vindos e muitas vezes originarios da Provença, etc.»

A Provença teve tambem um fundo de povoação ligurica; pertence a esse grande substratum anthropologico e ethnico.

Bernoni, *Canti popolari veneziani,* Puntata XI, n.º 5: *La guerriera.* — Giuseppe Ferraro, *Canti popolari monferrini,* n.º 38: *La Ragaza Guerriera.* — Wister e Wolf, *Volkslieder im Venetien,* n.º 79: *La Figlia coraggiosa,* p. 57.— Tommaseo, *Canti popolari toscani, Corsi, Illirici e Greci,* fasc. II, p. 79: *La Guerriera.*—Conde de Marcellus, *Chants populaires de la Grèce moderne,* p. 143. *A partida do Hospede.— Boehmische Granaten,* t. I, p. 206; no *Slavische melodien,* p. 34; e no *Neugrische Volkslieder,* p. 5.

O canto popular tambem degenerou em narrativa novellesca, sem fórma metrica: acha-se este thema, em: Laura Gonzembach, *Sicilianische Märchen,* n.ºs 12 e 17. Leipzig, 1870.

J. B. Bazile, *Pentamerone,* III, n.º 6.

Comparetti, *Novelline,* n.ºs 17 e 21.

Hahn, *Griechische und Albanische Märchen,* n.º 101.

Arthur and Albert Schott, *Walachische Märchen,* n.º 16, etc.

Novellaja fiorentina, p. 337: o canto *Fanta Ghiro.*

Canti e Raconti del Popolo italiani, t. I, p. 70: Il Drago.

Costa e Silva compoz o poema *Isabel ou a Heroina de Aragão,* sobre este romance popular, que appareceu em 1832.

5. **Bravo-Franco** — (*Romanceiro,* vol. I, p. 148 a 154) Este admiravel romance, colligido da tradição dos archipelagos da Madeira e Açôres, não tem sido até agora encontrado nas versões continentaes. Os titulos *Bravo Franco, Gallo Franco*

e *Dom Franco* relacionam-o com a lição castelhana do *Rico Franco*, colligida no Cancioneiro de Romances de 1555, e reproduzido no *Romanceiro general*, de Duran, t. I, p. 160, ed. 1854. Transcrevemol-o :

Rico Franco

A' caza iba, á caza
Los cazadores del Rey,
No hallaban en ellos caza,
Ni hallaban que traer.
Perdido habian los falcones,
Mal les amenaza el Rey ;
Arrimaranse a un castillo
Que se llamaba Maynés ;
Dentro estaba una doncella
Mui hermosa y mui cortés.
Siete condes la demandam
Y asi hacen reys tres.
Robárala Rico Franco,
Rico Franco aragonês.

—Si lloras tu padre ó madre,
Nunca mas vos los vereis ;
Si lloras os tus hermanos,
Yo los maté todos tres.
«No llore padre ni madre,
Ni hermanos todos tres ;
Mas lloro la mi ventura
Que no sé cual hade ser.
Prestadme, Rico Franco,
Vuestro cuchillo lugués,
Cortaré fitas al manto,
Que no son para traer.

Rico Franco de cortese
Por las tachas le fué tender ;
La doncella, que era artera,
Por los pechos se lo fué á meter.
Asi vengó padre y madre
Y aun hermanos todos tres.

As versões insulanas, do seculo xv são mais completas do que a lição impressa de 1555 ; na versão da ilha de S. Jorge falla-se no punhal *joanez*, isto é genovez ; na versão o cuchillo

lugués, como observou Stanislas Prato: «relevasi che i coltello ó pugnali di Lucco erano senza dubdio assai noti nella peninsula spagnuola. I portoghese per indicare una spada dicevanoi *lugueza*. (Ved. Dicc. Moraes.» Ultimi lavori del Folk-Lore neolatino, p. 10.) As versões populares italianas d'este romance são numerosissimas; e Child que o estudou na sua fórma anglo escoseza, *Lady Isabel*, diz que é uma das balladas mais universalmente vulgarisadas na tradição popular, achando-se nos paizes scandinavos, Germania, Hollanda, Gran Bretanha, França, Italia, Espanha, Portugal, Bretanha, Polonia, Lusazia, Boehmia, Servia e Hungria. *(The engl. and scott. Ballads*, I, 22.) Pela grande diffusão d'este canto, se explica como elle se syncretisou com outros themas em que uma donzella perseguida assassina o que tenta violal-a (vid. *Peregrina*, *Romeira*, *Beau Marinier*, etc.) e como decahiu nos jogos dansados infantis e nas cavalhadas carnavalescas.

Nos Cantos populares das Asturias o romance do *Rico Franco* transformou-se em jogo infantil dramatisado, conhecido pelo titulo de *La Princesa Isabel*. Sobre este phenomeno artistico observa Menendez Pidal: «Nos cantares com que as crianças acompanham os seus jogos intercalam-se ás vezes restos de Canções, de historias e outras, que sem pertencerem ao assumpto que desenvolvem, merecem consideração pela epoca remota da sua origem.»

E exemplifica: «o que chamamos *La Princesa Isabel*, tem parentesco evidente com o que se intitula *Rico Franco*, no Romanceiro geral.» Eis o precioso texto:

Em Madrid hay un palacio
que le llaman Urabé,
y en él vive una señora
que llaman Isabel.
No la quieren dar sus padres
ni por Conde ni Marqués,
ni por dinero que valga
la corona de Isabel.
Un dia estando jugando
al juego del ajedrez,
la ha ganado un bello mozo,
bello mozo aragonés.
La cogiera por la mano
y la llevara al cuartel.
En el medio del camino
llora la tierna Isabel.

—Por qué lloras, hija mia,
por qué lloras, Isabel ?
Si lloras por tus hermanos,
ya no los vuelves a ver ;
y si lloras por tus padres
prisioneros han de ser.
«No lloro por nada de eso,
ni por ningun interés ;
lloro por navaja do oro...
—Si me dices para qué ?...
para cortar una pera,
que vengo muerta de sed.

Se la diera el bello mozo,
bello mozo aragonés ;
se la diera del derecho
y la tomó del revés.
.....

(Menendez Pidal, *Viejos Romances asturianos*, p. 350.) (1)

Tambem o conde de Nigra, consigna o facto da ballada piemontesa *La Monferrina*, ser representada nas cavalhadas do entrudo de Ivrea, quando se leva espetada em uma lança a cabeça do busto do Senhor Monferino, assassinado pela donzella. *(Canti popolari del Piemonte*, p. 105.) Com o titulo *Un' Eroina* traz o conde de Nigra cinco versões d'este romance, e acompanhadas de um extenso e valioso commentario comparativo, em que resume os estudos completissimos de Child sobre este thema. Transcrevemos aqui o romance *A Manferrina*, publicada por Marcoaldi, sob uma facil versão portugueza :

O filho do senhor Conde
Foi a pedir prasenteiro,
Foi pedir a Monferrina,
A filha de um cavalleiro.
No sabbado são as bodas,
Domingo vae-a esposar ;
Levou a quinhentas milhas,
Sem lhe uma palavra dar.
A' primeira vez que falla,
Fez logo este arrazoado :

(1) Tambem se encontra em uma dansa de Zafra. *(Bill. de l as Tradiciones populaires españolas*, t. III, p. 98.

—Olha, bella Monferrina,
O castello bem murado!
Já cincoenta monferrinas
Já para aqui arrastei;
A todas as monferrinas
As cabeças lhes cortei.
Hei-te fazer outro tanto
Quando lá sejas chegada.
«Escutae-me, senhor Conde,
Emprestae-me a vossa espada.
—Dize, oh bella Monferrina,
O que é que queres fazer!
«Quero cortar um raminho
Para o cavallo tanger.

Logo que ella toma a espada,
Metteu-lh'a no coração.

«Oh, vae agora, bom Conde,
Para debaixo do chão.

Volta rédeas ao cavallo
E para traz se tornou;
Logo foi um irmãosinho
Quem primeiro ella encontrou.

—«Dize, oh bella Monferrina,
Como é que estás aqui?
«Mataram me o meu marido
Uns salteadores ahi.
—«Dize-me, oh Monferrina,
Se fizeste essa maldade?
«Fui eu, oh meu irmãosinho,
Mais vale fallar verdade.
—«Dize, oh bella Monferrina
Se a casa queres voltar?
«Não quero, não, irmãosinho,
Não quero a casa tornar,
Sem que vá primeiro a Roma
Ao papa me confessar.

Os estudos de Child, baseados sobre os anteriores trabalhos de Svend Grundtvig, seguem os paradigmas d'este thema desde a Gram-Bretanha á Scandinavia e termina o exame de Portugal até á Hungria. Nigra aponta cerca de 125 lições

impressas em todas as linguas europêas ; Child tentou recompôr a versão primitiva e Bugge quiz determinar a realidade, fiando-se no elemento historico, sem comprehender o rigor do criterio ethnologico. Todos estes estudos acham se resumidos pelo conde Nigra nos *Canti populari del Piemonte,* de pag. 95 a 105.

As versões scandinavas parecem-nos as mais antigas : o cavalleiro attrae a donzella promettendo conduzil a a um paraiso, em que ficará para sempre livre da morte e de soffrimento, sendo servida por um sequito de donzellas, e recebendo magnificos presentes A criança acompanha-a para uma floresta, e alli o seductor abre uma cova e diz-lhe que alli já deshonrou outo donzellas e alli as enterrara ; que ella escolha, se quer morrer ou pela espada, ou enforcada em uma arvore, ou afogada na ribeira. Ella trata de fazer com que se recoste no seu regaço, adormece-o ; depois ata-o bem atado, e tendo-o despertado, degola-o, e regressa a sua casa virgem como partira.

Ha uma versão franceza em que este thema se modifica : a donzella obtem a espada, e mata-se a sí propria para escapar á violação brutal.

De Puymaigre nos *Chants populaires du Pays Messin,* n.º XXX, traz uma versão d'este thema, despido do seu caracter heroico ; intitula-se :

Le Fille du pâtissier

C'est un fort beau métier
Que d'être boulanger.
Tandis que le four chauffe
On va se promener.
En mon chemin rencontre
La fille d'un pâteissier;
La pris par sa main blanche,
Dans la chambre l'ai menée.
Quand elle fut dans la chambre
Elle se mit à pleurer :

—Qu' avez-vous donc, la belle,
Qu' avez-vous à pleurer ?
«Je pleure mon innocence,
Que vous voulez m'ôter.
—Délacez votre corset,
Il faut vous deshabiller.
«Prêtez moi votre épée
Pôur mon lacet couper.

Quand la belle eut l'épée,
Son sein elle a percé.
Voilà la belle qu'est morte,
Qui a le sein percée.
J'ai du vin dans ma cave
Pour boire à sá santé,
De l'argent dans ma bourse
Pour la faire enterrer.

6. Dom Aleixo — *(Romanceiro,* vol. I, p. 155 a 174.) — Não se encontra este romance nas collecções castelhanas, nem italianas. Garrett encontrou-o nos apontamentos manuscriptos do Cavalheiro de Oliveira, reconstruindo-o com fragmentos de versões provincianas. Na versão da Foz, a dama pede ao cavalleiro uma entrevista nocturna, em que elle é assassinado por traição dos *dois irmãos* d'ella ; D. Maria mata-se ao pé do Cavalheiro moribundo. Lembra o thema do suicidio de Brunhild. Encontra-se um precioso paradigma no *Romancerillo catalan*, de Milà y Fontanals, n.º 251 :

Don Olardo

Per las calles de Madrid
De quando lo Rey vivia,
Si n'hi ha una linda dama
Se llama Dona Maria.
Un cavallé la festeja,
Don Olardo se decia.
L'envia que l'en vaji à veure
Aquesta noche venida.
Que no hi vaji tot sol
Que hi vaji ben percebido.
A las once de la noche
Don Olardo se vestia.
Saliendo de lo su quarto
Una vision li ha exida :

—Que no hi vajis, el promés,
Mira que te matarian.
Ocho mancebos te aguardan
Y los tres t'acometian ;
Altres te iran al detrás,
Usaran de cobardia.

Al entrando del portal
Tiran pedras assessinas.

«No tireis pedras bellacas
Qu'es uso de cobardia,
Tinch l'espasa entre mis manos
Per quant mi defenderia.

A las dotse de la noche
Dotse cents morts hi havia,
La dama s'está al balcon
Molt trista y afligida :

—«No vuy sapigué res pus
en aquesta trista vida,
me vuy posá en un convent
usaré de santa vida.

Este romance apparece nas Asturias adaptado a um jogo infantil :

Una noche muy oscura,
que al mundo atemorisara,
passeaba un caballero
desde la corte á su casa ;
con sombrero de tres picos,
y en medio tres plumas blancas,
y en medio de las tres plumas
el retrato de su amada.

—Mi amada, si yo me muero,
no me enterren en sagrado,
entiérrenme en un riacon,
do no me vea nadie.
A mis piés pon un ladrillo,
un ladrillo colorado,
con un letrero que diga :
=Aqui murió Juan de Lara ;
no murió de pulmonia,
ni tan poco de costado ;
que murió de mal de amor,
el peor mal de los males.

(Men. Pidal, *Romances asturianos*, p. 348.)

III

CYCLO CARLINGIO *(Materia de França)*

A poesia épica franceza propagou-se em Hespanha, na epoca de Affonso VI, de Castella, pelos seus tres casamentos com princezas francezas, pela influencia dos seus dois genros, os cavalleiros francezes Raymundo e Dom Henrique de Borgonha para quem creou o *Condado Portucalense*, que affirmou a sua autonomia de nação no principio do seculo XII Tambem a Abbadia de Cluny exerceu uma grande influencia pela cultura latino-ecclesiastica, propagando muitas lendas agiologicas Os personagens do Cyclo de Carlos Magno eram sympathicos aos hespanhoes, pela tradição das suas luctas contra os Sarracenos; os seus nomes apparecem referidos nos documentos genealogicos, como os *Doze Pares;* e *Roncesvales* e *Roldan*, na Canção n.º 1066 do Cancioneiro da Vaticana, e *Rotulandus*, no epitaphio de Rodrigo Sanches de 1245. O genio francez elaborava as grandes Canções de Gesta, ou o corpo das suas Epopêas feudaes; mas nem por isso cessara a creação das pequenas Cantilenas metrificadas sobre as Lendas mais vulgarisadas. Quando o interesse historico se substituiu á curiosidade das Gestas, cessou a elaboração das Epopêas frankas; mas na Hespanha essas Cantilenas continuaram a produzir-se na fórma de Romances, com themas verdadeiramente originaes, subsistindo a par da idealisação dos typos nacionaes.

1 Reginaldo; Gerinaldo.—*(Romanceiro*, vol. I, p. 177 a 204.) A aventura amorosa d'este romance é aproximada da lenda referida ao secretario do Imperador Carlos Magno, *Eginhar, Heinhardus* ou *Agenardus* (771-844) e á princeza Imma ou Emma, com quem casara. Os nomes que lhe dão na tradição popular portugueza *Eginaldo* (na Beira), *Reginaldo, Gerinaldo, Dom Geraldo, Germardo, Leonardo, Generaldo*, levam a procurar a relação com o nome do celebrado historiador franko, o glorioso discipulo da Eschola Palatina. O saber de *Eginhard* em mathematica, explicando a Arithmetica de Boecio, e a direcção que exercia nas construcções de Carlos Magno, levaram a suppôr que o imperador o occupava como seu chanceller. Por um poema contemporaneo sabe-se que era muito estimado por Carlos Magno:

> Tunc Heinardus erat Caroli *dilectus amore*,
> Ingenioque sagax et benitate vigens...

O seu casamento com Emma é um facto; mas não era filha de Carlos Magno, considera se apenas como uma sua parenta. A lenda dos amores de Eginhard appareceu vulgarisada por Guillaume de Mallesbury, sendo referida á filha de Henrique III com um clerc ou escriba. Acha-se assim na chronica do Cartulario do mosteiro de Lorch, fundado no dominio de Mihelstadt. Todas as lendas degradantes foram por vezes incorporadas em Carlos Magno, como reacção das luctas baroniaes. As lendas deram logar a romances populares unicamente em Portugal e Hespanha, onde *Gerinaldo* era um pagem querido e *atrevido*, o typo do galanteador consummado, como se lê no romance das bodas da Cid: «Mas *galan* que Gerineldo.»

Na Beira, segundo descobriu primeiro Garrett, chamam-lhe *Eginaldo*, que é a traducção mais proxima de *Eginhart*. Quasi todos os nomes dos personagens carolinos foram aportuguez.dos pelo nosso povo, como Valdovinos, Reinaldos de Montalvão, Roldão, Oliveiros, Beltrão, Danes Ogeiro, transformados de *Bauduin*, *Reynaud de Montcauban*, *Roland*, *Olivier*, *Bertrand*, *Ogier le Danois*. O romance portuguez de *Reginaldo*, tal como corre no Alemtejo, Extremadura, Beira Alta, Beira Baixa, Minho, apesar de todas as differenças de acção nas variantes, aproxima se o mais possivel da tradição, que Jacob Grimm extractou do *Chronicon Laurishamense*, (ed. Manheur, 1768, in 4.°, I, f. 40, 46) e que Vicente de Bauvais refere ao tempo de Henrique III: «Eginhart, primeiro camarista e secretario de Carlos Magno, alcançou, pelos bons e leaes serviços na corte, a estima de todos, e sobretudo o amor de Emma, filha do Imperador. Estava promettida em esponsaes ao rei da Grecia; e quanto mais o tempo do casamento se aproximava, mais a intima inclinação d'Eginhart e de Emma se fortificava em seus corações. Detinha-os o medo de que o rei não viesse a descobrir esta paixão e se enfurecesse. Por fim o mancebo não pode dominar os seus transportes; revestiu-se de coragem, e não podendo communicar com a joven princeza por algum confidente, veiu protegido pelo silencio da noite ao quarto d'ella. Bateu levemente á porta do aposento, como se viera mandado pelo rei, e entrou. Ali protestaram o mutuo amor, e regosijaram-se nos abraços tão ardentemente desejados. Eis que, ao romper da alvorada, o mancebo ao retirar-se viu que havia cahido durante a noite muita neve, e não se atrevia a dar passo da soleira da porta, porque as pegadas de homem o teriam logo trahido. N'esta perplexidade, os dois amantes resolveram o que haviam de fazer, e a menina concebeu um plano atrevido: quiz a toda a força

pegar em Eginhart aos hombros, e antes do rasgar da manhã levou-o até á porta do seu quarto, e voltou cuidadosamente sobre as mesmas pegadas. Logo n'esta noite não tinha o imperador pregado olhos; levantou-se, e mal raiavam os primeiros alvores, se poz a olhar para os jardins do palacio. Então viu passar por debaixo das janellas a filha, que vergava sob o doce, mas carregado pezo, e que, depois de o haver deposto, correu rapidamente sobre os primeiros passos. O imperador firmou se bem, para se não enganar, e ao mesmo tempo se sentiu tocado de dor e admiração; comtudo calou-se. Eginhart, que sabia muito bem que mais hoje ou ámanhã chegaria o caso aos ouvidos do rei, resolveu se, e veiu ter com o seu amo, deitou-se-lhe aos pés, pedindo que o despedisse, a pretexto de que seus fieis serviços não eram sufficientemente recompensados. O rei ficou silencioso por longo tempo, e refreiou seus sentimentos; afim prometteu ao joven de lhe dar uma prompta resposta. No emtanto formou um tribunal, reuniu os primeiros e mais intimos conselheiros, e descobriu-lhes que a magestade real fôra ultrajada pelo commercio amoroso de Emma com o secretario; e em quanto ficaram todos surprehendidos com a nova de um crime tão inaudito e grave, explicou-lhes como se haviam passado as cousas, e como observara tudo com os proprios olhos; depois, quando, acabou, pediu-lhes parecer sobre o facto. A maior parte dos conselheiros, homens prudentes e inclinados á doçura foram de voto que o rei pronunciasse de motu proprio sobre esta circumstancia. Carlos, depois de haver considerado o caso em todas as suas faces, reconheceu n'este acontecimento o dedo da Providencia, resolveu usar de clemencia, e casar os dois amantes. Applaudiram todos com alegria a moderação do rei, que mandou chamar o secretario e lhe fallou assim: Ha mais tempo devera ter compensado melhor os teus serviços, se me tivesses já manifestado o teu pesar; agora quero, em recompensa, dar te em casamento minha filha Emma, pois que ella propria, levantando sua cintura, te quiz levar aos hombros.» Immediatamente deu ordem para que chamassem a filha, que appareceu muito còrada, e em presença da assembleia foi casada com o enamorado. Deu-lhe um rico dote em bens immoveis, em ouro e em prata; e depois da morte do imperador, Luiz le-Debonaire fez lhes presente, por um acto particular de doação, de Michlinsadt, no Maingan. Os dois amantes, depois de mortos foram enterrados n'esta referida cidade. A tradição oral do paiz conserva ainda a sua memoria, e a floresta visinha, se se der credito a esta tradição, se chamou *Odenwald*, porque uma vez Emma se dirigiu a el-

la exclamando: O *dunvald!* «Oh tu, floresta» (*Tradições allemãs* de Jacob Grimm, ed. franceza de 1838, t. II, p. 149, 152) O nosso romance popular apenas differe d'esta tradição em lhe faltar a particularissima circumstancia da neve e das pègadas. Em nada altera a acção; os trovistas do Meio Dia só tiraram da tradição os episodios que conheciam; descreveram a paixão como a sentiam; pintaram a natureza como estavam costumados a vêl a. É assim que se transplantam e naturalisam as tradições e as fórmas poeticas. Garrett, no engraçado estudo com que precede a sua versão de Reginaldo, quer achar na ballada ingleza de *Little Musgrave and Lady Bàrnard* uns longes de semilhança com o nosso romance: (Percy's *Reliquis*, XI, secç. III, book the first), o que o leva a julgar a tradição de todos os paizes; no romance de *Blancefleur* ha o mesmo episodio do somno dos dois amantes (v. 2363). Este assumpto era da predilecção dos menestreis populares; representa a acção que, segundo Edgar Quinet (*Revoluções de Italia*) exerceu a poesia provençal,— a fusão do elemento aristocratico e feudal com o povo, pelo sentimento; a nossa lenda dos amores de Bernardim Ribeiro e da infanta Dona Beatriz, promettida ao duque de Saboya, tambem se parece bastante com a de Eginhart, accommodada ao gosto de uma civilisação mais conveniente No romance de *Reginaldo* se encontram costumes dos povos do norte; o imperador, quando encontra o pagem dormindo com sua filha:

Tira el-rei seu punhal d'oiro,
Deixa o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Foi-se a virar o pagem,
Sentiu-se cortar no fio:
—«Acorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido!
Olha o punhal do teu pae,
Que entre nós está mettido.»

Tambem no thalamo de Brunhild e Sigurd, e na pyra, se collocou entre ambos uma espada (Ampère, *Litterature du Nord*; Michelet, *Origines*, p. 32). Já nos romances de cavalleria, quando o esposo encontra Yseult dormindo com o amante Tristão entre a relva, retira se tranquillo, porque ha entre ambos uma espada (Michelet, *Histoire de France*, t. II, c. 1, prope finem). A significação d'este symbolo cavalheiresco era o respeito, como ainda no seculo XV se usava,

quando o procurador do archiduque Maximiliano desposou Maria de Bourgonha, e dormiu com ella separado por uma espada núa. (Grimm, *Antiguidades do Direito allemão*, p. 170.) No romance popular o cabo voltado para a princeza e o fio para o pagem, denota aquelle symbolo juridico da Lei Ripuaria: «que uma mulher livre que desposasse um escravo contra a vontade da familia devia escolher entre a espada e a roca, que o rei ou o conde lhe apresentassem. Se pegava na espada, era preciso que ella matasse com suas mãos o escravo; se escolhesse a roca, devia permanecer tambem na escravidão.» (Lex Rip., 58, 18, d'aprés Michelet, *Origines*, p. 31.) Na Hespanha havia tambem um costume em que a mulher renegava o marido de inferior condição depois de morto, e tornava a alcançar os seus fóros; o genio hespanhol, impulsionado pelo sentimento cavalheiresco da *honra*, e o caracter portuguez, dominado pela integridade do *dever*, acceitam esta creação dos trovadores, em que a dama do solar, a filha do hidalgo se deixa amar por um homem de condição inferior. Cumpre citar aqui a auctoridade de Edgar Quinet no seu brilhante livro das *Revoluções de Italia*: «A feição caracteristica dos trovadores é que quasi todos são filhos de servos que, pelo acaso do genio, pela elevação do coração, se acham por instantes em uma relação de egualdade ficticia com a aristocracia feudal. Entrando no solar o filho do povo, o trovador, todo emoção, ingenuidade, alma, poesia, paixão, é immediatamente deslumbrado pelo encanto da dama sua soberana; ousa apenas levantar os olhos para ella. D'onde resulta, que pela sua propria origem, o amor dos trovadores nasceu de relações inteiramente novas, que repugnavam á antiguidade, em que a mulher se torna o forte, e o homem fica o ente fraco. As relações dos sexos estão invertidas: é a mulher que protege, e o homem que necessita do apoio. Do lado d'ella está a auctoridade, o mando, o pleno poder; para elle ha só timidez, a submissão do servo. O trovador dedica-se a uma pessoa, que das alturas sociaes em que está collocada o domina, o opprime com a superioridade; é sempre para elle um ser inaccessivel.» (Ib., p. 80.) Em outro logar o profundo pensador dá mais relevo a esta idea: «O começo da sociedade moderna é a alliança da castellã e do filho do povo sobre os confins da barbarie; n'este laço chimerico, n'este momento de extasis que aproxima as duas extremidades da humanidade e casa duas condições que no decurso dos seculos estiveram sempre desunidas, está verdadeiramente encerrado o nascimento civil do mundo moderno. Emancipação real do servo pelo amor d'aquella a quem elle pertence, instincto manifesto

de fraternidade social, egualdade das almas, tudo está contido n'estes esponsaes invisiveis da dama nobre com o humilde servo.» (Ib., p. 85)

A versão da ilha de S. Jorge, termina com o symbolo verdadeiramente feudal da distincção á meza Carlos Magno para elevar Gerinaldo á dignidade de seu genro, senta-o comsigo á meza.

As versões castelhanas acham-se no *Romancero general* de D. Agustin Duran, t. I, p. 175 e 176; traz duas versões, n.º 320 (das Asturias) e n.º 321, de um pliego suelto dos cegos.— Ainda hoje este romance é elaborado com novos personagens e novas aventuras, pela sympathia que o povo hespanhol tem pelo galanteador *Gerinaldo*.— Da Andalusia publicou D. Estebanez Calderon, uma versão, no seu livro *Un baile en Triana* (Collec. de Escriptores Castellanos, vol. VI):

Carrerilla de Gerineldo

«D'onde vienes, Gerineldo,
Tan triste y tan affligido?
—Vengo del jardin, señora,
De regar flores y lirios.
«Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero es Pulio,
El que te pondrá esta noche
Tres horas á mi servicio.
—Como soy vuestro criado,
Señora, os burlais comigo.
«No me burlo, Gerineldo,
Que de veras te lo digo:
A la una de la noche
Has de venir al castillo,
Con zapatitos de seda,
Para que no seas sentido.»

Esto le digo la Infanta,
Y al punto se ha despedido,
Diciéndole Gerineldo:

—Señora, será cumplido.

(*Duran, Rom. geral*, t. I, p. 177.)

Nos cantos da Andaluzia apparece esta efflorescencia lyrica:

Dabi nació para rey,
Para sabio Salomon,
Para galan *Gerinerdo*
Y para adorar-te yo.

(*Folklore andaluz*, p. 28.)

Menendez Pidal, nos *Romances viejos que se cantan por Asturianos*, incluiu tres versões, uma que tende para a abreviação, e outra, que se amplia por syncretismos de situações analogas. No Romance LIV, *El paje de Don Francisco* ha este mesmo thema do *Gerinaldo*, despido dos atavios heroicos, como um caso moderno E' uma das fórmas da transformação poetica,conduzindo ao encadeamento cyclico com outras situações :

Gerineldo

—Gerineldo, Gerineldo,
Mi caballero pulido ;
Dichosa fuera la dama
Que se folgara contigo !
«Se burla de mi, señora,
Porque á su mandado vivo...
—No me burlo, Gerineldo,
Que de veras te lo digo :
A' las diez se acuesta el Rey,
Yà las once, está dormido.

A eso de las once y media,
Gerineldo se ha vestido ;
Púso zapatos de seda,
Porque no fuese sentido,
Y al cuarto de la Infante
Sus pasos ha dirigido ;
Y llamando á la puerta
D'esta manera le dijo :

«Abráisme, señora mia,
Abráime, cuerpo garrido.
—Cual es el hombre traidor,
Cual es el hombre atrevido
Que deshora de la noche,
Sube a rondar mi postigo ?
«Gerineldo soy, señora,
Que vengo á lo promettido.

Juegos van y juegos vienen,
Los dos se quedan dormidos.
Despertárase el buen Rey
Con un sueño que ha tenido :
A' eso de las cuatro y media
ElRey pidió su vestido ;

No se lo dá Gerineldo,
Y él sólo se lo ha cogido.
Para el cuarto de la Infanta
Sus passos han dirigido...
Hallólos boca con boca
Como mujer y marido.
Alzó los ojos arriba,
Y dijo:
—«Válgame Cristo!
Si matare la Infantina
Está mi reino perdido!

Desenvainando la espada
Entre los dos la ha metido.
Recordado habla la Infanta
Y la espada conocido.

—Levántate, Gerineldo,
Que los dos somos perdidos;
Pues la espada de mi padre
Ha servido de testigo!

Levántase Gerineldo
Muy triste y muy afligido;
Para el cuarto del buen Rey
Sus pasos ha dirigido.

—«D'onde vienes, Gerineldo,
Tan triste, tan afligido?
«Vengo del jardin, señor,
De coger rosas y lirios.
—«No lo niegues, Gerineldo,
Que con la Infanta has dormido.
«Déme la muerte, buen Rey;
Ella la culpa ha tenido.
—«No te mato, Gerineldo,
Que te crié de muy niño.
Para mañana á las doce
Sereis mujer y marido.
«Señor, mi padre no tiene
Ni para echarla un vestido.
—«Echaselo de sayal,
Pues ella así lo ha querido.
«Yo iré á la guerra, señor,
Para echárselo más fino.

Menendez Pidal, *Romances viejos asturianos*, n.º V. (Tem duas versões mais abreviadas.)

Completamos o quadro das versões peninsulares com duas versões da Catalunha, que tendem para a extrema abreviação :

Gerineldo

Aqui estaba Gerineldo
Junto a una ventana fria,
Limpiando ropas de seda
Por andar el rey vestido.
Por aqui pasa la infanta,
De amores le requeria...

L'endemá á la matinada
El rey pide su vestido...

—O es muerto Gerineldo
U ofende mi castillo !
.....
Si yo mato Gerineldo,
Tanto tiempo me ha servido.
Si yo mato á mi hija,
Mi estimada y querida !
Mejor será que los casi,
Nada ningúno sabria.

*

—Arinello, Arinello,
Arinello Pampolino...

Por tres veces lo llamó,
Y nadie le ha respondido ..
Al despertar la infanta
Encuentra la espada fina...

«Esta espada es de mi padre
Que mucho la conocia...

—«Buenos dias tenga el rey.
—Arinello, bien venido
Eras preso ó eras muerto,
O' traidores te han trahido...
—«No era preso ni muerto,
Ni traidores me han trahido ;
Estaba en el camaril
A' coger rosas floridas,
A' coger rosas y flores
Rosavera y satalia.

Ment'éstan en estas paraulas,
L'Infanta també hi arriba:

«Buenos dias tenga mi padre.
—Bien venida sêa mi hija.
«El don que le pido, padre,
No sé si me 'l concediria.
—Que es lo que pides, infanta,
Infanta, qu'es lo que pides?
«El don que le pido, padre,
Arinello por marido.
—Como te lo puedo donar,
Si tu ya te lo has prendido?
Pues te lo has tomado tu,
Que te lo dé no es preciso.
Mejor es casar los dos,
Pues tanto ya se querian.

Romancerillo catalan, de Milà y Fontanals, n.º 269.

2. Dom Beltrão; Valdevinos.—(*Romanceiro*, vol. I, p. 207 a 210.) — Garrett colligiu este romance da tradição oral de Traz-os-Montes, que lhe chegou em uma fórma immensamente bella. Comparando-o com a lição castelhana, publicada por Duran no *Romancero general*, n.ºs 395 a 397, conclue: «Com ser esta uma das mais bellas que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o caracter da poesia do nosso dialecto, e isso principalmente o distingue dos outros de toda a Hespanha.

«O cavallo moribundo que se levanta diante do pae do seu senhor para se justificar de seu procedimento na batalha, de como tudo fez para o salvar — é digno da Iliada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.» (*Rom.*, II, p. 232.) São assim os cavallos do Cyclo carlingio, como o cavallo Bayard, que ao escarvar ao chão parecia que tocava lyra. Na variante de Valpassos que se intitula *Valdevinos*, falta o episodio do cavallo; em uma outra variante de Traz-os-Montes, colligida em Vinhaes, tambem se dá a mesma omissão, apresentando modificações:

Elle, como era seu filho,
Tratou de o ir buscar,
Pelo alto vae gritando
Pelos baixos procurar;
A' entrada de uma villa,
A' sahida de um logar,

Vira estar tres lavadeiras
Na ribeira a lavar...

(*Romanceiro transmontano*, n.º 14; *Revista lusit.*, vol. VIII, p. 76.)

Em outra versão do Baçal, tem estes versos com que termina, em que se conserva a situação grandiosa do cavallo:

—Por mandado do Senhor,
Cavallo, hasde fallar.
«Pedi-lhe sôpas de vinho,
E elle não m'as quiz dar.
Cevada não a havia,
Nem logar de nol-a dar;
Eu guardei-o e resguardei-o,
Não n'o pude resguardar,
Até que ao sangue dos mouros
Nos viemos a afogar!

(*Romanceiro transmontano*, n.º 47; *Revista lusit.*, vol. IX, p. 291).

Este romance não nos veiu das collecções castelhanas, que se imprimiram no meado do seculo XVI; era anteriormente muito vulgarisado em Portugal, por isso que Gil Vicente o cita na *Comedia de Rubena*; vem lá o conhecidissimo verso dos romances de Roncesvalles: *Em Paris está Dona Alda*, vulgarisado pelo *Cancionero de Romances*, de Anvers.

Na *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal; (p. 113) lê-se esta referencia: «Cada mote *D. Beltran.*»

3. Dom Gayfeiros; Melisendra.— (*Romanceiro*, vol. I, p. 211 a 214.) Estes dois romances foram reunidos por Garrett em um só, (*Rom.*, II, p. 250) sobre fragmentos recebidos da Tradição oral de Tras os-Montes, aproveitando uma lição manuscripta do Cavalleiro de Oliveira, e seguindo no quadro o romance castelhano de *Gayfeiros*, publicado por D. Agustin Duran, n.ºs 37 a 381, de um pliego antigo. Podemos asseverar, como abaixo se prova, que este romance não nos veiu directamente de Hespanha nem das collecções impressas castelhanas. Gil Vicente já o citava na *Comedia de Rabena* (Obr. II, scena II, p. 27) quando no dialogo diz a Ama, entre os romances que elle sabe: *Vamonos, dijo mi tio*, que é o primeiro verso do 2.º romance de Gayfeiros (Ochoa, *Tesoro de los Romances*, p. 44) — Outra lição castelhana appareceu no *Cancionero de Romances* de Anvers de 1550 e reimpresso em Lisboa em 1581. Duran julga ser este romance o que mais quadra com a memoria que d'elle deixou Cervantes, na scena

em que D. Quixote assistindo ao rapto de Melisendra por *Gayfeiros*, feito por mestre Pedro com os seus titeres, escangalha tudo á espadeirada, por não consentir em sua presença o attentado contra uma fraca dama. (*Don Quixote*, P. II, cap. 26.) Garrett no seu commentario á versão portugueza, transcreveu este trecho delicioso de Cervantes, que deu ao romance cujos versos eram já proverbiaes uma consagração eterna. Vê-se por isto, que o Romance de *Gayfeiros* passava da fórma épica da narrativa para a fórma dramatica, seguindo a corrente da transformação que se deu desde o fim do seculo XVI em Hespanha dos Romances heroicos em Comedias famosas.

Dom Francisco Manuel de Mello, no romance XXII da Cythara do Erato, emprega como centão dois versos do romance castelhano de *Gayfeiros*, com sentido epigrammatico:

Perguntad allá en la corte
Por la virtud y os diran:
Si is a Francia el caballero,
Por Gayfeiros perguntad.

(*Obr. metricas*, II, 97.)

Sobre este mesmo thema de uma esposa cativa dos Mouros, temos no Nobiliario a lenda em prosa de Ramiro que vae á procura de sua mulher cativa do rei Abencadão. (*Portugaliae Monumenta*, Scriptores, p. 180). Esta lenda foi metrificada em outavas endecasyllabicas por João Vaz nos começos do seculo XVII. Tambem no romance do Mouro *Calainos* se falla de uma cativa que está em Sansueña; foi prohibido pelo Index Expurgatorio de 1624, p. 174: «O romance de Moro *Calaynos* y de la Infanta Sibylla.»

Incorporamos aqui uma versão de Traz os-Montes, tal como se conserva ainda na tradição oral:

O Gaifeiro

(Traz-os-Montes — *Vinhaes*)

Sentado estava Gaifeiro
Em taboleiro real,
As cartas tinha na mão,
Os dados 'stá p'ra jogar.

—Sentado tu estas, Gaifeiro,
Em taboleiro real;
Tua mulher entre os Mouros
Sem a ires resgatar!

«Tres annos a *prècurei* por terra,
Outros tres annos por mar;
Ha seis annos que a busco
Sem a poder encontrar!
—Pois ella está em Salsellas,
Lá em palacio real.
Minhas armas, meu cavallo
Tenho p'ra te acompanhar.
Meu dinheiro, minha força,
Se a queres ir buscar.
«Pois eu tambem tenho dinheiro,
Forças e o meu cavallo;
Então irei só eu,
Para não dar tanto abalo.

Chegou á borda da praça,
Encontrou a sentinella;

«Dize-me tu, ó sentinella,
Por onde posso passar,
Para vêr a Melisende
Lá em palacio real.
—«Vá por esta rua direita
Ter ao palacio real.

Chegou á borda do palacio,
Tratou de examinar:
Logo viu a Melisende
Lá em palacio real,
C'um pente d'ouro na mão
Estava para se pentear:

«Desce cá, oh Melisende,
Que tenho que te fallar.

Pegara-lhe pela mão,
Puzera-a no cavalgar:

—«Olha, que a vêdes ir,
Não na vereis cá voltar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 9. *Rev. lusit.*, vol. VIII, p. 74.)

O Conde de Nigra commentando o canto piemontez do *Moro Saracino*, ao identifical-o com o romance de *Gaifeiros* escreve: «Se fosse provado que o romance hespanhol de *Gaifeiros* tem qualquer connexão com o nosso canto popular

(piemontez) se acharia n'este facto uma região, em que localisar a origem no Languedec. De facto Gaifeiros do romance é identificado com Vifario ou Gaifiero, que era duque do Aquitania por 745 a 768, e luctou por muitos annos contra Pepino e Breve. Este nome de Vifario aqui conduz-uos a pleno Languedec, embora o romance hespanhol, a despeito da historia e da geographia, segundo o exemplo das Canções de Gesta francezas, transportam a scena para a corte carlingia, e façam do mortal inimigo do rei Pipino o hospede e o genro de Carlos Magno, e o sobrinho de Renaud.» *(Canti popolari del Piemonte*, p. 241.) Na edição da *Primavera y Flor de Romances*, publicada por Wolf e Hoffman, II, 222, o terceiro romance de Gaifeiros, que está jogando descuidado sem se lembrar do resgate da esposa cativa é o que mais profundamente penetrou na sympathia popular. A este mesmo thema pertencem os Romances hespanhóes de *Moriana* e a sua variante de *Julianesa*. Wolf considerava a lição portugueza de *D. Gaifeiros* como uma apropriação da 3.ª variante castelhana; mas o Conde de Nigra, comparando-a com a versão catalã, conclue pela sua origem *de uma redacção mais antiga, menos artificiosa*. (Op. cit, p. 245.) — «De resto, tanto o *Gaifeiro* portuguez como o catalão são emanações — mais provavelmente de uma redacção anterior ao *Gaifeiros* castelhano. As duas emanações não são porém synchronas, nem parece seguir esse mesmo processo. A portugueza é mais antiga...» (Ib., p. 247). Nigra reconhecendo a impossibilidade de determinar esse archetypo do terceiro romance castelhano do *Gaifeiros*, e do seu reflexo nas versões portugueza e catalã, determina-se pela origem heterogenetica, sobre o thema de uma dama christã cativa de um rei mouro e libertada pelo esposo, representada nas varias figuras de Escriva, Florença, Arcisa, Melisende, Lindaflor, seja o esposo ora Ramiro, ora Aja de Avignan, Irlos e outros. O illustre Nigra procura a base historica conservada no romance: «Quem foi este *Gaifeiros*? Como se explica que se tivesse formado em Hespanha este cyclo poetico que tem o seu nome? Entre os diversos successos historicos que se referem a Galfeiros não haverá algum que possa ter suggerido o assumpto do romance ou da canção?

«Já ficou notado que Gaifeiros deve ser identificado com Vifario, duque de Aquitania, no VIII seculo, que é o *Gaiferus rex Burdigalensium* de Turpin, o duque *Gaifieros* da Chronica de S. Diniz e das Canções de Gesta francezas, o *Gaifier*, *Guaifre*, *Waifre* ou *Vifario* dos historiadores modernos. Vifario *(Gaifeiro)* descendia do rei merovingio Chlotario II...

Hanaldo que succedera a Eudo, seu pae, no ducado de Aquitania, cedeu-o a Vifario (em 745.)— A lucta durara cem annos, e a Aquitania em todo este tempo tinha encontrado em todos os seus ultimos Duques, Eudo, Hanaldo e Vifario, os mais firmes defensores da sua independencia contra os Francos septentrionaes de um lado, e contra os Sarracenos do outro. Lendas locaes se deveriam ter formado successivamente em torno dos heroes aquitanicos, nas quaes, segundo o costume, successos de uns foram attribuidos aos outros, e vice-versa. Uma d'estas lendas concentrou-se em Eudo, companheiro do rei Carlos Martello na batalha de Tours contra os Sarracenos, uma outra em Vifario Estas lendas tinham originado Canções de Gesta ou populares no logar em que se formaram, na lingua d'oc.—Uma passou para a França septemtrional e achamol-a no poema dos *Quatro filhos d'Aymon*, em que Lougnon identifica o rei *Yon* com Eudon. A outra transplantada para Hespanha, no cyclo de *Gaifeiros* tendo aliás deixado vestigios nas tradições e poemas da lingua d'oil, sendo o duque *Gaifiers* de Bordeos é nomeado conjunctamente com os paladinos de Carlos Magno. A passagem da lenda de Gaifeiros para a França septemtrional só se pôde effectuar, quando já estava perdida a memoria da parte que o heroe aquitano representara na independencia do seu paiz. Nem de outra forma se pode explicar a ficção poetica da presença d'elle na côrte de Carlos Magno entre os Pares, e menos ainda o seu parentesco com o imperador, com Roland e Oliveiros, referida no romance castelhano.

Sobre a pessoa de Gaifeiros a lenda aquitana syncretisara provavelmente a lenda do pae e a do avô.— Os Frankos de septemtrião admittiram na sua epopêa não o inimigo de Pipino, mas o neto d'aquelle que na batalha de Tours, atacando Abderaman, assegurara a victoria dos christãos. A personalidade de Vifario na Gesta franceza só podia provir do Meio Dia.— Assim esta ultima parte da tradição meridional achamol-a desenvolvida especialmente no Romance castelhano, e não podemos attribuil-o á França...» N'este ultimo desenvolvimento a lenda de Vifario andou sugeita a muitas confusões. No romance, ora é Gaifeiros que está cativo dos Mouros, ora é sua mãe, ora sua esposa. Se quizermos achar a relação d'estas ficções poeticas com a historia, teremos de fixar a filha de Eudo, Lampagia, a qual, segundo algumas tradições, foi raptada pelo africano Munuza em uma incursão que fez dos Pyrenneos na Aquitania. Verdadeiramente, entre a Lampagia da tradição aquitanica e a condessa mãe de Gaifeiros e Melisende, Moriana, Julianesa ou Lindaflor, não ha de com-

mum senão um traço, o de cativeiro sob um chefe Mouro ou africano.— Não era filha, nem mãe, nem esposa de Vifariro, mas sua tia. Nada d'isto põe obstaculo insuperavel á sua identificação. Os auctores das Canções de Gesta e dos Romances tratam a materia poetica com grande liberdade. Sem abusar d'este argumento, pode admittir-se a possibilidade de uma relação entre a dynastia morovingia da Aquitania e os personagens poeticos dos romances para que se restrinja ao nome de Gaifeiros, que é indubitavelmente o Vifario historico e ao facto historico ou tradicional, do rapto da filha de Eudes. Uma obscura reminiscencia d'estes dados, combiuada com a materia de França, é que leva a constituir o nucleo poetico que germinou a sequencia do romance do cyclo de Gaifeiros.» *(Canti popolari del Piemonte*, p. 251 a 255.) O nome de Lampagia, segundo a *Art de verifier les dates*, era tambem o de Numerenza; este nome na metathese popular dá Menusenra, d'onde a *Melisendra*, do romance portuguez.

A versão de *Gaifeiros*, das Asturias é uma variante curiosa do primeiro romance castelhano do cyclo de Gaifeiros. *(Romances viejos que se cantam por Asturias*, n.º XXI.)

A versão da Catalunha é a que mais se aproxima da portugueza:

Si estava Don Gayferos
En su celda qui jugava
Am companyia d'altres Contes
Qu' amb a daus d'or a-jugavam.
Dementre n'está jugant
Il envian una carta
Diguent que la Lindafló
E'ls moros la'u han robada.

—Io hauré la Lindafló
Aucon sápiga matarme
Mon son anat à la casa
De mon uncle Don Rotlando:
Deu vos guart, la mia tia,
Y el meu uncle Don Rotlando.
M'en deixarian un cavall
Un cavall y mé las armas?

A l'entrada de Sevilla,
Troba un catiu cristiano:

—Deu te guart, lo bon catiu.
«Caballé, ben arribado.

—No me donarias novas
D'una dama de la Francia ?
«Tan grossas son las meu penas,
Yo no m' avisi dels altres.
Diu qu'en ha 'ribada una,
Diu qu'en es de gran llenatge,
Mugere de Don Gayferos,
Neboda de Don Rotlando.
—Digasme, lo bon catiu,
Hont es la plassa royale ?
«En el funso del carré
Si es la plassa royale.

Quant n'es al funso del carré
Trava la plassa royale ;
Si ne veu la seu mullé
Que la tenen molt fort lligada.
Com mes s'acostava d'ella,
Mes li ve la recordansa.
Del seu corp delicat
Que tingue dintre'ls seus brassos.
Ab la punta de l'espasa
Li ha fet petá 'l degalo.
Tot la muntant a cavall
N'hi has fet una abrassada.
De pronte sonan trompetas,
Tamborinos e tabales ;
Diguent que la Lindofló
Se l'emportan de la plassa.
En arriva del portál
Els portals foren trancados.
Ell ha parlat al cavall
Del modo que il parlava :

—Si tu eres un cavall
De mon uncle Don Rotlando !

Afluzando de la brida
Y estrenyentli el peitral,
N'en travessa set murallas
Y las non qu'encara hi bastan.
Al mixt de una buscuria
La Lindofió ha deixada.
Li diu :

—Tu restarás aquí
Que am les moros combatamos.
A cap de veintycuatro horas
Els moros tuts eridavan :

—«Arrera, arrera, Don Rotlan,
O' lo cavallé gallardo.
—Que jo ne sun Don Rotlan,
Ni lo cavallé gallardo.
Que jo ne sun Don Gayferos,
Don Gayferos de la França.

La Lindafló l'en veu veni
Qu' en brollava tot de sangre ;
Ella le trenca la roba,
Per seu marit envolicarlo :
—No l'en trenqui la teu roba,
Lindaflóra delicada ;
Qu' aixó es la sangre dels moros
Que tantos que n'ne matado.
De mil moros que hi 'via,
Los quatrecents son matados.

(Milá y Fontanals, *Romancerillo catalã*, n.º 247.)

Acham-se muitas referencias ao romance de *Gayfeiros* nos poetas portuguezes do seculo XVI; nos Autos de Antonio Prestes vem uma parodia (p. 443) e uma estropha (p. 502); Diogo Bernardes glosou-o, desde aquelle verso: «Cavallero, si a França ides . . . » E Diogo de Couto, na Decada VII cita alguns versos que os cavalleiros portuguezes na India usavam como proverbios Todas estas referencias são anteriores á vulgarisação das collecções castellanas.

Por este romance de *Gayfeiros* poder-se-hia constituir uma *Pequena Iliada : Irene (Erinne)* (Helena raptada, na côrte de Priamo ; a *Donzella que vae á guerra* (a situação de Achilles disfarçado em mulher na côrte de Lycomedes ; *Dom João*, ferido mortalmente, voltando da guerra, é Heitor despedindo-se da dedicada esposa ; *Dom Beltrão*, o velho pae procurando o cadaver do filho, situação applicavel a Heitor. Segundo Cailleux :—«A *Iliada* descreve uma antiga guerra feita na Bretanha (Hierna) pelos povos do continente (Iberia).» Os Eacidas foram os heroes gregos, e na geographia antiga Ea designava a Inglaterra

4. Cruel Vento — Joãosinho o Banido — Flores e Ventos — Dona Branca — *(Romanceiro*, t. I, p. 221 a 227.)

— A versão de Traz-os-Montes está muito resumida, a apagar-se na tradição oral; o seu fecho está incompleto, podendo completar-se pela variante de Vinhaes:

Vae-te embora, Cruelvento,
Lá para essas ondas do mar.

(*Romanceiro Transmontano*, n.º 56. *Rev. Lusit.*, vol. IX, p. 207.)

Sobre as versões açorianas *Joãosinho o Banido* e *Flores e Ventos*, escrevia-nos o Dr. João Teixeira Soares: «Eis aqui um romance de alto prêço. Não podia ir parar a melhor mão do que a de V. para lhe fazer um digno commentario philologico e criminalistico. Eis aqui a philosophia popular precedendo Beccaria e seus discipulos; ha ainda muito a percorrer para satisfazer as exigencias d'ella, as unicas verdadeiras a meu sentir. Eu não sei que se possa com mais eloquencia pintar as amarguras do exilio. Recolhi este romance ha doze annos; não tomei nota do nome do tradicionalista, nem da freguezia. Agora debalde perguntei por elle. Ha dias, nas Vellas, uma rapariga interrogada ácerca d'elle respondeu-me com um fragmento de uma variante notavel, dizendo que o não recordara mais depois que ha annos o apprendeu, e por isso o não sabia todo. Hoje 24 de Novembro, me pro netteram da Beira esse fragmento completo, que se chama *Flores e Ventos*.» Este titulo serviu a D. Carolina Michaëlis para investigar a sua origem historica: «Ha pouco que entendi que *Floresvento* não é outrem senão o *Floovent*, das antigas Chansons de Geste, isto é, *Flodovinc* ou *Chlodovinc* (Cruel Vento) e descendente de Chlodvig, cujas mocedades *(Enfances)* serviram no seculo XII de assumpto a um velho *trouvére* francez. Os romances portuguezes pertencem por tanto ao vetusto Cyclo *merovingio*; e talvez sejam o maior rasto popular d'elle. Não entro em pormenores n'este logar. Só direi que *Floovent* é a poetisação do historico *Dagoberto — banni par son père pour avoir gravement insulté, en lui coupant la barbe, un des plus hauts barons.*» (Estudos sobre o Romanceiro peninsular in. *Rev. lusitana*, vol. II, p. 220) A insigne romanista apoia-se n'esta interpretação sôbre a auctoridade de Gaston Paris, na *Histoire poétique de Charlemagne*, p. 222 e 444, referindo-se ás tradições populares sobre Dagoberto que se syncretisaram no vulto épico de Carlos Magno.

Cumprindo a indicação do dr. Teixeira Soares, commentámos este romance, relacionando a penalidade do *banido* com o direito consuetadinario dos *Foraes* portuguezes. Eis o que escrevemos na *Historia do Direito portuguez*, cap. IV, P. I, p.

52 : «A penalidade germanica do *banido* acha se no nosso povo, tal como o *Wargus*, o sentenciado para quem o *tecto, lar e agua* estão interdictos nos Codigos barbaros. O Wargus é comparado ao *lobo nocturno ;* póde ser morto impunemente. No baixo povo a expressão de *lobis homem* tem o mesmo sentido. No Foral da Ponte de Sor encontra se tambem a mesma penalidade severa do *banido*, o Wargus a quem se prohibe tecto lar e agua : = A quem demandarem que omen a trayson lide et si caer, pectet mille morabitinos : et si non habuerit de que los pectat, faciant de illo justitiam como de aleiuoso et de traditor : Si los pectar *exeat de sancta cruce pro aleive, et de suo termino, et derribem suas casas :* et per istam vocem vicinum ad vicinum det directum et non ad judicem...» No Foral de Freixo ha tambem a penalidade do banido : manda que se lhe derrubem as casas, e que ao espalhar-se sobre elle a voz de aleivoso e de traidor, os visinhos fiquem sobre elle com direito como de seus juizes. A interdicção de *tecto, lar* e *agua* encontra-se nas versões da ilha de S. Jorge, bellas pela sua antiguidade, e como monumento de uma poesia que se extingue. Não é a primeira vez que encontramos a poesia do povo em accôrdo perfeito com o direito consuetudinario dos Foraes, principalmente quando o velho uso a que allude tem uma côr germanica. A perda do estado de liberdade, era peor entre os povos da Edade média do que a *capitis diminutio maxima* dos romanos. O criminoso que estava fóra da garantia civil, era o *lobo nocturno*, o bruto. No velho romance hespanhol de *Lançarote del Lago*, se alude a esta metamorphose :

Tres hijuelos habia el rey,
Tres hijuelôs, que no mas,
Por enojo que habo dellos
Todos malditos los ha :
El uno se torna ciervo,
El otro se torna can.

(Ochoa, *Tesoro de Rom.*, p. 14.)

No estudo referido de D. Carolina Michaëlis, falla se no typo «do *Outlaw*, *Exlex*, *Homo forbanitus*, soffrendo as disposições da *Lei Salica* (581) repetidas em certos fóros da provincia de Traz-os-Montes, que é a unica a conhecer e conservar ainda hoje o Romance de *Cruelvento*.» E fallando das versões açorianas: «São interessantes principalmente para quem procura no Folklore vestigios de costumes passados e praticas de outras edades.» (Ib., p. 219.)

5. Carlos Magno — *(Romanceiro*, t. I, p. 227.) Fórma popular da tradição alemtejana, em que os themas de Carlos Magno e Oliveiros são tratados em decimas glosando quadras, cantadas com acompanhamento de violão por cegos ambulantes. Tambem na ilha de S. Jorge a melopêa do *Gerinaldo* serve de mnemonica para a recitação de todos os romances populares. E assim como a fórma narrativa é por vezes convertida em lyrica, tambem n'estes themas carlingios, é frequente representarem-se pelas aldeias Autos como o de *Floripes*, e do *Almirante Balão* (Ganelon), sendo alguns verdadeiras obras classicas, como o do *Marquez de Mantua*, pelo cego Balthazar Dias. São phenomenos que nos revelam a evolução morphologica das Litteraturas.

IV

CYCLO ARTHURIANO *(Materia da Bretanha)*

O lyrismo trobadoresco ou occitanico e os Cantos epicos dos troveiros, decahiram nas côrtes medievaes preferindo ás vagas emoções do amor e aos valorosos feitos de armas, os *Lais* bretãos tornando a forma narrativa e ampliando-os até ás grandes Novellas das mais intensas paixões realistas, como os poemas de *Lancelot*, de *Tristão e Yseult*, de *Flores e Brancaflor*. Estes poemas foram conhecidos pelo rei Dom Diniz, e encantaram os seus trovadores, que foram abandonando o gosto limosino.

E foram taes os enthuziasmos pelos personagens d'esses poemas, que no onomastico civil, encontram-se os nomes de Tristão, de Lançarote, de Parcival, de Ysêa e Ausenda, de Viviana, de Briolanja usados por cavallelros e damas nos Nobiliarios. Entre o povo estes cantos apenas foram conhecidos na forma breve dos Lais, identificados com os Romances peninsulares; e é notavel o encontrar-se todas as situações do Poema de *Tristão* dispersas pelos nossos romances tradicionaes syncretisando-se com as Cantilenas do Cyclo de Carlos Magno. Os dois *substrata* poeticos vieram estimular a imaginação popular, que soube conservar situações que faltam nos poemas de Béroul, de Thomaz d'Erceldune e de Gotfriet de Strasburg. A par de Lai das Donzellas, trobadaresco, temos o Tributo das Donzellas (Canção do *Figueiral)* de que Tristão liberta o reino de Cornewall; a paixão por Yseult e afastamento da Côrte (Conde Ninho); quando o rei Marcos ou Carlos Magno encontra os dois amantes dormindo, tendo ou deixando a espada entre elles *(Gerinaldo)*; a morte dos dois

apaixonados amantes e as arvores ou flores que nascem das suas sepulturas e se encontram e entrelaçam no ár *(Conde Niño)*; a princeza que vae á procura do amante e o encontra casado; o perdão do rei por que creou o pagem ou o sobrinho de pequenino, tudo isso revela a existencia de Lais, que andaram na tradição oral antes da elaboração artistica dos grandes poemas francezes, escossezes e allemães, e que ainda subsistem, sem se conhecer o *substratum* poetico a que pertencem. E' pela reunião dos Romances populares que se pode reconstruir este fundo tradicional na sua integridade.

Nyrop, na *Storia del'Epopêa franceza*, sustenta o principio, de que toda a grande Epopêa nacional foi precedida por Cantos livres. Tal é a relação que os criticos francezes estabelecem das Cantilenas paraas Gestas. Este principio pode ampliar-se nos grandes Poemas do amor, que foram precedidos de pequenos *Lais*, que como as Cantilenas se podem equiparar aos Romances hespanhoes, ás Balladas da Escossia, e cantares da Servia, que não evolucionaram atá a forma da Epopêa. E facto notavel, na tradição oral peninsular existem Romances sobre Carlo Magno e do Cyclo bretão, que são typos primitivos persistentes, que não entraram n'essas elaborações cyclicas.

1. Infantina — A Encantada — O Caçador e a Donzella, etc. — *(Rom.*, t. I, p. 230 a 260.) — D'este romance falla D. Francisco Manoel de Mello, na preciosa scena do *Fidalgo aprendiz*, quando entôa o verso: «A cazar va caballero» No *Romancero general*, de Duran, n.º 284, 295, vem a sua forma castelhana, da qual diz: «Todo indica que este romance es de origem frances, y imitacion de alguna trova caballeresca. De todas maneras es bellíssima por su natural sencillez, y por la festiva y punzante expresion de sus idéas, tan propria de las *crónicas bretonas* y de los cantos de los troberos.» (Ib., t. I, p. 152.) Annotando este romance, De Puymaigre indica a sua origem: «Sente-se a gente tentado a reconhecer n'este romance uma origem franceza, quando lê esta velha canção normanda:

—Eh! qui vous passera le bois,
Dictes, ma doulce amye?
Nous le passerons cette fois
Sans point de villenye

Quant elle foust au bois si beau
D'aymer y la requise;

«Je suis la fille d'un *mezeau*,
Ce cela vous advise.

—De Dieu soit maudit le merdier
Que la fille a nourrie !
Quant il ne la mett a mestier
Ou ne la faict en lieu bouter
Que homme n'en ayt envie !

Quant elle fut deshors du bois,
Elle se print à subrire.

—Belle, que menez tel desgoys,
Dicte moi, qu'est c'a dire ?

El respondit a basse voix :

«Je suis la fille d'un bourgois,
Le plus grand de la ville,
L'on doibt couard maudire.
—Femme je ne croyray d'un mois,
Tant soit belle ou habille.

(*Vieux de Vires*, d'Oliver Basselin, p. 225.)

f «Normandia e Bretanha, como escreve Mademoiselle Busquet, são duas provincias, que a despeito das divisões administrativas, formam ainda um todo homogeneo». Evidentemente o romance elaborou-se nas suas varias transformações de um Lai bretão. Henri Martin, na sua *Historia de França* (vol. VIII, p. 32.) traz uma cançoneta merldional, em que *Fantina* é ainda a donzella do nevoeiro, seguida por uma Serpente *(a Donzella e a Serpe*, que figurava nas Procissões do Corpo de Deus):

Ay vist una *Fantina*
Que estendava la maunt
Sa cota nebloussina...

Una Serpe la seguia
De couleur d'arc en ciel...

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia*, fl. 133, allude a esta figura : «que me irei lançar em lençoes de veludo com a *Bella Infantinha*, da minha guela de cégonha...» D'estas donzellas-fadas, que tem amores e se casam, alludem lendas normandas como a da *Belle Tiphaine*, mulher de Duguesclin ; e a da *Biche blanche (La Normandie*, p. 50 e 81.) Em Portugal temos as lendas da *Dama pé de cabra*, e a do Solar dos Marinhos, que se ligam a esta crença da *Dama branca:* «Este Dom Diego Lopez era muy boo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atendendo quando veria o porco

ouvyo cantar muy alta voz huma molher em cima de uma peña; e el foy para lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse della fortemente e perguntoulhe quem era; e ella lhe disse que era huma mulher de muita alta linhagem, e ell lhe disse, que pois era molher d'alta linhagem que casaria com ella se ella quizesse, ca elle era senhor daquella terra toda; e ella lhe disse que o faria, se lhe prometesse que nunca se santificasse, e elle lhe outorgou, e ella foisse logo com elle.» *(Portugaliae Mon*, t. II, p. 31.) Aqui temos a crença naturalista convertendo-se em entidade historica, revelando que o fundo tradicional portuguez facilmente se apropriou da canção franceza. Por isso com razão observava Fernando Wolf: «A versão portugueza está mais proxima do original francez do que da versão castelhana. Ambas tratam o mesmo assumpto, o logar da scena em ambas é em Paris; a desenvoltura dos *fabliaux*, em tom ironico e a crença nas fadas acham-se accentuadas no primeiro d'estes romances.» *(Proben*, S. 54.) Gerard Nerval colligiu da versão oral da Normandia um romance com esta situação da *Infantina* modernisada, e que De Puymaigre tambem ouviu cantar na Borgonha e no Pays Messin:

Après ma journée faite
Je m'en fut promener,
En mon chemin rencontre
Une fille à mon gré;
Je la prit par sa main blanche,
Dans les bois je l'ai menée.
Quant elle fut dans les bois,
Elle se mit á pleurer.

—Ah! qu'avez-vous, ma belle,
Qu'avez vous à pleurar?
«Je pleure mon innocence,
Que vous me l'allez ôter.
—Ne pleurez tant, ma belle,
Je vous la lesserai.

Je la pris por sa main blanche,
Dans les champs je l'ai menée.
Quant elle fut dans les champs,
Elle se mit á chanter!

—Ah! qu'avez-vous, la bella,
Qu'avez-vous à chanter?
«Je chante votre bétise
De me laisser aller.

Quant on tenai la poule
Il fallait la plumer.
(Vieux Auteurs castillanes, II, 257.)

Uma outra Canção franceza com caracter idyllico termina com este fecho espirituoso, que tanto encantava Garrett :

Nons étions trois filles,
Bonnes à marier ;
Nous nous en allâmes
Dans un pré danser,
Nous fimes rencontre
D'un joli berger.
Il prit la plus jeune,
Voulut embrasser.
Nous nous mimes toutes
A' l'en empécher.
Le berger timide
La laisa aller ;
Nous nous en criâmes :

«Ah ! le sot berger !
Quant on tien l'anguille,
Il faut la manger.
Quant en tien les filles,
Faut les embrasser.

Nas versões portuguezas não falta este apedo gracioso :

—De que vos rides, senhora,
De que vos rides, donzilla ?
«Eu rio-me do cavalleiro
E da sua covardia ;
Achar donzilla no campo,
E guardar-lhe cortezia.

A Infantina, que vae levada pelo caçador, para se defender de qualquer assalto, diz que é filha de um *malato* ou *malado*, e que quem a tocar malado se tornará. Refere-se evidentemente a um estado social ; a classe dos *mallaudi*, sob o dominio dos Arabes em Hespanha era composta dos christãos operarios e agricultores que para se eximirem aos impostos, transigiam com o culto islamico. Por isso eram malvistos pelos *Mosarabes*. A homophonia com a palavra malato, decerto, fez com que esta inferioridade social da degradação de *mallaudi* se confundisse com a molestia contagiosa. A ideia da

inferioridade social ainda persiste na Canção d'Armagnac em que Margaridette se dá como filha do carrasco :

Je suis la fille du *bourreau*,
Du *bourreau* de la ville
Quand ils ont eu passé le bois
Elle s'est mise à rire.

—Belle, peut-on vous demander
Ce qué vous fait tan rire ?
«Je ri de moi, je rir de toi,
Je ri de ta sottise !
Je souis la fille du seigneur,
Du seigneur de la ville.

(Bladé *Poésies populaire de l'Armagnac*, p. 79. — De Puymaigre, *Vieux Chants portugais*, p. 222.)

Na novella de cavalleria *La Gran Conquista de Ultramar*, onde vem o conto do Cavalleiro de Cysne, a bella Isemberte para fugir a um casamento, mette se em uma barca sem remos, e é levada ao acaso ; passados dias foi ter a uma terra selvagem ; ahi, andando á caça o senhor da terra, o conde Eustachio, a sua matilha deu com a menina, que aterrada trepou para uma arvore. Foi ahi que o Conde deu com ella, ficando fascinado pela sua belleza.

No romance das Asturias *Don Bueso*, a situação passa-se com uma christã cativa entre os Mouros :

Camina Don Bueso
Mañanita fria,
A' tierra de Moros
A' buscar amiga.
Falló-la lavando
En la fontana fria.

—Quita de ahi, mora,
Perra de judia !
Dexa á mi caballo
Beber agua fria.
«Reviente el caballo
Y quen lo traía ;
Que yo non soy mora,
Ni fia de judia.
Soy uma cristiana,
De nombre Maria,

En poder de Moros,
Siet'annos habia.
—Si fueras cristiana,
Yo te llevaria ;
Y se fueras mora,
Yo te dexaria.
«Los paños del moro
Ya d'ellos que harias?
—Los que son ruanos
Tráelos, Maria ;
Los que son de grana
Al mar los echarias.

Montêla á caballo
Por ver que decia.
En las siete leguas
No hablara la niña...
Al passar un campo
De verdes olivas.
Por aquelles prados,
Que llanto hacia !

«Quando el Rey mi padre
Plantó esta oliva,
Sentado al amparo
De su sombra fria,
La Reina mi madre
La seda torcia.
Mi hermano Don Bueso
Los perros corria ;
Yo, que era rapaza,
Las flores cogia...
—Pues por estas señas
Mi hermana serias !
Abra, la mi madre,
Puertas de alegria ;
Que por traer nuera
Traigo la su fia.
—«Se eres la mi nuera,
Seas bien vinda ;
Si mi fia no eres,
Bien lo parecias !
Para ser mi fia
Color no tenias ?
«Como quieres, madre,

Color todavia ?
Si fay sete annos
Que pan non comia,
Si no amargas yerbas
Que en los montes cogia ?

(Menendez Pidal, *Romances viejos asturianos*, p. 113.)

D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria*, p. 85, allude a este romance: «En aquella edad en que el Contrai era gala y *Don Buezo* el galan...»

Na versão de Traz-os-Montes *O Caçador*, (Vinhaes) acha-se este final desenvolvido como situação:

—Que fazes ahi, oh donzella ?
Que fazes ahi, oh menina ?
«Estou cumprindo uma fada
Que me deu minha madrinha:
Sete annos morar com *lobos*,
Sete annos a mais um dia.
Hoje cerram-se os sete annos,
E ámanhã se acaba o dia.
—Que comias, minha filha,
Que comias, minha vida ?
«Eu comia com os lobos,
Comia do que elles comiam.
—Que vestias, minha filha,
Que vestias, minha vida ?
Vestia as peis de carneiros
E tambem dos cordeirinhos.
—Pelos sinaes que me dás
Tu eras hermana mia.
Bota-te d'ahi abaixo,
Vem na minha companhia.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 75.—*Rev. Lusit.*, vol. IX. p. 307.)

Na versão de Maçores, (n.º 31; ib., p. 281) vem este final:

Abram-se esses palacios,
Abram-se com alegria;
Pensei que trazia esposa
E trago uma mana mia.

Na versão asturiana colligida por Amador de los Rios, com o titulo *El caballero burlado*, não ha o encantamento no monte, mas a situação natural de uma apósta, em que a donzella sae triumphante:

Fiz puesta con mis hermanos,
Cien vasos de plata fina,
De rondar con vos el monte,
Volver con honra á la villa.

(Hist. crit. de la Litt. españ., vol. VII, p. 443.)

O mesmo thema vae soffrendo novas representações; nos *Canti populari del Piemonte*, *Occasione mancata*, é uma rapariga que perdeu o caminho na floresta, (n.º 71, p. 375,) ou *La Monacella salvata,* (ib, n.º 72, p. 381) a noviça que fugiu para o convento, escapando se ás blandicias do galanteador.

No *Romancerillo catalã*, *La Niña encantada* (n.º 213, p. 172) é a forma que nos parece mais antiga; o caçador encontra na fonte uma cerva branca, e ella pede-lhe que lhe não atire:

«Caçador, bom caçador,
Mira-me e não me atires;
Não sou cerva, caçador,
Não sou cerva, sou menina;
Que meu pae me encantou
Por seis annos e um dia.
Os annos já são passados
E o dia decorria.
Caçador, bom caçador,
Casar comtigo queria.
—Eu não sei a madre velha
Que conselho me daria.
«Oh maldito o caçador,
Que o conselho tomaria,
Que uma dama como eu sou
E' para sempre bemvinda.

Child estudou este cyclo do Caçador e da Donzella, na introducção ao romance anglo-escocez *The hafflled knight*, (Op. cit., IV; 479 483). — Ch. Guillon, *Chants populaires de l'Ain*, p. 101.— D. Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, t I, 162; II, 90 —Blaté, *Poésies populaires de l'Armagnac*, p. 76.— Ms. Poésies populaires de la France, III, fl 261 : *La Fille du Lépreux.*— Ferraro, *Canti populari Monferrini*, p. 79. — A. Gasté, *Chansons Normandes* du XV siècle, p. 72.— De Puymaigre *Chants populaires du Pays Messin*, p. 122.— Beaurrepaire, *Etudes sue la Poésie populaire en Normandie*, p. 53.—Boujueaud, *Chants et Chansons populaires des Provinces l'Ouest*, t. II, p. 90 — Tarbé, *Romancero de Champagne*,

t. II, p. 137.— *Chants populaires du Canadá*, p. 88.— Ch. Malo, *Chansons d'Autrefois*, p. 379.— *Folk-lore Betico-Extremeño*, p. 195.

Na riquissima tradição de Traz os Montes encontram-se quatro versões de Maçores, Ligares, Baçal e Vinhaes, que nos dão o mais completo fundo tradicional relacionado com as tradições oraes da Beira e das Asturias. *Romanceiro trasmontano*, n.º 31, 37, 46 e 75.— *Revista lusitana*, vol. IX, p. 281, 285, 291, 307.

2. Conde Nillo; Conde Nino; Conde Lindes—*(Romanceiro*, vol. I, p. 265 a 275.)—Conhecendo-se a tradição amorosa dos poemas sobre Tristão, este romance corresponde ao momento em que o namorado foi afastado da côrte do Rei Mark seu tio, e em que Yseult está reconciliada com o marido. Mas os effeitos do philtro, fazem-se inevitavelmente sentir, e Tristão ou Conde Nino, vem ver a sua amada. No fim do romance, em que apparece o episodio das flores que nascem na sepultura dos amantes, predomina o sentimento da fatalidade d'esse amor, que os poetas do seculo XIII, symbolisaram no Philtro, de que Wagner soube tirar o mais surprehendente effeito musical na sua opera.

A versão colligida por Garrett, de Traz-os-Montes, tem o titulo de *Conde Nillo;* e embora lhe causasse reparo o nome, fez bem em conserval-o porque relaciona o romance transmontano com os das Asturias, que se intitulam *Conde Olinos.* Em uma outra versão transmontona, de Vinhaes, (n.º 58; *Revista Lusitana*, IX) com pequenas variantes, intitula-se *Conde Anninho;* e d'estas duas fórmas derivam as designações de *Conde Niño* e *Conde Lindes.* É necessario começar as comparações com os paradiguas das Asturias e da Galliza, porque estes, nas suas similaridades com as versões de Traz-os-Montes e da Beira, patenteam esse fundo ethnologico do antigo substratum lusitano. Transcrevemos a versão asturiana:

Conde Olinos

Quen se dol del Conde Olinos
Que niño pasara el mar!
Lleva su caballo al agua
Una noche de lunar!
Mientras el caballo bebe,
El canta este cantar:

—Bebe, bebe, mi caballo;
Que Dios te libre de mal,

De los peligros del mundo
Y de las ondas de la mar;
De los castillos de Arriba,
Que me quieren mucho mal.

La Reina mora lo oyera
De altas torres donde está :

«Eseuchade, mis doncellas,
La que dormis recordad,
Y oyredes a la serena
Como canta por la mar.

Respondió la mas chiquita,
(Más le valia callar !)

—«Aquello no es la serena,
Nin tan poco su cantar ;
Aquel es el Conde Olinos
Que commigo va casar.

La Reyna que aquillo oyera,
Ambos los mandó matar.

[*(Versão de Boal)*

«Si es el Conde Olinos, hija,
Yo lo mandaré matar.
—«Non lo mande matar, madre,
Non me lo mande matar :
Si matan al Conde Olinos,
A' min me han de degollar.

Uno murriera á las doce,
Y el outro el gallo al cantar.]
Uno lo entierran n'el coro,
Y otro n'el pié del altar.
D'ella nació verde oliva.
D'él nació verde olivar.
Crece el uno, crece el otro,
Ambos iban á la par :
Cuando hacia aire d'arriba
Ambos se iban abrazar ;
Cuando hacia aire d'abajo,
Ambos se iban á besar.
La Reyna que aquello vé,
Ambos los manda cortar ;
D'ella naciera una fuente
D'él nació un rio caudal.

«Quem tivier mal de amores
Aqui se venga á bañar.
La Reina que aquello oyera,
Tambien se fuera á lavar.

«Detente, Reina, detente,
No me vengas dexobar,
Cuando yo era Blanca Flor
Tu me mandaste matar;
Cuando yo era verde oliva
Tu me mandaste cortar;
Ahora soy fuente clara,
No me puedes facer mal;
Para todos he de correr.
Para ti me he de secar.

(*Viejos Romances asturianos*, n.º XXVI.)

A versão asturiana n.º XXV, traz um grande desenvolvimento á situação em que o Conde Olinos é preso, e em que falla com o seu cavallo e com a sua espada.

A versão catalã, *D. Luiz de Montalban*, só no final se relaciona com a asturiana, na situação do canto do prisioneiro:

—Despertemos, vida mia,
Si valen senti cantá.
Sentiren cant de serena
O' peix que rode pel mar,
«Aixo no es cant de serena:
Ni peix que rode pel mar,
Sino qu'es lo meu marit
Lo que me varen quitá.
—Si es veritat, vida mia,
Pronte l'aniré á matá.
«Si maten lo meu marit
Per mi poden comensá.

La un mort â mitja nit,
L'altre al despuntá el clá,
L'altá de Santa Maria
Los dos vuen enterrá;
De l'un surt uua coloma
Y de l'altre un colomá.

N'uma outra versão catalã, vem este fecho:

Don Luis á nit fina,
A' las non ella finá.

Yá n-agon las enterraren
A' la vora d'un altá.
L'un nasqué una olivera
Y l'altre un oliverá,
Quant las brancas foren altas
Ya se varen ajuntar.

O episodio das duas arvores nascidas nas sepulturas dos dois amantes deriva de um elemento mythico universal; Child considera-o como uma questão aberta. Na *Uranographia chineza*, p. 679, vem uma lenda que versa sobre este episodio: «Conta se que *Haupang*, secretario do rei Kang, da epoca dos Sunys, tinha uma mulher joven e bella, chamada Ho, que elle extremamente amava. O rei desejando esta mulher, mandou prender o marido, que se matou na prisão. A esposa, para escapar á teimosia odiosa do rei, precipitou-se do alto de um terraço. Depois da sua morte achou-se lhe na cintura uma carta ao rei, pedindo para ser enterrada na sepultura de seu marido. O rei irritado deu ordem para que a enterrassem em separado. A vontade do céo não tardou a revelar-se. De noite dois cedros nasceram sobre as duas sepulturas; e em dez dias tinham-se tornado tão altos e tão poderosos, que entrelaçaram os seus ramos e raizes, embora distantes. O povo chamou-lhes: os Cedros do amor fiel» (Ap. Gubernatis, *Mythologie des Plantes,* II, 54.) No Egypto, o Conto dos *Dois Irmãos*: a mulher de Batu, casada com o pharaó, pede-lhe que mande cortar as duas grandes perseas (arvore da vida, no Egypto). Aqui é uma mulher ciosa e ruim, como na versão asturiana; n'outras é o pae da princeza, que manda cortar as arvores nascidas nas sepulturas. O romance dos dois amantes, de cujas sepulturas nascem as arvores que no ár confundem os seus ramos, acha se tambem no Afghnistan: é a historia dos amores entre Audan e Darkhannea; aqui em vez do pae, é o marido que interrompe esses amores, como no caso de Tristão. *(Rev. des Deux Mondes*, 1863, novembro, p. 232.) Sobre o mytho das arvores que deitam sangue ou *ambrosia* (leite), quando cortadas, vêr *Mythologie des Plantes*, t I, p. 284. Nos *Chants historiques de l'Ukranie*, traducção de Chadzko, é uma rosa que nasce da sepultura do mancebo: «Esta rosa é a alma do mancebo morto de amor pela donzella.»

Em um estudo de Dora d'Istria sobre a Poesia popular da Romania, cita-se a ballada do *Véo e o Annel*, cujo thema é o seguinte: «Um filho do rei tinha tomado por companheira uma gentil *roumaine*, uma pobre aldeã. O rei indignado com

este enlace desegual mandôu afogar a rapariga em um lago. Quando o principe — bello como o pinheiro das florestas no cimo das montanhas — soube esta funesta nova, mandou o seu cavallo ao pae e precipitou-se no lago — aonde as duas crianças foram encontradas estendidas na areia, — com os braços entrelaçados. O rei mandou-lhes fazer magnificos funeraes, e do tumulo do principe saiu um pinheiro, e do tumulo da esposa saiu uma vide, cujos pampanos flexiveis trepavam ao longo dos muros da egreja, para irem enleiar-se nos ramos do pinheiro.— Deus ! senhor Deus ! (accrescenta o poeta) fere com o teu raio vingador todo aquelle que quebra os laços que unem entre si dois corações.— » (1)

Este thema pertence ás tradições poeticas occidentaes do *substratum* ligurico ; e hoje começa-se a reconhecer que a povoação da Romania não proveiu de uma simples guarnição de soldados do Imperio, que ahi ficara, mas pertence a este fundo sobre cuja civilisação se estabeleceram as turbulentas tribus dos Celtas. As suas Balladas são eguaes ás nossas meridionaes, e as suas Canções lyricas pelo seu nome *Doïnas* não deixam de ter relação com as Canções denominadas *Donaires*, e com o galanteio *Donear*. Dora d'Istria define assim o genero : «As *doïnas* são pequenas peças de verso, que se cantam em uma toada lenta e plangitiva.» (ib., p. 453.)

Em um canto popular da Normandia, colligido por Beaurepaire :

Sur la tombe du garçon
On y mit une épine,
Sur la tombe de la belle
On y mit une olive.
L'épine crut si haut
Qu'elle embrassa l'olive :
Où on tira du bois
Par batir des égljses.

D'este thema do *Conde Olinos* ou *Niño* escreve Menendez Pidal : «Inspirado nas lendas do cyclo bretão e concretamente na de *Tristão e Yseult*, de cujas sepulturas, como referem os livros de Cavalleria, nasceram duas arvores que se abraçam movidas pelo vento, nasceu a exquisita imagem d'este romance, que se repete em outras varias e distinctas.» (*Romancero asturiano*, p. 301.)

(1) *Revue des Deux-Mondes*, 1859, p. 452.

Na lição de Garrett *(Rom.*, t. III, p. 7), não se encontra o *cantar* que o conde armou. O Canto do prisioneiro constitue um romance subjectivo na versão catalã, *El poder del Canto* (Romancerillo catalan, n.º 206); o mesmo phenomeno de evolução independente se dá no romance *Manhanas dè San João* do Romanceiro transmontano, n.º 50. (Revista Lusit., vol. IX). N'esta versão o rei manda cortar as arvores que rebentam das sepulturas dos amantes, porque o não deixam ir á missa; correm d'ellas leite e sangue que symbolisam os sexos; situação que faz lembrar, se não é directamente imitada, o mais popular de todos os romances da Europa na Edade media *Tristão e Yseult.* Eis como essa deliciosa imagem se encontra na seguinte passagem do *Tristan:* «Et de la tombe de monseigneur Tristan, yssoit une ronce belle et verte et bien feuilleue qui alloit par dessus la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tombe de la royne Yseult et entroit dedans. La virent les gens du pays et le comptérent au roy Marc. Le roy la fist couper par troys foys et, quant il l'avoit le jour fait couper le lendemain estoit aussi belle comme avoit aultre fois esté, etc.» (*Tristan, Chevalier de la Table ronde*, fol. CXXIV). Este mesmo maravilhoso se encontra no *Lord Thomaz and fair Annet*, (Percy, *Reliques of ancient english poetry*, t. III, p. 296); no *Prince Robert*, e no *The Douglas Tragedy* (Walter Scott, *Minestrelsy of the Scottish Border*, t. III, pag. 59, t. II, pag 224). O romance de Tristão era conhecido já em Portugal no tempo de D. Diniz, como se vê do seu Cancioneiro (p. 37, Lang.):

> Qual mayor poss'e o mui *namorado*
> *Tristam*, sei ben que non amou *Yseu*,
> Quant'eu vos amo, esto certo sei eu,...

Tambem no Catalago dos *Livros de uso* de el-rei D. Duarte, (Sousa, Provas da *Hist. Genealogica*, t. I, p. 544) se encontra citado o livro de *Tristam.* As almas dos amantes vôam na forma de pombas; nas lendas ecclesiasticas, e no hymno latino de Santa Eulalia, a alma do justo ascendia para o céo na apparencia de uma pomba.

Quando á realidade historica d'este romance, alguma se lhe pode assignar:

Na *Chronica do Conde D. Pedro Niño*, narração meio historica meio fabulosa de Gutierre Diez de Games, se encontram vestigios do romance, porque ahi se falla em varias aventuras de amores. Como d'ali veiu a tradição para Portugal, é facil de comprehender, porque o conde Niño foi casado com D. Bea-

triz, infanta portugueza. Quanto á origem do nome de *Niño*, diz a chronica: «Segund que de antigüa edad quedó en memoria, dicen que vino en Castilla un Duque de Francia, é vivió é moró en ella grand tiempo, fasta que morió: é dejó dos fijos pequeñeruelos, é tomólos el Rey, é diólos á un Caballero que los criasse en su casa del Rey.

«El Rey llamábales siempre los *Niños:* é el su Ayo, cada que alguna cosa deliberar con el Rey para los Niños, siempre eran mentados Niños. D'esta guisa los llamaban las otras gentes: assi que á cada uno decian su nombre apertadamente, é decian encima el *Niño.*» (Cap. I, 10, 15, pag. 13). O romance falla de um cantar do conde Niño: na Chronica se lê: «Avia graciosa voz, é alta: era muy donoso en sus *decires.*» (Cap. X, p. 44). O casamento de Pedro Niño com D Beatriz de Portugal, filha do infante D. João, causou-lhe immensos trabalhos, porque a elle se oppunha el-rei Regente de Castella: «E despues de la respuesta del Infante andubo Pero Niño mas de medio año por la corte é cerca d'ella, é vióse en assaz peligros muchas veces por ver á su esposa.» (Cap. III, p. 185). No testemunho do conde Pero Niño dispõe que elle e sua mulher sejam sepultados no côro da Egreja de S. Thiago da Villa de Cigales Crêmos ter apresentado os principaes traços historicos, para se vêr a formação do romance popular. Os amores do conde Niño foram cantados em verso por Villasandino, poeta do tempo de Henrique III e João II, como se pode ver pelo *Cancionero* de Baena.

Nos *Cantos populares de Piemonte* o que se intitula *Le due tumbes*, conserva o episodio das arvores levado ao seu extremo:

. . . . . .
Bel galant l'è mort a l'alba
E la bela al sul levà
Bel galant l'àu sutrá au caza
E la bel sül piassal.
Sü la tumbe d'bel galant
J'è nassü 'n pumi granà,
Sü la tumbe de la bela
J'è nassü na mandolà.
Tanto bin cum a crësio
Fazio umbra a tre sitá,
Alesandria e Valensa
E la pi bela Cazal.
(Nigra, *Canti populari del Piemonte*, p. 125.)

Cita como paradigmas a ballada *Earl Brand*, publicada por

Child, nas *Balladas inglezas e escossezas*, (I, 89-90). Em outra versão piemontesa *Flór di Tumbe*, este mesmo thema termina:

An cima a cula tumba
Piantran dle röze e flur;
Tuta la gent ch'a i passa
A sentiran l'odur;
Diran: — J'è mort la bela,
L'è morta për l'amur.
(Nigra, *ib.*, p. 129.)

Este thema evoluciona independentemente nas Asturias, em Traz-os-Montes e Madeira: é a *Donzella que se fina de amor*. Na tradição popular italiana, tornou se essencialmente lyrico (Nigra, *Op. cit*, p. 134, com o titulo de *Rosettina*.) A ição franceza mais antiga, foi encontrada em um manuscripto de Bayeux, publicada por Gasté, nos *Chants Normands dn XV^e siècle*, n.º 29, p. 125. Essa Canção com variantes foi publicada em Veneza com musica de Josquin em 1536 na collecção *Couronne et fleurs de Chansons*, por Antonio dell Abbate; eis o texto, que Nigra compara com as variantes italianas:

La belle se siet
Au pied de la tour;
Qui pleure et soupire
Et mène grant doulour.
Son père li demande:

—Ma fille, qu'avez vous?
Vollez-vous mari,
Voltez-vous signour?
«Je n'y voultz mari,
Je n'y voultz signour,
Je voultz le mien amy
Qui pourris en la tour.
—Par Dieu, ma belle fille,
A' cela fauldrez vous,
Car il sera pendu
Demain un point du jour.
«Mon père, s'on le pend,
Enterrez moi dessoult,
S'entrediront les gens:
=Voici léalle amour.

Nigra apontando estes versos nas variantes de Canavese,

Montferrato, Saluzzo e collina de Turin, fica maravilhado da extraordinaria fidelidade da tradição popular da região Padoana. (*Op. cit*, p. 137.)

Nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular, D. Carolina Michaëlis, achando relações entre os themas de Gerinaldo e do Conde Olinos ou Nillo, nota-as como: «producto hybrido de cruzamentos entre representantes do Cyclo bretão e outros do Cyclo carlingio — é ao mesmo tempo tocador da maravilhosa harpa de Tristão, dono do barco celtico sem vela nem leme, e o esposo clandestino de uma das muitas filhas, esposas ou irmãs legendarias de Carlomagno. O joven *Conde Niño*, que faz de pagem ou de camareiro — *querido d'elRei* — como Gerinaldo e o Conde Claros — costuma apparecer n'uma bella manhã do mez de San João, diante das janellas do paço real, sob pretexto de levar os seus cavallos «a las orillas del mar» mas realmente para despertar, com o seu canto de sereia a Infantinha real.» E fallando d'essas reminiscencias do *Conde Olinos* adaptadas a Gerinaldo, faz uma curiosa observação: «Estas mesmas reminiscencias voltam, porém, um pouco modificadas em outros cantos asturianos, de assumpto completamente diverso, mas que passa hoje por ser uma *segunda parte* dos amores... Ao cabo de varios annos de aventuras e guerras, longe da Infantinha real — esta dama pega no bordão de peregrina e vae procurar o esposo infiel que a esquecera. Encontra-o casado ou em vesperas de casar, ou no proprio dia do noivado...» (*Rev. lus.*, II, 196.)

Com o titulo de *Conde Nann*, da noticia Luzel de um romance da Bretanha, cujo thema é o de *Jeand Reynaud*. (*Rev. polit. e litteraire*, vol. 11, pag. 834.

3. **Princeza peregrina; Promessa de Noivado; a Enganada; Peregrina, etc.** — (*Rom.*, vol. I, p. 277 a 305.) — O thema d'estes romances, pertence a uma segunda parte do poema de *Tristão*, quando elle refugiado na Bretanha, crendo-se esquecido por Yseult, para vencer a sua angustia casa com a filha do rei da Bretanha, tambem chamada Yseult, a das mãos brancas. E' este o dado do poema pelo menestrel Thomas. Yseult vae á procura de Tristão e encontra-o casado, mas quasi moribundo, abraçam-se e morrem ao mesmo tempo Aqui se repete a situação da sepultura dos dois amantes, e das flores que sobre ellas nascem e se entrelaçam, ligando este quadro ao anterior do *Conde Ninho*. Incorporamos aqui uma outra versão de Traz-os-Montes, para tornar mais patente esta relação tradicional:

O Cavalleiro

(Traz-os-Montes — *Lousa)*

—Tu, cavalleiro, não ames
A filha ó teu senhor ;
E' novinha, põe-te fóra,
Que tu morres com amor.

Cavalleiro descoroçoado
Longe terra foi casar ;
A menina foi crescendo
Tambem deu em considerar.
Andou de terra em terra,
De logar em logar,
D'onde foi pedir pousada
A' casa onde estava.
Procurava pela senhora
Se ella alli iria ceiar,
A menina, p'ra bem dizer,
Ainda ia sem jantar.
Estavam n'esta conversá,
Cavalleiro a chegar.

—«Que faz por aqui, menina,
Menina d'esta edade ?
«O amor de um cavalleiro,
Ao que me fez chegar !
—«O teu amor, donzella,
P'ra mim não vae prestar,
Que tenho a mulher nova,
E os filhos para crear.
«Se tens a mulher nova,
Deus t'a deixe conservar :
Se tens los filhos pequenos
Deus t'os deixe criar.
Cavalleiro, abre os braços,
Que n'elles quero findar !
—«Dize, molher, que fazer
N'uma noite tão pesar ?
=Pega-lhe pelos cabellos
E vae-a deitar ao mar.
Se tu lá não queres ir
Eu lá a vou botar.

—«Eu lhe quero tanto bem,
Não lhe quero tanto mal!
Mandarei vir pedrarias
De Castella a Portugal;
Mandarei fazer uma ermida
Toda de pedras de cristal.

Um morre pelo almôço,
Outro morre ao jantar;
Um enterra-se no altar-mór,
Outro no altar de cristal.
No mar nasceu olivia,
Como não ha egual;
No altar de cristale
Nasceu um videiral.
A olivia dava azeite
P'ró Senhor alumiar;
O videiral dava vinho
P'ra no *cáles* consagrar.
Na mais alta galhadinha
Lá se foram abraçar.

=Se eu soubera, donzellinha,
Que me vinhas descasar,
Inda tinha doze irmãos
Para te mandar matar.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 33 (Rev. lusit., vol. IX, p. 282.)

De Puymaigre, nos *Chants populaires du Pays Messin*, traz este thema reduzido á sua maxima abreviação:

La femme abandonée

Mon amant s'es engagé
Pour aller dans la Flandre;
N'ai-je pas sujet de pleurer
Mon ami qui s'est engagé?
Je cours en bas, je monte en haut
Dans ma plus haute chambre,
Je ne vois rien venir
Qu' un messager de Flandre.
—Messager, bon messager,
Quelle nouvelle dans la Flandre?

«Les nouvelles que j'apporte
Ne vous rendront pas contente.
Votre amant s'est marié
Avec une Flamande :
Elle n'est plus si riche que vous,
Mais elle est plus puissante.
Elle fait venir le soleil
A minuit dans sa chambre,
Elle fait buillir la marmite
Sans feu et sans rente.

N.º VII, p. 31.

N'esta mesma collecção se encontra outra variante intitulada *Petite Rosalie*, cujo titulo analogo ao de *Rosal florido*, tem o mesmo thema, indo encontrar o amante já casado e com filhos — Amador de los Rios, no *Jarhbuck*, III, p. 290, e Muntke trazem este thema da poesia das Asturias.

De Puymaigre, na *Choix de Vieux Chants portugais*, p. 170, cita a *Primavera y flor de Romances*, t. II, p. 48; e os *Chants populaires des Provinces d'Ouest*, t. I, p. 293; e a Rev. de Franche Comté, Novembro de 1863. Duran, *Romancero general*, *El Conde Sol*, 327.

4. Claralinda — *(Romanceiro*, t. I, p. 306 a 354.) Pertence este romance ao cyclo do Conde de Montealvar, tendendo a desenvolver-se independentemente. Nos seus Estudos sobre o Romanceiro peninsular, D. Carolina Michaëlis escreve: «A heroina, uma das damas *à le cler vis*, ou *à la clere façon* das antigas *Chansons de geste*, é parente proxima e intima (nóra e afilhada? da *Clarisse de Montauban*, cujo nome se transformou na peninsula em *Clarasinha*, *Claralinda*, *Clara niña*, *Albalinda*, *Alba niña*, *Blanca niña*, *Linda-Alba*, *Linda Clara*, *Galancina*, *Tarnarina* — e foi trocada ainda por confusão de motivos, em *Aliarda*, *Galiarda*, *Liarda*, *Lizarda*, *Silvaninha* ou *Marianninha*.» *(Rev. lusit.*, II, 199.) E em nota conclue: «Quer me parecer que — foi *Clarissa de Montalban* quem deu o nome ao heroe *Claros*. Em outros casos, é o heroe que transmitte o seu nome á heroina: p. ex. *Bernal Francez* á *Francisquinha*.)

Um resto dos primitivos costumes da sociedade germanica apparece ainda n'este romance; segundo o extemporaneo Codigo Wisigotico, Liv. III, t. II, cap. 2.º, — a mulher livra que se abandava a um servo tinha a pena de fogo. A amante de Dom Claros de Alem-mar vae ser queimada, por que não sabem que o filho que traz no ventre é de sangue real. Dep-

ping attribue este romance ao Cyclo de Carlos Magno. Nas tradições populares de Italia e Hespanha, Carlos Magno é quasi sempre representado como um typo cobarde ou ridiculo; nos *Amores de Milan y Aglante* de Antonie Esclava, representa-o como o tyranno de suas filhas e irmãs; Bertha, irmã do Imperador, acha-se gravida, e *segundo a lei*, o imperador manda-a queimar, vindo o amante libertal-a da fogueira levando-a comsigo.— O caso da gravidez tambem se repete pelo influxo maravilhoso da *erva fadada* ou da fonte prodigiosa, mas pertence ao cyclo da Tavola Redonda, como em *D. Ausenda* e *D. Areria*. (Vid. a nota sobre *Dom Claros de Montealbar.)*

5. Dom Carlos de Montealbar — Dom Carlos de Além mar; Liserda; Albaninha, etc.— *(Romanceiro*, t. I, p. 356 a 407.) — E' um d'aquelles romances de que o povo tanto se apossou, que o inverte e borda a capricho, desdobrando a acção em novas situações. Escreve D. Carolina Michaëlis, nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular: «O cyclo do *Conde Claros* — ou antes os cyclos concentricos e oscillantes de que se compõe a sua vasta área — não é, portanto, de origem hespanhola, nem exclusivamente peninsular, como affirmam Wolf, Duran e Pidal, — importa que os nossos folkloristas escolham outro ponto de vista mais elevado, que lhes permitta abranger horisonte mais largo e lhes desvende os terrenos do Folklore da Provença, França, Italia, Allemanha, Escossia, Inglaterra, Suecia, Noruega, Hungria, Russia, etc. A longa série dos Romances do *Conde Claros* presta-se admiravelmente a um estudo comparativo, por que as differentes versões estão litteralmente recheiadas de traços e incidentes tradicionaes, communs a todas as litteraturas oraes, pelo menos das raças áricas. Não será facil, mas é muito instructivo, separar e extremar por meio de um cuidadoso cotejo de textos, os accrescentos postiços que não podem ter feito parte do esbôço primitivo, reconstruindo afinal, quando não seja a forma, ao menos o fundo do prototypo commum, a base historica-romantica do assumpto.» Todo o processo comparativo leva a determinar a lenda sem forma definida derivada de um facto historico ou melhor da sua impressão. Os detalhes complicam os resultados.

O *Conde Claros* foi muito conhecido dos nossos poetas quinhentistas antes de se ter vulgarisado nas collecções castelhanas do meado do seculo XVI; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na Comedia *Eufrosina*, (p. 189) escreve: «e ali tangem tudo sobre o *Conde Claros*.» Referia-se a uma toada ou me-

lopêa; no seculo XVI já era considerado romance velho, e Salinas tinha-o posto em musica. (Liv. V, p. 342 e 348.) Antonio Prestes, nos seus Autos, cita o *Conde Claros* (p. 206) e Antonio Ribeiro Chiado (p. 286) com o intuito comico. Dom Francisco de Portugal na *Arte de Galanteria* (p. 122) traz esta referencia: «porque este genero de penitentes pretendem per lo de *Conde Claros* con amores — no podia reposar, — y parece que en ellos se hallará aquella tan pura frialdad de servir por servir, penar por penar.» Ainda D. Francisco de Quevedo, na *Musa VI*, p. 455:

El Conde Claros, que fué
Titulo de las guitarras,
Se quedô en las barberias,
Con chaconas de la gala.

Transcrevemos aqui uma versão de Traz-os-Montes, da *Albaninha*, que pode servir de base para o estudo comparativo:

Albaninha

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes*)

—Albaninha, oh Albaninha,
Filha do Conde de Albar;
Quem te caçara, Albana,
Tres horas ao meu mandar!
«Tres horas não era nada,
Se te não fosses gabar!

Ainda não era manhã
A' praça se foi gabar:

—Esta noite, oh cavalleiros,
Eu dormi c'uma donzella;
Nos dias da minha vida
Nunca vi coisa mais bella.

Disseram uns para os outros:

=Qual seria? Oh, qual era?
Seria a nossa Albaninha,
Pois não ha outra como ella!

Disseram uns para os outros:

=Irmãos! Vamos a matal-a?

Respondeu o mais novinho:

—«Irmãos! vamos a casal-a.
Muito ouro e muita prata
Temos nós para lhe dar;
Co'a fama de um grande dote
Alguem a ha de acceitar.

(*Rom. transm.*, n.º 80.)

(Versão de Baçal)

.....
Hoje lhe cortam a lenha,
Manhã a vão queimar,

«Quem me levasse uma carta
Ao Conde de Mont'Alvar?
Quem dera um passageiro,
Ou irmão que fosse leal?
—«O irmão aqui o tens
Para o que quizeres mandar;
Escreve lhe tu uma carta
Que eu lh'a vou levar!
«Tu és mui pequenino,
Não lhe saberás fallar!
—«Ensina-me tu, Albaninha,
Como lhe heide fallar.
«Se estiver a comer,
Deixáral-o acabar;
Se estiver a dormir
Deixáral-o espertar;
Se estiver a jogare
Começarás de lhe fallar:
=Deus os ajude, senhores.
E ao Conde de Mont'Alvar.=

«—D'onde é esse cavalleiro,
Que tão bem sabe fallar?
—«Sou irmão da Albaninha,
Que carta lhe venho dar:
Hoje lhe cortam a lenha,
E ámanhã a vão queimar.
—Não se me dá que a queimem,
Nem que a vão queimar;
Tenho pena de seu ventre,
Que era de sangue real.

—«Oh, mal o haja taes homens
Que as sabem perder
E não as sabem resgatar!
«Mal o haja taes mulheres,
Que em taes homens se vão fintar!
Vós, como sois minha mãe,
Algum conselho me haveis de dar!
—«Veste-te tu de frade
E faz que a vaes confessar!

—

«Alto! alto! cavalleiros,
Que eu comvosco quero fallar:
D'onde vae essa donzella,
Que indo vae por confessar?
=Ella já vae confessada
De cura e frade do logar.
«Um peccado que ella leva
A mim m'o hade confessar.

Agarrou-a pela mão,
Levou-a para o pé do altar:

—Tens dormido com alguem
De gosto ou de gosar?
«Sómente foram duas noites
Com Carlos de Monte Alvar;
Uma fôra do meu gosto
E outra de meu gran pezar.
—Dá me um beijo, Albaninha,
Que eu te queria beijar!
«Ou vós sois o meu amor,
Ou não sabeis confessar!
—Eu sou o teu amor,
Da morte te vim livrar.
Quedem-se com Deus, senhores,
Justiça d'este logar,
Que a donzella era minha,
Eu com ella quero casar!
=Se a levaes bem levada,
Vem cá, que t'a quero dotar;
Se a levaes mal levada,
Deus não t'a deixe gosar.
—Oh paes que ensinaes as filhas,
Bom dote lhe quereis dar.

(Romanceiro transmontano, n.º 45. Rev. lusit., IX, 290,)

Ha outra versão de Vinhaes *A Palombinha*, que começa pelo meio da acção:

Palombinha, oh Palombinha,
Que mal soubestes a palombar!
Hoje te cortam a rama,
E ámanhã te vão queimar.

Termina o romance (n.º 60, Rev. lusit, IX, 298):

Pegara-lhe pela mão
Pusera-a no cavalgar;
Olhos que a viram ir
Não na viram cá voltar.

Na versão de Lagos *(Rev. lusit.*, vol. VI, n.º IV, começa:

Estando Dona Ablancina
No seu jardim a serenar,
Quem logo alli passaria?
Dom Carlos de Montealvar...

Outra versão de San Braz de Alportel *(ib.*. n.º V, p. 164,) termina:

Este seu, minha menina,
Este seu do coração,
Que te venho aqui buscar,
Por mulher, que amiga não.

Leite de Vasconcellos em outra versão (vol. IV, p. 314) confronta-a com as versões açorianas, e aponta a *Claraniña*, do *Romancero general* de Duran, I, n.º 362.

No Romanceiro asturiano encontram-se differentes versões, como *Galanzuca, Galancina, Tenderina*, e ainda *Doña Urgelia* e *Doña Enxendra*, que pertencem a este cyclo novellesco amoroso:

Galanzuca

—Galanzuca, Galanzuca,
Hija del Rey, tan galan!
Quien te me diera tres horas,
Tres horas a mi mandar!
Te besara y te abrazara
Y no te hiciera otro mal!
«Cárlos, eres muy ligeiro,
De mi te vas á alabar.

—Non lo quiera Dios del cielo,
Nin su Madre lo querrá,
Que muger con quien yo holgara
Della me vaya á alabar.

A otro dia de mañana
Al campo se fué à alabar :

—Dormi con la mejor moza
Que habia en este logar !

Miranse unos para otros :

—«Quien será ? Quien no será ?
Si será la Galanzuca,
Hija del Rey, tan galan ?

Su padre desde un balcan
Escuchando todo está.

—Pues si con ella has dormido,
Con ella te hasde casar ;
Y si non casas con ella,
Pronto la mando quemar.
—Tanto me dá que la queme
Ni la deje de quemar ;
Que mujeres en el mundo
Para mi no han de faltar.
Si non lo tienen de guapas,
Lo tendran de habilidad.

Siete criados tenia,
Leña les mandó apañar,
Para quemar Galanzuca,
Hija del Rey, tan galan.
Alli passó un pajecico
Que ya le comiera el pan :

—«Escribale, Galanzuca,
A' Carlos de Montalvar.
«Escribir, si lo escribiera ;
Pero quien le va á llevar ?
—«Escribale, Galanzuca,
Que yo se lo iré à llevar.

Cuando va cuestas arriba
Non se le puede mirar ;

Cuando va cuestas abajo
Corre com' un gavilan.

—«Aquí le traigo, Don Carlos,
Tres letras de mal pesar:
Escribelas Galanzuca
Que lla diban à quemar.
Confessó con siete curas;
Niugum dijo verdad.

Quitó su trajo de seda,
Se vistió do padre Abad;
Arreó el caballo blanco,
Tambien el caballo el ruan.
Jornada de quatro dias
En uno la fuera andar.
.....

«Confiese, padre, confiesse,
Que Dios se lo pagará.
—Si tuve que ver con hombres
Casados ó por casar.
«No tuve que ver con hombres
Casados nin por casar,
Si non han sido sus horas
Con Don Carlos de Montalvar;
Una ha sido de mi gusto,
Las otras de mi pesar.

Cogiérala entre mi brazos,
Pusiérale en el ruan.

—Ahora con esa leña
Con ella quemar un can.
En quemando bien los huesos,
Al Rey idlos presentar;
Que Galanzuca es mi esposa
Y yo la voy á llevar.
—«Llévela, el don Carlos, lleve,
Dios, se la deje lograr;
Mas quiero que se la lleve
Que non verla aqui quemar.

(Romances viejos asturianos, n.º VI, p. 92.)

A versão que se intitula *Tenderina* trata unicamente da scena de seducção e da promesso de segredo, formando um

quadro completo. *(ib.*, VIII, p. 97.) As versões de *Doña Urgelia* e *Doña Enxendra*, apenas se encontram representadas na versão de Lagos, *D. Aldonça. (Rom.*, I, 387.)

Dona Urgélia

En mi huerto hay una yerba
Blanca, rubia y colorada;
La dama que pisa en ella
Della queda embarazada.
Por Dios querer ó la suerte
Doña Urgélia la pisara.
Un dia, yendo á misa
Su padre la reparara:

—Tu qué tienes, Doña Urgélia;
Tu qué tienes que estás mala?
«Señor, tengo un mal del cuerpo,
Que de niña me quedára.
—Si lo dijeras a tiempo,
Cirujanos te catara.

Cató siéte cirujanos
De los mejores de España.
Unos dicen:
—«No lo entiendo!
Otros dicen que: No es nada;
El mas chiquillo d'ellos
Dice que está embarazada.

«Callen, callen, los señores;
Callen y no digan nada:
Si el Rey mi padre lo sabe,
Mi vida será juzgada.

Fuése logo hácia su cuarto,
Donde cosia y bordaba;
Y á una ventana arrimóse
Por ver quien se paseaba;
Se paseaba un mancebo
Embozado en la su capa.

«Suba, suba, el caballero,
Que le quiero una palabra,
La palabra que te quiero,
Sácame el niño de casa.

Si encontras el Rey mi padre,
Dile que no llebas nada,
Sino rosas y claveles
Para hacer una guirnalda.

Al bajar una escalera,
Al Rey su padre encontraba.

—«Qué llebais, el caballero,
N'el embozo de la capa?
=Llebo rosas y claveles
Para hacer una guirnalda.
—«De essas rosas y claveles
Dadme la más encarnada.
=La mas encarnada de ellas
Tiene una hoja quebrada.
—«Téngala que no la tenga,
Al Rey no se niega nada.

Entre estas palabras y otras,
El niño varon llorava.

—«Lleva el niño, caballero,
Que le den salud al alma.
Al árbol que dió ese fruto
Yo le cortaré la rama!

La cogió por los cabellos,
La colgó de una ventana.

—«Si Doña Urgélia se muere,
Aqui queda Doña Juana.

(Romances asturianos, n.º XLIII, p. 175.)

A versão de *Doña Enxendra (Alexandra)* tem este final pathetico:

Cuando venia da misa,
Su madre la reparara:

«Ay Enxendra de mi vida!
Ay Enxendra de mi alma!
Cuantas cosas yo tenia,
Yo para ti las guardaba;
Y ahora té veo aqui
Colgada en una ventana!

(Ib., p. 178.)

O mesmo thema é tratado na tradição popular da Catalunha no romance *La Infanta seducida (Romancerillo catalã.* de Milá y Fontanals, n.º 258, p. 249); o heroe tambem se chama *Don Carlos.*

No *Romancero general* de Duran, n.os 328 e 364; Amador de los Rios, Hist. de la Litteratura española, t. VII, p. 450: *Princesa Alexandra.*— Timoneda, na *Rosa Gentil:* De como el Conde Don Ramon de Barcelona libró á la Imperatriz de Alemaña.— Wolf, *Flor de Romances: Galiarda, Aliarda.*

A crença na *herva fadada*, que na tradição peninsular era a borragem, vem aludida nos *Milagres da Virgem*, por Gonçalo de Berceo, n.º XXI, descrevendo a gravidez de uma abbadessa:

Pero la abadesa cadió una vegada,
fize una locura que es mucho vedada
pisó por su ventura *yerba fuert* enconada,
quando bien se catido, fallose embargada.

Segundo as noticias dos *Simplices* de Garcia d'Orta, os indios crêem em que a planta *Indrasura* (a bebida inebriante da India) quando as mulheres bebem o seu sumo, ficam logo pejadas. (Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 6.) Na tradição popular da Andaluzia ha uma adivinha sobre a borragem, em que se propõe a sua virtude prolifica.

Na tradição popular de Traz-os-Montes encontra-se o thema d'este romance reduzido aos traços do realismo crú de uma gravidez conduzindo á fatalidade do suicidio:

Dona Angelina

(Traz-os-Montes — *Caniçaes)*

—Angelina, oh Angelina,
Tanto te cresce a barriga!
Se me dás algum desgosto
Mato te, tiro te a vida.
«Valha-o Deus, oh senhor pae,
Valha-o Deus, tanto ralhar;
Chegada a maldita hora,
Vou me deitar a afogar.
—Se te deitares a afogar,
A culpa torna a a ti;
O inferno está aberto
Para seculos sem fim.

Tira os brincos das orelhas
E o cordão do seu pescôço,
Enrodilha-os n'um bucinho,
Vae-se deitar ao pôço.
Só, de roda do seu poço,
Co' seu pente a pentear-se,
Chegou-lhe a maldita hora,
Vae deitar-se a afogar!
O primeiro que a viu
Foi o senhor seu padrinho:

—«Adeus, adeus, afilhada,
Já nâo logro teus carinhos,

A madrinha assim que o soube,
Logo se foi a correr:

=Adeus, afilhada, adeus,
Já te não posso valer.

Oh rapazes, oh rapazes,
Não tenhaes pena por ella;
Tende dó de uma criança
Que levava no ventre d'ella.

(Ib., n.º 25; Rev. lusit. VIII, p. 79.)

6. A Romeira; Marianninha — (*Romanceiro*, I, p. 404 a 417.) A frequencia das peregrinações e romagens na Edade média chegou a um exagero vertiginoso, por ser uma pena ecclesiastica de expiação, e mesmo uma obrigação civil que se contrahia; produziam-se graves perturbações nas familias, encontrando muitas vezes os maridos, no regresso, suas mulheres novamente casadas. As aventuras e perigos pessoaes davam logar a impressionantes narrativas, d'onde o proverbio corrente:

Qui multum peregrinantur,
Raro sacatificantur.

A's vezes davam-lhes nomes grotescos, como *San-jaques* e *Sanjacarios*, aos que faziam a romagem de San Thiago de Compostella. Os prégadores verberavam dos pulpitos os desmandos d'essas peregrinações; assim fallava em 1305, Fra Girolamo da Pisa: «l'uomo cade molte volte in peccado, ed bacci molti pericoli, trovano molti scandali nella via e no hanno paziencia... coll'oste e ce'compagni e talvolta hanno

micidio e ingani e fornicazioni!» E' sarcastico o proverbio portugnez: «Ir *romeira* e vir *rameira*.»

A promessa de romaria era tambem hereditaria como o castigo na penalidade heroica; Josselin fica herdeiro da peregrinação á Terra santa, que seu pae promettera. No testamento de el rei D. Diniz se lê: «Item, mando que um Cavalleiro, que seja homem de boa vida, e de verguença, que vá por mi á Terra Santa dultramar, e que estêe hi por dous annos compridos se a cruzada for servindo a Deos por minha alma etc.» (Provas da Hist. Genealogica, por Antonio D. Caetano de Sousa, t. I, pag. 101.) As mulheres tambem faziam romarias, e, expostas aos perigos da estrada e da pirataria, não poucos romances tiveram origem das situações difficeis por que passaram. Nos romances do *Conde Preso*, se vê o fundamento de aquella carta que escreveu San Bonifacio a Guthbert, bispo de Cantorbery, ácerca das romarias das mulheres: «A maior parte d'ellas succumbem e muito poucas voltam com a sua castidade.» As leis protegiam os peregrinos, coadjuvados pelas excommunhões dos canones dos Concilios. A lei bávara diz: «Que ninguem faça mal ao estrangeiro, porque uns viajam por necessidade, e todos precisam de paz.» O concilio de Letrão em 1123 excommunga os que vexarem os peregrinos que vão a Roma ou a outro qualquer logar de devoção. No romance portuguez de *D. Garfos*, o conde é enforcado por ter violado a romeira de Santhiago. Este romance da *Romeirinha*, que anda na tradição oral de Trás-os Montes e Minho, encontra-se tambem, na parte essencial da acção, com alguns romances populares da Italia. Pode-se apresentar como o typo dos romances communs ao Meio Dia da Europa; o conde Nigra e De Puymaigre determinaram os seus paradigmas.

Nas versões de Vimioso e de Maçôres (Traz-os-Montes) ha o syncretismo do thema de *Rico Franco*:

A Romeira

(Traz os-Montes — *Maçores*)

Alta vae a lua, alta,
Mais que o sol ao meio dia;
Lá se vae aquella senhora
A cumprir a *romaria*.
Cavalheiro vae traz d'ella,
Alcançala não podia;
Alcançou-a descansando
Debaixo da verde oliva.

—Por Deus te peço, romeiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria

Cavalheiro como malo,
Disse-lhe que não queria.
Foram de braço a braço,
A vêr o que mais podia;
Romeira como mais fraca
Logo debaixo cahira.
Botou mãos a um punhal
Que elle no bolço trazia,
Mettera-lh'o por um lado,
Ao coração lhe sahira.

«Por Deus te peço, romeira,
Por Deus e Santa Maria,
Que não vás dizer tu terra
Nem te vas gabar á minha.
—Heide-o dizer tu terra,
E heide-me gabar na minha,
Que matei um cavalleiro
Co'as armas que elle trazia.

(Romanceiro transmontano, n.º 89, (Rev. lusit., vol. IX, p. 315.)

Na *Illustração transmontana*, n.º 2, pagina 24, ha outro versão de Vimioso; começa:

Por aquelles campos verdes
Linda romeira venia

Em outras duas versões, que adiante incorporamos, dá se o caso maravilhoso de ser a Romeira perseguida de amores a Virgem Maria. Merece aqui archivar-se a versão asturiana:

Venganza de honor

Por aquelles campos verdes,
Que galana iba la niña!
Llevaba saya de grana,
Jubon brolado traía;
El zapato pica en verde,
Las calzas de lona fina;
Con los sus morenos ojos
Amiraba á quien la mira.

Mirábala un caballero,
Traidor, que la pretendia,
Que iba, paso traz paso,
Por ver si la alcanzaria.
Señera la fué alcanzar
Al pié d'una fuente fria.

—Adonde por estes prados,
Camiña sola la niña ?
«A bodas de mi hermana,
D'una hermana que tenia.

Los dos del agua bebieron,
Y se van en compañia.
El trata quitarle el honor,
Y la dice con falsia :

—Mas abajo do bebemos
Quedóme la espada mia.
«Mientes, mientes, caballero,
Qu'ende la traes tendida.

Dieron vuelta sobre vuelta,
Derribarla non podia :
A' la postrera que daban
Una espada le caía.
Trabola con las sus manos
Temblando toda la niña ;
Metiósela por el pecho,
Y á la espalda le salia.
Con las ancias de la muerte
El caballero decia :

—Por donde quieras que vayas
Non t'alabes, prenda mia,
Que mataste un caballero
Con las armas que traía.
«Con los mis ojos morenos
La tu muerte lloraria ;
Con la mi camisa branca
La mortaja te faria ;
A' la iglesia de San Juan
Yo á enterrar te llevaria.
Con la tu espada dorada
La fosa te cavaria :

Cada domingo del mes
Un responso te faria.

(*Romances viejos asturianos*, n.º XXXVIII, p. 166; traz outra versão abreviadissima, p. 168.)

Agora a situação do milagre de Nossa Senhora, em que se dá egual similaridade:

O Rei e a Donzella

(Traz-os-Montes — *Vinhaes*)

Por aquella serra acima,
Vae uma linda donzella;
Vestido leva de seda,
Forrado de primavera;
Sapatos leva de prata,
Por cima linda fivella;
Leva lenço alemtejano,
A' moda da sua terra.
El Rei assim que a viu,
Levantou-se e foi traz d'ella.

—Mal me parece, senhora,
Sósinha por esta serra!
«Mais mal parece a el-rei
Levantar-se e ir traz d'ella;
Inda que eu venha sósinha
Meu marido atraz quéda.
—Não teme mouro nem moura,
Nem teme a paz nem a guerra?
«Tu, és rei dos teus vassallos,
E elle é do céo e da terra.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 55. (Rev. lusit., IX, 296.)

A Romeirinha

(Traz-os-Montes — *Rebordello*)

Antes que eu da festa venha
Não direi quem ficou n'ella;
Ficou uma romeirinha
Linda como uma estrella.

Baixou-se o rei da janella,
Baixou-se a fallar com ella:

—Mal parece, romeirinha,
Sósinha n'esta terra!
«Eu só não venho, não,
Antes sósinha viera!
Meu marido ficou atrás,
Lindo como uma donzella.

Recolheu-se o rei p'ra casa,
Assentou-se á sua meza;
Cada boccado que come
Da romeirinha se lembra,
Chamou pelos seus criados,
P'ra que fossem saber d'ella.

—Nem por ouro nem por prata
Vos venhaes aqui sem ella!

Chegou-se ao meio da festa,
Logo se encontrou com ella!

«Não vou ao chamo do rei,
Nem lhe vou servir á mesa;
Se elle é rei dos seus vassallos
Eu sou rainha do céo e da terra!
—Perdoae, minha Senhora,
Que não sabia quem era!
«Perdoado estás, oh rei,
Que isto dado aos homens era.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 102. (Revista lusit., vol. IX, p. 223.)

A versão asturiana *La Romera* é muito semelhante á transmontana, revelando a identidade de um *substratum* ethnico:

La Romera

Por los senderos de un monte
Se pasea una romera,
Blanca, rubia y colorada,
Relumbra como una estrella.
Vio'la el Rey desde sus terras,
E enamorárase d'ella.

—Donde vá la romerita
por estes montes señera?
«No vengo sola, buen Rey,
Compañia traigo y buena;
Atras viene mi marido,
Más hermoso que una estrella.
A Santiago de Galicia
Voy cumplir mi cuarentena,
Que me la ofreció mi madre
En la hora en que naciera.

Manda el Rey poner la tabla,
Manda el Rey poner la mesa;
Al medio de la comida,
Se acordó de la romera;
Llamara un paje corriendo

—Vé buscar esa romera;
Nin por oro, nin por plata,
No tornes aqui sin ella.
—«Romeras se encontran muchas,
Y no sabré yo qual era.
—Como aquella romerita
Non las hay por esta tierra;
Blanca, rubia, colorada,
Relumbra como una estrella.
Zapato de cordoban,
Una pulida gorguera,
Y una toca toledana
Que tal no la tiene la Reina;
Rosario, por que rezaba
Cinco extremos de oro lleva;
Por el segundo decia
«Muerto es quien vida espera.»

Bajara el paje corriendo,
Marcha tras de la romera.
Bien la viera relucir
En medio de la arboleda!
La encontrara sentadita
Debajo de una alameda.

—«Mándala llamar el Rey
Para comer á su mesa.
«Anda, paje, di a tu amo
Y dile desta manera:

Si él es rey de su reinado,
Yo soy de cielos y tierra.
—«Si eres Reina de los cielos,
Yo la gloria te pidiera
«Pajecito, si, por cierto,
Y a cuantos de ti vinieran.

(*Viejos Romances Asturianos*, n.º LXV, p. 221.— Menendez Pidal traz ainda outra versão, p. 219.)

7. Dona Ouliva—Dona Eurires—(*Romanceiro*, I, p. 420 a 422.) Appareceu este romance unicamente na tradição oral da ilha da Madeira O nome é reductivel á sua forma bretã *Guenniwar*, que em portuguez tomou na fidalguia a forma de Ginebra; a situação e o caracter da heroina faz lembrar a rainha Ginebra, esposa do bom rei Arthur. Era a mulher seductora pela magia da sua brancura, tendo o prestigio das Damas brancas. Escreve Mademoiselle Busquet, no seu livro *La Normandie*: «Mr. de Rocquefort, nas suas notas sobre o *Lai de Lanval*, faz notar que o nome de *Genèvre*, mulher do rei Arthur, ou *Genièure*, segundo alguns antigos romances inglezes, poderia ser formado do bretão *gwenn*, branco, e *eure*, mulher, isto é, mulher branca.» (Op. cit., p. 104.— *Poésies de Marie de France*, t. I, p. 220) Este thema merece comparar-se com o do romance italiano *Dona Lombarda*, em Nigra e Ferraro.

8. A Filha do Imperador de Roma; Hortelão das Flores; Dom Duardos—(*Romanceiro*, t. I, p. 424 a 445.) Deriva este cyclo do romance da lenda de Roberto do Diabo, quando em penitencia trabalhava como jardineiro do Rei de Roma, desconhecido, e a princeza se namorou d'elle. (Mademoiselle Busquet, *La Normandie*, p. 20.) D. Carolina Michaëlis, cita o conto allemão de *König Drosselbout*. (Revista lusit., II, 206.)

A Donzella

(Traz-os-Montes — *Vimioso*)

Alta vae a lua, alta,
Mais que o sol ao meio dia,
Quando aquella donzella
Metter freira se ella qu'ria.
Indo-se ella a despedir
De um jardim que seu pae tinha:

—Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus fonte d'agua fria,
Adeus jardins das flores
Onde me eu divertia!...
Se por aqui passar meu pae,
Meu pae que tanto me queria,
Dizei que vou c'um *jornaleiro*
Ao jornal ganhar a vida.
Eu não sei se irei ganhada,
Ganhada, se perdida!...
«Ganhada e não perdida!
Achareis muita coisa,
E muito de prata fria.
Achareis sala doirada
Para passear de dia;
Achareis ricas donzellas
Para vossa companhia;
Entre Mouros e Moiramas
Vós sereis a mais querida.

(*Rom. trasmontano*, n.º 20; *Rev. lusit.*, VIII, 78.)

Um facto notavel se descobre n'este romance: O celebre romance de Gil Vicente intitulado *D. Duardos*, que os Romanceiros, principalmente o de Anvers, adoptaram, que o povo assimilou e fez quasi de novo, como se pode vêr na lição conservada pelo cavalheiro de Oliveira, apparece-nos aqui agora novamente assimilado, mas deixando ainda vêr alguns restos primitivos. A despedida da donzella e as fallas de *D. Duarte* foi o que o povo conservou na versão da Beira Baixa. São sempre as partes dramaticas que se perpetuam. Eis o romance de Gil Vicente:

Dom Duardos

En el mes era de Abril,
De mayo antes un dia,
Cuando lyrios y rosas
Muestran más su alegria,
En la noche más serena
Que el cielo hacer podia,
Cuando la hermosa Infanta
Flérida ya se partia:
En la huerta de su padre
A' los árboles decia:

—Quedáos á Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solia;

Voyme á terra estrangeras
Pues ventura allá me guia.
Si mi padre buscare,
Que grande bien me queria,
Digan que amor me lleva,
Que no fue la culpa mia:
Tal tema tomó commigo.
Que me venció su porfia;
Triste no sé a dó vó,
Ni nadie me lo decia.—
Alli habla Don Duardos:
«No lloreis, mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas haviã
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.
Ternies trecientas donzellas
De alta genaalogia;
De plata son los palacios
Para vuestra señoria,
De esmeraldas y jacintos
De oro fino de Turquia,
Con letreros esmaltados
Que mentan la vida mia.
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando con Primalion
Fuertemente combatia.
Señora, vos me matastes,
Que yo a él no lo temia.»

Sus lagrimas consolaba
Flérida que esto oia;
Fuéronse a las galeras
Que Don Duardos tenia.
Cincoenta eran por cuenta,
Todas van en compañia;
Al son de sus dulces remos
La Princeza se adormia
En brazos de Don Duardos,
Que bien le pertenecia.
Sepan quantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

Obras, t. II, p. 249.

A maior e mais bella parte dos romances cavalheirescos, que se encontram no *Cancionero de Romances* de Anvers, vêm citados nos *Autos* de Gil Vicente. O poeta da côrte de Dom Manoel tinha os sentimentos da alma popular; as suas obras são a historia dos costumes mediévos. Elle tambem compoz varios romances, como Lasso de la Vega, Juan de la Cueva e outros, mas com mais facilidade e graça. Na tragicomedia de *Dom Duardos*, introduziu um romance de lavra sua, sobre os amores de Flérida, de tal forma simples e bello que o povo o adoptou na tradição, e os Romanceiros hespanhoes o acceitaram dando lhe as honras de anonymo. Pode-se vêr na rarissima colleção de Anvers de 1581; o Romancero de Duran, já hoje o restitue ao seu auctor. A versão popular portugueza, colligida pelo curioso cavalheiro de Oliveira, foi achada, segundo elle confessa, em um papel de letra do seculo XVII. A versão que apresentamos é mais verdadeira do que a do infeliz cavalheiro de Oliveira; foi achada na ilha de Sam Jorge pelo Dr. João Teixeira Soares, antigo collaborador do *Romanceiro* de Garrett, que me confiou todos os seus trabalhos de investigação local.

Em carta de 24 de Septembro de 1868 diz: «Na minha ultima annunciei a descoberta de mais dois romances, e a grande probabilidade de que um d'elles fosse o *Dom Duardos*, de Gil Vicente; hoje cabe-me a honra de lhe apresentar o referido romance de *Dom Duardos*, refugiado desde seculos em uma freguezia d'esta ilha! Apparece *contrahido*, como que para provar plenamente a theoria de Sir Walter Scott, mas não menos bello, se por ventura não mais. Foi um feliz achado. Tenciono ir a Rosaes ouvil-o da propria bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares abastado lavrador do logar, que m'o remetteu de bocca por uma rapariga que muito me tem ajudado n'estas cousas. Declarou ella, que o apprendera em sua mocidade, contando hoje sessenta e tantos annos.» E', portanto, a versão que appresentamos a mais genuina; a lição de Oliveira está muito proxima do original hespanhol; a versão insulana mostra nos mais claramente o processo da elaboração popular. O principio do romance de Gil Vicente:

Em o mez era de Abril,
De Maio antes um dia,

acha-se muitas e muitas vezes repetido nos romances hespanhoes, o que levou Du Méril a dizer, que era uma como *convenção poetica;* encontra-se em grande numero de cantos

populares da Europa. Um hymno á Virgem, copiado de um manuscripto do seculo XII, começa:

En mai ki fet flurir les prez, etc.

(Apud Thomas Wright, e Hallmiell, *Reliquiæ antiquæ*, t. I, p. 200.)

Gil Vicente em outro logar começa uma enselada d'esta forma:

En el mes era de Maio
Véspera de Navidad,

Obr., t. III, p. 323.

E nas Tragicomedias:

Por Maio era, por Maio,
Ocho dias por andar,
El Infante Don Felipe
Nació en Evóra ciudad.

Id., t. II, p. 531.

Tambem no *Cancionero de Romances*:

Por el mes era de mayo
Cuando hace la calor,
Cuando canta la calandria
Y responde el ruiseñor,
Cuando los enamorados
Van á servir al amor, etc.

Du Méril, na introdução ao poema do seculo XII *Flore et Blanceflor*, julga esta tradição de origem oriental *où le printemps est bien plus avancé*. Pag. LXV, not. 2. Paris, 1856.

Como os mais bellos romances do seculo XVI, e romance de *Dom Duardos* tambem foi glosado. Don Agustin Duran, no Catalago dos *Pliegos sueltos*, cita uma folha volante in-4.°, 2 col. 4. fol.:

«Romance sacado de la farsa de *Dom Duardos*, que comienza: *En el mes era de Abril*, nuevamente glosado por Antonio Lopes estudante portuguez vizino de la villa de Trancoso, estante en la Universidad de Salamanca, etc.»

O conde Nigra comparou este romance de *Dom Duardos* com o romance italiano do Piemonte o *Marinheiro*, cuja redacção primitiva, segundo elle, remonta ao seculo XIII, e com o romance hespanhol da *Infanta e o filho do Rei de França* (Rom. Gen., t. I, p. 163) muito mais antigo que a versão por-

tugueza. O romance pertence ao cyclo dos Palmeirins, e até na poesia popular da Suecia se encontram reminiscencias. Nos *Cantos populares do Norte*, de X. Marmier (p. 201) o *Petit Batelier* começa d'este modo: «A donzella está assentada na sua camera, e está lavrando ouro. O barqueirinho aproxima-se e olha» e depois termina: «Eu não sou um barqueiro; sou o melhor filho do Rei de Inglaterra.» Eis o romance hespanhol, da

Infantina y el hijo del Rey de Francia

«Tiempo es, el caballero,
Tiempo es de andar de aqui,
Que ni puedo andar en pié,
Ni al Emperador servir,
Pues me crece la barriga
Y se me acorta el vestir:
Vergüenza he de mis doncellas,
Las que me dan el vestir,
Míranse unas á otras,
No hacen sino reir:
Vergüenza he de mis caballeros
Los que sirven ante mi.
—Lloradlo, dijo, señora,
Que así hizo mi madre á mi;
Hijo soy de un labrador,
Mi madre y yo pan vendi.

La infanta desque esto oyera
Comenzóse á maldecir:

«Maldita sea la doncella
Que se deja seducir.
—No os maldigais vos, señora,
No os querais vos maldecir,
Hijo soy del rey de Francia,
Mi madre és doña Beatriz:
Cien castillos tengo en Francia,
Señora, para os guarir,
Cien doncellas me los guardan,
Señora, para os servir.

Ochoa, *Tesoro de los Romanceros*, p. 2.

No *Romancerillo catalan*, n.º 263, *Los Segadores*, o thema é o mesmo: em Ferraro, *Canti popolari Monferrini*, n.º 49, *La Violeta*.

Eis o romance do Piemonte, comparado por Nigra :

A' borda do mar
Estava uma donzella,
Bordava n'um lenço,
Como ella era bella !
Em meio do bordado
Faltou-lhe o retroz ;
Eis vinha chegando
Galera veloz.
«Oh marinheiro,
Trazeis seda aí ?
—Qual côr quereis ?
Branca ou carmezi ?
«Eu quero-a vermelha
Por que é da mais fina ;
Eu quero a vermelha
Que é para a rainha.
—Entrae, entrae já
N'esta caravella.

Mal poz o pé dentro
Fez se logo á vela.
E o marinheiro
Cantava ao pé d'ella.
Com o canto do nauta
Fica adormecida ;
Com o mar inquieto
Acorda sentida.
Assim que ella acorda
Viu já longe a terra :

«Oh marinheiro,
Para o porto aferra,
Que a vaga que se ergue
Me espanta e aterra.
—Não faço o que pedes,
Serás minha amada.
«De tres irmãs que eramos
Sou mais desgraçada.
Casadas ambas são
Com um duque, com um conde ;
Vou ser marinheira
Sem saber aonde.
Que uma vista seda,

E a outra ouro tenha!
Mas eu, a mais bella,
Vou ter estamenha.
—Se uma veste seda,
E a outra ouro tinha,
Tu és marinheira
Que vae ser rainha.
O Rei de Inglaterra
Deu-me a caravella
Com que ha já sete annos
Te busco, oh donzella.

(Caselli, *Cantos populares da Italia*, p. 195).

V

ROMANCES DE AVENTURAS

Na Poesia popular europêa existe uma grande quantidade de Romances cujos themas poeticos estão em antinomia com a civilisação, pela sua accentuada barbarie, com situações monstruosas de uma sociedade primitiva e incompativel com o genio das populações áricas; taes são os themas da *Sylvaninha*, do *Conde Alarcos*, do *Conde da Allemanha*, da *Peregrina*, *Helena*, etc. Isto basta para reconhecer que na Poesia popular europêa existe um filão que não é Scandinavo-germanico, nem Gallo-bretão, nem Celto iberico. Como determinar a existencia historica d'esse filão poetico tradicional? Amadeu Thierry, completando o seu estudo das *Lendas d'Attila* pelo exame das Tradições hungaras, observa que ellas eram conhecidas em França, Italia e Hespanha, nos Paizes germanicos e até na Scandinavia, essas lendas dos Hunnos. E' d'este fóco da *Hunnia* (Hungria) que no fim do seculo IX se espalharam na Europa esses cantos narrativos amaldiçoados pela Egreja.

No seu estudo *Legendas d'Attila*, descreveu Amadeu Thierry o vigor das Tradições hungaras:

«Estabelecidos em 891 no paiz que hoje tem o seu nome, os Hungaros receberam o Christianismo por 972. Elles possuiam um modo de transmissão popular e certo na poesia cantada. A poesia parece ter sido uma instituição publica nas nações provindas dos Hunnos. Refere-se na vida de Attila como as raparigas que marchavam ao seu encontro ás portas da estação real, ordenadas em longas filas, com véos brancos, cantavam hymnos compostos em seu louvor, e como tambem

no banquete a que assistiu Priscus, os cantos das rhapsodias, celebrando as acções dos antepassados, animaram por tal fórma os convivas, que as lagrimas cahiam dos seus olhos. Estas Canções transmittidas de geração em geração, constituiam os annaes do paiz. O mesmo uso existiu sem duvida entre os Avars, posto que a historia nol-o não diga positivamente, dizendo-nos porém que existia entre os Hungaros. Arpad tinha comsigo cantores, quando se appresentou no Danubio. Toda a gente era poeta entre os primeiros Magyars, e todos cantavam os seus versos ao lado dos outros acompanhando se com uma especie de lyra ou guitarra, chamada Kobza, na Edade média. Não sómente se era poeta, e cantor das canções dos outros, mas cantava-se frequentemente a si proprio, cantavam-se os seus antepassados, e cada grande familia teve os seus annaes poeticos. — A poesia nacional teve por tanto entre os Hungaros muitos inimigos dos quaes o primeiro e o mais temivel foi o Christianismo, que a encontrava de frente como uma guarda vigilante da velha barbarie e um adversario de toda a novidade. Os cantos magyares, historicos e guerreiros, eram, por sua natureza propria, saturados de paganismo ; attribuiam-se ahi aos deuses as emprezas e as conquistas da nação ; fallava-se ahi incessantemente das *aldumas,* banquetes religiosos, onde humildes e prepotentes, confundidas na mesma meza, se embriagavam e comiam carne de cavallo consagrada pelos sacerdotes; o desprezo dos estrangeiros, o odio contra as crenças estrangeiras, vibravam na poesia de um povo que era então o terror da Europa. Tambem os poetas, os cantores e as canções foram o objecto dos anathemas da Egreja. Muitos concilios fulminaram ameaças de excommunhões contra todo aquelle que recitasse estas canções ou as ouvisse, os proprios ecclesiasticos recebiam a este proposito advertencias nos canones; mas anathemas e ameaças, tudo foi inutil. Para destruir as canções nacionaes seria preciso transformar a nação. Tudo se cantava entre os Hungaros; a *kobza* encontrava-se por toda a parte. A lei tinha sido cantada antes de ser escripta, e mais tarde as Canções foram consultadas para reencontrar os costumes, as instituições politicas e mesmo a lei civil.— Impotente para abafar a sua inimiga, o Christianismo procurou ao menos o desarmal-a, tratou de purificar e de se appropriar, até onde era possivel, d'estas composições tradicionaes, em que o espirito guerreiro da nação achava um estimulo feliz, e as familias nobres uma satisfação de orgulho. — Foi nas escholas ecclesiasticas dos seculos XI, XII e XIII, que os clerigos, sabios para a sua nação, e ainda mais piedosos do que sabios,

submetteram as Canções tradicionaes a uma transformação importante, que as accommodava ás necessidades historicas do culto novo, as reconciliava com elle, e por assim dizer as amnistiava.» O terror das invasões dos Tartaros correu em 1225 em Portugal, como se vê pela Canção do Trovador João Soares Coelho (n.º 1013, do Canc. Vat.).

§ 1. Cyclo da Mulher perseguida

1. Sylvaninha; Faustina; D. Sylvana; Galdina; Aldina — *(Romanceiro*, vol I, p. 447 a 483.) — E' dos mais populares e antigos; encontra-se em Lisboa, Ribatejo e Beira Alta. Já no seculo XVII D. Francisco Manuel de Mello o cita como velho, como se deprehende d'aquelle verso do *Fidalgo apprendiz : Uma letra nova quero*, que diz Brites, recusando-se a escutar este romance que Gil lhe ia cantar á guitarra. (Pag. 247). A *Silvana* faz lembrar a Myrrha da mythologia grega ou melhor Antiocho, do *Livro de Apolonio*, que se apaixona pela filha. Pertencerá ella ás ficções eruditas do cyclo greco romano? Não parece o combate de Tristão com o Morouhet de Irlanda uma imitação do combate de Theseu com o Minotauro? Arthur não é trahido por Ginebra, como Hercules por Djanira? Têm ás vezes origens caprichosas estas tradições do povo. O principio da *Sylvana* anda quasi sempre confundido com o romance do *Conde Alarcos*. Foi pela primeira vez publicado por Almeida Garrett, que o dá como originario portuguez. (Rom., t. II, p. 98). Encontra-se porém nas Asturias, e Amador de los Rios o publicou no *Jahrbüch für romanische und englische Literatur*, t. III, *p. 284*, com o titulo de *Delgadina*. E' um facto curioso vêr como o povo vae confundindo os romances, produzindo inconscientemente situações novas. O nó da acção é imitado pelo povo dos romances do *Conde de Allemanha*. Nossa Senhora do Pranto, que vem prantear a desgraçada, dá ao romance uma côr de alta antiguidade; era um velho uso de Portugal, já prohibido no tempo de D. João I. Frei Luiz de Sousa fallando de um mosteiro fundado em 1443, votado á *Senhora do Pranto*, observa: «que agora dizemos melhor da *Piedade*.» Esta circunstancia fixa a epoca da versão oral de Freixo de Espada á Cinta.

A versão do romance da *Sylvana*, colligida nas Ilhas dos Açores é muito mais simples do que as de Lisboa e Coimbra. A sua antiguidade prova-se com a allusão ao costume barbaro da desherdação da mulher :

—Que mulher é esta aqui,
Que tanto está enfadada?
«E' vossa filha Sylvana,
Que a deixaes *desherdada.*

Sobre este costume, diz Michelet nas *Origines du Droit français*, (p. 33) : «A exclusão da herança ou, pelo menos, da terra salica, com que a mulher é ferida nas leis barbaras, vigorou durante a Edade média. Em muitas de nossas provincias a filha nada tem a esperar; ella é dotada com uma simples *capella de rosas;* muitas vezes, ainda tem menos, *uma noz*, como em Anjou e Maine.» No romance insulano o barão moribundo deixa á filha um *punhal de ouro.* Nas fórmulas lombardas, os esponsaes faziam-se pela *espada*, e pelo *guante:* «Por esta *espada* e por este guante eu te dou a minha filha por esposa.» Canciani, *(Leges Barbarorum*, t. II, p. 467). Segundo Tacito, o noivo é que trazia o dote á mulher entre os Germanos; o velho barão desherdava a filha, mas deixando-lhe o *punhal de ouro* dava a entender no symbolismo heroico que procurasse o casamento, que era a sua riqueza. Os cantos populares portuguezes estão cheios de allusões juridicas, em que florescem restos do symbolismo germanico:

Agora que a tua mãe,
Que te acabe de herdar.

Segundo o direito germanico, pertenciam ás filhas as joias das mães. (Michelet, *op. cit.*, p. 65.) O romance de *Sylvana* é antiquissimo na tradição da Europa; pertence, segundo o nosso entender, ao seculo X, ao tempo dos Contos de Fadas, por isso que este amor desnaturado de um pae por sua filha se encontra no conto de *Peau d'Ane*, colhido pela primeira vez da tradição moderna por Pérrault. Na historia apparecem factos similhantes; Jacob Grimm traz a seguinte lenda, colligida da tradição oral, e encontrada tambem no *Gargantua:* «Mathilde, filha do Imperador Henrique III, era tão graciosa, que seu pae concebeu por ella um violento amor. A menina pediu a Deus, e rogou do imo de sua alma que a puzesse feia, para extinguir os desejos de seu pae; mas Deus não a ouviu. Então o espirito maligno lhe appareceu e offereceu-se, com a condição, que ella lhe pertenceria, de mudar a inclinação e o amor do Imperador em raiva e colera. Mathilde consentiu, com a reserva, de que só cairia no seu poder depois d'elle a encontrar adormecia trez noites a fio; e que se estivesse acordada, não teria nada que lhe exigir. Em vista d'isto co-

meçou um magnifico bordado, e passou a noite a lavrar, com o que conseguiu estar acordada; tinha comsigo um cãosinho fiel, chamado *Queld* ou *Weld*, que ladrava, e lhe batia com o rabo logo que fechava os olhos e parecia ceder ao somno. Ora, como o diabo tivesse vindo nas trez noites e a encontrasse sempre acordada, enfureceu se; meteu lhe as unhas na cara, achatou-lhe o nariz, rasgou-lhe a bocca até ás orelhas, e lhe vazou um olho. Quando seu pae viu o olho arrancado, a boccarra e o nariz amassado, passou-lhe toda a paixão que sentira, e o culpado amor deixou de o atormentar. Mathilde consagrou-se á vida religiosa, e em lembrança do cão, edificou uma abbadia, a que poz o nome de *Castello de Queld.*»(*Tradições allem.*, t. II, p. 217.)

Nas duas ultimas versões açorianas da *Sylvana*, o povo descreve o Paraiso do mesmo modo que se acha na *Divina Comedia* de Dante:

Estava no céo a cantar
'Numa *Rosa encarnada.*

e tambem:

A minha alma está no céo,
Está n'uma *Rosa pintada.*

Confrontados estes versos da tradição popular com os admiraveis tercetos do vate florentino, torna-se para nós evidente a theoria de Aroux, que considera a *Divina Comedia* como a historia das luctas dos Albigenses, ou da França municipal contra a prepotencia da Egreja romana e dos Barões feudaes. Essa lucta deu-se em todo o Meio Dia da Europa, e em Portugal tambem, não só pela existencia dos Templarios aqui que eram os sectarios d'essa politica, como pelas continuas revoltas com que se alcançaram os Foraes. Como temos observado, a poesia popular está sempre em harmonia com o direito consuetudinario foraleiro. Eis os tercetos de Dante:

In forma dunque di *candida rosa*
Mi si mostrava la milizia santa,
Che nel suo sangue Cristo fece sposa.
Ma l'altra, que volando vede e canta
La gloria di colui, che l'innamora,
E la bontà che la face cotanta;
Si come schiera d'api, che s'infiora
Una fiata, e d'altra si ritorna
Lá, dove suo lavoro s'insapora,

Nel gran fior discendeva, che s'adorna
Di tante foglie, e quindi risaliva
Lá, dove il suo amor sempre soggiorna.

(*Paradiso*, canto XXXI.)

A aproximação d'estes factos parecerá extraordinaria, mas impõe-se a realidade. Estas vagas allusões hoje achadas na poesia do povo já não tem sentido, mas ainda denotam a commoção primitiva.

O romance da *Delgadina*, que é a versão asturiana do romance portuguez da *Sylvana*, é tambem popular em Navarra. Rioja e Aragão. e na Serrania de Ronda. Na versão insulana os diabos que vem arrebatar o pae de Sylvana são os *Garrazes:* na asturiana chamam-se *degorrios.*

Nas versões asturianas, este romance tem o titulo de *Delgadina*, *Agadeta*, *Bergadina*, *Calderina* e *Sildana*, e é commum á Galliza, Catalunha, Andaluzia e Castella, constando apenas de variantes que consistem nas torturas que dão todo o relêvo á pureza da perseguida donzella Transcrevemos do Romanceiro Asturiano uma das tres versões colligidas por Menendez Pidal:

Delgadina

El buen Rey tenia tres hijas
Muy hermosas y galanas,
La mas chiquitina dellas
Delgadina se llamava.

—Delgadina de cintura,
Tu hasde ser mi namorada.
«No lo quiera Dios del cielo
Ni la Virgen soberana,
Que yo enamorada fuera
Del padre que me enjendrara.

El padre que tal oyó
La encerrara en una sala;
No le daban de comer
Mas que de carne salada;
Non le daban de beber
Si nó sumo de naranja.
A la mañana otro dia
Se asomara á la ventana,

Y viera á su madre en bajo
En silla de oro sentada.

«Mi madre, por ser mi madre,
Púrrame una jarra d'agua;
Porque me muero de sede,
Y á Dios quiero dar el alma!
—«Calla tú, perra maldita,
Calla tú, perra malvada;
Siete años que estoy contigo,
Siete años soy mal casada.

A la mañana otro dia
Se assomara á otra ventana;
Vió á sus hermanas en bajo
Filando seda labrada.

«Hermanas, las mis hermanas,
Púrriime una jarra d'agua;
Porque me muero de sede
Y á Dios quiero dar el alma!
=Primero te miteriamos
Esta encina por la cara.

Se asomara al otro dia
A otra ventana más alta;
Vio á sus hermanos que en bajo
Taban tirando la barra.

«Hermanos, por ser hermanos,
Púrriime una jarra d'agua,
Porque me muero de sede
Y á Dios quiero dar el alma.
=«No te la doy, Delgadina,
No te la damos, Delgada,
Que si tu padre lo sabe
Nuestra vida es ya juzgada.

Se asomara al otro dia
A otra ventana más alta,
Y vió á su padre que en bajo
Paseaba en una sala.

«Mi padre, por ser mi padre,
Púrrame una jarra d'agua

Porque me muero de sede
Y á Dios quiero dar el alma !
—Darétela, Delgadina,
Si me cumples la palabra.
«La palabra cumpliria
Aunque sea de malagana,
—Acorredi, mis pajecicos,
A' Delgadina con agua :
El primero que llegase
Con Delgadina se casa ;
El que llegare postrero
Su vida será juzgada.

Unos van con jarras de oro,
Otros con jarras de plata...
Las campanas de la iglesia
Por Delgadina tocaban.
El primero que llegó,
Delgadina era finada.
La cama del Delgadina
De angelos está cercada :
Bajan à la de su padre
De demonios coronada.

(Op. cit., p. 238.)

Em outra versão, (n.º LXXV), amplia-se o final :

La Virgem la sustenia,
Anxélos la amortayaban ;
En la cama de su padre
Los degerrios se asentaban ;
E á los piés de Delgadina
Una fonte fria estaba,
Porque apagase la sede
Que aquell cadaver pasaba.

Ainda outro final (versão n.º LXXVI) :

Las campanas del paraiso
Ellas de si se tocaban.
Por l'alma de Delgadina
Que á los cielos caminaba ;
El alma del Rey su padre
Por los infiernos bajara.

No Folk-Lore andaluz (1882–1883) a pag. 320 e 322, vem

duas versões do romance da *Delgadina* com pittorescas minucias descriptivas; no Folke Lore Frexenense, p. 125, mais outra versão, completando assim o quadro da tradição lusitana.

Nos *Romances tradicionales de Asturias*, n.os 50, 51 e 52 appresentou Menendez y Pelayo tres magnificas versões com o titulo de *Delgadina*, conformes com as mais puras versões portuguezas da *Sylvaninha* (Antologia de Poetas liricos, vol. X, p. 126 a 130.) Nos Romances tradicionales de Andalusia y Extremadura, sob n.os 6 a 11, vêm cinco versões com os titulos *Delgadina*, *Algarina*, *Bergadina*, *Angelina*, *Argelina* (Ib., p. 167 a 176.) Algumas versões começam :

Tres hijas tenia el Rey Moro,
Mas bonitas que la plata...

No *Romancerillo Catalan*, n.º 238, vem com o titulo de *La Infanta seducida*; e com o titulo de *Agadeta*, publica Menendez y Pelayo outra versão muito abreviada, em lingua catalã, colligida na ilha de Cerdeña. *(Ibid*, p. 257.) Sobre o valor tradicional da poesia popular da Catalunha, observa Menendez y Pelayo : «muito mais original do que a portugueza, possue um consideravel numero de canções novellescas e de costumes que são inteiramente indigenas e locaes, e outras que *tem mais analogia com as da Provença e norte da Italia, do que com as de Castella.*» E' este facto que torna preciosa a comparação com os themas tradicionaes portuguezes, completando-nos o conhecimento do fundo occidental no seu substratum ethnico. Menendez y Pelayo ainda está na comprehensão de que os Cantos tradicionaes populares irradiaram de Castella para os outros estados peninsulares. Elle proprio se refuta, quando observa : «Generalmente fallando, todos estas romances castelhanos e semi-castelhanos colligidos na Catalunha tem paradigmas com a tradição popular das Asturias, de Portugal, da Andaluzia, ou dos Judeus do Levante : costumam coincidir nas mesmas assonancias (embora ás vezes deformadas pelos vocabulos catalães) e appresentam continuamente não só phrases, se não versos inteiros quasi originaes.» *(Ibid.*, p. 250). Hoje já se não trata de indigenismo, mas de riqueza e conservação dos themas em relação ao substratum ethnico commum a dados povos. Transcrevemos a versão dos Judeos do Levante, (em grande parte portuguezes, como reconheceu Menendez y Pelayo) :

Delgadilla

Tres hijas tenia el Rey,
Tres hijas cara de plata;

La mas chiquita de ellas
Delgadilla se llamaba.
Un dia de los dias,
Se assentaron en la mesa.
En comiendo y bebiendo:

«Que me mira, señor padre?
Que me mira que me mata?
—Que te miro, la mi hija?
Que te miro y me enamoro.
No lo quiere ni el Dios ni la gente
Ni la ley santa bendita,
Ser *Comlesa* (manceba) de mi madre
Y madrasta de mis hermanas.
—Remata, Delgadilla,
Remata, pena mala,
Si el Rey de la tierra quiere
Por espada sois pasada.

Allá, em medio del camino,
Que le fraguen un castillo,
Ni puente ni ventana
Para Delgadilla.
Que comida le darian?
Carne cruda bien salada,
Que se muera de sed de agua.
Allá al fin de quince dias,
Al fin de tres semanas,
Un dia por la mañana,
Se asentó en la ventane,
Vido pasar á sus hermanas.

«Hermanas mias queridas,
Hermanas mias amadas,
Deisme un poco de agua
Que de sed y no de hambre
Al Dios vo dar la alma.
—«Vate de aqui, Delgadilla,
Vate de aqui, pena mala,
El Rey tu padre si lo sabe,
Por espada sois passada.

Allá fin de quince dias,
Allá fin de tres semanas,
Un dia por la manañá

Se asentó en la ventana ;
Vido pasar á su padre :

«Padre mio, muy querido,
Padre mio, muy amado,
Deisme un poco de agua,
Que de sed y no de hambre
Al Dios vo dar la alma.
—Remata, Delgadilla,
Remata, pena mala,
Si el reỹ tu padre quiere
Por espada sois pasada.

Allá fin de quince dias,
Allá fin de tres semanas,
Un dia por la mañana
Se assentó en la ventana ;
Vido passar á su madre :

«Madre mia, mi querida,
Madre mia, mi amada,
Deisme un poco de agua,
Que de sed y no de hambre
Al Dios vo dar la alma.
—Presto que le traian agua,
De las aguas destilladas
Para Delgadilla.

Hasta que trujeran la agua,
Delgadilla dió la alma.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. X, p. 324 : Rom. n.º 26.)

No Romanceiro transmontano foram colligidas tres versões, n.º 28, de Maçores, n.º 68, de Vinhaes, e n.º 78, de Carviçaes; em todas se reflecte a sua antiguidade, sendo as que mais se aproximam das versões das Asturias. Na versão de Maçores, o romance começa como o do *Conde Alarcos*, em que a Silvaninha tocava em sua guitarra, quando o pae lhe confessa o bruto desejo. A versão de Vinhaes tem o titulo de *Delgadinha*, como a das Asturias.

—Delgadinha, Delgadinha.,
Delgadinha, la Delgada,
Queres tu, oh Delgadinha ?
Ser a minha namorada ?

«Não permita Deus do céo
De eu ser sua namorada !

Mettera la Delgadinha
Lá n'uma torre fechada ;
A comida que lhe dava
Era sardinha salgada.
A bebida que lhe dava
Era agua de pescada.

(*Rev. lusit.*, vol. IX, p. 303.)

No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 29, intitulado *Margarida*, é este mesmo quadro do desejo incestuoso do pae ; sob n.º 272, traz outro romance abreviado com o titulo de Silvana ; nas variantes E, G e H, chama se *Agadeta*, *Galderina* e *Agarita*.—Pelay Bris, *Cansons de la Terra*, t. IV, pag. 17 : *Filla del rey*. — Tomaseo, *Canti popolari toscani*, t. II, p. 315, vem o começo da Silvana.

Este thema assombroso acha-se já degradado na forma de lenda e de Conto em prosa: Jacob Grimm, *Tradições allemãs*, t. II, p. 218. Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, pag. 41 : *Le Roi qui voulai épsaser sa fille*.— *Raconti del Popolo italiano*, t. I, p. 244 : *Zuccacia*. — *Fiabe, Novelle e Raconti del Popolo italiano*, t. I, p. 381 : *Piluseda*. — *Novellaja fiorentina*, p. 158 : *La Scindirocura*. No *Pentamerone* de Basile, Nov. 2, 3 Jorn.— Nos Rondellayre, t. II, 72 : *Pel d'Ase*.

Garrett tratou litterariamente este thema no poemeto *Sylvaninha*, com muita comprehensão artistica.

O thema do incesto que apparece na sua tremenda monstruosidade moral no bruto desejo do pae pela filha, foi outra vez tratado na tradição popular sob uma nova situação em duas versões oraes de Traz-os-Montes. O incesto passa se com o irmão, como reflexo da lenda biblica de Thamar. Nos dois romances que aqui se incorporam, o irmão incestuoso chama-se D. Basinho (diminutivo de Bueso). Aproximamol-os de uma versão andalusa.

D. Thomazia

(Traz-os-Montes — *Vinhaes*)

Dois filhos tenia o rei,
Ambos lindos como a prata :

O mais novo d'elles todos
Dom Basinho se chamava.
Querendo elle tomar amores
Com sua propria hermana,
Pela não poder vencer
Fez-se doente de cama ;
Madrugou seu pae a vêl-o
N'uma doce manhana.

—Como estás, oh Dom Basinho,
O' filho da minha alma ?
«Que estou muito doentinho !
Doente, sem comer nada.
—Que comeras, Dom Basinho,
Que comeras, que eu t'o *dara ?*
«Comera um guisadinho
Feito por mãos de Thomasia.
Thomasia, que me lo guise,
Thomasia, que me lo traga.
Em companhia de Thomasia
Não venha nenhuma alma.

Lá se vae Dona Thomasia
Por essas salas doiradas,
N'uma mão leva o guisado,
Na outra alvas toalhas.
Pegara no guisadinho
Para traz do leito o botára
Pegara-lhe pela mão,
Em cima do leito a deitara ;
Atara-lhe as suas mãos
Com uma fita encarnada ;
Tapara-lhe a sua bocca
C'um lenço que ella levava ;
Fizera-lhe o que elle quizera
E na cara lhe escarrara.
Justiça de Deus ! justiça
Da terra não vale nada.

(Romanceiro transmontano, n.º 69. Rev. lusit., vol. IX, p. 304.)

D. Estephania

(Traz-os-Montes — *Lousa)*

Um rei tinha tres filhas,
A mais velha se chamava

Dona Estephania;
Seu mano a escolheu
Para ser a sua dama.
Deitou-se sabbado á noite
Até domingo de tarde;
Sua mãe, que lhe tardava,
A' cama o foi procurar.

—Que tens tu, meu filho,
P'ra ainda estares na cama?
«Eu morro de mal d'amores
Pela mana Estephania.
—«Que comerás tu, meu mano,
Que te hei de trazer á cama?
«Um migalho de cabrito
Que tu assasses, Estephania.

Estephania assou o cabrito,
Foi leval-o á cama.

—«Parece que estás maluco,
Não vês que sou tua mana!

Apenas isto ouviu,
Nem o cabrito comeu;
Viu-se coberto de bichos,
Castigo que Deus lhe deu.
Veiu-lhe uma carta do céo
Mandada por Deus *devino*
Que fosse a Roma descalço
Como um pelingrino.
Que bebesse boas aguas
E deixasse bonos vinhos;
Dormisse em cama de tojos
E a cabeceira de espinhos.
Acabou de lêr a carta
E logo o homem morreu,
Não pôde ir cumprir a Roma
O perdão que Deus lhe deu.

(*Romanceiro transmontano*, n.º 2, Rev. lusitana, vol. VIII, p. 72.)

Este romance apparece na tradição popular de Osma, com o titulo de *Altamare*. (Vid. Menendez Pelayo, *Antologia de Poetas liricos*, vol. X, p. 196.):

Altamare

Er rey moro tenia un hijo,
Que Taquíno le yamaban;
S'enamoró de Artamare
Qu' era su querida hermana.
Biendo que no podia ser,
Malito cayó na cama,
Y fué el padre á bisitarlo
Un lunes por la mañana.

—Qué tienes, hijo Taquino,
Qué tienes, hijo del arma?
«Mi padre, una calentura
Que me ha traspasado el arma.
—Quieres que te guise un bicho
D'esos que se crian en casa?
«Guísemelo usté, mi padre,
Que me lo traiga mi hermana.
Y si mi hermana biniere,
Benga sola y sin compaña.

Como era en berano,
L'ha mandado en naguas blancas.
Apenas l'ha bisto entrar,
Como un leon se le abansa;
L'h'agarrado en la mano
Y la echó sobre la cama;
Gosó d'este hermoso lirio
Y d'esta rosa temprana.

—Benga castigo der cielo,
Ya que en la tierra no hayga.
Que castiguen á mi pàdre
Qu' é'r que ha tenido la causa.

Foi publicado este romance por Rodriguez Marin no Boletin Folklorico español; pelo seu titulo vê-se que é o caso de Thamar e do incestuoso irmão. O facto de se encontrar na tradição de Traz-os-Montes, para onde foram deportadas muitas familias judaicas no fim do seculo XV para XVI, revela-nos esse fundo tradicional popular hoje melhor conhecido pelos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante, que eram na sua maior parte portuguezes.

2 — Conde Yano; Conde Alberto; Conde Alves; Silvana; Dona Iria; Conde Alarcos; Conde de Alado; Con-

de Elarte; Conde de Alado; Condc Olario; Conde Algalia — (*Romanceiro*, t. I, p. 486 a 556) E' um dos romances mais tragicos da poesia peninsular, sobre que se formaram melodias que mais o popularisaram. Na *Vida del Picaro*, estancia 6, lê-se :

> Alçar las haldas, e atravesad los charcos
> porque no os chalpiqueis en el camino
> De los que cantan lo del *Conde Alarcos*.

A sua grande popularidade fez com que fosse glosado pelos trovistas e se transformasse na Comedia famosa; o thema heroico appresenta uma degenerescencia burgueza na versão italiana e em uma asturiana.

Qual será a rasão porque este romance é o mais vulgar na tradição portugueza? Será porque tem alguma similhança com o assassinato de Dona Maria Telles pelo Infante Dom João, para casar com a filha da rainha Dona Leonor ? Duran, (*Romance general*, t. II, pag. 219) quando apresenta o romance do Duque de Bragança compara-o com o do *Conde Alarcos*, e crê que o da tradição oral se refere á historia. O romance do *Conde Alarcos* (Duran, n.º 365), foi tirado dos Romanceiros hespanhoes por Balthazar Dias, e por elle glosado, como se vê pelo *Index Espurgatorio* de 1624, que prohibe: «a sua Glosa, com o Romance, que começa: *Retrahida está a Infante*.» (Pag. 98). Na collecção hespanhola é elle mais extenso, d'onde se vê que a versão popular foi d'ali abreviada. É um dos quadros mais completos dos costumes feudaes, e o facto do *emprasamento*, fez suppor a Duran, que será da epoca da Fernando IV, o *Emprasado*. Garrett queria á força dar lhe origem portugueza : «eu me inclino a que o trovador castelhano alargasse a lyra do menestrel portuguez, do que viceversa.» (Rom., t. II, p. 41). Hypothese inadmissivel á vista dos factos apontados. O *Conde Alberto* tem varios nomes nas diversas provincias : no Minho chamam lhe *Conde Albano*, no Porto *Conde Alberto*, na Beira-Baixa *Conde Anardos*, *Dom Duarte*, *Conde Yano*, como colligiu Garrett, e *Conde Alves*, como o obtivemos d'aquella mesma provincia. Na poesia popular da Catalunha é conhecido pelo nome de *Conde Floris*. (Milá y Fontanals, *Observationes sobre la Poesia popular*, p. 20). Ticknor, (*Historia da Litteratura hespanhola*, t. I, p 131, not. 32) considera esta composição jogralesca de Pedro de Riano, «como a composição mais pathetica e bella que se tem escripto.» Guillen de Castro, Mira de Amescua, José Milanes, e Lope de Vega na *Fuerza lastimosa*, aproveitaram se dos lances profundamente dramaticos d'esta creação.

Na versão de Garrett ha o *maravilhoso* de uma criança que falla ao peito da mãe; na versão da Beira-Baixa ha uma quasi semilhança do emprazamento da lição hespanhola, o que a torna mais antiga e mais proxima da sua origem.

A versão açoriana que appresentamos é de Ribeira d'Areia; tem uma originalidade e traços pittorescos não conhecidos. Bem se vê que ali está ainda em elaboração a poesia, por isso que da pequena circumstancia por onde Sylvana começa a accusar o pae, sae esta fusão do romance do *Conde Yano;* tambem as lições da Beira-Baixa e do Porto começam com a abertura do romance da *Sylvana*, o que revela a tendencia que os dois romances têm para se fundirem. O dr. João Teixeira Soares descreve-nos o logar de Ribeira de Areia como: «uma pequena povoação na vertente norte da ilha de Sam Jorge, no extremo do concelho das Vellas a confinar com o da Calheta. E' uma das mais antigas povoações da ilha. E' notavel a elaboração que ali soffre a poesia popular. As mais das vezes, porém, os romances apparecem obliterados e confundidos, outros, com uma completa modificação na idêa ou na fórma. D'este ponto resultaram para a presente collecção versões e variantes curiosas, como v. deve de ter advertido. Muitas vezes tivemos de desprezar as versões pela sua grande adulteração. Ainda que receiamos a rejeição da nossa versão do *Conde Yano*, sempre a offerecemos em prova do que dizemos.» Recebemos mais tres versões do *Conde Yano*, bellas e antigas, mas tão conformes com a lição da Beira-Baixa, que as rejeitámos por isso. Basta-nos esta advertencia para as supprir. A versão de Ribeira d'Areia é superior a todas as que temos colligido. Diz mais o nosso digno collector: «*Conde Yano* é a denominação mais geral d'este romance aqui. Em Rosaes chamam-lhe *Conde Delpho*, e *Conde Dalvos* na Ribeira de Nabo.»

O *Conde Yano*, na collecção dos *Romances asturianos* de Amador de los Rios, é o n.º XXXVI; diz elle que nas regiões orientaes da Peninsula se chama *El Conde Flores. (Hist. crit., de la Litteratura espanola*, p. 454.

Na versão de Vinhaes o *Conde Alarcos* é chamado Conde de Allemanha; a versão transmontana dá uma certa logica á morte imposta pelo rei:

Conde de Allemanha

(TRAZ-OS-MONTES — *Vinhaes)*

«Casae-me, meu pae, casae-me,
A edade me requeria;

Pois as outras do meu tempo
Homem e filhos já tinham.
—Pois n'esta terra não ha
Homem de tanta valia.
«Pois esse Conde de Allemanha
Muito bem me serviria.
—Mas esse Conde de Allemanha
Filhos e mulher já tinha.
«Mandae-m'o chamar, meu pae,
Para vir jantar um dia.

Inda no meio do jantar,
A princeza se sorrira :

«Não te lembras tu, oh Conde,
Dos brinquinhos de algum dia ?
—Conde ! matae a Condessa,
Casae com a minha filha.
—«Como a heide matar,
Se a morte m'a não merecia ?
—Se tu isso não fizeres
A vida te custaria.

Fôra o Conde para casa
Mui triste de sua vida ;
Pozeram-lhe de comer,
Com a pena não comia,
Com as lagrimas nos olhos,
Onde a voz amollecia.

=O que me dás de tristezas
Podes dar de alegrias.
—«Como t'as daria eu,
Esposa da minha vida !
El Rei manda que te mate,
Eu que lhe case co'a filha.
=Esse ladrão d'esse rei
Rixas traz com gente minha ;
Já mandou matar meu pae
E a um hermano que eu tinha.

Deu uma volta á sala
E voltou pela cosinha :

=Adeus, môças ; adeus, aias,
A quem eu tanto queria !

Mandae chamar um barbeiro,
Que me abra uma sangria,
Para me estinhar o sangue
Antes que amanheça o dia.
Anda cá, oh meu menino,
Mama o leite da amargura;
A'manhã já estarei morta,
Já me levam á sepultura.

Caiu uma carta do céo
Por Deus fôra escrevida:
O rei já era morto
E a princeza sua filha.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 66. Rev. lusit., t. IX, p. 302.)

Na versão de Poiares (Ib., n.º 100), allude-se á morte pela sangria:

—Dá-me uma sangria solta
Ao uso da fidalguia.
—Como isso poderá ser,
Sendo tu condeza minha?
... .
Dobram os sinos em Braga,
Ai Jesus! quem morreria?
Morreu o ladrão do rei
E a Infanta sua filha!
Disse logo o Conde Alvar:

—Tape-se essa sangria;
Que em comendo gallinha
Logo se o sangue cria.

Agora a versão asturiana, como base da comparação:

La Infantina

La Infantina está muy mala,
Llena de melanconia,
Con el Conde d'Mayorguia.

—Cuando yo te quis casar
Con el Conde d'Mayorguia,
Fuisteme decir que aun eras
Para maridar muy niña.
Agora casarte quieres;
Ningun de tu igual habia.

«Cáseme, padre, el mi padre,
Pues que tengo mucha prisa ;
Que otras fembras de mi tiempo
Mantienen casa é familia.
Mándele á llamar, mi padre,
A' comer de medio dia ;
A' los manteles alzados
Dirále de parte mia,
Que mate la su mujer
E' case con la Infantina.

Mandóle á llamar elRey
Con un page que ende abia.

—«Qué me queria el buen Rey,
El buen Rey, qué me queria...?
—Que mates á tu mujer
E' cases con la Infantina.
—«Como he de matar yo, elRey,
A' quien tanto me queria ?...
—Mata la tu mujer, Conde,
Sino, yo te mataria.

Salio el Conde de palacio
Con mas pesar que alegria.
Su mujer está á la puerta,
Que una estrella parecia.

«—Qué te queria el buen Rey,
El buen Rey que te queria ?
—«Lo que me quiere el buen Rey
A' ti no te placeria.
Mandame que te dé muerte,
E' case con la Infantina.
«—Como hasde matar tú, Conde,
A' quien tanto te queria ?
—«Está la sentencia dada,
Será la tuya ó la mia.
«—Para ser la tuya, Conde,
Mi muerte pertenescia.
Envíárasme á largas tierras
Que padre y madre tenia ;
Los camisones de Holanda
De allá te los mandaria ;
Yo te amara, Conde amigo
Como siempre te queria ;

Yo te amara, Conde amigo
Mejor que la vernia.
—«Callades, mujer, callades,
Callades per la mi vida ;
Que la sentencia está dada
E' no me pertenescia.
«—Dexedesme decir, Conde,
Una oracion que sabia.
—«Si la oracion es mui larga,
Que logo se acabaria.

Fize oracion la cuitada,
Fize su oracion bendita.
El Conde le echó un pañuelo,
Lo apretó cuanto podia ;
Con el fervor de la sangre
Estas palabras decia :

—«Válgame el Rey de los cielos,
Gloriosa Santa Maria !

Non dixera estas palabras
El page del Rey venia :

=Non mates la mujer, Conde,
Que ya murió la Infantina.

(Menendez Pidal, *Romances asturianos*, n.º XLVIII, p. 185).

No *Romancerillo catalã*, de Milá y Fontanels, n.º 237 *Cruel Infanta ;* Primavera y Flor de Romances, n.º 260. (Ed. Menendez Pelayo.

Com o titulo de *La Aldeana,* apparece este mesmo thema tratado por uma nova forma : não é a filha do Rei que exige a morte da mulher do Conde, é a propria rainha com ciumes. O final do quadro é de aspecto tragico inexcedivel

—La Aldeana mata, Conde,
Conde, mata la Aldeana.
«No la mataré yo tal,
Sin saber muy bien la causa !
—Toda mi vida por ella
Vivo yo muy mal casada.

Entre estas palabras y otras
El Conde fuese á su casa.

«Ven acá, perra traidora,
Hoy pagarás tu disfama;
Y antes del amanecer
Hasde morir degollada,
Que elRey asi lo mandó,
Y hay que cumplir lo que manda.
—«Si causa tuviere elRey,
Lo que mandó, que se faga.

De tres hijas que tenia
Llamara la mas galana.

=Qué me quiere, madre mia,
Qué me quiere é que me manda?
—«Quiérote, hija de mis penas,
Que me fagas la mortaja;
Que antes del amanecer,
He de morir degollada.
Quitarásme la cabeza,
Preste tú irás á apañarla,
Y entre dos fuentes de oro
Al Rey habrás de entregárl'a.

Estando el buen Rey comiendo
La niña al palecio entraba:

=Buenos dias, el buen Rey.
—Bien venida, hija galana,
=Vengo á traer esta trucha
Que mi madre le enviaba.
—La Reina hallarála dulce,
Para mi es triste y amarga!

La Aldeana murió de noche,
La Reyna por la mañana.

(*Ib.*, n.º XLIX, p. 188.)

Este extraordinario processo de transformação de um thema poetico apparece tambem na tradição popular italiana. Nos *Canti popolari del Piemonte*, publicou o conde Nigra, *La fillia del Re*, (p. 71) que elle compara com as versões castelhana, portugueza, gallega e catalã; o quadro italiano é laconico: a filha do rei quer desposar-se com o homem casado, que tem sua mulher e filhos na Hollanda; o cavalleiro chega a casa e refere as novas que não são boas para elle nem para ella. Separam-se então, e elle fica com o filho mais velho e a mulher com o mais moço e termina:

Che grossa dispartita
Ch'a sará antro nui dui!
Che gran malinconia
Che j'avran mai nui.

3. Helena; Olindinha; Dom Beço; D. Pedro; D. Bruno; Flor Dia; Albuela—*(Romanceiro*, vol. I, p. 556 a 584.) E' a narrativa da sogra malvada, que promove a morte da sua nora desditosa provocando a brutalidade do marido: este thema pertence ao fundo tradicional lusitaníco, encontrando-se paradigmas nas Asturias e Galliza, Traz os Montes, Beira Baixa e Algarve, Açores e Brasil. O thema da má sogra tem um outro desenvolvimento no Algarve e Brasil, em que a sogra se mostra indifferente e crúa, quando a nóra está nas angustias mortaes do parto. Escreve D. Carolina Michaëlis nos Estudos sobre o Romanceiro peninsular:

«Ha na peninsula quatro grupos de romances, originalmente diversos — cada um com variadissimas versões, em differentes dialectos — em que uma mulher (dona ou donzella) padece tormentos sem os merecer. Todos os quatro têm a mesma assonancia grave, (em *ia* relativamente moderna.) São: 1.º *D. Silvana*, infeliz pela culpa de um pae desnaturado; 2.º *D. Helena*, morta por causa da traição da má sogra; 3.º a mulher do *Conde Yano* (Solisa, Silvela e Silvana) desgraçada pela antiga amante do marido; 4.º *D. Bernarda*, a menos popular das quatro, cujo nome por isso não varía, e que soffre por não consentir na deshonra da propria mãe, a amante do *Conde de Allemanha*. A vivissima, mas mal disciplinada phantasia do povo, confunde, mistura e amalgâma estas quatro figuras, martyres da sua honra; tanto os nomes proprios das heroinas, como os preludios que prendem as quatro tragedias, e muitos traços pequenos, são hoje propriedade commum dos quatro cyclos, demonstrando claramente a tendencia popular (inconsciente) de fundir em uma só tragedia de horrores todas as quatro (principalmente as tres primeiras.)» *(Rev. lusit.*, t. II, p. 234) No Romanceiro transmontano encontram-se colligidas duas versões, com grande côr de antiguidade, mas sem situações differentes das aqui comprehendidas, por isso não as incorporamos. A versão divergente, que se encontra no Algarve e Brasil *(Flor do Dia)* apparece na tradição de Traz os Montes, na mesma fórma da redondilha menor com o titulo de *Branca flor*. (Romanceiro transmontano, n.º 19; Rev. lusit., vol VIII.) D. Carolina Michaëlis publicou outra versão com o titulo *A má sogra*, que os pastores de Urros, em Traz os-Montes «cantam acompanhando-a

com a sua flauta,» onde a ouvira cantar em 1887 com o titulo de *Quadras da Branca rosa*. Na *Revista lusitana*, t. II, p. 238, transcreve a *Brancarosa*, em que os versos são completados por transições em prosa, e com o syncretismo dos romances de Santa Iria, causado pela similaridade da metrica. Começa:

—Vae-te d'ahi, amor,
Vae-te a passear.
«Como heide ir, triste
Coração e deixar te?

O Romance *Helena*, versão do Viminoso, (n.º 97, *Rev. Lusit.* IX, p. 319) acaba pela confissão da desditosa, ficando incompleta:

Lá no meio do caminho
Helena dera um ai.

—Por que suspiras, Helena,
Por que dás tão grandes ais?
«Repara para o meu cavallo
Se queres vêr como elle vae?
Toda alagado em sangue
Que d'este meu corpo sae.
Leva-me áquella ermida,
Que me quero confessar.
—N'aquelle ermida, Helena,
Nem confessor lá ha;
Confessa-te a mim, Helena,
Que Deus te hade perdoar,
D'esses pecados maiores,
Dos outros não ha vagar.
A quem deixas o teu fato,
Que hagas tu te tragar?
«A' minha irmá mais velha,
Que bem lhe hade pintar.
—A quem deixas o teu ouro
Que deixas tu de trazer?
A' minha irmá mais nova,
Que bem lhe hade parecer.

O romance a.º 49, de Baçal, tem o titulo de *Romance de Segada*, trata este mesmo thema; ha o maravilhoso: (*Rev. Lusit.*, IX, p. 293):

O menino de tres dias
Começou a fallar:

—A mim chamem Umbeiino,
Eu ainda estou por baptizar.

Transcrevemos aqui uma das versões das Asturias, para base da comparação com as numerosas variantes d'este tema pathetico:

Dona Arbola

Estándose Dona Arbola
Sentadita en su portal,
Guya d'oro, dedal : 'oro
Cosia en un cabezal.
Entre puntada e puntada
Dolor de parto le dá;
Sus manos blancas retuercen,
Sus anillos quieren quebrar.

—Oh palacios, los palacios,
Palacios del Valledal;
El Rei mi padre vos fizo,
Quien fuera parir allá!

Alli llegara la suegra,
(Mas valera não llegar):

«Tu que tienes, Arbolita,
Que así no solías estar?
Doña Arbola, quieres parir?
Vé parir al Valledal;
Allí tienes padre y madre
Que de tí se dolerán;
Allí tienes tus hermanas,
Que al niño bautizarán.
—Y si mi Don Marcos viene,
Quién le dará de cenar?
«Yo le daré del mi vino,
Yo le daré de mi pan;
De la caza que él trajese
Mandaréte la mitad;
De la perdiz algo menos,
De la paloma algo más.

A eso dé la media noche,
Da Don Marcos en portal.

—«Dónde está mi espejo, madre,
Donde me puedo espejar?

«Qué espejo quieres, mi hijo,
El d'oro ó el de cristal?
Si quieres el d'azabache
Tambien lo he de irte á buscar.
—«No quiero, madre, el de oro,
Nin tampoco el de cristal,
Nin tampoco el d'azabache,
Non me lo vaya buscar.
Dónde es mi esposa Arbola,
Que es mi espejo natural?
«A tu esposa doña Arbola
En fuego deben quemar;
Dolor de parto sintiera,
Fué parir al Valledai.
A mi tratóme de p...,
A ti de hijo de rufian.

—

—«Ensilla el caballo, mozo,
Que la quieto dir buscar.

Sin detenerse un momento
Fuese para el Valledal.
Siete vueltas dió al palacio
Sin hallar por donde entrar;
El viejo padre de Arbola
Asomóse á un ventanal.

«—Albricias vos doy, Don Marcos,
Que un hijo varon tien yá.
—«Tenga varon, tenga hembra,
Que se baje para acá;
Y si á mandar se le vuelvo
Hade ser con mi puñal.
«—Si muere por el camino,
Tú ante Dios responderás.

Arbola desde que lo oyera
De la celda donde está,
Besando al recienacido,
Comenzára a suspirar.
Sin detenerse un momento
Bajóse luego al portal:
La cogiera entre sus brazos,
Tiróla encima el ruan.
Siete leguas anduvieron
En sin palabras hablar.

—«Por qué no me hablas, Arbola,
Como me solias hablar ?
—Como quieres que yo t'hable
Si no puedo respirar !
Mujer parida de una hora,
Cómo podrá caminar ?
Mira estos montes de Cristo
Colorados como estan ;
Las crinas de tu caballo
Bañadas en sangre van ;
La silla de tu caballo
Semeja un fino coral.

Entre estas palabras y otras,
A' una ermita van llegar.

—Bájame aqui, Don Marcos,
Que me quiero encomendar
Este niño que aqui llevo
Me lo dereis á criar !
No lo deis a vuestra madre,
Que ella me lo ha de matar ;
A' mi madre lo dareis;
Ella bien lo criará.
Por Dios vos pido. ermitaño,
Que me querais confesar.

Desde que la confesion fué dicha
El alma quiso entregar.
Desprende el niño los labios,
Por gracia que Dios le dá :

—Mi madre vá pa los cielos,
Yo voy á la oscuridad ;
A' mi agüela en los infiernos
Los diabos la quemarán ;
Mi padre, si non se enmienda,
No se sabe dónde irá

(*Romances asturianos*, n.º xxxv, p. 148, de Menendez Pidal.)

A variante asturiana *Marbella*, n.º xxxv, é mais violenta nos seus traços, mas menos bella ; Amador de los Rios colligira outra versão com o tltulo *Arbola* (*Hist. da Litt. esp.*, t. vii, p. 447). Don Joaquin Costa colligiu en Pirineo d'Aragão uma lição que se intitula *Carmona*, e se canta como *Albata* ou

Alvorada. (El Folk-Lore andaluz, p. 76.) E' tambem cantado o romance colligido em Alcalá del Rio, (ib., p. 40.) na Andaluzia, que pertence ao substratum luso No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, o n.º 243: *La mala suegra.* Nas *Cansons de la Tierra*, de Pelay Briz, t. II, p. 39, com este thema: *Don Juan.*

Ha uma referencia na *Arte de Galanteria*, de D. Francisco de Portugal, p. 85, ed. 1670.

Nos *Romances tradicionaes de Asturias*, N.º 31 *D. Arbola*; n.º 32 *Marbella.* D'elle escreve Menendez Pelayo:

«No se encuentra en las antiguas colecciones castellanas, pero es de los que mas abundan en la tradicion oral de varias provincias.» *(Antologia*, t. x, p. 97.)

Andaluzia e Extremadura: *Carmela*, n.º 23 (p. 191.); *Id.*, p. 221; id., *Doña Arbola*, p. 226, Nos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante vem duas versões com o titulo de *Miralbella*, (Menendez Pelayo, *Ant.*, vol. x, p. 313.)

4. Dona Anna; Alferes matador; Rei Traquilha; D. Branca; Flor-Bella; Pobre Viuva—*(Romanceiro*, t. I, p. 590 a 603.) E' grande a diffusão d'este thema da donzella raptada, e que se deixa matar para salvar a sua honra. Existem versões bellas nos grandes centros tradicionaes de Traz-os-Montes, Beira Baixa e Açores; acha-se nas collecções folkaloricas de França e da Italia e Hespanha, interessando-nos principalmente as versões das Asturias, pelo seu fundo ethnico. No *Romanceiro transmontano*, n.º 24 *(Revista lusit.*, vol. IX) vem uma lição com o titulo de *D. Anna.* Este thema tende a syncretisar-se com o do *Rico Franco* e o da *Romeira.* O mesmo phenomeno se dá com a lição asturiana, *La hija de la viudina (Viejos Romances*, n.º XLII, p. 172, de Menendez Pidal.) Transcrevemos a parte especial do thema:

Paseábase la Viudina
Con dos fijas que ende habia;
Por la mano las llevaba,
Por la mano las traía;
Por la mano las llevaba
A' la fuente del agua fria;
Mas relucientes que estrellas,
Como las rosas garridas.
Vierónlas dos caballeros,
E' muy bien les parecian.
Ya se acercan, ya se llegan
E' por el camin decian:

—Cual será la más fermosa ?
Cual hade ser la más linda ?
«La de morado es bella,
Es bella, por vida mia.
—La que viste colorado
Mejor denaire tenia.
«Deixemos esta querella,
Que ya se fenesce el dia.
Venir, que vino, la noche
Fueron en cas la Viudina ;
Rezando estaba el rosairo,
Como costumbre tenia.

—Viudina, (ambos le dixeron)
D'onde estan las tus dos figas ?
—«Mis figas, los caballeros,
Fueron en una visita.

A una voz ambos responden :

—Miente, miente la Viudina ;
Que sus fijas son en casa
Eso bien yo lo sabia.
Encendamos una luz,
Que yo so las buscaria ;
Encendamos una luz,
Veredes vuestra mentira.

Con el ruido que ficieron,
Despertara la mas linda :

=Dexedesme, caballeros,
Si lo sois en cortezia ;
Deixedesme vestir sola
La mi morada basquiña.
«Vestir podés, la señora,
Esa, é quantas más habia ;
Vestir podés fasta cuatro,
E' fasta las cinco ansima.

Ya se viste, ya se viste,
Ya sus sayas se vestia :
Y al salir por la su puerta
Estas palabras decia :

=Adios, quedad, la mi madre,
Adios, hermana querida ;

Que ya non tornaré á veros
En los dias de mi vida.

Fuèronse por essos montes,
Fueron por una montiña;
En un robledal fincaban,
E' de amor la requerian.
E' maguer que estaba sola
Su honor defiende la niña.
.....

N'esta defeza é que o thema se assimila com o do *Rico Franco* e com o da *Romeira*, ou melhor, continnando as tres versões da *Vengança de honor* n.os XXXIX a XLI. O Conde Nigra nos *Canti populare del Piemonte*, p. 309, traz este mesmo thema em um pequeno romance, *L'onore salvato*, em que a donzella regressa á casa paterna com a sua honra salva. No pequeno estudo com que o acompanha cita numerosos paradigmas, em Ferraro, *Canti popolari Monferrini*, n.º 51 : *La Risuscitata*, Marcoaldi, *Canti popolari ineditì*, p. 162. D'Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, I, p 143 *Los trois Capitaines*. Champfleury, *Chansons popul. des Provinces de France*, p. 95.— Boujaud, *Chants populaires de l'Ouest*, t. II, p. 174 : *Dessous le rosier blanc*. Caho *Bayone*, t. I, p, 174, versão do paiz basco ; e Decombe, *Chants populaires de l'Ille et-Vilaine*, (Bretanha) I. 84.— Child estabeleceu as relações d'este thema com a poesia popular anglo-saxonica prefaciando a ballada *The gay geshawk. (The english and scottish popular Ballads*, t. III, 174.)

Gerard Nerval (Bohéme galante, pag. 71) traz uma canção bourbonesa, *La jolie Fille de la Garde*, tambem conhecida na Picardia. No Pays Messin foi colligida uma outra versã : por M. de Puymaigre (*Vieux Auteurs Castil.*, t. II, p. 478)o

Au chateau de Baufort y avait trois belles filles,
Elles sont belles, belles comme le jour ;
Trois de nos capitaines leur vont faire l'amour.
.. ..
Le plus jeune des trois, celui qui la courtise,
A mis la belle sur son cheval grison,
Puis ils l'ont emmenée droit à la garnison.

Deux ou trois jours après, la belle est tombée morte,
Sonnez, trompette, et le tambour joli :
Voilà la belle morte sans en avoir joui.

Il faut enterrer dans l'jardin de son père ;
Au dessus de sa tombe on mettra par ècrit :
=Voilá la belle morte sans en avoir joui.

Deux, ou trois jours après, le père qui se promène
A vu le tombeau frais... «Mon pèr'si vous m'aimez,
Faites ouvrir la tombe :
J'ai fait trois jours la morte pour mon honneur garder.

D. Anna

(Versão de Traz-os-Montes — *Maçôres)*

N'aquella Villa Viçosa
Entrou a cavallaria ;
Foi por uma rua abaixo,
E virou por outra acima.
Viu-se estar n'uma *jinella*
Duas meninas *mun* lindas.
Disse o tenente p'r'o Alferes :

—Qual d'ellas é a mais linda ?
«Oh, aquella de azul claro
Essa é uma maravilha !
—Heide-la roubar a noite,
Antes que me custe a vida !

Com vinte e cinco soldados
Foi p'ra sua companhia ;
E á meia noite em ponto
O tenente á porta batia.

—«Oh, quem bate a minha porta,
Olhe que inda *num* é de dia !
—Num é comsigo, Dona Anna,
Mas é com a sua filha.
—«Minha filha *num* está cá,
Foi a dormir com a tia.

Entrou pela porta a dentro
Sem nenhuma cortezia !
Sete salas descobriram
Sem acharem a menina ;
Chegaram ó aposento
Onde ella estava dormida.
Levantou se a mãe da cama
A dar conselhos á filha :

—«Oh filha, faze pela honra,
Que eu tambem fiz pela minha.

A desgraçada Dona Anna
Em lagrimas *le dezia:*
=Honra as barbas de meu pae,
Que a minha já vae perdida!

A' sahida do palacio
O tenente *le précurava:*

—Lá em casa de seus paes
Como elle se chamava?
=Em casa de meus paes,
Chamava-se-me fidalga,
Agora por esses mundos
Serei infeliz, desgraçada!

Inda lá mais adiante
O tenente *le précurava;*

—Em casa de seus paes
Como ella era tratada?
=Em casa de meus paes
Comia gallinha assada,
Agora por esses mundos
Comerei sardinha salgada.

Inda lá mais para diante
O tenente a accomettia;
E ella como discreta
Respondeu-le que *num* queria.
Puchou por um punhal de ouro,
Que o cavalleiro trazia;
Meteu-l'o por um lado
E ó coração le sahia.
Pegou n'ella em seus braços,
E á sua mãe *luvou* á filha;
E assim fallou á Dona Anna
Para maior tyrannia:

—Oh Dona Anna, oh Dona Anna,
Eis aqui a tua filha,
Honrada e virtuosa,
Mum bem *le* custou a vida.
—«Justiça do céo, valei-me,
Que na terra nem n'a havia,

P'ra matar o cavalleiro
Que matou a minha filha.

(Romanceiro transmontano, n.º 24. Ib., p. 277.)

5. Guimar; Dom João; D. Agueda de Medina; Pomba sem fel; D. Maria — *(Romanceiro*, vol. I, p. 603 a 625.) O thema é um amor contrariado pela familia da namorada: diversas peripecias se appresentam, em que a menina succumbe e resuscita na volta do amante, ou escapa da doença mortal e tudo termina em bem; em outras situações ha conflicto entre rivaes, ou o perdão concedido pelo rei á filha inabalavel no seu amor. A versão de *Guimar* encontra no Romancerillo catalan, de Milá y Fontanals, n.º 249, um simile intitulado *La amante resuscitada*. Ahi apparecem os mesmos nomes D. João e D. Maria, e termina quasi com os mesmos versos:

Que dè la mano a Don Juan
Que muy béen lo merecia.

Nos *Cantos populares de Italia*, de Caselli, p. 204 e 207, encontram-se dois romances com grande analogia ao nosso, excepto no final, em que o desenlace não se dá pelo milagre. Eis a versão piemontesa em facil tradução:

N'esta terra ha um mancebo
Que pretendia casar;
Foi pedir a conversada
E não lh'a quizeram dar.
Ficou com esta recusa
Tão afflicto e amargurado,
Que disse adeus aos amigos
E foi fazer-se soldado.
Recebeu carta depois
De pouco tempo passado;
Uma carta bem fechada
Em que lhe era declarado:

=A tua querida amante
Está de cama a morrer.

Foi-se ter com o capitão,
Aos pés d'elle se foi ter:

«Capitão, por vossa alma,
A baixa me concedei.

O Capitão lhe pergunta:

—O que queres tu fazer ?
«Quero ir vêr a minha amada,
Que está de cama a morrer.

Já vinha perto da terra,
Ouviu os sinos tocar.
Tocam sinos n'um enterro ;
O defunto quem será ?
Ao entrar na sua terra
Foi quando ouviu o resar ;
Era o esquife da amante
Que levavam a enterrar.
Mette esporas ao cavallo,
Torna outra vez para traz :

«Morreu-me o meu coração,
Vou ser outra vez soldado;
Adeus, pae, e adeus, mãe,
Tambem d'ella e seus parentes,
Se me dessem vossa filha
Estariam mais contentes.

Ferraro, nos *Canti populari monferrini*, n.º 39, traz uma ballada *Amore sfortunato*. O thema da amante perseguida apparece na lenda da *Bella Isanberge*, filha de um rei de França, que a tem preza para pôr fim a esse amor ; ella finge-se morta, é levada para a egreja e o amante rapta-a ; impressa esta lenda em 1600, foi reproduzida depois por Rathery no Monitor de Agosto de 1853. Este caso é tambem referido a Mademoiselle de Tournon, nas Memorias de Marguerite de Valois. O Conde de Nigra, nos *Canti popolari de Piemonte*, pag. 278, annotando o romance *Amore costante*, cita o trabalho de Child, sobre este thema, prefaciando a ballada *The gay goshawk (Op. cit.*, IV, 355) ; tambem Liebrecht estudou o thema universal, no *Zur Volkskunde*, p. 54 e seg.

Na poesia popular da Ilha da Madeira o quadro particularisou-se a uma lenda genealogica ; na tradição da ilha de San Jorge (Açôres) a filha do rei, em vez de ser metida em uma torre, como no romance do *Duc Luys* (Ap. Gerard de Nerval, *La Boheme galante*, p. 70) é metida em um navio abandonado ao fluxo do mar. Encontra-se este lance do Romance *Dona Maria*, nas tradições dos Hunnos, passando-se com a encantadora *Atlmely*, filha do rei Attila. (Am Thierry, *Legende d'Atilla*, p. 531 Rev. des Deux Mondes, 1 º Agosto, 1855.)— No *Gwerziou-Breiz-izel*, t. I, p. 161, Santo Honorato é tambem lançado ao mar em um tonel. N'estes dois themas

da douzella perseguida, dá se o syncretismo de uma situação de *Bernal francez*, quando vae vêr a amante morta, e da *Sylvaninha* mettida pelo pae na torre; são como neoplasias renovando a vitalidade da tradição proxima a apagar-se. O facto de metter a princeza em uma náo:

Deitaram-na n'esses mares,
Sem velas nem remaria,
Dona Maria foi n'ella
Só sem a mais companhia;

não é um capricho da imaginação popular, mas uma reminiscencia da antiga penalidade heroica.

O genio ligurico do povo portuguez revela se n'este romance; a aventura maritima inspirou-o ao povo das ilhas dos Açôres. Não se encontra, até hoje, em collecção alguma. Parece uma tradição dos claustros bretões, quando Barontus, Kadoc e San Brendan se deixavam perder pelo Oceano, entregues ao fluxo das aguas, envelados na admiração do espectaculo da natureza. A leitura d'este romance confirma o principio de Grimm, que *o povo não mente na sua poesia*. Ha aqui um resto do antigo symbolismo juridico dos povos britonicos. O rei, vendo que sua filha amava um capitão, mandou lançal-a ao mar em um navio sem leme e sem piloto. Junto do lago de Grandlieu, o tribunal, a quem pertencia alta, media e baixa justiça, era assente em um barco afastado da terra duzentos passos. (1) Em Athenas havia um tribunal, no porto do Pireu, á borda do mar, para julgar aquelles que, tendo sido condemnados ao desterro, eram accusados de homicidio. O réo estava dentro de uma barca a alguma distancia. e d'ali se defendia, sem lhe consetirem que tocasse na praia; provado o seu crime era desamparado á mercê dos ventos e das ondas, sem remos e sem leme: «Erat vero judicium in mari; et reum quidem adnavigantem, terram non attingentem, e navi causam dicere opportebat, neque scalam, neque anchoram in terram injicientem.» (Pollux, *in Phreatt*, apud Chassan, loc. cit., p. LXXXI, aonde cita: Demosthenes, *in Isocratem;* Meursius, *Areopag.* c. XI, e Robinson, *Ant. grecque*, trad. t. I, p. 170, 282. (2)

(1) Mem. da Acad. Celtica, t. V, p. 145; apud Chassan, *Symbolique du Droit*, p. LXXX.

(2) Na Edade média, a litteratura grega era conhecida dos romancistas e troveiros. Diz Ritson: «Nothing seems more probable than that the composeers of romance were wel acquainted with the ancient greck and latin poets.» Du Mé-

Nos *Cantos populares da Grecia moderna* encontram-se aventuras maritmas inspiradas pelo mesmo genio que dictou o romance açoriano; porém na legenda de *Edward* se lê: (1)

=Oh! eu matei meu pae,
Desgraçado de mim!
«Que pena terás tu d'isso,
Dil-o meu caro filho.
=Hei embarcar u'um navio,
Minha mãe, madre minha,
Heide ir em um navio
Por esse mar perdido.

Na *Historia do Direito portuguez* provamos á evidencia a origem germanica dos nossos Foraes; these exposta e demonstrada muito antes de nós por Muñoz y Romero, e por isso muitos vestigios da poesia gotica existem nos romances populares portuguezes. Michelet, nas *Origines du Droit français* (p. 401) traz a seguinte lei do Norte: «Se alguem for convencido de traição, metam-no em um navio, e aguardem-no na praia até que o vento ou os remos o façam perder de vista. Logo que esteja bem longe para ser engulido pelas vagas, toquem as trombetas, e gritem tres vezes: — Fuão perdeu os direitos da antiga alliança. «(Vid. Du Cange, *Gloss.* vb.° *Abjuratio terrae.)*

Esta verdade, torna a nossa these mais evidente vendo as analogias profundas que existem entre os *costumes* legalisados nas cartas de Floral e as allusões, hoje sem sentido, conservadas nos romances:

A penalidade heroica do *banido*, vestigio germanico dos nossos Foraes, está lembrada nos romances de *Joãosinho* e *Flores e Ventos*. O tribunal sobre o mar, como se encontra na legislação grega, britonica e germanica, apparece na acção do romance de *Maria*. O *malado*, estado das classes servas da Peninsula, tantas vezes citado nos documentos do seculo XII e XIII, ainda entretece o enredo da ficção lindissima da *Filha do Rei de França*. No romance da *Condessa*, a mãe do pagem vem vingar a morte do filho com a mesma audacia da Bruhnild dos *Niebelugen*. No *Gerinaldo*, Carlos Magno deixa o o seu punhal mettido entre a filha e o amante, com o mesmo rigor do velho symbolismo germanico; depois, quando lhe per-

---

ril, na introd. do poema de *Blanceflor*, p. cvij, not. 2, modifica a proposição, mas não a rejeita.

(1) Percy, *Reliques of ancient poetry*, t. I, pag. 60.

dôa, senta-o comsigo *á meza*, como o maior signal dá egualdade nos tempos feudaes. No romance de *Sylvana*, o velho barão, pae da menina, deixa-a *desherdada* segundo o custume do direito germanico; é á mãe que fica recommendada; na *Donzella guerreira*, o barão feudatario não póde, já cansado pela velhice, accudir ao *applido* do monarcha, e a filha mais velha offerece-se para ir sustentar o seu nome. A negação de dar pousada ao cavalleiro em casa do burguez, segundo os Foraes de Santarem e Coimbra, vem citada no romance de *Santa Iria:* a pena de fogo para o adulterio e para a deshonra da mulher nobre forma a acção do *Dom Claros d'Além mar*. O *cabello atadó* symbolo da submissão marital, lá se vae repetindo nas cantigas, apesar de terem passados seis seculos por sobre esse uso.

Todos estes factos eram comtemporaneos na imaginação do povo, quando elle se sentiu impressionado e começou a lançar aos ventos as primeiras estrophes da epopêa dos tempos modernos; o pove, como diz Jacob Grimm, repete os cantos como lh'os trasmittiram, sem saber porque, mas com um respeito profunda.

Consignamos aqui a versão das Asturias para a comparação do estado do thema tradicional na reminiscencia portugueza:

Doña Angela

Allá en tierras de Leon,
Una viudina vivia;
Esta tal tenia una hija
Mas guapa que ser podia.
La niña ha dado palabra
A' aquel Don Juan de Castilla;
La madre la tiene mandada
A un mercader que venía,
Que es muy rico y poderoso...
Y mal se la quitaria.
El Don Juan desque lo supo,
Para las Indias camina;
Allá estuvo siete años.
Siete años menos un dia,
Para ver si la olvidaba,
Y olvidarla no podia.
Al cabo de los siete años,
Para la España venia,
Y fuese la calle abajo
Donde la niña vivia:

Encontró puertas cerradas,
Balcones de plata fina;
Y arrimárase á una reja
Por ver si allí la veía.
Vió una señora de luto,
Toda de luto vestida.

—Por quién trae luto, mi prenda,
Por quién trae luto, mi vida?
»Tráigolo por Doña Angela,
Que a Doña Angela servia;
Con los paños de la boda
Enterraran á la niña.

Fuérase para la iglesia
Más triste que no podia;
Encontróse al ermitaño
Que toca el Ave-Maria.

—Dígame do está enterrada
Angela, la mi vida?
—«Doña Angela está enterrada
Frente á la Virgen Maria.
—Ayúdeme á alzar la tumba,
Que yó solo non podia.
Quitaron los dos la tumba,
Que es una gran maravilla,
Y debajo della estaba
Como el sol quando salia;
Los dientes de la su boca
Cristal fino parecian.
Por tres veces la llamaba,
Todas tres les respondia:

—Si es Don Juan el que me llama,
Presto me levantaria;
Si es Don Pedro el que me llama,
Levántarme no podria.
—Don Juan es el que te llama,
Levántate, vida mia;
Don Juan es el que te llama,
El que tanto te queria.

Levantóse Doña Angela
....
Y dió la mano a Don Juan.

=Este ha ser mi compañia,
Que no me quiso olvidar
Nin de muerta nin de viva.

Tomóla Don Juan en brazos,
Mas alegre que podia;
En un ruan la montara,
Y echa andar la plaza arriba.
Encontró con el marido
Galan que la pretendia.

»—Deja esa rosa, Don Juan,
Que esa rosa era la mia.

Armaron los dos un pleito,
Un pleito de chancelia,
E echaron cartas á Roma,
No tardaron mas que un dia:
Las cartas vienen diciendo,
Que Don Juan lleve la niña.
Que el matrimonio se acaba
Echándole tierra encima.

(*Romances tradicionales asturianos*, n.º 55. *Antologia de Poetas liricos castellanos*, t. x, p. 136). *Idem*, t. x, p. 177 : *D. Pedro.*)

O mesmo thema no *Romancerillo catalan*, n.º 249: *La amante resucitada.*

6. Casamento e mortalha — (*Romanceiro*, t. I, p. 627)— Pertence ao thema geral do heroe que vem ferido mortalmente para casa, *Roi Renaud*, e que sabendo que sua mulher acabara de dar á luz um filho, quer que se lhe occulte a sua morte. Este thema foi estudado emquanto ás tradições do norte por Svend Grundtvig, comparando *Olaf* com os cantos populares dinamarquezes, suecos, norueguezes, irlandezes, escossezes, bohemios e tedescos, concluindo pela sua origem celtica. Gaston Paris tencionava estudar as origens d'este canto, que em França se chama *Roi Renaud*, *Fils Renaud Arnaut l'Infant*; em Italia é conhecido pelo titulo de *Conte Angiolino*, *Re Carlino*, *Re Luigi*, *Re Rinaldo*. Na tradição popular das Asturias, tem o titulo de *Dona Alda (Viejos Romances que se cantam por Asturias*, n.ºs XLIV e XLVII, p. 183.) Tambem se encontra no Folk Lore Frexenense, p. 129 e 180.

Torna-se immensamente interessante a versão portugueza

pela sua originalidade : a situação do heroe moribundo apresenta-se sob a emoção de não ter tempo de vida para pagar a divida da honra á sua amada. Na tradição de Traz-os-Montes foram colligidas tres versões, que mostram a antiguidade e vitalidade d'este thema.

Pela tradição oral asturiana é que se lhe determina uma origem historica.

Dom João

(Traz-os-Montes — *Bragança)*

Tristes novas me vieram
Lá do centro da Hespanha,
Estava Don João doente,
Doente por uma dama.
Mandou chamar ao doutor,
Os melhores que lá havia ;
Um dizia muitas cousas,
O outro nada lhe dizia;
Os mais entendidos d'elles
Tres horas de vida julgava;
Tres horas pouco valiam,
Uma já vae acabada.

—Uma é para satisfazer
Para bem da minha alma;
Outra para me despedir
Da minha querida amada.

Estando n'esta carreira,
Pae e mãe ali chegaram.

«Que é isso, oh Dom João,
E' verdade o que contaram ?
Se deves alguma cousa
A alguma menina honrada ?
—Deixo-lhe cem mil cruzados
Para haver de ser casada,
«Cem mil cruzados não é nada
Para uma menina honrada.
—Deixarei lhe mais duzentos
Para a mesma desgraçada.

Estando n'esta conversa
Dona Isabel alli chegava.

—D'onde vens, Dona Isabel,
Minha rosa enearnada?
—«Venho de pedir a Deus
E mais á Virgem sagrada
Que te levantes d'essa cama,
D'essa cama desgraçada.
—Se d'esta cama me levantar,
Oh minha rosa encarnada,
Eu te vestirei de ouro
E de prata agaloada.

Lançou as mãos á cabeça,
E chamou-se desgraçada.

—Não chores, Dona Isabel,
Não chores, pela tua gala,
Que não te chame o mundo
Viuva sem ser casada.
—«A quem me deixas tu, João,
A quem me deixas entregada?
—A meu pae e minha mãe
Para haver de ser casada.
Aqui n'esta sala morro,
Aqui me entrego á morte,
Aqui me virão buscar
Nos laços d'amor mais fortes.

(Illustração trasmontana, p. 40.)

*

(Traz-os-Montes — *Versão de Carviçaes)*

Estando Dom João doente,
Com pesar de sua amada,
Mandou chamar o barbeiro
Para que o desenganasse.

—Quatro horas tens de vida,
Uma já vae acabada,
Uma é do testamento,
Deixa bens por tua alma,
Outra é de sacramentos
Hora tão bem empregada.
Outra é da despedida
Da tua querida amada.

Estando com estas rasões
Sua mãe que chegava.

«Que tens Dom João, meu filho,
Que estáes n'essa cama deitado ?

—«Estou deitado n'esta cama,
Minha mãe, não me doe nada.
Só me doe Dona Isabel
Que a deixo enganada.
«Dona Isabel, oh meu filho,
Com dinheiro se lhe paga.
—«Deixo-lhe mil cruzados
Para que seja morgada;
Lá lhe deixo outro tanto,
Que a honra nunca se p«ga.

Estando com estas ,rasões,
Dona Isabel que chegava.

—«D'onde vens, Dona Isabel,
Retrato da minha amada ?
=Venho de resar á Virgem,
Que te alga d'essa cama.
—«Se d'esta cama me erguer
Minha roseira abanada...
—(«Deixa-lhe cem mil cruzados
Para que seja morgada.) (1)
=Eu nom quero morgadios,
Nem tampouco ser morgada;
Em morrendo Dom João
O mundo p'ra mim acaba.
—«Se me erguer d'esta cama,
Minha roseira abanada,
Ha de ser em tumba de ouro
Em *alcatrunfa* dourada !
Não lances as mãos ás galas
Em quanto se a hora acaba;
Que te não chamem viuva
Sem nunca seres casada.

Volvera-se para a parede
Não tornou a dizer mais nada.

(1) Variante do Ligares, n.º 3, melhor do que a de Carviçaes, n.º 40.

Este romance de *Dom João* canta-se nas provincias de Leão, Asturias e Burgos, e pelos factos alludidos vê-se que seria o successo historico de 4 de outubro de 1497, a morte do principe Dom João, filho dos reis catholicos, como fundamenta o erudito Menendez y Pelayo. Eis um fragmento de uma versão leoneza (Valencia de Don Juan):

Tristes nuevas, tristes nuevas
Que se cuentan por España,
Que el caballero Don Juan
Malito que está en la cama.
Siete doctores le asisten,
Los mejores de la España;
Todos eran á decirle
Que su mal no era nada.
Y y que estaban en esto,
Sale un doctor de la Parra
Le ha agarrado por la mano
Y hasta el pulso le tomara:

—Tres horas tienes de vida,
Hora y media ya pasada,
Media para despedirte
De la gente de tu casa,
Media por hacer testamento,
Media por el bien de tu alma.

Na outra versão leoneza (Almanza) continua-se a narrativa, fallando o principe moribundo:

«Ahora llamen á mi padre,
Tan solito una palabra:
Padre, mire por mi esposa
Que es niña y queda preñada;
De los dones que le di,
Padre, no le quites nada;
Tampoco el anillo de oro,
Que le di de namorada.
—«Si tu se lo diste de oro,
Yo se lo daré de plata.

Entre estas palabras y otras,
Entra la rosa temprana.
«Dônde viene la mi esposa
Solita y tan de mañana?

=Vengo de Santo Domingo
De oir la misa del alba,
De rogar á Dios por ti
Te levantes de esa cama.
«Luego me llevanto, esposa,
El lunes por la mañana,
Con los pies amarellitos
Y la cara amortajada.
Tu te vestirás de luto,
Llorando desconsolada,
Y te irás para a iglesia,
Y volverás á tu casa;
Hallarás las calles tristes
Y las tus puertas cerradas,
Y la justicia á la puerta
Pidiéndote las fianzas.
Y no tendrás quien te fie,
Esposa mia del alma:
Ahi te fiarán mis padres,
Que a ellos te dejo encargada.

En estas palabras y otras,
Se ha caido desmayada;
Luego le abrieron el vientre
Y de sus entrañas sacan
Un niño como uma rosa,
Parece un rayo de plata,
Se lo llevan á su padre,
Que la bendición le echara.

«La bendición de Dios Padre,
La de Dios Hijo te caiga;
Si te crias para el mundo
Serás principe de España,
Y si no, irás á gozar
Al Redector de las almas.

Transcripto do *Buletin hispanique*, t. VI de Janeiro de 1904, por Menendez y Pelayo na *Antologia de Poetas liricos castelhanos*, t. XII, p. 546 a 549. N'este mesmo livro, o sabio critico estudando os Romances velhos verificou a verdade historica de algumas referencias d'este romance, como a do Doutor de la Parra, que effectivamente foi medico famoso no tempo dos Reis Catholicos e de Carlos V; observa: «Nunca fôra colligida esta canção popular, que através de quatro seculos conser-

va fielmente não só o nome, senão tambem as principaes disposições do seu testamento e o nome de um dos medicos que lhe assistiram. Phenomeno portentoso que nos mostra quão fundas raizes tem a tradição poetica em Hespanha, e quão impio e nescio empenho é querer obliterarla.» (Ibid pag. 316 a 319.) Menendez y Pelayo confrontou as tres versões publicadas em 1904 com duas portuguezas de Traz-os-Montes e Algarve, e acha em uma alteração historica (a princeza morrer, ao dar á luz o filho) «evidentemente confusão com outra desgraça succedida em Saragoça no mesmo anno de 1498, a morte da rainha de Portugal D. Isabel, ao dar a luz um filho varão em cuja cabeça se reuniriam as tres corôas de Castella, Aragão e Portugal.» Sobre este caso a tradição portugueza conserva o romance á morte do principe D. Affonso, cuja viuva é essa rainha D. Ieabel, casada em segunda nupcias com D. Manuel. Estas relações historicas entre as duas côrtes explicam-nos a corrente que trouxe a Portugal o romance de *D. João*, conservado nos seus traços mas humanos e dramaticos.

Em outra versão de Traz-os-Montes apparece mais nitido o thema universalisado de *Jean Renaud*, revelando a extraordinaria riqueza d'aquelle fóco tradicional. Incorporamol-o aquí:

D. Pedro e D. Leonarda

(Versão de Traz-os-Montes)

A' casa ia Dom Pedro,
A' caça de anno e dia;
Dera-lhe o mal no caminho,
Para casa voltaria.

—Novas te dou, oh meu filho,
Que tens Leonarda parida.
«Conforte-a, oh minha mãe,
E faça-me a mim a cama,
D'ella me não levantaria.

—

—«Oh, diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que me ella queria,
Onde está o meu marido,
Que elle a vêr-me não vinha?
«Teu marido foi á caça,
A' caça de anno e dia;
A caça que elle trouxe,
Eu d'ella te guardaria.

—«Oh, diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que me ella queria,
Que é este estropido
Que em nossa casa havia?
«Não á nada, minha filha,
São visitas que cá vinham.
—«Or', diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que ella me queria,
As paridas, n'esta terra,
De que tempo vão a missa?
«Umas vão de tres semanas,
Outras vão de quinze dias;
Mas tu, como és mais nobre,
Só irás de anno e dia
—«Or', diga-me, oh minhe mãe,
Pelo bem que ella me queria,
As paridas n'esta terra
De que côr vão a missa?
«Umas vestidas de azul claro,
Outras de mil maravilhas;
E tu, como és mais nobre,
Irás de luto vestida.
—«Malo haja, minha mãe,
E mais o bem que ella me queria!
Teve-me um anno casada,
Não me ter inda mais um dia,

(Publicado na *Romania*, vol. 11, p. 585, por J. Leite de Vasconcelhos. 1882.)

Sobre este thema commum a todo o Occidente europeu, mais conhecido pelo titulo de *Jean Renaud*, escreveu Svend Grundtvig uma monographia com o titulo de *Elveskud*. Gaston Paris, colligiu dos Manuscriptos das Canções populares da França depositados na Bibliotheca nacional treze versões d'este thema que publicou na *Romania*, vol. 11, p. 97 a 108 (1882). Em um fragmento da versão de Orleans, Renaud volta quasi exangue de caça:

Renaud à la chasse est allé,
A' la chasse du sanglier;
Il a manqué le sanglier
Et le sanglier l'a tué.

«Renaud, Renaud, Renaud, mon fils,
Ta femme est accouchée d'un fils.

—Ni de femme ni de fils,
Je ne sarais me réjouir ;
Dedans mes bras, sur mes cheveux
Je tiens mes tripes et mes boyaux.

Complainte de Renaud

(BLÉSOIS)

Quand Renaud de la guerre vint,
Portant ses tripes dans ses mains,
Sa mère, à la fenêtre, en haut,
Dit : «Voici v'nir mon fils Renaud.
Renaud, Renaud, rejouis-toi,
Ta femme est accouchée d'un roi.
—Ni d'ma femme, ni de mon fils
Mon coeur ne peut se réjoui,
Qu'on me fasse vite un lit blanc,
Pour que je m'y couche dedans.

Et quand il fut mis dans le lit,
Pauvre Renaud rendit l'esprit.

(Les cloches sonnent le trépassement.)

=Or, dites-moi, mère m' amie,
Qu'est-c- que j'entends sonner ici ?
«Ma fille, c'sont des processions
Qui sortent pour les rogations.

(On cloue le cercueil.)

=Or, dites-moi, mère, m'amie,
Qu'est-c' que j'entends cogner ici ?
«Ma fille, c'sont les charpentiers
Qui raccommodent nos greniers.

(Les prêtres enlevent le corps.)

=Or, dites-moi, mère, m'amie,
Qu'est-c' que j'entends chanter ici ?
«Ma fille, c'sont les processions
Qu'on fait autour de nos maisons.
—Or dites-moi, mère, m'amie,
Quell'robe prendrai-je aujourd' hui ?

«Quittez le ros' quittez le gris,
Prenez le noir, pour mieux choisi'.
=Or dites-moi, mère, m'amie,
Qu'ai-je donc à pleurer ici?
«Ma fille, je ne puis plus vous l'cacher,
Renaud est mort et enterré.
=Terre, ouvre-toi, terre, fends-toi,
Que j'rejoigne Renaud, mon roi!

Terre s'ouvrit, terre fendit
Et la belle fut engloutie. (1)

O Conde Nigra, na *Romania* (vol. 11, pag. 391) publicou uma serie de versões piemontezas; uma d'ellas, a IV, começa como a portugueza:

Ven de la cassa lo Re Rinaldi,
Ven de la cassa, l'é tut feri

Na Bretanha este romance tem o titulo de *Conde Nann. (Rev. politique e litteraire*, vol. 11. p. 834.)

§ II — Cyclo da Esposa infiel

1. Conde de Alemanha — *(Romanceiro*, vol. II, p. 1 a 27.) — O titulo d'este romance apenas alterado em a *Rainha descoberta*, (Elvas) contém um sentido social ainda conservado no titulo com que é conhecido na ilha da Madeira, *Conde de Aramanha* e *Conde de Germanha*. Fallando das *Hermandades* escrevemos: «O nome de *Arimania* e *Ariman*, que na lingua hespanhola se conserva em *germania*, *hermandad*... As *Hermandades* tornaram-se um poderoso elemento de ordem na peninsula, mas algumas vezes foram cumplices dos crimes da realeza. Em uma canção de Ayras Nunes (Canc. Vat., n.º 455) as Hermandades são envolvidas tambem no quadro da corrupção geral. As *Irmandades* tinham por norma o recusar abrigo aos malfeitores, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; estas ligas tornaram-se um elemento de organisação civil; o sino *(campana)* da sua egreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças.» *(Canc. da Vaticana)*, p. XXXIX). Não se tratava de um conde da Allemanha, mas do chefe da *Arimania* ou

(1) Ap. Ampère, *Instructions relatives aux Recueil de Poesies populaires de la France.*

Germania, que era a confraternidade de homens livres ante o poder feudal, que veiu a decahir e a confundir-se com os leudes (*Arm-leute*, ou abreviadamente *Arlot.)* Em 1845 escrevia J. J. de S. P., na *Revista litteraria do Porto*, t. 12, 2.ª série, p. 121 : «Grande nacionalidade peninsular se descobre no lindo romance do *Conde d'Alemanha*, romance que muitas vezes temos ouvido cantar em portuguez e com muita graça na provincia do Minho, pelas visinhanças da Villa de Guimarães (hoje cidade) e pelas immediações de Landim, perto da confluente dos Rios Ave e Visella, aonde arranjámos um bom peculio de antigas trovas e cantigas populares, todas compostas em metros octonarios.» O mesmo colleccionador diz que se encontram estes romances «com especialidade na bocca das velhas criadas, que muitas vezes costumam cantar ás criancinhas e para entreter os rapazes.» Faz lembrar a scena da Ama na *Rubena* de Gil Vicente. Do Conde de Allemanha escreveu Garrett : «Facto conhecido da historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance.» (Rom., II, 79.) Don Agustin Duran fallando da versão castelhana: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del Conde Garci-Fernandes; pero uno y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.» (*Romancero general*, n.º 305) As versões de Traz-os-Montes e Beira Baixa cheias de repetições dithyrambicas, são o que ha de mais pittoresco na inspiração popular; é n'essas fórmas dithyrambicas que borda a capricho, libertando-se da assonancia forçada. E' a parte movel por onde a *variante* vae de geração em geração modernisando o romance. Nas versões da ilha de Sam Jorge (Açores) a da Urzelina apresenta essas repetições acintosas e insistentes que traduzem o animo da filha que convida a rainha para vêr o saimento do Conde.

Eis a versão castelhana do seculo XVI :

El Conde Aleman

A tan alta va la luna,
Como el sol a medio dia;
Quando el buen conde Aleman
Y con la reyna dormia;
No lo sabe hombre nascido
De quantos en corte avia,
Sino era la infanta
Aquessa infanta su hija.
Y su madre le hablava,
Desta manera decia :

—Quando vieredes, infanta,
Quando vieredes, encobrildo;
Davos ha el conde Aleman
Un manto de oro fino.
«Mal fuego lo queme, madre,
El manto de oro fino,
Quando en vida de mi padre
Tuviese padrasto vivo.

De alli se fuera llorando,
El rey su padre la ha visto:

—«Porque llorays, la infanta,
Deci quien llorar os hizo?
«Yo me estava aqui comiendo
Comiendo sopas de vino;
Entró el Conde Aleman
Y échólas por el vestido.
—«Calleys, mi hija, calleys,
No tomeys desso pesar,
Que el Conde es niño y muchacho
Hazer lo ya por burlar.
«Mal fuego quemasse, padre,
Tal reyr y tal burlar,
Quando me tomó en sus braços,
Comigo quizo holgar.
—«Si el os tomó en sus braços,
Y con vos quizo holgar,
En antes que el sol saliesse
Y lo mandaré matar.

(*Cancionero de Romances.* Anvers, 1555. — Jacob Grimm, *Silva de Romances viejos*, p. 227.)

Na versão trasmontana de Carviçaes vem como castigo do Conde:

—Cal'-te lá, oh minha filha,
Não o queiras duvidar:
Nas cordas d'esta guitarra
Eu o mando enforcar.

(*Rom. trasmontano*, n.º 81. Rev. lusit., vol. IX, p. 311.)

Liga-se esta circumstancia á contaminação com o romance da *Silvana;* e mesmo com este titulo apparece muito desenvolvido na versão do Algarve (*Revista lusitana*, vol. III, pag.

151 a 155); a lição açoriana de Rosaes (ilha de Sam Jorge) terminava com o fecho do romance da *Sylvana*, pela tendencia do syncrestimo que se passa na memoria do povo em que certos versos se convertem em modismos e traços imprescindiveis. Em duas versões de Lagos (Algarve) tem o titulo de *Conde de Lamenha, (Rev. lusit.*, vol. VI, p. 151 a 155) e tambem *A Condessa.* (ib., n.º 156 a 161.)

Nos *Cantos tradicionaes dos Judeus de Levante*, n.º 6, tem o titulo de *El Conde Aliman;* (Antologia de Poetas, t. X, p. 307, de Menendez y Pelayo), é uma syncretisação com o romance do *Conde Olinos:*

En el vergel de la reina
crescia un buen rosal;
en la ramica mas alta
un ruscion senti cantar.
La reina estaba labrando,
la hija durmiendo está.

—Alevanteis, la mi hija,
de vuestro dulce folgar,
sentiredes como canta
la serenica de la mar.
«Non es la serena, mi madre,
si non el es Conde Alimán;
que el Conde es niño y muchacho,
con mi quijo burlar.
—Si esto es verdad, mi hija,
yo lo mandaré á matar.
«Non lo mateis, la mi madre,
ni mandeis á matar;
que el Conde es niño é muchacho,
el mundo quere gosar;
si lo matas, la mi madre,
á mi y á él embarabar (enterrar).

La reina, que de el mal tenga,
presto lo mandó á matar.

2. Dona Alda — D. Aldonso — D. Alberto — Flor de Marilia — *(Romanceiro*, vol. II, p. 29 a 34.) — Este thema corrente na tradição asturiana, catalã, andalusa e betico extremanha, estava representado no Romanceiro portuguez com versões insulanas (Madeira e Açôres; só muito tarde é que foram publicadas duas versões de Traz-os-Montes, com o ti-

tulo de *D. Filomena* e *Branca nina*, que aqui incorporamos. Sobre tudo este ultimo pertence á epoca da elaboração da lição castelhana do Cancionero de Romances, e revela nos a pureza d'esse fóco tradicional trasmontano.

D. Filomena

(Traz-os-Montes — *Carviçaes*)

Estando Dona Filomena
No seu jardim a fiar,
Passou um triste soldado,
Tratou de o namorar.

Vem cá tu, oh soldadinho,
Que vens em boa occasião,
Meu marido não está cá,
Stá na serra de Aragão.
Quem m'o lá fosse matar
Dava-lhe o meu cordão.

Estando n'esta conversa,
Seu marido aqui chegou:

—Que tens tu, oh Filomena,
Que tens tu, branca flor?
Ou estás borracha de vinho,
Ou tomaste outros amores!
«Não estou borracha de vinho,
Nem tomei outros amores;
Perdi as chaves da adega
Nos mais altos corredores.
—Se as perdeste, vae achal-as,
Ou de pressa ou de vagar.
»Por causa do soldadinho
Vou-me deitar a afogar!
—Se te deitares a afogar
A culpa só é de ti;
O inferno está aberto
Para seculos sem fim.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 22. Rev. lusit., vol. VIII, p. 79.)

Branca Nina

(*Versão de* Traz-os-Montes)

—Branca Nina, Branca Nina,
Branca eras como o sol;

Oh, quem dormira comtigo
Uma noite sem temor!
«Esta noite, cavalleiro,
Tem bella occasião,
Meu marido foi á caça
Por esses montes de Aragão.
Os corvos lhe tiraram os olhos,
As aves o coração.
Quem me trouxera noticias
Daria-lhe um gibão.

Estando n'essas rasões,
Seu marido alli chegou.

—Abre-me a porta, Branca-Nina,
Abre-me a porta, que eu sou.
....
De quem era aquell' cavallo
Que na loja relinchou?
«Aquelle cavallo é nosso,
Que meu pae nol-o mandou.
—De quem era aquella capa
Forrada de camelão?
Quem era aquelle mancebo
Que na cama suspirou?
«Elle era um irmão meu,
Que inda agora aqui chegou.
—De quem era aquella espada
Que de ouro tem guarnição?
«Essa espada, meu marido,
Enterra-m'a no coração.
—Matar, já te não mato,
Que te mate quem te creou;
Hei-te levar a teu pae,
Que tal ensino te deu.

(Da *Illustração trasmontana*, n.º 4, p. 53.)

O Soldado (Romanceiro trasmontano, n.º 27; é a segunda parte de Bernal Francez, isolada. (Rev. lusit., t. IX, p. 279.) A versão de Ligares, n.º 53, è extensa, mas sem novidade de situação; a versão de Vinhaes, n.º 59, intitula-se *João de França*, e destaca-se de todas as outras versões pelo final:

«Se tu és o meu marido
Mata-me já aqui!...

—Eu matar não te mato,
Que te mate quem te creou;
Vou-te levar ó teu pae
Que veja a filha que me *doou*.
«Que culpa terá meu pae
O's males que a filha causou?
Emquanto fui de meu pae
Muito bem me regalou.
Dês que vim p'ra tua mão
O mimo me derramou.

(Rev. lusit., vol. IX, p. 298.)

Eis o citado romance da collecção de Anvers, para que se confronte com as lições que discutimos. Duran e Ochoa dizem que este romance, no seculo XVIII, ainda era popular em Hespanha:

«Blanca sois, señora mia,
Mas que no el rayo del sol:
Si la dormire esta noche
Desarmado y sin pavor?
Que siete anos habia, siete
Que no me desarmo, no?
Mas negras tengo mis carnes,
Que no un tiznado carbon.
—Dormidla, señor, dormidla,
Desarmado sin temor,
Que el Conde es ido á la caza
A los montes de Leon;
Rabia le mate los perros,
Y aguilas el su halcon,
Y del monte hasta casa
A él arrastre el moron.

Ellos en aquesto èstando
Su marido que llegó:

=Qué haceis, la blanca nina,
Hija de padre traidor?
«Señor, peino mis cabellos,
Peinolos con gran dolor,
Que me dejais á mi sola
Y á los montes os vais vós.
=Esas palabras, la nina,
No eram sino traicion;

Cuyo es aquel caballo
Que allá bajo relinchó ?
«Señor, era de mi padre,
Y enviólo para vós.
=Cuyas son aquellas armas
Que están en el corredor ?
«Señor, eran de mi hermano,
Y hoy vos las envió.
=Cuyas es aquella lanza
Que desde aqui la veo yo ?
«Tomadla, Conde, tomadla,
Matadme con ella vos,
Que aquesta muerte, buen Conde,
Bien os la merezco yo.

A tradição é a mesma entre os dois povos. Qual d'elles romanceou com mais graça e paixão ? As versões portuguezas nada deixam a desejar em belleza e antiguidade.

Qual será mais antigo na tradição, o hespanhol ou as lições portuguezas ? A resposta a esta pergunta é nada menos do que uma grande descoberta : os romances portuguezes não são imitados, como se suppõe, dos cantares hespanhoes ; foram elaborados ao mesmo tempo pelo genio da mesma raça a que os dois povos pertencem. Desde o seculo xv que se recolhem romances populares em Hespanha, e em Portugal só desde a ultima metade do seculo xix ; muitos thesouros da tradição poetica perderam-se cá, e pelo facto de apparecerem nas collecções castelhanas não se pode concluir que nos falte a invenção poetica. Quando encontramos romances antigos na tradição portugueza, os de que se acham paradigmas hespanhoes são sempre do seculo xvi, já recolhidos na collecção de Nucio ; por isto se pode vêr a riqueza das nossas lições, a abundancia de variantes, e a diversidade de versões, ao passo que o collector hespanhol só appresenta uma lição contemporanea das nossas.

No Romanceiro asturiano, publicou Menendez Pidal uma versão que serve de base comparativa ; eil-a :

La Esposa infiel

Estaba una bella dama
Arrimada a su balcon,
Vió venir un caballero,
Mirólo con atencion ;
De palabras se trabaron,
De amores la comprendió :

—Bella dama, bella dama,
Con usted durmiera yo.
«Suba, suba, el caballero,
Durmirá una noche ó dos.
—Lo que temo és su marido,
Que tenga mala intencion.
«Mi marido és ido a casa
A' los montes de Leon.
Para que no vuelva nunca
Le echaré una maldicion :
=Cuervos le saquen los ojos,
Aguilas el corazon,
Los perros de mis rebaños
Le arrastren en procesion.=

Estando en estas palavras
El marido que llegó.

—«Abre-me la puerta, luna,
Abreme la puerta, sol,
Que te traigo un cervatillo
De los montes de Leon.

Al bajar á la escalera
La color se le mudó.

—«Tu tuvieste calentura
O' dormiste con varon.
«Yo no tuve calentura,
Ni he dormido con varon ;
Solo que perdi las llaves
De tu puerta del salon.
—«Si las perdiste de hierro,
De plata las haré yo.
«El herrero está en la fragua,
y el platero en el meson...
—« e quien es aqual sombrero,
Que en mi cuarto veo yo ?
«Es tuyo, marido mio ;
Mi padre te lo mandó.
—«Dá las gracias á tu padre ;
Buen sombrero tengo yo.
Cuando yo no lo tenia,
No me lo mandaba no !
De quien es aquella capa
Que en mi percha se colgó ?

«Es tuya, marido mio;
Mi padre te la envió.
—«Dá las gracias á tu padre,
Buena capa tengo yo.
Cuando yo no la tenia
No me la mandaba, no!
De quien es aquel caballo
Que en la cuadra relinchó?
«Es tuyo, marido mio,
Mi padre te lo endonó.
—«Da las gracias á tu padre,
Buen caballo tengo yo;
Cuando yo no lo tenia
No me lo mandaba, no!
De quien es aquella espada
Que colgada veo yo?
«Clavadla, señor marido,
Clavadla en mi corazon,
Que bien la muerte merece
Quien a un marido enganó.

(N.º XXXIII, p. 154.)

No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 254, *La adultera castigada*, o quadro é como o das Asturias, mas com um final mais cavalheiresco; pergunta o marido á esposa:

—De qui es aquesta esposa,
Que gasta tanto brilló?
«Aquella esposa es de Don Cárlos
Aquell malahit traydó.

Ya s'en pujá á l'escalera
Dret adalt del miradó:

—Des que fas aqui Don Carlos?
Des que fas aqui traydó?
—«Vinch veure la sua senyora
Si m'en vol doná l'amor.
—Don Carlos, porta l'esposa
Que pleyarem los dos.

Don Carlos moria á las quatre,
A' las cinch Don Jardis mor;
Ya quedá la gentil dama
Sens consuelo ni amor.

Na versão da Andalusia, colligida por F. Rodrigues Marin tem este romance outro final; pergunta o marido, vendo escapar-se o galanteador:

—De quien es aquella sombra
Que va por el corredor?
«La sombra será mi muerte,
Que bien la meresco yo.

La ha cogido por la mano,
A' su casa la llevó:

—Aqui tiene usté su hija,
Sin honra ni estimacion.
—«Si mi hija no tiene honra,
Con honra te la dí yó.

La ha cogido por la mano,
Y al campo se la llevó,
Y allí le ha dado la muerte,
Y con eso concluyó.

(Variante):

Le tiró tres puñaladas
Y allí muerta la dejó.
La dama murió á la una
Y el galan murió á las dos.

(Antol., p. 182; Fernan Caballero, *La Gaviota*, p. 128-131.)

Nos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante, n.º 25, vem este mesmo thema muito abreviado. (Ib., p. 324). — Acham-se numerosos paradigmas na poesia popular da Edade média: *Chevalier á la robe vermeille*, nos Fabliaux de Méon, t. III, p. 276 — *Le vieux Vichef et sa femme*, na Revue des Deux Mondes— (1863, 15 de Agosto.) No *Romancero de Champagne*, t. II, p. 78: *Le mari soupçonneux*. – Nos *Chants populaires de la Provence*, t. II, p. 152.— *Poesies populaires de l'Agenais*, p. 116.— De Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin*, p. 217.— *Litterature populaire de la Gascogne*, p. 316.— Bernoni, *Canti popolari veneziani: La sposa colta in falso*.— Pelay Briz, *Cansons de la terra*, t. II, p. 69.— Ferraro, *Canti monferrini*, p. 70.— *Marion*, canção bearneza, na Revue de l'Est.—*Constantin*, canto grego; outro de Carniole, traduzido por Grun.

Na Autologia de Poetas liricos castellanos, vol. X, p. 179, colligiu Menendez y Pelayo tres versões da Andalusia e Ex-

tremadura (n.os 14, 15 e 16) e a versão asturiana (ib., p. 87.) No Folklore betico-extremenho, p. 171 : *Mañanita, mañanita.* Nos *Canti populari monferrini*, n.º 4 : *La moglie infidele.*

3. Bernal francez — Dom Francisco — Bernal Françoilo — D. Pedro Françoilo — O caso da Francisquinha — (*Romanceiro*, vol. II, p. 36 a 77.) O thema embora autonomo, versa sobre a mesma situação da *Dona Alda* e da *Bella malmaridada*, mas levado ao extremo da emoção pathetica, quando depois da meia noite dada o amante se dá a conhecer como marido. O romance da *Bella mal maridada* — de las mas lindas que yo vi — foi muito conhecido dos poetas portuguezes do seculo XVI, e Gil Vicente que o cita na *Rubena*, tambem o tratou em uma parodia burlesca. O *Bernal Francez* é immensamente vasto na diffusão tradicional ; e por essa diffusão se torna explicavel a sua desmembração em duas partes distinctas : uma, quando ella recebe o amante e deita a par de si, até que ao vir da madrugada é degolada pelo marido ; e outra, quando o amante vae visitar a sua sepultura e a sua sombra ou apparição lhe falla. Esta separação já se observa no Romancero general de Duran (n.º 298) na *Adultera castigada*, e no *Palmero* (ib., n.º 292) em que o cavalleiro vem para vêr a sua amada, e lhe dizem que é morta por causa d'elle. Realisa-se na representação poetica popular o pensamento n'este epigramma grego, que foi traduzido em latim :

Omnis mulier odiosa est ; sed habet laeta dua tempora :
Quum jacet in thalamo ; quum jacet in tumulo.

No *Decameron* de Boccacio já se encontram equivocos como o d'este romance, mas em vez de ser no thalamo são no confessionario. Em uma versão insulana vêm estes versos — «Manda chamar teus irmãos — Que te venham a *carpir*.» O uso das *carpideiras* (analogas aos *Voceri* da Italia) já no tempo de D. João I era prohibido por uma Postura da Camara de Lisboa de 1385.

Em um pliego suelto gotico da Bibliotheca nacional de Madrid, vem um : «*Romance de un caballero, como le traen nuevas que sua amiga era muerta.* E' a segunda parte do Romance de *Bernal Francez* :

En los tiempos que me ví
Mas alegre y placentero,
Yó me partiera de Burgos

Para ir á Valladolid ;
Encontré con un palmero,
Él me habló y dice asi :

—Donde vas tu, desdichado ?
Donde vas, triste de tí ?
Oh persona desdichada
En mal punto te conocí ;
Muerta es tu enamorada,
Muerta es, que yó la ví.
Las andas en que la llevan
De negro las ví cubrir.
Los responsos que le dicen
Yo los ayudé á decir.
Siete condes la llevaban,
Caballeros más de mil.
Lloraban las sus doncellas,
Llorando dicen así :

=Triste de aquel caballero
Que tal pérdida perdi.=

Do aquesto oyera mesquiño
En tierra muerto cayó,
Desde aquellas dos horas
No tornára triste en mí ;
Desque me hubo retornado,
A' la sepultura fuí.
Con lágrimas de mis ojos
Llorando decia así :

=Acógeme, mi señora,
Acógeme á par de tí=
Al cabo de la sepultura
Una triste voz oí :

«Vive, vive, enamorado,
Vive pues que yó morí ;
Dios te dé ventura en armas
Y en amores así,
Que el cuerpo come la tierra,
Y el alma pena por tí.

(*Antologia*, X, p. 362.)

Em uma versão oral asturiana, com o titulo de

La apparicion

En la ermita de San Jorge
Una sombra obscura ví:
El caballo se paraba,
Ella se acercaba de mí.

«Aonde va el soldadito
A' estas horas por aquí?
—Voy á ver la mi esposa,
Que ha tiempo que no la ví.
«La tu esposa yá se ha muerto,
Su figura verla aquí.
—Si ella fuera la mi esposa,
Ella me abrazara á mí.
«Brazos con que te abrazaba,
La desgraciada de mí,
Yá los comió la tierra,
La figura verla aquí.
—Si vós fuerais la mi esposa,
No me mirárais así.
«Ojos con que te miraba,
La desgraciada de mí,
Yá me los comió la tierra,
Su figura verla aqui.
—Yo venderé mis caballos,
Y diré misas por tí.
«Non vendas los tus cabellos,
Nin digas misas por mi,
Que por tus malos amores
Agora peno por tí.
La mujer con quien casares,
No se llame Beatriz;
Cuantas más veces la llames,
Tantas me llamas á mi.
Si llegas á tener hijas,
Ténlas siempre juntó á tí
No te las engañe nadie
Como me engañaste a mí.

(*Antologia*, X, p. 132.)

Versão andalusa, (Ossuna) Ib. p. 122. Folk I ore Frexenenses, p. 171.

No *Romancerilho catalan*, de Milá y Fontanals os dois quadros apparecem tambem divididos, nos n.os 255 e 227 :

1 — La mujer preversa

Yá n'hi trucan á la porta :
«Olá, ola, qui va assi ?
Sabes que fos Don Francisco
Luego l'aniria obri ;
Sabes que fos mi marido
Primero calsá y vesti.
—Don Francisco soy, senyora,
El que l'en solia servi.

En abrintne de la puerta
Ya li apago lo candil.

«Valgame Dios de los cielos
Y lo gloriós San Gil.
—No t'espantis, Marieta,
No t'espantis pera mi.

S'agafan mano per mano,
Los dos s'en van al jardi.
S'en rentan sas carnes blanxas
En aygua de llessami.
S'agafan mano per mano,
Los dos s'en van á dormi.
En sent á la media noche
Ell ne llansa en gran suspir.

«Que suspira, Don Francisco,
Que no ho solia fé 'xi ?
—Yo ahora estaba pensando
Quants hijos tienes de mi ?
«Todos vuestros, Don Francisco,
Tan el gran com el mes xich,
Menos aquell mitjanet
Qu'és del traydó del marit.
—No digas mal del marido,
Que ahora 'l tienes aqui.
Yo ahora estaba pensando
Do que 't faria un vestit,
Un vestit de tela blanca,
Y en el coll un carmesi.

«Antes que tu no me matis
La finestra vuy eixi,
Donzellas, viudas, casadas,
Prenen exemple de mi...
(*Romancerillo*, p. 245).

—

2 — La Condessa muerta

—Ahont anen vos, el bon comte ?
Ahont anen tan de matin ?
«Vaig á veure la contessa,
Tant de temps que no'ns hem vist.
—La contesa ya n'es morta,
Ya es morta que yo ho puch di,
Qu'el dia del seu enterro
Yo la missa vaig oi.
Las cortinas del palacio
Yo de dol las vaig cubri.
Els infants qu'ella tenie
Yo de dol los vaig vesti.

Al senti aixo'l bon comte,
Passa avant el seu cami.
Ab la ponta de 'l espassa
Ell la fossa li va obri.

«Alsa 't alsa 't, la comtesa,
Qu'el teu comte n'es aqui.
—«Co'm m'alsaré, lo bon comte,
Si sola no'm puch teni.
Casa't, casa't, lo bon comte,
Casa't per amor de mi,
Y la dona que tindrias
Estimala com á mi
Que com pensarás amb ella
També pensarás am mi.
Y tots les fills que tenian
Posa'ls en un monasti.
Posals-hi xiquets, no aprenguin
El mon que cosa vol di.
Fesles di la Pare Nostre
El vespre y el demati.
(Ib., p. 193.)

Nigra escreve: «Achando-se esta canção na Italia e em

Portugal, não deve faltar, como de facto não falta, o seu reflexo catalão.» *Canti popol. del Piemonte*, p. 186.) Cita a versão de Pelay Briz: *Mala muller. (Cansons de la terra*, t. II, p. 83.) Na *Antol.*, vol. XII, p. 502, vem uma versão de Chile, provincia de Coquimbo.

O conde Nigra traz na sua opulenta collecção piemonteza duas lições d'este thema *La moglie uccisa* (p. 177) e *Il marito giustiziere.* (p. 183.) N'esta ultima o amante chama-se *Re Inardi*, d'onde talvez se derivou o *Bernal* do romance portuguez, aproximando-nos assim da sua fonte lendaria. Nigra indica o seguinte facto: «Se se quizesse investigar uma base historica para a canção, os personagens a que se poderia com mais plausibilidade applicar-se as partes n'ella narradas seriam o duque de Septimania, Bernardo, e a imperatriz Judith, accusada de adulterio com elle Bernardo foi no anno de 844 conduzido á morte por ordem, e segundo uma chronica, pela mão de Carlos o Calvo. A imperatriz foi por duas vezes conservada prisioneira, primeiramente n'um convento em Poitiers, depois em Tortona, n'aquella mesma cidade d'onde proveiu uma versão piemonteza do romance. Dom Vaissette nega, porem a authenticidade da chronica, segundo a qual Carlos o Calvo teria apunhalado pela sua mão Bernardo, para vingar a affronta feita ao thalamo conjugal de seu pae. E' indubitavel que Bernardo fosse morto por ordem de Carlos; como é tambem indubitavel a accusação de adulterio com Bernardo feita á imperatriz. O nome de Bernardo corresponde ao de *Bernal* e *Bernardino*. O facto do adulterio é confirmado na canção, como accusação assim tambem na historia.— Se se suppõe a canção nascida na Septimania, esta hypothese explicaria de um lado o appellido de *Francez* dado ao amante, de outro lado a irradiação da canção para a Catalunha, Portugal e alta Italia. Dá-se aqui uma certa concordancia de nomes e de factos. O estudo dos cantos e das tradições populares quando tiver realisados ulteriores progressos, appresentará maiores surprezas, e trará conclusões das concordancias bem menos apparentes do que d'esta.» (*Op. cit.*, p. 187).

A imperatriz Judith, segunda mulher de Luiz o Pio, foi accusada em 830 pelos dois Condes Hugon e Malfrido de adulterio com o camareiro Bernardo, duque de Septimania, conde de Tolosa e de Barcelona. A rainha justificou-se por juramento; Bernardo reptou aos dois Condes, que recusaram o duello sendo mortos por traidores. (Menendez y Pelayo, *Antol.*, XII, p. 274).

As investigações de Lüdtke, de Rajna e de Gaston Paris, filiam por entre os themas historicos o do Conde de Barce-

lona e a Imperatriz da Allemanha, sem que por isso possa negar-se que em seu integro desdobramento e tanto mais quanto mais se aproxima da sua fonte, vem a ser um caso particular de um thema geral *folklorico*, o da esposa innocente perseguida.» *(Ib.*, p. 276).

Transcrevêmos o quadro do romance da Lombardia :

Il marito giustiziere

Bel galant diz d'andè a la gu ra,
a la guera, ma a va giüghè
La nöit va tambussè a la porta :

—O bela, venì-me a dürbè.
«Chi tambüssa a la mia porta,
ch'a l'è l'ura dël bun dormi ?
—Sun el fiäl do re Inardi ;
o bela, veni-me a dürbi.

Cun üna man a dürb la porta,
cun l'autra man l'ambrassa al col.

—Dizi-me 'n poc, o vui, la bela,
lo vost mari duv'è-lo andò ?
«Lo me mari l'è andà a la guera;
s'a podéissa mai pi venì.
—Ma stè 'n po' cieta vui, la bela ;
vost mari pudria sentí.

Campa giü sua mandriola :
—O guardè 'n poc e chi sun mi ?

S'a la campà i genui për tera :
«O me mari, vi clam përdun !
—A j'è pa guiün perdun ch'a tenho,
a j è gniün perdun për vui.

L'à mená-la sür punt de Peifo
s'a vuria campè-la giü
.....

(Op. cit., p. 183.)

(Bernal francez)

En chevauchant mes chevaux rouges
J'entends le ressignol chanter.
Qui me disait dans son languaige :

«Tu ris quand tu devrais pieurer,
De la mort de ta pauver' Jeanne
Qu'on est à c't'heure à enterrer.
—T'en a menti, maudite langue,
Car j'étais hier au sa an' lé.
Où c'qu'al' filait sa quenouillette
Su' l'billot dans l'coin du foyer.

Là, quand je fus dedans les landes,
Je sentis les cloches hober ;
Et quand je fus dans le cenus'terre
J'entendis les prêtres hucher ;
Et quand je fus dedans l'église
Je vis un corps qui reponsait.
Je daubis du pied dans la charse :
—Reveill'vus, Jeanne, s'vus dormez ?
—«Non, je ne dors ni ne soumeille ;
Je vis dans l'enfer à brûler.
Auprès de moi reste une place,
C'est pour vous, Piar', qu'on l'a gardée.
—Ha, dites-moi plustôt, ma Jeannes,
Comment fair pour n'y point aller.
—«Il faut aller à la grand'messe
Et aux vèpres sans y manquer ;
Faut point aller aux fileriès,
Comm' vous aviez d'accoutumé.
Ne faut point embrasser les filles
Sur l'bout du coffre au pied du lect.

Ap. Ampère, *Instructions relatives au Recueil de Poesies populaires de la France.* Acham-se estes contornos mais desenvolvidos em certas versões do Bernal francez.

Ha numerosas versões italianas : *Margherita*, na Rivista de Letteratura popolar e de F. Sabatini, p. 29.—Bernoni, *Canti popolari veneziani : La bella Francese* (Puntata IX, n.º 5.)—Ferraro, *La moglie del soldato*, nos *Canti popolari monferrini*, n.º 6 ; e 14 : *Dona Francen.*—Wolf, *Wolkslieder aus Venetien*, p. 63 : *La bella francesse.*— De Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin*, p. 85 : *La soldat revenant de guerre*, n.º XXVI.— Nos *Romances tradicionaes dos Judeus do Levante*, n.º 35. (Na *Antologia*, de Menendez y Pelayo, t X, p. 332.)

Du Méril nos Prolegomenos da *Historia da Poesia Scandinava*, p. 466, diz que sobre o mesmo assumpto ha uma ballada dinamarqueza, (*Danske Viser fra Middelalderen*, t. IV,

p. 228, 362 e 363); uma ballada sueca (*Svenska Folk-Visor*, t. III, p. 107) e uma escossesa (*Scotish songs*, London, 1794, t. I, p. 231). A cada investigação se descobre cada vez mais evidentemente a unidade das tradições poeticas da Edade média da Europa.

4. A Morena — A Moreninha — Frei João — Mulher falsa — Marianna — Frade Caçador — (*Romanceiro*, vol. II, p. 78 a 108.) O typo do Frade rascão, goliardo e seductor, querido da tradição popular, tem um logar de destaque na litteratura. *Frei João* é mais antigo que o Don Juan Tenorio.

Gil Vicente traz um conto de *Frei João*, muito chistoso definindo o typo:

Era la Paschoa florida,
En el mes de San Juan,
Cuando la mona parida
Perguntó al sacristan:
Teresica de Robledo,
Que te guarde Dios de mal:
Respondió Pero Pinan
Estae quedo co'a mão,
Frei João, Frei João,
Estae quedo co'a mão.
Padre, pois sois meu amigo,
Quando falardes commigo,
Frei João,
Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,
Mas estai vós quedo co'a mão;
Frei João, estai quedo co'a mão.
Perguntaban cual Pirico,
Qual Pinão ou qual Frei João,
Não diria quien era la moça,
Não diria quem, nem quem não.

(*Obras* de Gil Vicente, t. III, p. 323)

Frei João é tão antigo na lenda portugueza, como o Frére Jean des Entommeures do *Gargantua* de Rabalais; se não proveiu d'esta creação comica, foi por certo tirado das aventuras da vida claustral, que em ocio santo e beatifica estupidez era consummida. O retrato do frade da versão popular é similhante ao esboçado em Rabelais: «En l'abbaye estoit pour lors un moine claustrier nommé frère Jean des Entommeures, jeune, galant, frisque, dehait, bien à dextre, hardi, adventureux, délibéré, hault, maigre, bien fendu de gueule,

bien advantagé en nez, beau despecheur d'heures, beau debrideur de messes, beau descroteur de vigiles : pour tout dire sommairement, vrai moine si onques en fut depuis que le monde moinant moina de moinerie ; au reste, clerc jusque ès dents en matière de breviaire.» *(Gargantua*, C. 27). Em algumas versões do romance portuguez descreve-se como : Frei João se levantou n'uma fresca madrugada; Rabelais diz: «Mais le moine, ne faillit onqués à s'esveiller avant la minuit, *tant il estoit habitué à l'heure des matines claustrales.* (Id. cap. 41.) Na versão colhida por Garrett o *manteo de cochonilha*, e a circumstancia dos pretos que vão buscar agua, fazem a tradição portugueza do seculo XVI, e por isso contemporanea do romance de Rabelais. Nos *Ineditos de Alcobaça*, publicados por Frei Fortunato de Sam Boaventura, encontra se frequentes vezes empregada a palavra *gargantuice* nos monumentos em prosa do seculo XIV e XV ; o que prova existirem entre nós vislumbres da tradição a que Rabelais deu desenvolvimento. Na versão de Garrett não vem o milagre do calix.

Os contos de Frades são vulgares no Meio Dia da Europa; em todos os escriptores, inspirados pela verdade e dotados de faculdades criticas, como Boccacio ou Rabelais, não faltam exemplares, que se possam considerar como prototypos de *Frei João*. Frère Jean des Entommeures tinha *as suas frescas madrugadas*, como se relata no *Gargantua ;* no *Decameron*, apparece tambem um Padre João de Barole, amigo de um recoveiro, mecer Pedro, casado com uma mulher nova e bella, a quem o padre mandou pôr de quatro pés, para lhe ensinar o segredo de a transformar em jumenta. Quando o Padre João estava na operação de lhe fazer o rabo, mecer Pedro interrompeu-o : «Na verdade, não me faz conta esse rabo em um tal sitio, e vós o prendeis muito em baixo ; e já que era forçosamente preciso um, porque m'o não dissestes para o meter eu ?» A moçoila, que estava gostando d'esta ultima ceremonia, prorompeu : «Que estupido tu és ! Aonde viste uma jumenta sem rabo ? Queixa te contra ti se fôrmos toda a vida miseraveis.» *(Novella IX, Jornada nona* do *Decameron.)* Nos contos d'este genero, quasi sempre o frade está na posição mais vantajosa ; o marido logrado, supplantado pelo seu ridiculo, não sabe vingar-se. Porém estas novellas não são feitas pelo povo ; quando os leões são pintores succede d'outra fórma. No romance popular o sentimento natural da dignidade do homem pinta a justa vingança. A *Morena*, no quadro popular, morre ás punhaladas do marido, para que se não torne a vêr nos braços de Frei João. O final

da versão de Castello Branco, do *Romanceiro* de Garrett, acaba artificiosamente; quando a *Morena* ia a enterrar, Frei João ria da aventura e o marido é quem chorava.

Na versão de Traz-os-Montes, n.º 41, intitulada *Frei João*, termina:

Passados alguns dias
Lá p'ras as bandas da Hespanha,
Morreu o Frei João
Com pena da sua dama.

(Ib., p. 288.)

Na outava jornada do *Decameron*, Novella II, vem o *retrato do Cura de Varlongue*, dado a cantigas e bons ditos, o qual visitava as freguezas na ausencia dos maridos e as regalava com bolinhos, com agua benta e com côtos de cirios. O patuscão do cura apaixonou-se pela mulher de um lavrador, gorducha, fresca, *morena*, esbelta, tal como lhe fazia conta. Veiu uma vez a casa da sua amada, quando o marido estava fóra; a historia, em que o romance popular urde a intriga na pergunta:

«A quem dás as tuas fallas?
—Perguntava á padeirinha
Se cosia, se *amassava*...

na novella de Boccacio, segue o mesmo fio; mas era o Cura de Varlongue que *amassava* em um almofariz da parochiana.

A versão Só, é allusiva a outra situação, mas só com o titulo semelhante, retratando uma moça morena; no vol. VI da *Revista lusitana*, n.ºs XIII e XIV, duas versões algarvias, sem novidade no quadro.

Nos Romances tradicionaes dos Judeus de Levante, n.º 54, vem um a que Gil Vicente já alludiu no verso *Lunes de mañana;* é uma versão alterada do Romance da *Morena:*

Un lunes me levanté,
Un lunes por la mañana,
Tomi arco en la mi mano
Y ordeni esta cantica:
Tambien de la madrugada.
—Asi viva el nikokiri
Que vaiga por la plaza;
Que me merque harina blanca
Para hacer el pan de casa,
Tambien de la madrugada.

El marido por la puerta,
El enamorado por la ventana.

«Abridme, mi blanca niña,
Abridme, mi blanca dama.
Los pies tengo en la nieve,
La cabeza en la helada.
—Ah, mujer, la mi mujer,
A' quien dais tanta palabra ?
«Al mozo del panadero
(Que los malos años haga).
Harina no tengo en casa,
Levadura me demanda.

—

«Donde te escondo, mi alma ?
Donde te escondo, mi vida ?

Lo escondió en una caja ;
La caja era de pimienta.
El marido que viniera,
El namorado que esternudara.

—Ah, mujer, la mi mujer,
Quien esternuda en esta caja ?
«El gato de la vecina,
Que á los ratones alcanza.

Tomó la balta en su mano
Y rompió la linda caja.

—Ah, mujer, la mi mujer,
Yo no vido gato con barba.
Matachico retrocido
Y sapatetica trababada.

Tomó la balta en su mano
La cabeza le cortaba.
Quién tiene mujer hermosa,
Que la tenga bien guardada.
Se la llevan de la cama,
Y se qúeda él sin nada.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, vol. X, p. 350.)

A versão catalan, já reduzida ao extremo laconismo, conserva os contornos geraes do romance portuguez :

Deseos no santos

El dia de San Joan
Es diada senyalada;
Yo m'en anava cantant
A' la porta de l'àymada:

—Aymada, baxen obri
Qu'en tinch la barba gelada,
Y la sella del cavall
Tota blanca de ruada.
«Com ne baixaria obri
Si n'estich al llit acostada;
Mon marit al meu costat
La maynada a l'altra banda?

Y estant en aqueix parlá
Son marit se despertava:

—«Ab qui eurabonas, mullé,
Ab qui ara eurabonavas?
«Es al fadri del forné
Que ve à veure de pastava,
No tinch el llevat posat
Ni la farina passada.
Meu marit, te llevarás
Y aniras à la cassada
Que no hi ha millò cassa
Que de part de matinada;
Las llebretas van pel camp
Y els cunills per las ruadas.
—Traydora de ma mullé
Quina ya te l'ets pensada.
De ferm' eu ana à u-el bosch
Tu tens el galan à casa.
«Qué 't pogués veure, u-arit
Ab una sala quadrada
Voltada de capellans
Y tu al mitx amb la mortalla.
—Qui 't pogués veure, mullé,
Dintre d'un pallé de palla,
Ficá foch à teta costats
Y la cendra los ventada.

(Milá y Fontanals, *Romancerillo catalán*, n.º 359.)

Com o titulo de *Don Ramon y Magdalena* apparece este

romance contaminado no seu thema com o *Bernal Francez*. — Nos *Canti popolari del Piemonte*, n.º 191, o romance *Margherita* é a scena do encontro da mulher pelo marido que a mata pela infidelidade.

5. **O Cordão de ouro — O Soldadinho — Entrada de Maio** — *(Romanceiro*, vol. II, p. 110 a 117.) — Foi pela primeira vez publicada por Garrett, derivada de tres versões de Traz os-Montes. Uma versão gallega publicada por Ballesteros leva a prevêr, que tambem se encontrará nas Asturias. Incorporamos aqui uma outra versão transmontana :

O Capitão

(Traz-os-Montes — *Vinhaes)*

Lá se vae o capitão
Com seus soldados á guerra ;
Na dianteira de todos
Vae lindo cabo de guerra ;
Seu coração leva triste
E os olhos postos em terra.
Indo ao meio do caminho
O Capitão reparara :

—Por que vaes triste, meu cabo,
Por que vaes triste para a guerra ?
Se vaes triste por dinheiro,
Muito dinheiro te dera.
«Não vou triste por dinheiro,
Muito dinheiro eu levo.
—Se vaes triste por cavallo,
Lindo cavallo te eu dera !
«Não vou triste por cavallo,
Lindo cavallo eu levo
Vou triste por minha esposa,
Que inda não dormi com ella.
Inda hontem me casei
E já hoje vou para a guerra.
—Torna para traz, ó meu cabo,
Torna para adonde ella.

O' cabo de sete annos
Não tinha acabado a guerra.

O cabo appresentou-se
Junto ao seu capitão :

«Aqui estou, meu capitão,
Prompto para ir á guerra.

Puchou por um cordão de oiro,
Entre as mãos lh'o mettera :

«Aqui tem, meu capitão,
Os mimos da minha terra.
—Torna para lá, meu cabo,
Até que se acabe a guerra.

(Romanceiro transmontano, n.º 73. Ib., p. 306.)

No *Canti popolari del Piemonte* o romance *Il ritorno del Soldato* (n.º 28, p. 173, é este mesmo thema, modificado não pela traição da mulher amada, mas por um casamento :

Le re j'à scrit na letra ;
Au guera a venta andá.
La povera mitressa
Nin fa che tan piurá.

—Piuré pa tan, mitressa,
Piurè pa tan di uni.

A fin de la compagne
Galant a l'è rüvà.
La porta de la bela
L'è andait a tabüssar.

—Dorbi, dorbi la porta,
Mi sun èl vostr' amur,
Che venho da la guera
Per aspuzé ve vui.
«Mi dorbo por la porta,
La porta dorbo pa.
I v'u spetà set ani,
cun n'aut sun maridà.
—Da già ch'sei maridaja,
Tucai-me ancur la man.
Mi turnarô à la guera,
Mai pi si vederan !

§ III — Cyclo de Peregrinos e Cativos

1. Conde prezo — Dom Garfos — Justiça de Deus — *(Romanceiro*, vol. II, p. 119 a 123.) Garrett, que alcançou a versão de Traz-os-Montes completa, *(Rom.*, II, 289) apparecendo-nos hoje laconica e degradada nas lições de Maçores, diz d'ella : «Poucas cousas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei, mas as collecções castelhanas não o trazem.» Já no seculo XVI vinha no *Cancionero de Romances* de Anvers, fol. 173, uma versão com o titulo *El Conde Grifos Lombardo*, e publicada depois no *Romancero general* de Duran, n.º 324. Este titulo faz-nos comprehender o sentido com que é denominado na versão da Beira Baixa (Covilhã) *Dom Garfos* :

El Conde Grifos Lombardo

En aquellas peñas pardas,
En las sierras de Moncayo
Fué do el Rey mandó prender
Al conde Grifos Lombardo,
Porque forzó una doncella
Camino de Santiago,
La cual era hija de un duque,
Sobrina del Padre Santo.
Quejábase ella del fuerzo ;
Quejáse el Conde del grado :
Allá ván á tener pleito
Delante de Carlo Magno,
Y mientras qu'el pleito dura
Al conde han encarcelado
Con grillones á los piés,
Sus esposas en las manos,
Una gran cadena al cuello
Con eslabones doblados :
La cadena era muy larga,
Rodea todo el palacio ;
Allá se abre y se sierra
En la sala del rey Carlos.
Siete Condes le guardaban,
Todos han juramentado
Que si el conde se revuelve
Todos serán á matarlo.

Ellos estando en aquesto,
Cartas habian llegado
Para que cazen la Infanta
Con el Conde encarcelado.

Lê-se em Tacito, na *Germania:* «cada cantão era presidido por um official chamado *Grav*, em latim *Comes*, que tinha o seu tribunal ao ár livre, com a assistencia de um certo numero de scabinos ou assessores.» Perdeu-se o significado de *Graff*, tomando-o como nome proprio, repetindo lhe a dignidade de Conde, pleonasticamente. E' frequente este processo popular, como em *Al-cantara*, a ponte; depois designou-se Ponte de Alcantara. A versão da Beira-Baixa é de um effeito surprehendente pela fórma incisiva, de um laconismo descriptivo quasi dantesco, incomparavel. O valor tradicional d'este thema completa-se pela versão das Asturias, que conserva o titulo de *Bernardo del Carpio*, que nos colloca em frente do heroe da Hespanha épica. Antes de tudo incorporemos aqui mais uma versão trasmontana:

O Conde

(Traz os-Montes — *Maçores)*

Prezo vae o Conde, prezo,
Prezo vae a bom recado,
Não vae prezo por ladrão
Nem por homem que ha matado:
Por dormir c'uma donzella,
Caminho de Santiago;
Não bondou dormir com ella
Se não dal-a ao seu criado!
A donzella, como discreta,
Ao rei se fôra queixar;
O rei lhe dera um conselho
Melhor que nem um letrado:
=Ou hade casar com ella,
Ou morrer degolado!=

—Mais quero morrer com honra
Que viver envergonhado,
Nem por mim toquem os sinos,
Nem subam ao campanario;
Nem me enterrem na egreja,
Nem tampouco em sagrado;

Enterrem-me n'aquelle valverde
Onde pasta o meu cavallo;
Deixem-me a cabeça de fóra
E o meu cabello entrançado,
Que digam os passageiros:
=Deus te perdôe, desgraçado!
Nem morreu de garrotilho,
Nem tampouco constipado;
Morrera de mal de amor,
Que é um mal desesperado.=

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 88; *Rev. lusit.*, IX, p. 315.)

Para se comprehender melhor a situação heroica de *Bernardo del Carpio*, o Conde feudal que affronta com altivez o poder monarchico, incorporamos as versões populares das Asturias e da Catalunha, revelando-se a extensão e persistencia d'este thema épico, sem uma realidade verdadeiramente historica:

Bernardo del Carpio

Preso vae el Conde, preso,
Preso y muy bien amarrado,
Por encintar una niña
N'el camino de Santiago.
Como era de buena gente
Gran castigo le habian dado;
Por castigo le pusieron
Que habrá de morir ahorcado.
Cerráronlo en una torre
Tiénenlo bien custodiado;
De dia le ponen cien hombres,
Y de noche ciento y cuatro.

—Si estuviera aqui mi primo,
El mi primo Don Bernaldo,
No temiera los cien hombres
Ni tampoco ciento y cuatro.

Inda no lo hubiera dicho,
Cuando viene caminando;
En el medio del camino
El buen Rey le habia parado:

«Suba, suba, Don Bernaldo,
Vamos á jugar un rato.

—Voy ver á mi primo el Conde,
Que está en la carcel guardado.
«Si supiera que es tu primo
Yo mandaria soltarlo.

No se habia bien sentado,
A' la puerta dió un muchacho.

—«Baje, baje, Don Bernaldo,
Que van á ahorcar su hermano;
En el medio de la plaza
He visto el tablero armado.
«Don Bernaldo! poco á poco,
Que en la corona me ha dado.
—No se me da por el Rey
Si en la corona le he dado.

Cien pares hay de escalones,
De un salto los ha ganado.
Sin poner pié en el estribo,
De un salto montó a caballo;
Le dió un pontapié á la horca,
Y la hizo mil pedazos.
Dió una estocada al verdugo
La cabeza le ha cortado.

(*Romances tradicionales de Asturias*, n.º 11, Menendez y Pelayo, *Antol.*, X, p. 49.)

A versão seguinte, de Oviedo, é immensamente parecida com a da Beira Baixa (Covilhã) não tendo o final tão tragico:

Al Conde le llevan preso,
Al Conde Miguel del Prado;
No le llevan por ladron,
Tampoco por ter matado;
Lo llevan por que forzó
En el camino de Santiago
Una niña muy hermosa,
Cogiérala sin reparo.
Era sobrina del Rey,
Y nieta del Padre Santo;
Por eso le llevan preso
Al Conde Miguel del Prado.
Sin tener apelacion
A muerte lo sentenciaron.
Guárdanlo de dia cien hombres
Y de noche ciento y cuatro.

—Si estuviesse aqui mi primo
El mi primo Don Bernaldo,
No temiera yo cien hombres,
Ni tampoco ciento y cuatro.

Bernardo estaba en el juego
Y á la puerta lo llamaron;
Al mas aparar del juego,
Salió muy bien preparado
Con una espada en el cinto,
Y otra desnuda en la mano;
Y del brinco que pegó
Doce pasos ha salvado,
Poniendo el pié en el estribo
Ligero montó á caballo.
Marchó por la calle arriba,
Al Rey Alfonso ha topado.

«Adónde vas, caballero,
Adónde vas, Don Bernardo?
—«A' libertar á mi primo
Que yá lo estorán ahorcando.
«Porque és un primo tuyo
Yo mandaré libertarlo.
—«No quiero empeño del Rey
Ni de ningun soberano;
Quiero defenderlo yó
Con la fuerza de mi brazo.

Cuando llegára á la horca,
Le estaban predicando,
Diera un pontapié á la horca,
La hizo dos mil pedazos,
Y al verdugo en la cabeza,
Que pronto marchó rodando.

—«Toma la espada, mi primo,
Deféndete por tu mano;
No quiero que de mi sangre
Ninguno muera ahorcado.

(Ib., p. 50.)

Menendez y Pelayo publica uma terceira versão asturiana d'este romance, cujo quadro é a partida de D. Bernardo para ir libertar o pae, e a demora que lhe faz ter no caminho seu tio que o convida para descansar um pouco.

No *Romancerillo catalan*, n° 241, *El Conde preso*, vem este thema nos seus contornos mais simples; a emoção tragica está em que não lhe aproveita o perdão, porque o algoz já tinha puchado a corda:

—Afluixa, verdugo, afluixa la soga,
Respon el verdugo: que ya no és hora,
Que el Conde yá es muerto, que Dios lo perdone.

Menendez y Pelayo tem um longo estudo sobre os elementos historicos da lenda de Bernardo del Carpio, no seu *Tratado de los Romances viejos*, t. I, p. 176 a 206 (*Antol*, vol. XI.) Gaston Paris, na *Historie poétique de Charlemagne*, e Léon Gautier, nas *Epopées françaises* (vol. III) tratam este thema em relação ao grande vulto das Gestas carlingias.

Menendez Pidal, na nota do seu Romanceiro asturiano, mostra que o thema popular se afasta do typo da lenda escripta de Bernaldo del Carpio: «Em nenhum romance nem livro de cavallerias se diz que o Conde de Saldanha fosse condemnado a morrer na forca, de cuja affronta o liberta seu filho com heroico esforço, na narração asturiana.

«Os romances de Bernaldo que até hoje se conheciam, ajustam-se, e até a letra, com o relato que da sua historia admitte por verdadeira a *Cronica general*; porém o que incluimos no texto, cujos versos começam: *Preso vá el Conde, preso...* separa-se d'essa tradição geralmente seguida e a unica conservada nas canções vulgares, e parece referir-se a outra mais antiga, esquecida presentemente, de que tambem ha memoria na tantas vezes citada Cronica general: = *Algunos dicen en sus Cantares de Gesta* que fué este Don Bernaldo fijo de Doña Tiber, hermana de Carlos el Grande, e que vino aquella Doña Tiber en romeria de Santiago, et de sa tornada que la convidó el Conde Don Sandias de Saldaña et que la llevó consigo para su logar y ovo allo con ella su fabla et ella otorgole quanto el quiso et ovo entonces este fijo della, et el Rey don Alonso que lo recebió por fijo, porque non avie fijo ninguno que fincase por señor del reino despues de su muerte.=

«Estes Cantares de Gesta, dos quaes nos parecem ser derivação immediata o Romance provincial, foram inspirados sem duvida pela Canção franceza de *Roland* ou das duas que depois do seculo XI referiram aventuras de *Roland*, — crearam o Bernardo mythico, e para que tivesse tão nobre origem como o celebrado paladino franko, filho furtivo de Milon e de Bertha, irmã de Carlos Magno, fizeram-o tambem nascer furtivamente de outra irmã do mesmo Imperador, (D. Tiber)

dando-lhe por pae o Conde Sandias de Saldanha, para que não deixasse correr nas suas vêas sangue espanhol.» *(Romancero asturiano,* p. 289.)

No romance do *Conde Grifos Lombardo* é Carlos Magno quem condemna o Conde pelo attentado contra a romeira; depois complica-se a tradição, apparecendo em umas versões a salvar seu pae, n'outras seu tio, e em outra um primo. Proveiu esta modificação da hespanholisação da lenda, substituindo Carlos Magno por Alfonso o Casto, e Dona Tiber por dona Ximena sua irmã, de quem nascera o destemido fidalgo del Carpio. Este tio alludido no romance é Vasco Melendez, que revelara ao querido sobrinho que o rei Alfonso o adoptára por filho, por ser nascido da união de D. Ximena com o Conde de Saldanha, que estava preso. Estas indicações são como os fios que se destacam na trama d'este precioso romance.

2 — A Romeira. *(Romanceiro,* vol. II, pag. 126.) — E' o thema da dama que vae em romagem, e que é perseguida ou assaltada por um cavalleiro. O thema tem dois desenlaces : a *Romeira* torna-se a vingadora da sua honra, identificando-se com o thema de *Rico Franco ;* ou a Romeira transfigura-se revelando-se a Virgem Maria. Nas Notas a paginas 441 a 444, vêm estas duas situações. Menendez y Pelayo traz esta versão das Asturias, na sua *Antologia de Liricos hespanhões.* No seculo XIII era este um dos Milagres da Virgem, a protecção das romeiras, como se lê nas *Cantigas de Santa Maria* pelo rei Affonso o Sabio, escriptas em lingua portugueza, como o affirma o marquez de Valmar. Eis um d'esses milagres :

.....
Em Monserrat vertude
fez, que mui longe vôa,
a Virgem, se me ajude
ella, por hũa bôa
dona, que na montanha
d'í, mui grand'e estranha
deceu a hũa fonte
com toda sa companha,
por y jantarem,
des í folgarem,
et yrem sa via.
Mui grandes, noit'è dia
devemos dar por ende
nós a Sancta Maria

graças, porque defende
os seus de dano
et sem engano
em salvo os guia.
Ú seíam comendo
cabo d'aquella fonte,
saíu ben d'esse monte
Reimundo, un cavalleiro
roubador e guerreiro,
que de quanto traziam
non lhes deixou dinheiro,
que non roubasse
et non filhasse
com sa companha.
.....
A dona, mantenente
logo que foy roubada,
foi-s'ende con sa gente
muy triste e muy cuitada.
A Maderrat aginha
chegou essa mesquinha
dando grandes brados :
—Virgem santa Reynha,
dá-me vingança
cá pris viltança
en ta romaria.
.....

O nome do cavalleiro roubador *Reimundo*, subsiste nos romances populares como sendo o Rei, ao qual a romeira contrapõe o poder de seu esposo o Rei dos Mundos. (Vide *Cantigas de Santa Maria*, t. I, pag. 93. Ed. Madrid. 1889.

3 — Branca Flor. — *(Romanceiro*, vol. II, pag. 128 a 144.) — Outra vez o thema do reconhecimento dos esposos ou dos irmãos como na *Infanta de França* e *Linda Pastora;* aqui esse reconhecimento dá-se sob a desgraça do cativeiro. Correm estas versões em Tras-os-Montes, ainda com grande vivacidade, Minho, Beira Baixa, Extremadura, Algarve, Ilha da Madeira e Brasil. Garrett publicou a primeira versão no seu *Romanceiro* com o titulo de *Rainha e Cativa* (t. II, pag. 38), considerando que faltava nas collecções hespanholas. Na marcha das investigações viu-se que este thema existe largamente representado nos fócos mais ricos das tradições poeticas peninsulares : *Asturias*, *Catalunha* e *Tras-os-Montes*. Da superio-

ridade das versões tradicionaes portuguezas, quiz concluir De Puymaigre da modernidade d'ellas: «os portuguezes muitas vezes romanceam com mais talento assumptos que se acham nas collecções dos dois povos; porém esta perfeição denota a sua pouca antiguidade. De ordinario os romances portuguezes são mais claros, mais bem desenvolvidos, para se tomarem por primitivos.» (*Vieux Auteurs castillans*, t. II, pag. 270.) Quando De Puymaigre escreveu esta affirmação ainda desconhecia os cantos populares das Asturias e Catalunha; Nigra reconheceu a maior belleza dos cantos portuguezes comparados com os de Catalunha; e Jeanroy, nos *Origines de la Poésie lyrique en France* poz em evidencia o caracter archaico dos Cantos populares portuguezes, o que significa a maior pureza pela sua antiguidade respeitada.

Pela sua vasta vulgarisação na peninsula, poder-se hia determinar as suas fontes originaes na literatura da Edade média. Será este romance um vestigio remoto e já completamente alterado pela tradição do romance de *Flor e Blanchefleur*? Os nomes dos personagens são o *Conde Flores* e *Blancaflor*, a quem os mouros cativaram:

Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas
N'um rosal que meu pae tinha.

O nome de Blanchefleur, nas versões francezas é explicado pelo dia do nascimento do heroe:

Li doi enfant, quant furent né,
De la feste fure només:
La crestiène, por l'honor
De la feste, ot nom Blancefleur

v. 169—172.

Na versão italiana de Blancaflor as duas mães têm os seus filhos no mesmo dia:

Partorirno in una medesma sera
Di maggio, ch'era la rosa in su la spina...
Lo fresco giorno di *Pasqua rosata*.

E' mui frequente esta data nos poemas da Edade média, principalmente nos de origem oriental. Podemos com certeza asseverar que a versão portugueza, colhida da tradição oral, se encontra exactamente quanto á essencia no romance de *Blancefleur*, desde o verso 55 até o verso 190. (Ediç. Elzevi-

riana.) As alterações podem-se explicar do mesmo modo que Du-Méril descubriu pela analyse das versões hespanholas: «l'esprit espanhol ne parait pas l'avoir jamais comprise.» (Introd., pag. LXXIX) Desde quando andará na tradição portugueza este fragmento do romance de *Blancefleur*? Que elle era conhecido na Hespanha, sabemol-o por Affonso o Sabio, pelo Arcipreste de Hita e por Francisco Imperial; em Portugal encontramo-lo citado no *Cancioneiro* do rei Dom Diniz:

Qual mayor poss'e o mais encuberto
Que poss'e sey de *Brancaflor*
Que lhe non ouv'en *Flores* tal amor
Qual vos eu ey;.....

Na tradição da Grecia moderna, encontra se um poema sobre este thema publicado nas Memorias da Academia das Sciencias de Berlin, de 1845. Na Suecia, o canto de *Lind i Ana*. A versão de Garrett tem o titulo de *Rainha e Cativa*; nos Cantos tradicionaes dos Judeus de Levante, este titulo é empregado como um refrem do romance das duas irmãs;

Ya quedaron preñadas
Todas las dos en un dia,
La Reina con la cautiva.
Ya cortaron fajadura,
Todas las dos en un dia
La Reina con la cautiva, etc.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. x, p. 330.)

O Moirito

(TRAZ-OS-MONTES — *Baçal*)

—Moirito, se vaes a França,
Moiro, traz'-me uma cativa;
Nem parenta nem irmã
Nem gente que seja minha.

O Conde e a Condessa
Ambos vão de romaria,
A pedir ao Deus do céo
Que lhe desse filho ou filha,
Para herdar sua fazenda,
Que herdeiros não os tinha.
Puzeram-se a descansar
A' sombra de uma oliva;

A Condessa como nova
Logo se ficou dormida.
Levantou-se a Condessa
Logo mui despolvorida :

«Que a ti te matam os moiros,
E a mim me levam cativa !

A palavra não é dita,
Brincavam os moiros em cima.

«Por Deus vos pido, oh moiros,
Por Deus e Santa Maria,
Que me não mateis o homem,
Nem a mim me leveis cativa.

Ou por Deus ou pela Virgem,
Ambas pariram n'um dia :
A escrava traz um menino,
A rainha uma menina.
As parteiras eram falsas,
E trocados os traziam.
Levanta-se a rainha a vêl-a
De trez dias de parida.

—Porque choras, minha escrava,
Porque choras, 'scrava minha ?
«Choro pela fé de Christo
Para batizar a menina.
—Se estiveras na tua terra,
Que nome lhe porias ?
«Havia de lhe pôr (poêr)
Branca-Flôr de Alexandria ;
Chama-se assim minha mãe,
E uma irmã que eu tinha,
Que a cativaram os mouros
Dia de Paschoa florida,
Estando colhendo rosas
Para a Virgem Maria.
—Pelos sinaes que me dás
Tu és uma irmã minha.

—Perro mouro, perro mouro,
Perro mouro da perraria,
Tu mataste meu cunhado,
Trazes minha irmã cativa !

—«Se matei a teu cunhado
E' porque não o sabia;
Se cativei tua irmã,
Por que não a conhecia.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 48 : ib. IX, 292.

O Mouro

(TRAZ-OS MONTES — *Maçôres)*

—Oh mouro, se vaes á caça,
Traz'-me uma creada cativa,
Que não seja de lavrador
Nem de gente de villania;
Seja de Condes e Duques,
De gente de grande valia.

«Aqui tens tua criada,
Tua criada cativa,
Que não é de lavrador
Nem de gente de villania;
E' de condes e de duques,
Gente de grande valia.
—Aqui tendes, minha criada,
Chaves de minha cosinha.
—«Eu as acceito, senhora,
Não é com muita alegria.
Inda hontem era condessa,
Hoje môça de cosinha!

A ama era pejada,
A môça pejada vinha;
Quiz Deus e Nossa Senhora
Dessem ambas á luz n'um dia.
Nas mãos de as parteiras
Se lhe trocaram as crias.
Deram a fêmea á reina,
E o macho á bizarria.
A ama, de seus cuidados
Levantou-se mais um dia,
Foi a vêr sua criada,
Sua criada cativa.

—Como estás, minha criada,
Como estás, criada minha?
—«Eu de hoje mais em diante
Já vou, 'stando melhorsinha.

—Se estivesses na tua terra
Como chamavas a ninha ? (*)
—«Chamava-lhe Mar de Flôres
Mar de Flôres de Castilla,
Que assim era uma hermana,
Uma hermana que eu tinha,
Que a roubaram os Mouros
D'um pomar que meu pae tinha,
Andando a colher rosas,
Rosinhas de Alexandria.
—Tu agora se a visses
Ainda a conhecerias ?
—«Eu não a conheceria,
Que inda era pequenina ;
Pelos sinaes que ella tinha
Ainda a conheceria :
No seu peito direito
Uma rosa branca tinha.
—Pelas novas que me dás
Sois uma hermana minha.
Hermana como hermana,
Vamos nós para Castilla ?
—«Como me heide ir sem o Conde,
Sem a sua bizarria ?
—O Conde já está no céo,
Permitta a Virgem Maria.

—Venhas embora, oh Mouro,
Boa seja a tua vinda !
A criada que trouxeste
Foi uma hermana minha.
«Se ella é vossa hermana
Tratae-a com alegria ;
Se ella quizer ser casada,
Eu tambem a casaria;
Ou se quizesse ser freira
Eu tambem a metteria.
—Ella não quer ser casada,
Nem tambem freira mettida ;
Só quer que vós a leveis
A sua terra de Castilla.
«Todas as vontades faço ;
Só essa vos não faria.

(Romanceiro trasmontano, n.º 38. Ib., IX, p. 286.)

(*) *Anilhas.*

Las hijas del Conde Flores

(Versão da Galliza)

—Sal á cazar, el rei moro,
A' cazar como solias,
Y traerásme una cristiana
De gran belleza y valia.

Ya se saliera el rey moro
A' las carreras salia,
Y á la hija del buen conde
Alli ficiera cautiva.
Ya la lleva, ya lla lleva
Camin de la Moreria;
La hija del Conde moro
De seu esposo estaba cinta.
Y la presenta á la reina,
Que hace muy grande alegria.

«Bien venida la mi esclava,
La gentil esclava mia;
Tengo de hacer contigo
Lo que con otra no haria.
Tengo de darte las llaves
De todo quanto tenia.
—«No quiero tus llaves, mora,
Tus llaves yo no queria,
Pues las tuyas son de fierro,
Las mias de plata fina.

Quiera Díos y la fortuna
Que ambas parieron un dia;
La cristiana parió un niño,
Parió la mora una niña;
Las parteras son traidoras
Y por haber las albricias,
Llevan el niño á la mora;
Y á la cristiana la niña.
No tardara mucho tiempo,
Que dentro del tercer dia,
Fue la mora á ver su esclava
Por ver que cama tenia.

—Como está assi, la mia esclava,
La gentil esclava mia?

—«Como queres que yo esté?...
Como una mujer parida.
«Daráisme mi niño, mora,
Que yo lo bautizaria
Y pondriale *Conde Flores*,
Que asi le pertenecia.
«Si eso decis, la cristiana,
Qué pondrias á la niña?
—«Si yo estuviesse en mi tierra
Y la niña fuera mia,
Pondriale *Blanca-Flor*
Y Rosa de Alexandria,
Que asi llamaba mi padre
A' una hermana que tenia;
Me la cautivaran moros
Acá dentro, en Moreria,
Me la cautivaran moros,
Dia de Pascoa florida.
«Si eso decis, la cristiana,
Tú eres la hermana mia.

Esto que oyera elRey moro,
De alta torre venia:

—Que tiene la mi mujer,
Que tiene la mujer mia?
Pues cuando menos lo espero,
Hace tantas alegrias.
«Que entendi tener esclava,
Y dulce hermana tenia.
—Callad, callad, mi mujer,
Callad, callad, mujer mia;
Que de tres hijos que tengo
El mayor escoyeria,
Y por haceros merced
Con ella lo casaria.
«No lo quiera Dios del cielo,
Ni la sagrada Maria,
Dos hijas del Conde Flores
Maridar en Moreria.
Válgame nuestra Señora,
Válgame Santa Maria.

(*Antologia*, vol. X, p. 217.)

No *Romancerillo catalan*, n.º 242, *Las dos hermanas*:

—Digas, Moret, ahon t'en vas ?
«A rondarne la marina,
—Moret, si a Fransa t'en vas
Dun una hermosa cautiva,
No sigà pobre ni rica,
Ni venga de villania,
Venga d'un sanch real
De so milló que hi havia.

Ya venia Condi Floris,
Venia de romeria,
Demanava fill á filla,
Na deya si convenia.
Es moros plantaron guerra
Y guerra assi com solia,
Mataren Condi Floris
Que de Galicia venía.
La Condessa foi cautiva,
Todas pariren un dia.
La Reyna paré á palacio
Y l'esclava 'paré á cocina ;
La Reyna feya una hija,
L'esclava 'n feya un hijo.
Las traydoras llevaneras
Els-a varen cambiá,
Donaren l'hijo á la Reyna
Por mes al Rey contentá,
Y davan l'higa á l'esclava
Per mes estrena ganyá.
Estant l'esclava sentanda
La seva hija plorá.

—«No plores, figeta meva
Hija de la mena vida.
Si 'n fos à la mena terra
Yo ben t'en batiaria.
Et posaia de nom,
De nom Roseta Maria,
Nom de la Mare de Deu
Y d'una germana mia,
Que 's moros me l'endugueren
Un mati de Sant Joan,
De des del hort de mi padre
Rosas y clavells coyant.

La Reyna que sint aixó
De palacio vá bajá.
—Si tu ta germana vessar
En que la coneixeria.
—«No 'n la gregó de la cara
Porque ella no la tenia,
Devall de la sena esquena
Un higo senyal tenia;
Y si no le han llevat
Prante la coneixeria

Es va descudá 'l gipo
Y 's departa la camisa,
Y 's varen doná un abrás
En tristó y gran alegria;
Trovantse as des germanas
Esclavas dins Berberia.
Estant alli conversant
' Riba ' Rey de passetjia :

«A-que té la mi Condesa
Qu' ' está tan trista y afligida ?
L' há graviada l'esclava,
Molt fort la castigaria.
—No m' ha' graviat l'esclava,
Ningun tal no's posaria,
Sino que ella m'ha dit
Qu' es germana carnal mia.
«Si aqueixa fos veritat,
Yo criat li donaria;
O li busaria un turco
Dels mes grans de dalt Turquia.
Li pagaria una dot
Qu' anomenada seria.
—«Ves que molt anys, lo bon Rey
Den li dó mults anys de vida,
No-ho mana Deu del cel
Ni la sagrada Maria
A deixá la fe de Deu
Per segui lo de Turquia.
«Que s' acosti, 'l bon Rey,
S'acosti qu' hade diná.
Estant á taula dinant
Dormicien li va dona;
Armaren una galera
De tresentas que n'hi ha.

Llarga todos los cristianos
En mes anats que costá,
Aun algun turco á la mescla
Pera mas desimulá.
Com varen sé a las mais altas
Alla en es golf de la má.
Los turcos ya renegavan
Que se volian aná.
La Reyna va surti a popa
En un morcadó à la ma.

—Vaya, vaya, soldats mios,
Vengan turcos á la mia,
Qu' á sas terras del Rey moro
May mes no hi hem de torná.
Qu' hem de aná veure mon pare,
Veyén si 'm coneixerá.
Y un hijo me Deu m'ha dat
També me 'l vay emportá,
Per que de sa mena terra
Ningú an mi 's vuyga casá.
Hi set casada una volta
Allá 'm un Rey de lundá.
Hem d'aná veure ma mare,
Veure si 'm coneixerá.

Quant anivan a cas sena,
Demanaren per sa mare,
Y son pare li va di:

=Aqui la tens á ta mare,

Ella va di: «Aqueixa no es mare
Si acás es mallevada,
=Y aquestos infants que duis
No-es els viem emportat.
Y els envian de fora
Com á fiys de renegats.
«Aqueixos infants que duim
Ne mo' ls ' viam emportate
Ya que siguén fiys de moro
Son fiys de la nostra vida.
Dien que sigut alabat
El sagrat nom de Maria.

Outras versões catalans, em Pelay Briz, *Cansons de ja Torra*, t. II, p. 159. Amador de los Rios, *Historia critica de la*

Literatura española, t. VII, p. 455 : *Hijas del Conde Flores.* Illustracion americana, Sept. 1870.— Versões asturianas : Menendes Pidal, *Romances asturianos*, n.os XIX e XX : *El Conde Flor.*— Primnaveras y Flor de Romances, t. II, p. 38.

—

Tambem sob o aspecto do thema da *Esposa roubada*, libertada *(Noiva arraiana* e *Dom Gaifeiros,)* deve aqui incorporar-se o Romance trasmontano de *Dom Garcia*, em verdadeiro contraste com o de *Brancaflôr :*

D. Garcia

(Traz-os-Montes : *Vinhaes)*

—Eu montei no meu cavallo
Por aquella serra acima,
Pois a neve era mui grande,
Minha esposa vae perdida;
Vistes por aqui, minha mãe,
A minha esposa linda ?
«A tua esposa ahi vae,
Mui contente que ella ia !
Tocando n'uma guitarra,
Bom romance lhe fazia;
Com duzentos pêrros mouros,
Vão na sua companhia.
No romance vae dizendo :
=Morra, morra Dom Garcia !=
—Valha-me Deus, minha mãe,
Ella isso não dizia !
Vou saber de minha sogra,
Que ella isso não diria.

—

—Vistes por aqui, minha sogra,
A minha esposa tão linda ?
—«A tua esposa ahi vae,
Mui triste que ella ia
Tocando n'uma guitarra,
(Bom romance lhe fazia),
Com duzentos pêrros mouros
Que vão na sua companhia.
No romance ia dizendo :
=Vale aqui, Dom Garcia !
Se me não vales agora
Não me vales outro dia. =

—Adeus, adeus, minha sogra,
Que eu a valer lhe já ia.
Chegou ao meio da serra,
Vira ir a Dom Garcia.

=Descança aqui, oh mouro,
Que eu cançadinha já ia;
Tomaremos um taquinho,
Beberemos uma pinguinha.
Cavalleiro que além vem,
Elle para o Mouraria iria.
—«Se elle era teu pae,
De beber se lhe daria.
=Elle meu pae já o não tinha.
—«Pois se elle era teu irmão,
De beber se lhe daria.
=Pois elle meu irmão não é,
Que eu irmão já não tinha.
—«Pois si elle era teu marido,
De beber se lhe daria.
=Meu marido não é,
Que eu inda não o tinha.

—

—Deus os guarde, oh senhores,
Deus os queira guardar!
=D'onde era lo senhor
Que era tão cortez no fallar?
—Sou mouro da Mouraria,
P'ra lá vou a caminhar.
—«Se é mouro da Mouraria
Hade levar esta *ninha*,
Que levamos de esposa
O' meu rei da Turquia.
—Menina que não tem honra,
No meu cavallo não ia;
Pois de beijos e abraços
Que voltas já levaria?
—«Pois se a tinha, ainda a terá,
Ninguem lh'a tiraria,
Pois levamol-a de esposa
O' nosso rei da Turquia.

—

Pegara-lhe pela mão,
Sobre o cavallo a poria;

Os Moirinhos mas abaixo,
E los christanos mas ácima.
—«Tornamos cá, cavalleiro
Tornamos cá a nossa vi nha.
Que a levamos de esposa
Ao nosso Rei da Turquia.
—Dizei lá ao vosso rei
Que a ninha que era minha;
Que me pertencia a mim
E não ao rei de Turquia.
—«Temos cá os vestidos
Que já compramos á ninha.
—Os vestidos não são vossos
Os vestidos são da ninha.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 10; ib., VIII, p. 74,)

Na tradição popular das Asturias Menendez Pidal colheu duas versões d'este romance dignas de se compararem com a trasmontana:

La esposa de Don Garcia

En poder de moros va,
En poder de moros iba,
En poder de moros va
La esposa de Don Garcia.
....
—Dios la guarde, la mi madre,
Dios la guarde, madre mia;
Por aqui pasó mi esposa,
La mi esposa querida?
«Por aqui pasó esta noche,
Tres horas antes del dia;
Vihuela de oro en las manos,
Y muy bien que la tangia.
—Andes, andes, mi caballo;
Guárdete Santa Maria;
Llevareisme á lo palacio
Donde mi suegra vivia,
Que lo que mi madre ha dicho,
Mi madre revocaria.
.....
Dios la guarde, la mi suegra,
Dios guarde, la suegra mia,
Por aqui pasó mi esposa,
La mi esposa querida?

—«Por aqui pasó esta noche
Tres horas antes del dia,
Vihuela de oro en las manos
De pesar no la tangia;
Toda vestida de luto
Por onde iba oscurecia.
—Andes, andes, mi caballo,
Guárdete Santa Maria;
Pasarasme aquella sierra
Aquella sierra bravia;
Si á aquella sierra llegares,
Nunca mas aqui volvias.
.....
Dios los guarde a los moros,
Y a toda la moreria;
Grandes guerras les armásteis
Al Infante Don Garcia.
Y le robásteis la esposa
De los palacios de su tia.
=Tómela, el caballero;
Por cien doblas la darian,
Si doncella la trajimos,
Doncella la volveria.

Él la agarró por el brazo,
Y á caballo la ponia.

(*Antologia de Poetas liricos*, t. X, p, 76)

4 — O Cativo. — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 147 a 169.)— E' vivissima esta tradição em Lisboa, Algarve, Madeira e Açores; apagada na versão oral de Traz-os-Montes, assim como na Catalunha. (*Romancerillo catalan*, n.º 267) Menendez Pidal traz uma versão das Asturias, que na sua parte descriptiva é egual á portugueza, e com um quadro em que dois amantes foram ambos captivos (remeniscencia de *Flores e Branca flor*) e que, evadindo-se do cativeiro chegaram a sua terra natal, aonde são reconhecidos pelos parentes e alli se casam. (*Romances que se cantan por Asturias*, n.º 282: Los *Cautivos*) *Romancero general*, n.º 258; Timoneda, *Rosa de Romances* de 1572; *Antologia*, vol. X, p. 219, fragmento.

A poesia d'este romance animava todos os espiritos do seculo XVI. Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, de Vicente Espinel, o mais bello episodio é o de uns amores que teve o aventureiro, quando cativo em Argel. (Pag. 216, 218 e 220, da edição de 1869.)

Logo que Marcos de Obregou chegou cativo a A rgel, encontrou a mulher e a filha do capitão pirata na praia: «Saliéronle á recibir su mujer y una hija, muy española en el talle y garbo, blanca y rubia, con bellos ojos verdes, que realmente parecia más nacida en Francia que criada en Argel · algo aguileña el rostro alegre y muy apacible, y en todas las demas partes muy hermosa. Hallé un agradable albergue en hija y madre; pero mucho más en la hija, porque como habia oido decir á su padre mucho bien de España y los habitadores de ella, que naturaleza la llevaba por este camino. Regalábame más que a los demás esclavos ; . . . . » A prosa de Vicente de Espinel desdobra-se, aprimorada em phrases intraduziveis, para contar o amor occulto que nascia entre elle e a filha do capitão pirata. A *doncellita* mandava-o continuamente, para ter o prazer de ser servida por elle; o cativo veiu a receiar que descobrissem estes amores e tratou de combater em si a paixão : «La pobre doncella que sintió novedad en mi, llevólo con mucha melancolia de corazon, abatimiento de ojos, arcaduces y lumbreras del alma, color mudado de rostro, suspencion en las palabras y encogimiento en el trato.» Era uma nostalgia profunda ; depois de tentados todos os remedios, chamaram o cativo para lhe dizer umas palavras mysteriosas que sabia. Milagre de amor ! ao aproximar-se da *doncellita*, ella começou a animar-se, a fallar, a sorrir-se. Que pena ! o cativo, mais do que tudo, amava a sua terra, e só pensava em voltar a ella.

Já Camões fazia allusões a este romance, nos *Disparates da India*, (*Rimas*, Lisboa, 1666, p. 284). Camões termina uma estrophe com os dois versos com que o romance principia como no *Cancionero de Romances* de Anvers :

Mi padre era de Ronda
Y mi madre de Antequera, etc.

El Cativo

Preguntando está Flerida
A su esposo placentera,
En un vergel asentada
Junto una verde ribera:

—Digasme tu, esposo amado,
De dónde eres ? de qué tierra ?
Y a dónde te captivaron ?
Y liberdad quien te diera ?

«Yo os lo diré, dulce esposa,
Estando atenta siquiera: *
Mi padre era de Ronda, [1]
Y mi madre de Antequera;
Captiváronme los moros
Entre la paz y la guerra,
Y lleváronme á vender
A Velez de la Gomera.
Siete dias con sus noches
Anduve en el almoneda:
No hubo moro ni mora
Que por mi una blanca dera,
Si no fuera un perro moro
Que cien doblas ofreciera,
Y llevárame á su casa,
Echárame una cadena;
Dábame la vida mala,
Dábame la vida negra;
De dia majaba esparto,
De noche molia cibera.
Echóme un freno á la boca,
Por que no comiese d'ella.
Pero plugo á Dios del cielo
Que tenia el ama buena:
Cuando el moro se iba á caza
Quitábame la cadena;
Echábame en el regazo,
Mil regalos me hiciera,
Espulgábame y limpiaba
Mejor que yo mereciera.

A este thema do *Cativo* tambem se prende um outro, em que em vez de ser um christão é um mouro que é libertado pela piedade de uma donzella christã, que logo atraiçôa fugindo com ella e anunciando-lhe a escravidão, que a espera. Entra no numero dos Milagres da Virgem, o grande thema das *Cantigas de Santa Maria* do rei Affonso o Sabio. Na tradição oral de Traz-os-Montes encontrou Leite de Vasconcellos uma preciosa versão d'este thema, algum tanto fragmentada. (*Romanceiro portuguez* n.º XIX, p. 23. Lisboa 1886). Incorporamos aqui uma versão trasmontana de Vinhaes, acompanhada das variantes que a completam:

* Até aqui na *Rosa de amores*, de Timoneda.

[1] D'aqui em diante, com pequenas variantes, é similhante ao romance *Mi padre era de Ronda*, do *Cancionero de Romances*, de 1550, fl. 243

O Mouro

(Traz-os-Montes — *Vinhaes)*

—Canta Mouro, canta mouro,
Canta pela tua vida.
«Como cantara, senhora,
Se eu ferros não podia.
—Canta mouro, canta mouro,
Que eu t'os alargaria.
«Se m'os alargaes, senhora
Commigo a levaria. (1)

Levara-a sete leguas;
Nem uma falla lhe dizia;
O' cabo de sete leguas
Altas torres relumbriam.

—Dize-me, ó perro mouro,
Dize-me pela tua vida,
Quem são aquellas torres
Que d'ó longe relumbriam?
«Umas são de minha mãe,
Outras de uma tia minha;
Outras são de minha esposa
A quem eu tanto le queria.
—Dize-me tu, ó perro mouro,
Dize me pela tua vida,
Se me levas por esposa,
Se me levas por amiga?
«Nem te levo por esposa
Nem te levo por amiga,
Levo-te por minha escrava
Da sala e da cosinha.
O pão te darei por onça,
E a agua por medida;
Heide-te fazer a cama
D'onde o cavallo dormia;
Heide-te dar de paulada
Sete tundas cada dia.

(1) Segue-se na versão de Maçôres:

—Vamos, Mouro, vamos mouro,
Vamos para a Mouraria!

—Oh Virgem nossa Senhora, (1)
Se me valeis algum dia!
Tornae-me este pêrro mouro
A's prisões que meu pae tinha.

Palavras não eram ditas,
Moiro para traz voltaria.
Chegou á entrada do palacio,
Seu pae muita pena tinha.

—«D'onde vens, oh minha filha,
D'onde vens tão 'spalvorida?
—Venho da banda de além,
De cumprir a romaria;
Este ladrão d'este mouro
Foi na minha companhia,
Lá no meio do caminho
Fez-me uma descortezia.
—«O pão lhe hei dar por onça (2)
E a agua por medida,
Hei-de te dar por soldada
Sete tundas cada dia;
Heide-o carregar de ferros
Antes que amanheça o dia.

(Romanceiro trasmontano, n.º 71; ib. IX, p. 305.)

(1) Segue-se na versão de Maçôres:

—Minha Senhora da Serra,
Que estaes lá tão mettidinha,
Tendes la corôa de prata,
Meu pae de ouro vol-a daria,
Se me levaes este moiro
A' prisão que meu pae tinha.

(2) —«Podias comer bom pão,
Melhor que El rei comia;
Agora comes da palha
Que meu cavallo não queria!
Podias beber bom vinho,
Melhor que El rei bebia;
Agora bebes da agua
Que meu cavallo vertia!
Podias dormir boa cama
Melhor que El rei dormia,
Agora *drumes* na córte
Prezo á estrebaria.

Com o titulo *El Cautivo* vem uma versão asturiana d'este romance na Bibliotheca del *Folk Lore español*, t. VIII, p. 151 ; *Antologia Poetas liricos*, t. X, p. 149.

5. Vida alegre — *(Romanceiro*, vol. II, p. 171.) E' a unica versão conhecida, na tradição oral de Valpassos ; parece ser o exordio de um romance narrativo feito na época da reconquista do solo hispanico aos sarracenos ; não appresenta nenhuma allusão historica. Como falla de um cativeiro, ajuntamos aqui o romance do *Preso*, que anda geralmente intercalado em varios romances narrativos, tendo comtudo uma transmissão autonoma.

(Traz-os-Montes — *Vinhaes)*

Manhana de San João,
Pelas manhãs do alvor,
Todos os criados vão
Visitar o seu senhor ;
Só eu sou triste coitado
Que aqui estou n'esta prisão ;
Não sei quando é dia
Nem quando arraia o sol ;
Se não são tres passarinhos
Que me cantam no alvor :
Uma era a calhandrina,
Outro era o rouxinol ;
Outro era o pintasilgo
Que inda canta melhor.

(Romanceiro trasmontano, n.º 50 ; ib. IX, p. 293.)

No *Romancerillo catalan*, n.º 239, vem este romance :

El Preso

Mes de Mayo, mes de Mayo,
N'es tiempo de grans calores,
Cuando la cebada grana
Los trigos n'estan en flores,
Los condes y caballeros
Van á ver á sus amores,
Y yo, pobrete de mi,
M'estich metido en duras prisiones,
Sin saber quant es de dia
Ni tampoch quant es de noche

Si no por dos pajaritos
Que volan sobre la torre (1);
Lo uno n'hi marca le dia
L'otro n'hi marca la noche.
Los cabellos de mi cabeza
M'en redondean els talones,
Los pelos de mia barba
M'en redondean els genollos,
Las uñas de mias manos
Parecen uns tejadores.

§ IV. — Cyclo de Xácaras e Coplas de burlas

1. **O Cego** — *(Romanceiro*, vol. II, p. 173 a 190.) Em algumas versões o titulo traz qualificativos : *Cego fingido*, *andante*, *pedinte*, e *Cego amador*. No antigo *Cancionero de Romances*, de Anvers, encontra-se este thema particularisado em uma situação da sociedade mosarabe :

Yo me era mora Moraina,
Morilla de un bel catar,
Cristiano vivo á mi puerta,
Coitada, por me enganar.
Hablóme en *algarabia*,
Como quien la sabe hablar :

—Abras-me las puertas, mora,
Si. Alá te guarda de mal.
«Como te abriré, mesquina,
Que no sé quen tu serás ?
—Yo soy el moro Mazote,
Hermano de la tu madre,
Que un cristiano dejo muerto
Y tras mi viene el alcalde.
Si no me abres tu, mi vida,
Aqui me verás matar.

Cuando esto oí, cuitada,
Comencéme á llevantar,

(1) No *Cancionero de Romances;* e no *Cancionero general*, ed. 1511, fl. 136 :

Si no por una avecilla
Que me cantaba al alvor.

Vistiérame un almejia,
No hallando mi brial.
Fuérame para la puerta,
Y abrila de par en par.

O velho romance não tem desfecho, mas advinha-se o resto. Na *Floresta de enganos*, de Gil Vicente, vem o fragmento de um romance, com o mesmo pretexto :

Llevántate, panadera,
Si te has de llevantar,
Que un fraile dejo muerto,
No traigo vino ni pan.
(Obras, t. II, p. 139.)

As numerosas variantes d'este romance são quadros renovados, pondo em evidencia a elaboração anonyma popular. No Brasil esta canção narrativa teve um desenvolvimento figurado ou dramatico. No Lagarto, villa de Sergipe, nas festas populares das Janeiras, esta *xácara* é representada em fórma de Auto, conjunctamente com o *Bumba meu boi*, os *Marujos*, os *Mouros*, elementos preciosos da elaboração espontanea do theatro popular. *(Rev. Brasileira*, vol. I, p. 265.) Depois dos riquissimos fócos tradicionaes da Madeira e Açôres, ainda se encontra uma versão d'este romance do *Cego* entre os Judeus portuguezes, que foram expulsos pelo fanatismo boçal do rei Dom Manuel, para com isso captar as graças da côrte castelhana.

Nos *Romances tradicionales de los Judios de Levante*, n.º 39, vem esta versão do *Cego :*

Siete años andaví
Por una linda dama :
No me la dejan ver,
Ni por puertas ni ventanas.
Hiceme un Romero
De la Roma santa.
Fui á la su puerta
Demanda le demandaba.
(La madre cosia,
La hija labrava) :

—Levantéis, bolisa,
Del vuestro labrado ;
Le deis la limosna
A' este Romero.

«Madre, la mi madre,
Que este mal Romero ?
Yó le dé la limosna,
El me apreta el dedo.
—No pecáres la mi bolisa,
Que él allá es un ciego :
—«A tientas, á tientas,
Os apreté el dedo.
Mostradme, bolisa,
Por dónde es el camino ?
Yo os daré á vós
Anillo de oro fino.
Mostradme, bolisa,
Por dónde dó el paso ?
Y os daré a vós
Anillo de oro en mano.

Estas palabras diciendo
Al hombre se le echó.
Pregoneros salian
Por todas las vias.

=Quién vida á la flor,
Y la floreria ?
Quién vido al Romero,
Que bulto llevaria ?
—Si es la mi hija,
Traédmela al lado.
Si és la mi nuera
Llevadla al palacio.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, t. X, p. 335.)

O Conde Nigra encontrou doze versões d'este romance na Italia piemonteza (Piemonte, Monferrato e Canavese) com muitas similhanças com as dos Alpes Maritimos ; intitula-se *Bella Leandra*. Acompanha-as de um erudito estudo, do qual compilamos a parte mais geral. O thema, em que um rei vestido de mendigo, recebe esmola da donzella, e lhe aperta a mão, e depois a desposa, é analoga á lenda de Autari, rei dos Lombardos, e da sua noiva Theodolinda, contada por Paulo Diacono. (*De Gesta Longob.*, III, XXX.) Autari fôra á côrte do rei da Baviera Garibaldo, assim disfarçado para conhecer mais de perto a noiva. Tambem os chronistas Aimonus e Gregorio de Tours, attribuem um caso semelhante a Aureliano, convidado por Clodoveo, rei dos Frankos, para ir á côrte

do rei dos Burgundios offerecer o annel nupcial á princeza Clotilde; elle vae tambem disfarçado em mendigo. Ainda a mesma lenda nos esponsaes de Attila e Erka, nos de Herbart e Hilda. *Canti popolari del Piemonte*, n.º 43 : *La bella Leandra*, p. 267 a 273.—*Romanic*, vol. XV, p. 122-23. Garrett determina os paradigmas em duas balladas escossezas do rei James V : *The Gaberlunzie man* e *Jolly Beggar*. (Percy's, *Reliques of ancient english Poetry*, série II, vol. I, 10.)— Menendez y Pelayo, *Antologia dos Poetas liricos*, vol. X.

2. Linda a Pastora; Linda Pastorinha; Os dois Irmãos; Pastora Linda; Rosa Pastorinha.— (*Romanceiro*, vol. II, p. 191 a 219.) Na tradição portugueza este romance é muitas vezes acompanhado de um preambulo, contando como um rapaz regressando do Brasil á sua aldeia, encontra a irmã na serra, e antes de se dar a conhecer, começa a fallar-lhe de amores, por apósta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiva de todas as môças da terra. Na versão garrettiana, dos arredores de Lisboa, o guapo galanteador não é irmão, nem vem com a preoccupação da apósta; é um despique de conversados, com aquella antiguidade das «*Cantigas serranas* e dizeres portuguezes» de que fallava o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal. Nos *Canti popolari del Piemonte*, colligiu Nigra duas versões *Tentazione* (p. 403) e la *Figliula prudente* (p. 460); aponta nas suas notas numerosos paradigmas italianos de Marcoaldi, Rhigi, Bernoni, Ferraro, e Domenico Buffa. Mostra que as versões francezas e provençaes são semelhantes ás italianas.— Guillon, *Chans. popul. de l'Ain*, p. 63. — Damase Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, II, 113, com este final, analogo ao portuguez :

> Garde les moutons qui voudra,
> E me lou galant vau anar.

Tambem em outras versões portuguezas triumpha a honestidade da rapariga, como na da Bretanha : *Le frère et la soeur* (Luzel, *Cants populaires de la Basse-Bretagne*, I, 203); e *Chants populaires du Nord*, de Marmier, p. 175 : *L'épreuve*. Emile Souvestre, *Les derniers paysans*, p. 119.— Na Ukrania *O Irmão e a irmã*; e a bylina russa : *Petrovitch*.

Nos *Chants populaires du Pays Messin* (p 54), encontramos um romance perfeitamente analogo ao nosso; transcrevemol-o para se seguir o fio originario da tradição :

L'épreuve

—Ma mère, où est ma sœur ?
«Mon fils, elle est aux champs,
Gardant ses moutons blancs.
—Ma mère, n'avez-vous pas peur d'elle ?
Les soldats y sont si frequents,
Qu'il y en a parmi les champs.
«Mon fils, quand il y en avait mille,
Dix mille, aussi dix millions,
Jamais votre sœur n'y auront.
—Ma mère, voulez-vous parier
Cent pistoles, et qu'elle ne me reconnaisse point,
Et je vous promets que je l'emménerai bien.

A pris son cheval par la bride,
S'en va, riant, tout falottant,
Trouver la bergère aux champs :

—Que Dieu te guarde, belle bergère,
Bergère, en guardant tes moutons,
Ensemble si tu veux causerons !
Ma bergère, jolie bergère,
J'ai cent écus à vous donner,
La belle, s'il vous plais de m'aimer.
«De vos cent écus je n'en ai que faire,
Je n'ai point de bourse pour les serrer ;
Là, vous pouvez vous retirer.
—J'ai une belle bourse, jolie bergère,
J'ai une belle bourse à vous donner,
La belle, s'il vous plait de m'aimer !

La belle a planté sa houlette.

«Gardera mes moutons qui voudra,
Avec mon amant je m'en vas.

—Tenez, ma mère, voilà ma sœur
Elle est à moi si je voulais ;
Mais, c'est ma sœur, je n'oserais.

La belle a pris si grand honte,
Dans la rivière elle va se jeter ;
La pauvre fille, elle s'a noyée.

Este desfecho tragico como consequencia de uma apósta divertida não se encontra na tradição meridional.

3. Dona Ausenda — *(Romanceiro*, vol. II, p. 222.) Quadro desenvolvido de uma situação do Conde de Montealvar, representado por um ermitão da Ponte da Alliviada. Contém o talisman genesico da *erva fadada*, que é as vezes uma certa fonte e o Philtro de Yseult ou *Isaut*, *(Isêa* e *Ausenda)*. Incorporamos aqui uma versão trasmontana deturpada por um extremo laconismo :

Dona Alvórea

(Traz-os-Montes — *Ligares)*

A' porta de Dona Alvórea
Nasceu uma herva mui má ;
Dona Alvórea buliu n'ella,
Logo se sentiu pejada.

—De que mira, meu pae,
De que tanto me mirava ?
«Miro-te, oh minha filha,
Que me pareces pejada.
—Não é d'isso, oh meu pae,
E' a saia mal talhada.

Mandou chamar dois alfaiates
Em que elle mais confiava.

«Digam-me, oh senhores mestres,
Que êrro tem esta saia ?
—«Esta saia não tem êrro,
Nem tampouco mal talhada ;
A menina que a trai
Nos parece pejada.

—

«Que levas ahi, sobrinho
Na ponta da tua capa.
=Levo pêras e maçãs
Para dar ás desejadas.
«Déral-as a tua prima
Que tambem as precisava.
. . . . . .
Que levas ahi, sobrinho ?
Falsete da minha casa ?
=Não é isso, oh meu tio,
E' um cavallo que relinchava.

(Romanceiro trasmontano, n.º 52; *Rev. Lusit.*, t. IX, p. 294.)

4. Flor do Dia — *(Romanceiro*, vol. II, p. 226). Unico, na tradição açoriana da ilha de S. Jorge. Appresenta uma circumstancia curiosissima: a versão IV da *Não Catherineta* (Açôres) dá ao gageiro que sobe ao mastro o nome de Pedro, o qual acceita a offerta que o Capitão lhe faz de uma das suas trez filhas, que elle avista debaixo de um laranjal; mas ao chegarem a terra a salvamento, o capitão já não está pelo promettido e as trez meninas que deram com o gageiro no quintal, desancaram o com muita pancada. Sobre este lance o povo tinha margem para bordar nova rhapsodia ligando a *Não Catherineta* com a *Bella Infanta*, evidenciando o seu fundo odyssaico.

5. O Toureiro namorado — *(Romanceiro,* vol. II, p. 228.) Colligida da tradição oral da Beira Baixa; tem o merecimento de representar um aspecto dos costumes peninsulares, a paixão pelos divertimentos tauromachicos. Não se encontra nas demais provincias. O final apparece como logar commum em outros romances. No *Testamento do Gato*, da Galliza, vem:

«Nha madriña, se me muero,
Non me entérren en sagrado,
Entérenme en campo verde,
Ond' á pacer vai o gado.
Deijenm' a cabeza de fora
E o cabello ben peinado.
Para que digan as gentes:
=Este pobre desdichado
Non morreu de tabardillo,
Nin tampoco de costado;
Morreu, si, de mal d'amores,
Ay! qué mal desesperado.

(Biblioteca de las Tradiciones populares españ., t. IV, p. 15.

Em uma das versões do *Conde Preso*, apparece esta mesma disposição do que vae morrer.

«*O Conde*» *(Versão de Maçôres)* n.º 88, do *Rom. trasmontano*, tem o seguinte final:

—Mais quero morrer com honra
Que viver envergonhado,
Nem por mim toquem sinos,
Nem subam ao campanario;
Nem me enterrem na egreja,
Nem tampouco em sagrado.

Enterrem-me n'aquelle vall' verde
Onde pasta o meu cavallo,
Deixem-me a cabeça de fóra
E o meu cabello entrançado,
Que digam os passageiros :

=Deus te perdôe, desgraçado !
Nem morreu de garrotilho,
Nem tampouco constipado ;
Morrera de mal de amores
Que é um mal mui desgraçado.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 88; *Rev. lusit.*, IX, 315.)

Os *touros* eram obrigados ás festas reaes portuguezas, como se vê na *Miscellanea* de Resende. Pelas festas do nascimento do Principe D. João, pae de D. Sebastião, correram no Funchal «muitos Touros grandes e bravos... e hum touro manchado, pintado, que veiu do Cabo da Guee, para esse effeito.» (Fructuoso, *Saudades da Terra*, cap. 108. Ed. Azevedo.)

7. **A Freira arrependida** — (*Romanceiro*, vol. II, p.ª 232 a 237.) E' um grito de alma saído dos in-pace dos claustros medievaes. E' uma queixa dorida da mulher na sua fraqueza, mas fortificada pela verdade do sentimento e do bom senso, appellando para que chegue a hora do imperio da rasão e da tolerancia. Quem escreveu ou sentiu a desolação d'esta *xácara* foi talvez alguma contemporanea, irmã no soffrimento, d'essa pobre *Religiosa portugueza*, Marianna Alcoforado, que soube exprimir com palavras eternas a paixão da alma.

No Cancioneiro manuscripto do Visconde de Juromenha, do seculo XVII, extrahiu D. Carolina Michaëlis (fl. 9, n.º 31,) uma *Lamentação de hũa Freira que meteram no Mosteiro de menina* ; consta de trinta e trez estrophes ; transcrevemos as que mais se aproximam da lição portugueza :

Mis padres me encerraran
por se ahorrar de mi dote ;
vestíranme un capote,
i soi monja.
Habláronme com lisonja
i diéranme un saial ;
quando conocí mi mal
era professa !
Todo es una celda huesa
dormitoiro es purgatorio ;

regalos de refeitorio
son gemidos!
.....
Si no es la abade benina
luego vos pone na cruz;
i todas hazemos buz
i no basta.
Coitada de la que gasta
su vida traz torno é redes!
mal haia quien hizo parédes
i tan altas
....
Véome nesta estrechura,
Do salir ia no espero,
ni tener ia lo que quiero,
si no muerte.
Dura i inqua suerte
Fue la mia, i sin remedio,
pues no puedo hallar medio
á mi vida.
. ...
Pues no tengo en mi mano
quanto io tener solia,
que aqui niña me ponia
mi padre.
Oh cruel de ti, mi madre,
Como en esto consentiste
que fuese io la mais triste
de tus hijas.
Si desto te regosijas
ia acabado lo tienes.
Mando, queda con tus bienes,
i tu hados
.....
Mas denme la sepultura
que mi anima desêa,
i plega a Dios que possea
el cielo que siempre dura,
i penar mas no me vea!

(*Zeitschrifte fur romanische Litteratur*, vol. VIII, p. 636.)

Em todas as religiões asceticas o tedio é o mesmo; nos *Avapanas*, da China, traduzidos pelo celebre sinologo Stanislas Julien, vem uma ballada, *Ni-ku-ssé-fan* ou a *Freira que pensa*

no mundo, que tem fundas analogias com a xácara portugueza :

«Na primeira vigilia, uma joven religiosa entrou no templo ; — ella tem na sua mão umas camandulas de perolas brancas, e os seus olhos estão alagados de lagrimas:— «Pobre menina ! Que desgraça a minha, por ter deixado o mundo. Estôu na flôr da minha primavera, e sem ter um esposo !»

Ella deixa escapar uma queixa contra seu pae, um murmurio contra sua mãe:— «Não era preciso arrastar-me onde todas as manhãs se adora Kuan e Fo. Quando chega a noite, eu penso em ter um esposo ornado de gracas, e espirito.»

Na segunda vigilia, a joven religiosa afflige-se e lamenta-se : — «Eu penso em minhas irmãs, que têm cada uma d'ellas um esposo encantador, que realça pelo trajo e pela sua belleza. Ellas têm em seus braços lindos filhos, que chamam pela sua mãe com uma voz cariciosa.

«Quanto mais n'isso penso, mais a minha alma se confrange de dôr. Ellas mostraram os seus negros cabellos, e mostram quanto podem a habilidade e o desejo de agradar. Flôres recentemente apanhadas baloiçam levemente sobre suas cabeças, e argolas de ouro pendem-lhes das orelhas !»

Na terceira vigilia, a joven religiosa pensa e suspira:— «Eu vejo o disco arredondado da lua e que gira para o occidente, em quanto eu estou no templo immersa em um devaneio silencioso.» Ella lava as suas mãos para queimar incenso, e profere : — «*O-mi*

. . . . . .

Na quarta vigilia, a joven religiosa cahira em somno profundo:— «Eu vi em sonhos um estudante môço que entrava na minha cella. Elle puchou-me para si e apertou-me sobre o meu coração. Encostou-se sobre o meu leito e encheu-me de afagos.

«Em meio do sonho, dirigiu-me palavras de ternura e de amor. Que escuto ! o vento empurra a minha porta, e a aldraba sonora retumbou na minha alma abalada... Eu acordo, e a minha illusão esvae se. Dou por mim sobre o meu leito humido de lagrimas, e caio n'um vacuo medonho.»

Na quinta vigilia a joven religiosa adormece até á hora em que o sol doira os primeiros alvores do dia.— O pássaro kinhi poisa sobre o ramo e solta o canto matinal que annuncia a aurora. «Eu reso as minhas orações sacras, mas a minha alma verga sob os mais crueis tormentos. Eu só tenho um desejo : é descer da montanha á procura de um esposo.»

Ella deixa escapar uma queixa contra seu pae, um murmurio contra sua mãe : — «Não era preciso, não, encerrar-me

em clausura. Uma cousa me espanta, e mesmo me confunde : é a resposta d'aquelle que leu a minha sina. Aquelle que tirou a minha sina disse, que eu estava destinada a viver sósinha, que eu devia renunciar ao que é mundano.

.....

«As mulheres seculares vestem-se de tecidos macios, entretecidos de ouro e de seda. Esta triste escrava não tem outra vestimenta além de uma tunica de estamenha feita de retalhos grosseiramente cosidos.

«Esta manhã o superior saíu : eu quero fugir da clausura e ir procurar um amante.— Quero um esposo, quero-o terno e apaixonado. D'aqui a um anno eu serei mãe. No anno que vem, uma bella criança hade estar suspensa ao meu seio.

«Quando o tiver creado até á edade de um anno, até á edade de dois annos, elle me puchará docemente pela saia, e com voz infantil me chamará ma-má. Etc. *(Contes et Apologues indiens, suivis de Fables et de Poésies chinoises*, t. II, p. 176 a 184.)

8. Confissão do Pastor — *(Romanceiro*, vol. II, p. 242.) Trovas de um dialogo faceto e atrevido da Edade média, em que o povo parodiava os sacramentos. Não se encontra um minimo vislumbre da *Confissão do Pastor* no continente. Termina com um traço pittoresco, que faz o desespero da arte. O padre manda ao pastor que ajoelhe, porém o mancebo das brenhas só está acostumado a ajoelhar-se para receber na bocca a *frechada de leite*, acompanhada com a dentada de pão. Escrevia-nos o dr. João Teixeira Soares sobre esta versão colhida na Ribeira de Areia : «A respeito da tradição poetica da Ribeira de Areia, ha n'aquelle logar uma senhora D. Barbara de Azevedo, matrona quasi nonagenaria ; nasceu, foi criada e tem sempre vivido alli ; conserva a memoria ainda fresca e gosta muito de poesia popular, de que é um verdadeiro tombo. Foi d'esta senhora, exclusivamente, que Marianna da Conceição e mais uma ou duas raparigas do logar têm recebido os seus conhecimentos sobre o assumpto. Isto prova o quanto a tradição d'estas cousas tende a obliterar-se da memoria do povo. Sem esta senhora, as tradições que eram populares nas gerações contemporaneas na sua mocidade, não teriam attingido a actual.»

20. O velho gaiteiro — Maravilhas do meu Velho — A Viuva casadeira—Viuva resignada — Pranto da Viuva — *(Romanceiro*, vol. II, p. 260 a 265.) O thema do *Velho* na tradição fica tratado na *Historia da Poesia popular portu-*

gueza, t. I, p. 462. Nos *Canti popolari del Piemonte*, Nigra traz duas versões d'esta xácara com o titulo *Strano Vocero* (p. 419) e fez o confronto com as numerosas versões francezas, publicadas por Tarbé, *Romancero de Champagne*, II, 242; da *Romania*, vol. IV, 216; V, 376; da Revista *Melusine*, I, 544; II, 302; Bladé, *Chans. popul. de Gascogne*, II, 57; III, 383; Boujeaud, *Ch. populaires de l'Ouest*, II, 52, 68, Fleury, *Litter. Orale de la Basse Normandie* p. 360, e nas colleções de Cénac Moncaut, Decombe, Guillon e Rolland.

26 — O Galante. — *(Romanceiro*, vol. II, p. 276.) Colligida esta preciosa xácara na ilha de Sam Jorge (Açores) e publicada nos *Cantos populares do Archipelago*, n.º 81. Nenhum folk-lorista a encontrou ainda em qualquer terra de Portugal. Nas Asturias, apesar de ser uma canção narrativa, tornou-se um Jogo infantil; colligiu-a Menendez Pidal nos *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, p. 349:

—Me casó mi madre,
Chiquitita y bonita,
Con un muchachito
Que yo no queria.
A' la media noche
El picaro se iba,
Con capa terciada
Y espada tendida.
Le seguí los pasos
Por ver donde iba,
Y le veo entrar
En cá su querida.
Me puse á escuchar
Por ver lo que decian,
Y oigo que le dice:
=Palomita mia,
A ti he de comprarte
Saya y mantilla,
Y á la otra mujer
Palo y mala vida.=
Me fuí para casa
Triste y afligida;
Púseme á cenar,
Cenar no podia;
Me puse a rezar
Rezar no podia;
Me puse al balcon
Por ver si venia;

Ya escuché sus pasos
Por la calle arriba;
Llegóse á la puerta,
Llamando decia:
=Abreme la puerta,
Abre, vida mia,
Que vengo cansado
De ganar la vida.
—Tu vienes, traidor,
De ver la querida;
Bien te oí decirle:
=Palomita mia,
A ti he de comprarte
Saya y mantilla,
Y á la otra mujer
Palo y mala vida.=

Tambem se encontra nos *Cantos populares de Andaluzia*, de Francisco Rodriguez Marin, t. I, p. 81; tem algumas variantes, principalmente no final:

—Tu vienes cansado
D'en ca e la querida.
=Pícara mujer,
Quien te lo decía?
—Hombre del demonio,
Yo que lo sabia.

Bertrand y Bros, *Cansos y Folias*, p. 123.

38 — O Gato Bella Saude — O senhor D. Gato. — (*Romanceiro*, vol. II, p. 294-295.) — Encontra-se esta xácara na Biblioteca de las Tradiciones populares españolas, t. IV, p. 84; é uma versão gallega, intitulada o *Testamento do Gato*. No *Folk-Lore Bético-Extremeño*. p. 99, vem a seguinte versão castellana, colligida pelo Dr. José Leite de Vasconcellos:

Romance

Estando el señor gato
Sentado na sua silla,
Calzando médias de seda
Zapatos de oro picado,
Con el sombrero á los tres ventos,
Parecía un escribano,

Le llegó una noticia
Que había de ser casado;
Y el gato con la risa
Cayó de la silla en bajo,
Quebró las siete costillas
Tambien la punta del rabo;
Mandó á llamar los médicos,
Y tambien un cirujano.
Tuvo que hacer testamento
De lo que había robado:
Beinte libras de tocino
Siete gallinas y un gallo.
Ah, pobrecito gato!
Que no se entierra en sagrado!
Entiérrase en un campo verde,
Donde passeia el ganado,
Con la cabecita fuera
Y en cabello bien peinado,
Para quien pase por allí
Diga: Aquí está un desdichado
Mico gato meu.

41 — Amphiguri — *(Romanceiro,* vol. II, p. 297.) Filinto Elisio cita em uma nota estes versos desconchavados como tradicionaes; e Alexandre Herculano, em um artigo *Na Extremadura*, escreve: «é cousa inintelligivel, como um pergaminho gasto, e quasi apagado do seculo X, absurdo como um drama romantico, e o

Trinta gallegos
Não fazem um homem.»

(Panorama, t. III, 106.)

Completam-se as Xácaras e Coplas de burlas, com outras ainda não incorporadas, colligidas pelo Abb.e José Augusto Tavares no *Romanceiro Trasmontano*, publicado na *Revista Lusitana:*

O vestido novo

(Traz-os-Montes — *Vinhaes)*

O meu vestidinho novo
De ouro bem agaladoado!
Se me eu vira tão nova,
Fui-me a passear ao adro;

Vira andar aos meus amores
Passeando no mercado.
Acenavam-me de um lenço,
E eu fui ao acenado.
Estando fallando d'amores,
Meu irmão tinha chegado;
Tantas pancadas me deu,
Por morta me deixara.
Adeus, adeus, meus amores!
D'amores não quero nada.

(Ib., n.º 15; *Rev. lus.*, VIII, p. 77.)

Oh triste velha

(TRAZ-OS-MONTES — *Carviçaes)*

—Meninas, fosteis á feira,
Visteis lá os meus amores?
«Sim, senhora, bem n'os vimos
Na feira dos compradores.
—Meninas, minhas meninas,
Que visteis lá comprar?
«Oh velha! oh triste velha,
Um punhal p'ra te matar.
—Meninas, minhas meninas,
Adonde me hei de acautellar?
«Oh velha! oh triste velha,
Debaixo de um laranjal
—Meninas, minhas meninas,
Deixae-me aqui descansar.
«Oh velha! oh triste velha,
Já te podes levantar.

(Ib., n.º 16; *Rev. lus.*, p. 77.)

O Moleiro

(TRAZ OS-MONTES — *Carviçaes)*

Ao moleiro lhe furtaram
A mulher pelo telhado,
Pensando que era toucinho
Que estava dependurado.
Ao moleiro lhe furtaram
Sete pitas e um gallo:

Moleiro ficou perdido,
E o ladrão ficou ganhado.
Uma certa cosinheira
Lá poz dois cruzados novos;
Lá na sua frigideira
Deixou frigir um par d'ovos.
Pensou que era pão com queijo,
Comeu-lhe duas fatias;
Meteu-se em taes serviços...
Durou pouco mais de dois dias.

(Ib., n.º 17; *Rev. lus.*, VII, 77.)

A malcasada

(Traz-os-Montes — *Carviçaes)*

Estava a malcasada
No seu tear tecendo,
Da sua vidinha nova
Mal estava dizendo.
Ouviu lh'a um clerigo
D'onde estava lendo;
Pegou no seu breviario,
Fôra-se lá correndo:

—Gertrudes, mal casada,
Que estaveis dizendo?
«Caiu-me a lançadeira,
Estava-l'a eu erguendo.

Ouviu-a outro clerigo,
D'onde estava resando;
Pegou no seu breviario,
Fôra-se lá andando:

—Gertrudes, mal casada,
Que estaveis fallando?
«Caiu-me a lançadeira
Estava-a levantando.

(Ib., n.º 18; *Rev. lus.*, VIII, 77.)

Retira-te, oh ama

(Traz-os-Montes — *Ligares)*

—Retira-te, oh ama,
Que vem a Justiça.

«Se vem a Justiça,
Venha muito embora;
Eu heide ter dama
Do Juiz de fóra.
O juiz de fóra
Diz que está doente;
Eu heide ter dama
Do seu escrevente.
O seu escrevente
Não me quer fallar.
E eu pr'amor d'isso
Heide-me casar.
Se me não casar,
Metterei-me freira;
Se freira não fôr
Serei regateira.
Heide comprar caro
E vender barato;
E se vir que perco
Largarei o trato.

(*Ibid.*, n.º 4; *Rev. lus.*, VII, 73.)

A Villaninha

(Traz-os-Montes — *Vinhaes*)

—Villaninha me sondes ora.
«Villana sou, mas não vossa.

—Como passa la villana
Lá no rio sem uma ponte?
Alvejam-lhe os pés n'agua,
Parece a neve do monte...

Como passa la villana
Lá no rio sem *na* pedra?
Alvejam-lhe os pés n'agua,
Parece a neve na serra...

Bem lhe mirava el-rei,
A's suas altas janellas:

—«Oh quem fôra senhor, fôra
De tão *alvesinhas* pernas!
«Fazei vós a mim senhora
Das vossas altas janellas,
Que eu vos farei a vós senhor
Das minhas alvinhas pernas.

—Oh quem fôra senhor, fôra
De tão lindos pernegões!
«Fazei-me vós a mim senhora
Dos vossos altos balcões,
Que eu vos farei a vós senhor
Dos meus alvos pernegões.

(Ib., n.º 6; *Rev. lusit.*, VIII, p. 73.)

Rosa branca

(Traz-os Montes — *Vinhaes)*

—Oh que linda rosa branca
Lá no claro se passeia!
Oh que lindo botãosinho
Se passeia a par com ella!
Se ella é de gente nobre,
Eu hei de casar com ella;
Se ella é de gente baixa,
Hade ser minha manceba.
Caçador que vaes á caça,
Caça-me aquella manceba!
«Se m'a vós mandaes caçar
Eu ficarei a par d'ella...
—Pois tu, lhe queres tanto
Por ventura tens com ella...
«Morreu-lhe seu pae ha pouco,
E eu ficava tutor d'ella.

(Ib., n.º 7; *Ib.*, VII, p. 73.)

A Lavadeira

(Traz-os-Montes — *Vinhaes)*

Bem lavava a lavadeira,
O' som da sua barrella...
Ella cantando dizia:
—Oh que meada tão bella!

Os pannos que ella lavava
Eram do rei de Castella;
O sabão que ella deitava
Viera de Inglaterra;
A lenha que ella queimava
Era cravo e canella;
Lavava-os em tanque de ouro,
Estendia-os na primavera.

(Ib., n.º 13; *Rev. luist.*, VIII, p. 76.)

ROMANCES HISTORICOS E LENDARIOS

§ 1. Cyclo Neogodo e Mosarabe

1. Monte Medulio — *(Romanceiro,* vol. II. pag. 303.) Vidè *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I, p. 196. Pertence á cathegoria dos romances bailados.

2. O Velho Maioral — (*Romanceiro*, vol. II, pag. 304) estudado na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 258.

3. Dom Julião — (*Romanceiro*, vol. II, p. 306). Sente-se n'este romance o relêvo litterario, que inquina quasi todas as versões do *Romanceiro do Algarve*, de Estacio da Veiga. No emtanto o seu fundo primitivo determina-se pelo romance da *Silva de Romances viejos*, que começa : (Grimm., ed. 1815, p. 288)

> En Ceupta está Julian,
> en Ceupta la bien nombrada...

Na versão algarvia acham-se estes mesmos versos :

> Dom Julião lá em Ceuta,
> Lá em Ceuta, a bemfadada....

Vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 227.

4. Dom Rodrigo — *(Romanceiro,* vol. II, pag. 308.) D'esta versão algarvia, colligida por Estacio da Veiga, escreve Menandez y Pelayo, na *Antologia*, vol. X. pag. 32 : «tem aspecto de ser muito moderno. O seu estylo nada popular, torna-o altamente suspeito.» Encontra-se este thema na sua fórma antiga na *Silva de Romances viejos*, reimpressa por Jacob Grimm em 1815, n.º XXXII.

A este cyclo pertence o romance da *Penitencia do Rei Rodrigo*, que na tradição portugueza de Castro de Avelãs está degradada na fórma de uma apaga lenda em prosa. Além da versão da Galliza, Menendez y Pelayo publicam duas versões das Asturias, com o titulo *El Penitente (Antologia de Poetas lyricos castellanos*, vol. X); ha uma versão do seculo XVI na *Primavera y Flôr de Romances*, publicada por Wolf.

5. Poder da Moirama — *(Romanceiro*, vol. II, p. 373.) Estudado na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. I., p. 198.

6. Figueiral — *(Romanceiro*, vol. II, p. 315.) Este canto ficou amplamente estudado sob o aspecto de lenda agiologica

ligada á prestação dos Votos de Santiago na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 101 a 139. Pela sua fórma, semelhante ao canto da *estavillar*, da dança asturiana, vê-se que elle foi primeiramente uma Canção dansada, que se tornou narrada. No *Livro dos Copos*, em um documento do sec. XV, vem intercalados uns versos, que nos explicam a intenção agiologica:

Apostolo Santiago,
Cavalleiro muito honrado,
Antre os Mouros
Muy esforçado.

(*Rev. lusit.*, vol. V, p. 233.)

Pela epoca em que a Canção do *Figueiral* se vulgarisa, quando no seculo XIV era muito conhecida em Portugal a Novella de *Tristan*, vê-se, que ella fôra simplesmente um Lai, em que se celebrava a libertação das Donzellas, que eram pagas annualmente a *Morhout*, (o *mouro* Mauregato, da lenda agiologica) effectuada pelo repto audacioso de *Tristan*, que o mata. No *Cancioneiro Colocci-Brancuti* vem o Lai das *Quatro Donzellas*, celebrando esta libertação do vergonhoso feudo. Será um vestigio do texto perdido do *Tristão* portuguez? (Vid. *Historia da Litteratura portugueza*. Edade média, p. 275 a 278.)

7, 8. — O Cavalleiro da Silva; Ruy Cid; O Moiro atraiçoado; Guai Valença — (*Romanceiro*, vol. II, p. 317 a 326.) Este romance propriamente castelhano penetrou profundamente na tradição popular portugueza do Algarve, Madeira e Açores. Acha-se estudado comparativamente na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 261 a 267, aproveitando os resultados do estudo de D. Carolina Michaëlis (*Zeitschrift fur romanische Philologie*, t. XVI, de 1891.) Gil Vicente no *Auto da Lusitania* (t. III, p. 270) traz alguns versos do romance: «Helo, pelo por do viene», na parte que começa *Guai Valencia!* Tambem no *Romancerillo catalan*, n.º 238; e na *Primavera y Flór de Romances*, t. II, p. 36. Incorporamos aqui uma versão trasmontana, que revela a importancia extraordinaria d'aquelle fóco tradicional:

Dom Oucidres (O Cid)

(Traz-os-Montes — *Vinhaes*)

Bem se passeia Mourito
De calçada em calçada;
Olhando para Valencia
Como está amuralhada:

—Oh Valencia, ó Valencia,
De fogo sejas queimada!
Pois quando eras de Mouros
Eras de prata lavrada;
Agora sois de christãos,
Sois de pedra mal talhada!
Se minha espada me não quebra,
Minha sustancia me não falta,
Antes de vinte e quatro horas
A Mouros serás tornada.
A filha de Dom Oucidres
Ja foi minha cautivada;
Agora tem a mais nova
Que será minha namorada.

Ouvira elrei Dom Oucidres
De altas torres d'onde estava:

«Levanta-te, oh minha filha,
Pega na tua almofada;
Vae, vence-me aquelle mourinho
De palavra em palavra!
As palavras sejam poucas,
E de amores bem tocadas.

—«Bemvindo sejas, Moirinho,
Bemvinda a tua chegada;
Sete annos ha, oh Moirinho,
Que eu por ti não lavei cara!
—Ha outros sete, senhora,
Que eu por si não fiz a barba!
—«Vae-te d'ahi, oh Moirinho,
Não digas que te fiz falha;
A Babeca de meu pae
Ella trepa na calçada.
—Não se me dá pela Babeca,
Nem por quem n'a cavalgava;
Se a Babeca corre muito,
O meu cavallo voava.

Botou por um valle abaixo,
Não corria que voava;
O valle estava lavrado,
O cavallo se lhe atolava.

—Mal o hajas las lavradas,
E os toiros que as lavraram!

«Estas lavradas, Moirinho,
Foram lavradas em Maio,
Quando os touros emgrossam
E os mancebos adelgavam.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 72. *Rev. lusit.*, vol. IX, p. 305.)

10. Moiro pêrro — (*Romanceiro*, vol. I., p. 530.) Completa o estudo da Nota do Romance do *Cativo*, p. 548. Não tem referencia historica; podendo incorporar-se no grupo dos romances do Cyclo Marial.

11. D. Vela — (*Romanceiro*, vol. I, pag. 330.) Extraordinario especimen dos Romances peninsulares primitivos em versos quinarios, a que o Chanceller Ayala chamou *Versetes de antiguo rimar*. Appareceu no *Cancioneiro Colocci*, n.º 466. (Vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, I, p. 202.) Pode escrever-se ligando os dois hemistychios, formando o verso decasyllabico, como queria Jacob Grimm; mas estas fórmas nasceram medidas originalmente pelo rythmo a que eram dansados os romances.

O romance de *Dom Vela*, foi interpretado por D. Carolina Michaëlis (*Zeit. fur rom. Phil.*, XXI, p. 212-220) encontrando o seu conteúdo nas *Cronicas de D. Sancho IV*: «... que ficiesen al rey de Aragon que soltase a don Alfonso e a don Fernando, fijos del infante D. Fernando, e que tomarian voz con él e que farian que tomase voz de rey... E luego don Diego, fijo del conde, se fué para el rey de Aragon e envió su mandado a don Gascon de Bearn que viniesse luego y; des que don Gascon y llegó acordó el rey de Aragon que soltasen a don Alfonso e a don Fernando... e don Diego fijo del conde tomó por rey e por señor de los reinos de Castilla e de Leon a don Alfonso... e mandó que ficiesen guerra desde los castillos que tenia su padre el conde al rey don Sancho... E vínose el rey don Sancho para Castilla (de las vistas con el de Portugal) e llegado a Palencia llegaron y caballeros del rey de Aragon e de don Alfonso e dijeron al rey en como le enviaba *a desafiar*. E el rey don Sancho fizoles muchas honras e dioles sus dones e envió dos caballeros suyos al rey de Aragon e a don Afonso a desafiarlos; e con tanto se volvió á la guerra.»

§ II — Cyclo portuguez tradicional e semi-litterario

1, 2. Rainha Santa Isabel. — (*Romanceiro*, vol. II, p. 334 a 338). Estudados na *Historia da Poesia popular portugueza*, I, II, p. 130 a 134.

Os versos cantados pelas Freiras de Santa Clara junto do tumulo da *Rainha Santa*, vêm na obra de Barthelomé de Villalba y Ertaña, *El Peregrino curioso y Grandezas de España*, p. 17 e 18. Este manuscrito do fim do seculo XV, publicado pela Sociedad de Bibliophilos españoles (1889), traz a poesia traduzida para castelhano, d'onde invertemos em fórma portugueza pela restituição das rimas e erros do traductor Ertaña. Diz o antigo viajante: «Llegó nuestro peregrino á tiempo que las monjas cantaban estos versos en loor de su superiora, una diciendo y otra respondiendo» O Dr. Ribeiro de Vasconcellos, na obra *D. Isabel de Aragão*, diz d'estes versos, que conservou en castelhano: «cheguei a convencer me que são traduzidos do portuguez, descubrindo-se até contradições entre o que elles dizem e as ideas emanadas de Villalba a respeito da Rainha D. Isabel. O peregrino hespanhol foi apenas traductor dos versos que ouviu realmente cantar no côro das Freiras de Santa Clara.» (*Op. cit.*, t II, p, 76).

3. **Dona Inez de Castro** —(*Romanceiro*, vol. II, p. 340.)— Era para admirar que a tradição do povo, conservando vivissima a memoria dos amores de D. Inez de Castro, os não perpetuasse nos seus cantares. Quando Camões, o poeta que mais profundamente comprehendeu e fez reviver o genio nacional, compoz com essa desfolhada bonina o mais bello episodio dos *Lusiadas*, tinha em vista a tradição popular. A *Castro*, de Ferreira, não foi tirada da tradição, mas dos moldes academicos. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (fol. 221) vem a historia dos amores de D. Inez de Castro em fórma de romance culto:

«Eu era moça e menina
per nome Dona Inez, etc.»

Dos romances populares feitos á morte de Dona Inez de Castro, cantados pelo povo em Coimbra, falla o P.e D. Marcos de Sam Lourenço, no manuscripto dos *Lusiadas* commentados, cujo autographo existe na Bibliotheca da Ajuda: «As filhas de Mondego, diz Camões, que longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, *o que se entende nas cantigas* que logo sáem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das môças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prezenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu.» Este Commento foi escripto depois de 1633, eé natural que andassem ainda na tradição os cantares que ag ora vão apparecendo em cadernos de uso popular.

De um romance primitivo sobre a morte de D. Inez, diz Menendez y Pelayo: «da sua existencia no seculo XV temos irrecusavel testemunho nas quintilhas de Garcia de Resende que no seu Cancioneiro se intitulam *Trovas á maneira do romancé feitas á morte de Dona Ines de Castro*. Estas singelas e affectuosas coplas, que tem o merito de terem introduzido na poesia culta um assumpto tão poetico e tão nacional, abrindo caminho á classica musa de Ferreira e de Camões, conservam o ecco de um romance velho, que devia parecer-se em tudo, excepto nos nomes, a outros que hoje temos, e que só na apparencia tratam de um argumento diverso.» (*Antologia*, vol. XII, p. 234).

Menendez y Pelayo expõe que esse romance pritimivo «estaba en Castellano y no portugues»; contra esta hypothese oppõe-se o facto de já no seculo XIV existirem romances populares em portuguez, como esse sobre os amores do rei D. Fernando com D. Leonor Telles conservado na tradição oral dos Judeus de Salonica; e o ter-se inspirado Garcia de Resende no romance de D. Ignez de Castro, só muito mais tarde deturpado nos seus nomes historicos pelos romancistas castelhanos do seculo XVI e XVII. A fórma de romance appareceu tratada no Cancioneiro do Infante D. João Manuel, pae de D. Constança á qual D. Ignez de Castro acompanhara a Portugal. Não ha pretexto para duvidar da existencia de um ou mais romances, que só em Portugal despertariam um vivo interesse; é *á maneira do romance*, que Resende começa:

Eu era môça e menina,
Chamada Dona Inez...

No romance popular da Catalunha *D. Isabel*, que se liga pelos nomes aos romances castelhanos, vem estes versos que lembram os de Resende:

Cuando *yo era chica y pequena*
muchacha de poca edad...

No romance castelhano fragmentado: Yo me estaba em Tordesillas — Per mi placer y folgar (retro, p. 358) promette-se uma longa narrativa, que se não realisou. Em outro romance (retro, p. 260) recomeça-se

Yo me estando em Giromena
á mi placer y holgar,
subiérame á un mirador

por mas descanso tomar:
por los campos de Mouvela
cabelleros vi asomar....

Nas coplas de Resende encontram-se estes dois ultimos versos:

Estando my de vaguar,
Bem fóra de tal cuidar
Em Coimbra, d'aseseguo,
Pelos campos de Mondego
Caballeros vi somar....

Menendez y Pelayo vae encontrar versos d'este romance intercalados nas Comedias famosas do licenciado Mexia de Lacerda e Luiz Velez de Guevara.

No segundo acto da *Tragedia famosa de Dona Inez de Castro*, vem:

Por los campos de Mondego
Caballeros veo asomar,
En el talle muestran ser
Mas de guerra que de paz...

E no romance *D. Isabel de Liar:*

Ellos no vienem de guerra,
Nem menos vienen de paz...

Velez de Guevara, na comedia *Reinar depues de morir*:

Por los campos del Mondego
Caballeros vi asomar
Y segun he reparado
Se van acercando acá.
Armada gente los segue,
Válgame Dios! que será?

Observa Menendez y Pelayo: «A apparição inesperada do nome de *Coimbra* no romance da morte do Mestre de Santiago, onde nada tem fazer, é um *lapso* da memoria de jogral, uma reproducção automatica das primeiras palavras do romance de D. Inez, em que quadra á maravilha o nome d'aquella cidade e não o de Girumena (Jurumenha) que actualmente apparece.» (Op. cit., pag. 286).—«O principe D. Pedro é transformado em um rei *D. João Manuel* (o sogro de D. Pe-

dro)... dão-se por causa da catastrophe os ciumes de uma rainha sem nome, offendida pela amante de seu marido, e invejosa da sua fecundidade. Tantas e tão estranhas modificações não bastam para apagar o fundo do assumpto, posto que os romances referem não só a morte de D. Inez como tambem a sua coroação posthuma...» (Ob. cit., p. 287). Estas alterações são consideradas por Menendez y Pelayo como voluntarias, obedecendo a um systema; cremos que são o resultado de syncretismo de factos passados nas duas côrtes de Portugal e de Castella, quando os dois Pedros tiveram amores com as duas irmãs Castros, e com varias contaminações com romances de thema novellesco, como o do *Conde Alarcos*, e as aventuras de D. Leenor Telles que ambicionou ser rainha de Portugal.

No fundo, Menendez y Pelayo encontrando se á opinião de D. Agustin Duran, conclue: «Sus aventuras, mal conocidas por algun juglar, ó alteradas en la fantasia del pueblo castellano, pudieron ser el germen de esta rara composicion.» (Ib., p. 291.) No romance que vem nas *Rosas* de Timeneda, allude-se á circumstancia unica da exhumação de D. Inez:

Hiso sacar su amiga
Para con ella casar;
Y por heredar sus hijos
A Don Pedro y a Don Juan,
Y despues con mucha honra
La mandó iogo enterrar....

São grandes as relações d'este romance velho castelhano com o romance oral da Catalunha, intitulado *D. Isabel (Romancerilho catalan*, nº 253) com sete variantes, que denotam a sua grande vulgarisação. Começa:

Dona Isabel se passea
en su palacio real.
Mirando sus campos verdes,
romeritos ve pasar.
No'n van á pé los romeros,
en buenos caballos van,
los rosarios que elles traen
son cabezas de metal...
Isabel ya los ha visto,
las puertas manda cerrar,
Manda á la centinela
Que ao los dejen entrar...

—Venim da part de la Reyna
que l'habemos de matar.
«Que.l'hi hecho yo la Reyna
que á mi mi haya de matar?
—Perque vusté tienia hijos
y la Reyna non té cap.
«Se yo del Rey tengo hijos
Sabe Dios perque me los dá.
Escuche usté, Don Rodrigo,
Li voy á decir la verdad.
Cuando *yo era chica y pequena*
Muchacha de poca edad,
El rey pide mis amores,
Yo no los hi quise dar.
. . . . . .
—Déjese, Doña Isabel,
Déj de tanto hablar...
Aqui tiene el confesore
Si se quisiere confesare...
Aqui tiene lo verdugo
que la tiene de matar.

Em outra versão B vem este lance, que continúa a situação anterior:

Ya les damana licencia
para en el cuarto entrar.
Se viste vestido negro
que hace duelo de mirar.
De tres hijos que ella tiene
s'en posa un cada ma.
Uno tenia cinco años,
otro para los tres vá;
el otro era leche,
que le daba de mamar.

«Ay, hijo de mis entrañas,
cuando el rei esto sabrá?
Alli bajando el castillo
al rei varen encontrá.
Viene de jugá á pelota
A' pelota de jugá...
—Si Doña Isabel és morta
bien sé qui ho pagará.
. . . . . .

Ya ve las ventanas tristes,
mal morte le fué á dar.
Oye criados y creadas
cristuras suspirar.

—Ay, hijos de mis entrañas,
vuestra madre adonde está?
—«La nuestra madre és muerta.
la reina la hizo matar.
—Si la vuestra madre es muerta
Ya sé quien lo pagará.

Na versão C é que vem descripta a vingança do principe, em que esta manda:

Ya fen mata los criados
perque no lo van avisá...
tamben fen matá los gosos
perqué no varen lladrá...

O romance de *D. Isabel*, publicado por Menendez y Pelayo *(Antologia*, vol. X, p. 210) é por elle considerado como referente a D. Inez de Castro; considera os versos de Garcia de Resende como derivados de um antigo romance popular. O que publicamos foi achado entre os papeis de um burguez do Porto antigo contraste de ouro, e escripto em letra do seculo XVIII. O seu caracter litterario atraiçôa-se em algumas palavras cultas, e na fórma das lyras arcadicas. Em todo o caso é um raro monumento, que embora não pertença á poesia anonyma, comtudo tem de occupar um merecido logar n'este cyclo historico. Não podemos duvidar da existencia de romances populares sobre o caso de D. Inez de Castro; porque do seculo XIV appareceu-nos um romance sobre os amores do rei D. Fernando e Dona Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha.

Entre os Romances tradicionaes conservados pelos Judeus do Levante, colligiu Menendez y Pelayo o seguinte: «Curiorissimo romance historico, de assumpto portuguez. Refere-se indubitavelmente aos amores do Rei D. Fernando I de Portugal com D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, alcunhado *el de los cuernos de oro*, por que os patenteava na côrte de Castella, depois que se refugiou n'ella, tendo-lhe o rei roubado a mulher.»

Gian Lorenzo y el rey de Portugal

«Gian Lorenzo, Gian Lorenzo,
Quién te hizo tanto mal?
—Por tener mujer hermosa
El Rey me quere matar.
Yo estando en la mi puerta
Con la mi mujer real,
Taniendo la mi viguela,
Mis hijos al son bailar,
Alzé mis ojos en lexos,
Quanto más los pude alzar.
En los campos de Arzuma
Grande gente vide baxar;
El corazon me lo diera
Que era el rey de Portugal,
Que viene por los mis hijos
Y la mi mujer real.
Eché mi manto en mis hombros
E lo fuera a encontrar:

E esteis em buena ora, buen rey!
—«Gian Lorenzo, en mal vengades.
—Me oigáes, el Dios del cielo,
Que es padre da piedade.

Yo le hablaba con buenas,
El me respondia mal.

—Si vos plase, oh buen rey,
De mi vinir a vijitar?
—«Y para toda esta gente
Que les dareis á ermorsar?
—Para toda esta gente
Vacas y carneros hay;
Para mi y vós, buen rey,
Pichonicos con agrás.
En mientres que ordenan mesas
Vamos á la güerta a espasiar.

En la güerta de Gian Lorenzo
Hay cresido un buen rosal;
Arrancó de ahi una rosa
Y una rosa del rosal,
A' la mujer de Gian Lorenzo
A' ella la fuera dar:

—«Tomárais esta rosa,
Esta rosa del rosal,
Y de aqui a quinze dias
Seréis reina de Portugal.
=No mateis á Gian Lorenzo,
Ni lo quijerais matar;
Desterraldo de sus tierras,
Que de ellas no coma pan,
Que es padre de los mis hijos,
Marido de mi mosedad.

Yoraba Gian Lorenzo
Lágrimas de voluntad.

=No yoréis, Gian Lorenzo,
No quijerais yorar,
En forma de carbonero
Me verneis á visitar,
Mataré yo al buen rey,
Y vos asento en su logar.

(*Antologia de Poetas liricos castellanos*, vol. X, p. 304).

4, 5, 6. Tonadilha dos Pobres ao Condestavel; Endechas ao Condestavel — (*Romanceiro*, vol. II, p. 342 a 347.) Estudadas na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 192 a 198.

7. Oh noite má — (*Romanceiro*, t. II, p. 357.) Estudada na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 199.

8, 9. Triste noivo; A má novas; Caamento mallogrado; Novas ruins; La cantiga del Mirandum.—(*Romanceiro*, vol. II, p. 348 a 354.) — Evidentemente este romance é allusivo ao desastroso suceesso que privou Dom João II do herdeiro da sua corôa. Pela morte do Principe Dom Affonso, casado de pouco tempo com Dona Isabel de Castella, da queda de um cavallo abaixo, veiu o sceptro a pertencer a Dom Manoel. O romance tradicional conserva quasi todas as circumstancias da historia; é digno de confrontar-se com um romance hespanhol, que vem no *Cancionero de diversas obras*, por Fray Ambrosio de Montesino, o qual inserimos na quinta parte da nossa *Floresta de Varios Romances com forma litteraria*. Tanto na versão portugueza, como na lição castelhana, as circumstancias são as mesmas; d'onde se conclue que o romance popular e a composição jogralesca foram á mesma fonte commum da historia. No *Cancioneiro geral* de 1516, Gar-

cia de Resende colligiu numerosas coplas dos poetas portuguezes da côrte de Dom João II á morte do principe Dom Affonso. As trovas de Alvaro de Brito são notaveis pela sua fórma quasi romanceada. Mais tarde, Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda*, cap. 46, sob a impressão da morte prematura do principe D. João, celebrou em um romance o desastre do principe D. Affonso. Vêm tratados estes romances tradicionaes na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 306 a 314.

11. Despedida de Lisboa; D. Joaquim; Náo que vae á guerra; D. João da Armada; Batalha de Lepanto; A Náo de D. João.—*(Romanceiro*, vol. II, p. 357 a 370.)—Foi colligido da tradição oral na Ilha de Sam Jorge: em Coimbra descobrimos uma variante mais moderna e fragmentada, em que o facto historico se acha completamente obliterado. Na versão dos Açôres, a allusão aos Galeões dos turcos, ao mar vermelho de sangue, a Dom João de Austria, tornam evidente a referencia á batalha de Lepanto. Na *Floresta de varios*, de 1642, vem commemorado este facto; com as versões portuguezas nada tem de commum. Os dois povos da Peninsula romancearam a seu modo o feito que lhes deslumbrara a imaginação. Quevedo, na *Vida del Gran Tacaño*, (lib. II, cap. II, p. 58) allude ás tradições e cantos populares da batalla de Lepanto: «Celebrava mucho la memoria del señor D Juan, y oyle dezir muchas vezes de Luis Quixada, que avia sido honrado amigo. Nombrava turcos, galeones y capitanes, *todos los que avia leido en unas coplas que andavan desto:* Y como él no sabia nada de mar (porque no tenia nada de nabal, mas de comer nabos) dixo (contando la batalla que avia tenido el señor Don Juan en Lepanto) que aquel Lepanto fué um Moro muy bravo. Como no sabia el pobrete que era nombre del mar, passavamos con él lindos ratos» Por este trecho de Quevedo se vê a popularidade da batalha de Lepanto nas coplas da tradição. O romance portuguez ao mesmo assumpto é incontestavelmente contemporaneo do feito.

A batalha de Lepanto foi um dos successos mais estrondosos do seculo XVI; os catholicos exageraram-lhe a importancia, considerando-a como o triumpho definitivo da religião sobre a ruina ottomana. No anno de 1571, Dom João d'Austria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Filippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa. Dom João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel de gloria. An-

dré Doria oppoz-se ao plano de ataque e conservou-se immovel na acção. O enthusiasmo da Liga christã deu-lhe a victoria; Dom João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancôr do Demonio do Meio Dia, que o desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalharia na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto? Os nossos poetas cantaram a batalha como os de Hespanha e de Italia; Pedro da Costa Perestrello, o traductor do *Livro de Job*, ali esteve com o posto de capitão Elle escreveu um poema em outava rima, em seis cantos, a *Batalha Ausonia*, que, segundo Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, principiava:

La santa Liga de Cristianos canto,
De Austria las armas, y el varon potente...

O auctor do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Côrte Real, tambem cantou em um poema heroico a *Victoria de Lepanto*. Herrera em Hespanha, e João Rufo em Italia, na sua *Austriada*, cantaram as glorias de Don Juan d'Austria. Existe em Italia uma ćolleção de poemetos em latim celebrando esta batalha.

As tres versões da ilha de Sam Jorge são altamente suggestivas; tambem recebemos outras tres versões que omittimos, vindas das freguezias da Beira e Rosaes, que pouco diversificavam das preferidas, a não ser em furtuitas variantea de verso. O digno collector georgense diz da versão de Ribeira de Areia: «Viva a Ribeira de Areia, que apresenta com um dfiferente colorido as suas tradições poeticas. Esta lição vale um romance novo. Já aconteceu o mesmo com o *Dom Varão*.» Tambem em uma versão do *Conde Yano*, a Ribeira de Areia leva a palma no concurso poetico; esta pequena povoação é para a tradição dos Açôres o mesmo que a Covilhã é para a Beira-Baixa, a provincia aonde a poesia popular está ainda em elaboração. A' ultima versão puzemos o nome de *Batalha de Lepanto*, visto que não é possivel duvidar-se da realidade da allusão historica. O povo tambem conheceu a importancia de

esta batalha,
Que era de tanta valla.

Em 1501, o rei Dom Manuel mandara uma esquadra contra os Turcos, em auxilio de Veneza; era commandante da armada João de Menezes. Os Turcos não atacaram os Portuguezes, voltando por isso a armada a Lisboa em novembro de 1501.

E' este o primeiro facto sobre que se desenvolveu a tradição popular tratada no romance oral (1) a que a batalha naval de Tunis em 1535, a de Lepanto em 1572, e a de Matapan em 1716, augmentaram a vibração poetica, que se estendeu até ás ilhas dos Açôres, e ainda se conserva persistentemente. Factos historicos do mesmo caracter ou analogia, facilmente se syncretisam em uma lenda viva com elementos de realidade.

11. **Terremoto de Villa Franca do Campo** — *(Romanceiro*, vol. II., p. 373). Romance semi-litterario, transcripto nas *Saudades da Terra*, cap. V, do Dr. Gaspar Fructuoso, primeiro historiador açoriano; foi abreviado por Jorge Cardoso, no *Agiologio lusitano*, t. III, p. 405. O lamentavel successo passou-se em 1522. Na sua fórma extensa e completa o romance foi publicado por José de Torres no jornal *O Philologo*, n.os 5 e 6, copia do apagrapho das *Saudades*, que pertencera ao morgado João de Arruda. Vem publicado na integra no volume terceiro no *Romanceiro geral portuguez*, p. 110 a 120. E' presumivel que fosse composto pelo contemporaneo de Camões o Dr. Gaspar Fructuoso.

ROMANCES SACROS E DEVOTOS

§ I — Cyclo evangelico popular

Estes romances são a revelação da fórma poetica anterior aos *Evangelhos apocryphos*, que já se julgava perdida. Diz Gustave Brunet, na sua introducção aos *Evangelhos apo-*

(1) Na versão da ilha de S. Miguel, onde se lê *perro* Mouro, estava *Carlos* Mouro; por ventura seria reminiscencia de romance referente á batalha naval de Tunis? A náo de Don Juan não será a *Náo San João*, que rompeu as correntes que fechavam o porto da Goleta? E' natural que a reminiscencia d'este feito de 1535, em que Dom João III ajudou seu cunhado Carlos V, se syncretisasse com esse outro de 1572, a famosa batalha de Lepanto, da Liga catholica. — Este romance foi ditado por uma velha de 90 annos, da aldêa de Santo Antonio, e accrescentava que essa Náo se chama *Casco da Gama*, está no Arsenal e n'ella fazem os marinheiros exercicios. (Communicação de D. Rachel Ferraz.)

cryphos: «Estas legendas eram poemas populares dos primeiros neophytos do culto novo, a fé e a imaginação os embellezavam sem cessar; ainda se descobre n'ellas fragmentos visiveis de composição em verso, e que foram com toda a certeza cantados.» (1) D'estas legendas, regeitadas pela Egreja, diz Gustave Brunet: «Longe de permanecerem estereis, exerceram, durante um longo decurso de seculos, a acção mais poderosa e a mais fecunda sobre o desenvolvimento da poesia e da arte; a epopêa, o drama, a pintura, a esculptura da Edade média não se pejaram de tirar de lá elementos ás mãos cheias. Não fazer caso dos *Evangelhos apocryphos* é não querer descobrir as origens da Arte christã Foram o manancial d'onde, após a extincção do paganismo, os artistas tiraram uma vasta symbolica que a Edade média amplificou.» (Pag. v.) Os grandes mestres das Escholas italianas representam sempre Sam José como um velho, tal como o descreve o *Evangelho de José o Carpinteiro;* Raphael deu-lhe como symbolo perpetuo o ramo de lyrios, tirado do Evangelho apocrypho da *Natividade;* Simeão apparece nos quadros vestido de dalmatica; os animaes cercam o menino que acaba de nascer sobre as palhas, e nada d'isto, que a arte moderna sanctificou, se acha nos Evangelhos synopticos. Dante elabora as lendas da descida ao Inferno, que a imaginação do povo formara em roda do Evangelho apocrypho de *Nicodemus*, que deu origem ao grande cyclo do *Santo Graal;* Milton, no *Paraiso perdido* desenvolve o quadro da revolta dos Anjos, esboçado no Livro de Enoc; Klopstok, espalha pela *Messiada* as côres mysteriosas do Evangelho de *Nicodemus.* (2) No romance *Presentimento da Paixão*:

Senhora Santa Maria
Seu cabello de ouro fino...

condiz com o retrato antigo da virgem, colligido de diversos auctores pelo padre Xavier, na *Historia Christi*, (pag 30): «oculi ejus magni et vergentes ad cœruleum, *capillus ejus aureus.*» O que mais admira, sobre tudo, é o sentimento humano com que o povo revestiu todos os passos da Paixão; os Evangelhos synopticos são a parte exterior da acção; o que o povo canta é a parte psychologica, subjectiva.

(1) *Les Evangiles apocryphes*, traduits d'aprés l'édition de Thilo, p. II*

(2) Vêr o notavel trabalho de Alfred Maury, sobre o Evangelho de Nicodemus, aonde cita Gori, Thesaurus veter. dypt., t. I. figuras 14, 30 31; e d'Agincourt, *Histoire de l'Art*, planche, 52, e 69.

Os romances *ao divino* appareceram pela primeira vez colligidos da tradição oral no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, em Valencia de Aragon em 1511; o collector, em um prologo que serve de dedicatoria ao conde de Oliva, diz que empregou vinte annos n'esse trabalho, vindo assim a dar-lhe principio em 1491. A poesia popular insulana data nos Açôres desde o meiado do seculo XV, e tem-se conservado pura até ao presente. Emquanto os *Indices Expurgatorios* nos seculos XVI e XVII estigmatisam os cantos tirados do Velho Testamento e da letra do Evangelho, repellidos em Portugal e Hespanha, nas Ilhas passaram incólumes até hoje. O acaso salvou essas venerandas reliquias do povo da Edade média, filhas da sua audacia fervorosa com que andava criando um christianismo poetico em contraposição com o prosaico e severo catholicismo dogmatico. (1) Tambem as ricas tradições poeticas dos povos do Norte desappareceram diante da acção do christianismo canonico. Diz Grimm: «O christianismo, introduzido entre elles, devia consummar a ruina de todos os monumentos do passado—porque lhes prescrevia como um dever o abandono dos velhos costumes e o despreso de todas as tradições do pagnismo.» Os villancicos do Natal appresentam ainda um fervor e barbaridade semigothica; parecem os cantos do povo quando invadia os templos e tomava parte na liturgia. Nossa Senhora ao portal de Belem, com o menino nos braços, é a mulher de José o Carpinteiro, como descreve o Evangelho apocrypho, e não a Senhora descendente da real stirpe de David, como querem os Evangelhos authenticos; a cantiguinha, com que embala o filho, é o ideal da pobreza, como a cantava Francisco de Assis no seculo XIII pela Italia, e como se acha ainda hoje nas modernas cantigas de berço ou *nanarissa*. O romance dos *Reis Magos* é a crença pura de um povo que se sente vivamente impressionado pelas grandes emprezas e aventuras maritimas; a imaginação que teceu tão bello quadro é a mesma que inventou os lindos ornatos da architectura *manuelina* dos Jeronymos de Belem.

Quando Lope de Vega começou a introduzir uma fórma litteraria no romance, poz em verso quasi todos os passos da Paixão. Este genero constitue os romances sacros. Sepulveda, nos *Romances sacadas de varias historias*, tambem descreve a Paixão; com esta tendencia se iam romanceando quasi todas as scenas da Escriptura. O grande uso e predilecção do

(1) O rei D. Duarte inclue «Cantar *cantigas sagraes*» entre os peccados de bocca. *(Leal Conselheiro,* (p. 357.) Esta obra foi escripta por 1428.

genero sacro nota-se pela prohibição expressa que d'elle faz o *Index Expurgatorio* de 1624 : prohibe o romance que começa : Con rabia está el rei David.

«*E todos os mais Romances ou cantos tirados do Testamento Velho, ou Novo ao pé da letra.*» — Prohibe mais : «*Romances sacados da letra del Evangelio.* El primeiro *La resurreiçon de Lazaro.* — El segundo *El juizio de Salomão.*» (1) A celebre xácara de Quevedo, conhecida com o titulo de *Escarraman*, tambem andava convertida ao divino.

3. Angelina gloriosa — (*Romancero*, vol. II, p. 384 a 392.) Apparece pela primeira vez alludida na scena do *Fidalgo aprendiz* de Dom Francisco Manuel de Mello :

Brites : Sabeis alguma *ao divino?*
Gil : Sei.
Britis : Dizei.
Gil : Pois é fermosa:
Andorinha gloriosa . . .
Brites : Tendes cousas de menino.
(*Obras metricas*, p. 217.)

Em uma Oração de Elvas ainda se encontra o verso *Andorinhas gloriosas.* (Vid. supra, p. 436.)

Nas *Preghiere popolari veneziane*, colligidas por Bernoni, n.º 45, vem esta oração :

—Anzoleto, che vien del Paradiso,
Me savoressi insegnar qualche novela?
«Una dona, che á nome Maria bela,
In testa porta 'n gentil corona
In dosso porta un manto celestino
Ne le sue sante brazzia un bel banbino . . .

4. Noite de Natal — (*Romanceiro*, vol. II, p. 384 a 392.) Versões similares na tradição popular asturiana : *El Natal* (p. 260) e *La Fé del ciego* (p. 262) nos *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, de Menendez Pidal.

7. Nascimento do Senhor — (*Romanceiro*, vol. II, p. 397.) No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, p. 4, versão similar, *Contento de San José.*

13. Fugida de Belem — (*Romanceiro*, vol. II, p. 409.) Varian-

(1) Index Scriptorum damnatae memoriae, p. 175.

te nos *Cantos populares españoles*, de Rodriguez Marin, t, IV, p. 165; D'Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, t. II, p. 235: *Fuite en Egypte*; Pitré, op. cit., II, 333: *La fuga in Egitto*.

14. **Os Santos Reis** — *Romanceiro*, vol. II, p. 410 a 424.) Versão similar no *Romancerillo catalan*, n.º 8: *Los Reyes de Oriente*, p. 5; Pitré, *Canti popolari siciliani*, t. II, p. 331: *Tre Re dell'Oriente*.

24. **Pregação de Sam João** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 443.) Cabe aqui essa pequena versão trasmontana:

Baptismo de Jesus

(TRAS-OS-MONTES — *Vimioso)*

Batizaram a Jesus Christo
Nas aguas do rio Jordão;
Batiza San João a Christo
E Christo a San João.
Todos os Anjos do céo
Ao seu batizado vão.
San José pega na Cruz
E San João leva o pendão;
A Virgem Nossa Senhora
Leva uma vela na mão.
O nome que lhe puzeram :
=Manuel do coração.=
Abriram-se as portas do céo
Para entrar a procissão.

§ II — Cyclo marial — Milagres da Virgem

4. **Nossa Senhora dos Martyres** — *(Romanceiro*, vol. II, p. 463.) O sentimento do maravilhoso e a inspiração piedosa tornam este romance de aventuras mais do genio britonico, do que do gosto mourisco. Nos Açôres são vulgares as tradições dos piratas da costa; e na legislação portugueza se encontram varias multas para a *Arca da Piedade*, d'onde sahia o dinheiro para a redempção dos cativos pelos trinitarios. Foi colligido este romance no Algarve, por Stacio da Veiga; repete o o povo na romaria de Castro-Marim no meado de agosto. A tradição é antiquissima, a sua fórma poetica é porém mais moderna; Frei Luis de Sousa, no livro IV da *Historia de Sam Domingos*, refere o milagre do seguinte modo:

«Reinando em Portugal el-rei Dom Affonso III, que foi Conde de Bolonha, succedeu caír em poder de mouros um homem natural de Penamacor. Escureceu o tempo as particularidades do nome e calidades da pessoa, e da occasião e logar do cativeiro. Era o tratamento do amo mais de inimigo e tyrano, que de amo e senhor. Porque sendo o pobre cativo seu e fazenda sua, assim se deleitava em lhe fazer cruezas, como se fôra christão livre, ou cuidara que com os tormentos lhe acrescentára a vida. Não tinha o atribulado outra consolação no meio dos trabalhos, senão era soccorrer-se ao Santo da sua terra, Sam Domingos da Sovereira. E quando a força d'elles lhe arrancava algum gemido (que até o suspirar era culpa diante do barbaro) sempre saía envolto com o nome de Sam Domingos. Era isto tão ordinario que o mouro (devia ser algemiado, e d'aqui collijo que o cativeiro seria em Granada, ou em outra terra de Hespanha, das muitas que então e muitos annos depois senhoreavam os mouros n'ella) veiu a notar lhe a linguagem. E porque não ficasse cousa em que deixasse de o martyrisar, perguntou-lhe um dia que arenga era aquella que trazia na bocca, contínua, quando devia chamar por Alá nomear Domingos, Domingos (é Alá o nome por que os mouros conhecem a Deus.) Alegremente confessou elle que trazía na bocca, e tinha na alma tendo por obra de fé e animo catholico pronunciar claramente e com a lingua o que sentia o coração, e foi proseguindo que era um santo subido, pouco tempo havia, da terra ao céo, e conhecido na sua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha esperança que o havia de livrar das suas mãos. Caro lhe custou ao pobre a alegria e liberdade da confissão, pagou a com rigoroso castigo presente e com outro mais duro que não tardou. O primeiro não estrahou tanto, como era seu pão quotidiano, offerecendo o a Deus por honra da fé. Mas com o segundo se viu reduzido a termos de desesperação. Julgou o barbaro que as esperanças do cativo se deviam fundar em alguma determinação e traça de fugida: quiz acautellar se: Vindo uma noite cansado de servir e trabalhar o dia inteiro, encerrou-o sobre má cêa em um novo genero de masmorra, que era um arcaz grande e forte, que depois de fechado com mais de uma chave, lhe ficou para inteira segurança servindo de leito. Mas parecendo-lhe, que ainda assim o não tinha bastante arrecadado, ia cada dia accrescentando novas cautellas a sua desconfiança. Já lhe lançava algemas nas mãos, já adobes nos pés, depois de encerrado na arca. E tendo-o assim, perguntava-lhe de cima com escarneo, se esperava ainda no santo da sua terra.

.....

«Uma noite, depois que o mouro o meteu na triste masmor-

ra, na fórma que o temos dito, sobre algemas nas mãos e outros ferros nos pes, lançou-lhe no pescôço um grosso collar, das argollas sahia uma forte cadeia de trinta palmos, com que lhe foi dando voltas, e enrolando o corpo todo. E para dormir mais a somno solto, lançou sobre o alquifer que vestia um alfange a tiracollo, e prendeo um lebreo que tinha ás argolas da arca. Feita esta diligencia estendeu-se sobre ella, e contente com o que tinha de novo acrescentado, bateu-lhe de cima dizendo que se não esquecesse de fazer oração ao seu Domingo da Sovereira, que o viese livrar de suas mãos ..... Assim se lançaram a dormir á noite ambos em terra de mouros: assim amanheceram amo e escravo em terra de christãos com grande distancia de leguas, em meio, e á porta de Sam Domingos da Sovereira em Penamacor ..... Abriu o mouro os olhos, viu se entre montes e cercado de gente, que pelo trajo e espanto que fazia de sua vista conhecia ser christã. Espantava-se o enterrado na arca ouvindo linguagem da sua terra e muitas vozes juntas. Mas nem amo, nem cativo se atreviam a dar credito um aos olhos, outro aos ouvidos: ambos haviam que era tudo somno. Emfim, como não é facil de enganar o sentido da vista, e o mouro viu que tudo o desenganava, e que estava entre christãos, não por sonhos, senão com effeito, que via a egreja, e ouvia som de sinos que a infidelidade sobre tudo aborrece, acabou de caír que não eram palavras mal fundadas as do seu cativo quando tanta confiança fazia do seu santo. Lembrava-se de tudo com estranha confusão, e só desejava saber por ultimo desengano se estava em Portugal. Como tinha conhecimento das linguagens de Hespanha, perguntou a um de muitos que o rodeavam espantados de tal invenção de romeiro e tal alfaia de romaria, como chamavam a terra, e o sitio em que estavam. Quando soube que tinha diante dos olhos Sam Domingos da Sovereira ficou como fóra de si de pasmado e attonito: e conformando-se com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as sortes havia de ser seu senhor ..... Foi o mouro logo removendo um môlho de chaves que lhe pendiam da cinta e abrindo candeados e fechaduras da sua arca. Chegaram os circumstantes a vêr que peças trazia para offerecer em tam grande arca o romeiro estranho: senão quando dão com os olhos em um Lazaro sepultado, e em rosto e côres defunto; mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalha, mortalhas de ferro: e tão carregado d'ellas, que de nenhum membro era senhor, senão só da lingua, com a qual, voz em grita chamava por Sam Domingos, como quem tinha já sentido d'onde estava ..... Solto emfim sem outra palavra na bocca mais que Sam Domingos, deixa-

se cahir em terra, abraça-se com ella, beija-a e vae-se prostrar diante do altar do Santo..... O cativo cumpriu sua promessa, viveu e morreu ermitão do Santo. O mouro penetrado da grandeza do milagre pediu o santo baptismo (divina força da predestinação) e ficou em cativeiro livre e ditoso servindo a ermida e acompanhando o seu cativo. E por morte foram enterrados juntos á porta d'ella, onde os cobre ambos uma só campa com um letreiro que o declara.» *(Hist. de S. Domingos*, liv. IV, c. V., fl. 211 v.) Resumimos o facto deixando de parte os consectarios moraes e piedosos do chronista. Todas as lendas da Edade média tendiam a *localisar-se;* eis porque apparecem reproduzidas. As tradições dos cativeiros, e as esmolas na Arca da Piedade iam formando estas creações da mente popular. O milagre é tambem uma das fórmas do maravilheso do povo. Sam Domingos foi o fogoso propagador do culto da Virgem, a quem a tradição popular attribue este milagre. Incorporamos aqui a trova trasmontana :

O Seginebra

(Traz-os-Montes : *Vinhaes)*

Navegára o Seginebra
Véspera de Nossa Senhora;
Pensando de navegar
O dia e a noite toda.
Indo no meio da *navega*
O navio cahiu á onda :

—Valei-me aqui, oh Virgem,
Oh Virgem nossa Senhora!
Uma vez que me valestes
D'ouro vos dei uma c'rôa;
Agora se me valerdes
D'ouro vos vestirei toda.

As palavras não eram ditas,
O navio sahiu da onda:

—Louvada seja a Virgem,
A Virgem nossa Senhora!
Quantos milagres tem feito
O maior foi o de agora!
«Quando vos vêdes em pena,
Chamaes-me Nossa Senhora;
Quando não vos vêdes n'ellas
Chamaes-me pêrra traidora.

(Rom. trasmontano., n.º 8; *Rev. lus.*, vol. VIII, p. 74.)

5 A Devota da Ermida—(*Romanceiro*, vol. II. p. 469 a 473.) O cantar da criança que nasce na sepultura, faz lembrar a ballada bretã dos *Tres Monges vermelhos*, feita pelo povo contra Templarios.

8. A Filha do Rei de Roma—(*Romanceiro*, vol. II, p. 481.) Encontra-se uma versão preciosa na Tradição popular das Asturias: *La Devota* (Menendez Pidal, *Viejos Romances que se cantan por Asturias*, n.º LXVIII, p. 227.)

10. Nossa Senhora do Monte—(*Romanceiro*, vol. II, p. 486.) Acha-se uma versão asturiana, *La Pastorcilla*, publicada por Menendez Pidal, nos *Viejos romances asturianos*, p. 225.

13. A Confissão da Virgem—(*Romanceiro*, vol. II, p. 498 a 500.) Vem no *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 15, *Confesion de Nuestra Señora*, versão similar da portugueza.

16. Romagem de San Thiago—(*Romanceiro*, vol. II, p. 501.) Segundo a velha crença todos tem de fazer n'este mundo a romagem a San Thiago de Compostella, vivos ou mortos. D'esta crença provém o romance. Menendez Pidal publicou uma versão asturiana muito bella, *El alma en pena*. (*Viejos Romances que se cantan por Asturias*, n.º LXVI, p. 223.)

N'este mesmo grupo entra a Oração do *Dia do Juizo* (p. 502), em que apparece a psychostasia ou pezagem das almas.

A poesia do christianismo é inteiramente popular, como se vê pelas palavras de San Jeronymo: «Eccelesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est.» Que são os Evangelho apocryphos senão os cantos dos primeiros neophytos? O Livro dos Peccados, que hade apparecer no dia do Juizo, é uma tradição rabbinica e mussulmana tornada popular nos primeiros seculos da Egreja, como se vê pelo *Evangelho de José o Carpinteiro*. Os rabbinos admittiam que era S. Miguel quem appresentava as almas a Deus. No *Ensaio sobre as Lendas piedosas da Edade Média*, por Alfred Maury, vem um eruditissimo estudo sobre a psychostasia e o uso das balanças no Juizo final (pag. 77 a 84), que trataremos de resumir, para mostrar como a lenda portugueza é formada de tradições primitivas. Nos monumentos egypcios e etruscos se encontra este symbolismo da alma pezada em uma balança, a que alludem tambem Homero e Virgilio. Dherma, na religião dos Indus, peza as bôas e más acções. Na Biblia e nos Santos Padres encontra-se esta allusão metaphorica, bem como nos hymnos de Prudencio e Fortunato. Principalmente nas obras de arte da Edade média, baixos relêvos, pinturas e miniaturas

dos manuscriptos, encontram-se differentes representações de Sam Miguel pezando as almas.

Quando o diabo fazia pender a balança para o lado das más acções, era a Virgem quem fazia prevalecer o pequeno numero das acções bôas, como se vê em Herm. Com. Chr. apud Eccard. Cf. Michelet, *Hist. de France*, p. 310. D'este mesmo sentimento se inspira o drama de Bartolo: L'Homme pardevant Jesus, le Diable demandeur et la Vierge defendeur. (Vid. Maury, *loc. cit.*)

Une âme est morte cette nuit,
Elle est morte sans confession;
Personne ne la va voir,
Excepté la Sainte Vierge.
Le démon est tout à l'entour.

«Tenez, tenez, mon fils Jesus,
Accordez-moi le pardon de cette pauvre âme.
—Comment voulez-vous que je lui pardonne,
Jamais elle ne m'a demandé de pardon.
«Mais si bien àmoi, mon fils Jesus,
Elle m'a bien demandé pardon.
—Eh bien, ma mère, vous le voulez,
Dans le moment même je lui pardonne. (1)

As tres versões portuguezas são muito mais completas e perfeitas de que a franceza, que está reduzida aos ultimos contornos dramaticos.

Nos romances populares das Asturias: *La toca de la Virgen* (Menendez Pidal, op. cit. p. 251.)—No *Romancerillo catalan*, n.º 20: *La intercesion de la Virgen.*

A este genero de Orações chamam-se nas provincias francezas de Velay e de Forez, o *Reveillez*. (*Romania*, vol. II, p. 169 a 171.)

No antigo costume portuguez punha-se na mão do moribundo uma candêa; nas *Lendas da India*, conta-se que o P.e João Figueira chegara a estar com a candêa na mão, mas escapara. Camões diz em uma carta sua, que ella vae com candêa na mão morrer na mão de um amigo. E' a este costume que allude o seguinte romance trasmontano:

(1) Chanson périgourdine, ap. J. J. Ampère, *Instructions relatives au Recueil de Poésies populaires de la France*, 1853.

A Candeia dourada

Eu bem sei quem no mar anda;
E' a flor de uma laranja.
Deita-te d'ahi abaixo,
Minha roseira florida,
Que eu te levarei nos braços,
Ou nas mangas da camisa;
Eu te levarei além,
Além, áquella ermida,
Onde estão os anjos todos
E mais a Virgem Maria;
Que te alumiem a alma,
Que te alumiem a vida,
C'uma candeia dourada,
C'uma candeia dourida.

Deita-te d'ahi abaixo,
Minha roseira granada,
Que eu te levarei nos braços
Ou nas mangas da delgada.
Eu te resarei além,
Além n'aquella orada,
Onde estão os anjos todos
E mais a Virgem sagrada;
Que te alumeiem na vida,
Que te alumeiem na alma
C'uma candeia dourida,
C'uma candeia dourada.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 74; *Rev. lus.*, vol. IX, p. 307.)

§ III — Cyclo santoral — Lendas piedosas

1 — Santa Iria; Santa Helena; Santa Irena; Iria-a-Fidalga. *(Romanceiro*, vol. II, p. 507 a 528.) Appareceu pela primeira vez nas *Viagens da minha Terra*, de Garrett, (t. II, p. 35.) Discute ahi, com grande senso critico, as origens monasticas da lenda da padroeira de Santarem em desaccôrdo com a tradição poetica popular. No *Breviario de Evora* (20 de outubro) refere-se a lenda do martyrio de Irene, filha de Hermigio e Eugenia, que viviam junto do rio Navanis; o seu director espiritual o monge Remigio deu á donzella uma beberagem com que ella logo se sente pejada, como no romance de *D. Ausenda;* e o namorado Britaldo, com despeito mata-a,

como no romance do *Rico Franco*. Diz o *Breviario*: «Um milagre descobriu por fim sua innocencia, o rio deixou em secco o logar em que foi encontrado o seu corpo sobrenaturalmente encerrado em um precioso cofre. De *Santa Iria* tomou o nome a cidade de *Santarem*.» Do nome primitivo *Iere* ou *Eiri*, o templo ou logar sagrado á borda dos rios, veiu a personificação da Capellinha dedicada a *Santa Iria*, e d'este nome a lenda monastica de Santarem, cujo processo é frequente nas designações topologicas. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia lusitana*, P. VI, liv. 19, cap. 44, ainda cita o facto da *separação das aguas*, e como a Rainha Santa visitou a pé enchuto a sua sepultura.

Ha uma outra Santa Iria, irmã do pontifice San Damaso, que viveu no IV seculo. (Zeferino Brandão, *Mem. de Santarem*, p. 628.)

A legenda piedosa pode lêr-se na *España Sagrada* de Florez; mas o que torna este romance importantissimo para o ethnologo é ser um vestigio quasi extincto do tempo da revoltados Foraes em Portugal. Segundo o *costume* de muitas terras, era defezo aos cavalleiros exigirem pousada dos burguezes e villãos; as extorsões senhoriaes tinham feito proclamar este principio da inviolabilidade da casa do cidadão. No Foral do Porto, no de Coimbra e Santarem se acha proclamada esta fórmula justa, que no romance popular parece um tanto crua:

Passa *um Cavalleiro, pedia pousada,*
Meu pai lh'a negou: quanto me custava!

Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae não digam tal da nossa casa;

Que a um Cavalleiro, que pede pousada,
Se fecha esta porta á noite cerrada.

Estas estrophes são tiradas da versão de Santarem, aonde existia a garantia do Foral. (Vid. a minha *Historia do Direito portuguez*, Parte I, Cap. II, p. 31.) Não se imagina a immensa luz que a poesia de um povo espalha sobre a sua historia; grande parte do direito consuetudinario portuguez acha-se perpetuada na poesia popular. Já demonstramos esta asserção na *Historia do Direito portuguez*. (p. 51.) Na versão insulana do romance de *Santa Iria*, o povo, já esquecido do privilegio do Foral, modificou a estrophe d'este modo:

Chegara um cavalleiro *a pedir pousada,*
Meu pae lh'a dera, que bem me pesava!

Por isso podemos dizer com Jacob Grimm, que se não encontra uma mentira na poesia popular. Tambem n'esta versão o povo perdôa ao assasino. É' assim a sua alma; não comprehende a maldição canonica, é incapaz de rancor. Emquanto a Egreja amaldiçôa Judas, o povo inventa-lhe uma acção bôa na sua vida, em virtude da qual elle vem do inferno cada sabbado refrescar-se nos gelos do polo. (Du Méril, *Poésies populaires latines du Moyen Age*, p. 326.)

Incorporam-se aqui duas versões trasmontanas, que manifestam as transformações que o Romance vae soffrendo na sua transmissão oral.

Iredia

(Traz-os-Montes: *Maçôres*)

Estando eu á janella
Coser na minha almofada,
Com uma agulha de ouro
E um dedal de prata,
Veiu um cavalleiro
Pedindo me pousada:
Meu pae que lh'a dera,
E eu fôra a culpada.
Pelo meio da noite
Volta deu á sala;
De sete que eramos
Só a mim levou!
Pelo meio do caminho
Elle me procurava:
Eu na minha terra
Como me chamava?

—Eu, na minha terra,
Sou Iredia estimada,
Por estas serras medonhas
Serei sempre desgraçada.
«Por estas fallas que destes,
Detraz do outeiro
Serás degolada
Assim como um carneiro.
.....
.....
Perdoa-me, Iredia,
Meu amor primeiro,

Servirei-te um anno
De joelhos inteiro.
—Como te heide perdoar,
Cruel carniceiro?
«Perdoa-me, Iredia,
Meu amor primeiro;
Servirei-te um anno
A serrar o pinho
Para uma capella
O' Verbo divino.

(Romanceiro trasmontano, n.º 32. *Rev. lus.*, IV, p. 282.)

A seguinte versão de Vinhaes é interessante pelo facto da contaminação com o romance da *Romeira.*

Historia de Santa Helena

Por aquellas campinhas
Linda romeira venia;
Sua saia leva baixa,
As hervas a reprehendiam.
Veiu por alli um cavalleiro,
De amores a pretendia:

—Peço-te, oh bom cavalleiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria.

Sete leguas a levou,
Nenhuma falla lhe dizia;
O' cabo de sete leguas
O cavalleiro lhe préguntou:

«Como se chama a menina?
Como se chama a minha alma?
—Em casa de meu pae
Chamo-me Helena, estimada;
Nas mãos de ti, cavalleiro,
Sou Helena desgraçada.

Lá no meio do caminho
O cavalleiro a accomettia;
Ella como mui discreta
Dissera-lhe, que não queria.

Puchou por um punhal de ouro,
O coração lhe partira.
O' cabo de sete annos
O cavalleiro por alli tornara;
Vira estar uma ermida,
Vira estar uma orada.
Encontrou um pastorsinho
Que o seu rebanho guardava.

«Quem fez esta ermida,
Que fez esta orada?
=Senhora Santa Helena,
Que um cavalleiro matara.
«Meus amores primeiros,
Perdoae-me a vossa morte,
Que eu serei vosso romeiro.
—Como te perdoarei eu,
O' lobo, ó carniceiro?
Que fizeste á minha cabeça
O que o lobo fez ó carneiro?
Vae-te para traz do altar
Servirás de candieiro.

(*Rom. trasmontano*, n.º 61. *Rev. lus.*, t. IX, p. 299)

Menendez y Pelayo, traz uma versão intitulada *Ilenia*, na *Antologia*, vol. X, pag. 210.

2 — Santo Antonio e a Princeza de Leão; Santo Antonio de Lisboa; Alvorada. (*Romanceiro*, vol. II, p. 530 a 547.) A lenda piedosa, a que o povo deu a fórma poetica, vem assim narrada na *Chronica dos Frades Menores* de Frei Marcos de Lisboa: «Uma Rainha de Leão de Hespanha a qual era natural de Portugal e devotissima de Santo Antonio, teve uma filha de onze annos morta tres dias, contra vontade de el-rei seu marido, e dos principaes de seu reino; e fazia oração ao Santo, dizendo: = Bem aventurado Santo Antonio! eu sou vossa natural, e vim de vossa patria; dae-me minha filha viva.= A cujos devotos clamores resurgiu a filha, e reprendeu a mãe, dizendo: Oh, senhora mãe, nosso Senhor vos perdõe, porque eu estando entre as Virgens na gloria, o bem aventurado Santo Antonio com tanta instancia por amor de vós rogou a Deus, que me restituiu a vida e me mandou que viesse a vós; mas, senhora mãe, sabereis que o Senhor me não deu licença para estar comvosco mais que quinze dias. Os quaes quinze dias, acabados, a infante se tornou á gloria.» (Op. cit., t. I, livro v, cap. 33. fl. 157.)

Esta lenda foi posta em verso pelo livreiro Francisco Lopes, no seu poema em quintilhas *Santo Antonio*, Milagre xxxv. (Vid. *Romanceiro geral*, t. III, p. 357.) A versão colligida da tradição oral do Algarve por Estacio da Veiga (na *Estrella do Alva*, n.º 11, de 1861) apresenta algum aperfeiçoamento literario; reconheceu-o o Dr. João Teixeira Soares, ao colligir a versão de Rosaes, na ilha de S. Jorge: «Prova em parte o protesto que lhe fiz contra a genuinidade dos romances do Algarve (lições de Estacio da Veiga.)» Além da personificação (como no romance de *Iria,)* a tradição popular tende sempre a localisar-se; esta versão de Castro Marim cita como logar da acção *Realmonte*, que é a corrupção de *Aiamonte*, fronteriço em Hespanha a Castro Marim, no Algarve. Sobre o typo poetico de *Santo Antonio*, emquanto aos seus elementos ethnicos, vidè *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 140 a 149. — Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, vol. I, p. 443; Pitré, *Canti popolari siciliani*, p. 935.

3 — Santa Thereza. *(Romanceiro*, vol. II, p. 549 a 554.) Como o povo soube retratar o amor da alma d'aquella santa e apaisonada poetisa, que dizia abrasada em fogo divino:

Vivo sin vivir en mi,
Y tan alta vida espero,
Que muero porque no muero!

Em vez de fazer apparecer-lhe Jesus em um extasis voluptuoso na penumbra da cella, como os agiographos calculadores, leva Santa Thereza a encontrar um mendigo á porta do mosteiro, a quem faz todos os dias esmola. Que poesia verdadeira n'estes dois versos:

«Meu velho, como te chamas?
—Chamo-me Jesus de Thereza.

Um amor assim declarado nada tem de sensual, mas rescende nas almas delicadas com o perfume inebriante da rosa mystica. Sobre esta situação do pobre que se revela Jesus, vide a nota no romance de *Jesus Mendigo*.

8 — Santa Barbara. *(Romanceiro*, vol. II, p. 560.) Nos *Cantos populares españoles*, de Rodriguez Marin, t. I, p. 427 e paradigma da Catalunha, *Romancerillo*, p. 450, vem duas variantes d'esta Oração.

9 — Santa Catherina. *(Romanceiro*, vol. II, p. 562.) Acha-se uma versão popular da Catalunha, publicada por Fontanals

no *Romancerillo catalan*, p. 16; outra por Nigra, nos *Canti popolari del Piemonte*., p. 541.

10 — Santa Clara. *(Romanceiro*, vol. II, p. 564.) Nas *Preghiere popopolare veneziane*, colligidas por Bernoni, n.º 50, vem uma oração analoga.

11. Santa Appolonia. *(Romanceiro*, vol. II, p. 565.) — Pertence esta Oração ao genero dos *Ensalmos*. Escreve Germond de Lavigne, no *Don Pablo de Segovia*, (p. 384): «A sciencia dos Ensalmos ou Orações era uma sciencia importante, na qual se graduavam os maltrapilhos e mendigos, e em que os cegos eram os mais afamados adeptos. Havia Orações para todos os males, para todas as affecções, cujo effeito era infalivel com tanto que fossem resadas com compunção e com uma voz grave e pausada. A oração de *Santa Appolonia* era, entre todas, de uma poderosa efficacidade e dissipava n'um instante as dores de dentes mais obstinadas. O entendido bacharel Sanson Carrasco aconselhou-a á governante de Don Quixote, e *Celestina* levando uma mensagem de amor, introduziu-se em casa de uma donzella a pretexto de lhe pedir uma copia d'ella. O cego que educou o *Lazarilho de Tormes* era um repositorio vivo de *Ensalmos* e sabia cento e tantos. Finalmente Pedro de Urdemalas, heroe de uma comedia de Cervantes, dizia, passando em revista as mais celebres Orações:

Sé la del *Anima sola*,
Sé la de San Pancracio;
Sé la de *San Quirce y Acacio*
Sé la de los subafiones (frieiras)
La de curar tericia,
Y resolver lamparones (alporcas).

Transcrevemos a afamada Oração de *Santa Appolonia*, publicada na traducção da *Celestina* (p. 88, nota) de Germond de Lavigne:

A la puerta del cielo
Polonia estaba;
Y la Virgem Maria
Alli pasaba:

—Di, Polonia, qué haces?
Duermes ó velas!

«Señora mia, ni duermo ni velo,
Que de un dolor de muelas
Me estoy muriendo.
—Por la Estrella de Venus
Y el Sol naciente,
Por el Santísimo Sacramento,
Que tuve en mi vientre,
Que no te duela más
Ni muela ni diente.

Nos *Cantos populares españoles*, t. I, p. 445, publicou Rodriguez Marin uma versão tradicional da Andalusia.

13 — Jesus mendigo; O Pobresinho; Jesus peregrino. *(Romanceiro*, vol. II, p. 566 a 570.) A moral antiga aconselhava o agasalho ao peregrino como uma acção boa, dirigindo-se ao sentimento pela representação allegorica e pittoresca accessivel ás rudes intelligencias. A hospitalidade, que se tornara um culto, e que se impoz nos Capitulares (ann. 803) como uma obrigação, ligava-se a lendas religiosas, em que por vezes era um Deus que se manifestava no forasteiro a quem se dera agasalho; assim Jupiter visita Philemon e Baucis, Ceres a casa de Celeu, e os anjos que são recebidos por Abrahão, ao qual annunciam uma progenie immensa como as areias do mar e as estrellas do céo. Conhecido o processo legendogonico na personificação de uma ideia abstracta, forçosamente se hão de encontrar similaridades em muitas lendas dos outros povos. Eis como nos apparece a Hospitalidade entre os sectarios de Tao, na China: «Tché ou Hoei-Hoa, desvelava-se esmolando os pobres; nada afroixava o seu zelo. O deus Tchi-Kuan-Sin mudou-se em peregrino para o experimentar. Tchéu apressou-se com alegria a dar-lhe esmola, e immediatamente Deus o arrebatou á mansão celeste, onde elle tem o nome de Tchin-Sin. *(Livro das Recompensas e das Penas*, trad. Stanislas Julian, p. 407.)

O mesmo processo nas lendas christãs; os mendigos apparecem ás vezes áquelles que os receberam na pessôa de Jesus; é a representação material da ideia expressa n'estes versiculos do Novo Testamento: — *Qui recipit me, me recipit; et qui me recipit, recipet eum qui me misit.* Eis como o preceito moral se traduz na lenda impressionante: San Judicael encontra um leproso, de quem a multidão foge; trata-o com bondade e o miseravel era Jesus. (Lobineau, *Vie des Saiuts de Bretagne*, liv. 2, p. 180.) San Julião Hospitaleiro inspirou a Christovam Allori um quadro egual; tendo morto pae e

mãe por engano, parte com sua mulher e vae habitar na margem de um rio para dar passagem a quantos alli chegarem: «Uma vez, estando a repousar, ouviu uma voz que em chôro consternado o chamava para passar o rio. Mal que a ouviu, o santo se levantou commovido, e encontrou um homem que morria de frio; levou-o para sua choupana, sentou-o junto da sua lareira, esforçando-se para accalental-o, e como nada conseguisse, levou-o para o seu leito e agasalhou-o solicito. Eis que pouco a pouco aquelle que lhe apparecera assim exânime, o leproso se mostra resplandecente, e elevando-se para os céos disse ao seu hospedeiro: — Julião, o Senhor me enviou a ti, e te faz saber que acceitou a tua penitencia, e vós ambos repousareis no Senhor, em breve.» (Voragine, *Legenda Aurea*, p. 126. Ed. franc., 1854.)

Tambem San Martinho dá metade de sua capa a um mendigo, sem conhecer que estava agasalhando Jesus; isto se lê nos versos de uma tapeçaria da egreja de Montpezat:

Quant d'Amiens Martin se partist,
Pour cheminer soubz loy payenne,
Au povre son manteau partist,
Faisant œuvre de foy chrétienne.
Lui reposant comme endormi
Dieu se apparut environné
De angels auquels disoit ainsi:
Martin le manteau m'a donné. (1)

Jacques de Voragine, traz na *Legenda aurea* uma lenda analoga de San João Esmoler: o santo patriarcha de Alexandria, aconselhava a esmola com a seguinte parabola: «E como este homem rico (o causidico Pedro) fosse uma vez pela rua, com vestiduras esplendidas, um homem semi-nú lhe pediu alguma roupa com que cobrir-se. Pedro despojou-se immediatamente das preciosas vestes, e deu-as ao mendigo, que logo as foi vender. Tanto que viu o miseravel vender e gastar o que recebera, ficou tão desgostado, que não quiz comer nem beber; e dizia: — Assim succedeu porque eu não sou digno de que este homem guardasse cousa minha.—E quando adormeceu viu um homem que era mais resplandecente que o sol, e que trazia uma cruz sobre a cabeça, e estava agasalhado com a vestimenta que dera ao pobre; e este lhe disse; — Porque choras, Pedro? — Sabida a causa, redarguiu-lhe: — Conheces tu isto? E o rico disse: — Senhor, sim! Tornou

(1) Ap. Alfred Maury, *Legendas piuses au Moyen Age*, p. 72.

então o Senhor: — Eu estou vestido com o que tu me dás, e eu te dou graças pela boa intenção, por que tinha frio e me cobriste.» (Op. cit., p. 109.)

Na poesia dos claustros da Irlanda a lenda de San Patricio reproduz com uma suavidade e candura infantil o mesmo milagre da hospitalidade; o santo apostolo ao passar pelas ilhas do Mar Tyrreno conversa com uma familia de solitarios em quem a mocidade e a velhice se entremeavam por modo que causava admiração. Inquirindo a rasão do prodigio, os adolescentes lhe responderam: «Desde a infancia que Deus nos concedeu a graça de praticarmos constantemente obras de misericordia; esteve sempre aberta a nossa casa para os viandantes, que pedem em nome de Jesus esmola ou hospitalidade. Uma noite, um forasteiro, firmado a um bastão, bateu á nossa porta, accolhêmol-o com disvelo e o tratámos com sollicitude. Ao vir do dia, elle agradeceu-nos e disse: — Eu sou o Senhor Jesus Christo; foi a mim proprio que esta noite abrigastes. — N'aquelle instante entregou o seu bastão ao nosso pae espiritual, recommendando o guardal-o até que alguem que devia nascer em tempos ainda remotos, viesse da parte de Deus buscal-o. Dizendo isto Jesus subiu aos céos e nós permanecêmos jovens e cheios de vigor como éramos» (1).

Possuido d'este sentimento, San Francisco de Assis idealisou a pobreza como um trovador da Provença se exaltaria em um arrôbo lyrico pela sua dama. A Pobreza, como a retrata esse mystico poeta da Ombria, torna se a essencia do christianismo, como ideal do povo: «Senhor! apiedae-vos de mim e da Dama Pobreza. Vêde-a, como está assentada em seu lar, ella que é a rainha de todas as virtudes; queixando-se de que os seus amigos a abandonaram e tornaram-se seus inimigos... Lembrae-vos, Senhor, que baixastes da morada divina para tomal-a por esposa, a fim de serdes um pae de innumeros filhos que fossem perfeitos... Foi ella quem vos recebeu no presepe entre palhas, e que, acompanhando-vos durante a vida, teve o cuidado de que não tivesseis aonde repousar a cabeça. Quando destes inicio á guerra de nossa Redempção, veiu alliar-se-vos a Pobreza como pagem fiel; permaneceu a vosso lado durante o combate, e não se retirou quando os discipulos fugiram. Emquanto vossa mãe vos seguiu até ao fim e tomou parte em todas as vossas dores, emquanto vossa mãe assim, por causa da altura da cruz vos não podia tocar, n'esse mo-

(1) Villemarqué, *Legende celtique*, p. 33.

mento a Pobreza vos abraçou de mais perto que nunca. Não quiz que a vossa cruz fosse falquejada com esmero, nem que os cravos fossem em numero sufficiente, aguçados e polidos; não preparou mais que tres e os fez duros e groseiros para melhor servir a intenção de vosso supplicio. E em quanto morrieis de sêde, teve o cuidado de vos recusar uma gota de agua, de sorte que foi nos apertados braços de esta esposa, que se vos exhalou a alma. Oh, quem não amará a Pobreza sobre todas as cousas!»

Eis a alma do povo comprehendida por aquelle que mais a soube commover, o Christo das Renascença, que no *Cantico delle Creature* deu expressão ao pantheismo espontaneo. O romance de *Jesus mendigo* é a assimilação popular d'estas lendas da hospitalidade e d'essa conformidade fraterna da pobreza.

La ballade de Jésus Christ

Jesus Christ s'habille en pauvre: } *bis*
«Faites moi la charité;
Des miettes de votre table
Je feraí bien mon diner.

—Les miettes de notre table, } *bis*
Les chiens les mangeront bien;
Jls nous rapportent des lièvres,
Et toi ne rapporte rien.

«Madame, qu'et's en fenêtre, } *bis*
Faites-moi la charité.
—Ah! montez, montez, bon pauvre,
Un bon souper trouverez.

Après qu'ils eurent soupé, } *bis*
Il demande à se coucher.
—Ah! montez, montez, bon pauvre,
Un bon lit frais trouverez.

Comme ils montaient les degrés, } *bis*
Trois beaux anges les éclairaient.
«Ah! ne craignez rien, madame,
C'est la lune qui parait.

Dans trois jours vous mourerez, } *bis*
En paradis vous irez;
Et votre mari, madame,
En enfer irá brûler.

Esta ballada é popular na Picardia, e Champfleury a colligiu nas *Chansons populaires des Provinces de France*, p. 5. A nossa lenda piedosa é mais primitiva, não tem o sêlo ecclesiastico da maldição: o marido e a mulher, como Philemon e Baucis da Antiguidade classica, gosam ambos a bem-aventurança.

Em um Conto do rei Sancho IV vem esta lenda passada com o gafo encontrado pelo rei Eduardo de Inglaterra. (Rios, *Historia de la Literatura española*, t IV, p. 45.) — Menendez y Pelayo, na *Antologia*, vol. X, p. 149, e 200, traz versões d'este Romance.

O Lavrador

(Traz-os-Montes — *Vimioso)*

Oh ditoso lavrador,
Que da sua arada vinha,
Resando no rosario
A cavallo na burrinha.
Lá no meio do caminho
Encontrou um pobresinho:

—Bem puderas, lavrador,
Levar-me n'essa burrinha.

O lavrador se descera
E o pobresito subiu;
Levara-o para sua casa
P'ra melhor sala que ell' tinha.
Mandou lhe fazer a ceia
De gallinhas e capones,
Que outra cousa não havia;
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que ell' tinha;
Por baixo lençóes de londa (blonda)
Por cima de landa fina.
Lá pela meia noite
O pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador
A vêr o que o pobre tinha;
Achara-o disciplinando-se
Com rigorosa disciplina.

«Oh, meu Deus, quem tal soubera,
Que em casa vos tinha!

—Cala-te lá, oh lavrador,
Que nenhuma falta havia.
Lá no reino de Deus Padre
Cadeiras de ouro havia:
Uma para a tua mulher,
Outra para a tua familia,
A tua, bom lavrador,
Ao par da Virgem Maria.

(*Romanceiro trasmontano*, n.º 95. *Rev. lusit.*, vol IX, p. 318.)

Na versão da *Açoreira*, ha uma contaminação do romance do *Conde Alarcos:*

Mandou-lhe fazer a ceia
Do melhor manjar que tinha.
Assentaram-se ambos á mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam.
Mandou-le fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
Por baixo camellão rôxo,
Por cima cambraia fina.
Lá pela noite adiante
O pobresinho gemia.
O lavrador se levantou,
A vêr lo que o prove queria;
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

—Oh quem soubera, meu Deus,
Que em casa vos tinha.
.....

(*Ib.*, n.º 29. *Rev. lus.*, vol. IX, p. 281.)

TRANSFORMAÇÕES DO ROMANCE POPULAR DO SECULO XVI A XVIII

A elaboração escholaresca das tradições das luctas sangrentas das Familias senhoriaes de Hespanha, foi simultanea com a dos troveiros celebrando nas Gestas francezas as luctas dos grandes vassallos contra o Poder real. E' reconhecida na communicação da cultura franceza á peninsula hispanica, sob a Affonso VI, a influencia d'essas Canções de Gesta na Epopêa peninsular, actuando na sua fórma metrica. Esses poemas

épicos soffreram a degradação jogralesca ou popular, e prosificação, admittidas as suas narrativas como documento historico na *Crónica general* de Hespanha. Do residuo d'este processo da prosificação, ficaram no seculo XII cantares narrativos muito abreviados, cuja letra servia para acompanhar os rythmos da dansa, em metro *quinario* ou de redondilha menor, ou para serem recitadas á fareira em metro octonario, ou redondilha maior. Affonso, o Sabio, já no seculo XIII imitava esta redondilha na série monorrima do romance vulgar, e a fórma do Romance *(versetes de antiguo rimar)* entrou nos Cancioneiros aristocraticos, como vêmos de Aires Nunes no *Cancioneiro da Vaticana,* e no Cancioneiro de D. Juan Manuel que Argote de Molina ainda logrou vêr, no qual como diz se continham romances. Isto podemos hoje comprovar pelo romance sobre os amores do rei D. Fernando com D. Leonor Telles, conservado entre os Judeus levantinos.

Os Poetas da côrte de D. João II e Enrique IV, glosaram os *Romances velhos,* como se chamavam no seculo XV essas quadras narrativas em redondilha maior, dando lhes nova fórma litteraria sobre o antigo thema, parodiando-os liricamente, ou ampliando-os cyclicamente. Chegou-se a affirmar que nenhum *Romance velho* apparecia em Codice manuscripto anterior á primeira metade do seculo XV; disse-o D. Agustin Duran; mas em historia quem pode fazer affirmações absolutas? No Cancioneiro do Stuniga acharam Gayamgos e Vedia um romance de 1448 *(Hist. litt. españ.*, t. I, p. 509) e Hugo Rennert encontrou em um manuscripto do Museu Britanico, Romances com fórma litteraria do celebre e apaixonado Juan Rodrigues del Padron, da côrte de Henrique IV. Transcrevemos aqui dois d'esses romances, não só como documento de historia litteraria, mas pelas suas relações com os dois romances populares portuguezes do *Conde Ninho* e da *Infanta de França* (1):

Arnaldos

Quien tuviese a tal ventura
Con sus amores folgare,
Como el Infante Arnaldo
La mañana de San Juane!
Andando a matar la garza

(1) No poema da Batalha de Salado, o verso *Mal lo passaron franceżes* (n.º 2285) denuncia um romance popular, conservado nas collecções do seculo XVI.

Por riberas de la mare,
Vide venir un navio
Navegando por la mare;
Marinero que dientro viene
Diziendo viene este cantare:

—Galera, la mi galera,
Dios te guarde de male,
De los peligros del mundo,
De las ondas de la mare,
Del regolfo de Leone
Del puerto de Gibraltare,
De tres castellos de moros
Que combaten con la mare.

Oydelo ha la princeza
En los palacios do estae.

«Si saliésedes, mi padre,
Saliésedes a mirare
Y veredes como canta
La sirena de la mare.
—«Que no era la sirena,
La sirena de la mare;
Que no era sino Arnaldos...
«Arnaldos era el Infante
Que por mi muere de amores.
Que se queria finare.
Quien le pudiese valere,
Que tal pena no pagase.

Infantina

Yo me iba para Francia,
Do padre e madre tenia;
Errado habia el camino,
Errado habia la via;
Arriméme á un castillo
Por atender compañia.
Por y viene un escudeiro,
Cabalgando a la su guisa.

—Que faces ahi, donzella,
Tan sola y sin compañia?
«Yo me iba para Francia,

Do padre y madre tenia;
Errado habia el camino,
Errado habia la via.
Si te plaze, el escudero,
Llévesme en tu compañia.
—Plázeme (dije) señora.
Si, faré por cortezia.

Y á las ancas de un caballo
El tomado la habia.
Allá en los Montes claros
De amores la requeria.

«Tate, tate, el escudeiro,
No hagays descortezia;
Figa soy de un malato
Lleno es de malatia;
Y si vos á mi llegades
Luego se vos pegaria.

Andando jornadas ciertas
A Francia llegado habia;
Alli fabló, la doncella,
Bien oyrés lo que diria;

«Es cobarde el escudero,
Bien lleno de cobardia;
Tuvo la niña en sus brazos,
Pero no supo servilla. (1)

O *Cancionero generale* de Hernando del Castillo, publicado em Valencia de Aragon em 1491, contêm alguns fragmentos de romances glosados. Taes são os romances sacros: *Durmiendo yva el Señor*, (2) *Terra y cielos se quexavan*, (3) e mais trinta romances com glosas, como são o de *Conde Claros*, com glosa de Francisco de Leon e uma imitação de Lope de Sosa; o romance de *Rosa fresca, rosa fresca,* com

(1) *Lieder der Juan Rodrigues del Padron*. Ms. do Museu Britanico, publicado por Hugo Renerat. — Pelayo, *Antol.* XII, p. 542 (1903.)

(2) Fol. xxvij. Edição de Anvers de 1557, em casa de Martin Nuncio.

(3) Fol. xxvj verso.

a glosa de Pinar; o de *Fonte frida, Fonte frida*, com a glosa de Tapia; o de *Yo m'era mora morayna*, e outros muitos feitos pelos poetas cultos das côrtes de Dom João II e Enrique IV, como Don Juan Manuel, o commendador de Avila, Juan de Leyva, Garci Sanchez de Badajoz, o Bacharel Alonso Poza, Juan de la Ensina. (1) Estes poetas ou se serviam de fragmentos de romances populares para as suas glosas, ou os parodiavam. Quando, pela primeira vez, os romances populares foram colhidos da tradição oral, em 1550, por Estevan de Najera, na collecção de Saragoça intitulada *Silva de varios Romances*, muitos fragmentos do *Cancionero* de Hernando del Castillo appareceram mais completos. Antes d'esta primeira colleccionação, os cantares do povo andavam em *Pliegos sueltos* ou folha volante, com que mais tarde os livreiros tanto especularam. Pelo menos, os melhores romances da collecção de Najera encontram-se em folha solta de duas columnas, em typo gothico, sem logar de impressão, sem data e frontispicio: taes são os romances de *Durandarte*, de *Grimaltos*, do *Marquez de Mantua*, dos *Sete Infantes de Lara*, de *Gayfeiros*, do *Conde Claros de Montalvan*, do *Conde Dirlos*, de *Calaynos*, e outros muitos que se podem vêr no precioso trabalho do infatigavel Don Agustin Duran. (2) Os commentadores de Ticknor são de opinião, que antes das collecções os romances não andaram em *Pliegos sueltos*, e fundam-se no prologo de Najera: «Eu não nego que em muitos dos romances impressos hajam casualmente erros; mas são devidos *ás copias d'onde os extraí*, copias quasi sempre alteradas, e á fraqueza da memoria das pessoas que nol-os dictavam e que se não podiam recordar perfeitamente.» D'onde concluem, que o povo se servia de *cadernos manuscriptos*. (3)

(1) De fol. cci a ccvxj. São ao todo 38.

(2) Catalogo por ordem alfabetica de varios Pliegos sueltos que contienen Romances, Vilancicos, Canciones, etc. *Romancero generale*, t. I, pag. LXXVII.

(3) Durante o nosso trabalho de collecionação, encontrei cadernos de uso do povo, cheios de emblemas pittorescos, e mais ainda de gordura. De um d'esses tirei uma *Conversa de Namorados*. Remettendo-nos copias do romance de *Flora* e de *Lizarda*, escreve o Dr. João Teixeira Soares: «Do proprio romance consta que o primo de Flora se chama Felix. De uma copia manuscripta consta pelas rubricas ser o pae Conde, e o amante, com quem veiu a ficar, Anteaque e Entheor, e seu pae Anacleto. Seria este romance já impresso em *folha volante?* Sempre d'elle tive esta desconfiança. E' vulgar, mas

Ao mesmo tempa Martin Nucio imprimiu esta mesma collecção em Anvers, para uso dos soldados e do povo que se achava fóra de Hespanha nos Paizes Baixos. O gosto da época pelas trovas cultas fel-o adoptar o titulo de *Cancionero*, com que então se nobilitavam todas as collecções Emquanto o gosto dos romances populares se vulgarisava em Hespanha, em Portugal os poetas da côrte de Affonso V e Dom João II conheciam a existencia d'esse riquissimo veio de poesia; continuando nas suas trovas do *Cuydar e Suspirar*, Pedro Homem allude ao romance que começa *Nunca fué pena maior;* Nuno Pereira, Francisco da Silveira e Resende fazem referencias epigramaticas ao romance da *Bella mal maridada*. Garcia de Resende, chronista de Dom João II, e collector das canções da sua côrte, mostra ter conhecido esse renascimento em uma glosa que fez a um *romance velho,* e em algumas palavras da dedicatoria do seu *Cancioneiro geral*.

N'esta collecção sómente se deparam, *com fórma de romance*, as trovas que fez Garcia de Resende á morte de D. Ignez de Castro, que principiam :

Eu era moça menina
per nome dona Ines.... (1)

N'este tempo a fórma do romance popular narrativo tornava-se lyrica ou subjectiva; Garcia de Resende, traz mais um romance fragmentado, conservado a pretexto da glosa : (2)

---

anda auxiliado na tradição por copias manuscriptas. Cento e outenta versos é muita extensão para romance inteiramente popular.» Todas estas considerações são judiciosissimas; o facto de ainda hoje se encontrarem copias d'este romance, vem em parte comprovar a asserção de Don Pascual de Gayangos e Don Henrique de Vedia, sustentando que os romances populares do seculo XIV e XV antes de andarem em *pliegos sueltos*, primeiro se vulgarisaram por *copias manuscriptas*, como as palavras do editor da *Silva de varios Romances* de 1550 dão a entender claramente. E' de crêr que não exista, ou nunca se imprimisse *folha volante* do romance de *Flora*, e que a copia manuscripta seja o indicio da sua primitiva lição jogralesca, d'onde o povo iria tirando as partes mais bellas e dramaticas, isto é, *abreviando-o*, como diria Walter Scott.

(1) *Cancioneiro geral*, fol. 221.
(2) *Ib.*, fol. 217.

Rymance

Tyempo bueno, tyempo bueno,
quyen te llevo de my!
Qu'en acordar-me de ti
todo plazer m'es ajeno.
Fué tyempo y oras ufanas,
en que mys dias gozaron.
Mas en ellas se sembraron
la symyente de mys canas.
Quyen no llora lo passado,
vyendo qual vá lo presente?
Quyen busca más acydente
de lo qu'el tiempo l'a dado?
Yo me vy ser byen amado,
my deseo en alta cyma.
Contemplar en tal estado
la memoria me lastyma.
Y pues todo m'es ausente,
no ssé qual estremo escoja,
Byen y mal, todo m'anoja:
mesquyno, de quyen lo syente!

Este romance parece uma imitação dos dois celebres romances conservados no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, *Fonte frida*, *Fonte frida*, e *Rosa fresca*, *Rosa fresca*, muitas e muitas vezes glosados pelos poetas palacianos. O romance de *Tyempo bueno* é um trecho conservado por causa da glosa.

O romance popular era antigo e invariavel nos seus moldes; muitas das suas estrophes tinham-se convertido em proverbio, como se vêem no *Don Quixote;* não se prestando a perpetuar as anedoctas palacianas, a glosa veiu mobilisal-o. O romance popular, simples de condição, franco, rude, tocava a verdade na sua espontaneidade mais divina; era narrativo, não sabia abstraír, dramatisava, accumulava as situações. Era preciso um genio superior para comprehender a sua ingenuidade profunda. Lope de Vega foi um dos primeiros que lhe deu importancia; começou por mostrar que o metro octosyllabo servia para exprimir os mais altos pensamentos e poz em fórma de romance os passos da Paixão. Rengifo, na *Poetica española*, reconhece a superioridade do romance. (1)

(1) «No ay cosa mas facil que hazer un Romance, ni cosa mas difficultosa, si hade ser qual conviene. O que causa la

Gil Vicente foi o unico escriptor portuguez do seculo XVI conhecedor da vida do povo, das suas superstições e dos seus cantos. Na *Comedia de Rubena*, representada em 1521, cita um grande numero de romances populares a que allude, como a cousa que por sabida não repete. E' certo que o nosso povo, apesar do despreso dos cultistas, continuou a apreciar o romance, e d'outra sorte se não explica a reimpressão do *Cancionero de Anvers* em Portugal por Manoel de Lyra em 1551; a apparição do pequeno in-12, intitulado *Ramilhete de flores: cuarta, quinta e sexta partes de Romances nuevos hasta agora não impressos*, que Pedro de Flores, collector do *Romancero generale*, imprimiu em Lisboa em casa de Antonio Alvares em 1593; bem como o *Romancero del Cid* de Juan de Escobar, em Lisboa em 1605, 1613 e em 1615, e a *Primavera y Flor de los mejores Romances* tambem em Lisboa, nos prelos de Matheus Pinheiro, em 1626.

O romance de *Dom Duardos*, composto por Gil Vicente, foi colligido no *Cancionero de Romances* como anonymo, e assim a historia dos amores de Bernardim Ribeiro. Na *Menina e Moça* encontra-se o soláo da *Ama* e o romance de *Avalor*, mas com a difficil alliança do artificio trobadoresco com a naturalidade da alma popular. Nas novellas cavalheirescas usava-se intercalar varias composições poeticas; no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda* de Jorge Ferreira, lêem-se muitos romances do cyclo troyano, do cyclo de Arthur, da historia de Roma, como então os fazia Gabriel Lasso de la Vega e Juan de la Cueva; mas é para notar que alguns dos romances de Jorge Ferreira se parecem muito com os romances da tradição, conservados no *Cancionero de Anvers*, taes como os que tratam da morte de Policena. Quando a eschola italiana se introduziu em Portugal procurou tambem banir das composições poeticas o octosyllabo da redondilha.

O metro espontaneo das linguas hespanhola e portugueza é a redondilha octosyllabica; o verso da redondilha sáe falado, natural, sem se pensar. No *Discurso sobre la Lengua castellana* de Argôte y de Molina, vem: «Leemos algunas coplil-

facilidad es la composicion del metro, que toda es de una redondilla multiplicada. La difficuldad está en que la materia sea tal, y se trate por tales términos, que levante, mueva y suspenda los animos. Y se esto falta, como la assonancia de suyo no lleva el oydo tras si, no sé que bondad puede tener el Romance. Descrévense en los romances hechos hazañosos, casos tristes e lastimeros, acontecimentos raros, nuevos, singulares.» Edição de 1592, pag. 38, cap. XXXIII.

las italianas antiguas en este verso, pero el es proprio y natural de España, en cuya lengua se halla más antiguo que en alguna otra de las vulgares, y asi en ella solamente tiene toda la gracia, lindez y agudez que es más propria del ingenio Español, que de outro alguno. — En el qual género de verso al principio se celebravan en Castilla las hazañas y proesas antiguas de los Reyes, y los transes y sucesos asi de paz, como de la guerra, y los hechos notables de los Condes, Cavalleros, y Infançones, como son testimonio los *Romances antiguos castellanos*, asi como el del Rey Ramiro, cuyo principio es: *Ya se assienta el Rey Ramiro.*» (1)

Muitas vezes a historia era fundada sobre os romances da tradição oral; Estevan de Garibay y Zamalloa traz na sua Historia varios romances vasconços. D'elles, diz Argote: «en los quales romances hasta oy dia se perpetua la memoria de los pasados, y son una buena parte de las antigas historias castellanas de quien el Rey Don Alonso se aprovechó en su historia, y en ella se conserva la antiguidad, y propriedad de nuestra lengua.» (2) Só a contar do seculo XVI é que os romances populares começaram a tomar uma natureza artistica; até aí as chronicas procuravam o subsidio da tradição oral; d'aí por diante os poetas iam tirar d'ellas os motivos e factos para os seus romances. Sepulveda poz em verso os principaes factos da *Cronica general*, de Affonso o Sabio.

O que se dava em Hespanha acontecia egualmente em Portugal; Gil Vicente cantava em romances a morte de Dom Manoel, a acclamação de D. João III, o casamento e partida da Infanta Dona Beatriz, o nascimento de Dom Filippe. Era a moda do tempo, como confessa o proprio Sepulveda no prologo da sua collecção: «va puesto en estylo que vuestra merced lea. Digo en metro castellano y en tono de *Romances viejos, que és lo que agora se usa.*» (3) Por este tempo entraram na tradição do povo muitos romances de formação litteraria; o romance de *Don Duardos*, de Gil Vicente, foi recolhido nos Romanceiros hespanhoes; o Cavalheiro de Oliveira o colligiu outra vez da versão oral, e nos veiu da Ilha de Sam Jorge, da freguezia dos Rosaes, outra variante não menos veneranda, se não mais pura. Estes romances eram intencionalmente compostos para serem cantados, em logar dos *velhos* e quasi perdidos da Tavola Redonda e do Cyclo

(1) *Conde de Lucanor*, edição de 1642, fol. 127.
(2) *Ibid*, fol. 128.
(3) Sepulveda, *Romances nuevamente sacados de Historias antiguas*. Anvers, 1551, fol. 2 verso.

carolino. Dil-o Sepulveda, no prologo da sua collecção: que a fizera «para aprovecharse los que cantarlos quisieren, en logar de otros muchos que yo he visto impressos y de muy poco fructo.» (1) Estes romances a que allude Sepulveda com despreso, são hoje a parte mais bella e sublime dos Romanceiros da Peninsula. Portanto, pode dizer se, que a transformação erudita do romance popular foi devida á falta de compresão dos cultistas litterarios. O mesmo tinha já succedido no seculo XV, quando o Marquez de Santillana, enlevado com os artificios da poetica provençal, considerava como *infimos* e *despresiveis* os que cultivavam a fórma do romance. No seculo XVI, a imitação do classicismo e dos metros italianos fez novamente despresar o metro octonario pelo endecasyllabo heroico. Os que sustentam o combate pelo metro popular, como Lope de Vega, Argote de Molina e Sepulveda, entregam-se ao romance como á forma mais do gosto do publico não accostumado ás canções petrarchistas.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda* intercalou muitos romances cultos sobre as tradições do Cyclo greco romano; alguns d'esses romances da historia de Trôya são tão parecidos com os do *Cancionero de Romances* de Anvers, que levam á supposição de serem as suas versões em parte aproveitadas da tradição oral, como foram essas colligidas por Esteban de Najera. O romance ao casto Scipião sobre a morte de Sophoninha tambem foi romanceado por Juan de la Cueva no *Coro Febeo;* a lição de Jorge Ferreira é mais laconica, com a simplicidade tradicional e o mesmo se pode dizer do seu romance á *Batalha de Pharsalia*, comparado com os de Lobo Lasso de la Vega, no *Romancero y Tragedias.*

O relêvo musical que recebiam as Canções nos costumes da côrte, dando logar a uma renovação de velho lyrismo, desenvolvendo como Motes versos de Letrilhas, Vilancetes e Esparsas esquecidas, veiu tambem acordar a sympathia palaciana pelos *Romances velhos,* já abandonados pelos sectarios da Eschola italiana. N'este tempo os romances serviam de letra para fogosas melodias; eram postos em musica e publicados por Milan, Pisador, Valderrabano, Fuenllana, Mudarra e Salinas. A D. João III, em 1535, offreceu um *Livro de Musica*, em que vinham notados musicalmente os romances: *Mis arreos son las armas*, *Suspirastes*, e *Baldovinos.*

E d'este prurido de gosto castelhano escrevia Jorge Ferreira, no *Memorial:* «Cantavam a violas de arco e doçayna

(1) Idem, ibid., fol. 3.

mui concertadamente o *romance*, que eram os cantos que então mais se usavam.» (p. 215. Ed. 1867.)

As trovas castelhanas tinham-se apossado do nosso ouvido; e ainda no seculo XVII, no seu *Fidalgo aprendiz*, põe D. Francisco Manuel a namorada Brites exigindo do galanteador D. Gil Cogominho em vez de romances velhos, romances trovados, *letra castelhana*.

Além das duas correntes que atacavam a fórma do romance, o gosto erudito da Eschola italiana e os anáthemas da Censura religiosa dos Indices Expurgatorios, o Romance culto recebeu uma nova degenerescencia nas fórmas affectadas dos Romances *mouriscos* ou granadinos postos em voga por Gines Perez de Hita, e os romances *picarescos* as xacarandinas tratados por Quevedo.

Dom Francisco Manuel de Mello, além de ter escripto varios romances mouriscos, cita os mais celebres, como o de *Dragut:*

Se ha dez annos que amarrado
Qual forçado de Dragut.

(*Obras*, II, 245.)

e o romance do Mouro Zaide:

Trago a rojo lá do Minho
Mais prisões que um mouro Zaide.

Dom Francisco Manuel de Mello cultivou com predilecção a fórma do romance tal como se usava no seculo XVII; no primeiro côro das suas *Tres Musas de Melodino*, imita os romances mouriscos, usados pelos cultistas castelhanos. O romance de Aben-Humea começa:

Ya por la puerta de Elvira
Saliendo vá de Granada
Aben-Humea, el quexoso
De su rey y de su dama.

Canta tambem o romance de Celidaja:

Texiendo está Celidaya,
La hermosa hija del Rey,
Zambras de sus bellas Moras
Una tarde en su vergel.

Gongora tambem fez *romances mouriscos*, principalmente do cyclo turquesco, mas de um gosto bello e admiravel; cedo veiu a conhecer o enfado que já causavam os poetas granadinos, e elle proprio os ridicularisou em um romance. Os productos d'este genero, compostos por D. Francisco Manuel de

Mello e por Francisco Rodrigues Lobo, não apresentam o minimo merecimento; são em hespanhol, em um estylo cançado, e sem o esplendor da paixão oriental que os poetas hespanhoes imprimiram ás suas contrafacções. Não vale apresentar especimen de composições taes; apenas servem para mostrar que o contagio litterario tambem chegou até Portugal. Do meado do seculo XVII por diante, os romances *mouriscos* perderam-se em um subjectivismo e requinte que lhes tirou o caracter. Foi então quando os romances se tornaram *pastoris*, sendo os heroes arabes substituidos pelos Belardos, Filis, e pelas aventuras dos rufiões dos bêccos, ou *xaques*. A *Xácara* era o nome dado aos romances que celebravam esses feitos dos meliantes; os nossos *Fados* populares podem-se considerar como contaminados das *xacarandinas* do seculo XVII, a que D. Francisco de Quevedo imprimiu uma forma litteraria. (1)

O que fosse este genero de poesia, procura o commentador na propria palavra *xacara:* «Y si bien á la primera noticia, que de si prometen con el nombre, parece peligra la estimacion.» Da linguagem formada pela gentalha, vadios, rufiões, goliardos e maninellos, que se chama *giria*, e em hespanhol *geringonça* ou linguagem particular dos Ciganos, e *jargon* no francez, e tambem *germania*, se formou esta especie de poesia. Os mesmos vadios se chamam entre si *xaques:* «Pero como quiera que ello fuese, denominacion dieron infalible á las *xacaras* ó *xacarandinas* aquellos *xaques* mismos? y con legitima razon, pues de sus acontecimientos y penalidades continuas son annales las relaciones que alli se repiten: y nuestro Poeta (Quevedo) historiador suyo, ó verdadero, ó singularmente de adequado spiritu.» (2) Á' vista d'esta simples noticia e da leitura de Quevedo, é facil de vêr em que a *xacara* consistia: eram as aventuras dos goliardos, a fórma antiga do *Fado*, uma historia longa das suas falcatruas. Na *xacara* de Escarraman, ha cartas entre Escarraman e Mendez, cartas entre Peralta e Lampuga. D'onde veiu D. Francisco Manoel dizer: «Começaram um dialogo á maneira de *xacara*», isto é, na linguagem *girianta* em que os *xaques* faziam as relações de seus desastres e aventuras divertidas, que era em-

(1) Sobre a existencia das *Xácaras* populares diz o seu annotador: «Muchas xácaras rudas y desabridas le habian precedido entre la torpeça del vulgo: pero las ingeniosas, y de donayrosa propriedad y capricho él fué el primero descobridor sin duda.» *Musa V*, pag. 221, ediç. de Lisboa de 1652.

(2) Edição de Madrid, 1724, pag. 248.

pregada na *xacarandina*. A *xacara*, como quasi toda a poesia popular, era acompanhada de musica.

Do meiado do seculo XVI por diante começaram os romances populares a receber uma fórma artistica, a tornarem se descriptivos e lyricos. Fuentes, Timoneda, Sepulveda, Lasso de la Vega os foram tornando subjectivos. As *xacaras* populares receberam tambem de Quevedo esta mesma influencia artistica, que se resentiu em Portugal, por isso que o *Index Expurgatorio* de 1624 prohibe a leitura do *romance de Escarraman*, e de todos os que sobre elle se fizeram. Dom Francisco Manuel de Mello imitou o gosto das *xacaras* nos seus *romances entretenidos*. A *xacara* á força de exaggerar o natural tornava-se grosseira; o metro seguia uma tendencia artificiosa que lhe tirava a vulgarisação popular; elaborou-se o vasto cyclo dos *Guapos* e *Temerones* substituindo os heroes por bandidos e contrabandistas.

Nos fins do seculo XVII a mania dos romances continuava; os frades escreviam-nos pelos mosteiros sobre assumptos pastoris; outros de longe em longe se lembravam do *Cid* e de *Durandarte*. Assim o diz um poeta coevo, Antonio Peixoto de Magalhães:

> Algum, sem que descanse,
> Faz ás barbas do *Cid* logo um romance,
> Outro, grave e quieto
> Compõe a *Durandarte* algum soneto.

Em Hespanha o romance tinha perdido o caracter *narrativo*, absolutamente popular, tornando-se *descriptivo* ou litterario, até se fundir em um subjectivismo que o desnaturava. Em Portugal o povo continuou na sua obscuridade, como d'antes, mas o romance seguiu exactamente as mesmas transformações que em Hespanha. Por este tempo Francisco Lopes, livreiro de Lisboa, romanceava, á imitação do *Santo Isidro* de Lope de Vega, a vida do popular *Santo Antonio* e dos cinco *Martyres de Marrocos;* servia a causa da liberdade na Revolução de 1640 com as suas *folhas volantes* em verso, popularisando as victorias contra as armas de Castella,

Na evolução do Romance com fórma litteraria, elle tendia a transformar-se de *narrativo* em *dramatico*.

No meado do seculo XVI, o pobre cego Balthazar Dias deu a fórma dramatica ao romance do *Marquez de Mantua*. Tivera a intuição da revolução poetica que ia operar-se derivando dos themas heroicos, que se apagavam nas recitações, pela vida da scena, as *Comedias famosas* do innumeravel reportorio do Theatro hespanhol. Os poetas portuguezes foram cooperar na composição das *Comedias famosas* em Castella

com que enriqueceram a litteratura dramatica de *nuestros hermanos*, na epoca do dominio da Casa de Austria.

D'entre esses escriptores destacou-se João de Mattos Fragoso, do qual ainda hoje se representa por todas as provincias hespanholas a Comedia famosa dos *Sete Infantes de Lara*. Escreve Menendez Pidal, no seu valioso estudo sobre esta tradição: «As relações da nossa lenda que mais circulam pelas provincias de Burgos e Soria, são cabalmente as que estão mais afastadas da versão primitiva das Chronicas e Romances, as que não appresentam vestigio algum da inspiração popular. Alli, aonde a tradição devia manifestar-se mais original e pura, em Lara, em Covarrubias, em Salas e em Barbadillo, é aonde estão divulgadas as obras de Mattos Fragoso e de Fernandez y Gonzales; ....Nos theatros populares, a comedia de Mattos Fragoso é a unica conhecida. No Ayuntamento de Salas se representava ainda ha sete annos, agora, com mais irregularidade, e é preferida pelos habitantes a todas as outras peças do reportorio alli em uso, fazendo sempre encher-se as bancadas da casa consistorial. Tambem se punha em scena em Lara, porém ha uns quarenta annos que isto não acontece; já se representou em varias povoações da provincia de Soria; que eu averbo tambem em Valdegeña, Agreda e Naviercas. e em alguma outra da Montanha.» (1) Tambem nas Comedias famosas sobre D. Inez de Castro se intercallam trechos de romances que revelam a sua origem popular, como estabelecendo a transição entre estas duas fórmas poeticas.

A poesia popular á medida que ia decaindo no gosto dos cultistas, emancipava-se de novo, pela falta de espontaneidade dos que a queriam imitar. Podemos dizer que a poesia popular portugueza ficou absolutamente desconhecida até á incompleta, mas brilhante tentativa de Garrett; em Hespanha os vendedores das *folhas volantes*, romanceando os successos do tempo, continuavam obscuramente o trabalho dos Najeras, dos Nucios, dos Flores, dos Tortejadas; entre nós o povo parecia mudo, sem canto. Que symptoma mais franco de decadencia! Quando os nossos poetas quizeram imitar o que na Allemanha faziam Uhland e Bürger, trovando os seus poemas sobre as tradições nacionaes, mostravam-se a nú, mediocres e sem alma. É' vêr essa infinidade de *solaos*, xacaras de accalentar netos, balladas e outros prenuncios do Ultra-romantismo em Portugal, que se cansou de andar a tombos com uma Edade média de cartão. Para que enumerar aqui nomes de falsos sacerdotes da arte? A poesia do povo precisa de uma extraordinaria boa-fé para ser entendida.

(1) *Leyenda de los Infantes de Lara*, p. 176. Madrid. 1896.

INDICE

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

V

ROMANCES COM FÓRMA LITTERARIA DO SECULO XV AO XVIII

§ I — Romances, Trovas e Canções narrativas

	Pag.
Alvaro de Brito — Trovas á morte do Principe D. Affonso, filho de D. João II	1
Garcia de Resende — Trovas á maneira de Romance, feitas á morte de Dona Inez de Castro.	3
—— Exclamação *(Anonymo)*	8
Gil Vicente — Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz para Saboya	11
—— Romance burlesco parodiando o celebre Romance: *Yo me estava allá en Coimbra*	12
—— Cantiga dos Romeiros em folia, no Auto do Templo de Apollo	13
—— Romance ao nascimento do Infante D. Felipe	14
—— Romance á morte do Rei Dom Manuel	15
—— Romance á acclamação de D. João III	18
—— Cantiga de Natal, no Auto Pastoril	20
—— Vilancete de Abel	21
—— Barca da Gloria	22
—— Os Cativos do Peccado	22
—— Fragmento da Parodia de Romance: *A Bella mal maridada*	23

Pag.

Gil Vicente — Cançoneta dialogada 23
—— Cantiga de Chacota de pastores 24
—— Outra *(em castelhano)* 25
—— Outra *(idem)* 25
Bernardim Ribeiro — Cantar á maneira de Soláo 26
—— Romance de Avalor 27
—— Romance de Cuidado e Desejo 29
Christovam Falcão — Cantiga com Voltas .. 34
Sá de Miranda — Cantiga de Passacalles 35
Jorge de Monte-Mór — Canções subjectivas 36
—— Cançoneta 37
Jorge Ferreira de Vasconcellos — Romance da batalha que teve El Rey Arthur com Mordhereth 37
—— Romance ao modo hespanhol sobre a Guerra de de Troya 39
—— Romance da morte de Achilles e desgraça de Policena 41
—— Romance da morte de Policena 43
—— Romance da História de Roma 45
—— Romance da vespera da Batalha de Pharsalia 47
—— Romance cantado a tres vozes á morte do Principe D. Affonso, filho de D. João II 50
—— Romance á morte do Principe D. João, filho de João III 54
D. Manuel de Portugal — Romance do Trespasso 55
Luiz de Camões — Cantiga com volta: Descalsa vae para a fonte 56
Pedro de Andrade Caminha — Cantiga a Leonor na fonte 57
—— Romance subjectivo 58
Francisco Rodrigues Lobo — Cantigas de Leonor na fonte 59
—— Cantiga da Violante 60
—— Romance do Desenganado 61
D. Francisco de Portugal — Romance pastoril de Leonor 63
Balthazar Dias — Historia da Imperatriz Porcina 65
Dr. Gaspar Fructuoso — Romance ao tremor de Villa Franca do Campo em 1522 110

Pag.

Anonymo — Satira da Perda da Nacionalidade portugueza 120
—— Mote: Dona Velha relha..... 129
—— Aos Governadores do Reino..... 130
—— Aos Governadores de Portugal 131
—— Folia dos Portuguezes 133
—— Ao Duque de Villa Hermosa, Presidente..... 135
—— Ao Motta..... 136
—— D. João de Bragança..... 136
—— Contra o Conselho da Regencia: Ao Arcebispo D. Miguel de Castro 137
—— Ao Conde de Portalegre 138
—— Ao Conde de Santa Cruz 140
—— Ao Conde de Sabugal 140
—— A Miguel de Moura..... 143
D. Thomaz de Norouha — Romance a um Cavalleiro de Ceuta ridiculo..... 145
D. Francisco Manuel de Mello — Romance picaresco: Debuxo de penna 146
M. Quintana de Vasconcellos — Romance ao som de harpa..... 149
Antonio Serrão de Castro — Romance da briga de um cego com um corcovado 150
Anonymo — Romances e Cantigas na Canonisação de S. Francisco Xavier 132
—— Outra ao mesmo 133
—— Cantiga de Abel..... 136
Francisco Lopes — Romance de Santo Antonio e a Princeza..... 137
Frei Rodrigo de Deus — Hymno dos Passos da Paixão 139
Anonymo — Trovas de Dom Duardos..... 170
Thomaz Pinto Brandão — Despedida de um Marujo *(giria alfamista)*..... 172

§ II — Romances anonymos contrafazendo o gosto popular

A Obra da Creação *(Versão do Rio de Janeiro)*..... 177
Romance do Moiro Encantado *(Algarve)*..... 189
A Pastora *(Versão do Algarve)*..... 191
O Paladim Cativo *(Ibidem)*..... 193
A Pastora *(Ibidem)*..... 195
A Ausencia *(Ibidem)*..... 199

Pag.

A Cativa *(Versão do Algarve)* ... 201
A Serrana *(Ibidem)* ... 204
Os Calvos *(Ibidem)* ... 206
Estoria do Boi Bragado *(Versão da Madeira)* ... 207
O Mestre de Solfa *(Madeira)* ... 214
Mariquinhas *(Madeira)* ... 218
Don Beltrão, ou o Cavalleiro com odio e sem amor ... 221
Nota elucidativa ... 224
O Cruzador Cath'rineta — Parodia politica ... 225
A Fróta do Syndicato (Parodia da Náo Catherineta) ... 227
A Náo da Governança (Parodia da Náo Catherineta) ... 229

§ III — Romances da Historia de Portugal (tirados das Collecções hespanholas)

1. Romance de como se ganó Coymbra (*Sepulveda*) .. 233
Romance del Conde Alfonso Enriquez *(Anonymo)* . 236
2. Romance de Don Egas Moniz *(Juan de la Cueva)* .. 237
3. Romance del rey don Alfonso quando libertó del tributo al reino de Portugal *(Sepulveda)* ... 243
4. Romance de D. Pedro I de Portugal y Doña Inez de Castro — I. (De *Gabriel Lobo Laso de la Vega)* .. 246
5. Don Pedro y Doña Inez de Castro — II *(do mesmo)*. 248
6. Don Pedro y Doña Inez de Castro — III *(Anonymo)* 249
7. Doña Inez de Castro, Cuello de Garza de Portugal — IV *(Anonymo)* ... 251
8. Romance de Dona Isabel *(Anonymo)* ... 258
9. Romance de Dona Isabel de Liar *(Anonymo)* ... 260
10. Al mismo asumto *(Anonymo)* ... 264
11. Romances del Duque de Guimarans — I *(Anonymo)* 266
12. La Duqueza de Braganza se quejó al Rey por la muerte que hizo dar a su esposo — II *(Anonymo)*. 269
13. Romance del Duque de Bragança D. Jayme *(Anonymo)* 270
14. A la muerte del Principe de Portugal *(Fr. Ambrosio de Montesinos)* ... 273
15. Romance de la muerte del enamorado Don Bernaldino *(Anonymo)* ... 274
16. Romances del Rey D. Sebastian — I *(Anonymo)* ... 277
17. El Rey Don Sebastian — II *(Anonymo)* ... 278
18. El Rey Don Sebastian — III *(Anonymo)* ... 281
Romance sobre a entrada del Rey Felippe II em Lisboa em 1581, por *André Falcão de Resende* ... 283
Romance da Armada que foi ás Ilhas Terceiras no anno de 1581, por *André Falcão de Resende* ... 289

NOTAS

AO

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

	Pag.
I — Romances heroicos e Novellescos :	
I. Cyclo Odyssaico ou Atlantico	305 a 361
II. Cyclo Scandinavo-Germanico.....	362 a 385
III. Cyclo Carlingio *(Materia de França)*...	386 a 406
IV. Cyclo Arthuriano *(Materia de Bretanha)*	406 a 450
II — Romances de Aventuras.....	451 a 568
§ *I. Da Mulher perseguida*.....	453 a 498
§ *II. Da Esposa infiel*	498 a 523
§ *III. De Peregrinos e Cativos*.....	524 a 550
§ *IV. Cyclo de Xácaras e Coplas de Burlas*..	551 a 568
III — Romances Historicos e Lendarios	569 a 583
IV — Romances Sacros e Devotos.....	583 a 604
V — Romances com fórma litteraria do seculo XV a XVIII	605 a 618

INDICE

ROMANCEIROS PROVINCIAES PORTUGUEZES

I — Romanceiro tradicional do Minho e Douro

Dona Clara, — I, 36; 40.
Dom Barão, 102.
D. Carlos e D. Leonor, 105.
Dom Aleixo, 158.
A Encantada, 234.
O Caçador e a Donzella, 235.
Princeza peregrina, 277.
D. Carlos de Montealbar, 364.
A Romeira, 409.
Moreninha, 411.
A tecedeira, 414.
Conde Alberto, 496.
Silvana, 503.
Olindinha, 461.
Dom Beço, 562.
Casamento e mortalha, 627.
Conde de Alemanha, II, 8.
Dom Francisco, 40; 42.
A Moreninha, 81.
Vida alegre, 171.
O Cego, 173; 174.
Rosa, 193.
Dona Ausenda, 222.
Gallinha Pinta, 291.
Dona Inez de Castro, 340.
Oh noite má, 347.
Noite de Natal, 380; 387.
O presepio, 391.
Adoração dos Pastores, 393.
Infancia de Jesus, 394.
Nascimento do Senhor, 397.
Jesus peregrino, 398.
Offertas ao Menino, 398; 399.
Os Santos Reis, 410; 413, 417, 418.
Oração das Endoenças, 425.
A Ressurreição, 434.
O testemunho da porta, 471.
A filha do Rei de Roma, 481.
A Confissão da Virgem, 491.
Virgem da Conceição, 498.
Romagem de San Thiago, 501.
Dia de Juizo, 502.
A Senhora da Conceição, 505.
Santa Iria, 509, 511.
Jesus Mendigo, 566.

II — Romanceiro tradicional de Traz-os-Montes

Nausica, — I, 67; 69.
Dona Ausenia, 90.
Tristes novas, 94.
Gerinaldo, 183; 185.
Dom Beltrão, 207.
Valdevinos, 216.
Dom Gayfeiros, 211.
Melisendra, 214.
Cruel Vento, 221.
Dom Pedro, 242.
Dom Carlos, 314.
O que diz o rouxinol, 316.
Lisarda, 371.
Albaninha, 394.
A Romeira, 409.
A Tecedeira, 416.
A Filha do Imperador de Roma, 424.
Faustina, 451.
Dona Anna, 590; 592.
Conde de Alemanha, — II, 6.
Frei João, 83.
O Soldadinho, 112.
Entrada de Maio, 114; 116.
Conde prezo, 119.
A Romeira, 126.
Morenita, 281.
O laranjal, 282.
Lo Moro, 327; 329.
La Cantiga del Mirandun, 356.
Noite de Natal, 390.
A Marinheira, — III, 317.
O Marinheiro, 317.
A Serrana e o Pastor, 331.
A Serrana, 332.
A Dama e o Cavalleiro, 333.
Um cavalleiro, 338.
A bella Infanta, 339.
O Conde Torres, 351.
Dom Fernando, 353.
Conde Flores, 354; 357.
O Cavalleiro, 565.
Dom Martuchinho, 373.
Valdevinos, 395.
O Gaifeiro, 397.
O Caçador, 413.
O Cavalleiro, 424.
Albaninha, 428; 429.
Dona Angelina, 436.
A Romeira, 438.
O Rei e a Donzella, 441.
A Romeirinha, 441.
A Donzella, 444.
Delgadinha, 461.
Dona Thomazia, 462.
D. Estephania, 463.
Conde de Alemanha, 467; 469.
D. Anna, 481.
Dom João, 490; 491.
Dom Pedro e Dona Leonarda, 495.
O Capitão, 522.
O Conde, 525.
O Moirito, 533.
O Mouro, 535.
Dom Garcia, 542.
O Mouro, 548; 549.
O Prezo, 550.
Dona Alvorea, 596.
O vestido novo, 564.
Oh triste velha, 565.
O moleiro, 565.
A mal casada, 566.
Retira-te, oh ama, 566.
A Villaninha, 567.
Rosa branca, 568.
A Lavadeira, 568.
Dom Oucidres, 570.
Baptismo de Jesus, 587.
O Seginebra, 590.
Candea dourada, 593.
Iredia, 595.
Historia de Santa Helena, 596.
O Lavrador, 604.

III — Romanceiro tradicional da Beira (Alta e Baixa)

Dona Infanta, — I, 42.
Dom Martinho, 98.
Dom Aleixo, 155.
Reginaldo, 177.
Infantina, 230.
Promessa de noivado, 280.
Dona Lisarda, 368.
O hortelão das flores, 426.
O Duque da Lombardia, 428.
Sylvaninha, 247.
Conde Alves, 500.
Dom Pedro, 563.
O Alferes matador, 594.
Conde de Alemanha, — II, 4.
Morena, 78.
Mulher falsa, 87.
Dom Garfos, 120.
O Cego fingido, 176.
Linda Pastorinha, 196.
O Toureiro namorado, 228.
O Comboio, 229.
A Freira arrependida, 230,
Maravilhas do meu velho, 261.
Romances de Cegos, 296.
O velho Maioral, 304.
Despedida de Lisboa, 356.
Infancia de Jesus, 395.
Jesus Peregrino, 398.

IV — Romanceiro tradicional da Extremadura e Ribatejo

Náo Catherineta, — I, 1.
Bella Infanta, 33.
O Caçador, 238.
A Enfeitiçada, 240.
Claralinda, 306.
D. Carlos de Além-mar, 356.
Sylvaninha, 447.
Conde Yano, 488.
Helena, 556.
A mulher forçada, 596.
O Rei Traquilha, 597.
O Cordão de Ouro, — II, 110.
Brancaflor, 128.
O Cativo, 147.
Linda-a-Pastora, 191.
A Doente, 224.
Sim e Não, 283.
Os Frades, 284.
O passaro, 285.
Tonadilhas dos Padres ao Condestavel, 342.
Endechas ao Condestavel, 343.
Trovas do Ramalhão, 377.
Confissão da Virgem, 493.
Santa Iria, 507.
Santo Antonio, 547.

V — Romanceiro tradicional do Alemtejo

A Náo Catherineta, — I, 4.
Dona Leonarda, 48.
Dona Isabel, 50.
Dona Maria, 108.
Carlos Magno, 228.
Conde Lindes, 267.
Dona Felisarda, 376.
Dona Silvana, 455.
A Infanta castigada, 509.
Dona Sylvana, 513.
Guimar, 606.
Dom João, 610.
Dona Angela de Medina, 613.
— Conde de Alemanha, II, 10.
Bernal Francez, 36; 45.
Frei João, 88.
O Cego de amor, 179.
A Pastorinha, 200.
Os dois irmãos, 210.
O Velho gaiteiro, 260.

A Viuva casadoira, 262.
Gallinha pintada, 293.
O senhor D. Gato, 295.
O gato da velha, 295.
Disparates, 300.
Rainha Santa Isabel, 334.
Noite de Natal, 388.
Infancia de Jesus, 396.
Oração das Endoenças, 427.
As doze Petições, 430.
Martyrios do Senhor, 433.
As tres Marias, 435.
A Eucharistia, 436.
A Pastorinha, 472.
Nossa Senhora do Prado, 484.
Confissão da Virgem, 494.
Senhora da Conceição, 495; 500.
Santa Thereza, 549; 550.
O Pobresinho, 569.
O Padre Nosso, 575.

VI — Romanceiro tradicional do Algarve

A Náo Catherineta, — I, 4; 8.
Bella Infanta, 552; 55.
Dona Isabel, 50.
Dona Silvana, 57; 59.
D. Maria, 71.
Noiva arraiana, 75.
Dom Martinho, 111.
D. Maria, 115.
D. Aleixo, 162; 165; 168.
As tres irmãs, 166.
Dom Geraldo, 189.
Generaldo, 191.
A Encantada, 244.
Almendo, 247.
Dom Nino, 268.
Dom Diniz, 270.
A Enganada, 281.
Dom Manuel, 283.
A Peregrina, 286.
Dona Galançúa, 378; 390.
Lisarda, 384.
Dona Aldonça, 387.
Conde de Montealbar, 417.
Sylvaninha, 459, 463.
Dona Sylvana, 515;
Dona Iria, 520.
A Condessa, 524.
Dom Bruno, 566; 513; 575.
Dona Branca, 598.
A Donzella e o punhal, 615.
Conde de Alemanha, — II, 14.
Bernal Francez, 48; 50; 53.
Frei João, 90.
A Morena, 92.
A Cativa, 131.
As duas irmãs, 134.
O Cativo, 152.
O Christiano, 156.
O Cego pedinte, 180.
Linda pastorinha, 208.
Pranto da Viuva, 265.
O Canario, 285.
Amphiguri, 297; 301.
Dom Julião, 306.
Dom Rodrigo, 311.
O Cavalleiro da Silva, 517.
Dom Joaquim, 358.
Os sete Sacramentos, 379.
Caminho de Belem, 362.
Infancia de Jesus, 394.
A Senhora das Angustias, 458.
A Fonte das Almas, 460.
A Senhora da Piedade, 462.
Nossa Senhora dos Martyres, 465.
A Devota da ermida, 474.
Santa Cecilia, 475.
A Senhora da Orada, 477.
Bom Jesus de Padrão, 479.
A Confissão, 491.
Nossa Senhora da Conceição, 499.
Santa Iria, 513; 517; 519.

VII — Romanceiro tradicional do Archipelago da Madeira

A Náo Catherineta, — I, 10; 12; 14.
Bella Infanta, 62.
Dom Martinho, 120.
Donzella que vae á guerra, 127
Hoje s'apregôam guerras, 130.
Bravo Franco, 148.
Gallo-Frango, 150.
Gerinardo, 194; 196; 199.
Filha do Rei de França, 250.
Dona Anna, 287.
Cavalleiro não namores, 290.
Dona Inez, 293.
Conde de Montealbar, 309; 321; 324; 329.
Conde Claros (Alarcos), 334; 338.
Dona Ausenda, 392; 397.
Dona Ouliva, 420.
Dona Eurives, 422.
O Ceifão, 431,
Amores de Lizarda, 432.
No jardim do seu recreio, 436.
Aldina, 469; 471; 473.
Conde Elarde, 527; 534.
Pomba sem fel, 619.
Dom Henrique d'Alençastre, 522.
Conde Germano (de Alemanha), — II, 16; 19; 21; 24.
Bernal Francez, 55; 58.
Frei João (Morena), 94; 97; 100; 103; 104; 105.
O Frade caçador, 105.
A Cativa rainha, 136.
O Cativo, 159; 162.
O Cego, 183; 184.
Pastora linda, 209; 215.
A vida da Freira, 233; 235.
Real Caçador, 249.
A mulher do Almocreve, 250.
Mulatinha, 270.
A Villôa, 275.
Missa do Gallo, 277.
Chama Rita, 279.
Amor de Soldado, 280.
Rainha Santa, 336.
Triste noivo, 348; 349.
Náo que vae á guerra, 360.
Principio do Mundo, 379.
O Natal, 400; 401; 402.
Os Pastores, 403.
Oração de S. José, 405.
Endoenças, 438; 438.
As Almas santas, 440.
Nossa Senhora da Luz, 441.
Sam Pedro, 441; 442.
Pregação de Sam João, 443; 445.
Nossa Senhora Cuidosa, 446.
Nossa Senhora do Monte, 486.
Senhora do Monte, 488.
Alma peccadora, 503.
Santa Iria, 523; 525.
Santo Antonio, 535; 538.
Santa Thereza, 552.
Oração de San Bartholomeu, 557;
Oração de San Thomé, 559.
Santa Clara, 564.

VIII — Romanceiro tradicional do Archipelago dos Açôres

A Náo Catherineta, — I, 18; 20; 22; 25; 27.
Bella Infanta, 64.
Noiva extremenha, 77; 79; 95.
Vestigios de uma Saga, 88.
O caso de Juliana e Jorge, 89.
Donzella que vae á guerra, 131.
Dom Varão, 136.
Donzella guerreira, 140.
Dom Franco, 152.

Dona Inez, 153.
O caso de Dona Inez, 154.
Dom Aleixo, 171; 173.
Gerinaldo, 301; 204.
Joãosinho o Banido, 221.
Flores e Ventos, 223.
Dona Branca, 225.
Filha do Rei de França, 254.
O Caçador e a Donzella, 236.
Donzella encantada, 259; 260.
Donzella que se fina de amor, 297.
Rosal florido, 300; 302.
A Condessa, 341.
Dom Pedro Menino, 345.
Dom Pedro Pequenino, 348.
Claralinda, 399; 412.
O Cativo de Argel, 166; 169.
O Cego, 185.
Rosa pastorinha, 213; 215.
Vida da Freira, 237.
Vida do Frade, 240.
Confissão da Beata, 242.
Alvoradas, 248.
O tio Jorge Coutinho, 252.
Bandeira de guerra, 287.
Campesinas, 288.
Fragmentos de Romances, 290;
O Gato Bella-saude, 294.
Má nova, 351; 352; 354.
Dom João da Armada, 362; 365. 367; 370
Terremoto de Villa Franca do Campo, 373.
Noite de Natal, 406; 407; 408.
Fugida para Belem, 409, 410.
Os Reis Magos, 423, 424.
Presentimento da Paixão, 446; 447.
A Paixão, 448.
Pranto da Senhora, 450.
Passos do Senhor, 453.
Oração do Espirito Santo, 456.
Santa Iria, 526.
Conde Claro, 405.
Lisarda, 439.
Dom Duardos e Flérida, 442.
Sylvana, 475; 477; 480.
Conde Yano, 483.
Conde d'Alba; Conde Alado, 539; 543.
Dona Helena, 577; 579.
Florbella, 601.
A pobre Viuva, 603.
Dona Maria, 615.
Conde de Alemanha, — II, 27.
Bernal Françoilo, 62; 65; 68; 72.
Morena, 105; 108.
Santo Antonio e a Princeza, 530.
Alvorada, 541.
Santa Thereza, 554,
Pobre prezo, 555.
S. Bartholomeu, 558.
Santa Barbara, 560; 561.
Santa Catherina, 563.
Santa Apollonia. 565.
Contra os Côbros, 566.
Jesus Peregrino, 570.
Cruz da Vida, 572.
Oração do Peccador, 573.

IX — Romanceiro tradicional do Brazil e India Portugueza

Noiva extremenha, — I, 86; 87.
Juliana, 91; 92.
D. Maria e D. Arico, 174.
D. Duarte e Donzilha, 305.
D. Carlos de Montealbar, 351; 354.
D. Branca, 407.
Conde Claros, 551.
Flor do Dia, 582.
Bernaldo Francez, II, 74.
Flores Bella, 144.
O Cego, 186; 188.

A Pastorinha, 218.
O Cabelleira, 254.
Mal de amores, 255.
Redondo Sinhá, 260.
A Mulatinha, 272.
Quero bem á mulatinha, 274.
Iria a Fidalga, 527.
Dom Marcos, I, 144.
Sylvaninha, 548.
Conde Alarcos, 550.
A victoria de Salsete, II, 356.

X—Romanceiro tradicional dos Judeus portuguezes do Levante

Arboleda, III, 336.
Delgadilla, 459.
Conde Olinos, 500.
O Cego, 552.
Morena, 119.
Gian Lorenzo y El Rey de Portugal, 579.

FIM

THÉOPHILO BRAGA

Romanceiro geral portuguez

C'est un Espagnol qui regardait **Camoens** comme ayant composé le poème intégral de la Race ibérique. Cet Espagnol, évidemment, ne devait prendre le Portugal que pour un accident dynastique au sein de la plus grande Espagne. Cela peut se contredire, et les Portugais sont assez fondés, historiquement et ethnologiquement parlant, à repousser cette solution castillane d'un problème pendant depuis plusieurs siècles dans la péninsule. A juste titre, leur faiblesse ombrageuse se méfie de tout ce qui peut livrer leur patrie à l'Espagne jalouse. La grande pensée de Camoens, cet amour de la patrie dont il était plein: *nào movido de premio vil, mas alto e quasi eterno* (pur de tout intérêt vil, mais profond et presque éternel), habite le peuple entier de Portugal. Et il y a dans cet amour un grand esprit de sacrifice; car l'idéal chevaleresque propagé par la race des Celtes se trouve à là base. Voilà déjà qui particularise le Portugal, et Camoens demeure, quoi qu'on fasse, le meilleure argument de sa nationalité.

Ouvrez maintenant le **Romanceiro geral portuguez,** dont l'infatigable Théophile Braga vient de publier le second tome; vous y verrez comme chaque étape de la Tradition se rattache à une conception de l'Amour et du rôle social de la Femme; vous verrez comme la civilisation lusitanienne, avec son goût de l'héroïsme et son point d'honneur chevaleresque est le produit de toute une série de composantes successives de cet ordre, à travers lesquelles l'apport gallo-breton témoigne d'une importance insoupçonnée.

Le premier volume du *Romanceiro geral* assemble—nous l'avons dit naguère ici—les chants cycliques du thème de l'*Epouse fidèle* ou rhapsodies atlantiques; les ballades issues du thème de la *Femme forte,* telle que nous la présentent les Sagas scandinaves; les cantilènes de la *Femme persécutée* ou se retrouve l'écho de l'invasion des Huns. Le second volume aborde le thème de l'*Epouse infidèle* où apparaît l'influence des lais bretons et des fabliaux; il se complète d'une gerbe copieuse de ballades légendaires ou sacrées, groupées autour des deux thèmes chrétiens et féodaux de la *Femme assujettie* et de la *Femme sanctifiée.* Le cycle mosarabe et néo-goth y trouve sa place, auprès du cycle évangélique populaire et du cycle portugais semi-littéraire, dont la formation est contemporaine de Camoens luimême.

«Autour de ces groupes thématiques, dit l'éminent folkloriste, les variantes des localités diverses s'accumulent, dans une surprenante richesse d'imagination. C'est un enchantement d'assister à l'élaboration poétique du peuple; tantôt il dissout la partie descriptive en rubriques laconiques, tantôt il donne à ce laconisme la profondeur de l'expression dantesque ou shakespearienne; le dialogue est incisif et original ou bien il s'éploie en forme de litanie, comme il arrive en musique avec la note obstinée.

«Le processus originel de formation apparaît à nu, obje-

ctivant les impressions, dramatisant des situations, changeant le décor à l'aide d'un simple vers, mais tout exubérant de vie et de mouvement. La perfection ou la détérioration des tableaux nous documente sur l'état de la tradition en chaque localité, et son extension met en évidence le fonds etnique, par comparaison avec les chants populaires d'autres regions occupées par la race ligurique ou pré-celtique, comme on voit dans la Haute Italie, dans la Bretagne continentale ou insulaire et dans l'Espagne occidentale.»

De cette tradition nationale incomparablement riche et vivante Gil Vicente et Camoens, pour relier le passé à l'avenir, s'imprégnèrent tour à tour; Garrett plus tard fit de meme, et de la même source de Jouvence jaillirent le drame et l'épopée. Qu'on disséque le drame portugais dans ses œuvres originales et l'on apercevra, dans la façon particulière de poser le problème de la Femme et de l'Amour, tout ce qui le différencie du drame espagnol. C'est sur la passion qu'il repose tout entier et c'est par là qu'il donne l'impression de la Fatalité.

Mais que de ballades du *Romanceiro geral* nous présentent l'admirable raccourci de drames à faire!

Il n'y a qu'à transposer et à développer.

Inversement, quiconque avec amour médite sur la vie portugaise arrive promptement à dégager l'«essentiel tragique» dont la tradition, par une séculaire exégèse, a composé la matière du *Romanceiro.*

PHILÉAS LEBESGUE.

Mercure de France—I-XI-1907.

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª

LIVREIROS — EDITORES

186, RUA AUREA, 188

LISBOA

Dr. Th. Braga

Historia da Poesia popular portugueza — 2 vol. ..... 1$600
Romanceiro Geral portuguez — 3 vol. ..... 2$500

Anthero do Quental

Raios de extincta Luz — Poesias ineditas (1859-1863) publicadas e precedidas d'um largo Escorço biographico por THEOPHILO BRAGA — 1 vol. 500
O Infante D. Henrique — Com um prefacio de ROD. VELLOSO e um bello retrato de Anthero, magnifica edição in-4.º gr... 400

Camoens

Les Lusiades — traducção em verso française, por Garim — 1 vol. ..... 1$500
Os Lusiadas. Edição commemorativa do 4.º centenario do descobrimento da India, com argumentos novos em estancias heroicas. Edição do programma official do centenario, profusamente illustrada com desenhos allegoricos, retratos inedictos de Vasco de Gamma e Luiz de Camões.-- Cada exemplar 6$000 rs., cart. com a propria capa ..... 7$500

Dr. Manuel Bento de Sousa

O Doutor Minerva — (Critica do Ensino em Portugal) 2.ª edição, correcta e augmentada 700
A Parvonia — Nova edição, com uma carta-prefacio — 1 vol. 600
Discurso em homenagem a Antonio Maria Barbosa — 1 vol. in-8.º 200

Fernandes Costa

Memorias de um Ajudante de Campo — 2 vols. — com retratos — encad. ..... 2$000

Silva Pinto

O livro de Cesario Verde, 1873-1887. — Reimpressão textual da 1.ª ediç. feita pelo amigo do poeta Silva Pinto. — Edição quasi esgotada.... 500

Claudia de Campos

Mulheres — Ensaios de psychologia feminina — 1 vol..... 700
A Esphinge — Romance psychologico — 1 vol..... 700

Soror Marianna

Cartas de amor ao Cavalheiro de Chamilly — Traducção e revisão de LUCIANO CORDEIRO — Ill. de MANUEL SAN ROMÃO — 2.ª edição 500

Teixeira de Queiroz

As minhas opiniões (Estudos psychologicos e sociaes) — 1 vol. 600

Sousa Viterbo

A esgrima em Portugal — 1 vol. in-4.º, em papel de linho (Edição de 100 exemplares numerados)..... 1$500

Montufar Barreros

Armas — 1 vol. ..... 1$000
Os papeis de meu pae — 2 vol. 1$200

Corrêa Garção

Obras poeticas — 1 vol. com introducção e notas de Azevedo Castro..... 1$500

—

Historia da litteratura espanhola — 1 vol..... 400

Oliveira Martins

Historia de Portugal — traduzida de Stephens — 1 vol .. 1$200

Visconde de Condeixa

O Mosteiro da Batalha — 1 vol. com magnificas illustrações. 6$000